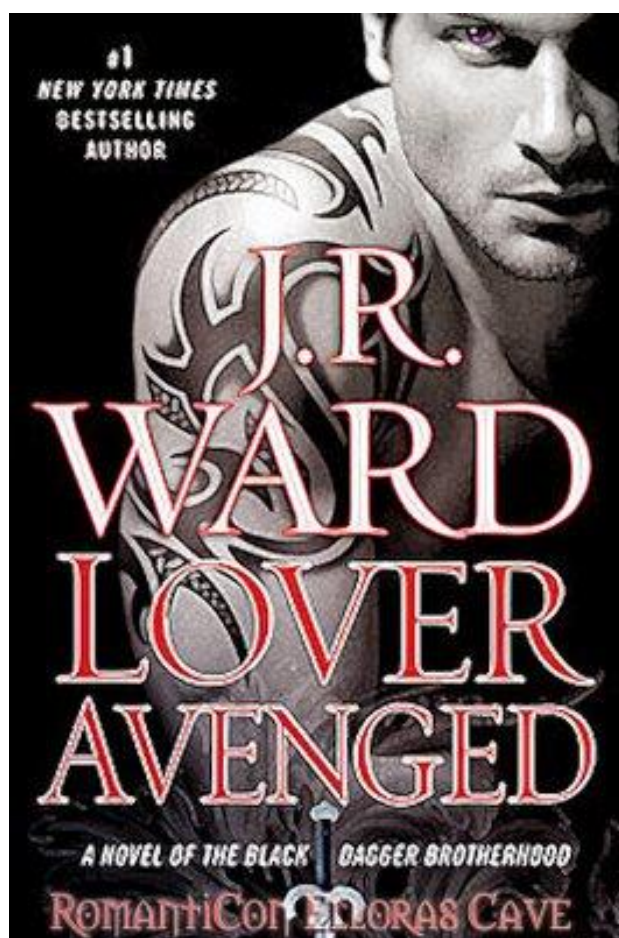

J. R. Ward
Amante Vingado
Série Adaga Negra - Vol. 7

Disponibilização: em Esp: LLL em Inglês: sem créditos
Revisão do Espanhol: Gislene Baptista, Meli, Lu Avanço, Lucilene, Danielle e Camila
Revisão do Inglês: Lady Claire, Pri, Daiane Honori, Táai.
Revisão Final: Táai, Meli, Danielle, Kakau e Camila.

Formatação: Gisa
PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES



Nas sombras da noite em Caldwell, Nova Iorque, desenrola-se uma guerra letal entre os vampiros e seus assassinos. Também existe uma Irmandade secreta que não se compara a nenhuma outra que tenha existido. Agora, enquanto os guerreiros vampiros defendem a sua raça daqueles que querem exterminá-los, a lealdade de um homem para a Irmandade será posta a prova — e sua perigosa natureza será revelada...

Rehvenge sempre manteve distância da Irmandade, mesmo que sua irmã esteja casada com um de seus membros, pois guarda um letal segredo que poderia fazer dele um grande lastro em sua guerra contra os restrictores. E enquanto as conspirações dentro e fora da Irmandade ameaçam revelar a verdade sobre o Rehvenge, ele se aproximará da única luz que ilumina seu mundo de escuridão e que trata de sustentá-lo, Ehlena, uma vampira que nunca conheceu a corrupção e traição... e a única pessoa que pode salvá-lo da destruição eterna.



Glossário de Termos e Nomes Próprios

Ahstrux nohtrum (n.) Guarda privado com licença para matar, que é nomeado para este posto pelo Rei. Pode ser homem ou mulher.

Ahvenge (v.) Ato de retribuição mortal, tipicamente levado a cabo por um ser querido de um macho.

Attendhente (n.) Escolhida que serve a Virgem Escriba de uma maneira particularmente próxima.

Black Dagger Brotherhood – A Irmandade da Adaga Negra (pr n.) Guerreiros vampiros altamente treinados que protegem aos de sua espécie contra a Sociedade *Lesser*. Como consequência da seleção genética de sua raça, os Irmãos possuem uma imensa força física e mental, assim como uma extraordinária capacidade regenerativa: podendo recuperar-se de suas feridas de uma maneira assombrosamente rápida. Normalmente não estão unidos por vínculos de parentesco, e são introduzidos na Irmandade mediante o convite de outros Irmãos. Agressivos, auto-suficientes e reservados por natureza, vivem separados do resto dos civis, mantendo contato com os membros de outra classe apenas quando precisam se alimentar. São temas de lendas e objeto de reverência dentro do mundo dos vampiros. Só podem ser mortos por feridas muito sérias, por exemplo, um disparo ou punhalada no coração, etc.

Blood Slave – Escravo de sangue (n.) Homem ou mulher vampiro que foi subjugado para cobrir as necessidades alimentícias de outro vampiro. O costume de possuir escravos de sangue foi suspenso faz muito tempo, e recentemente foi proibido.

Chrih (n.) Símbolo de norte honorável, na Antiga Língua.

The Chosen – As Escolhidas (pr n.) Mulher vampiro que foi criada para servir a Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, mas enfocam-se mais em assuntos espirituais do que temporais. Sua interação com os homens é praticamente inexistente, porém podem emparelhar-se com Irmãos por ordem da Virgem Escriba para propagar sua espécie. Algumas possuem o dom da clarividência. Antigamente, eram usadas para cobrir as necessidades de sangue dos membros não emparelhados da Irmandade, e essa prática foi reinstalada pelos Irmãos.

Cohntehst (n.) Conflito entre dois machos competindo pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

Dhunhd (pr n.) Inferno.

Doggen (n.) São os serventes do mundo vampírico. Têm antigas tradições conservadoras sobre como servir a seus superiores e obedecem a um solene código de comportamento e vestimenta. Podem caminhar sob a luz do sol, mas envelhecem relativamente rápido. Sua média de vida é de aproximadamente uns quinhentos anos.

Ehros (n.) Uma Escolhida treinada na matéria das artes sexuais.

Exhile dhoble (pr. n.) O gêmeo malvado ou maldito, é o que nasce em segundo lugar.

The Fade – O Fade (pr n.) Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus seres queridos para o resto da eternidade juntos.

First Family – Primeira Família (pr n.) Composta pelo Rei e pela Rainha dos vampiros e sua descendência.

Ghardian (n.) Custodia um indivíduo. Há vários graus de *ghardians*, sendo o mais poderoso o de uma fêmea *sehcluded*, também chamado *whard*.

Glymera (n.) O núcleo social da aristocracia, aproximadamente o equivalente a corte no período da regência na Inglaterra.

Granhmen (n.) Avó.

Hellren (n.) Vampiro macho que se emparelhou com uma fêmea. Os machos podem ter mais de uma fêmea como companheira.

Leahdyre (n.) Uma pessoa de poder e influência.

Leelan (adj. n.) Adjetivo carinhoso que se traduz como o/a mais querido/a.

Lessening Society – Sociedade Lesser (pr. n.) Ordem ou organização de assassinos reunidos pelo Omega com o propósito de erradicar a espécie vampírica.

Lesser (n.) Humanos sem alma, membros da Sociedade *Lesser*, que se dedicam a exterminar aos vampiros. Permanecem eternamente jovens e só podem matá-los cravando um punhal no peito. Não comem, não bebem e são impotentes. À medida que transcorre o tempo, sua pele, pelos e olhos, perde a pigmentação até que fiquem completamente albinos e pálidos, inclusive os olhos empalidecem. Cheiram a talco de bebê. Quando ingressam na Sociedade, introduzidos pelo Omega, extrai-se seu coração e se conserva em um jarro de cerâmica.

Lewlhen (n.) Presente.

Lheage (n.) Um termo respeitoso que os que são submetidos sexualmente referindo-se aos que os dominam.

Lys (n.) Ferramenta de tortura usada para extrair os olhos.

Mahmen (n.) Mãe. Usado para identificá-las e como forma de carinho.

Mhis (n.) O mascaramento de um ambiente físico, é a criação de um campo de ilusão.

Nalla (fêmea) ou **Nullum** (macho) (adj.) Amada/o.

Needing period – Período de necessidade (pr n.) Período de fertilidade das mulheres vampiro. Só dura dois dias e vem acompanhado de um forte desejo sexual. Acontece, aproximadamente, cinco anos depois da transição feminina e, posteriormente a cada dez anos. Durante o período de zelo, todos os machos que estão perto da fêmea respondem, em maior ou menor medida, a chamada da fêmea. Pode ser um

momento perigoso já que pode provocar conflitos e brigas entre machos que compitam, especialmente quando a fêmea não está emparelhada.

Newling (n.) Uma virgem.

The Omega – O Omega (pr n.) Ser místico e malévolo que quer exterminar a raça vampírica pelo ressentimento que tem pela Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui enormes poderes, menos o de criação.

Pheursom ou Pherarsom (adj.) Termo que se refere a potencia sexual dos órgãos sexuais do macho. A tradução literal seria algo como “digno de penetrar a uma mulher”.

Princeps (n.) O cargo mais alto da aristocracia vampírica, superado apenas pelos membros da Primeira Família ou pelas Escolhidas da Virgem Escriba. É um cargo que se tem por nascimento, sem que possa ser concedido posteriormente.

Pyrocant (n.) Termo que se refere à debilidade crítica que qualquer indivíduo pode sofrer. Esta debilidade pode ser interna, como por exemplo, um vício, ou externa, como um amante.

Rahlman (n.) Salvador.

Rythe (n.) Ritual pelo qual se tenta apaziguar a aquele/aquela cuja honra foi ofendida. Se o *Rythe* é aceito, o ofendido escolhe uma arma e golpeará o ofensor com ela, que estará desarmado.

The Scribe Virgen – A Virgem Escriba. (pr n.) Força mística conselheira do Rei, guardiã dos arquivos vampíricos e que concede privilégios. Existe em um reino atemporal e tem enormes poderes. Foi concedido a ela o dom de um único ato de criação que foi o que utilizou para dar vida aos vampiros.

Sehclusion (n.) A pedido da família de uma fêmea, o Rei pode conferir este estado legal. Coloca a fêmea debaixo da autoridade exclusiva de seu *whard*, que geralmente é o macho mais velho da família. Seu *whard* tem o direito de determinar sua forma de vida, restringindo a vontade toda interação que ela tenha com o resto do mundo.

Shellan (n.) Vampiro fêmea que se emparelhou com um macho. As mulheres vampiro não podem se emparelhar com mais de um companheiro devido a natureza dominante e territorial destes.

Symphath (n.) Subespécie do mundo vampírico caracterizada, entre outras peculiaridades, por sua habilidade e desejo de manipular as emoções dos demais (com o propósito de um intercâmbio de energia). Historicamente, tem sido discriminados e durante certas épocas, caçados pelos vampiros. Estão próximo a extinção.

Tahlly (n.) Um termo carinhoso, flexivelmente traduzido como “querida”.

The Tomb – A Tumba (pr n.) Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Utilizada como convocação cerimonial assim como local de armazenamento para os jarros dos *lessers*. As cerimônias realizadas ali incluem: iniciações, funerais e ações disciplinares contra os Irmãos. Ninguém pode entrar, exceto os membros da Irmandade, a Virgem Escriba ou os candidatos a iniciação.

Trahyner (n.) Palavra usada entre machos que demonstra respeito mútuo e afeto. Traduzida livremente como “querido amigo”.

Transition – Transição (n.) Momento crítico na vida de um vampiro em que ele se transforma em adulto. Depois da transição, o novo vampiro deve beber sangue do sexo oposto para sobreviver e, a partir desse momento, não pode suportar a luz do sol. Só acontece quando se completa 25 anos. Alguns vampiros não sobrevivem a este momento, especialmente os machos. Antes da transição, os vampiros são fisicamente débeis, sexualmente ignorantes e incapazes de desmaterializar-se.

Vampire – Vampiro (n.) Membro de uma espécie distinta da humana. Para sobreviver devem beber do sangue do sexo oposto. O sangue da espécie humana os mantém com vida, mas a força que outorga a ele não dura muito tempo. Uma vez que superam a transição, são incapazes de se expor a luz do sol e devem se alimentar diretamente da veia. Os vampiros não podem transformar aos humanos com uma mordida ou através de uma transfusão, ainda que em raras ocasiões possam reproduzir-se com membros de outras espécies. Podem desmaterializar-se a vontade, mas para isso devem estar calmos, concentrados e não estarem usando nada pesado. São capazes de apagar as recordações de um humano, sempre que as lembranças não sejam muito antigas. Alguns vampiros podem ler a mente. A estimativa de vida é de mais de mil anos, e em alguns casos é inclusive maior.

Wahlker (n.) Um indivíduo que morreu e voltou à vida do *Fade*. É concedido um grande respeito a eles e são reverenciados por suas tribulações.

Whard (n.) Equivalente a padrinho ou madrinha de um indivíduo.

Capítulo 1

— O rei deve morrer.

Quatro palavras, algumas sílabas. Separadas não eram nada em especial. Juntas? São um mau agouro de todo tipo de merda. Assassinato. Deslealdade. Traição.

Morte.

No tenso momento que houve logo depois de que as dissessem, Rehvenge se manteve em silêncio deixando que o quarteto permanecesse suspenso no carregado ar do escritório, quatro pontas de uma sinistra e maligna bússola com a qual estava intimamente familiarizado.

— Tem alguma resposta? – perguntou Montrag, filho de Rehm.

— Não.

Montrag piscou e brincou com a gravata de seda que tinha posta no pescoço. Como a maioria dos membros da glymera, tinha ambos os sapatos de veludo firmemente plantados na seca e rarefeita areia de sua classe. O que simplesmente significava que era francamente pedante, arrogante em todo aspecto. Com sua jaqueta de smoking, e suas impecáveis calças... Merda, na verdade eram polainas? Parecia saído das páginas de uma Vanity Fair. De uns cem anos atrás. E no que se referia à política, com sua infinidade de atitudes condescendentes e suas brilhantes e fodidas idéias era como Kissinger sem um presidente: toda análise sem nada de autoridade o que deveria explicar esta reunião não é assim?

— Não te detenha agora. – disse Rehv — Já que você saltou do edifício. A aterrissagem não será mais suave.

Montrag franziu o cenho.

— Não posso ver isto com a mesma rapidez que você.

— Quem está rindo?

Um golpe na porta do escritório fez com que Montrag girasse a cabeça, tinha o perfil de um cavalheiro irlandês: todo nariz.

— Entre.

A *doggen* que respondeu à ordem entrou lutando com o peso do serviço de prata que carregava. Com uma bandeja de ébano do tamanho de um alpendre nas mãos começou a atravessar o cômodo, encurvada devido a carga.

Até que levantou a cabeça e viu Rehv.

Congelou-se como uma fotografia instantânea.

— Tomaremos o chá aqui. — Montrag apontou à mesa que havia no meio dos dois sofás de seda nos que estavam sentados — Aqui.

A *doggen* não se moveu, ficou olhando fixamente o rosto de Rehv.

— O que foi? — perguntou Montrag quando as xícaras começaram a tremer, e um som tilintante começou a surgir da bandeja — Ponha nosso chá aqui, agora.

A *doggen* inclinou a cabeça, murmurou algo, e se adiantou lentamente, pondo um pé diante do outro como se estivesse se aproximando de uma serpente enroscada. Ficou tão afastada de Rehv como pôde, e depois de deixar o serviço, suas trementes mãos mal eram capazes de pôr as xícaras sobre os pires.

Quando foi agarrar o bule, era evidente que ia derramar a merda por todos os lados.

— Deixe que eu faça. — disse Rehv, esticando a mão.

Quando a *doggen* fez um movimento brusco para afastar-se dele, o bule virou na mão e o chá começou uma queda livre.

Rehv apanhou a prata quente entre suas palmas.

— O que você fez! — exclamou Montrag, levantando-se de um salto do sofá.

A *doggen* se encolheu, levando as mãos à cara.

— Sinto muito, amo. Verdadeiramente, o...

— Oh, te cale, e nos traga um pouco de gelo...

— Não é sua culpa. — Rehv desviou a mão tranquilamente para o bule e começou a servir — E eu estou perfeitamente bem.

Ambos o olharam como se estivessem esperando que desse um salto e começasse a sacudir o traseiro ao ritmo de ow—ow—ow.

Deixou o bule de prata e olhou os pálidos olhos de Montrag.

— Um torrão. Ou dois?

— Posso... Posso te oferecer algo para essa queimadura?

Sorriu, mostrando as presas a seu anfitrião.

— Estou perfeitamente bem.

Montrag pareceu ofendido pelo fato de não poder fazer nada, e voltou seu desgosto para a criada.

— É uma desgraça absoluta. Vá.

Rehv olhou a *doggen*. Para ele suas emoções eram como um ralo tridimensional de medo, vergonha e pânico, e a trama trançada enchia o espaço que a rodeava tão certamente como o faziam seus ossos, seus músculos e sua pele.

— Fique tranquila. — disse-lhe com o pensamento — E tenha certeza que endireitarei isto.

O assombro relampejou em seu rosto, seus ombros afrouxaram a tensão e se girou aparentando estar muito mais tranquila.

Quando se foi, Montrag clareou a garganta e voltou a sentar.

— Não acredito que vá prestar. É absolutamente incompetente.

— Por que não começamos com um torrão? — Rehv deixou cair um cubo de açúcar dentro do chá — E veremos se deseja outro.

Estendeu a mão com a xícara, mas não muito afastada, para que Montrag se visse forçado a levantar-se novamente do sofá e a inclinar-se sobre a mesa.

— Obrigado.

Rehv não soltou o pires enquanto promovia uma mudança de parecer na mente de seu anfitrião.

— Deixo as fêmeas nervosas. Não foi sua culpa.

Abriu a mão abruptamente e Montrag lutou para pegar a Royal Doulton¹.

— Oops. Não o derrame. — Rehv voltou a se reclinar contra o sofá — Seria uma pena manchar este tapete tão fino. Aubusson, verdade?

— Ah... Sim. — Montrag voltou a sentar-se e franziu o cenho, como se não tivesse idéia de porque tinha trocado de opinião com respeito a sua criada — Errr... Sim, é. Meu pai comprou faz muitos anos. Tinha um gosto apurado, não é mesmo? Construímos esta sala especialmente para este tapete, porque é muito grande, e a cor das paredes foi escolhida especificamente para fazer ressaltar seus matizes cor pêssego.

Montrag passeou a vista pelo escritório e sorriu para si mesmo enquanto sorvia, com o dedo mindinho estendido no ar como se fosse uma bandeira.

— Como está seu chá?

— Perfeito, mas você não tomará um pouco?

— Não sou bebedor de chá. — Rehv esperou até que a xícara estivesse nos lábios do macho — Então estava falando de assassinar Wrath?

Montrag cuspiu o Earl Grey², salpicou a frente de sua jaqueta de smoking cor vermelha sangue e sujou o estupendo tapete do papai.

Quando o macho começou a bater fracamente as manchas, Rehv lhe ofereceu um guardanapo.

— Tome, use isto.

Montrag pegou o quadrado de damasco, e acariciou torpemente seu peito, logo o deslizou pelo tapete com igual falta de resultados. Era evidente, que era o tipo de macho que fazia tramas e não do tipo que os solucionava.

— Em que estávamos? — murmurou Rehv.

Montrag atirou o guardanapo na bandeja e ficou de pé, esquecendo o chá, para passear pelo cômodo. Deteve-se frente a uma grande paisagem montanhosa e pareceu estar admirando a dramática cena, iluminada por focos, de um soldado colonial rezando aos céus.

Falou com a pintura.

— Está a par de que muitos irmãos de sangue foram abatidos nas incursões dos *lessers*.

¹ Nota da Revisora: marca famosa de porcelana chinesa.

² Nota da Revisora: marca famosa de chá.

— E eu aqui pensando que tinham me escolhido *leahdyre*³ do conselho devido a minha animada personalidade.

Montrag o olhou agressivamente por cima do ombro, seu queixo elevado de forma tipicamente aristocrática.

— Perdi a meu pai, a minha mãe e a todos os meus primos e irmãos. Enterrei a todos e cada um deles. Pensa que isso é motivo de regozijo?

— Minhas desculpas. — Rehv colocou a palma da mão direita sobre o coração e inclinou a cabeça, apesar de que não lhe importava uma merda. Não ia ser manipulado pela menção de suas perdas. Especialmente quando todas as emoções do cara falavam de cobiça e não de dor.

Montrag deu as costas à pintura, e sua cabeça ocupou o lugar da montanha sobre a qual estava o soldado colonial... Pelo que dava a impressão que o pequeno homem de uniforme vermelho estava tratando de subir pela sua orelha.

— Devido às incursões, a glymera suportou perdas sem igual. Não só em vidas, mas também em propriedades. Casas saqueadas, antiguidades e obras de arte roubadas, contas de banco desaparecidas. E o que Wrath fez? Nada. Não deu resposta às freqüentes perguntas a respeito de como foram encontradas as residências dessas famílias... Por que a Irmandade não deteve os ataques... Onde foram parar todos esses bens? Não há um plano para assegurar-se que nunca mais volte a ocorrer algo assim. Não oferecem a segurança a nós, poucos membros restantes da aristocracia, de que se retornássemos a Caldwell, estaríamos protegidos. — Montrag realmente se entusiasmou, sua voz se elevava e ricocheteava contra a parte mais alta do teto dourado com molduras — Nossa raça está morrendo e precisamos de uma verdadeira liderança. Não obstante, por Lei, enquanto o coração de Wrath siga pulsando em seu peito, seguirá sendo rei. A vida de um é mais valiosa que a vida de muitos? Examine seu coração.

Oh, Rehv estava olhando em seu interior, esse era, esse negro e maldito músculo.

— E... Logo o que?

— Assumimos o controle e fazemos o correto. Durante seu reinado, Wrath reestruturou as coisas... Olhe o que fez às Escolhidas. Agora estão autorizadas a emparelhar-se deste lado... Algo nunca visto! E a escravidão está abolida, junto com a *Sehclusion* das fêmeas. Virgem Escriba querida, quando quiserem acordar haverá um integrante da Irmandade com saia. Se nós estivermos na liderança, podemos reverter o que ele tem feito e reformar as leis adequadamente para preservar as tradições. Podemos organizar uma nova ofensiva contra a Sociedade Lessening. Podemos triunfar.

— Está empregando muitos “nós”, e por alguma razão não acredito que isso represente exatamente o que tem em mente.

³ Pessoa com poder e influência

— Bom, é obvio que deverá haver um indivíduo que seja o primeiro entre seus iguais. — Montrag alisou as lapelas da sua jaqueta de smoking e inclinou a cabeça e o corpo como se tivesse posando para uma estátua de bronze ou talvez para um bilhete — Um macho de valor que esteja à altura do cargo e resulte ser o escolhido.

— E como seria escolhido este modelo de virtudes?

— Nos tornaremos uma democracia. Uma democracia que foi longamente postergada e que substituirá o injusto e desigual costume da monarquia.

Quando o bate-papo seguiu seu curso, Rehv se reclinou para trás, cruzou as pernas à altura do joelho e uniu os dedos das mãos formando uma carpa. Sentado no acolchoado sofá de Montrag, suas duas metades entraram em conflito, o vampiro e o *symphath* colidiram.

O único benefício disso era que o combate interno gritante sufocava o som nasal de todo esse “Eu-sei-tudo”.

A intenção era óbvia: livrar-se do Rei e tomar o controle da raça.

O ato era inconcebível: matar a um bom macho, um bom líder e... Uma espécie de amigo.

—... e escolheríamos a quem nos lideraria. O faríamos responsável pelo Conselho. Asseguraríamos-nos que nossas preocupações fossem atendidas. — Montrag retornou a seu sofá, sentou-se e ficou cômodo como se fosse seguir com esse bate-papo exagerado e vazio sobre o futuro durante horas — A monarquia não está funcionando e a democracia é a única maneira...

Rehv lhe interrompeu:

— Em geral a democracia implica que todo mundo pode votar. Digo-lhe isso só se por acaso não está familiarizado com a definição.

— E assim o faríamos. Todos os que servimos no Conselho estaríamos na junta eleitoral. Todo mundo seria considerado.

— PTI, o termo abrange algumas pessoas mais além de “todos os que são como nós”.

Montrag lhe dirigiu um olhar carregado de “Oh-por-favor-fale-sério”.

— Honestamente confiaria a raça às classes baixas?

— Não depende de mim.

— Poderia. — Montrag levou a xícara aos lábios e o olhou por cima da borda com olhos penetrantes — Poderia perfeitamente. É nosso *Leahdyre*.

Olhando fixamente ao homem, Rehv viu o caminho tão claramente como se estivesse pavimentado e iluminado com facho de luzes halogênicas: se Wrath fosse assassinado, sua linhagem real terminaria, porque ainda não tinha gerado um filho. Às sociedades, particularmente aquelas que estavam em guerra como a dos vampiros, aborreciam os vazios na liderança, por isso uma mudança radical da monarquia à “democracia” não resultava tão inconcebível como teria sido em outra época mais racional e segura.

A glymera poderia estar fora de Caldwell e escondida nos refúgios dispersados por toda a Nova Inglaterra, mas essa turma de filhos da puta decadentes tinha dinheiro e influências e sempre tinham desejado tomar o poder. Com este plano em particular, podiam disfarçar suas ambições com as vestimentas da democracia e fazer ver que estavam protegendo às pessoas sem status.

A infausta natureza do Rehv se agitou como um criminoso preso impaciente para obter a liberdade condicional. As más ações e os jogos de poder eram uma compulsão inerente a aqueles que levavam o sangue de seu pai, e parte dele desejava criar o caos... E entrar nele.

Interrompeu as tolices presunçosas de Montrag.

— Economize a propaganda. O que é que está sugerindo exatamente?

O macho fez toda uma elaborada demonstração de como deixar uma xícara de chá, como se quisesse aparentar que estava reunindo as palavras. Enfim. Rehv estava disposto a apostar que o homem sabia exatamente o que ia dizer. Uma coisa dessa natureza, não era algo que simplesmente se pensa na hora, e havia outros envolvidos. Tinha que ter.

— Como bem sabe o Conselho vai reunir-se em Caldwell dentro de alguns dias especificamente para ter uma audiência com o Rei. Wrath chegará e... Ocorrerá um evento mortal.

— Ele viaja com a Irmandade. E não é especialmente o tipo de força muscular que possa ser evitada facilmente.

— A morte pode levar muitas máscaras. E tem muitos e variados cenários onde atuar.

— E meu papel seria...? — embora já tivesse compreendido.

Os pálidos olhos de Montrag pareciam de gelo, resplandecentes e frios.

— Sei que classe de macho é. Assim sei precisamente do que é capaz.

Isto não era uma surpresa. Durante os últimos vinte e cinco anos Rehv tinha sido um senhor das drogas, e embora não houvesse publicado sua ocupação dentro da aristocracia, os vampiros iam a seus clubes regularmente, e parte deles estavam nas filas de seus clientes químicos.

Ninguém além dos Irmãos sabia de seu lado *sympath*... E era sua escolha continuar oculto. Nas últimas duas décadas tinha estado pagando bem a seu chantagista para assegurar-se que continuasse sendo segredo.

— É por isso que fui a ti. — disse Montrag — Você saberá como se encarregar disto.

— É certo.

— Como *Leahdyre* do Conselho, estará em uma posição de enorme poder. Ainda se não eleito presidente, o Conselho persistirá. E fique tranqüilo com respeito à Irmandade da Adaga Negra. Sei que sua irmã está emparelhada com um deles. Os Irmãos não se verão afetados por isso.

— Não acredita que isto os enfurecerá? Wrath não é só seu rei. É de seu sangue.

— Proteger a nossa raça é sua obrigação primária. Eles devem nos seguir aonde vamos. E deve saber que há muitos que pensam que ultimamente estiveram fazendo um mau trabalho. Penso que talvez requeiram uma melhor liderança.

— De tua parte. Sim. Claro.

Isso seria como um decorador de interiores tratando de comandar um destacamento de tanques: um fodido carregamento de ruidosos gorjeios até que um dos soldados terminasse com o boneco de pano temporário e lhe agitasse o corpo um par de vezes.

Esse era o plano perfeito. Sim.

E de todas as formas... Quem dizia que Montrag tinha que ser o eleito? Os acidentes ocorriam tanto aos reis como aos aristocratas.

— Devo te dizer, — continuou Montrag — o mesmo que meu pai estava acostumado a me dizer, a coordenação é tudo. Devemos nos apressar. Podemos confiar em você, meu amigo?

Rehv ficou de pé, erguendo-se sobre o outro macho. Com um rápido puxão às abas de sua jaqueta, arrumou seu Tom Ford⁴, logo esticou a mão para sua bengala. Não sentia nada em seu corpo, nem sua roupa nem o peso que tinha ido de seu traseiro à planta de seus pés, nem a ponta da bengala contra a palma da mão que se queimou. O intumescimento era um efeito secundário da droga que utilizava para evitar que aflorasse seu lado mau quando estava com companhia variada, a prisão onde encerrava suas tendências sociopatas.

Não obstante, tudo o que necessitava para voltar para suas origens era pular uma dose. E uma hora depois? A maldade nele estava vivinha, abanando o rabo e pronta para brincar.

— O que me diz? — incitou Montrag.

E não era essa a pergunta?

Às vezes na vida, entre a miríade de decisões corriqueiras como, o que comer, onde dormir, e o que vestir, aparecia uma verdadeira encruzilhada. Nesses momentos, quando a névoa da relativa irrelevância se levanta e o destino te estende uma demanda de livre-arbítrio, só há esquerda ou direita... Nada de te lançar em um terreno que há entre os dois caminhos, não havia forma de negociar com a escolha que te expor.

Deve responder à chamada e escolher seu caminho. E não há volta.

Não obstante, o problema era que navegar por uma paisagem moralista era algo que tinha tido que aprender para se encaixar com os vampiros. A lição que tinha aprendido tinha perseverado, embora só até certo ponto.

E suas drogas só funcionavam de certa maneira.

Subitamente, o rosto pálido de Montrag se tingiu de uma variedade de tons de rosa pastel, o cabelo escuro do macho se tornou cor de rosa e a jaqueta de seu smoking ficou da

⁴ Nota da Revisora: famoso estilista.

cor do Ketchup. Enquanto uma pátina avermelhada coloria tudo, o campo visual de Rehv se achatou voltando-se como uma tela de cinema onde se via o mundo.

E talvez isto explicasse o motivo pelo qual resultava fácil aos *sympaths* utilizar às pessoas. Com seu lado escuro assumindo o controle, o universo tinha a profundidade de um tabuleiro de xadrez e as pessoas que haviam nele eram como peões em sua mão onisciente. Todos eles. Os inimigos... E os amigos.

— Eu me encarregarei. — anunciou Rehv — Como disse, sei o que tenho que fazer.

— Sua palavra. — Montrag estendeu a suave palma de sua mão — Dê-me sua palavra de que isto se levará a cabo em segredo e silenciosamente.

Rehv deixou que essa mão pendurasse livremente no ar, mas sorriu, revelando uma vez mais suas presas.

— Confie em mim.

Capítulo 2

Enquanto Wrath, filho de Wrath, percorria um dos becos urbanos de Caldwell, sangrava em dois lugares. Tinha uma navalhada ao longo de seu ombro esquerdo, feita por uma faca serrada, e lhe faltava uma parte da coxa, graças ao canto oxidado de um contêiner de lixo. O *lesser* que ia na frente, o que estava a ponto de estripar como a um peixe, não tinha sido o responsável por nenhum: os dois camaradas de cabelo branco, que cheiravam a talco de bebê, eram os artífices do dano.

E o tinham feito a uns duzentos e setenta metros dali, fazia três minutos, justo antes de ser reduzidos a um par de bolsas de adubo de minhoca.

Esse bastardo diante de si era o objetivo real.

O assassino estava movendo o traseiro rápido, mas Wrath era mais rápido ainda... Não só porque suas pernas eram mais longas, apesar do fato de que estava gotejando como uma cisterna furada. Não havia dúvida de que o terceiro morreria.

Era uma questão de vontade.

O *lesser* tinha escolhido o caminho errado essa noite... Embora não ao escolher esse beco em particular. Isso era o único adequado e justo, e provavelmente o não-morto fazia isso durante décadas, porque a privacidade era importante para lutar. O último que a Irmandade ou a Sociedade Lessening precisavam era à polícia humana envolvida em algo que tivesse a ver com esta guerra.

Não, o erro “Sinto-essa-não-é-a-resposta-correta” do bastardo tinha sido há uns quinze minutos atrás, quando tinha assassinado a um macho civil. Com um sorriso na cara. Diante de Wrath.

Tinha sido pela fragrância de sangue fresco de vampiro que o rei tinha encontrado ao trio de assassinos em primeiro lugar, lhes apanhando no ato de tentar seqüestrar a um de seus civis. Tinha resultado evidente que sabiam que era, no mínimo, um membro da Irmandade, porque esse *lesser* que ia na sua frente tinha matado ao macho para que ele e seu esquadrão pudessem ter as mãos livres e pudessem enfocar-se completamente na briga.

A parte triste era que a chegada de Wrath tinha economizado ao civil uma larga e lenta morte por tortura em um dos acampamentos de tortura da Sociedade. Mas ainda assim lhe arderam às vísceras ao ver como fatiavam a um apavorado inocente e o atiravam sobre o frio e gretado pavimento como se fosse uma marmita vazia.

Assim que esse filho da puta dali ia cair.

Olho-por-olho e tudo isso.

Ao chegar ao final do beco sem saída, o *lesser* fez um salto de preparação, girando, plantando os pés e tirando sua faca. Wrath não retardou seu avanço. No meio da corrida, liberou um de seus shuriken⁵ e lançou a arma com um golpe de mão, alardeando com o lançamento.

Algumas vezes queria que seu oponente soubesse o que lhe era atirado.

O *lesser* seguiu a coreografia à perfeição, trocando seu ponto de apoio e afrouxando sua postura de combate. Enquanto Wrath cortava a distância, lançou outra estrela e outra mais, impulsionando o *lesser* para uma posição escondida.

O Rei Cego se desmaterializou justo sobre o idiota, golpeando de cima, despiu as presas para fechá-las na nuca do assassino. A aguda doçura do sangue do *lesser* era o sabor do triunfo, e o coro da vitória tampouco demorou a chegar, quando Wrath agarrou ao bastardo pela parte superior de ambos os braços.

A vingança era um estalo. Ou melhor dizendo, dois.

A coisa gritou quando ambos os ossos saíram de suas cavidades, mas o uivo não viajou muito longe depois que Wrath lhe fechasse a boca com a palma da mão.

— Isto é só o aquecimento. — vaiou Wrath — É importante relaxar antes de começar a exercitar-se.

O rei girou o assassino e baixou o olhar para a coisa. Desde trás dos envoltivos óculos, seus olhos débeis estavam mais agudos do que o habitual, a adrenalina navegava ao longo de suas veias lhe dando um aumento de acuidade visual. O que era bom. Precisava ver o que tinha matado com uma forma que não tinha nada a ver assegurando a precisão de um golpe mortal.

Enquanto o *lesser* lutava para respirar, a pele de seu rosto brilhava com uma pátina irreal e plástica — como se a estrutura óssea tivesse sido estofada com a merda com a que

⁵ Nota da Revisora: estrela ninja de arremesso.

fabricava os sacos de arroz — e os olhos estavam se esbugalhando, o fedor doce da coisa parecia a doçura de um animal atropelado na estrada durante uma noite cálida.

Wrath soltou a corrente de aço que pendurava do ombro de sua jaqueta de motoqueiro e desenrolou os elos brilhantes tirando-os de debaixo de seu braço. Segurando o grande peso na mão direita, envolveu seu punho, ampliando a envergadura de seus nódulos, aumentando seus duros contornos.

— Diga “uísque”.

Wrath golpeou à coisa no olho. Uma vez. Duas. Três vezes. Seu punho era um aríete, a órbita do olho cedia terreno como se não fosse mais que uma porta. Com cada excruciante impacto, o sangue negro saltava e salpicava, golpeando Wrath na cara, na jaqueta e nos óculos. Sentia todas as salpicadas, apesar do couro que vestia, e desejava mais.

Era um glutão para esse tipo de comida.

Com um sorriso duro, deixou que a corrente se desenrolasse de seu punho, e golpeasse o sujo asfalto com uma risada efervescente, metálica, como se tivesse desfrutado tanto como ele. A seus pés, o *lesser* não estava morto. Embora fosse indubitável que a coisa estava desenvolvendo hematomas sub-durais maciços na parte dianteira e traseira do cérebro, ainda vivia, porque só havia duas formas de matar a um assassino.

Uma era lhe atravessar o peito com as adagas negras que os Irmãos tinham embainhadas ao peito. Isso enviava aos PDM⁶ de volta com seu criador, o Omega, mas era só uma solução temporária, porque o mal simplesmente utilizava essa essência para converter a outro humano em uma máquina assassina. Não era uma morte, a não ser um atraso.

O outro modo era permanente.

Wrath tirou seu celular e ligou. Quando respondeu uma voz masculina com acento de Boston, disse:

— Oito e Trade. Três caídos.

Butch O'Neal, também conhecido como Dhestroyer, descendente de Wrath, filho de Wrath, era caracteristicamente fleumático em suas respostas. Realmente centrista. Tolerante. Deixando muito espaço para a interpretação de suas palavras:

— Oh, caralho, pelo amor de Deus. Está brincando? Wrath, tem que acabar com esta merda de multiuso. Agora é o rei. Já não é um Irmão...

Wrath fechou o telefone.

Sim. A outra forma de livrar-se destes filhos da puta, a forma permanente, estaria ali em cinco minutos. Com sua língua solta. Infelizmente.

Wrath se sentou sobre os calcanhares, voltando a enrolar a corrente em seu ombro, e levantou o olhar para o quadrado de céu noturno visível sobre os telhados. Quando sua

⁶ Nota da Revisora: Pedacos de Merda.

adrenalina decaiu, só foi capaz de distinguir ligeiramente os escuros esqueletos dos edifícios que se elevavam contra o plano da galáxia, e franziu os olhos com força.

Já não é um Irmão.

É uma merda que não o era. Não lhe importava o que dissesse a lei. Sua raça necessitava que fosse mais que um burocrata.

Com uma maldição na Antiga Língua, voltou para sua atividade, e revisou a jaqueta e as calças do assassino em busca de uma identificação. No bolso de trás, encontrou uma fina carteira com uma carteira de motorista e dois dólares dentro...

— Creio... Que ele era um dos seus...

A voz do assassino era de uma vez aflautada e maliciosa, e o som de filme de horror detonou a agressividade de Wrath uma vez mais. Repentinamente, sua visão se tornou mais aguda, e pôde enfocar pela metade seu inimigo.

— O que disse?

O *lesser* sorriu um pouco, parecendo não notar que a metade de sua cara tinha a consistência de uma omelete muito líquida.

— Sempre foi... Um dos nossos.

— De que merda está falando?

— Como... Acredita... — o *lesser* tomou um tremente fôlego — Que encontramos... Todas aquelas casas neste verão...?

A chegada de um veículo cortou as palavras, e Wrath girou a cabeça precipitadamente. Graças ao fodido Deus era o Escalade negro que estava esperando e não algum humano com um celular ligado em uma chamada ao 911.

Butch O'Neal saiu de trás do volante, com suas mandíbulas funcionando a toda marcha.

— Você perdeu a fodida cabeça? O que vamos fazer contigo? Vai...

Enquanto o polícia continuava com todo o maldito repertório, Wrath voltou o olhar para o assassino.

— Como as encontraram? As casas?

O assassino começou a rir, o débil ofego era o tipo de coisas que ouvia de um desequilibrado.

— Porque ele tinha estado em todas elas... Assim é como o fizemos.

O bastardo desmaiou, e lhe sacudir não ajudou a lhe trazer de volta. Tampouco o fez uma bofetada nem duas.

Wrath ficou em pé e a frustração desencadeou a fúria.

— Faz seu trabalho, polícia. Os outros dois estão depois do contêiner da quadra seguinte.

O polícia simplesmente o olhou.

— Supõe-se que você não luta.

— Sou o rei. Posso fazer o que me dê a maldita vontade.

Wrath começou a afastar-se, mas Butch lhe agarrou o braço.

— Beth sabe onde está? O que está fazendo? Disse a ela? Ou é só a mim a quem está pedindo que guarde este segredo?

— Preocupa-se disso. — Wrath assinalou ao assassino — Não por mim e minha *shellan*.

Quando se liberou, Butch ladrou.

— Aonde vai?

Wrath avançou e encarou ao polícia.

— Pensei em ir recolher o cadáver de um civil para levá-lo até o Escalade. Tem algum problema com isso, filho?

Butch se manteve firme. Só mais uma amostra do sangue que compartilhavam.

— Perdemos você como rei e a raça inteira está fodida.

— E só ficam quatro Irmãos no campo de batalha. Você gosta dessa matemática? Eu não.

— Mas...

— Faz seu trabalho, Butch. E fique à margem do meu.

Wrath percorreu a pernadas os duzentos e setenta metros de volta onde tinha começado a briga. Os assassinos vencidos estavam justo onde os tinha deixado: gemendo no chão, com suas extremidades formando ângulos estranhos, seu sangue negro gotejando e formando asquerosos atoleiros lamacentos sob seus corpos. Entretanto, já não eram assunto dele. Rodeando o contêiner olhou ao civil morto e se precaveu que lhe dificultava a respiração.

O rei se ajoelhou e cuidadosamente afastou o cabelo da cara golpeada como a merda do macho. Evidentemente, o cara se defendeu, recebendo um bom número de golpes antes que lhe apunhalassem o coração. Um pirralho valente.

Wrath espalmou a mão sob a nuca do macho, deslizou o outro braço sob os joelhos, e o levantou lentamente. O peso do morto era mais pesado que os quilos do corpo. Enquanto se afastava do contêiner e se aproximava do Escalade, Wrath se sentia como se sustentasse à raça inteira em seus braços, e se alegrou de ter que levar óculos de sol para proteger seus débeis olhos.

Seus óculos envoltos ocultavam o brilho das lágrimas.

Passou junto a Butch enquanto o polícia caminhava para os destroçados assassinos para fazer o seu trabalho. Depois que as pisadas do homem se detiveram, Wrath ouviu uma larga e profunda inalação que soava como o vaio de um balão desinflando-se lentamente. O vômito que seguiu foi muito mais ruidoso.

Enquanto a sucção e as arcadas se repetiam, Wrath deitou ao morto na parte de trás do Escalade e lhe revistou os bolsos. Não havia nada... Nem carteira, nem telefone, nem sequer um pacote de chiclete.

— Foda.

Wrath deu a volta e se sentou no pára-choque traseiro do SUV. Um dos *lessers* já lhe tinha limpado no curso da luta... E como todos os assassinos acabavam de ser inalados, isso significava que a identificação do civil já era pó.

Enquanto Butch se aproximava do Escalade cambaleando pelo beco, o polícia parecia um bêbado farreando e já não cheirava a Acqua di Parma. Fedia a *lesser*, como se tivesse secado sua roupa com lenços umedecidos Downy, como se tivesse um par de ambientadores de carro com fragrância de baunilha sob as axilas, e tivesse caído sobre algum peixe morto.

Wrath se levantou e fechou a parte traseira do Escalade.

— Está certo que pode dirigir? — perguntou quando Butch se colocou cuidadosamente atrás do volante, com pinta de estar a ponto de vomitar.

— Sim. Estou bem.

Wrath sacudi a cabeça ante a voz rouca e examinou o beco. Não havia janelas nos edifícios, e fazer Vishous vir imediatamente para aliviar ao polícia não levaria muito tempo, mas entre as brigas e a limpeza tinham ocorrido muitas coisas ali durante a última meia hora. Deviam sair da zona.

Originalmente, o plano de Wrath tinha sido tirar uma foto da identidade do assassino com a câmara de seu celular, aumentá-la o suficiente para poder ler o endereço, e logo ir atrás desse estúpido. Não obstante não podia deixar Butch sozinho.

O polícia pareceu surpreso quando Wrath entrou no assento do passageiro do Escalade.

— O que está...?

— Levaremos o corpo à clínica. V pode encontrar-se contigo ali e se ocupar de você.

— Wrath...

— Discutimos pelo caminho, o que acha, primo?

Butch arrancou o SUV, saiu de marcha ré do beco, e girou ao chegar ao primeiro cruzamento das ruas. Quando chegou ao Trade, dobrou à esquerda e se dirigiu às pontes que se estendiam sobre o Rio Hudson. Enquanto conduzia, tinha os nódulos brancos sobre o volante... Não porque tivesse medo, mas sim porque indubitavelmente estava tentando conter a bÍlis no estômago.

— Não posso seguir mentindo assim. — resmungou Butch quando alcançaram o outro lado de Caldwell.

Uma arcada foi seguida por uma tosse.

— Sim, pode.

O polícia levantou o olhar.

— Está me matando. Beth deve saber.

— Não quero que se preocupe.

— Entendo isso... — Butch emitiu um som afogado — Espera.

O polícia estacionou sobre a borda gelada, abriu a porta de repente, e vomitou como se seu fígado tivesse recebido ordens de evacuação de seu cólon.

Wrath deixou que sua cabeça caísse para trás, uma dor tinha se instalado detrás de seus olhos. A dor não era uma surpresa, em absoluto. Ultimamente tinha enxaquecas como os alérgicos tinham espirros.

Butch estendeu a mão para trás e apalpou o console central, com a parte superior de seu corpo ainda arqueada para fora do Escalade.

— Quer a água? — perguntou Wrath.

— S... — as náuseas cortaram o resto da palavra.

Wrath agarrou uma garrafa de Poland Spring, abriu-a, e a pôs na mão de Butch.

Quando se produziu uma pausa na “vomitação”, o polícia trouxe um pouco de água, mas a merda não permaneceu dentro.

Wrath tirou seu celular.

— Vou chamar o V agora.

— Dê-me só um minuto.

Levou dez, mas finalmente, o polícia conseguiu voltar para o carro e lhes devolveu à estrada. Ambos permaneceram em silêncio durante um par de quilômetros, o cérebro de Wrath correndo enquanto sua dor de cabeça piorava.

Já não é um Irmão.

Já não é um Irmão.

Mas tinha que ser. Sua raça precisava dele.

Clareou a garganta.

— Quando V aparecer no necrotério, você vai dizer que encontrou o corpo do civil e fez essa merda com os *lessers*.

— Ele quer saber por que você estava ali.

— Diremos que estava na quadra seguinte me reunindo com o Rehvenge no ZeroSum e pressenti que precisava de ajuda. — Wrath se inclinou no assento dianteiro e fechou uma mão sobre o antebraço do cara — Ninguém vai saber, entendido?

— Isto não é boa idéia. Isto não é boa idéia.

— É uma merda que não.

Enquanto permaneciam em silêncio, as luzes dos carros do outro lado da auto-estrada fizeram que Wrath fizesse uma careta, apesar de que suas pálpebras estavam baixas e os óculos escuros em seu lugar. Para evitar o brilho, girou o rosto para o lado, como se olhasse pela janela.

— V suspeita que algo esteja acontecendo. — resmungou Butch depois de um momento.

— E pode seguir suspeitando. Preciso estar no campo de batalha.

— E se ferirem você?

Wrath colocou o antebraço sobre o rosto com a esperança de bloquear esses malditos faróis dianteiros. Caralho, agora era ele quem tinha náuseas.

— Não me ferirão. Não se preocupe.

Capítulo 3

— Preparado para seu suco, pai?

Quando não houve resposta, Ehlena, filha de sangue de Alyne, deteve-se no processo de abotoar o uniforme.

— Pai?

Da sala e por cima das melodiosas notas de Chopin lhe chegou o som de um par de pantufas movendo-se sobre as tábuas do piso de madeira nuas e uma suave cascata de apressadas palavras, como um maço de cartas ao ser embaralhadas.

Isso era bom. Levantou-se por si mesmo.

Ehlena jogou o cabelo para trás, e utilizou uma rede branca para manter o coque em seu lugar. Entretanto no meio do caminho mudou de opinião, ia ter que refazer o coque. Havers, o médico da raça, exigia que suas enfermeiras fossem tão esticadas, engomadas e bem organizadas como tudo em sua clínica.

Sempre dizia que as normas eram críticas.

No caminho para seu dormitório, recolheu uma mochila de ombro negra que tinha comprado na Target. Dezenove dólares. Um roubo. Nela colocou a saia curta e a camiseta pólo de imitação que ia trocar pelo uniforme ao redor de duas horas antes do amanhecer.

Um encontro. Realmente ia ter um encontro.

A ida ao andar superior onde estava a cozinha implicava só um lance de escadas, e o primeiro que fez quando emergiu do porão foi dirigir-se para o antiquado refrigerador Frigidaire . Dentro, havia dezoito pequenas garrafas de Ocean Spray Cranraspberry⁷ em três filas de seis. Pegou uma da frente e depois, cuidadosamente moveu as outras para que estivessem todas alinhadas.

As pílulas estavam localizadas atrás da poeirenta pilha de livros de cozinha. Pegou uma trifluoropiperacina e dois loxacepina e as pôs em uma xícara branca. A colher de aço inoxidável que utilizou para amassá-las estava dobrada em um ligeiro ângulo, e também todas as demais.

Já levava perto de dois anos esmagando pílulas como estas.

O CranRas golpeou o fino pó branco e se mesclou com ele, e para assegurar-se de que o sabor ficava adequadamente oculto, pôs dois cubinhos de gelo na xícara. Quanto

⁷ Nota da Revisora: suco de tomate.

mais frio melhor.

— Pai, seu suco está preparado. — deixou a xícara na mesinha, bem em cima de um círculo de fita que delineava onde tinha que ser colocada.

As seis estantes que havia em frente estavam igual ordenadas e relativamente vazias como a geladeira, de uma delas agarrou uma caixa de Wheaties⁸, e de outra tirou uma tigela. Depois de servir-se de alguns cereais foi pegar leite, e logo que terminou de utilizá-lo, voltou a deixá-lo onde estava: junto a outros dois iguais, com as etiquetas com a marca Hood para fora.

Deu uma olhada em seu relógio e falou na Antiga Língua.

— Pai? Tenho que partir.

O sol se pôs, e isso significava que seu turno, que começava quinze minutos depois de escurecer, estava a ponto de começar.

Observou a janela que havia sobre a pia da cozinha, embora não era como se pudesse medir quanto escuro estava. Os vidros estavam cobertos por lâminas de alumínio fixas às molduras com fita adesiva.

Inclusive mesmo se ela e seu pai não fossem vampiros e incapazes de suportar a luz do sol, essas persianas Reynolds Wrap teriam sido igualmente colocadas em cada janela da casa: eram cobertas para o resto do mundo, mantendo-o fora, contendo-o a fim de que sua miserável casinha alugada estivesse protegida e isolada... De ameaças que só seu pai podia perceber.

Quando terminou o café da manhã de Campeões⁹, lavou e secou sua tigela com toalhas de papel, porque as esponjas e panos de cozinha não estavam permitidos, e, junto com a colher que tinha utilizado, voltou a pôr tudo em seu lugar.

— Meu pai?

Apoiou o quadril contra o maltratado balcão de fórmica e esperou, tentando não olhar muito atentamente o maltratado papel de parede nem o chão de linóleo desgastado.

A casa era apenas um pouco melhor que um sórdido abrigo, mas era tudo o que podia permitir-se. Entre as visitas de seu pai ao médico, os remédios e a enfermeira particular não era muito que ficava de seu salário, e fazia muito que tinham gasto o pouco que ficava do dinheiro da família, prata, antiguidades, e jóias.

Apenas se mantinham a tona.

E ainda assim, quando seu pai apareceu na soleira do porão, teve que sorrir. Seu fino cabelo cinza se expandia se sobressaindo de sua cabeça para formar um halo de penugem que o fazia parecer-se com Beethoven, além de seus olhos excessivamente observadores e ligeiramente frenéticos que lhe davam o aspecto de gênio louco. Ainda assim, parecia melhor do que tinha estado em muito tempo. Por sua vez, estava vestindo um roupão

⁸ Nota da Revisora: cereais matinais.

⁹ Nota da Revisora: referência a marca dos cereais.

desfiado de cetim e seu pijama de seda bem arrumado... Tudo para frente, a parte de cima e de baixo certas e o cinto preso. Além disso, estava limpo, recém banhado e cheirando a pós-barba de Laurel.

Era uma enorme contradição: necessitava que seu ambiente estivesse imaculado e excessivamente organizado, mas sua higiene pessoal e o que vestia não lhe representava nenhum problema. Embora talvez tivesse sentido. Ao estar compenetrado no matagal de seus pensamentos, distraía-se muito com seus delírios para ser consciente de si mesmo.

Entretanto os remédios estavam ajudando, e notou quando encontrou seu olhar e realmente a viu.

— Minha filha. — disse na Antiga Língua — Que tal está esta noite?

Ela respondeu como ele preferia, na língua mãe.

— Bem, meu pai. E você?

Ele se inclinou com a graça do aristocrata que era por linhagem e tinha sido por posição.

— Como sempre estou encantado de te saudar. Ah, sim, a *doggen* preparou meu suco. Que amável de sua parte.

Seu pai se sentou com um movimento de seu roupão, e recolheu a xícara de cerâmica como se fosse fina porcelana inglesa.

— Aonde vai?

— Ao trabalho. Vou trabalhar.

Seu pai franziu o cenho enquanto bebia.

— Sabe bem que não aprovo que trabalhe fora de casa. Uma dama de sua estirpe não deveria estar oferecendo seu tempo dessa forma.

— Sei, meu pai. Mas me faz feliz.

Seu rosto se suavizou.

— Bom, isso é outra coisa. Ai de mim, não entendo à geração mais jovem. Sua mãe se encarregava da casa, dos serventes e os jardins, e isso era suficiente para ocupar seu ímpeto durante as noites.

Ehlena baixou o olhar, pensando que sua mãe choraria se visse como tinham terminado.

— Sei.

— Não obstante deve fazer o que desejar, e eu sempre te amarei.

Ela sorriu ante as palavras que tinha ouvido durante toda sua vida. E falando desse tema...

— Pai?

Ele baixou a xícara.

— Sim?

— Pode ser que chegue um pouco tarde esta noite.

— Seriamente? Por quê?

— Vou tomar um café com um macho...

— O que é isso?

A mudança em seu tom a fez levantar a cabeça, e olhou a seu redor para ver que... Oh, não.

— Nada, pai, de verdade, não é nada. — se equilibrou rapidamente sobre a colher que tinha utilizado para esmagar as pílulas e a recolheu, correndo para a pia como se tivesse uma queimadura que necessitasse água fria imediatamente.

A voz de seu pai tremeu.

— O que... O que isso estava fazendo aí? Eu...

Ehlén secou rapidamente a colher e a deslizou na gaveta.

— Vê? Foi-se. Vê? — assinalou aonde tinha estado a colher — A mesa está limpa. Não há nada aí.

— Estava ali... Eu a vi. Não deve deixar os objetos de metal fora... Não é seguro... Quem a deixou... Quem deixou... Quem deixou a colher...?

— A criada.

— A criada! Outra vez! Deve ser despedida. Já disse... Nada de metal fora, nada de metal fora, nada de metal. Eles estão observando, e castigarão quem desobedecer, é preciso acreditar.

No princípio, quando tinham tido lugar os primeiros ataques de seu pai, Ehlén se aproximava dele no momento em que começava a agitar-se, pensando que uma palmada no ombro ou uma mão reconfortante lhe ajudariam. Agora tinha mais experiência. Quanto menos informação sensorial entrasse em seu cérebro, mais rapidamente passava a histeria avassaladora: por conselho de sua enfermeira, Ehlén lhe assinalava a realidade uma vez e depois não se movia nem falava.

Entretanto era difícil, lhe observar sofrer e ser incapaz de fazer nada para ajudar. Especialmente quando era culpa dela.

A cabeça de seu pai se sacudia para frente e para trás, a agitação alvoroçava seu cabelo convertendo-o em uma peruca arrepiada de cachos loucos, enquanto que em seu cambaleante punho, o suco saltava fora da xícara, salpicando sobre sua mão venosa, a manga do roupão e o revestimento de fórmica, cheio de buracos, da mesa. Em seus trementes lábios, o gaguejar de sílabas se incrementava, seu gravador interno funcionando a velocidade máxima, o rubor de loucura subindo pela coluna de sua garganta e flamejando em suas bochechas.

Ehlén rezou porque este não fosse um dos maus. Os ataques, quando vinham, variavam de intensidade e duração, e as drogas ajudavam minimizando ambas as medidas. Mas algumas vezes a enfermidade superava a ingestão química.

Quando as palavras de seu pai se tornaram muito atropeladas para compreender e deixou cair à xícara ao chão, tudo o que Ehlén pôde fazer foi esperar e rezar à Virgem Escriba para que passasse logo. Obrigando seus pés a ficar presos ao gasto linóleo, fechou

os olhos e envolveu o torso com os braços.

Se tivesse lembrado de guardar a colher. Se houvesse...

Quando a cadeira de seu pai caiu para trás e golpeou o chão, soube que ia chegar tarde ao trabalho.

Outra vez.

Os humanos são realmente gado, pensou Xhex enquanto olhava por cima de todas as cabeças e ombros apinhados ao redor do bar para o público em geral do ZeroSum.

Era como se algum fazendeiro tivesse enchido um cocho de grãos e a granja inteira estivesse lutando para afundar o focinho nele.

Não é que as características bovinas do Homo Sapiens fossem má coisa. A mentalidade de rebanho fazia mais fácil a coisa do ponto de vista da segurança; e em certo modo, como com as vacas, a gente podia alimentar-se deles: com toda essa aglomeração em torno dessas garrafas só era questão de purgar carteiras, com a maré fluindo em um só sentido... Para o cofre.

As vendas de licor eram boas. Mas as drogas e o sexo deixavam, inclusive mais altas margens de lucro.

Xhex passeava lentamente pelo lado exterior do bar, extinguindo com olhadas duras a especulação ardente de homens heterossexuais e mulheres homossexuais. Caralho, não entendia. Nunca tinha feito. Para ser uma fêmea que não vestia nada mais que camisas sem manga, calças de couro e usava o cabelo curto como um soldado, captava atenção tanto como as prostitutas seminuas da zona VIP.

Mas bom, nestes dias o sexo duro estava na moda, e os voluntários para a asfixia auto-erótica, os látigos açoita-traseiros e as algemas triplas eram como os ratos no sistema de bocas-de-lobo de Caldwell: estavam em todas as partes e saíam de noite. O que supunha uma terceira parte dos benefícios mensais do clube.

Muito obrigado.

Entretanto, ao contrário das garotas do clube, ela nunca aceitava dinheiro em troca de sexo. Na realidade não praticava sexo, absolutamente. Exceto pelo Butch O'Neal, esse polícia. Bom, esse polícia...

Xhex chegou à altura da corda de veludo da seção VIP e deu uma olhada para a parte exclusiva do clube.

Merda. Ele estava aqui.

Bem o que necessitava esta noite.

O caramelo favorito de sua libido estava sentado na parte mais afastada, na mesa da Irmandade, seus dois camaradas lhe flanqueavam e se defendiam das três garotas que também se apertavam no banco. Demônios, parecia enorme nesse reservado, vestido com uma camiseta Affliction e uma jaqueta de couro negra que era meio motoqueiro meio colete anti-balas.

Havia armas debaixo dela. Pistolas. Facas.

Como as coisas tinham mudado. A primeira vez que tinha aparecido por ali, era do tamanho de um tamborete do bar, apenas com músculos suficientes para partir um palito para mexer coquetéis. Mas esse já não era o caso.

Enquanto ela saudava com a cabeça ao segurança e subia os três degraus, John Matthew elevou o olhar de sua Corona¹⁰. Inclusive através da penumbra, seus profundos olhos azuis brilharam quando a viu, cintilando como um par de safiras.

Cara, não poderia provocá-lo, o filho da puta acabava de passar sua transição. O rei era seu whard. Vivia com a Irmandade. E era um maldito mudo.

Cristo. E ela tinha acreditado que Murhder tinha sido uma má idéia? Qualquer um acreditaria que tinha aprendido a lição fazia duas décadas com esse Irmão. Mas nãããããooooo...

A questão era, que enquanto olhava ao pirralho, tudo o que podia ver era a ele estendido nu sobre uma cama, com seu grosso pênis na mão e a palma baixando e subindo... Até que seu nome escapava desses lábios em um gemido surdo e gozava sobre seu firme abdômen definido.

O trágico era que o que via não era uma fantasia. Esses exercícios pneumáticos de punho realmente tinham ocorrido. Com freqüência. E como sabia? Porque, como uma imbecil, tinha lido a mente dele e captado o Memorex¹¹, em uma versão tão boa como se fosse ao vivo e a cores.

Cansada até a indigestão de si mesma, Xhex se enfiou mais profundamente na seção VIP, permanecendo separada dele, e dirigindo-se a comprovar como estava a chefe das garotas. Marie-Terese era uma morena com pernas magníficas e aspecto de cara. Era um de seus melhores ativos, e uma excelente profissional e conseqüentemente exatamente a classe de PRAC que queria: nunca caía em tolices maliciosas, sempre chegava na hora a seus turnos, e nunca trazia o que quer que fosse mal em sua vida pessoal ao trabalho. Era uma boa mulher com um trabalho horrível, fazendo dinheiro à mãos cheias por uma boa razão.

— Como vão? — perguntou Xhex — Necessita algo de mim ou meus meninos?

Marie-Terese percorreu com o olhar às outras garotas, suas maçãs do rosto altas captando a tênue luz, fazendo-a parecer não só sexualmente atraente, a não ser categoricamente formosa.

— Vamos bem por enquanto. Neste momento há duas na parte de trás. Tão ocupadas como é habitual, exceto pelo fato de que nossa garota não está aqui.

Xhex juntou as sobancelhas bruscamente.

— Chrissy outra vez?

¹⁰ Nota da Revisora: marca de cerveja.

¹¹ Nota da Revisora: uma expressão como se tivesse lido seu HD.

Marie-Terese inclinou a cabeça agitando seu comprido, negro e precioso cabelo.

— Terá que fazer algo com esse cavalheiro que a reclama.

— Já fez algo, mas não o suficiente. E se esse é um cavalheiro, eu sou a safada Estée Lauder. — Xhex apertou ambos os punhos — Esse filho da puta...

— Chefe?

Xhex olhou sobre seu ombro. Além da montanha de segurança que estava tentando atrair sua atenção, captou outra visão de John Matthew. Que ainda a olhava fixamente.

— Chefe?

Xhex se concentrou.

— O que?

— Há um policial aqui que quer te ver.

Não afastou os olhos do segurança.

— Marie-Terese, diga às garotas que descansem dez minutos.

— Feito.

A puta se moveu rápido enquanto aparentava que só passeava sobre seus saltos altos, indo de uma garota a outra e lhes aplaudindo o ombro esquerdo, para depois ir bater uma vez em cada uma das portas dos banheiros privados que havia pelo escuro corredor da direita.

Quando o lugar ficou vazio de prostitutas, Xhex disse:

— Quem e por quê?

— Detetive de homicídios. — o guarda lhe ofereceu um cartão — Disse que seu nome era José da Cruz.

Xhex pegou o cartão e soube exatamente por que tinha vindo o homem. E por que Chrissy não.

— Faça-o esperar em meu escritório. Estarei ali em dois minutos.

— Entendido.

Xhex levou seu relógio de pulso aos lábios.

— Trez? iAm? Temos movimento na casa. Diga aos corredores de apostas que esfriem e ao Rally que detenha o caixa.

Quando chegou a confirmação a seu fone, comprovou outra vez se todas as garotas tinham abandonado o andar; depois se dirigiu de volta à parte pública do clube.

Enquanto abandonava a seção VIP, pôde sentir os olhos de John Matthew nela e tentou não pensar no que tinha feito fazia dois amanhecer, ao chegar a sua casa... E o que provavelmente voltaria a fazer quando estivesse sozinha ao final da noite.

John Matthew sacana. Desde que tinha se colocado em seu cérebro e tinha visto o que fazia a si mesmo cada vez que pensava nela... Ela tinha estado fazendo o mesmo.

Sacana. John Matthew.

Como se ela necessitasse desta merda.

Agora, enquanto atravessava o rebanho humano, foi rude, e não lhe importou

empurrar um casal de bailarinos com força. Quase esperava que alguém se queixasse para poder derrubá-lo sobre o traseiro.

Seu escritório estava na parte de atrás da sobreloja, tão longe como era possível de onde tinha lugar o sexo contratado e do espaço privado de Rehvenge onde se levavam a cabo os entendimentos e as surras. Como chefe de segurança, ela era a interface primária com a polícia, e não havia razão alguma para levar os uniformes azuis mais perto da ação do que deveriam estar.

Limpar as mentes dos humanos era uma ferramenta útil, mas tinha suas complicações.

Sua porta estava aberta e avaliou o detetive de costas. Não era muito alto, mas aprovava sua constituição bem fornida. Sua jaqueta esporte era do Men's Wearhouse, seus sapatos, Florsheim. O relógio que aparecia por debaixo de sua manga era Seiko.

Quando se voltou para olhá-la, seus olhos escuros eram ardilosos como os do Sherlock. Pode ser que não estivesse ganhando um montão de dinheiro, mas não era tolo.

— Detetive. — Ihe disse, fechando a porta e passando junto a ele para tomar seu lugar atrás da mesa.

Seu escritório estava virtualmente vazio. Não havia fotos. Nem plantas. Nem sequer um telefone ou um computador. Os arquivos que estavam nas prateleiras de três ferrolhos a prova de fogo eram relativos à parte legítima do negócio, e o cesto de papéis era um triturador de papel.

O que significava que o Detetive da Cruz não tinha averiguado absolutamente nada durante os cento e vinte segundos que tinha passado sozinho no cômodo.

Da Cruz tirou sua credencial e a mostrou.

— Estou aqui por causa de uma de suas empregadas.

Xhex fingiu inclinar-se e estudar a credencial, mas não precisava. Seu lado *sympath* lhe dizia tudo o que precisava saber. As emoções do detetive continham a mescla adequada de suspicácia, preocupação, resolução e encher o saco. Levava seu trabalho a sério, e estava aqui por negócios.

— Que empregada? — perguntou.

— Chrissy Andrews.

Xhex se recostou para trás em sua cadeira.

— Quando foi assassinada?

— Como sabe que está morta?

— Não brinque comigo, Detetive. Por qual outra razão alguém da Homicídios ia perguntar por ela?

— Sinto muito, estou em modo interrogatório. — deslizou sua credencial de volta no bolso interior do peito e se sentou de frente a ela na cadeira de respaldo duro — O inquilino de baixo de seu apartamento despertou com uma mancha de sangue no teto e chamou à polícia. Ninguém no edifício de apartamentos admitiu conhecer a Senhora

Andrews, e não tinha nenhum parente próximo a que possamos localizar. Não obstante, enquanto revistávamos sua casa, encontramos declarações de impostos deste clube como empregador dela. Para abreviar, necessitamos que alguém identifique o corpo...

Xhex se levantou, com a palavra filho da puta rondando por seu crânio.

— Eu o farei. Deixe-me organizar a meus homens para poder sair.

Da Cruz piscou, como se estivesse surpreso de que fosse tão rápida.

— Você... Ah, quer que a leve ao necrotério?

— St. Francis?

— Sim.

— Conheço o caminho. Encontrarei-me ali com você em vinte minutos.

Da Cruz ficou em pé lentamente, com os olhos fixos em seu rosto, como se estivesse procurando sinais de nervosismo.

— Suponho que isso é um transtorno.

— Não se preocupe, Detetive. Não vou desmaiar à vista de um cadáver.

Ele a olhou de cima a abaixo.

— Sabe... De certo modo isso não me preocupa.

Capítulo 4

Quando o carro de Rehvenge estava dentro dos limites da cidade de Caldwell, desejou como o inferno ir diretamente ao ZeroSum. Entretanto, era mais esperto que isso. Tinha problemas.

Desde que tinha deixado o refúgio de Montrag em Connecticut, já tinha estacionado seu Bentley a um lado da estrada duas vezes para injetar-se dopamina. De todas as formas, sua droga milagrosa voltava a falhar. Se tivesse mais dessa merda no carro, teria se disparado outra injeção, mas já tinha acabado.

A ironia de um camelo¹² tendo que ir a outro camelo rapidamente não tinha desperdício, e era uma maldita vergonha que não houvesse mais demanda de neurotransmissores no mercado negro. Tal como a coisa estava, o único fornecimento de Rehv era através de meios legítimos, mas ia ter que arrumar isso. Se era o bastante esperto para subministrar X, coca, erva, meta, OxyC, e heroína através de seus dois clubes, certamente poderia averiguar como demônios conseguir suas próprias ampolas de dopamina.

— Ah, vamos, move o rabo. É só uma maldita rampa de saída. Você com certeza já viu uma antes.

¹² Nota da Revisora: traficante.

Fazia um bom tempo na auto-estrada, mas agora que estava na cidade, o tráfego atrasava seu progresso, e não só por causa do congestionamento. Com sua falta de percepção de profundidade, julgar distâncias entre pára-choques era problemático, assim tinha que ir com muito mais cuidado do que gostava.

E, além disso, tinha este fodido idiota com seu calhambeque de mil e duzentos anos e seus exagerados hábitos de freadas.

— Não... Não... Por tudo quanto for sagrado não troque de pista. Já de onde está nem sequer pode ver por seu retrovisor...

Rehv pisou nos freios porque Senhor Tímido realmente estava pensando que seu lugar estava na via rápida e parecia pensar que a forma de conseguir entrar nela requeria parar por completo.

Normalmente, Rehv adorava dirigir. Inclusive preferia dirigir a desmaterializar-se porque estando medicado, era o único momento no que se sentia como se fosse ele mesmo: rápido, ágil e poderoso. Conduzia um Bentley não só porque era chique e pudesse permitir-se um, mas sim pelos seiscentos cavalos que tinha sob o capô. Estar intumescido e confiar em uma bengala para manter o equilíbrio o faziam sentir-se como um macho velho e aleijado a maior parte do tempo, e era bom ser... Normal.

É obvio, a questão de não-sentir tinha seus benefícios. Por exemplo, quando golpeasse a testa contra o volante em outro par de minutos, só ia ver as estrelas. A dor de cabeça? Não representava um problema.

A clínica encoberta da raça vampiro estava quinze minutos depois da ponte que justamente estava subindo, e as instalações não eram suficientes para as necessidades de seus pacientes, sendo pouco mais que um refúgio convertido em hospital de campo. Ainda assim a alternativa Ave Maria era tudo o que a raça tinha no momento, um jogador substituto posto em jogo porque a perna do quarteback¹³ se partiu no meio.

Depois das incursões acontecidas durante o verão, Wrath estava trabalhando com o médico da raça para conseguir um novo estabelecimento permanente, mas como tudo, isso levava seu tempo. Com tantos lugares saqueados pela Sociedade Lessening, ninguém pensava que fosse boa idéia utilizar imóveis que já fossem propriedade da raça, porque só Deus sabia quantas localizações mais tinham sido infiltradas. O rei estava procurando outro lugar para comprar, mas tinha que estar isolado...

Rehv pensou em Montrag.

A guerra realmente tinha ficado circunscrita ao assassinato de Wrath?

A retórica, iniciada pelo lado vampiro dado por sua mãe, ondeou através de sua mente, mas não provocou nenhuma emoção absolutamente. O cálculo alagava seus pensamentos. O cálculo sem as travas da moralidade. A conclusão que tinha alcançado quando tinha deixado a casa de Montrag não vacilou, sua resolução só se fez mais forte.

¹³ Nota da Revisora: zagueiro do futebol americano.

— Obrigado, queridíssima Virgem Escriba. — resmungou quando o calhambeque deslizou fora de seu caminho e sua saída lhe apresentou como um presente, o sinal verde incandescente tinha uma etiqueta com seu nome.

Verde...?

Rehv olhou a seu redor. A pátina vermelha tinha começado a reduzir-se em sua visão, mas as outras cores do mundo reapareciam através da névoa bidimensional, e tomou um profundo fôlego de alívio. Não queria ir drogado à clínica.

Como se tivesse previsto, começou a sentir frio, apesar de que sem dúvida o Bentley estava a uns balsâmicos setenta graus, estendeu o braço para frente e girou o controle do calor. Os calafrios eram outro bom, embora inconveniente, sinal de que a medicação começava a surtir efeito.

Durante toda sua vida, viu-se obrigado a manter em segredo o que era. Os proscritos como ele tinham duas escolhas: se fazer passar por normais ou ser enviados para fora do estado, à colônia, deportados da sociedade como o lixo tóxico que eram. Que fosse mestiço não importava. Se tivesse um pouco de *sympath* em você, era considerado um deles, e com toda razão. A questão com os *sympath* era que adoravam muito a maldade em si mesmo para poder confiar neles.

Foda, sua sina foi fixada esta noite. Olhe o que estava disposto a fazer. Uma conversa e ia apertar o gatilho... Nem sequer porque tivesse que fazê-lo, só porque desejava. Necessitava-o, dizendo bem. Os jogos de poder eram oxigênio para seu lado malvado, eram inegáveis e substanciosos por sua uma vez. E os motivos atrás de sua escolha eram tipicamente *sympath*: serviam a ele e a ninguém mais, nem sequer ao rei com quem tinha uma espécie de amizade.

Essa era a razão pela qual, que se um vampiro comum sabia de um proscrito que andasse rondando entre a população geral, a lei opinava que tinha que dar parte do indivíduo, para sua deportação ou enfrentar cargos criminais: regular o paradeiro dos sociopatas e mantê-los afastados dos cidadãos morais e respeitosos da lei era um saudável instinto de sobrevivência em qualquer sociedade.

Vinte minutos mais tarde, Rehv estacionou ante uma grade de ferro que definitivamente estava manufaturada para fazer prevalecer sua função por cima de seu aspecto. A coisa não tinha nenhuma graça absolutamente, não eram mais que sólidas varas fixadas e soldadas entre si coroadas na parte superior com uma bobina de arame farpado. À esquerda havia um intercomunicador, e quando baixou o vidro para apertar o botão de chamada, as câmeras de segurança enfocaram a placa de seu carro, o pára-brisa dianteiro e a porta do condutor.

Assim não lhe surpreendeu o tom tenso da voz feminina que respondeu.

— Senhor... Não tinha conhecimento de que tivesse uma consulta.

— Não tenho.

Pausa.

— Como paciente ambulatorial que não necessita urgência, o tempo de espera poderia ser bastante longo. Talvez prefira programar uma consulta...

Fulminou com o olhar o visor da câmera mais próxima.

— Deixe-me entrar. Agora. Tenho que ver o Havers. E é uma emergência.

Tinha que voltar para o clube e marcar presença. As quatro horas que já tinha perdido essa noite eram toda uma vida quando se tratava de administrar lugares como o ZeroSum e o Iron Mask. A merda não só ocorria em lugares como esses, eram nosso pão de cada dia, e em seu braço tinha tatuado Eu Digo Que Vou A Missa nos nódulos.

Depois de um momento, essas feias grades, sólidas como rochas se abriram, e não perdeu tempo no caminho de acesso de um quilômetro de comprimento.

Quando virou na última curva, a casa que apareceu diante dele não merecia o tipo de segurança que tinha, ao menos não a primeira vista. A estrutura de dois andares era apenas colonial, e estava totalmente nua. Sem alpendres. Sem portinhas. Sem chaminés. Sem plantas.

Comparada com a velha casa e clínica do Havers ficava como um pobre abrigo de ferramentas no jardim.

Estacionou em frente da fileira de garagens independentes onde se guardavam as ambulâncias e saiu. O fato de que a fria noite de dezembro lhe fizesse estremecer foi outro bom sinal, e estendeu o braço para o assento traseiro do Bentley para tirar sua bengala e um de seus sobretudos de Zibelina. Junto com o intumescimento, a desvantagem de sua máscara química era uma queda na temperatura interna que convertia suas veias em espirais de ar condicionado. Viver noite e dia com um corpo que não podia sentir nem esquentar não era uma festa, mas tampouco é que tivesse escolha.

Talvez se sua mãe e sua irmã não tivessem sido normais, poderia ter cedido ao Darth Vader e abraçado o lado escuro, vivendo seus dias fodendo com as mentes de seus camaradas e fazer dano. Mas tinha posto a si mesmo em situação de ser o cabeça de seu grupo familiar, e isso lhe mantinha nesta situação que não estava nem aqui nem ali.

Rehv caminhou ao longo da casa colonial, fechando o sobretudo mais firmemente sobre a garganta. Quando chegou à altura da porta de aspecto insignificante, apertou o botão que estava embutido na lateral de alumínio e olhou o olho eletrônico. Um momento mais tarde, uma fechadura de ar se abriu com um chiado, e entrou em uma sala branca do tamanho de um armário embutido. Depois de olhar fixamente de cara à câmara, abriu-se outro ferrolho, um painel oculto retrocedeu, e desceu um lance de escadas. Outra comprovação. Outra porta. E então enfim dentro.

A área de recepção era como a espera para pacientes e familiares de qualquer clínica, com filas de cadeiras e revistas sobre mesinhas, uma TV e algumas plantas. Era menor que a da antiga clínica, mas estava limpa e bem ordenada. As duas fêmeas sentadas ficaram tensas e lhe olharam.

— Por aqui, senhor.

Rehv sorriu à enfermeira que saiu detrás do escritório de recepção. Para ele, uma “longa espera” era sempre uma espera em uma sala de exame. Às enfermeiras não gostavam que pusesse nervosa às pessoas que estavam naquelas filas de cadeiras, e a estas tampouco gostava de tê-lo por perto.

Parecia bem a ele. Não era do tipo sociável.

A sala de exame a que foi conduzido estava localizada no lado de não-emergência da clínica e era uma em que já tinha estado antes. Tinha estado em todas elas antes.

— O doutor está em cirurgia e o resto do pessoal está com outros pacientes, mas farei que uma colega venha tomar seus sinais vitais assim que possa.

A enfermeira lhe deixou como se alguém tivesse tido uma parada cardíaca corredor abaixo e ela fosse a única com pás desfibriladoras.

Rehv subiu à maca, permanecendo com o casaco e com a bengala na palma da mão. Para passar o tempo, fechou os olhos e deixou que as emoções do lugar gotejassem nele como uma vista panorâmica: as paredes do porão se dissolveram, e os ralos emocionais de cada indivíduo emergiram na escuridão, uma multidão de diferentes vulnerabilidades, ansiedades e debilidades foram expostas a seu lado *sympath*.

Ele tinha o controle remoto para todas elas, sabendo instintivamente que botões pulsar na enfermeira fêmea que estava na sala do lado e a quem lhe preocupava que seu *hellren* já não se sentisse atraído por ela... Mas que de todas as formas tinha comido muito na Primeira Comida. E no macho que estava tratando por que tinha caído pelas escadas cortando o braço... Porque tinha estado bebendo. E o farmacêutico do outro lado do corredor que até a pouco estava roubando Xanax para seu uso pessoal... Até que tinha descoberto que as câmeras ocultas que havia no lugar o estavam enfocando.

A autodestruição em outros era o reality show favorito de um *sympath*, e era especialmente bom quando você era o produtor. E apesar de que sua visão tinha voltado para a “normalidade” e seu corpo estava intumescido e frio, o que era em seu interior estava somente reprimido, mas não esgotado.

Para toda classe de funções que podia preparar, havia uma fonte interminável de inspiração e financiamento.

—Merda.

Enquanto Butch estacionava o Escalade em frente às garagens da clínica, a boca de Wrath seguiu exercitando-se no terreno das maldições. Ante os faróis do SUV, Vishous ficou iluminado como se fosse uma garota de calendário, todo estendido sobre o capô de um Bentley muito familiar.

Wrath soltou seu cinto de segurança e abriu a porta.

— Surpresa, surpresa, meu senhor. — disse V enquanto se endireitava e dava uns golpes no capô do sedã — Deve ter sido uma reunião muito curta no centro da cidade com

nosso amigo Rehvenge, né? A menos que esse cara tenha descoberto como estar em dois lugares ao mesmo tempo Em todo caso, tenho que conhecer seu segredo, não?

Filho. Da. Puta.

Wrath saiu do SUV e decidiu que o melhor curso de ação era ignorar o Irmão. Outras opções incluíam tentar debater até encontrar uma saída para a mentira dita, o que não era uma boa idéia porque de todos os defeitos de V, nenhum era no terreno intelectual; ou a outra alternativa; instigar uma briga a murros, o que seria só uma distração temporária e esbanjaria tempo quando ambos tinham que reparar a seu Humpty Dumpty¹⁴.

Rodeando o carro, Wrath abriu a porta traseira do Escalade.

— Cure o seu menino. Eu me encarrego do corpo.

Quando carregou o peso sem vida do civil e se girou, V olhou fixamente o rosto que tinha sido golpeado até ficar irreconhecível.

— Maldita seja. — ofegou V.

Nesse momento, Butch saiu cambaleando-se detrás do volante, feito uma merda. Enquanto o aroma de talco para bebês flutuava sobre eles, Ihe afrouxaram os joelhos e logo que pôde agarrou a porta em busca de apoio.

Vishous se aproximou como um raio e tomou ao polícia em seus braços, Ihe segurando firmemente.

— Merda, homem, como está?

— Preparado... Para tudo. — Butch se pendurou em seu melhor amigo — Só preciso estar sob o abajur de calor um momento.

— Cure-o. — disse Wrath enquanto começava a caminhar para a clínica — Eu vou entrar.

Enquanto se afastava, as portas do Escalade se fecharam uma depois da outra, e depois houve um brilho como se as nuvens houvessem se separado deixando ver à lua. Sabia o que esses dois estavam fazendo no interior do SUV, porque tinha visto a rotina uma ou duas vezes: abraçavam um ao outro e a luz branca da mão de V banhava a ambos, o mal que Butch tinha inalado se filtrava no V.

Graças a Deus que havia uma forma de limpar essa merda do polícia. E ser um curador também era bom para o V.

Wrath chegou à primeira porta da clínica e simplesmente olhou à câmera de segurança. Abriram-Ihe imediatamente, e imediatamente a fechadura de ar comprimido se soltou e o painel oculto para as escadas se abriu. Não demorou nada em descer à clínica.

Ao rei da raça com um macho morto nos braços não retinham nem um nano segundo.

Deteve-se no patamar enquanto se abria a última fechadura. Olhando à câmera, disse:

¹⁴ Nota da Revisora: brincado famoso nos EUA.

— Antes de mais nada, tragam uma maca e um lençol.

— Estamos fazendo isso agora mesmo, meu senhor. — disse uma voz diminuta.

Não mais de um segundo depois, duas enfermeiras abriram a porta, alguém estava convertendo um lençol em uma cortina para guardar a privacidade enquanto a outra empurrava uma maca até o pé das escadas. Com braços fortes e gentis, Wrath pousou ao civil tão cuidadosamente como se o homem estivesse vivo e cada osso de seu corpo fraturado; então a enfermeira que tinha dirigido a maca tomou outro lençol que vinha dobrado com forma de quadrado e o agitou para desdobrá-lo. Wrath a deteve antes que cobrisse o corpo.

— Eu o farei. — disse, tomando o lençol.

Ela o entregou com uma reverência.

Pronunciando as palavras sagradas na Antiga Língua, Wrath converteu a humilde capa de algodão em um apropriado sudário mortuário. Depois de ter rezado pela alma do homem e lhe desejar uma viagem livre e fácil ao Fade, ele e as enfermeiras guardaram um momento de silêncio antes que o corpo fosse coberto.

— Não temos identificação. — disse Wrath suspirando enquanto alisava a borda do lençol — Alguma de vocês reconhece sua roupa? O relógio? Algo?

Ambas as enfermeiras sacudiram as cabeças, e uma murmurou:

— Poremos no necrotério e esperaremos. É tudo o que podemos fazer. Sua família virá procurar por ele.

Wrath retrocedeu e observou como levavam o corpo na maca. Por nenhuma razão em particular, notou que a roda dianteira direita rebojava ao avançar, como se fosse nova no trabalho e lhe preocupasse sua atuação... Embora não fosse por isso que se fixou nela, mas sim pelo suave assobio de sua má calibrada.

Não encaixava bem. Não agüentava bem sua carga.

Wrath se sentiu identificado com ela.

Esta chatíssima guerra com a Sociedade Lessening já durava muito, e inclusive com todo o poder que ele tinha e toda a resolução que sentia em seu coração, sua raça não estava ganhando: agüentar firmemente contra o inimigo era simplesmente uma forma de perder por pontos, porque inocentes seguiam morrendo.

Girou para as escadas e cheirou o medo e respeito das duas fêmeas sentadas nas cadeiras de plástico da área de espera. Com um frenético arrastar de pés, ficaram em pé e se inclinaram ante ele, a deferência ressonou em suas vísceras como uma patada nas partes baixas. Aqui estava ele entregando a mais recente, mas nem de longe a última, vítima casual na luta, e estas duas ainda lhe apresentavam seus respeitos.

Devolveu-lhes a inclinação, mas não pôde pronunciar nenhuma palavra. O único vocabulário que tinha nesse momento estava cheio do melhor do George Carlin, e tudo isso dirigido contra si mesmo.

A enfermeira que tinha cumprido com seu dever de escudo terminou de dobrar o lençol que tinha utilizado.

— Meu senhor, talvez tenha um momento para ver o Havers. Deverá sair de cirurgia em uns quinze minutos. Parece que você está ferido.

— Tenho que voltar para... — deteve-se antes que lhe escapassem as palavras “campo de batalha” — Tenho que ir. Por favor, me façam saber o que averiguarem da família desse macho, ok? Quero conhecê-los.

Ela fez uma reverência e esperou, porque tinha intenção de beijar o enorme diamante negro que descansava no dedo anelar da mão direita de Wrath.

Wrath fechou com força seus débeis olhos e estendeu aquilo que ela estava procurando para render comemoração.

Sentiu os dedos da mulher, frescos e ligeiros sobre sua pele, seu fôlego e seus lábios foram o mais ligeiro roce. E ainda assim sentiu como se lhe açoitassem.

Enquanto se endireitava, disse-lhe com reverência:

— Que tudo corra esta noite, meu senhor

— Para você em suas horas também, leal súdita.

Deu a volta e subiu trotando as escadas, necessitando mais oxigênio do que havia na clínica. Justo quando chegava à última porta, tropeçou com uma enfermeira que estava entrando tão rápido como ele ia saindo. O impacto arrancou a bolsa negra do ombro da mulher e só teve tempo de apanhá-la antes que caísse ao chão junto com esta.

— Oh, caralho. — ladrou, deixando cair de joelhos para lhe recolher as coisas — Sinto.

— Meu senhor! — ela fez uma profunda reverência e logo obviamente se precaveu de que estava recolhendo as coisas — Não deve fazer isso. Por favor, me deixe...

— Não, foi minha culpa.

Colocou bruscamente o que parecia ser uma saia e um suéter de volta no interior da bolsa e depois quase lhe parte a cabeça ao levantar-se repentinamente.

Voltou a agarrá-la pelo braço.

— Merda, sinto muito. Outra vez...

— Estou bem... De verdade.

A bolsa trocou de mãos em uma precipitada confusão, passando de alguém que tinha pressa a alguém que estava sobressaltado.

— Pegou? — perguntou ele, preparado para começar a suplicar à Virgem Escriba que lhe deixasse sair.

— Ah, sim, mas... — seu tom mudou de reverente a clínico — Está sangrando, meu senhor.

Ele ignorou o comentário e a soltou. Aliviado ao ver que se mantinha em pé por si mesma, desejou-lhe boa noite e que fosse bem na Antiga Língua.

— Meu senhor, deveria ver...

— Lamento tê-la derrubado. — gritou por cima de seu ombro.

Abriu de um golpe a última porta e se dobrou enquanto o ar fresco lhe alagava. As profundas inspirações lhe esclareceram cabeça, e permitiu a si mesmo apoiar-se contra o revestimento de alumínio da clínica.

Quando a dor de cabeça começou a instalar-se atrás de seus olhos novamente, subiu os óculos escuros e esfregou o osso do nariz. Bem. Próxima parada... O endereço falso do *lessor*.

Tinha uma jarra para recolher.

Deixando cair os óculos de volta ao seu lugar, endireitou-se e...

— Não tão rápido, meu senhor. — disse V, materializando-se de repente diante dele — Você e eu temos que conversar.

Wrath despiu as presas.

— Não estou de humor para conversas, V.

— Genial. Merda.

Capítulo 5

Ehlén observou o rei da raça se afastar e quase partir a porta em duas ao sair.

Cara, o vampiro era grande e tinha um aspecto temível. E ser virtualmente enrolada por ele pôs a cereja final de esgotamento sobre o bolo do drama.

Alisando o cabelo e pendurando a bolsa em seu lugar, começou a descer pela escada depois de passar o ponto de controle interno. Só estava chegando uma hora atrasada para trabalhar porque — milagre dos milagres — a enfermeira de seu pai estava livre e conseguiu ir cedo. Agradecia à Virgem Escriba por Lusie.

No que se referia a ataques fortes, o de seu pai não tinha sido tão terrível como poderia ter sido, e tinha a sensação de que devia isso ao fato de que acabara de tomar os medicamentos logo antes que lhe golpeasse o ataque. Antes das pílulas, a pior de suas crises tinha durado toda a noite, assim em certo sentido, esta noite tinha sido um sinal de progresso.

Entretanto, isso não evitava que lhe rompesse o maldito coração.

Enquanto se aproximava da última câmara, Ehlén sentiu que o peso de sua bolsa se incrementava. Tinha estado pronta para cancelar seu encontro e deixar a muda de roupa em casa, mas Lusie a tinha convencido do contrário. A pergunta que a outra enfermeira tinha feito lhe tinha tocado fundo:

— Quando foi a última vez que saiu desta casa para outra coisa que não fosse trabalho?

Ehlena não tinha respondido por que era reservada por natureza... E porque ficou em branco, sem resposta.

O que era um ponto a favor de Lusie, não? Os enfermeiros tinham que ocupar-se de si mesmos, e isso implicava ter uma vida além de qualquer enfermidade que lhes tivesse obrigado a desempenhar-se como profissionais. Deus sabia que Ehlena falava disto com os membros da família de seus pacientes com enfermidades crônicas o tempo todo, e o conselho era tão sensato como prático.

Ao menos quando se tratava dos outros. Dizendo a si mesma, sentia-se egoísta.

Assim... Estava enrolando em relação ao encontro. Com seu turno terminando perto da alvorada, não teria tempo para ir para sua casa a verificar seu pai primeiro. Tal como as coisas estavam, ela e o macho que a tinha convidado para sair teriam sorte se conseguissem ter sequer uma hora de bate-papo no restaurante que permanecia aberto toda a noite antes que a intrometida luz do sol pusesse fim ao assunto.

E apesar de tudo, tinha estado ansiosa para sair, ao ponto do desespero, o que a fazia sentir-se tremendamente culpada.

Deus... Isso era típico. A consciência impulsionando-a em uma direção, a solidão em outra.

Na área de recepção, foi diretamente para a supervisora de enfermaria, que estava em frente à mesa do computador.

— Sinto muito, eu...

Catya fez uma pausa no que estava fazendo e estendeu uma mão.

— Como vai?

Por uma fração de segundo, Ehlena só pôde piscar. Odiava que todo mundo no trabalho estivesse informado dos problemas de seu pai e que alguns inclusive o tivessem visto em seu pior momento.

Embora a enfermidade o tivesse despojado de seu orgulho, ela ainda tinha algum em seu nome.

Deu uma rápida palmada na mão de sua chefe e ficou fora de seu alcance.

— Obrigado por perguntar. Agora está calmo e sua enfermeira está com ele. Por sorte, eu acabava de lhe dar sua medicação.

— Precisa de um minuto?

— Não. Como estamos?

O sorriso de Catya parecia mais uma careta que um sorriso, como se estivesse mordendo a língua. Outra vez.

— Não tem que ser forte assim.

— Sim. Tenho que ser. — Ehlena olhou a seu redor e guardou um estremecimento para si. Mais integrantes do pessoal se aproximavam dela pelo corredor, um destacamento de dez pessoas caminhando lado a lado levando uma enorme quantidade de preocupada determinação — Onde precisa de mim?

Tinha que evitar... Não teve sorte.

No momento todas as enfermeiras, exceto as da Sala de Operações que estavam ocupadas com o Havers, tinham formado um círculo ao redor dela, e Ehlena fechou a garganta quando seus colegas soltaram um coro de “Como está?”. Deus, sentia tanta claustrofobia como uma fêmea grávida presa em um elevador sufocante.

— Estou bem, obrigada a todas...

A última integrante do pessoal se aproximou. Depois de expressar sua compaixão, a fêmea sacudiu a cabeça.

— Não é minha intenção falar de trabalho...

— Por favor, faça-o. — resmungou Ehlena.

A enfermeira sorriu com respeito, como se estivesse impressionada pela fortaleza de Ehlena.

— Bom... Ele retornou e está em uma das salas de exame. Pego a moeda?

Todo mundo gemeu. Havia só um *e/e* dentro da legião de pacientes machos que tratavam, e jogar a moeda era o que habitualmente fazia o pessoal para decidir quem devia ocupar-se dele. Era como um encontro às escuras levado a extremo.

Falando de um modo geral, todas as enfermeiras mantinham uma distância profissional com seus pacientes, porque ou o fazia, ou te consumia. Entretanto com ele, o pessoal permanecia afastado por outros motivos que não estavam relacionados com o trabalho. A maioria das fêmeas ficava nervosa em sua presença... Mesmo as mais fortes.

Ehlena? Nem tanto. Sim, o cara tinha um ar ao estilo político importante, com aqueles trajes negros de estilo diplomático, seu corte de cabelo moicano e seus olhos de ametista irradiando uma mensagem “não me irrite se quer continuar respirando”. E era certo, quando te encontrava presa em uma das salas de exame com ele, sentia-se impulsionada a manter o olho na saída se por acaso tinha que usá-la. E logo vinham aquelas tatuagens que tinha no peito... E o fato de que conservasse sua bengala com ele como se esta não só fosse uma ajuda para caminhar, mas também uma arma. E...

De acordo, então o cara também a punha nervosa.

Mas de todas as formas interrompeu uma discussão sobre quem conseguiu ter o ano 1977.

— Eu faço. Assim compensarei meu atraso.

— Tem certeza? — perguntou alguém — Eu tenho a impressão de que esta noite você já pagou suas dívidas.

— Só me deixe conseguir um pouco de café. Em que sala?

— Coloquei-o na três. — disse a enfermeira.

Entre ovações de “Essa é a minha garota”, Ehlena foi à sala de pessoal, pôs suas coisas em sua mesa, e se serviu de uma xícara de quente e fumegante café “levanta defunto”. O café era forte o bastante para ser considerado um estimulante e fez o seu trabalho maravilhosamente, apagando confusão a mental até deixá-la limpa.

Bom, em sua maior parte limpa.

Enquanto bebia pequenos goles, contemplou a fileira de armários cor nata, os pares de sapatos de rua colocados aqui e lá e os casacos de inverno que penduravam em ganchos. No refeitório, os funcionários tinham suas xícaras favoritas sobre o balcão e seus petiscos prediletos nas estantes, e sobre a mesa redonda havia uma travessa cheia de, o que era esta noite? Petiscos Skittles. Em cima da mesa havia um jornal de anúncios coberto com folhetos sobre eventos, cupons e estúpidas tiras de historietas cômicas e fotos de caras bonitos. A lista de escalas estava a seguir, a parede branca tinha um quadriculado desenhado que representava as próximas duas semanas e estava cheia com nomes escritos em diferentes cores.

Isto era o retrato de uma vida normal, nada disso parecia significativo até que se pensava em toda aquela gente que havia no planeta que não podia manter um emprego, nem desfrutar de uma existência independente nem podia permitir-se dedicar sua energia mental a pequenas distrações... Como, digamos, o fato de que o papel higiênico Cottonelle era cinquenta centavos mais barato se comprasse o pacote de doze rolos duplos.

Pensar em tudo isto, fez-lhe recordar, uma vez mais que, sair ao mundo real era um privilégio dado por questão de sorte, não um direito, e lhe chateava pensar em seu pai escondido naquela espantosa casinha, lutando com demônios que existiam só em sua mente.

Ele tinha tido uma vida uma vez, uma vida plena. Tinha sido um membro da aristocracia, tinha servido no conselho e tinha sido um erudito de renome. Teve uma *shellan* a que adorou, uma filha da que sempre tinha estado orgulhoso e uma mansão reconhecida por suas festas. Agora tudo o que tinha era alucinações que lhe torturavam, e embora estas fossem unicamente uma percepção, nunca uma realidade, as vozes não deixavam de ser um cárcere blindado só pelo fato de que ninguém mais pudesse ver as grades nem ouvir o guardião.

Enquanto Ehlena lavava sua xícara, não pôde evitar pensar na injustiça de tudo isso. O que estava bem, supôs. Apesar de tudo o que via em seu trabalho, não tinha se acostumado ao sofrimento, e rezava para não fazê-lo nunca.

Antes de deixar o vestiário, fez-se uma rápida revisão no espelho de corpo inteiro que havia ao lado da porta. Seu uniforme branco estava perfeitamente engomado e limpo como a gaze estéril. Suas meias não tinham fios puxados. Seus sapatos de sola de borracha estavam livres de manchas e de arranhões.

Seu cabelo estava tão bagunçado como ela se sentia.

Soltou-o com um rápido puxão, retorceu-o, e o prendeu com o elástico, logo se dirigiu para a sala de exame número três.

O histórico clínico do paciente estava no suporte de plástico transparente montado na parede junto à porta, e respirou fundo quando a tirou e abriu. A coisa era fina, considerando a frequência com que viam o macho, e não havia quase nenhuma informação

registrada na capa, só seu nome, um telefone móvel, e o nome de uma fêmea como familiar mais próximo.

Depois de bater na porta, entrou na sala demonstrando uma confiança que não sentia, com a cabeça alta, a coluna direita e sua inquietação camuflada por uma combinação de atitude e concentração profissional.

— Que tal está esta tarde? — disse, olhando o paciente diretamente nos olhos.

No instante em que seu penetrante olhar ametista enfrentou o seu, não poderia lhe haver dito nem a uma alma o que acabava de sair de sua boca ou se ele tinha respondido. Rehvenge, filho de Rempoon, sugou o pensamento diretamente de sua cabeça, tão certamente como se tivesse drenado o tanque do gerador de seu cérebro e a tivesse deixado sem nada com o que captar uma faísca intelectual solta.

E logo sorriu.

Este macho era uma cobra, era verdadeiramente... Hipnotizante porque era mortal e porque era formoso. Com esse moicano, seu rosto severo e elegante e seu grande corpo, ele era sexo, poder e imprevisibilidade todo envolto em... Bem, um traje negro de estilo diplomático que claramente tinha sido feito sob medida.

— Estou bem, obrigado. — respondeu, solucionando o mistério quanto ao que lhe tinha perguntado — E você?

Quando ela fez uma pausa, ele sorriu um pouco, sem dúvida porque era totalmente consciente de que nenhuma das enfermeiras gostava de compartilhar o mesmo espaço fechado com ele, e evidentemente desfrutava desse fato. Ao menos, assim foi como ela leu sua controlada e velada expressão.

— Perguntei-lhe como estava. — disse arrastando as palavras.

Ehlana pôs o prontuário clínico na escrivaninha e tirou o estetoscópio do bolso.

— Estou muito bem.

— Está certa disso?

— Certíssima. — girando-se para ele, disse — Só vou tirar sua pressão arterial e o ritmo cardíaco.

— E também a temperatura.

— Sim.

— Quer que abra a boca para você agora?

A pele de Ehlana se ruborizou, e disse que não era porque aquela voz profunda com a que tinha feito a pergunta parecesse tão sensual como uma preguiçosa carícia sobre um peito nu.

— Errr... Não.

— Pena.

— Por favor, tire a jaqueta.

— Que grande idéia. Retiro totalmente o “pena”.

Bom plano, pensou ela, pois se sentia propensa a lhe fazer engolir a palavra com o termômetro.

Os ombros de Rehvenge giraram quando fez o que lhe tinha pedido, e com um movimento informal da mão, jogou o que evidentemente era uma peça de arte de roupa de cavalheiro sobre o casaco de Zibelina que tinha dobrado cuidadosamente sobre uma cadeira. Era estranho: sem importar a estação que fosse, ele sempre usava uma daquelas peles.

Essas coisas custavam mais que a casa que Ehlena alugava.

Quando seus dedos longos foram para a abotoadura de diamantes que tinha no pulso direito, deteve-o.

— Poderia, por favor, subir o outro lado? — disse assinalando com a cabeça a parede que havia junto a ele — Há mais espaço para mim a sua esquerda.

Ele vacilou, logo foi subir a manga contrária. Elevando a seda negra por cima do cotovelo, sobre seus bíceps grossos, manteve seu braço girado para seu torso.

Ehlena tirou o esfignomanômetro¹⁵ de uma gaveta e começou a abri-lo enquanto se aproximava dele. Tocá-lo era sempre uma experiência, e esfregou a mão no quadril para preparar-se. Não ajudou. Como era habitual, quando entrou em contato com seu pulso, uma corrente lhe lambeu o braço subindo por ele até aterrisar em seu coração, fazendo que a maldita coisa pulsasse ao ritmo de James Brown até que a shimmy-shimmies^{16*} lhe obrigaram a tragar um ofego.

Rezando para que isto não lhe levasse muito tempo, moveu-lhe o braço situando-o em posição para lhe pôr o punho do esfignomanômetro e...

— Bom... Senhor.

As veias que subiam pela curva de seu cotovelo estavam dizimadas pelo uso excessivo, inchadas, arroxeadas, tão rasgadas como se tivesse estado usando pregos em vez de agulhas.

Seus olhos se dispararam aos dele.

— Deve estar muito dolorido.

Fez girar o pulso, liberando-se de seu agarre.

— Não. Não me incomoda.

Um cara duro. Como é que não lhe surpreendia?

— Certo, posso entender por que precisa ver o Havers.

Intencionalmente, estendeu a mão, voltou a lhe girar o braço e pressionou brandamente uma linha vermelha que subia por seus bíceps, dirigindo-se para seu coração.

¹⁵ Nota da Revisora: aparelho que mede a pressão.

¹⁶ Nota da Revisora: faz referência à canção de James Brown, Shout & Shimmy, gravada em 1962. Shimmy é um tipo de baile popular nos anos 20 que se caracterizava por um rápido meneio do corpo, sacudindo sobre tudo a parte dos ombros e os quadris. Por isso aqui poderíamos utilizá-lo como equivalente a sacudidas ou meneios de seu corpo.

— Há sinais de infecção.

— Estarei bem.

Tudo o que ela pôde fazer foi arquear as sobrancelhas.

— Alguma vez ouviu falar de sepsis?

— A banda de música alternativa? Claro, mas nunca me passou pela cabeça que você tivesse ouvido falar dela.

Fuzilou-o com o olhar.

— Sepsis como em uma infecção do sangue?

— Hmm, queira inclinar-se sobre a escrivaninha um pouco e me desenhar um quadro explicativo? — seus olhos vagaram, descendendo por suas pernas — Acredito que o encontraria... Muito educativo.

Se qualquer outro macho tivesse saído com esse tipo de linha, lhe teria esbofeteado até lhe fazer ver as estrelas. Infelizmente, quando era essa voz de barítono divina a que falava e esse olhar penetrante de ametista o que fazia o percurso, realmente não se sentia lascivamente manuseada.

Sentia-se acariciada por um amante.

Ehlana resistiu à urgência de um V8 em sua frente. Que demônios estava fazendo? Esta noite tinha um encontro. Com um agradável e razoável macho civil que não tinha sido outra coisa salvo agradável, razoável e muito civilizado.

— Não tenho que lhe desenhar um quadro explicativo. — disse assinalando seu braço com a cabeça — Pode ver por si mesmo aí. Se isso não se curar, vai ficar sistêmico.

E embora levasse roupas elegantes como o manequim sonhado por todo alfaiate, a fria capa cinza da morte não ficava bem.

Ele manteve seu braço contra seus fortes abdominais.

— Levarei em consideração.

Ehlana sacudiu a cabeça e recordou a si mesma que não podia salvar às pessoas de sua própria estupidez só porque tinha uma bata branca pendurando dos ombros e a palavra ENFERMEIRA ao final de seu nome. Além disso, Havers ia ver isso em toda sua glória quando lhe examinasse.

— Muito bem, mas vou tirar a leitura no outro braço. E vou ter que lhe pedir que tire a camisa. O doutor vai quer ver quão longe a infecção chegou.

A boca de Rehvenge se elevou formando um sorriso enquanto alcançava o botão superior de sua camisa.

— Continue assim e logo estarei nu.

Ehlana afastou rapidamente o olhar e desejou com todas as suas forças poder considerá-lo um asco. Certamente lhe viria bem uma injeção de justa indignação que lhe ajudasse a defender-se dele.

— Já sabe, não sou tímido. — disse com essa voz baixa tão sua — Pode olhar se quiser.

— Não, obrigado.

— Pena. — em um tom mais enigmático, acrescentou — Não me importaria que me olhasse.

Enquanto o som da seda movendo-se contra a carne se elevava da mesa de exame, Ehlena revisou desnecessariamente seu histórico médico, voltando a verificar dados que eram absolutamente corretos.

Era estranho. Pelo que as outras enfermeiras haviam dito, não se comportava com elas dessa maneira tão libertina. De fato, mal falava com suas colegas, e essa era parte da razão pela que ficavam tão ansiosas quando estavam com ele. Com um macho assim grande, o silêncio se interpretava como uma ameaça. Isso era um fato da vida. E isso antes que lhe acrescentasse a tatuagem e o moicano de caçador.

— Estou preparado. — disse.

Ehlena girou sobre si mesma e manteve os olhos fixos na parede junto à cabeça dele. Entretanto sua visão periférica funcionava verdadeiramente bem, e era difícil não sentir-se agradecida. O peito de Rehvenge era magnífico, a pele de uma quente cor morena dourada, com músculos que estavam definidos apesar de que seu corpo estivesse relaxado. Em cada um de seus peitorais tinha uma estrela vermelha de cinco pontas tatuada na parte superior, e sabia que tinha mais.

Em seu estômago.

Não é que o tivesse olhado.

Era certo, porque na realidade, ficou embevecida.

— Vai examinar-me o braço? — disse brandamente.

— Não, isso o doutor fará. — esperou que voltasse a dizer “Pena”.

— Acredito que já usei essa palavra suficientes vezes em sua companhia.

Então o olhou nos olhos. Era desse estranho tipo de vampiro que podia ler as mentes dos de sua própria espécie, mas de algum jeito não lhe surpreendeu que este macho formasse parte desse pequeno e estranho grupo.

— Não seja grosseiro. — lhe disse — E não quero que volte a fazer isso.

— Sinto muito.

Ehlena deslizou o punho do esfignomanômetro ao redor de seus bíceps, colocou o estetoscópio nos ouvidos, e tirou a pressão arterial. Entre os pequenos piff-piff-piff do globo ao inflar a manga para que estivesse ajustada, sentiu o fio nele, o tenso poder, e seu coração deu um salto. Estava particularmente incisivo esta noite, e se perguntou por que.

Salvo que isso não era assunto dela, ou era?

Quando liberou a válvula e o punho soltou um assobio comprido e lento de liberação, deu um passo atrás se afastando. Ele era simplesmente... Muito, por todos os lados. Especialmente nesse momento.

— Não tenha medo. — sussurrou.

— Não tenho.

- Tem certeza?
- Muita certeza. — mentiu.

Capítulo 6

Mentia, pensou Rehv. Definitivamente tinha medo dele. Falando de pena...

Esta era a enfermeira que Rehv esperava que lhe tocasse cada vez que ia ali. Era a que fazia com que suas visitas fossem parcialmente suportáveis. Esta era sua Ehlena.

Ok, não era nem um pouco sua. Sabia seu nome só porque estava escrito na placa azul e branca de sua bata. Via-o sozinha quando vinha a tratamento. E não gostava dele absolutamente.

Mas igualmente pensava nela como dele, e assim eram as coisas. A questão era, que tinham algo em comum, algo que transcendia os limites entre espécies e eclipsava as diferentes camadas sociais e os unia embora ela o teria negado.

Ela também estava sozinha, e da mesma forma em que ele estava.

Seu ralo emocional tinha o mesmo rastro que o dele, a que tinha Xhex, Trez e iAm: Seus sentimentos estavam rodeados pelo vazio de desconexão de alguém separado de sua tribo. Vivendo entre outros, mas essencialmente separado de tudo. Um ermitão, um pária, alguém que tinha sido expulso.

Não conhecia os motivos, mas estava fodidamente seguro de que a vida era assim para ela, e isso era o que tinha captado sua atenção primeiro quando a tinha conhecido. Seus olhos, sua voz e sua fragrância tinham sido o seguinte. Sua inteligência e boca rápida tinham selado o trato.

— Cento e sessenta e oito por noventa e cinco. É alta. — desabotoou o punho com um rápido puxão, sem dúvida desejando que fosse uma tira de sua pele — Acredito que seu corpo está tentando lutar contra a infecção de seu braço.

Oh, seu corpo estava lutando contra algo, com certeza, mas não tinha absolutamente nada a ver com o que fosse que se cozinhava na zona onde se injetava. Com seu lado *sympath* lutando contra a dopamina, a condição de impotência na qual normalmente se achava quando estava totalmente medicado ainda não se apresentara.

Resultado?

Seu pênis estava rígido como um taco de beisebol dentro das calças folgadas. O que, contra a opinião popular, na realidade não era um bom sinal... Especialmente esta noite. Depois dessa conversa com Montrag, sentia-se faminto, estimulado... Um pouco amalucado pelo ardor interior.

E Ehlena era simplesmente tão... Formosa.

Embora não como estava acostumado a ser suas garotas, não de uma forma tão óbvia, exagerada, injetada, implantada e escultural. Ehlena era naturalmente encantadora, tinha traços finos e delicados, o cabelo loiro dourado e umas pernas longas e esbeltas. Seus lábios eram rosados porque eram rosados... Não por uma capa de maquiagem brilhante e cristalizada com uma durabilidade de dezoito horas. E seus olhos cor caramelo eram luminescentes porque eram uma mescla de amarelo, vermelho e dourado... Não por um montão de camadas de sombra de olhos e rímel. E suas bochechas estavam ruborizadas porque ele lhe estava colocando sob a pele.

O que, embora pressentia que tinha sido uma noite dura para ela, não lhe importava absolutamente.

Mas esse é o *symphath* em ti, não? Pensou com ironia.

Curioso, a maior parte do tempo não lhe importava ser o que era. Sua vida como a tinha conhecido, sempre tinha sido uma miragem constante que alternava mentiras e enganos e isso era o que havia. Não obstante quando estava com ela, desejava ser normal.

— Vemos sua temperatura? — disse ela, indo procurar um termômetro eletrônico na mesa.

— Está mais alta do que o normal.

Seus olhos âmbar voaram para os dele.

— Por seu braço.

— Não, por seus olhos.

Ela piscou, depois pareceu sacudir a si mesma.

— Tenho sérias dúvidas a respeito disso.

— Então subestima seu atrativo.

Quando sacudiu a cabeça e colocou uma capinha plástica sobre a varinha prateada, ele pôde perceber o aroma fugaz de seu perfume.

Suas presas se alargaram.

— Abra. — levantou o termômetro e esperou — E bem?

Rehv olhou fixamente esses assombrosos olhos tricolores e deixou cair a mandíbula. Ela se inclinou, tão profissional como sempre, só para ficar congelada. Enquanto lhe estudava os caninos, em sua fragrância aflorou algo escuro e erótico.

O triunfo inflamou as veias de Rehv enquanto grunhia.

— Faça-me isso.

Passou um comprido momento, durante o qual os dois estiveram unidos por fios invisíveis de paixão e desejo. Depois a boca dela formou uma linha.

— Nunca, mas tomarei a temperatura, porque devo fazê-lo.

Embutiu-lhe o termômetro entre os lábios e ele teve que apertar os dentes para evitar que a coisa lhe cravasse uma das amídalas.

Entretanto, estava tudo bem. Embora não pudesse tê-la, excitava-a. E isso era mais do que se merecia.

Produziu-se um bip, um intervalo, e outro bip.

— Cento e quarenta e nove. — disse ela enquanto retrocedia e atirava a capinha de plástico ao cesto de lixo de risco biológico — Havers estará com você logo que seja possível.

A porta se fechou atrás dela com a dura bofetada silábica da palavra que começava com o F.

Homem, era ardente.

Rehv franziu o cenho, toda a questão da atração sexual lhe recordava algo em que não gostava de pensar.

Alguém, mas bem.

A ereção que tinha se desinflou instantaneamente quando se deu conta que era segunda-feira de noite. O que significava que amanhã era terça-feira. Primeira terça-feira do último mês do ano.

O *sympath* nele vibrou apesar de que cada centímetro de sua pele se esticou como se seus bolsos estivessem cheios de aranhas.

Amanhã de noite ele e sua chantagista teriam outra de seus encontros. Jesus, como era possível que tivesse passado outro mês? Parecia que cada vez que se dava a volta era a primeira terça-feira de novo e estivesse conduzindo para o norte do estado para essa cabana deixada pela mão de Deus para outra atuação obrigada.

O alcoviteiro convertido em puta.

Jogos de poder, extremos afiados e foder eram basicamente a moeda de troca nas reuniões com sua chantagista, e tinham sido as bases de sua vida “amorosa” durante os últimos vinte e cinco anos. Tudo isso era sujo e lhe ofendia, era malvado e degradante, e o fazia uma e outra vez para manter seu segredo a salvo.

E também porque seu lado escuro se liberava com isso. Era Amor, ao Estilo Symphath, o único momento em que podia ser como era sem conter-se absolutamente, um tanto de horrorosa liberdade. Depois de tudo, por muito que medicasse a si mesmo e tentasse encaixar, estava preso pelo legado de seu pai morto, pelo sangue malvado que corria por suas veias. Não podia negociar com seu DNA, e embora fosse mestiço, o proscrito nele era dominante.

Assim quando se tratava de uma mulher de valor como Ehlena, ele sempre ia estar no lado mais afastado do vidro, pressionando o nariz contra ele, com as palmas estendidas pelo desejo, sem jamais poder aproximar-se o suficiente para tocar. Era o mais justo para ela. Ao contrário que sua chantagista, ela não merecia o que ele tinha para oferecer.

Os princípios morais que ensinou a si mesmo indicavam que ao menos isso era certo.

Sim. Yu-hu. Bom pra ele.

Sua próxima tatuagem ia ser de um fodido halo sobre a cabeça.

Quando baixou o olhar ao desastre que se estendia por seu braço esquerdo, viu com total clareza que estava piorando. Não só era uma infecção bacteriana devido a que utilizava deliberadamente agulhas sem esterilizar sobre a pele que não tinha sido limpa

com álcool. Era um lento suicídio, e essa era a razão pela qual preferia que o condenassem antes que mostrar-lhe ao doutor. Sabia exatamente o que ocorreria se esse veneno se metia profundamente dentro de sua corrente sangüínea, e desejava que acontecesse logo e se apoderasse dele.

A porta se abriu e levantou o olhar, preparado para dançar o tango com o Havers... Exceto que não era o doutor. A enfermeira de Rehv havia retornado, e não parecia feliz.

De fato, parecia exausta, como se ele não fosse mais que uma moléstia a mais em sua lista e não tivesse energia para tratar com a merda que trazia quando estava com ela.

— Falei com o doutor. — lhe disse — Está na sala de cirurgia fechando, assim demorará um pouco. Pediu-me que lhe tirasse um pouco de sangue...

— Sinto. — balbuciou Rehv.

A mão de Ehlena foi até o pescoço de seu uniforme e puxou as duas metades para fechá-las um pouco mais.

— Perdão?

— Lamento ter jogado com você. Não necessita isso de um paciente. Especialmente em uma noite como esta.

Ela franziu o cenho.

— Estou bem.

— Não, não está. E não, não estou lendo sua mente. É só que parece cansada. — repentinamente, soube como ela se sentia — Eu gostaria de compensar isso.

— Não é necessário...

— Convidando você para jantar.

Bom, não tinha querido dizer isso. E dado que acabava de auto felicitar-se por saber manter a distância, isto também lhe convertia em um hipócrita consigo mesmo.

Evidentemente a próxima tatuagem devia estar mais na linha de umas orelhas de burro.

Porque estava atuando como um.

Depois de seu convite, não lhe surpreendeu nem um pouco que Ehlena lhe olhasse como se estivesse louco. Em termos gerais, quando um macho se comportava como ele tinha feito, a última coisa que qualquer fêmea desejaria fazer era passar mais tempo com ele.

— Sinto muito, não. — nem sequer alinhavou o obrigado — Nunca saio com pacientes.

— Ok. Entendo.

Enquanto preparava os instrumentos para tirar sangue e colocava um par de luvas de borracha, Rehv estendeu o braço para a jaqueta de seu traje e tirou seu cartão, ocultando-o em sua grande palma.

Foi rápida no procedimento, trabalhando sobre seu braço bom, enchendo com rapidez as ampolas de alumínio. Menos mal que não eram de vidro e que Havers fazia todas

as provas ele mesmo. O sangue de vampiro era vermelho. O de *sympath* era azul. A cor do seu era algo entre ambas, mas ele e Havers tinham um acordo. Certo, o doutor não era consciente de como funcionavam as coisas entre eles, mas era a única forma de ser tratado sem comprometer o médico da raça.

Quando Ehlena acabou, selou as ampolas com plugues de plástico branco, tirou as luvas e se dirigiu para a porta como se ele fosse um mau aroma.

— Espera. — Ihe disse.

— Quer algum calmante para o braço?

— Não, quero que fique com isto. — estendeu seu cartão — E me ligue se alguma vez está de humor para me fazer um favor.

— Com o risco de soar pouco profissional, nunca vou estar de humor para você. Sob nenhuma circunstância.

Ouch. Não é que a culpasse.

— O favor é me perdoar. Não tem nada que ver com um encontro.

Ela baixou o olhar ao cartão, depois sacudiu a cabeça.

— Será melhor que fique com isso. Para que possa usar alguma vez.

Quando a porta se fechou, ele amassou o cartão em sua mão.

Merda. Em que demônios estava pensando de todos os modos? Provavelmente ela tivesse uma pequena vida agradável em uma simples casinha com dois pais excessivamente amorosos. Talvez até tivesse um namorado, que algum dia se converteria em seu *hellren*.

Sim, sendo ele o amigável senhor da droga da vizinhança, alcoviteiro e valentão realmente encaixaria com a rotina Norman Rockwell. Totalmente.

Atirou seu cartão no cesto de papéis que havia junto a mesa, e observou como fazia um arco, e logo caía entre os Kleenex¹⁷, os papéis enrugados e uma lata de Coca-Cola vazia.

Enquanto esperava o doutor, olhou o lixo descartado, pensando que para ele a maioria das pessoas do planeta era como essas coisas: coisas para usar e descartar sem remorsos de nenhum tipo. Graças a seu lado mau e ao negócio que dirigia, tinha quebrado um montão de ossos, tinha partido um montão de cabeças e tinha sido a causa de muitas overdoses de drogas.

Ehlena, por outro lado, passava suas noites salvando as pessoas.

Sim, tinham muitíssimo em comum, certamente.

Os esforços dele possibilitavam que ela tivesse um trabalho.

Oras. Perfeito.

Fora da clínica, no ar gelado, Wrath estava se enfrentando peito a peito com o Vishous.

— Sai de meu caminho, V.

¹⁷ Nota da Revisora: marca de lenços de papéis.

Vishous, é obvio, não retrocedeu nada. Não era de surpreender-se. Inclusive antes do pequeno flash informativo que informava que a Virgem Escriba lhe tinha dado a luz, o guerreiro sempre tinha sido um agente totalmente livre.

Um Irmão teria tido melhor sorte dando ordens a uma pedra.

— Wrath...

— Não, V. Aqui não. Agora não...

— Vi você. Esta tarde, em meus sonhos. — a dor nessa voz escura era do tipo que normalmente se associa com funerais — Tive uma visão.

Wrath falou sem desejar.

— O que viu?

— Estava de pé só em um campo escuro. Todos lhe rodeávamos na periferia, mas ninguém podia te alcançar. Você se afastava de nós e nós de você. — o Irmão estendeu a mão e lhe agarrou com força — Por intermédio de Butch, sei que está saindo sozinho e mantive a boca fechada. Mas não posso permitir que siga fazendo isto. Se você morrer a raça está fodida, e nem sei dizer o que lhe faria à Irmandade.

Os olhos de Wrath se esforçavam para enfocar o rosto de V, mas a luz de segurança que havia sobre a porta era um fluorescente e o brilho dessa coisa cravava como a merda.

— Não sabe o que quer dizer o sonho.

— E você tampouco.

Wrath pensou no peso desse civil em seus braços.

— Poderia não ser nada...

— Pergunte-me quando tive a visão pela primeira vez.

— ... Mais que um medo que tem.

— Pergunte-me. Quando tive a visão pela primeira vez.

— Quando?

— Mil novecentos e nove. Passaram cem anos desde que a vi pela primeira vez.

Agora me pergunte quantas vezes a tive mês passado.

— Não.

— Sete vezes, Wrath. Esta tarde foi a gota que transbordou o copo.

Wrath se soltou do agarre do Irmão.

— Solte-me. Se me seguir, vai encontrar briga.

— Não pode sair sozinho. Não é seguro.

— Está brincando, verdade? — Wrath lhe olhou furiosamente através de seus óculos escuros — Nossa raça está caindo e você me repreende por ir atrás de nosso inimigo? Uma merda. Não vou ficar sentado mofando atrás de nenhum fodido escritório passando papéis enquanto meus irmãos estão ali fora fazendo algo verdadeiramente...

— Mas você é o rei. É mais importante que nós...

— Ao inferno com isso! Sou um de vocês! Fui recrutado, bebi dos Irmãos e eles de mim, quero lutar!

— Olhe, Wrath... — V assumiu um tom tão grunhido que lhe fazia saltar todos os dentes. Com uma tocha — Sei exatamente o que é não querer ser quem nasceste para ser. Acredita que eu não gostaria de me liberar de ter estes fodidos sonhos? Acredita que ter este sabre laser é uma festa? — levantou a mão enluvada como se a ajuda visual fosse um valor acrescentado a sua “discussão” — Não pode mudar quem é. Não pode desfazer o acoplamento em que seus pais lhe fizeram. É o rei, e as regras se aplicam de forma diferente para você, e assim é como são as coisas.

Wrath fez seu melhor esforço para ter a calma, tranqüilidade e compostura de V.

— E eu digo que estive lutando durante trezentos anos, assim não sou exatamente um principiante na batalha. E eu também gostaria de assinalar que ser o rei não significa ter perdido o direito de escolher...

— Não tem herdeiro. E pelo que ouvi de minha *shellan*, manda Beth se calar quando ela diz que quer tentar ter um quando vier sua primeira necessidade. Sossega-a com dureza. Como disse que o diz? Oh... Sim. “Não quero nenhuma cria em um futuro próximo... Se é que alguma vez vou querer”.

O fôlego de Wrath escapou em uma rajada.

— Não posso acreditar que acaba de tocar nesse assunto.

— Em resumo? Se você morrer? A malha da sociedade da raça se desmantelaria, e se acha que isso vai ajudar na guerra é que tem a cabeça tão metida no rabo que está utilizando seu esfíncter como boca. Aceite, Wrath. Você é o coração de todos nós... Assim não, não pode ir por aí sem mais, lutando sozinho porque te dá a vontade de fazê-lo. As coisas não funcionam assim para você...

Wrath agarrou as lapelas do Irmão e o estrelou contra o edifício da clínica.

— Cuidado, V. Está caminhando pela maldita e fina linha que limita com a falta de respeito.

— Se acredita que me amassar vai mudar as coisas, vá em frente. Mas te garanto que depois de que os murros terminem e ambos estejamos sangrando no chão, a situação seguirá sendo exatamente a mesma. Não pode mudar quem é por nascimento.

Ao fundo, Butch saiu do Escalade e subiu o cinto como se estivesse se preparando para interromper uma briga.

— A raça precisa de você vivo, imbecil. — disse V— Não me obrigue a apertar o gatilho, porque o farei.

Wrath voltou a fixar seus olhos débeis em V.

— Pensei que me queria vivo e abanando o rabo. Além disso, me disparar seria traição e se castiga com a morte. Sem importar de quem seja filho.

— Olhe, não estou dizendo que não deva...

— Cala a boca, V. Só uma vez, só fecha a maldita boca.

Wrath soltou a jaqueta de couro do cara e retrocedeu. Jesus Cristo, tinha que ir ou esta confrontação ia escalar exatamente até o que Butch estava temendo.

Wrath apontou um dedo à cara de V.

— Nada de me seguir. Estamos entendidos? Não me siga.

— Estúpido imbecil. — disse V com absoluto cansaço — É o rei. Todos devemos te seguir.

Wrath se desmaterializou com uma maldição, suas moléculas apressando-se através da cidade. Enquanto viajava, não podia acreditar que V tivesse jogado na sua cara o assunto de Beth e o bebê. Ou que Beth tivesse compartilhado esse tipo de questões privadas com a Doutora Jane.

Falando de ter a cabeça no rabo, por certo. V estava louco se pensava que Wrath ia pôr a vida de sua amada em perigo deixando-a grávida quando passasse por sua necessidade dentro de um ano ou assim. As fêmeas morriam no parto, com mais frequência que as que não morriam.

Daria sua própria vida pela raça se tivesse que fazê-lo, mas de nenhum fodido e louco modo poria a de sua *shellan* em um perigo assim.

E inclusive se tivesse a garantia que sobreviveria a tudo isso, não queria que seu filho terminasse justo onde ele estava... Preso e sem escolha, servindo a sua gente com pesar enquanto um a um morriam em uma guerra que pouco ou nada podia fazer para terminar.

Capítulo 7

O complexo do Hospital St. Francis era uma cidade dentro da cidade, uma aglomeração sempre em expansão de blocos arquitetônicos de diferentes épocas, com cada um dos componentes formando sua própria mini-vizinhança e as partes conectando-se com o conjunto por uma série de sinuosas ruas e calçadas. Estava o estilo McMansion que podia ver na seção de administração, o da simplicidade suburbana do nível das estadias de unidades de pacientes externos e o das torres de hospitalização parecidas com apartamentos com suas janelas amontoadas. O único que dava unidade à extensão, e que era um dom do céu, eram os sinais direcionais vermelhos e brancos com suas flechas assinalando a direita e esquerda e diretamente para frente dependendo de aonde queria ir.

De todas as formas o destino de Xhex era óbvio.

O departamento de emergências era a dependência mais recente do centro médico, um de tecnologia avançada, de vidro e aço que era como um clube noturno sempre brilhantemente iluminado e constantemente ronronando.

Era impossível passar batido. Impossível perder de vista.

Xhex caminhou à sombra de algumas árvores que tinham sido plantadas em círculo ao redor de uns bancos. Enquanto caminhava para a fileira de portas giratórias da unidade de Emergências, estava integrada ao ambiente e ao mesmo tempo absolutamente à

margem dele. Embora alterasse seu trajeto para evitar outros transeuntes, cheirava o tabaco da denominada choça de fumantes e sentia o ar frio no rosto, estava muito perturbada pela batalha que se livrava em seu interior para observar muito.

Quando entrou na instalação, suas mãos estavam úmidas, um suor frio brotava de sua testa e ficou paralisada pela luz fluorescente, o linóleo branco e o pessoal que andava por ali com seus uniformes cirúrgicos.

— Precisa de ajuda?

Xhex girou e subiu as mãos, adotando bruscamente uma posição de luta. O doutor que lhe tinha falado manteve sua postura, mas pareceu surpreso.

— Calma. Tranqüila.

— Lamento. — deixou cair os braços e leu a lapela de seu jaleco branco: Dr. MANUEL MANELLO, CHEFE DE CIRURGIA. Franziu o cenho ao percebê-lo, ao captar seu aroma.

— Está bem?

Não. Não era nada de sua conta.

— Tenho que ir ao depósito de cadáveres.

O médico não pareceu impressionado, como se fosse perfeitamente possível que alguém com sua maneira de mover conhecesse um par de cadáveres com dedos etiquetados.

— OK, bem, vê aquele corredor daí? Vá até o fundo. Verá uma porta com um letreiro para o depósito de cadáveres. Só siga as flechas dali. Está no porão.

— Obrigado.

— De nada.

O doutor saiu pela porta giratória pela que ela tinha entrado, e Xhex passou pelo detector de metais pelo que ele acabava de passar. Não soou nenhum «bip», e lançou um tenso sorriso ao vigilante que por sua vez jogou uma olhada.

A faca que levava na parte baixa das costas era de cerâmica e tinha substituído seus cilícios de metal por uns de couro e pedra. Sem problemas.

— Boa noite, Oficial. — lhe disse.

O cara a saudou com a cabeça ao passar, mas manteve a mão na culatra de sua arma.

Ao final do corredor, encontrou a porta que procurava, abriu-a de um golpe e encarou as escadas, seguindo as flechas vermelhas como o doutor lhe tinha indicado. Quando deu com um lance de parede de cimento branqueado calculou que já estava perto, e tinha razão. Mais adiante no corredor estava o detetive Cruz, junto a um par de portas duplas de aço inoxidável rotuladas com as palavras DEPÓSITO DE CADÁVERES e SÓ PESSOAL AUTORIZADO.

— Obrigado por vir. — disse ele quando ela esteve mais perto — Entraremos na sala de observação que está um pouco mais à frente. Irei dizer-lhes que chegou.

O detetive abriu uma das portas de um empurrão, e através da fresta ela pôde ver uma frota de mesas metálicas com blocos para as cabeças dos mortos.

Seu coração se deteve e logo trovejou, apesar de estar repetindo uma e outra vez que ela não era a prejudicada. Que ela não estava aí dentro. Que isto não era o passado. Que não havia ninguém com uma roupa branca erguendo-se sobre ela e fazendo coisas “em nome da ciência”.

E, além disso, ela tinha superado todo isso, fazia uma década...

Um som começou baixo e aumentou de volume, reverberando detrás dela. Girou em redondo e ficou congelada, sentindo tanto temor que lhe cravaram os pés no chão...

Mas só era um empregado da limpeza que vinha dobrando a esquina, empurrando um carrinho de roupa suja do tamanho de um carro. Ao passar nem sequer levantou a vista, estava inclinado para frente sobre a borda, utilizando toda sua energia.

Por um momento, Xhex piscou e viu outro carrinho rodando. Um cheio de membros enredados e imóveis, as pernas e os braços dos cadáveres sobrepondo-se como se fosse lenha.

Esfregou os olhos. Ok, tinha superado o acontecido... Sempre e quando não estivesse em uma clínica ou hospital.

Jesus..! Devia sair dali.

— Realmente quer fazer isto? — perguntou da Cruz junto a ela.

Tragou a saliva com força, e levantou a mão, duvidando de que o homem entendesse que o que a assustava era um montão de lençóis em um carro e não o cadáver que estava a ponto de ver.

— Sim. Podemos entrar agora?

Ele a contemplou durante um momento.

— Escute, quer tomar um minuto? Tomar um pouco de café?

— Não. — como não se moveu, ela mesma se encaminhou para a porta rotulada como VISITAS PRIVADAS.

Da Cruz se apressou a adiantar-se e abriu a porta. A sala de espera que havia mais à frente tinha três cadeiras de plástico negras e duas portas e cheirava como morangos químicos, resultado do formaldeído misturado com um ambientador Glade PlugIn. Num canto, longe dos assentos, havia uma mesa pequena com um par de copos descartáveis de papel meio cheios de café que parecia lodo tirado de um atoleiro.

Ao que parecia, havia dois tipos de pessoa, o tipo que passeava e o tipo que permanecia sentado, e se fosse do tipo que permanecia sentado, esperava-se que equilibrasse a cafeína extraída da máquina sobre seu joelho.

Enquanto olhava ao seu redor, percebeu as emoções que tinham sido sentidas nessa área e que persistiam como o mofo que fica depois da água fétida. Às pessoas que tinha transpassado a porta desse lugar lhe tinham acontecido coisas más. Corações que foram quebrados. Vidas que foram destroçadas. Mundos que nunca voltaram a ser o

mesmo.

Pensou que não deveriam dar café a esta gente antes que fizessem o que tinham vindo a fazer aqui. Já estavam nervosos o suficiente.

— Por aqui.

Da Cruz a fez passar a uma sala estreita que em sua opinião estava empapelada¹⁸ com um estampado em relevo de claustrofobia: a coisa era do tamanho de uma caixa de fósforos quase sem ventilação, tinha luzes fluorescentes que vacilavam e flutuavam, e a única janela que havia definitivamente não dava a um prado de flores silvestres.

A cortina que pendurava no lado oposto do vidro estava corrida de um lado a outro, bloqueando a vista.

— Está bem? — perguntou de novo o detetive.

— Podemos fazer isto logo?

Da Cruz se inclinou para a esquerda e apertou o botão do timbre. Ante o som do zumbido, as cortinas se separaram, abrindo-se pela metade com uma lenta sacudida, revelando um corpo que estava coberto pelo mesmo tipo de lençol branco que havia no cesto da roupa suja. Um macho humano vestido com uniforme médico verde estava de pé na cabeceira, e quando o detetive fez um gesto com a cabeça, o homem esticou uma mão para frente e retirou o sudário.

Os olhos de Chrissy Andrews estavam fechados e seus cílios estavam pousados sobre as bochechas que tinham a cor cinza pálida das nuvens de dezembro. Não tinha aspecto de estar em paz em seu repouso permanente. Sua boca era um talho azul, seus lábios estavam partidos pelo que poderia ter sido um punho, uma frigideira ou a ombreira de uma porta.

As dobras do lençol que descansava sobre sua garganta ocultavam em sua maior parte os sinais de estrangulamento.

— Sei quem fez isto. — disse Xhex.

— Só para que fique claro, identifica-a como Chrissy Andrews?

— Sim. E sei quem o fez.

O detetive fez um gesto com a cabeça para o clínico, que cobriu o rosto de Chrissy e fechou as cortinas.

— O namorado?

— Sim.

— Há um longo histórico de chamadas por violência doméstica.

— Muito longo. É obvio, isso já acabou. O filho da puta finalmente conseguiu fazer o trabalho, verdade?

Xhex saiu pela porta e entrou na sala de espera, e o detetive teve que se apressar para não ficar atrás.

¹⁸ Nota da Revisora: papel de parede.

— Detenha-se...

— Tenho que voltar para o trabalho.

Enquanto saíam bruscamente e entravam no corredor do porão, o detetive a obrigou a deter-se.

— Quero que saiba que o DPC¹⁹ está levando a cabo uma adequada investigação de assassinato, e nos encarregaremos de qualquer suspeito de maneira apropriada e legal.

— Estou certa de que o fará.

— E você fez sua parte. Agora tem que deixar que nos ocupemos dela e cheguemos ao final deste assunto. Deixe-nos encontrá-lo, ok? Não a quero em plano vigilante.

Veio-lhe à mente a imagem do cabelo de Chrissy. A mulher tinha sido suscetível sobre esse assunto, estava acostumada a escová-lo para trás, depois alisava a capa superior e o orvalhava com laquê para mantê-lo em seu lugar até que ficasse como a parte superior de um peão de xadrez.

Totalmente ao estilo de uma habitante de Melrose Place²⁰ (seriado dos anos 90), a época em que Heather Locklear usava o cabelo dourado.

O cabelo que havia embaixo daquele sudário estava esmagado como uma tabua de picar, amassado de ambos os lados, devido sem dúvida à bolsa para cadáveres em que tinha sido transportada.

— Você já fez sua parte. — disse da Cruz.

Não, ainda não.

— Que tenha uma boa noite, Oficial. E boa sorte encontrando ao Grady.

Ele franziu o cenho, logo pareceu engolir atuação de “serei uma boa garota”.

— Necessita que a leve de volta?

— Não, obrigado. E de verdade, não se preocupe comigo. — sorriu tensamente — Não farei nada estúpido.

Ao contrário, era uma assassina muito preparada. Treinada pelo melhor.

E olho por olho era mais que uma frase pegajosa.

José da Cruz não era um cientista de naves espaciais nem um membro do Mensa nem um geneticista molecular. Tampouco era um apostador, e não só devido a sua fé Católica.

Não tinha motivos para apostar. Tinha um instinto que se assemelhava à bola de cristal de uma vidente.

Assim sabia exatamente o que fazia quando ficou seguindo, a uma distância discreta, a senhora Alex Hess em seu caminho da saída do hospital. Depois de sair pelas portas giratórias, não foi à esquerda para o estacionamento nem à direita, em volta dos três táxis estacionados à entrada. Seguiu em linha reta, andando entre os carros que

¹⁹ Nota da Revisora: acredito que seja Departamento de Polícia Científica.

²⁰ Nota da Revisora: seriado dos anos 90.

recolhiam e deixavam pacientes e entre os táxis que estavam livres. Depois de subir ao meio-fio, continuou pela grama congelada e seguiu caminhando em linha reta, cruzando a estrada e metendo-se entre as árvores que a cidade tinha plantado fazia um par de anos para incrementar a vegetação no centro da cidade.

Entre uma piscada e a seguinte tinha desaparecido, como se nunca tivesse estado ali.

O que era, é obvio, impossível. Estava escuro e ele tinha levantado às quatro da manhã fazia duas noites, por isso seus olhos eram tão agudos como quando estava debaixo da água.

la ter que vigiar a aquela mulher. Sabia de primeira mão quão duro era perder a um colega, e estava claro que ela tinha apreciado à moça morta. Não obstante, este caso não necessitava um curinga civil quebrando as leis e possivelmente chegando até o extremo de assassinar ao principal suspeito do DPC.

José se dirigiu de volta ao carro civil que tinha deixado na parte de atrás onde lavavam as ambulâncias e os médicos esperavam durante as pausas no trabalho.

O namorado de Chrissy Andrews, Robert Grady, aliás, Bobby G, tinha alugado um apartamento mensalmente, desde que ela o tinha largado esse verão. Ao redor da uma dessa tarde José tinha batido na porta do chiqueiro encontrando-o vazio, e uma ordem de registro, expedida em apoio às chamadas ao 911 que Chrissy tinha estado fazendo os seis meses passados, para reportar a seu namorado, tinha permitido ordenar ao proprietário que abrisse o lugar.

Tinha encontrado montões de comida apodrecendo-se na cozinha, pratos sujos na sala de estar e roupa suja atirada por todo o dormitório.

Também havia numerosas trouxinhas de celofane com pó branco o qual — Oh Meu Deus! — tinha resultado ser heroína. Quem haveria imaginado?

Ao namorado não o via por nenhuma parte. A última vez que o tinham visto no apartamento, tinha sido a noite anterior ao redor das dez. O vizinho do lado tinha ouvido o Bobby G gritar. E depois uma portada.

E os arquivos que já tinham obtido do fornecedor do serviço de telefonia móvel dele indicavam que realizou uma chamada para o telefone da Chrissy as nove e trinta e seis.

A vigilância de policiais a paisana tinha sido estabelecida imediatamente, e os detetives informavam com regularidade, mas até agora não tinha nenhuma notícia. E José não pensava que fosse haver nenhuma por esse front. Havia boas possibilidades de que o lugar fosse permanecer como um povoado fantasma.

Assim havia duas coisas em seu radar: encontrar o namorado. E seguir a pista da chefe de segurança do ZeroSum.

E seus instintos lhe diziam que seria melhor para todos se ele encontrasse o Bobby G antes que Alex Hess o fizesse.

Capítulo 8

Enquanto Havers consultava o Rehvenge, Ehlena reabastecia um armário de fornecimentos. Que justamente dava a casualidade de estar junto à sala de exame número três. Empilhou bandagens da marca Ace. Fez uma torre com os pacotes plásticos dos cilindros de gaze. Criou uma obra a La Modigliani²¹ com caixas de Kleenex, Band-Aids e capas para termômetros.

Estava ficando sem coisas que organizar quando a porta da sala de exame foi aberta emitindo um estalo. Apareceu uma cabeça no corredor.

Havers tinha o aspecto de um verdadeiro médico, com seus óculos com aro de tartaruga marinha, seu cabelo castanho, que penteava com uma risca ao meio, sua gravata-borboleta e a roupa branca. Também se comportava como um, sempre administrando calma e refletividade ao pessoal, as instalações e acima de tudo aos pacientes.

Mas enquanto permanecia de pé nesse corredor não parecia ele mesmo, com o cenho franzido como se estivesse confuso e massageando as têmporas como se lhe doessem.

— Está bem, doutor? — perguntou-lhe.

Ele olhou em sua direção, detrás dos óculos, seu olhar era estranhamente inexpressivo.

— Errr... Sim, obrigado. — sacudindo a si mesmo, entregou-lhe uma receita que tinha em cima do histórico médico de Rehvenge — Eu... Ah... Seria tão amável de trazer a dopamina a este paciente, assim como duas dose de antídoto contra veneno de escorpião? Faria eu mesmo, mas me parece que tenho que conseguir algo para comer. Sinto-me um pouco hipoglicêmico.

— Sim, Doutor. Em seguida.

Havers fez um gesto afirmativo com a cabeça e deixou o histórico do paciente no suporte que havia junto à porta.

— Obrigado, é muito amável.

O doutor se afastou como se estivesse parcialmente em transe.

O pobre macho devia estar exausto. Tinha estado na sala de cirurgia a maior parte das últimas duas noites e seus respectivos dias, atendendo o parto de uma fêmea, a um macho que tinha sofrido um acidente de trânsito, e a um menino pequeno que tinha sofrido graves queimaduras ao tentar alcançar uma caçarola com água fervendo que estava sobre a fôrnalha. E se somava a isso o fato de que nos dois anos que ela levava na clínica, nunca tinha tirado nem um dia de descanso. Sempre estava de guarda, sempre estava ali.

²¹ Nota da Revisora: pintor e escultor italiano da chamada Escola de Paris.

Parecido a como estava ela com seu pai.

Por isso, sim, ela sabia exatamente quão cansado devia estar.

Na farmácia, entregou a receita ao farmacêutico, que nunca mantinha conversa com ninguém e esse dia tampouco rompeu a tradição. O macho foi para o fundo e retornou com seis caixas de ampolas de dopamina e um pouco de antídoto.

Depois de lhe entregar os medicamentos, deu volta no pôster que dizia, VOLTO EM 15 MINUTOS e saiu pela porta de vaivém do mostrador.

— Espera. — lhe disse, lutando por segurar a carga — Isto não pode estar certo.

O macho já tinha o cigarro e o isqueiro na mão.

— Está.

— Não, isto é... Onde está a receita?

Nenhuma fêmea tinha enfrentado fúria maior que aquela que enfrentou ela ao obstruir o caminho de um fumante que finalmente tinha alcançado a hora de seu descanso. Mas não lhe importava nem um pouco.

— Vá me trazer a receita.

O farmacêutico resmungou todo o caminho com o passar do mostrador, e logo se ouviu um excessivo ruído de papéis, como se talvez tivesse a esperança de poder começar um incêndio ao esfregar as receitas entre si.

— Despachar seis caixas de dopamina. — girou a receita para ela para que pudesse vê-la — Vê?

Ela se aproximou. Bom, certo, dizia seis caixas e não seis ampolas.

— O doutor sempre receita o mesmo a este paciente. Isso e o antídoto.

— Sempre?

A expressão do macho foi “menina me dá um tempo”, e lhe falou lentamente, como se ela não falasse o idioma correntemente.

— Sim. Geralmente é o doutor mesmo que vem procurar. Está satisfeita ou quer ir falar disto com Havers?

— Não... E obrigado.

— Muito castigo.

Voltou a atirar a receita sobre a pilha e apressou o passo para sair dali como se temesse que pudesse lhe ocorrer outra brilhante idéia para um projeto de investigação.

Que tipo de fodida enfermidade requeria cento e quarenta e quatro doses de dopamina? E o antídoto?

A não ser que Rehvenge fosse sair em uma loooooooga viagem fora da cidade. A um lugar hostil que tivesse uma quantidade de escorpiões ao estilo do filme A Múmia.

Ehlena caminhou pelo corredor para a sala de exame, equilibrando precariamente as caixas: assim que apanhava uma que estava caindo, tinha que ir atrás de outra. Golpeou à porta com o pé e logo ao girar o trinco quase faz cair sua carga como se fossem fichas de dominó.

— Isso é tudo? — perguntou Rehvenge em um tom severo.

E que mais queria, uma mala cheia?

— Sim.

Deixou que as caixas caíssem sobre a mesa e logo as arrumou rapidamente.

— Deveria lhe conseguir uma sacola.

— Está bem. Eu dou um jeito.

— Precisa de alguma seringa?

— Tenho muitas. — disse com tom irônico.

Desceu da maca de exame com cuidado e colocou o casaco de zibelina que alongou ainda mais a grande amplitude de seus ombros, até lhe fazer ter um aspecto ameaçador mesmo estando do outro lado da sala. Com o olhar fixo nela, pegou sua bengala e se aproximou devagar, como se estivesse inseguro com respeito a seu equilíbrio... E sua receptividade.

— Obrigado. — lhe disse.

Deus, a palavra era tão simples e tão freqüentemente dita e, entretanto, vinda dele, significava mais do que gostaria.

Na realidade, era menos significativa sua forma de expressá-lo que a expressão de seu rosto: havia certa vulnerabilidade nesse olhar ametista, enterrada muito profundamente.

Ou talvez não.

Talvez fosse ela que se sentisse vulnerável e estava procurando comiseração do macho que tinha provocado esse estado. E nesse momento se sentia muito débil. Com o Rehvenge de pé ao seu lado, recolhendo as caixas da mesa para ir pondo uma por uma nos bolsos ocultos nas dobras de seu casaco de zibelina, sentia-se nua apesar de estar com seu uniforme, desmascarada apesar de que não tinha tido nada ocultando seu rosto.

Afastou a vista, mas o único que via era essa visão.

— Cuide-se... — seu tom de voz era muito profundo — E como já disse, obrigado. Já sabe, por ter cuidado de mim.

— De nada. — disse à mesa de exame — Espero que tenha obtido o que necessitava.

— Algumas coisas em todo caso.

Ehlena não se virou até que ouviu o clique da porta ao fechar-se. Logo, proferindo uma maldição, sentou-se na cadeira que estava frente ao escritório e voltou a perguntar-se se devia ir ao encontro dessa noite. Não só devido a seu pai, mas também devido a...

Oh, bem. Essa era uma linha de pensamento muito construtiva. Por que não rechaçar a um doce menino perfeitamente normal devido a que se sentia atraída por um absoluto impossível de outro planeta onde se usava roupas que valiam mais que carros. Genial.

Se seguisse assim poderia ganhar o Prêmio Nobel de estupidez, uma meta que fixou

em sua vida e que não podia esperar para ver cumprida.

Passeou os olhos pela sala enquanto tratava de fortalecer-se para voltar a pôr os pés sobre a terra... Até que ficaram fixos no cesto de papéis. Em cima de uma lata de Coca-Cola, havia um cartão de negócios cor creme feito uma bolinha parcialmente enrugada.

REHVENGE, FILHO DE REMPOON.

Debaixo só havia um número, sem nenhum endereço.

Agachou-se e o pegou, alisando-o contra a mesa. Ao percorrer a frente do cartão com a palma da mão algumas vezes, não encontrou nenhum desenho em relevo em sua superfície, unicamente uma leve depressão. Gravada. É obvio.

Ah, Rempoon. Conhecia esse nome, e agora encontrava sentido no parente próximo do Rehvenge. A pessoa que estava cotada, Madalina, era uma Escolhida renegada que tinha acolhido a outras para lhe dar orientação espiritual, uma amada fêmea de valor de quem Ehlena tinha ouvido falar, mas que nunca tinha conhecido pessoalmente. A fêmea se emparelhou com Rempoon, um macho de uma das linhagens mais antigas e proeminentes. Mãe. Pai.

Então esses casacos de zibelina não eram só uma demonstração de riqueza exibida por um novo-rico. Rehvenge procedia do lugar que Ehlena e sua família estavam acostumadas a formar parte, a glymera... O nível mais elevado da sociedade civil dos vampiros, os árbitros do bom gosto, o bastão da distinção... E o enclave mais cruel de sabichões do planeta, capazes de fazer com que os ladrões de Manhattan parecessem pessoas às quais poderia convidar para jantar.

Desejava-lhe sorte com esse grupo. Deus sabia que ela e sua família não tinham se dado bem com eles: seu pai tinha sido traído e expulso, sacrificado para que um ramo mais poderoso de sua linhagem pudesse sobreviver financeira e socialmente. E esse tinha sido o verdadeiro começo de sua ruína.

Ao sair da sala de exame, jogou o cartão de volta no cesto de papéis e recolheu o histórico médico de seu suporte. Depois de reportar-se com Catya, Ehlena se dirigiu à área de registro para cobrir à enfermeira que estava em seu descanso e ingressar no sistema as breves nota de Havers a respeito de Rehvenge e as receitas entregues.

Não havia menção à enfermidade subjacente. Mas talvez tivesse sido tratada durante tanto tempo que a referência tenha sido feita nos primeiros registros.

Havers não confiava nos computadores e fazia todo seu trabalho no papel, felizmente três anos atrás Catya tinha insistido em conservar uma cópia eletrônica de tudo e também tinha pedido que um grupo de *doggens* transferisse a totalidade dos históricos médicos de cada um dos pacientes ao servidor. E graças à Virgem Escriba por isso. Quando tinham mudado às instalações novas como resultado das incursões, o único que ficara eram os históricos eletrônicos dos pacientes.

Impulsivamente, percorreu a parte mais recente do histórico de Rehvenge. Nos últimos dois anos as doses de dopamina tinham se incrementando. E o antídoto também.

Saiu da sessão e se reclinou contra a cadeira do escritório, cruzando os braços sobre o peito e fixando a vista no monitor. Quando ativou o descanso de tela, apareceu uma chuva de estrelas que emanavam das profundidades do monitor à velocidade da luz da Millennium Falcon²².

Decidiu que ia a esse condenado encontro.

— Ehlena?

Levantou o olhar para Catya.

— Sim?

— Vai chegar um paciente em ambulância. TEA²³, dois minutos. Overdose, com substância desconhecida. Paciente entubado e com respiração assistida. Você e eu assistiremos.

Quando outro membro do pessoal apareceu para encarregar-se dos registros, Ehlena saltou da cadeira e saiu correndo pelo corredor atrás de Catya em direção às salas de emergência. Havers já estava ali, apressando-se a terminar o que parecia um sanduíche de presunto em pão de centeio.

No momento em que estava entregando o prato vazio a um *doggen*, o paciente entrou pelo túnel subterrâneo que comunicava com as garagens das ambulâncias. Os TEM²⁴ eram dois vampiros machos vestidos iguais aos paramédicos humanos, porque passar despercebidos era vital para seu encargo.

O paciente estava inconsciente, e permanecia com vida, só graças ao médico que estava junto a sua cabeça bombeando o respirador a um ritmo lento e constante.

— Seu amigo nos ligou, — disse o macho — e prontamente lhe deixou desacordado no beco frio próximo ao ZeroSum. As pupilas não respondem. A pressão arterial é de setenta e dois sobre trinta e oito. O pulso é de trinta e dois.

Que desperdício, pensou Ehlena enquanto se punha a trabalhar.

As drogas urbanas eram um mal totalmente isento de escrúpulos.

Do outro lado da cidade, na parte de Caldwell conhecida como Minimmall Sprawlopolis²⁵, Wrath encontrava o apartamento do *lesser* com bastante facilidade. O complexo residencial no que se encontrava se chamava Hunterbred Farms²⁶, e as instalações de edifícios de dois andares de altura estavam decoradas com um motivo eqüino que era tão autêntico como as toalhas de plástico de um restaurante italiano

²² Nota da Revisora: nave do Han Sollo, da série Star Wars.

²³ Nota da Revisora: Tempo Estimado de Chegada.

²⁴ Nota da Revisora: Técnico de Emergência Médica ou Paramédicos.

²⁵ Nota da Revisora: nome sem tradução exata, mas que deveria significar “Cidade de Mínima Expansão”.

²⁶ Nota da Revisora: o nome faz referência a uma fazenda criadora de uma suposta raça de cavalos de caça, que não existe.

barato.

Não existia nada parecido a uma raça de cavalos de caça. E a palavra fazenda não era habitualmente associada com cem unidades de dormitório embutidas entre uma concessionária Ford/Mercury e um supermercado. Agrário? Sim, com certeza. As extensões de grama estavam perdendo terreno na batalha contra o asfalto por uma margem de quatro a um e resultava evidente que o único lago que podia encontrar ali, tinha sido feito pelo homem.

A maldita coisa tinha borda de cimento como uma piscina, e a fina capa de gelo que o cobria era da cor da urina, como se houvesse um tratamento químico em ação.

Considerando a quantidade de humanos que viviam nas unidades, era surpreendente que a Sociedade Lessening pusesse suas tropas em um lugar tão conspícuo, mas talvez isto só fosse algo temporário. Ou possivelmente todo o puto lugar estivesse repleto de assassinos.

Cada edifício tinha quatro apartamentos agrupados ao redor de uma escada comum e os números engastados na parede exterior estavam iluminados do chão. Resolveu a provocação visual que apresentava utilizando o método, de comprovada qualidade, de toca e decifra. Quando encontrou uma fileira de dígitos em relevo que se parecia com oito um dois escritos em letra itálica, apagou as luzes de segurança com a mente e se desmaterializou para a parte superior das escadas.

O ferrolho da unidade oito um dois era frágil e foi fácil manipulá-lo com a mente, mas não dava nada por certo. De pé, encostado contra a parede, girou o trinco com forma de ferradura e abriu na porta só uma fresta.

Fechou seus inúteis olhos e escutou. Nenhum movimento, só o zumbido de um refrigerador. Considerando que seu ouvido era agudo o suficiente para ouvir a respiração de um camundongo, imaginou que estava seguro e logo depois de colocar uma estrela alojada na palma de sua mão, deslizou para dentro.

Havia boas probabilidades de que houvesse um sistema de segurança piscando em algum lado, mas não planejava ficar tempo suficiente para dançar com o inimigo. Além disso, embora aparecesse o assassino não poderia suscitar uma briga. O lugar fervia de humanos.

Em definitivo, ia procurar as jarras e ponto. Depois de tudo, a sensação de umidade que descia por sua perna não era devido a que tivesse pisado em um atoleiro de lodo na entrada. Estava sangrando dentro de sua bota por causa da batalha liberada no beco, assim, sim, se alguém que cheirasse a bolo de creme e coco misturado com xampu barato aparecesse, ele desapareceria.

Ao menos... Isso é o que havia dito a si mesmo.

Fechando a porta, Wrath inalou, longa e lentamente... E desejou poder fazer uma limpeza na pressão no interior do nariz e no fundo de sua garganta. E apesar, de que começou a fazer arcadas, as notícias eram boas: havia três aromas doces diferentes

misturados no ar viciado o que significava que ali ficavam três *lessers*.

Enquanto se dirigia à parte de trás, onde os aromas enjoativos estavam mais concentrados, perguntava-se que demônios estava acontecendo. Os *lessers* raramente viviam em grupo porque brigavam entre eles... Que era o que acontecia quando só recrutava a maníacos homicidas. Demônios, o tipo de homens que o Omega escolhia não podia aplacar seu Michael Myers²⁷ interior só porque ocorrera à Sociedade economizar um pouco na renda.

Entretanto, podia ser que tivessem um *Fore-lesser* muito forte a cargo.

Depois das incursões do verão, era difícil acreditar que os *lessers* tivessem escassez de dinheiro, mas que outra razão poderia ter para consolidar as tropas? Por outro lado, os Irmãos, e Wrath tinham estado vendo coisas cada vez menos sofisticadas nas pistolas. Antes quando lutava com os assassinos tinham que estar preparado para qualquer tipo de modificação especial que tivesse saído ao mercado para qualquer tipo de arma. Ultimamente? Tinha lutado contra velhas navalhas escolares, nódulos de metal, e a semana passada até — gulp — uma fodida clava, todas armas baratas que não requeriam balas nem manutenção. E agora estavam brincando de *The Walton's* aqui nas “Fazenda-fachada-de-Caçador”? Que merda estava acontecendo?

O primeiro dormitório que encontrou estava marcado por cheiro de perfumes, e encontrou duas jarras junto às camas de um lugar desprovidos de lençóis e mantas.

O seguinte cheirava também a uma variedade distinta de anciã... A isso e algo mais. Uma rápida inspiração disse a Wrath que se tratava de... Cristo, *Old Spice*²⁸.

Quem teria imaginado. Com a forma que esses imbecis cheiravam, como se fossem querer acrescentar algo à mistura...

Santa merda.

Wrath inalou profundamente, e fez com que seu cérebro filtrasse algo remotamente doce.

Pólvora.

Seguindo o picante aroma metálico que havia no ar, foi para um armário que tinha o tipo de portas finas que esperaria encontrar em uma casa de bonecas. Ao abri-las o *eau d'ammo*²⁹ floresceu, enquanto se agachava e media com as mãos a seu redor.

Caixas de madeira. Quatro. Todas fechadas com pregos.

Tirou conclusão que as armas que havia dentro definitivamente tinham sido disparadas, mas não recentemente. O que indicava que esta bem poderia ser uma compra SMC³⁰.

²⁷ Nota da Revisora: ator norte-americano de filmes de comédia.

²⁸ Nota da Revisora: marca de perfume.

²⁹ Nota da Revisora: uma sátira referência aos perfumes franceses, ao pé da letra, água de amônia.

³⁰ Nota da Revisora: Segunda Mão Certificada.

Não obstante ser de segunda mão não dava saber quem tinha sido o dono anterior.

Fosse como fosse, não ia deixar ali. O esconderijo ia ser usado pelo inimigo contra seus civis e seus irmãos, por isso era necessário fazer voar todo o apartamento antes de permitir que essas armas fossem utilizadas na guerra.

Mas informaria isto à Irmandade? Seu segredo seria revelado. O problema era, que levar essas caixas nas costas se por acaso só era uma situação de “seguro-como-não”? Não tinha carro, e não havia forma de se desmaterializar com esse tipo de peso nas costas embora mesmo se o separasse em cargas menores.

Wrath se afastou do armário e fez um inventário do cômodo usando o tato tanto quanto a vista. Oh, bem. À esquerda havia uma janela.

Proferindo uma maldição tirou seu celular e o abriu...

Alguém estava subindo a escada.

Ficou imóvel e fechando os olhos se concentrou ainda mais. Humano ou *lesser*?

Só um lhe preocupava.

Wrath se inclinou para um lado e deixou as duas jarras das que se apropriou em uma gaveta, encontrando, naturalmente, a terceira e um frasco de Old Spice. Sustentando na mão a calibre quarenta, firmou-se sobre seus shitkickers³¹ e apontou a arma para o curto corredor, diretamente para a porta de entrada.

Houve um tinido de chaves, logo um “clang” como se lhe tivesse caído da mão.

A maldição foi de uma mulher.

Enquanto seu corpo se afrouxava, deixou que sua arma caísse sobre sua coxa. A Sociedade, igual à Irmandade, aceitava só machos em suas filas, assim que esse não era nenhum assassino jogando palitos chineses com as chaves.

Ouviu como fechava a porta do apartamento que estava em frente, e o repentino som surround da TV que alcançou um volume tão alto que pôde escutar a repetição do The Office³².

Tinha gostado deste episódio. Era no que se perdia o taco de beisebol...

Alguns gritos chegaram até ele, gerados pela comédia da situação.

Sim. Agora estava voando o taco de beisebol.

Com a mulher certamente ocupada, voltou a enfocar-se, mas permaneceu onde estava, rezando para que o som de “bem-vindo-a-casa” fosse um tema que o inimigo ouvisse e seguisse seu caminho. Não obstante, ficar como uma estátua respirando levemente não melhorou a proporção de *lessers* que havia no lugar. Uns quinze, talvez vinte minutos depois, ainda seguia rodeado de absolutamente nenhum assassino.

Mas não tinha sido uma perda total. Estava captando o agradável murmúrio de uma pequena parte da comédia, era a cena de Dwight e o taco de beisebol na cozinha do The

³¹ Nota da Revisora: um tipo de bota ou coturno.

³² Nota da Revisora: seriado de comédia da Fox.

Office.

Era hora de mover-se.

Chamou o Butch, deu ao Irmão o endereço, e disse ao polícia que conduzisse como se seu pé fosse feito de pedra. O certo era, Wrath queria tirar as armas dali antes que chegasse alguém. Mas além de seu irmão para ajudar a tirar as caixas rapidamente, Butch podia levá-las, e assim talvez Wrath pudesse ficar nas imediações pelo lapso de outra hora mais ou menos.

Para passar o tempo, revisou o apartamento, medindo as superfícies com as palmas das mãos em uma tentativa de encontrar computadores, telefones, ou mais condenadas armas.

Acabava de retornar ao segundo dormitório quando algo ricocheteou contra a janela.

Wrath voltou a desencapar sua quarenta e encostou as costas à parede próxima à janela. Com a mão, tirou o ferrolho e abriu a parte de vidro apenas uma fresta.

O acento de Boston do policial foi quase tão sutil como um alto-falante.

— Oi Rapunzel, vai deixar cair seu fodido cabelo?

— Shh, quer acordar os vizinhos?

— Como se fossem ouvir algo com o som dessa TV? Hey, esse é o episódio do taco de beisebol...

Wrath deixou Butch falando consigo mesmo, e voltando a guardar a pistola em seu quadril, abriu a janela amplamente, e logo se dirigiu ao armário. A única advertência que deu ao polícia enquanto fazia voar a caixa de noventa quilos de peso foi:

— Prepare-se, Effie.

— Jesus Bendi... — um grunhido interrompeu o juramento.

Wrath pôs a cabeça pela janela e sussurrou:

— Supõe-se que é um bom católico. Isso não foi uma blasfêmia?

O tom de Butch foi como se alguém tivesse urinado em sua cama.

— Acaba de me atirar com meio carro, sem mais advertência que uma fala da chata Sra. Doubtfire³³.

— Amadureça e aceite.

Wrath se encaminhou para o armário, enquanto o polícia amaldiçoava todo o caminho de ida para o Escalade, o qual tinha engenhado para estacionar debaixo de uns pinheiros.

Quando Butch retornou, Wrath lhe lançou outra.

— Faltam dois.

Ouviu-se outro grunhido e um falatório.

— Foda-me.

³³ Nota da Revisora: personagem de Robin Williams em Uma babá quase perfeita.

— Não nesta vida.

— Muito bem. Foda-se.

Quando a última caixa esteve embalada como um bebê dormindo nos braços de Butch, Wrath apareceu.

— Adeusinho.

— Não quer que te leve de volta à mansão?

— Não.

Houve uma pausa, como se Butch estivesse esperando que Wrath lhe informasse como tinha intenções de ocupar as poucas horas que ficavam da noite.

— Vá pra casa. — indicou ao polícia.

— O que digo aos outros?

— Que é um gênio e que encontrou as caixas com armas quando estava caçando.

— Está sangrando.

— Está começando a me encher que todos me digam isso.

— De acordo então, deixa de te comportar como um imbecil e vá ver a Doutora Jane.

— Acaso não me despedi de você já?

— Wrath...

Wrath fechou a janela, foi para a gaveta, e meteu as três jarras na jaqueta.

A Sociedade Lessening queria reclamar os corações de seus mortos tanto quanto os Irmãos, por isso nem bem um assassino se inteirava de que um de seus homens tinha caído, averiguavam o endereço do *lessen* e se dirigiam ali. Certamente algum dos bastardos que tinha matado essa noite tinha pedido reforços durante o processo. Tinham que estar cientes.

Tinham que vir.

Wrath escolheu a melhor posição defensiva, que era no dormitório do fundo, e apontou seu clique-clique-Bang-Bang³⁴ para a porta dianteira.

Não sairia dali até que fosse absolutamente necessário.

Capítulo 9

Nos subúrbios da cidade de Caldwell podia se encontrar fazendas ou bosques, e, além disso, havia duas variedades de fazendas, as leiteiras ou as que cultivavam trigo... Predominando as leiteiras, dado o curto período de desenvolvimento necessário. Os bosques eram também binários, e tinha para escolher entre os de pinheiros que precediam

³⁴ Nota da Revisora: arma.

os flancos das montanhas, e os de carvalhos que levavam aos pântanos do Rio Hudson.

Sem importar a paisagem, campestre ou industrializado, encontra estradas que eram pouco transitadas, casas que distavam quilômetros umas das outras e, vizinhos que eram tão solitários e de gatilho fácil como qualquer solitário pudesse desejar.

Lash, filho de Omega, estava sentado a uma mesa dobrável de cozinha em uma cabana de um só cômodo situada em uma das áreas cobertas com bosques. Em frente a ele sobre a gasta superfície de pinheiro estavam estendido todos os registros financeiros da Sociedade Lessening que tinha sido capaz de encontrar, imprimir ou descarregar em seu computador portátil.

Isto era uma puta merda. Estendeu a mão e recolheu um extrato do Banco Evergreen que tinha lido uma dúzia de vezes. A maior conta da Sociedade tinha cento e vinte e sete mil, quinhentos e quarenta e dois dólares e quinze centavos. As demais, que estavam alojadas em outros seis bancos, incluindo o Glens Falls National e o Farrel Bank & Trust, tinham saldos entre vinte dólares e vinte mil.

Se isto era tudo que a Sociedade tinha, estavam balançando-se sobre a borda a ponto de desmoronar-se em bancarrota.

As incursões feitas durante o verão tinham produzido alguns bons benefícios em forma de uma pilhagem de antiguidades e prata, mas acessar a esses recursos era complicado porque implicava um monte de contato humano. E tinham se apropriado de algumas contas financeiras, mas, uma vez mais, extrair dinheiro dos bancos humanos era uma confusão complicada. Como tinha aprendido do modo mais duro.

— Querem um pouco mais de café?

Lash levantou o olhar até seu número dois e pensou que era um milagre que o senhor D ainda permanecesse com ele. Quando Lash tinha entrado pela primeira vez neste mundo, logo depois de ter renascido por obra de seu verdadeiro pai, o Omega, havia se sentido extraviado, havendo convertido o inimigo em sua família. O senhor D tinha sido seu guia, embora como todos os mapas de turistas, Lash tinha assumido que o bastardo deixaria de ter utilidade quando o novo terreno tivesse sido aprendido pelo condutor.

Não foi assim. O pequeno texano que tinha sido o instrutor de Lash era agora seu discípulo.

— Sim, — disse Lash — e que tal um pouco de comida?

— Sim, senhor. Conseguirei um pouco de bacon gorduroso agora mesmo, e esse queijo que gosta.

O café foi servido generoso e lentamente na xícara de Lash. Em seguida lhe pôs açúcar, e a colher utilizada para mexer produziu um suave tinido. O senhor D teria limpado alegremente o traseiro de Lash se tivesse pedido, mas ele não era uma joaninha. O pequeno imbecil podia matar como ninguém no negócio, era o boneco Chucky dos assassinos. Grande cozinheiro de comida rápida, e além disso fazia panquecas altas, esponjadas como um travesseiro.

Lash consultou seu relógio. O Jacob & CO. Estava coberto de diamantes, e à luz tênue da tela do computador pareciam como mil pontos de luz. Mas a coisa era um falso substituto que tinha conseguido no EBay. Queria outro autêntico exceto... Jesus Cristo... Não podia permitir-se. Claro que tinha conservado todas as contas de seus “pais” depois de matar o casal de vampiros que lhe tinham criado como se fosse seu filho, mas embora houvesse uma boa quantidade de verdes dólares nesses sacos, era reticente a gastar algo disso em frivolidades.

Tinha faturas a pagar. Como as hipotecas, armas, munições, roupas, aluguel e arrendamento de carros. Os *lessers* não comiam, mas consumiam um montão de recursos, e o Omega não se preocupava com o efetivo. Mas claro, ele vivia no inferno e tinha a habilidade de conjurar algo do ar mesmo. De uma comida quente às capas Liberace com que gostava de cobrir seu negro e sombrio corpo.

Lash odiava admitir, mas tinha a sensação de que seu verdadeiro pai era um pouco folgado. Nenhum autêntico homem estaria totalmente preso nessa merda cintilante.

Ao elevar sua xícara de café, seu relógio brilhou e ele franziu o cenho.

Seja como for, era um símbolo de status.

— Seus meninos chegam tarde. — se queixou.

— Estão no caminho. — o senhor D se levantou e abriu a geladeira dos anos setenta. Que não só tinha uma porta que chiava e era da cor de uma azeitona podre, mas sim babava como um cão.

Isto era fodidamente ridículo. Precisavam modernizar suas guaridas. E senão todas, ao menos seu quartel general

Ao menos o café era perfeito, embora guardasse isso para si mesmo.

— Eu não gosto de esperar.

— Estão a caminho, não se preocupe. Três ovos na omelete?

— Quatro.

Enquanto uma série de rangidos e estalos se difundiam através da cabana, Lash golpeou ligeiramente a ponta de seu Waterman sobre o resumo do Evergreen. Os gastos da Sociedade, incluindo as faturas de celulares, conexões de internet, aluguéis/hipotecas, armas, roupa, e carros giravam facilmente em torno de uns cinqüenta mil ao mês.

Quando se colocou pela primeira vez em seu novo papel, esteve endemoniadamente seguro de que alguém em suas filas estava cortando a maçã. Mas durante meses tinha estudado as coisas cuidadosamente, e não havia nenhum Kenneth Lay que ele pudesse encontrar. Era uma simples questão de contabilidade, não de fraude de livros ou desvio: os custos eram mais altos que os lucros. E ponto.

Estava fazendo o que podia para armar a suas tropas, inclusive tinha chegado tão baixo para comprar quatro caixas de armas de motoqueiros que tinha conhecido na prisão durante o verão. Mas não era suficiente. Seus homens necessitavam algo melhor que Red Ryders reabilitados para acabar com a Irmandade.

E já que estava com a lista de desejos, precisava de mais homens. Tinha acreditado que os motoqueiros seriam um bom poço de recrutamento, mas tinham provado ser muito coesivos. Apoiando-se em seus entendimentos com eles, sua intuição lhe dizia que tinha que atrair a todos ou a nenhum... Porque estava claro como a merda que se escolhia, os escolhidos voltariam para sua casa-clube e contariam a seus colegas sobre seu novo entretenimento matando vampiros. E se recrutava a todos, depois correria o risco de que se rebelassem contra sua autoridade.

O recrutamento um por um ia ser a melhor estratégia, mas não era como se tivesse tempo para fazer nada disso. Entre as sessões de treinamento com seu pai — as quais, apesar de suas críticas ao vestuário de papai, estavam provando ser monstruosamente úteis — seu seguimento dos acampamentos de persuasão, saque de armazéns, e tentar conseguir que seus homens se concentrassem no trabalho que tinham entre mãos, não ficava nem sequer uma hora livre ao dia.

Assim que a merda se estava pondo crítica: para ser um bem-sucedido líder militar se requeriam três coisas, os recursos e os recrutas eram duas delas. E embora ser filho de Omega lhe proporcionava muitas vantagens, o tempo era o tempo, não se detinha por nenhum homem, nem vampiro, e tampouco por nenhuma semente do mal.

Considerando o estado das contas, sabia que tinha que começar com os primeiro recursos. Depois poderia ocupar-se dos outros dois.

O som de um carro estacionando junto à cabana lhe fez pôr a palma sobre uma quarenta e o senhor D foi pegar seu Magnum 357. Lash manteve seu ferro sob a mesa, mas o senhor D ficou todo fanfarrão com o seu, segurando a peça no alto com o braço estendido em uma linha reta desde seu ombro.

Quando ouviu o chamado, Lash disse afiadamente:

— Será melhor que seja quem acredito que é.

O *lesser* respondeu do modo correto.

— Sou eu, e o senhor A e seu encargo.

— Entre. — disse o senhor D, sempre tão bom anfitrião, apesar de que conservou sua 357 levantada e pronta para a ação.

Os dois assassinos que atravessaram a porta eram os últimos dos macilentos, o casal final de veteranos que tinham estado na Sociedade o suficiente para ter perdido sua coloração de cabelo e olhos original.

O humano que foi arrastado para dentro era um tipo mirrado de um metro e oitenta de altura sem nada particularmente interessante, um menino branco de vinte anos com um rosto comum e entradas que seriam um problema em outro par de anos. O aspecto de playboy, e a atitude de “quem lhe importa?” explicava além de toda dúvida por que se vestia como fazia: com uma jaqueta de couro com uma águia bordada à costas, uma camisa Fender Rock & Roll Religion, correntes pendurando dos jeans e tênis Ed Hardy.

Triste. Realmente triste. Era como pôr aros de vinte e quatro polegadas em um

Toyota Camry. E se o menino estivesse armado? Sem dúvida estava com uma navalha Suíça que usava principalmente como palito de dentes.

Mas não necessariamente tinha que ser um lutador para ser de utilidade. Lash tinha desses. Deste PDM³⁵ necessitava algo mais.

O homem olhou à boas-vindas oferecida pela Magnum do senhor D e olhou para trás, em direção à porta, como se perguntando se poderia correr mais rápido que uma bala. O senhor A resolveu a questão fechando a porta com todos eles dentro e ficando diante da saída.

O humano olhou o Lash e franziu o cenho.

— Hey... Conheço você. Da prisão.

— Sim, claro. — Lash permaneceu sentado e sorriu um pouco — Então, quer saber os prós e os contras desta reunião?

O humano tragou e voltou a concentrar-se no canhão do senhor D.

— Sim. Claro.

— Foi fácil de encontrar. Tudo o que meus homens tiveram que fazer foi ir ao Screamer's e esperar um momento e... Aqui está. — Lash se recostou em sua cadeira e o assento de vime rangeu. Quando o olhar do humano se moveu inquieto, teve a tentação de lhe dizer que se esquecesse do som e se preocupasse com a quarenta que tinha debaixo da mesa apontada às jóias da família — Você se manteve fora de problemas desde que te vi na prisão?

O humano sacudiu a cabeça e disse:

— Sim.

Lash riu.

— Quer tentar de novo? Não está em sincronia.

— Quero dizer, ainda me mantenho em meu negócio, mas não me pegaram.

— Bom, bem. — quando os olhos do homem voltaram a saltar para o senhor D, Lash riu — Se eu fosse você, ia querer saber por que me trouxeram aqui.

— Ah... Sim. Isso seria genial.

— Minhas tropas estiveram lhe observando.

— Tropas?

— Tem um negócio firme na cidade.

— Ganho um bom dinheiro.

— Você gostaria de fazer mais?

Agora o humano olhou ao Lash, com um olhar ávido e lisonjeador nos olhos.

— Quanto mais?

O dinheiro era realmente um grande motivador, não?

— Faz bem para um vendedor em pequenas quantidades, mas neste momento é de

³⁵ Nota da Revisora: Pedaço de Merda.

pouca subida. Felizmente para você, estou de humor para fazer um investimento em alguém como você, alguém que necessite um empurrão para passar ao nível seguinte. Quero que seja algo mais que um vendedor em pequenas quantidades, quero te converter em um intermediário com as pessoas importantes.

O humano levou uma mão ao queixo e a desceu por seu pescoço como se tivesse que despertar seu cérebro massageando a garganta. No silêncio, Lash franziu o cenho. Os nódulos do tipo estavam esfolados e faltava a pedra do anel barato do Instituto Secundário de Caldwell.

— Isso parece interessante. — murmurou o humano — Mas... Tenho que pensar um pouco.

— Como não. — cara, se esta era uma tática negociadora, Lash estava mais que preparado para assinalar que havia outros cem distribuidores menores que saltariam ante este tipo de trato.

Logo lhe faria um gesto com a cabeça ao senhor D e o assassino procederia a colocar uma bala na jaqueta de águia embaixo das exageradas entradas.

— Eu, ah, não posso voltar a Caldie³⁶. Durante um tempo.

— Por quê?

— Não está relacionado com a distribuição de drogas.

— Tem algo a ver com seus nódulos esfolados? — o humano escondeu rapidamente o braço depois disso — Foi o que pensei. Pergunta: se tem que te manter na clandestinidade, que demônios fazia no Screamer's esta noite?

— Digamos que queria fazer uma compra para mim mesmo.

— É idiota se tomar o que vende. — e não um bom candidato para o que Lash tinha em mente. Não queria fazer negócios com um idiota.

— Não se tratava de drogas.

— Uma nova identidade?

— Talvez.

— Conseguiu o que procurava? No clube?

— Não.

— Posso te ajudar com isso. — a Sociedade tinha sua própria plastificadora, pelo amor de Deus — E aí vai minha proposta. Meus homens, os que tem a sua esquerda e atrás de você, trabalharão contigo. Se não puder ser o homem que dá a cara na rua, pode conseguir a mercadoria e eles podem movê-la depois de que lhes mostre como funciona tudo. — Lash olhou o Senhor D — Meu café da manhã?

O Senhor D deixou a arma junto ao chapéu de cowboy que tirava só quando estava dentro de casa e depois avivou a chama sob uma caçarola que havia sobre o pequeno fogão.

³⁶ Nota da Revisora: Caldwell.

— De que tipo de dinheiro estamos falando? — perguntou o homem.

— Cem dos grandes como primeiro investimento.

Os olhos do homem pareciam máquinas registradoras, todo “ding-ding-ding” de excitação.

— Bom... Merda, isso é suficiente para começar o jogo. Mas quanto há para mim?

— Repartiremos os lucros. Setenta para mim. Trinta para você. De todas as vendas.

— Como sei que posso confiar em você?

— Não sabe.

Quando o Senhor D pôs um pouco de bacon ao fogo, o chiado e o cheiro encheu a casa e Lash sorriu ante o som.

O humano olhou a seu redor, e virtualmente se podiam ler seus pensamentos: cabana no meio do nada, quatro tipos contra ele, ao menos um dos quais tinha uma arma capaz de converter uma vaca em hambúrguer.

— Bem. Sim. De acordo.

O que era, é obvio, a única resposta.

Lash pôs a trava em sua arma, e quando pousou sua automática sobre a mesa, os olhos do humano se arregalaram.

— Vamos, como não pensou que te deixava coberto? Por favor.

— Sim. Ok. Certo.

Lash se levantou e rodeou a mesa em direção ao homem. Enquanto estendia a mão, disse:

— Como se chama, Jaqueta de Águia?

— Nick Carter.

Lash riu com força.

— Tenta de novo, imbecil. Quero o autêntico.

— Bob Grady. Mas me chamam de Bobby G.

Apertaram as mãos e Lash apertou forte, esmagando seus nódulos machucados.

— Alegro-me alegro de fazer negócios com você, Bobby. Eu sou Lash. Mas pode me chamar de Deus.

John Matthew examinou as pessoas da área VIP do ZeroSum não porque estivesse procurando paquera, como Qhuinn fazia, nem porque estivesse perguntando com quem Qhuinn ia querer paquerar, como Blay fazia.

Não, John tinha suas próprias fixações.

Normalmente Xhex aparecia a cada meia hora, mas fazia um momento sua segurança tinha se aproximado e ela partiu com pressa, e desde esse momento tinha desaparecido.

Quando uma ruiva passou brandamente junto a eles, Qhuinn se moveu no banco, sua bota de combate tamborilando sob a mesa. A mulher humana media ao redor de um metro

e setenta e tinha as pernas de uma gazela, longas, frágeis e encantadoras. E não era uma profissional... Ia de braço com um homem com aspecto de homem de negócios.

Isso não significava que não se entregasse por dinheiro, mas o fazia em uma modalidade mais legal chamada relação.

— Merda. — resmungou Qhuinn, seus olhos desiguais eram os de um predador.

John deu um tapinha na perna de seu colega e na Linguagem de Sinais Americano disse:

Olhe, por que não vai atrás com alguém. Está me enlouquecendo com esse estalo continuado.

Qhuinn assinalou a lágrima que tinha tatuada sob o olho.

— Supõe-se que não devo te deixar. Nunca. Esse é o ponto de ter um ahstrux nohstrum.

E se não fizer sexo logo, vai ser inútil.

Qhuinn observou como a ruiva arrumava a saia curta para poder sentar-se sem desdobrar o que sem dúvida era nada menos que uma depilação brasileira com cera (assim chamada, pois é uma depilação quase total) .

A mulher passeou a vista pelo lugar sem demonstrar interesse... Até que chegou ao Qhuinn. No momento em que lhe viu, seus olhos se iluminaram como se tivesse encontrado uma promoção na Neiman Marcus. Não lhe surpreendeu. A maioria das mulheres e fêmeas fazia o mesmo, e era compreensível. Qhuinn se vestia simplesmente, mas seu estilo era o de um cara duro: camisa negra metida em Z-Brands azuis escuro. As botas negras de combate. Piercings de metal negro percorrendo toda a longitude de uma de suas orelhas. O cabelo penteado formando picos negros. E recentemente tinha furado o lábio inferior no centro colocando um aro negro.

Qhuinn parecia o tipo de indivíduo que mantinha sua jaqueta de couro no colo porque levava armas nela.

O que fazia.

— Não, estou genial. — resmungou Qhuinn antes de terminar sua Corona — As ruivas não me caem bem.

Blay afastou o olhar bruscamente, assumindo um repentino e fingido interesse por uma morena. A verdade era que estava interessado em uma só pessoa, e essa pessoa lhe tinha rechaçado tão sólida e amavelmente como só um melhor amigo podia.

Era evidente, muito claro e bem certo que ao Qhuinn não fossem as ruivas.

Quando foi a última vez que esteve com alguém? Gesticulou John.

— Não sei. — Qhuinn pediu por gestos outra rodada de cervejas — Um tempo.

John tentou recordar e se deu conta que não tinha sido desde... Cristo, do verão, com essa garota da Abercrombie & Fitch. Considerando que Qhuinn costumava fazê-lo ao menos com três pessoas em uma noite, isso era um inferno de seca, e era difícil imaginar que uma dieta restrita a base de clímax conseguidos mediante masturbação fosse

contentar. Merda, inclusive quando se alimentava das Escolhidas, tinha estado mantendo as mãos para si mesmo, apesar do fato de que suas ereções cresciam até chegar a lhe provocar suores frios. Por outro lado, os três se alimentavam da mesma fêmea ao mesmo tempo, e por muito que Qhuinn não tivesse problema algum em ter audiência, conservava as calças em seu lugar por deferência a Blay e John.

Sério, Qhuinn, que demônios vai me acontecer? Blay está aqui.

— Wrath disse que sempre contigo. Assim devo estar. Sempre. Contigo.

Acredito que está levando isso muito a sério. Como que, muito a sério.

Do outro lado da seção VIP, a gazela ruiva se acomodou em seu assento de forma que os atributos que tinha mais abaixo da cintura se desdobrassem completamente, suas suaves pernas emergiram de debaixo da mesa e ficaram a plena vista de Qhuinn.

Esta vez quando o cara se moveu, foi bastante óbvio que estava reacomodando algo duro em seu colo. E não era uma de suas armas.

Pelo amor de Deus, Qhuinn, não digo que tenha que ser ela. Mas temos que conseguir que alguém se ocupe de...

— Disse que estava bem. — interveio Blay — Deixe-o em paz.

— Há um modo. — os olhos desiguais de Qhuinn se voltaram para John — Poderia vir comigo. Não é que vamos fazer nada, sei que não vai. Mas você também poderia conseguir alguém. Se quiser. Poderíamos fazê-lo em um dos banheiros privados, e você poderia ficar com o reservado e dessa forma poderia ver você. Você tem a palavra, ok? Não voltarei a puxar o assunto.

Enquanto Qhuinn afastava o olhar com atitude despreocupada e casual, se fazia difícil não simpatizar com o cara. Tanto a consideração, como a rudeza, vinha em um montão de variedades diferentes, e a gentil oferta de ter uma agradável sessão de sexo por partida dupla era uma espécie de amabilidade: Qhuinn e Blay sabiam o motivo pelo qual apesar de já ter passado oito meses da transição de John, não tinha estado com uma fêmea. Sabiam o motivo e ainda assim seguiam saindo com ele.

Deixar cair à bomba que John tinha estado ocultando tinha sido a patada final de Lash antes de morrer.

Tinha sido a razão pela que Qhuinn tinha matado ao estúpido.

Quando a garçonete trouxe uma nova rodada de cervejas, John olhou à ruiva e, para sua surpresa, lhe sorriu quando lhe pegou olhando.

Qhuinn riu baixinho.

— Possivelmente não sou o único que gosta.

John levou a Corona à boca e tomou um gole para ocultar seu rubor. A questão era, que desejava ter sexo e, como Blay, desejava-o com alguém em particular. Mas tendo perdido já uma ereção diante de uma fêmea nua e disposta, não tinha nenhum apuro em tentar de novo, especialmente não com a pessoa que lhe interessava.

Demônios. Não. Xhex não era o tipo de fêmea diante da qual quisesse nem sequer te

engasgar com uma asa de frango. Desinflar porque foi muito covarde para entrar em ação? Seu ego nunca voltaria a ser o mesmo...

Uma onda de inquietação na multidão fez com que deixasse de lado todos os “pobrezinho de mim” e se endireitasse no assento.

Um cara de olhos selvagens estava sendo escoltado através da área VIP por dois enormes seguranças, cada um com uma mão sobre a parte superior de seu braço. Estava sapateando sobre seus sapatos caros, com seus pés mal tocando o chão, e sua boca dançava de igual modo, parecendo uma imitação de Fred Astaire, embora John não pudesse ouvir o que estava dizendo por cima da música.

O trio entrou no escritório privado da parte de trás.

John acabou sua Corona e olhou fixamente a porta enquanto se fechava. Ocorriam coisas más às pessoas que eram levadas ali. Especialmente se eram arrastados por um par de seguranças.

Repentinamente, um silêncio atenuou todo o bate-papo da área VIP, fazendo com que a música parecesse estar muito alta.

John soube quem era antes de virar a cabeça.

Rehvenge tinha entrado pela porta lateral, sua entrada foi silenciosa, mas tão óbvia como o estalo de uma granada. No meio de seus clientes bem vestidos com suas bonecas de braço, as garotas com seus encantos expostos para ser comprados e as garçonetes correndo com as bandejas, ele diminuía o tamanho do espaço, e não só porque era um macho enorme vestido com um sobretudo de zibelina, mas sim pela forma em que olhava a seu redor.

Seus brilhantes olhos cor ametista viam todos e não se preocupavam com ninguém.

Rehv... Ou o Reverendo, como lhe chamava a clientela humana... Era um senhor da droga e um alcoviteiro que não dava uma merda pela vasta maioria. O que significava que era capaz de, e freqüentemente fazia, algo que lhe desse um real ganho.

Especialmente a caras do estilo do bailarino.

Caralho, a noite ia terminar mal para esse cara.

Quando Rehv passou a seu lado, saudou com a cabeça ao John e os meninos, e eles lhe devolveram a saudação, elevando suas Coronas em deferência. A questão era que Rehv era uma espécie de aliado da Irmandade, tendo sido nomeado *leahdyre* do conselho da glymera depois dos assaltos... Porque era o único desses aristocratas com culhões para permanecer em Caldwell.

Assim que lhe importava muito poucas coisas e estava a cargo de um diabólico montão de coisas.

John girou para a corda de veludo, sem sequer incomodar-se em dissimular. Certamente isto significava que Xhex tinha que estar...

Apareceu na porta da seção VIP, com o aspecto de um trilhão de dólares, ao menos em sua opinião: quando se inclinou ao redor de um dos seguranças para que o cara

pudesse lhe sussurrar ao ouvido, seu corpo estava tão tenso que os músculos de seu estômago se insinuavam através da camiseta sem mangas que lhe ajustava como uma segunda pele.

Falando de revolver-se no assento, agora era ele que tinha problemas de posição.

Entretanto, enquanto ela caminhava para o escritório privado de Rehv, sua libido se gelou. Nunca tinha sido do tipo que sorria muito, mas quando passou a seu lado, estava sombria. Igual ao Rehv.

Evidentemente, estava acontecendo algo, e John não pôde evitar o impulso ao estilo “cavalheiro-de-armadura-brilhante” que acendeu em seu peito. Mas vamos, Xhex não precisava de um salvador. Por acaso era do tipo de pessoa que estaria no cavalo, lutando contra o dragão.

— Parece um pouco apertado aí. — disse Qhuinn baixinho quando Xhex entrou no escritório — Mantém minha oferta em mente, John. Não sou o único que sofre, verdade?

— Se me desculpam. — disse Blay, ficando em pé e pegando sua Red Dunhills e seu isqueiro dourado — Preciso de um pouco de ar fresco.

O macho tinha começado a fumar recentemente, um hábito que Qhuinn desprezava apesar do fato de que os vampiros não podiam desenvolver câncer. Entretanto, John o entendia. A frustração devia se resolver de algum modo, e só até certo ponto podia liberá-la a sós em seu dormitório ou com seus amigos na sala de musculação.

Demônios, todos eles tinham ganhado músculos nos últimos três meses, seus ombros, braços e coxas tinham ultrapassado a sua roupa. Fazia que um cara pensasse em dar razão aos lutadores a respeito de não ter nada de sexo antes dos torneios. Se seguissem ganhando músculos assim, iam acabar parecendo uma turma de lutadores profissionais.

Qhuinn baixou o olhar a sua Corona.

— Quer sair daqui? Por favor, me diga que quer sair daqui.

John desviou o olhar para a porta do escritório de Rehv.

— Ficamos. — resmungou Qhuinn enquanto fazia gestos à garçonete, que se aproximou do momento — Vou precisar de outra destas. Ou talvez uma caixa.

Capítulo 10

Rehvenge fechou a porta de seu escritório e sorriu tensamente, para evitar que suas presas aparecessem. Entretanto, ainda sem a exibição dos caninos, para o recolhedor de apostas espremido entre Trez e iAm foi suficiente para saber que estava em sérios problemas.

— Reverendo o que é tudo isto? Por que me chama assim? — disse o tipo precipitadamente — Estava me ocupando de meu negócio, para o senhor e de repente

estes dois...

— Ouvi algo interessante sobre você. — disse Rehv, rodeando seu escritório.

Quando estava se sentando, Xhex entrou no escritório, com uma expressão dura nos olhos cinza. Após fechar a porta, apoiou as costas contra ela, sendo melhor que qualquer Master Lock quando se tratava de manter aos recolhedores de apostas trapaceiros dentro e longe dos olhos curiosos de fora.

— É mentira, é uma absoluta mentira...

— Você não gosta de cantar? — Rehv se recostou em sua cadeira, seu corpo intumescido encontrando uma posição familiar atrás da mesa de escritório negra — Não foi você que deu um pequeno espetáculo a La Tony Bennett para a multidão do Sal's a outra noite?

O recolhedor de apostas franziu o cenho.

— Bom, sim... Tinha alguns ouvintes.

Rehv fez um gesto com a cabeça a iAm, quem como sempre, tinha o rosto inexpressivo. O cara nunca demonstrava suas emoções, exceto quando se tratava de um cappuccino perfeito. Então podia vê-lo radiante de alegria.

— Meu companheiro aqui... Diz que cantou realmente bem. Que verdadeiramente agradou à multidão. O que cantou, iAm?

A voz de iAm era como a de James Earl Jones, baixa e profunda.

— Três Moedas na Fonte.

O recolhedor de apostas subiu as calças de um puxão em um gesto orgulhoso.

— Tenho habilidade. Tenho ritmo.

— Assim é um tenor como o bom e prezado senhor Bennett, não é? — Rehv tirou o casaco com um encolhimento de ombros — Os tenores são os meus favoritos.

— Sim. — o recolhedor de apostas olhou aos seguranças — Olhe, se importaria em me dizer o que é tudo isto?

— Quero que cante para mim.

— Quer dizer, como em uma festa? Faria qualquer coisa por você, chefe, já sabe. Tudo o que tem que fazer é pedir... Quero dizer, isto não era necessário.

— Não em uma festa, embora nós quatro desfrutemos ouvindo sua atuação. É para me compensar pelo que me roubou o último mês.

O rosto do recolhedor de apostas empalideceu.

— Eu não roubei...

— Sim, fez. Olhe, iAm é um contador fantástico. A cada semana, dá seus informes. Quanto, em que equipes, e que extensão. Acredita que não confere as contas? Apoiado nos informes do último mês deveria ter pagado... Qual era a cifra, iAm?

— Cento e setenta e oito mil quatrocentos e oitenta e dois.

— Isso mesmo. — Rehv fez um rápido gesto com a cabeça em sinal de agradecimento a iAm — Mas em vez disso veio com... Quanto?

— Cento e trinta mil novecentos e oitenta e dois. — replicou rapidamente iAm.

O recolhedor começou a falar imediatamente.

— Está enganado...

Rehv sacudiu a cabeça.

— Adivinha de quanto é a diferença... Embora não é como se já não soubesse. iAm?

— Quarenta e sete mil e quinhentos.

— O que casualmente é igual à soma de vinte e cinco dos grandes mais um interesse de noventa por cento. Não é assim, iAm? — quando o segurança assentiu com a cabeça uma vez, Rehv golpeou o chão com sua bengala e ficou em pé — E resulta que esse é o interesse de cortesia aplicado pela máfia de Esquente. Então Trez se dedicou a escavar um pouco, e o que foi que averiguou?

— Meu amigo Mike diz que emprestou vinte e cinco dos grandes a este cara aqui justamente antes do Rose Bowl¹².

Rehv deixou sua bengala sobre a cadeira e rodeou a mesa do escritório, mantendo uma mão sobre a superfície para estabilizar-se. Os seguranças voltaram a ficar em posição, ladeando ao recolhedor de apostas, voltando a segurá-lo pela parte superior dos braços.

Rehv se deteve justamente diante do homem.

— Assim perguntarei isso uma vez mais, acredita que ninguém comprovaria as contas?

— Reverendo! Chefe... Por favor, ia lhe devolver isso! Por favor... Machucariam-me...

— Sim, é claro que vai fazê-lo. E vai me pagar o que cobro dos bastardos que tentam brincar disso comigo. Um castigo cento e cinqüenta por cento de interesse ao final deste mês ou sua esposa vai receber por correio seus pedacinhos. Oh, e está despedido.

O homem estalou em lágrimas, e não eram do tipo das de crocodilo. Eram autênticas, da classe que fazia que o nariz de um homem avermelhasse e os olhos inchassem.

— Por favor... iAm me danificar...

Rehv estendeu a mão de repente e a fechou entre as pernas do tipo. O uivo, quase um guincho, lhe indicou que embora ele não pudesse sentir nada, o recolhedor de apostas podia, e que a pressão estava sendo exercida no ponto exato.

— Não gosto que me roubem. — disse Rehv no ouvido do homem — Eu fico de saco cheio. E, se acredita que o que a máfia te faria é mau, garanto que sou capaz de algo pior. Agora... Quero que cante para mim, filho da puta.

Rehv retorceu com força e o tipo gritou com tudo o que tinha, o som foi alto e agudo, e ecoou na sala do andar de baixo. Quando o chiado começou a desvanecer-se porque o recolhedor de apostas tinha esgotado seu fornecimento de ar, Rehv cedeu e lhe deu oportunidade de refrescar as cordas vocais com um e outro ofego. E depois disso...

O segundo grito foi mais alto e ruidoso que o primeiro, provando que os vocalistas

o faziam melhor depois de um pequeno aquecimento.

O recolhedor se sacudiu e saltou entre os seguranças, e Rehv seguiu apertando, seu lado *symphath* observando absorto, como se fosse o melhor espetáculo da televisão.

O homem demorou ao redor de nove minutos para perder a consciência.

Depois de ter apagado, Rehv o soltou e voltou para sua cadeira. Fez um gesto com a cabeça em direção a Trez e iAm e estes tiraram o humano pela porta de trás, para o beco, onde o frio o reviveria finalmente.

Quando partiram, Rehv teve uma súbita imagem de Ehlena balançando todas aquelas caixas de dopamina em seus braços enquanto entrava na sala de exame. O que pensaria dele se soubesse o que fazia para manter seu negócio em movimento? O que diria se soubesse que, quando disse ao recolhedor de apostas que ou pagava ou sua esposa receberia pacotes de FedEx que gotejariam sangue sobre os degraus de sua entrada, não tinha sido apenas uma ameaça? O que faria se soubesse que estava completamente preparado para cortá-lo ele mesmo em pedacinhos ou ordenar a Xhex, Trez ou iAm que o fizessem por ele?

Bom, já tinha a resposta, não?

Sua voz, essa clara e encantadora voz, voltou a ressonar em sua mente: *Será melhor que guarde isto. Para alguém que vá utilizar alguma vez.*

Certamente, ela não conhecia os detalhes, mas era esperta o bastante para rechaçar seu cartão de visita.

Rehv se concentrou em Xhex, que não se moveu de sua posição contra a porta de entrada. Quando o silêncio se prolongou, ela baixou o olhar ao tapete negro de pelo curto, desenhando um círculo ao redor de si mesma com o salto de sua bota.

— O que foi? — perguntou. Quando ela não levantou o olhar, pressentiu sua luta para recompor-se — Que merda aconteceu?

Trez e iAm voltaram a entrar no escritório e se colocaram contra a parede negra que estava frente à mesa de escritório de Rehv. Cruzaram os braços diante de seus enormes peitos e mantiveram a boca fechada.

O silêncio era algo característico nas Sombras... Mas combinado com a expressão tensa de Xhex e a rotina semicircular que estava realizando com essa bota, queria dizer que a merda era profunda.

— Fale. Já!

Os olhos de Xhex voaram aos seus.

— Chrissy Andrews está morta.

— Como? — embora soubesse.

— Golpeada e estrangulada até morrer em seu apartamento. Tive que ir ao necrotério para identificar o corpo.

— Filho da puta!

— Ocuparei-me do assunto. — Xhex não estava pedindo permissão, e sem importar

o que ele dissesse, ia atrás desse pedaço de merda do namorado — E o farei rápido.

Tecnicamente falando, Rehv estava no comando, mas, neste assunto não ia se interpor em seu caminho. Para ele, suas garotas não eram somente uma fonte de ganhos... Eram empregadas pelas quais se preocupava e com as quais se identificava intimamente. Assim, se alguém machucava a alguma, fosse um cliente, um namorado ou um marido, tomava um interesse pessoal na vingança.

As putas mereciam respeito, e as suas o conseguiam.

— Ensina-o uma lição primeiro. — grunhiu Rehv.

— Não se preocupe com isso.

— Merda... É minha culpa. — murmurou Rehv enquanto estendia o braço para frente e recolhia seu abridor de cartas. A coisa tinha forma de adaga e também estava tão afiada como uma arma — Deveríamos tê-lo matado antes.

— Ela parecia estar melhor.

— Talvez somente escondesse melhor.

Os quatro ficaram em silêncio um momento. Em sua profissão sofriam um montão de perdas — que as pessoas acabassem mortas não era nenhuma novidade — mas na maioria dessas mortes, ele e sua equipe eram os sinais negativos da equação: eles eram os que faziam com que os outros desaparecessem. Perder a um dos seus nas mãos de algum outro ficava mal.

— Quer ouvir as novidades desta noite? — perguntou Xhex.

— Ainda não. Também trago uma pequena notícia para compartilhar. — forçando sua cabeça a trabalhar, olhou Trez e iAm — O que estou a ponto de dizer revolverá bastante as coisas, e quero dar a ambos a oportunidade de partir. Xhex, você não tem essa opção. Sinto muito.

Trez e iAm permaneceram imóveis, o que não o surpreendeu absolutamente. Trez ainda lhe mostrou o dedo maior. Isso tampouco foi uma surpresa.

— Fui à Connecticut. — disse Rehv.

— Também foi à clínica. — acrescentou Xhex — Por quê?

O GPS era um saco algumas vezes. Era difícil ter um pouco de privacidade.

— Esquece a porra da clínica. Escutem, preciso que façam um trabalho para mim.

— Um trabalho como...?

— Pensa no namorado de Chrissy como em um aperitivo antes do jantar.

Isto arrancou um sorriso frio de Xhex.

— Conte.

Rehv olhou fixamente a ponta de seu abridor de cartas, pensando em que ele e Wrath riram porque ambos tinham um. Depois das incursões do verão, o rei tinha lhe feito uma visita, para discutir assuntos do conselho, e tinha visto a coisa sobre o escritório. Wrath tinha brincado a respeito de que em seu trabalho diário ambos administravam por meio da espada, ainda quando tinham uma pluma entre as mãos.

Não se afastava muito da verdade. Embora Wrath tivesse a moralidade de seu lado e Rehv só o interesse próprio.

De maneira que não tinha empregado um ponto de vista moral ao tomar a decisão e escolher o caminho a seguir. Tinha-o feito, como sempre, apoiado no que mais lhe convinha.

— Não vai ser fácil. — murmurou.

— O divertido nunca é.

Rehv se concentrou na ponta afiada do abridor de cartas.

— Este... Não é por diversão.

Ao se aproximar o fim da noite e com seu turno a ponto de terminar, Ehlena se sentia inquieta. Hora do encontro. Hora de decidir. Supunha-se que em vinte minutos o macho viria à clínica para recolhê-la.

Deus! Divagava novamente.

Seu nome era Stephan. Stephan, filho de Tehm, embora não conhecia nem a ele nem a sua família. Era um civil, não um aristocrata, e tinha ido ali com seu primo, que machucara a mão quando cortava lenha para o fogo. Enquanto preenchia a papelada de alta, falara com Stephan de todas essas coisas das que falam os solteiros: gostava de Radiohead, ela também. Gostava de comida da Indonésia, ele também. Ele trabalhava no mundo humano, programando computadores, graças à comunicação virtual. Ela era enfermeira, algo óbvio não? Ele vivia em casa com seus pais, era o único filho de uma sólida família civil... Ou ao menos tinha divulgado como sendo sólidos civis, seu pai trabalhava para empreiteiros vampiros, sua mãe ensinava a Antiga Língua por conta própria.

Agradável, normal. Confiável.

Levando em consideração o que os aristocratas tinham feito à saúde mental de seu pai, lhe ocorreu que tudo isso parecia uma boa aposta, e, quando Stephan a tinha convidado para tomar um café, havia dito que sim, tinham combinado para essa noite, e tinham trocado os números de celulares.

Mas, o que ia fazer? Chamá-lo e dizer que não podia por causa de sua situação familiar? Ir de todos os modos, e preocupar-se com seu pai?

Entretanto, um rápido telefonema para Lusie do vestuário, trouxe notícias favoráveis: seu pai Ehlena teve uma longa sesta e agora estava trabalhando tranquilamente nos papéis de seu escritório.

Meia hora de jantar. Talvez dividir uma sobremesa. Que mal podia fazer?

Quando ao fim decidiu ir, não apreciou a imagem que relampejou em sua mente. Agora que acabava de decidir que iria a um encontro com um macho, não deveria estar pensando no peito nu de Rehv com essas estrelas vermelhas tatuadas.

O que precisava era se concentrar em tirar o uniforme e em melhorar sua aparência, ao menos nominalmente.

Entre o pessoal do dia que entrava e os que trabalharam durante a noite que saiam, trocou o uniforme pela saia e o suéter que trouxera...

Tinha esquecido os sapatos.

Genial. Os sapatos brancos com sola de borracha não eram muito sexy.

— O que acontece? — disse Catya.

Girou-se.

— Alguma possibilidade de que estes dois botes brancos em meus pés não arruinem totalmente esta roupa.

— Hã... Honestamente? Não estão tão mal.

— Não mente nada bem.

— Ao menos tentei.

Ehlén guardou o uniforme em sua mochila, refez o penteado, e comprovou a situação da maquiagem. É óbvio, tinha esquecido o delineador de olhos e também o rímel, assim, como quem diz, a cavalaria ficou sem cavalos nesse flanco.

— Alegro-me de que saia. — disse Catya enquanto apagava a lista de nomes do horário noturno da lousa branca.

— Considerando que é minha chefe, isso me põe nervosa. Bem preferiria que se alegrasse por ver-me entrar na clínica.

— Não, não se trata do trabalho. Alegro-me que esta noite saia para se divertir.

Ehlén franziu o cenho e olhou ao seu redor. Por algum milagre, estavam sozinhas.

— Quem diz que vou a alguma parte que não seja para casa?

— Uma fêmea que vai para casa não troca o uniforme aqui. E não se preocupa de como estão os sapatos com a saia. Economizarei o “quem é ele”.

— É um alívio.

— A menos que queira compartilhá-lo voluntariamente?

Ehlén riu em voz alta.

— Não, prefiro mantê-lo em privado. Mas, se chegar a alguma parte... Desembucharei.

— Obrigarei que cumpra sua palavra. — Catya foi a seu armário e simplesmente ficou olhando.

— Está bem? — disse Ehlén.

— Odeio esta maldita guerra. Odeio receber os mortos e ver em seus rostos o quanto sofreram. — Catya abriu o armário e se ocupou em tirar sua parka — Sinto, não queria ser desmancha-prazeres.

Ehlén se aproximou e pôs uma mão sobre seu ombro.

— Sei exatamente como se sente.

Houve um momento de entendimento entre elas durante o qual sustentaram seus olhares. E, logo Catya aclarou a garganta.

— Bem, vá. Seu macho te espera.

- Virá me recolher aqui.
- Ooooh, talvez fique por aqui e fume um cigarro lá fora.
- Você não fuma.
- Demônios, frustrada outra vez.

De caminho à saída, Ehlena se apresentou na tela de registro para assegurar-se de que não havia nada mais que tivesse que fazer antes da substituição do novo turno. Satisfeita de que tudo estivesse em ordem, atravessou as portas e subiu as escadas até que finalmente esteve fora da clínica.

A noite estava mais à frente do código postal CEP que indicava fresco e entrando em cidade fria, e em sua opinião o ar cheirava a azul, se é que a cor podia ter alguma fragrância: é que sentia algo que simplesmente era muito fresco, glacial e claro quando respirava profundamente e exalava formando suaves nuvens. Com cada inalação, sentia-se como se estivesse tomando as safiras pulverizadas pelos céus em seus pulmões, e, que as estrelas eram faíscas que saltavam através de seu corpo.

Foi despedindo-se das atrasadas, enquanto as últimas enfermeiras partiam, desmaterializando-se ou conduzindo, dependendo do que tivessem planejado. Depois também Catya chegou e se foi.

Ehlena tamborilou com o pé e comprovou seu relógio. Seu macho estava dez minutos atrasado. Não era para tanto.

Recostando-se contra o revestimento de alumínio, sentiu que seu sangue cantava em suas veias, uma estranha sensação de liberdade inchando seu peito enquanto pensava em sair a alguma parte com um macho por sua própria...

Sangue. Veias.

Rehvenge não tratou de seu braço!

O pensamento penetrou em sua mente e permaneceu ali como o eco de um grande ruído. Não tinha tratado o braço. Não houvera nada no relatório sobre a infecção, e Havers era tão escrupuloso em suas notas como era com os uniformes do pessoal, a limpeza dos quartos dos pacientes e a organização dos armários de fornecimentos.

Quando retornara da farmácia com as drogas, Rehvenge tinha a camisa posta e os punhos abotoados, mas tinha assumido que era porque o exame tinha terminado. Entretanto, estava disposta a apostar que os tinha abotoado assim que ela terminou de lhe tirar sangue.

Mas... Não era assunto dela, não? Rehvenge era um macho adulto que tinha todo o direito a tomar más decisões sobre sua saúde. Igual aquele com overdose de drogas que mal sobrevivera à noite, e igualmente ao grande número de pacientes que assentiam muito quando o médico estava diante deles, mas que quando iam para casa deixavam de lado o indicado em suas receitas e os cuidados pós-operatórios.

Não havia nada que ela pudesse fazer para salvar a alguém que não queria ser salvo. Nada. E essa era uma das maiores tragédias de seu trabalho. Tudo o que podia fazer

era indicar as opções e as conseqüências e esperar que o paciente escolhesse sabiamente.

Soprou uma brisa, penetrando dentro de sua saia e fazendo-a invejar o casaco de pele de Rehvenge. Afastando-se da lateral da clínica, tentou ver o caminho abaixo, procurando faróis de carro.

Dez minutos mais tarde, voltou a olhar seu relógio.

E dez minutos depois desses, elevou o punho uma vez mais.

Tinham-na deixado plantada!

Não era uma surpresa. O encontro tinha sido marcado de maneira muito apressada, e em realidade não conheciam um ao outro, verdade?

Quando outra brisa fria a golpeou, tirou seu celular e escreveu: *Olá, Stephan sinto não tê-lo visto esta noite. Talvez em outro momento. E.*

Retornou o telefone a seu bolso e se desmaterializou para sua casa. Em vez de entrar em seguida, agasalhou-se com seu casaco e passeou daqui para lá pela calçada gretada que corria com o passar da lateral da casa até a porta traseira. Quando o vento gelado voltou a soprar, uma rajada lhe deu totalmente no rosto.

Picavam-lhe os olhos.

Ao dar as costas ao vendaval, algumas mechas de cabelo voaram para frente como se estivessem tentando fugir do frio, e ela estremeceu.

Genial. Agora, quando sua visão se empanasse, não teria a desculpa da brisa fria.

Deus estava chorando? Isso podia ser simplesmente um mal-entendido? Por um homem que mal conhecia? Por que lhe importava tanto?

Ah, mas não era por ele absolutamente. O problema era ela. Odiava estar onde tinha estado ao abandonar a casa: sozinha.

Tentando conseguir um apoio, literalmente, estendeu a mão para a maçaneta da porta traseira, mas não pôde obrigar-se a entrar. A imagem dessa cozinha miserável e muito organizada, o conhecido som dessas escadas rangentes que conduziam ao porão, e o aroma de pó e papel do dormitório de seu pai lhe eram tão familiares como seu próprio reflexo em qualquer espelho. Esta noite tudo resultava muito claro, um brilhante brilho que lhe cravava em ambos os olhos, um rugido soando em seus ouvidos, um enjoativo fedor bombardeando seu nariz.

Deixou cair o braço. O encontro tinha sido um passe de “saída da prisão”. Uma balsa para abandonar a ilha. Uma mão estendida sobre o precipício do qual ela estava pendurada.

O desespero a fez voltar bruscamente para a realidade como nenhuma outra coisa podia tê-lo feito. Não servia de nada sair com alguém se essa era sua atitude. Não era justo para o homem nem são para ela. Quando Stephan ligasse outra vez, se o fizesse, simplesmente diria que estava muito ocupada...

— Ehlena? Está bem?

Ehlena saltou afastando-se da porta que evidentemente acabava de se abrir

amplamente.

— Lusie! Sinto muito, somente... Só estava pensando muito. Como está papai?

— Bem, honestamente bem. Está dormindo outra vez.

Lusie saiu da casa e fechou evitando que o calor escapasse da cozinha. Depois de dois anos, era uma figura dolorosamente familiar, sua roupa boêmia e seu comprido cabelo grisalho resultavam reconfortantes. Como de costume, tinha sua bolsa de remédios em uma mão e sua enorme bolsa pendurada do ombro oposto. Dentro da bolsa de remédios havia um medidor de pressão sangüínea padrão, um estetoscópio, e medicamentos de sob nível... Tudo o qual Ehlena a tinha visto usar. Dentro da bolsa levava as palavras cruzadas do New York Time, chicletes de hortelã Wrigley's que gostava de mascar, a carteira e o batom cor pêssego que passava pelos lábios a intervalos regulares. Ehlena sabia das palavras cruzadas porque Lusie e seu pai as faziam juntos, do chiclete pelos pacotes que havia no cesto de papéis, e o batom era evidente, a carteira era uma hipótese.

— Como está? — Lusie esperou, seus olhos cinza claros enfocados — Você retornou um pouco cedo.

— Deixou-me plantada.

A forma que a mão de Lusie aterrissou sobre o ombro de Ehlena era o que fazia da fêmea uma grande enfermeira: com um toque te transmitia consolo, calidez e empatia, tudo o que ajudava a reduzir a pressão sangüínea, o ritmo cardíaco e a agitação.

Tudo o que ajudava a restabelecer uma mente emaranhada.

— Sinto-o. — disse Lusie.

— Oh, não, é melhor assim. Quero dizer, esperava muito.

— De verdade? Pareceu-me bastante sensata quando me falou disso. Somente iam tomar um café...

Por alguma razão disse a verdade:

— Não. Estava procurando uma saída. A que nunca chegará, porque nunca o deixaria. — Ehlena sacudiu a cabeça — De todos os modos, muito obrigado por vir...

— Não tem que ser uma situação disto ou aquilo. Seu pai e você...

— Realmente aprecio que tenha vindo cedo esta noite. Foi muito amável de sua parte.

Lusie sorriu da mesma forma que Catya tinha feito mais cedo, essa mesma noite, tensa e tristemente.

— De acordo, deixarei estar, mas tenho razão nisto. Pode ter uma relação e seguir sendo uma boa filha para seu pai. — Lusie olhou para a porta — Escute, terá que vigiar essa ferida da perna. A que se fez com a unha. Pus uma vendagem nova, mas estou preocupada com ela. Acredito que está infectando.

— Farei, e obrigada.

Depois que Lusie se desmaterializou, Ehlena entrou na cozinha, fechou a porta, passou a chave, e se dirigiu ao porão.

Seu pai estava em seu quarto, dormindo na enorme cama vitoriana, a enorme cabeceira esculpida parecia o arco lavrado de uma tumba. Sua cabeça descansava contra uma pilha de travesseiros brancos de seda, e o edredom de veludo vermelho sangue estava dobrado precisamente a meio caminho de seu peito.

Parecia um rei em repouso.

Quando a enfermidade mental se apropriou dele, seu cabelo e barba se tornaram brancos, fazendo que Ehlena se preocupasse que estivessem começando a aparecer nele as mudanças do final da vida. Mas depois de cinquenta anos, ainda parecia o mesmo, seu rosto não apresentava rugas e suas mãos seguiam sendo fortes e firmes.

Era tão difícil. Não podia imaginar a vida sem ele. E não podia imaginar-se tendo uma vida com ele.

Ehlena fechou parcialmente a porta e foi para seu próprio quarto, onde tomou banho, trocou-se e se esticou sobre a cama. Tudo o que tinha era uma cama de um lugar sem cabeceira, um travesseiro e lençóis de algodão, mas o luxo não lhe importava. Só necessitava um lugar onde esticar seus ossos cansados cada dia e isso era tudo.

Normalmente lia um pouco antes de dormir, mas hoje não. Realmente não tinha energias. Estendendo a mão para um lado, apagou o abajur, cruzou os pés à altura dos tornozelos e estendeu os braços retos.

Com um sorriso, compreendeu que ela e seu pai dormiam exatamente na mesma posição, verdade?

Na escuridão, pensou em Lusie e a forma em que tinha insistido no corte de seu pai. Ser uma boa enfermeira era preocupar-se com o bem-estar dos pacientes, inclusive depois de deixá-los. Tratava-se de treinar aos familiares em como continuar com os cuidados necessários, e ser um apoio.

Não era o tipo de trabalho que simplesmente se ia porque tinha terminado seu turno.

Religou o abajur com um clique.

Levantando-se, foi ao computador que tinha conseguido grátis na clínica quando os sistemas de TI13 tinham sido melhorados. A conexão de internet era lenta, como sempre, mas finalmente pôde acessar a base de dados dos registros médicos da clínica.

Colocou sua contra-senha, efetuou uma busca, logo outra. A primeira foi por compulsão, a segunda por curiosidade.

Gravou ambas, desligou o portátil e pegou seu telefone.

Capítulo 11

Quando estava amanhecendo, justo antes que a luz começasse a se reunir no céu do

leste, Wrath tomou forma nos densos bosques da parte norte da montanha da Irmandade. Não aparecera ninguém pelo Hunterbred, e a iminente luz do dia o tinha forçado a abandonar o lugar.

A grama rangia ruidosamente sob seus shitkickers, as finas agulhas dos pinheiros estavam quebradiças pelo frio. Ainda não havia neve para atenuar os sons, mas podia cheirá-la no ar, podia sentir essa gelada dentada na profundidade de seus seios nasais.

A entrada secreta do *Sancto Santorum* da Irmandade da Adaga Negra estava no extremo mais afastado de uma caverna, bem no fundo. Suas mãos localizaram por meio do tato o abridor na porta de pedra, e o pesado portal se deslizou detrás da parede de rocha. Entrando em um piso revestido de suave mármore negro, avançou por ele enquanto a porta se fechava as suas costas.

A sua vontade, as tochas se acenderam de cada lado, estendendo-se a uma longa distância e iluminando as enormes portas de ferro instaladas nos fins do século dezoito quando a Irmandade converteu essa caverna na Tumba.

Ao se aproximar, as grossas barras da porta adquiriram a aparência de uma fila de sentinelas armados ante sua visão imprecisa, as chamas trementes animavam algo que na realidade não tinha movimento. Com sua mente, abriu as duas metades e continuou seu caminho, entrando em um comprido passadiço cheio de prateleiras que iam do chão ao teto, a uns doze metros de altura.

Jarras de *lessers* de todo tipo e espécie estavam empilhadas uma junto à outra, em um desdobramento que marcava gerações de matanças feitas pela Irmandade. As jarras mais antigas eram somente toscos copos feitos à mão que tinham sido trazidos do Antigo País. A cada metro que avançava as jarras se tornavam mais modernas, até se chegar ao próximo jogo de portas e encontrar as porcarias chinesas produzidas em série vendidas na Target.

Não ficava muito espaço livre nas prateleiras e isso o deprimiu. Com suas próprias mãos ajudou a construir este monumento à morte de seus inimigos, junto com o Darius, Tohrment e Vishous, todos eles trabalharam em excesso durante um mês seguido, trabalhando durante o dia e dormindo sobre o chão de mármore. Tinha sido ele, que decidiu quanto aprofundar na terra, e estendeu o corredor das prateleiras vários metros a mais do que considerava necessário. Quando ele e seus irmãos terminaram de instalar tudo e logo depois de empilhar as jarras mais antigas, se convenceram de que não necessitariam tanto espaço para armazenamento. Tiveram a segurança de que no momento em que enchessem as três quartas partes disso, a guerra teria terminado.

E aí estava, séculos mais tarde, tratando de encontrar espaço suficiente.

Com uma pavorosa sensação de presságio, Wrath estimou com sua reduzida vista os últimos espaços que ficavam nas prateleiras originais. Era difícil não vê-lo como uma evidência de que a guerra estava chegando a seu fim, que o equivalente vampiro do finito calendário Maia estava nessas paredes de rocha grosseiramente esculpidas.

Não era com o brilho da obtenção da vitória que previa o depósito da última jarra junto às demais.

Uma das duas ou ficariam sem raça a qual proteger ou ficariam sem Irmãos para protegê-los.

Wrath tirou as três jarras de sua jaqueta e as pôs juntas formando um pequeno grupo, logo deu um passo atrás.

Tinha sido responsável por muitas dessas jarras... Antes de converter-se em Rei.

— Já sabia que tinha saído para lutar.

Ante o som da voz autoritária da Virgem Escriba, Wrath girou a cabeça bruscamente. Sua Santidade estava flutuando junto às portas de ferro, sua túnica negra estava a trinta centímetros acima do chão de pedra e sua luz resplandecia por debaixo da prega.

Houve um tempo em que seu resplendor foi cegamente brilhante. Agora apenas lançava sombra.

Wrath voltou a girar-se para as jarras.

— Assim, V se referia a isso quando disse que ia apertar o gatilho.

— Sim, meu filho foi até mim.

— Mas já estava inteirada. E, a propósito, isso não foi uma pergunta.

— Sim. — ela odiava perguntas.

Wrath levantou a vista e observou V atravessar as portas.

— Bom, olhem esta merda. — manifestou Wrath — A reconciliação entre mãe e filho... Ocorrerá em tão somente um instante. — deixou que a poesia lírica parafraseada ficasse flutuando no ar — Ou não.

A Virgem Escriba se adiantou, movendo-se lentamente entre as jarras. Na antiguidade — ou, demônios, tão somente no ano anterior — teria assumido o controle da conversa. Agora apenas flutuava.

Vishous fez um som de desgosto, como se tivesse esperado muito para que sua Queridíssima Mamãe³⁷ começasse a dar o sermão de “nem-mais-uma-palavra” para seu rei, e não se sentiu impressionado ao ver que não lhe fazia frente.

— Wrath, não me deixou terminar.

— E acredita que agora o farei? — esticou a mão para cima e com os dedos tocou a beira de uma das três jarras que acrescentou à coleção.

— Deixará que termine. — disse a Virgem Escriba em um tom desinteressado.

Vishous avançou a pernas, seus shitkickers pisavam firmemente o chão que ele mesmo tinha ajudado a colocar.

— A questão é que se vai sair, vá com reforços. E diga à Beth. De outra forma se converte em um mentiroso... E tem uma melhor oportunidade de deixá-la viúva. Maldito

³⁷ Nota da Revisora: no original “Mommie Dearest” faz referência a um filme apoiado no livro de igual título escrito por Cristina Crawford no qual relata o rígido e cruel comportamento de sua mãe adotiva Joan Crawford.

seja, ignore minha visão, se quiser. Mas ao menos seja prático.

Wrath caminhou para cima e para baixo, pensando que o cenário para este cerco era fodidamente perfeito: estava rodeado por testemunhos da guerra.

Finalmente se deteve frente às três jarras que tinha obtido essa noite.

— Beth pensa que fui ao norte do Estado me encontrar com Phury. Sabem, para trabalhar com as Escolhidas. Mentir enche o saco! Mas e o conhecimento de que tenhamos só quatro Irmãos no campo de batalha? É pior.

Houve um longo silêncio, durante o qual o único som que se escutava era o vibrante chispar das chamas das tochas.

Vishous rompeu o silêncio.

— Acredito que deveria ter uma reunião com a Irmandade, e dizer a verdade para Beth. Como falei se for lutar, lute. Mas faça abertamente, entende? Dessa forma não estará saindo sozinho. E, tampouco o fará algum de nós. Neste momento, quando ocorre o rodízio para descanso, alguém sempre termina lutando sem companheiro. Se você o fizesse legitimamente resolveria esse problema.

Wrath teve que sorrir.

— Cristo, se tivesse pensado que estaria de acordo comigo, teria falado antes. — olhou à Virgem Escriba — Mas, e o que me diz das leis. Da tradição.

A mãe da raça se voltou para enfrentá-lo e com voz distante disse:

— Tantas coisas mudaram. Que diferença faz uma mais. Fiquem bem, Wrath filho de Wrath e Vishous meu filho.

A Virgem Escriba desapareceu como uma brisa na noite fria, dissipando-se no éter como se nunca tivesse estado ali.

Wrath se reclinou contra as prateleiras, e, quando a cabeça começou a lhe pulsar, subiu os óculos e esfregou seus olhos inúteis. Quando se deteve, fechou as pálpebras e ficou tão quieto como a rocha que o rodeava.

— Parece moído. — murmurou V.

Sim, estava, verdade? E que triste isso era.

O tráfico de drogas era um negócio muito lucrativo.

Em seu escritório privado do ZeroSum, Rehvenge estava em frente a sua mesa no escritório revisando as faturas dessa noite, comprovando meticulosamente as quantidades, até o último centavo. iAm estava fazendo o mesmo no restaurante de Sal, e o primeiro dever de cada noite era encontrar-se ali para comparar resultados.

Na maioria das vezes chegavam ao mesmo total. Quando não era assim, ele os remetia ao iAm.

Entre o álcool, as drogas, e o sexo as importâncias em bruto das faturas superava os duzentos e noventa mil só para o ZeroSum. No clube trabalhavam vinte e duas pessoas com salário fixo, isso incluía dez seguranças, três barmans, seis prostitutas, Trez, iAm e Xhex, o

custo por todos eles girava em torno dos setenta e cinco mil dos grandes por noite. Os recolhedores de apostas e os traficantes autorizados a trabalhar no local, ou seja, aqueles vendedores de drogas que ele autorizava a vender sob suas premissas, eram comissionados, e o que restava após cobrarem sua parte, era dele. Também, uma vez por semana, ele ou Xhex e os seguranças realizavam entendimentos por quantidades mais importantes com um seleto número de distribuidores que tinham suas próprias redes de tráfico de drogas fora de Caldwell ou em Manhattan.

Calculando tudo, e depois de subtrair os custos do pessoal, ficavam aproximadamente duzentos mil por noite para pagar as drogas e o álcool vendidos, cobrir a calefação e a eletricidade, para a melhoria de bens de uso e o pagamento da equipe de limpeza de sete pessoas que entrava às cinco da manhã.

Cada ano tirava perto de cinqüenta milhões de seus negócios... O que parecia obscuro, e era, especialmente considerando que pagava impostos somente por uma fração disso. A questão era que as drogas e o sexo eram negócios arriscados, mas os lucros potenciais eram enormes. E necessitava dinheiro. Muito. Manter sua mãe no estilo de vida a que estava acostumada, e que bem merecia, era um assunto multimilionário. Além disso, ele tinha suas próprias casas e a cada ano trocava o Bentley assim que os novos modelos estavam disponíveis.

Entretanto, o gasto pessoal mais custoso de todos, disparado, eram as pequenas bolsas negras de veludo.

Rehv estendeu a mão sobre suas folhas de cálculo e recolheu a que enviaram do distrito de diamantes da Grande Maçã. Agora as entregas chegavam às segundas-feiras... antes costumava ser às últimas sextas-feiras do mês, mas agora ao abrir o Iron Mask, o dia livre do ZeroSum tinha mudado para domingo.

Desatou o cordão de cetim e abriu o pescoço da bolsa, vertendo um punhado de brilhantes rubis. Um quarto de milhão de dólares em pedras cor vermelho sangue. Voltou a colocá-las na bolsa, atou o cordão com um nó apertado, e olhou seu relógio. Faltavam dezesseis horas para que tivesse que empreender sua viagem para o norte.

A primeira terça-feira do mês era quando pagava seu resgate, e pagava à princesa de duas maneiras. Uma era com pedras preciosas. A outra com seu corpo.

Entretanto fazia que custasse a ela também.

Pensar aonde iria e o que se veria obrigado a fazer lhe provocou cócegas na nuca, e não o surpreendeu que sua vista começasse a mudar, e que o rosa escuro e o vermelho sangue substituíssem o negro e o branco de seu escritório, e que seu campo visual se nivelasse como por obra de uma escavadora convertendo-se em um nível plano.

Abrindo uma gaveta, tirou uma de suas bonitas caixas novas de dopamina e agarrou a seringa que tinha usado as últimas duas vezes que se injetou em seu escritório. Arregaçando o braço esquerdo, fez um torniquete no meio do bíceps mais por hábito que por verdadeira necessidade. Suas veias estavam tão inchadas que parecia que várias

toupeiras haviam feito suas tocas debaixo de sua pele, e sentiu uma pontada de satisfação ante o horrível estado em que estavam.

A agulha não tinha tampa que tirar, assim encheu o êmbolo da seringa com a prática de um usuário habitual. Levou-lhe um momento encontrar uma veia que fosse viável, e colocou a diminuta agulha de aço em seu corpo sem sentir nada de nada. Soube que finalmente tinha dado no lugar adequado quando puxou o êmbolo e viu que o sangue se mesclava com a solução clara da droga.

Enquanto liberava o torniquete e pressionava com o dedo polegar para fazer entrar o líquido, olhou fixamente a ulceração de seu braço e pensou em Ehlena. Ainda quando não confiava nele e não desejava sentir-se atraída por ele e embora evidentemente seria capaz de mover céu e terra para não sair com ele, seguia querendo ser uma salvadora. Seguia querendo o melhor para ele e sua saúde.

Isso era o que significava ser uma fêmea de valor.

Já tinha injetado a metade quando seu celular tocou. Um rápido olhar à tela indicou que o número não era conhecido, por isso deixou que a chamada se perdesse. As únicas pessoas que tinham seu número eram aquelas com as quais queria falar, e essa era uma lista endemoniadamente curta: sua irmã, sua mãe, Xhex, Trez e iAm. E o Irmão Zsadist, o *hellren* de sua irmã.

Isso era tudo.

Enquanto tirava a agulha de seu ralo vascular, amaldiçoou ante o assobio que indicava que tinham deixado um correio de voz. De tanto em tanto recebia um desses, gente deixando partes e retalhos de suas vidas em seu pequeno rincão de espaço tecnológico, pensando que era o de outra pessoa. Ele nunca devolvia a chamada, jamais mandava uma mensagem de texto com um: Este não é quem pensa que é. Já se dariam conta quando quem quer que pensassem estar chamando não devolvesse o favor.

Fechando os olhos se recostou contra o respaldo da cadeira e atirou a seringa sobre as folhas de cálculo, não podia importar menos se a droga funcionava.

Sentado a sós em sua guarida de iniquidade, na hora silenciosa em que todos se foram e o pessoal da limpeza não tinha entrado ainda, não lhe importava uma merda se os planos de sua visão retornavam a um modo tridimensional. Não lhe importava se reaparecia o espectro a toda cor. Não se perguntava a cada segundo que passava se retornaria à “normalidade” ou não.

Deu-se conta que isto tinha mudado. Até agora sempre se desesperou esperando que a droga funcionasse.

O que tinha feito a situação mudar?

Deixou a pergunta no ar enquanto recolhia o celular e agarrava a bengala. Com um gemido, ficou cuidadosamente de pé e caminhou para seu dormitório privado. O intumescimento estava retornando rapidamente a seus pés e pernas, mais rapidamente de quando conduzia vindo de Connecticut, mas bom, isso era típico. Quanto menos impulsos

symphath se desencadeassem, melhor funcionava a droga. E caramba! Tornava-se gracioso, mas ser selecionado para matar o rei o tinha exasperado.

Enquanto que estar sentado a sós no que podia chamar lar, não o fazia.

O sistema de segurança já estava ativo em seu escritório, e ativou outro para suas habitações privadas, logo se fechou no dormitório sem janelas no qual pernoitava de quando em quando. O banheiro estava do outro lado do quarto e atirou seu casaco de zibelina sobre a cama antes de entrar e abrir a ducha. Enquanto se movia pelo lugar, um frio que impregnava até os ossos se apoderou de seu corpo, fluindo de dentro para fora, como se tivesse se injetado Freon.

Isto sim ele temia. Odiava ter frio todo o tempo. Merda, talvez devesse ter se deixado ir. De toda forma não ia interatuar com ninguém.

Sim, mas se saltava muitas doses, voltar a nivelar-se era uma merda.

O vapor ondeou atrás da porta de vidro da ducha, se despiu deixando seu traje, a gravata e a camisa sobre o balcão de mármore que havia entre as duas pias. Ficando sob a ducha, tremeu violentamente e os dentes tilintaram.

Por um momento, derrubou-se contra as suaves paredes de mármore, mantendo a si mesmo no centro das quatro rosetas da ducha. Enquanto a água quente, que não podia sentir, caía em forma de cascata descendo por seu peito e seu abdômen, tratou de não pensar no que viria na noite seguinte, e falhou.

Oh, Deus... Seria capaz de voltar a fazê-lo? Ir ali acima e prostituir a si mesmo com essa cadela?

Sim, e a alternativa era... Que o denunciasses ante o conselho por ser um *symphath* e que deportassem seu rabo à colônia.

A escolha era clara.

À merda com isso, não havia escolha. Bella não sabia o que era, e descobrir a mentira familiar a mataria. E ela não seria a única vítima. Sua mãe se desmoronaria. Xhex ficaria furiosa e se mataria tratando de salvá-lo. Trez e iAm fariam o mesmo.

Todo o castelo de cartas cairia.

Compulsivamente, agarrou uma brilhante barra de sabão dourado do suporte de cerâmica que estava montado na parede e o esfregou entre suas mãos até fazer espuma. A merda que usava não era do tipo elegante e fino. Era o comum Dial, um desinfetante que sobre a pele parecia como um nivelador de pavimento.

Suas putas usavam o mesmo. Era com o que abastecia suas duchas, a pedido delas.

Sua regra era três vezes. Três vezes para cima e para baixo por seus braços e suas pernas, seus peitorais e seu abdômen, seu pescoço e seus ombros. Três vezes o afundava entre suas coxas, ensaboando o membro e os testículos. O ritual era estúpido, mas era algo compulsivo. Poderia ter usado três dúzias de barras de Dial e ainda assim seguir sentindo-se sujo.

Era gracioso, suas putas sempre se surpreendiam pelo trato que recebiam. Cada vez

que chegava uma nova, esperava ter que excitá-lo como parte de seu trabalho, e sempre estavam preparadas para serem agredidas. Em vez disso, obtinham seu vestiário privado com ducha, um horário seguro, e a segurança de que nunca, jamais seriam agredidas, e essa coisa chamada respeito... Que significava que podiam escolher os seus clientes, e, se os filhos da puta que pagavam pelo privilégio de estar com elas lhe tocavam embora fosse somente um de seus cabelos, tudo o que tinham de fazer era dizer e uma montanha de merda caía sobre o ofensor.

Mais de uma vez, aparecia alguma das mulheres na porta de seu escritório e pedia para falar com ele em particular. Geralmente isso acontecia aproximadamente um mês depois que começasse a exercer, e o que diziam era sempre o mesmo e sempre era expresso com uma espécie de confusão, que se ele fosse normal, teria lhe quebrado o coração:

— Obrigado.

Não era muito viciado nos abraços, mas era sabido que as atraía a seus braços e as abraçava durante um instante. Nenhuma delas compreendia que não era devido a ele ser um bom homem, mas sim porque era igual a elas. A dura realidade era que a vida tinha posto a todos onde não desejavam estar, quer dizer sobre suas costas frente a pessoas com as quais não queriam estar fodendo. Sim, havia algumas que não lhes importava o trabalho, mas como todo mundo, não queriam trabalhar todo o tempo. E Deus sabia que os clientes sempre apareciam.

Assim como sua chantagista.

Sair da ducha era um absoluto e puro inferno, e adiou o profundo congelamento o máximo que pôde, encolhendo-se sob a ducha enquanto discutia consigo mesmo sobre a saída. Enquanto o debate continuava, ouvia a água tilintar contra o mármore e tagarelar no deságüe de bronze, mas seu corpo totalmente intumescido não sentia nada salvo um leve alívio de seu Alaska interior. Quando acabou a água quente, soube somente devido a seus tremores piorarem e as unhas de suas mãos passaram de uma cor cinza pálida a um azul profundo.

De caminho à cama, secou-se com uma toalha e logo se lançou sob o edredom de visom o mais rápido que pôde.

Justo quando estava puxando as mantas para subir até sua garganta, seu celular emitiu um assobio. Outra mensagem de voz.

Fodida Central Geral com seu celular.

Ao verificar suas chamadas perdidas, descobriu que a última era de sua mãe, e se endireitou rapidamente, embora mudar para a posição vertical significasse que seu peito ficasse descoberto. Como a dama que era não ligava nunca, porque não queria “interromper seu trabalho”.

Pressionou alguns botões, pôs sua contra-senha, e se preparou para apagar a mensagem de número equivocado que sairia primeiro.

“Mensagem do 518—blah—blah—blah...” Pressionou a tecla de numeral para mandá-la a merda e se preparou para golpear o sete e desfazer-se da coisa.

Seu dedo estava encaminhando-se para baixo quando a voz de uma fêmea disse:

— Olá, eu...

Essa voz... Essa voz era... Ehlena?

— Porra!

De toda forma, o correio de voz era inexorável, sem importar-se uma merda que uma mensagem dela fosse o último que ele escolheria apagar. Enquanto amaldiçoava, o sistema continuou agitando-se até que escutou a suave voz de sua mãe falando na Antiga Língua.

— Saudações, queridíssimo filho, espero que esteja bem. Por favor, desculpe a intromissão, mas me perguntava se poderia passar pela casa nos próximos dias? Há um assunto sobre o qual devo falar contigo. Amo-te. Adeus, meu primogênito de sangue.

Rehv franziu o cenho. Tão formal, o equivalente verbal a uma atenta nota escrita por sua formosa mão, mas a solicitude era atípica nela, e isso dava o caráter de urgente. Mas estava fodido... Má escolha de palavras. Amanhã de noite era impossível devido a seu “encontro”, assim teria que ser a noite seguinte, assumindo que se encontrasse o suficientemente bem.

Ligou a casa, e quando uma das *doggen* atendeu disse à criada que estaria ali na quarta-feira de noite assim que o sol se pusesse.

— Senhor, se me permite. — disse a criada — Verdadeiramente me alegra que venha.

— O que está acontecendo? — quando houve uma longa pausa, sua frieza interior, piorou — Diga!

— Ela está... — a voz do outro lado se agitou — Está tão encantadora como de costume, mas nos alegra que venha. Se me desculpar, irei transmitir sua mensagem.

A linha ficou muda. No fundo de sua mente, tinha percebido o que ocorria, mas sistematicamente ignorou tal convicção. Verdadeiramente não podia pensar nisso. Definitivamente não podia.

Além disso, era provável que não fosse nada. Depois, toda paranóia era um efeito secundário quando se consumia muita dopamina, e Deus sabia que estava tomando mais que sua cota. Iria ao refúgio assim que pudesse, e ela estaria bem... Espere! O solstício de verão. Devia tratar-se disso. Sem dúvida desejava planejar as festividades que incluía Bella e Z e à menina, já que seria o primeiro ritual de solstício de Nalla, e sua mãe levava esse tipo de coisas muito a sério. Podia viver neste lado, mas as tradições das Escolhidas sob as quais tinha sido criada ainda formavam parte dela.

Era certo que se tratava disso.

Aliviado, pôs o número de Ehlena em sua caderneta de memória e ligou para ela.

Em tudo o que podia pensar enquanto o telefone chamava, além de em, “responde, responde, responde”, era em que confiava que estivesse bem. O que era uma loucura.

Como se fosse chamar a ele se tivesse algum problema?

Então por que haveria...

— Olá?

O som de sua voz no ouvido obteve algo que a ducha quente, o visom e a temperatura ambiente de oitenta graus não tinham obtido. O calor se estendeu desde seu peito, fazendo retroceder o intumescimento e o frio, cobrindo-o com... Vida.

Apagou as luzes para poder concentrar-se nela com tudo o que tinha.

— Rehvenge? — disse ela depois de um momento.

Reclinou-se contra os travesseiros e sorriu na escuridão.

— Olá.

Capítulo 12

— Sua camisa está ensangüentada... E... Oh, Deus... A perna de sua calça. Wrath, o que aconteceu?

De pé em seu escritório na mansão da Irmandade, enfrentando a sua amada *shellan*, Wrath puxou as duas metades de sua jaqueta de motoqueiro para fechá-las mais sobre seu peito, e pensou que era bom que ao menos lavou o sangue de *lessen* das mãos.

A voz de Beth ficou mais baixa.

— Quanto do que estou vendo é teu?

A seus olhos estava tão formosa como sempre, era a única fêmea a quem desejava, a única companheira possível para ele. Com jeans e seu suéter negro de pescoço alto, e o cabelo escuro caindo sobre seus ombros, era a coisa mais atrativa que tinha visto. Seguia sendo.

— Wrath!

— Não todo. — o corte de seu ombro sem dúvida tinha gotejado sobre sua camiseta sem mangas, mas também tinha segurado o macho civil contra seu peito, por isso o sangue do macho sem dúvida se mesclou com o seu próprio.

Incapaz de permanecer quieto caminhou pelo escritório, indo da mesa à janela ida e volta. O tapete que seus shitkickers cruzavam era azul, cinza e creme, um Aubusson cujas cores faziam par com o azul pálido das paredes e cujas espirais curvilíneas se inspiravam nos delicados móveis Louis XIV, os acessórios e os redemoinhos das molduras.

Realmente, nunca tinha apreciado a decoração. E tampouco o fez agora.

— Wrath... Como chegou aí? — o tom duro de Beth lhe indicou que já sabia a resposta, mas que ainda conservava a esperança de que houvesse outra explicação.

Juntando forças, voltou-se para enfrentar o amor de sua vida através da extensão carregada do escritório.

— Estou lutando outra vez.

— Está o que?

— Estou lutando.

Quando Beth ficou em silêncio. Alegrou-se de que a porta do escritório estivesse fechada. Viu os cálculos mentais que estava fazendo e sabia que o resultado do que estava somando ia adicionar-se a uma e só uma coisa: estava pensando em todas essas “noites no norte” com Phury e as Escolhidas. Todas as vezes que foi para a cama com camisetas de manga longa, úteis para ocultar hematomas, porque “estava resfriado”. Todas essas desculpas de “estou coxeando porque me exercitei muito”.

— Está lutando! — afundou as mãos nos bolsos de seu jeans, e, embora não pudesse ver muito, sabia endemoniadamente bem que o suéter negro de pescoço alto era o perfeito complemento para seu olhar — Somente para que fique claro. Está me dizendo que, vai começar a lutar. Ou que esteve lutando.

Isso era uma pergunta retórica, mas evidentemente queria que ele reconhecesse a mentira completa.

— Estive. Durante o último par de meses.

A fúria e a dor fluíram dela, derramando-se sobre ele, cheirando a madeira chamuscada e a plástico queimado.

— Olhe Beth, tinha que...

— Tinha que ser honesto comigo! — disse asperamente — Isso é o que tinha que fazer.

— Não esperava ter que sair por mais de um mês ou dois...

— Um mês ou dois! Quantos demônios fazem... — clareou a garganta e baixou a voz

— Quanto faz que o está fazendo?

Quando disse, voltou a ficar calada. Logo disse:

— Desde agosto? Agosto.

Desejava que desse rédea solta a seu temperamento. Que lhe gritasse. Que lhe insultasse.

— Sinto muito. Eu... Merda, realmente sinto.

Ela não disse nada mais, e o aroma de suas emoções se afastou à deriva, dispersado pelo ar quente que soprava pelos ralos da calefação que havia no chão. No corredor, um *doggen* estava passando o aspirador, o som do acessório para tapetes zumbia acima e abaixo, acima e abaixo. No silêncio que reinava entre eles, esses sons habituais, cotidianos eram algo ao que apegar-se... Pois era o tipo de coisa que ouvia todo o tempo e raramente notava porque estava ocupado lutando com a papelada, ou distraído pelo fato de que tinha fome, ou tratando de decidir se preferia relaxar vendo a TV ou no ginásio... Era um som seguro.

E, neste momento, devastador para sua união, apegava-se à canção de berço de Dyson com todas as suas forças, perguntando-se se alguma vez teria a sorte de poder

ignorá-la outra vez.

— Nunca me passou pela cabeça... — clareou a garganta uma vez mais — Nunca me passou pela cabeça que haveria algo do qual não pudesse falar comigo. Sempre assumi que me dizia... Tudo o que podia.

Quando deixou de falar, ele estava gelado até os ossos. Sua voz tinha adquirido o tom que usava quando respondia chamadas equivocadas no telefone: dirigia-se a ele como se fosse um estranho, sem nenhuma calidez nem interesse particular.

— Olhe Beth, devo estar lá fora. Devo...

Ela sacudiu a cabeça e levantou a mão para detê-lo.

— Não se trata de que esteja lutando.

Beth o olhou fixamente durante um segundo. Logo se voltou e se dirigiu para as portas duplas.

— Beth. — esse grasnido estrangulado era sua voz?

— Não, me deixe. Preciso de um pouco de espaço.

— Beth, escute, não temos guerreiros suficientes no campo de batalha...

— Não é pela luta! — girou e o enfrentou — Mentiu para mim! Mentiu. E não só uma vez, mas sim durante quatro meses.

Wrath queria discutir, defender-se, assinalar que tinha perdido a noção do tempo, que essas cento e vinte noites e dias tinham passado à velocidade da luz, que tudo o que esteve fazendo era pôr um pé na frente do outro, frente ao primeiro, andando minuto a minuto, hora a hora, tratando de manter a raça sem submergir, tratando de conter os *lessers*. Não teve intenção de continuar fazendo-o durante tanto tempo. Não tinha planejado enganá-la durante todo esse tempo.

— Só me responda uma coisa. — disse — Uma única coisa. É melhor que me diga a verdade, ou que Deus me ajude, mas vou... — levou a mão à boca, apanhando um débil soluço com mão débil — Honestamente, Wrath... Sinceramente pensou que fosse te deter? No fundo de seu coração, verdadeiramente acreditou que fosse fazê-lo..?

Ele tragou com força enquanto ela pronunciava as palavras com voz estrangulada.

Wrath respirou fundo. No transcurso de sua vida, tinha sido ferido muitas, muitas vezes. Mas nada, nenhuma ferida que pudessem ter lhe infligido alguma vez a sua pessoa, tinha-lhe doído uma fração da dor que sentiu ao lhe responder.

— Não. — voltou a respirar fundo — Não, não acredito... Que fosse me deter.

— Quem falou com você esta noite? Quem foi que te convenceu para que me dissesse isso?

— Vishous.

— Deviria ter sabido. Ele é provavelmente a única pessoa, tirando o Tohr que poderia tê-lo... — Beth cruzou os braços, abraçando a si mesma, e ele teria dado a mão com que empunhava a adaga para ter sido ele, que a estivesse abraçando — Que esteja aí fora lutando me assusta como a merda, mas esquece algo... Emparelhei-me contigo sem saber

que não se esperava que o rei estivesse no campo de batalha. Estava preparada para te apoiar ainda quando me aterrorizasse... Porque lutar nesta guerra está em sua natureza e em seu sangue. Idiota... — sua voz se quebrou — Tolo, teria te deixado fazê-lo. Mas em troca...

— Beth...

Interrompeu-o.

— Lembra-se da noite em que saiu no princípio do verão? Quando interveio para salvar o Z e logo permaneceu no centro da cidade lutando com os outros?

Seguro como o demônio que a recordava. Quando tinha retornado para casa, a tinha perseguido pelas escadas e fizeram sexo sobre o tapete da salinha do segundo andar. Várias vezes. Conservava como lembrança os shorts jeans que arrancou de seus quadris.

Jesus... Agora que pensava... Essa tinha sido a última vez que estiveram juntos.

— Disse-me que era somente por uma noite. — disse — Uma noite. Somente. Jurou, e confiei em você.

— Merda... O sinto.

— Quatro meses. — sacudiu a cabeça, e seu magnífico cabelo negro balançou sobre seus ombros, capturando a luz de uma maneira tão formosa que até seus inúteis olhos registraram seu esplendor — Sabe o que mais me dói? Que os Irmãos sabiam e eu não. Sempre aceitei esse assunto da sociedade secreta, entendi que há coisas que não posso saber...

— Eles tampouco sabiam. — bom Butch sabia, mas não havia razão para jogá-lo sob o ônibus — V se inteirou esta noite.

Ela cambaleou, e se encostou contra uma das paredes cor azul pálida.

— Esteve saindo sozinho?

— Sim. — estendeu a mão para lhe tocar o braço, mas ela o afastou — Beth...

Abriu a porta de um puxão.

— Não me toque...

A coisa se fechou de um golpe atrás dela.

A raiva contra si mesmo fez com que Wrath girasse sobre si e ficasse frente a seu escritório, e no instante em que viu todos os documentos, todas as solicitações, todas as queixas, todos os problemas, foi como se alguém tivesse conectado dois cabos cortados à suas omoplatas e lhe tivesse dado uma descarga. Lançou-se para frente, varreu com seus braços a superfície do escritório e fez voar a merda por toda parte.

Enquanto os papéis revoavam, caindo como neve, tirou os óculos de sol e esfregou os olhos, a dor de cabeça lhe estava atravessando o lóbulo frontal. Ficou sem fôlego, cambaleou, encontrou sua cadeira pelo tato e se derrubou sobre a maldita coisa. Com um áspero grunhido, deixou que sua cabeça caísse para trás. Ultimamente estas enxaquecas por estresse se estavam convertendo em um sucesso diário, aniquilando-o e prolongando-se como uma gripe que se recusava a ser erradicada.

Beth. Sua Beth...

Quando ouviu um golpe na porta, deu um bom treinamento a sua boca com a palavra

F.

O golpe voltou a soar.

— O que? — ladrrou.

A cabeça de Rhage apareceu uma fresta, logo ficou imóvel.

— Ah...

— O que?

— Sim, bom... Ah, dados enviados... E, uau, o forte vento que evidentemente acaba de soprar sobre seu escritório... Segue querendo manter uma reunião conosco?

Oh, Deus... Como faria para manter outra dessas conversas.

Mas bom, talvez devesse ter pensado nisso antes de decidir mentir a seus seres mais próximos e queridos.

— Meu Senhor? — a voz de Rhage adquiriu um tom gentil — Deseja ver a Irmandade?

Não.

— Sim.

— Quer o Phury no viva-voz do telefone?

— Sim. Escuta, não quero os meninos nesta reunião. Blay, John e Qhuinn... Não estão convidados.

— Imaginava. Hey, o que te parece se te ajudo a limpar?

Wrath olhou o tapete coberto de papéis.

— Eu me encarrego.

Hollywood provou sua inteligência ao não voltar a oferecer-se nem tampouco sair com um “então?”. Simplesmente saiu e fechou a porta.

Do outro lado, o relógio de pé que estava em um rincão, badalou. Era outro som familiar que geralmente Wrath não ouvia, mas agora enquanto permanecia sentado a sós no escritório, as badaladas soavam como se fossem emitidas através de alto-falantes de concerto.

Deixou as mãos caírem sobre os braços da frágil cadeira giratória e estes se viram diminuídos. A peça de mobiliário era mais do estilo de algo que uma fêmea usaria ao final da noite para apoiar o pé e tirar as meias.

Não era um trono. E essa era a razão pela qual a usava.

Não quis aceitar a coroa por muitos motivos, tinha chegado a ser rei por direito de nascimento, não por inclinação e em trezentos anos não tinha assumido. Mas, tão logo Beth chegou as coisas mudaram e finalmente tinha ido ver a Virgem Escriba.

Isso tinha acontecido dois anos atrás. Duas primaveras, dois verões, dois outonos e dois invernos.

Naquele tempo tinha grandes planos, no início. Geniais e maravilhosos planos para

unir à Irmandade, para que todos estivessem sob o mesmo teto, consolidando forças, escorando-se contra a Sociedade Lessening. Triunfando.

Salvando.

Reclamando.

Em troca, a glymera tinha sido sacrificada. Havia mais civis mortos. E havia ainda menos Irmãos.

Não tinham progredido. Tinham perdido terreno.

A cabeça de Rhage apareceu outra vez.

— Ainda estamos aqui fora.

— Maldito seja, disse que precisa de algum...

O relógio de pé voltou a soar, e enquanto Wrath escutava a quantidade de badaladas, deu-se conta que fazia uma hora que estava sentado a sós.

Esfregou os olhos doloridos.

— Dê-me outro minuto.

— Tudo o que necessite meu Senhor. Tome seu tempo.

Capítulo 13

Quando o olá de Rehvenge saiu pelo auricular de seu celular, Ehlena se ergueu na cama abandonando o travesseiro sobre o qual esteve deitada até esse momento, tragando um “Santa merda”... Logo se perguntou por que estava tão surpresa. Ela tinha ligado para ele, e segundo o manual, a forma em que as pessoas encaravam esse tipo de situações era... Bom, pois, te devolvendo a ligação. Uau.

— Olá. — respondeu.

— Não atendi sua ligação apenas porque não reconheci o número.

Homem, sua voz era sexy. Profunda. De baixo. Como se supunha que devesse ser a de um macho.

No silêncio que seguiu, pensou, “tinha ligado para ele por que...?” Oh, sim.

— Quis fazer o acompanhamento depois de sua consulta. Quando preparei os papéis para a alta, notei que não tinha recebido nada para seu braço.

— Ah.

A pausa que seguiu foi uma que não pôde interpretar. Talvez estivesse zangado por sua interferência?

— Só queria me assegurar que estivesse bem.

— Está acostumada a fazer isto com todos os pacientes?

— Sim. — mentiu.

— Havers sabe que está comprovando seu trabalho?

— Ao menos olhou suas veias?

A risada de Rehvenge foi baixa.

— Preferia que tivesse ligado por uma razão diferente.

— Não entendo. — disse com tom tenso.

— O que? Que alguém possa querer fazer algo com você fora do trabalho? Não é cega. Olhou-se no espelho. E certamente sabe que é inteligente, assim não se trata de um agradável adorno de vidraça.

No que a ela concernia, estava falando em um idioma estrangeiro.

— Não entendo por que não se cuida.

— Hmmmm. —riu brandamente, ela além de escutar o ronrono em seu ouvido pôde percebê-lo fisicamente — Oh... Também pode ser que esteja fingindo para poder vê-la outra vez.

— Olhe, a única razão pela que liguei foi...

— Porque precisava de uma desculpa. Rechaçou-me na sala de exame, mas na realidade queria falar comigo. Assim, me liga com a desculpa de meu braço para obter que a atenda por telefone. E agora me tem. — sua voz baixou outro tom — Deixará-me escolher o que quero que faça comigo?

Ela permaneceu em silêncio. Até que ele disse:

— Olá?

— Terminou? Ou quer seguir dando voltas ao assunto um momento mais, procurando todo tipo de significados a respeito do que estou fazendo?

Houve um instante de silêncio, e logo ele irrompeu em uma profunda e sincera gargalhada com seu vivo tom de barítono.

— Sabia que me agradava por mais de uma razão.

Ela se negou a ser cativada. Mas de todos os modos foi.

— Liguei por seu braço. Ponto. A enfermeira de meu pai acaba de ir, e estávamos falando de uma...

Fechou a boca assim que se deu conta do que tinha revelado, sentindo como se tivesse tropeçado com o equivalente coloquial da ponta de um tapete solto.

— Continue. — lhe disse com gravidade — Por favor.

— Ehlena? Ehlena...

— Está aí, Ehlena?

Mais tarde, muito mais tarde, refletiria que essas três palavras tinham sido seu precipício: Está aí, Ehlena?

Verdadeiramente foi o começo de tudo o que se seguiu, a frase inicial de uma dilaceradora jornada disfarçada na forma de uma simples pergunta.

Alegrava-lhe não saber aonde a conduziria. Porque às vezes a única coisa que podia te ajudar a sair do inferno era o fato de que estava colocada muito profundamente para poder sair.

Enquanto Rehv esperava a resposta, seu punho se apertou tanto sobre o celular, que acionou uma das teclas contra a bochecha e esta emitiu um bip de: Errr, homem, te afrouxe um pouco.

O juramento eletrônico pareceu romper o feitiço em ambos.

— Sinto-o. — murmurou ele.

— Está bem. Eu, ah...

— Dizia...?

Não esperava que respondesse, mas então... Ela o fez.

— A enfermeira de meu pai e eu estávamos falando de um corte que está lhe dando problemas, e isso foi o que me fez pensar em seu braço.

— Seu pai está doente?

— Sim.

Rehv aguardou que dissesse algo mais, enquanto tentava decidir se exercer um pouco de pressão faria com que se calasse... Mas ela resolveu a questão.

— Alguns dos medicamentos que toma provoca instabilidade, razão pela que se choca contra as coisas e nem sempre se dá conta de que se machucou. É um problema.

— Sinto muito. Cuidá-lo deve ser difícil para você.

— Sou uma enfermeira.

— E uma filha.

— Assim, era por um assunto clínico. Minha ligação.

Rehv sorriu.

— Deixe-me perguntar algo.

— Eu primeiro. Por que não deixa que avaliem o braço? E não me diga que Havers viu essas veias. Se o tivesse feito, lhe teria receitado antibióticos, e se você tivesse recusado haveria uma nota em seu histórico informando que tinha apelado à AMA. Olhe tudo o que necessita para tratá-lo são algumas pílulas, e sei que não tem fobia à medicina. Toma uma quantidade infernal de dopamina.

— Se estava preocupada com meu braço, por que não me falou na clínica?

— Eu o fiz, recorda?

— Não desta forma. — Rehv sorriu na escuridão e acariciou com a mão o edredom de visom. Não podia senti-lo, mas se imaginava que a pele era tão suave como o cabelo dela — Ainda penso que queria me ter ao telefone.

A pausa que seguiu o preocupou com a possibilidade de que desligasse.

Sentou-se, como se a posição vertical evitaria que ela pressionasse o botão de fim.

— Só estou dizendo... Bom, merda, o que quero dizer é que me alegra que tenha ligado. Sem importar a razão.

— Não falei mais deste tema na clínica porque foi antes que acrescentasse as notas de Havers no computador. Esse foi o momento em que me dei conta.

Ele ainda não acreditava que a chamada fosse completamente por motivos

profissionais. Poderia ter lhe mandado um email. Poderia ter dito ao doutor. Poderia passar a uma das enfermeiras do turno do dia para que fizesse o acompanhamento.

— Assim não há nenhuma possibilidade de que se sinta mal por me haver rechaçado tão duramente como o fez.

Ela clareou a garganta.

— Sinto por isso.

— Bom, a perdôo. Totalmente. Completamente. Tinha aspecto de não estar tendo uma boa noite.

Sua exalação foi uma manifestação de extenuação.

— Sim, não foi minha melhor noite.

— Por quê?

Outra longa pausa.

— É muito melhor por telefone, sabia?

Ele se pôs a rir.

— Muito melhor em que sentido?

— É mais fácil lhe falar. Na realidade... É bastante fácil falar com você.

— Faço-o bem no mano-a-mano.

De repente franziu o cenho, pensando no recebedor de apostas que tinha ajustado as contas em seu escritório. Merda, o pobre bastardo era somente um de um enorme número de traficantes de drogas, lacaios de Las Vegas, barmans e alcoviteiros que nos últimos anos tinha persuadido a golpes. Sua filosofia sempre tinha sido que a confissão era boa para a alma, especialmente quando se tratava de caras que pensavam que não notaria que o estavam fodendo. Seu estilo de administração também lançava uma importante mensagem em um negócio onde a debilidade fazia com que lhe matassem. O comércio clandestino requeria uma mão dura, e sempre tinha acreditado que essa era a realidade em que vivia, somente.

Entretanto, agora nesse sossegado momento, tendo Ehlena tão perto, sentia como se seu “mano-a-mano” era algo que requeria uma desculpa e ser encoberto.

— Então? Por que esta noite não foi boa? — perguntou desesperado por sossegar a si mesmo

— Meu pai. E logo... Bom, deixaram-me plantada.

Rehv franziu o cenho tão fortemente que de fato sentiu um leve ponto entre os olhos.

— Para um encontro?

— Sim.

Odiava a idéia dela saindo com outro macho. E não obstante invejava ao filho da puta, quem quer que fosse.

— Que imbecil. Sinto muito, mas que imbecil.

Ehlena riu, e ele amou o som, especialmente a forma em que seu corpo se esquentou

um pouquinho mais em resposta. Homem, ao demônio com as duchas quentes. Essa risada suave e tranqüila era o que necessitava.

— Está sorrindo? — disse brandamente.

— Sim. Quero dizer, suponho que sim. Como soube?

— Simplesmente tinha a esperança de que fosse assim.

— Bom, realmente pode ser amável e encantador. — rapidamente para dissimular o elogio, disse — O encontro não era grande coisa nem nada. Não o conhecia muito bem. Era somente para tomarmos um café.

— Mas terminou a noite no telefone comigo. O que é muito melhor.

Ela voltou a rir.

— Bom, agora nunca saberei como seria sair com ele.

— Não?

— Eu somente... Bom, pensei nisso, e não acredito que ter encontros neste momento seja uma boa idéia, dada minha situação. — o surgimento de seu júbilo foi descartado quando adicionou — Com ninguém.

— Hmmm.

— Hmmm? O que significa hmmm?

— Significa que tenho seu número telefônico.

— Ah, sim, tem... — sua voz se deteve quando o sentiu mover-se — Espere, você está... Na cama?

— Sim. E antes que continue, não quer saber.

— Não quero saber, o que?

— Quanto, não estou usando.

— Errr... — enquanto duvidava, soube que estava sorrindo outra vez. E provavelmente ruborizando-se — Não tinha intenção de perguntar.

— Muito inteligente de sua parte. Sou somente eu e os lençóis... Ups. Acabo de dizer isso em voz alta?

— Sim. Sim, o fez. — sua voz baixou um tom como se o estivesse imaginando nu. E a imagem mental não lhe incomodasse minimamente.

— Ehlena... — deteve a si mesmo, seus impulsos *sympath* contribuíram para o autocontrole. Para ir mais devagar. Sim, Rehv a desejava tão nua como ele estava. Mas, mais que isso desejava que permanecesse no telefone.

— O que? — respondeu.

— Seu pai... Esteve doente durante muito tempo?

— Ah... Sim, sim, esteve. É esquizofrênico. Não obstante, agora o temos medicado, e está melhor.

— Maldito... Seja. Isso deve ser realmente difícil. Porque ele está aí, mas ao mesmo tempo não está correto?

— Sim... Essa é exatamente a forma em que se sente.

Era parecido à forma em que ele vivia, seu lado *sympath* era uma constante realidade alternativa, que o perseguia enquanto tratava de viver as noites como uma pessoa normal.

— Se não se incomodar que pergunte, — disse cuidadosamente — para que precisa da dopamina? Não há nenhum diagnóstico em seu histórico médico.

— Provavelmente porque Havers sempre esteve me tratando.

Ehlén riu incômoda.

— Suponho que esse deve ser o motivo.

Merda, o que lhe dizia.

O *sympath* que havia nele lhe dizia “Como é, simplesmente minta”. O problema era que de alguma parte tinha aparecido outra voz em seu cérebro, rivalizando com a primeira, uma que lhe era desconhecida e muito débil, mas categoricamente compulsiva. Entretanto, como não tinha nem idéia do que era, continuou com sua rotina.

— Tenho Parkinson. Ou, mais precisamente, o equivalente vampiro.

— Oh... O sinto. Então é por isso que usa bengala.

— Meu equilíbrio é ruim.

— Não obstante a dopamina está lhe fazendo bem. Quase não tem tremores.

Essa débil voz em sua cabeça se transformou em uma estranha dor no centro de seu peito, e por um momento deixou de lado o fingimento, e disse a verdade:

— Não tenho nem idéia do que faria sem essa droga.

— Os medicamentos de meu pai foram como um milagre.

— Você é a única que o cuida? — quando ela respondeu com um hmmm, perguntou — Onde está o resto de sua família?

— Somos somente ele e eu.

— Então você está enfrentando uma tremenda carga.

— Bom, o amo. E se os papéis estivessem invertidos, ele faria o mesmo. É o que pais e filhos fazem uns pelos outros.

— Nem sempre. É evidente que você procede de uma família de gente bondosa. — antes de poder deter-se, prosseguiu — Mas é por isso que se sente sozinha, não é verdade? Sente-se culpada se o deixar, embora seja por uma hora, e se fica em casa não pode ignorar o fato de que a vida está passando. Está presa e gritando, mas não mudaria nada.

— Devo ir.

Rehv fechou os olhos com força, essa dor em seu peito, expandia-se através de todo seu corpo como um incêndio sobre pasto seco. Com sua vontade acendeu uma luz, como se a escuridão se convertesse em um símbolo de sua própria existência.

— É apenas... Que sei o que sente, Ehlén. Não pelas mesmas razões... Mas entendo todo esse assunto da separação. Sabe esse conceito de que está vendo todo o resto do mundo viver suas vidas... Oh, porra, como é. Espero que durma bem...

— Assim é como me sinto a maior parte do tempo. — agora sua voz tinha um tom

aprazível, e o alegrou que tivesse entendido o que tinha tratado de lhe dizer, apesar de que ele tinha sido tão eloqüente como um gato guia de ruas.

Agora era ele quem se sentia incômodo. Não estava acostumado a falar dessa forma... Nem a sentir dessa forma.

— Escute, deixarei que descanse um pouco. Alegra-me que tenha ligado.

— Sabe... A mim também.

— E Ehlena?

— Sim?

— Acredito que tem razão. Não é uma boa idéia que se envolva com alguém neste momento.

— Sério?

— Sim. Bom dia.

Houve uma pausa.

— Bom... Dia. Espere...

— O que?

— Seu braço. O que vai fazer com seu braço?

— Não se preocupe, estará bem. Mas obrigado por seu interesse. Significa muito para mim.

Rehv desligou primeiro e deixou o telefone sobre o edredom de visom. Fechou os olhos deixando a luz acesa. E não dormiu nada.

Capítulo 14

No complexo da Irmandade, Wrath abandonou a idéia de que logo se sentiria melhor em relação à situação com Beth. Inferno! Podia passar o próximo mês em sua cadeira, dando voltas na cabeça, e isso somente lhe gelaria o rabo.

E, enquanto isso, os cantos rodados³⁸ no corredor estavam ficando mofados e mal-humorados.

Abriu as portas duplas com sua vontade e como uma unidade seus irmãos ficaram firmes. Ao olhar através da extensão azul pálido do estúdio seus corpos grandes e duros na galeria, reconheceu-os não por seus rostos, nem sua roupa ou sua expressão, mas sim pelo eco de cada um em seu sangue.

³⁸ Nota da Revisora: no original faz um trocadilho com um dito em inglês que diz “Rolling Stones gather no moss” que em português seria “pedra que rola não cria mofo”. Neste caso os cantos rodados (que também se diz rolling stones, daí o trocadilho) deveriam ser os Irmãos que já esperavam no corredor fazia um momento, tanto como para criar mofo como diz o refrão e ficar de mau humor.

As cerimônias da Tumba que uniu a todos ressonavam sem importar quanto tempo tivesse ocorrido.

— Não fiquem aí parados! — disse enquanto a Irmandade o olhava fixamente — Não abri essas fodidas portas para me converter em uma exibição de zoológico.

Os irmãos entraram com suas pesadas botas... Exceto Rhage, que usava suas sapatilhas, seu costumeiro calçado para casa sem importar a estação. Cada um dos guerreiros tomou sua posição habitual na sala, com Z indo parar junto à chaminé, V e Butch sentados no sofá de pernas estreitas recentemente reforçadas. Rhage se aproximou do escritório com uma série de “flip-flip-flip” para ligar o alto-falante do telefone, deixando que seus dedos abrissem o caminho para Phury que estava no aparelho.

Ninguém disse nada a respeito dos papéis que estavam no chão. Ninguém tentou recolhê-los. Era como se ali não houvesse nenhuma confusão, e assim era como Wrath preferia.

Enquanto Wrath fechava as portas com a mente, pensou em Tohr. O irmão estava na casa, mais precisamente no corredor das estátuas, a apenas umas poucas portas, mas estava em um continente diferente. Convidá-lo não era uma opção... Seria uma crueldade, dado onde estava sua mente.

— Olá? — saiu a voz de Phury do telefone.

— Estamos todos aqui. — disse Rhage antes de desembulhar um Tootsie Pop e dirigir-se com seu “flip-flip-flip” para uma poltrona verde feia como o rabo.

A monstruosidade era de Tohr, e tinha sido levada ao escritório para que John Matthew dormisse nela depois que Wellsie fosse assassinada e Tohrment tivesse desaparecido. Rhage tendia a utilizar a coisa porque realmente com seu peso, era a opção mais segura para seu rabo, sofás reforçados de aço incluídos.

Com todos já acomodados, a sala ficou em silêncio à exceção do rangido dos molares de Hollywood sobre essa coisa de cereja que tinha na boca.

— Oh, que diabos... — Rhage gemeu finalmente ao redor de seu pirulito — Só nos diga isso! Seja o que for. Estou a ponto de me pôr a gritar. Morreu alguém?

Não, mas certo como a merda que sentia como se tivesse matado algo.

Wrath olhou em direção ao irmão, logo olhou a cada um deles.

— Serei seu companheiro, Hollywood.

— Companheiro? — Rhage passeou a vista pela sala para comprovar e ver se todos tinham ouvido o mesmo que ele — Não está falando do gim rummy, verdade?

— Não. — disse Z em voz baixa — Não acredito que esteja.

— Sagrada Merda! — Rhage tirou outro pirulito do bolso da camiseta negra — Isto é legal?

— Agora é. — murmurou V.

Phury falou ao telefone.

— Espera, espera... É para me substituir?

Wrath sacudiu a cabeça embora o Irmão não pudesse vê-lo.

— É para substituir a muitas pessoas que perdemos.

A conversa borbulhou como uma lata da Coca Cola que acabasse de ser aberta de repente. Butch, V, Z e Rhage começaram a falar todos de uma vez até que uma voz metálica interrompeu o falatório:

— Então, também quero voltar.

Todos olharam o telefone, exceto Wrath que olhou fixamente a Z para medir a reação do tipo. Zsadist não tinha problemas em demonstrar ira. Jamais! Mas escondia a preocupação e a inquietação como se fosse dinheiro solto e estivesse rodeado de assaltantes: enquanto a declaração de seu gêmeo ressoava, ficou em modo de completa auto-proteção, esticando-se e sem emitir absolutamente nada em termos de emoção.

Ah, correto, pensou Wrath. O duro bastardo estava assustado como um eunuco.

— Está certo de que é uma boa idéia? — perguntou Wrath lentamente — Possivelmente lutar não é o que necessita neste momento, Irmão.

— Não fumei em quase quatro meses. — disse Phury pelo alto-falante — E não tenho planos de voltar para as drogas.

— O estresse não fará essa merda mais fácil.

— Oh! Mas, ficar sentado sobre meu rabo enquanto o seu está fora o fará?

Maravilhoso. O rei e o Primale no campo de batalha pela primeira vez na história. E por quê? Porque a Irmandade estava nas últimas.

Grande recorde para superar. Como ganhar os fodidos cinqüenta metros nas olimpíadas para perdedores.

Cristo!

Salvo que então Wrath pensou nesse civil morto. Era esse um desenlace melhor? Não!

Recostando em sua delicada cadeira, olhou a Z com dureza.

Como se sentisse os olhos sobre ele, Zsadist se afastou do suporte da chaminé e ficou caminhando pelo escritório. Todos sabiam o que estava imaginando: Phury com uma overdose no chão do banheiro, com uma seringa de heroína vazia, atirada a seu lado, sobre o mosaico.

— Z? — a voz de Phury saiu do telefone — Z? Levante o auricular...

Quando Zsadist conversou com seu gêmeo, seu rosto, com a cicatriz trincada, adquiriu um cenho tão desagradável que até Wrath podia ver seu olhar enfurecido. E a expressão não melhorou ao dizer:

— Enche o saco! Sim. Enche o saco! Sei. Correto. — houve uma longa, longa pausa — Não, ainda estou aqui. Ok. Bem.

Pausa.

— Jura-me isso! Pela vida de minha filha.

Após um momento, Z apertou o alto-falante outra vez, pôs o auricular em seu lugar e

voltou para a chaminé.

— Estou dentro. — disse Phury.

Wrath se mexeu na efeminada cadeira, desejando que muitas coisas fossem diferentes.

— Sabe possivelmente em outro momento, diria que desistisse. Agora, somente direi... Quando pode começar?

— Ao anoitecer. Deixarei Cormia responsável com as Escolhidas enquanto estou fora no campo de batalha.

— A sua fêmea vai receber isso bem?

Houve uma pausa.

— Ela sabe com quem se emparelhou. E serei honesto com ela.

Ouch!

— Agora tenho uma pergunta. — disse Z brandamente — É a respeito do sangue seco que há em sua camiseta, Wrath.

Wrath pigarreou.

— De fato, já faz um tempo que retornei. À luta.

A temperatura da habitação caiu. Devido a que Z e Rhage ficaram de saco cheio por não terem sabido.

E então, repentinamente, Hollywood amaldiçoou.

— Espere... Espere. Vocês dois sabiam... Sabiam antes de nós, verdade? Porque nenhum parece surpreso.

Butch clareou a garganta, porque o olhavam com fúria.

— Precisava de mim para fazer a limpeza. E V tentou lhe fazer mudar de opinião.

— Quanto tempo faz que começou isto, Wrath? — ladrou Rhage.

— Desde que Phury deixou de lutar.

— Está brincando!

Z foi a passos longos até uma das janelas que iam do chão ao teto, e apesar das persianas estarem abaixadas, olhou fixamente a coisa como se pudesse ver os terrenos que havia do outro lado.

— Maldita boa coisa que não tenha conseguido que o matassem aí fora.

Wrath despiu suas presas.

— Acredita que luto como uma mariquinha simplesmente porque agora estou atrás deste escritório?

A voz de Phury se elevou do telefone.

— Bem, todo mundo, relaxem! Agora todos sabemos, e as coisas vão ser diferentes de agora em diante. Ninguém lutará sozinho, embora vamos de três em três. Mas, preciso saber, isto vai ser de conhecimento geral? Anunciará depois de amanhã na reunião do conselho?

Caralho, esse feliz e pequeno enfrentamento não era algo que estivesse desejando

levar a cabo.

— Acredito que por hora manteremos em silêncio.

— Sim. — replicou Z — Porque realmente, para que ser honestos?

Wrath o ignorou.

— Embora direi a Rehvenge. Sei que há membros da glymera que se estão queixando pelos assaltos. Se converter isso em algo muito grande, poderá acalmar as coisas com este tipo de informação.

— Já terminamos? — perguntou Rhage com voz monótona.

— Sim. Isso é tudo.

— Então vou indo.

Hollywood abandonou a sala indignado, e Z se foi justo detrás dele, duas vítimas mais da bomba que Wrath tinha deixado cair.

— Como Beth reagiu? — perguntou V.

— Como acha? — Wrath ficou de pé e seguiu o exemplo do par que tinha saído.

Hora de ir procurar à Doutora Jane para que o costurasse, assumindo que os cortes já não se fecharam.

Precisava estar preparado para voltar a sair para lutar amanhã.

Na fria e brilhante luz da manhã, Xhex se desmaterializou para o outro lado de uma parede alta, aos ramos nus de uma robusta sebe. A mansão que estava mais à frente descansava na superfície da paisagem como uma pérola cinza engastada em uma filigrana, árvores finas e cortadas pelo vento se elevavam ao redor da velha casa paroquial de pedra, ancorando-a na ondulada grama, prendendo-a contra a terra.

O débil sol de dezembro se derramava sobre ela, fazendo com que o que teria sido austero de noite parecesse unicamente venerável e distinto.

Seus óculos de sol eram quase negros, a única concessão que precisava fazer a seu lado vampiro se saía durante o dia. Atrás das lentes, sua visão permanecia aguda e via cada detector de movimento, cada luz de segurança e cada janela de vidro chumbado coberta por venezianas.

Entrar ia ser um desafio. Os vidros desses caras estavam sem dúvida reforçados com aço, o que queria dizer que desmaterializar-se para dentro seria impossível embora as venezianas estivessem levantadas. E com seu lado *symphath*, pressentiu que havia muitas pessoas dentro: na cozinha estava o pessoal. Acima estavam os que dormiam. Outros estavam movendo-se pelo lugar. Não era uma casa feliz, os quadriculados emocionais deixados pelas pessoas que havia ali estavam cheios de sentimentos sombrios e violentos.

Xhex se desmaterializou ao teto da seção principal da mansão, lançando a versão *symphath* do *mhis*. Não a ocultava por completo, mas era como se a convertesse em mais uma sombra, entre as sombras projetadas pelas chaminés e a merda do sistema do CVAA, mas era suficiente para comprar um passe pelos detectores de movimento.

Aproximando-se de um conduto de ventilação, encontrou uma lâmina de malha de aço grosso como uma regra, atarraxada às paredes de metal. A chaminé estava igual. Coberta com aço robusto.

Não a surpreendia. Tinham uma segurança muito boa aqui.

A melhor oportunidade de penetração seria de noite, utilizando uma pequena furadeira à pilhas em uma das janelas. As acomodações dos criados estavam atrás, seria um bom lugar para entrar, dado que o pessoal estaria trabalhando e essa parte da casa estaria mais tranqüila.

Entrar. Encontrar o objetivo. Eliminá-lo.

As instruções de Rehv era deixar um cadáver chamativo, assim não se incomodaria em ocultá-lo nem tampouco em desfazer do corpo.

Enquanto andava através dos pequenos seixos que cobriam o teto, os cilícios que levava ao redor das coxas lhe mordiam os músculos a cada passo, a dor a drenava de certa quantidade de energia e lhe proporcionava a concentração necessária... Ambas as coisas ajudavam a manter seus impulsos *symphath* presos no espaço traseiro de seu cérebro.

Não levaria postas as tiras com cilícios quando realizasse o trabalho.

Xhex se deteve e elevou o olhar ao céu. O vento seco e cortante prometia neve, e logo. O profundo gelo do inverno estava chegando a Caldwell.

Mas esteve em seu coração durante anos.

Abaixo dela, sob seus pés, voltou a sentir as pessoas, lendo suas emoções, as sentindo. Mataria a todos se o pedissem. Os assassinaria sem pensar nem duvidar enquanto jaziam em suas camas ou se dirigiam a seus deveres ou roubavam um bocado de meio-dia ou se levantavam para uma mijada rápida antes de voltar a dormir.

Tampouco lhe incomodava o resíduo sujo e detalhes do falecimento nem todo esse sangue, não mais do que a uma H&K ou a uma Glock importariam uma merda as manchas no tapete ou os ladrilhos melados ou as artérias que gotejavam. A cor vermelha era unicamente o que via quando ia trabalhar, e, além disso, de todos os modos, depois de um momento, todos esses olhos horrorizados e sobressaltados e essas bocas afogadas com os últimos fôlegos, viam-se todas iguais.

Essa era a grande ironia. Na vida, cada um era um floco de neve de formosa e independente proporção, mas quando a morte chegava e se sujeitava, deixava-te com pele, músculos e ossos anônimos, os quais se esfriava e deterioravam a um ritmo previsível.

Ela era a arma conectada ao indicador de seu chefe. Ele apertava o gatilho, ela disparava, o corpo caía, e apesar do fato de que algumas vidas eram alteradas para sempre, no dia seguinte o sol ainda saía e se punha para todas as demais pessoas que havia no planeta, incluindo a ela.

Tal era o curso de seu trabalho-obrigação, como o definia: metade emprego, metade obrigação pelo que Rehv fazia para proteger aos dois.

Quando voltasse para este lugar ao anoitecer, faria o que tinha que fazer ali e sairia

com a consciência tão intacta e segura como uma abóbada bancária.

Entrar e sair e nunca voltar a pensar nisso.

Assim era o caminho e a vida de um assassino.

Capítulo 15

Os aliados eram a terceira engrenagem na maquinaria da guerra.

Os recursos e os recrutas lhe davam o motor tático que permitiam a se enfrentar, cercar combate, e reduzir o tamanho e força dos exércitos de seus inimigos. Os aliados eram sua vantagem estratégica, gente cujos interesses estavam alinhados com os teus, embora suas filosofias e metas finais pudessem não coincidir. Era tão importante como o primeiro e o segundo se queria ganhar, mas eram um pouco menos controláveis.

A menos que soubesse como negociar.

— Estamos conduzindo faz um tempo. — disse o senhor D detrás do volante do Mercedes do falecido pai adotivo de Lash.

— E vamos seguir conduzindo um pouco mais. — Lash estudou seu relógio.

— Não vai dizer aonde vamos?

— Não. Não o fiz, verdade?

Lash olhou pela janela do sedã. As árvores aos lados da Northway pareciam desenhos feitos a lápis antes que se riscassem as primeiras folhas, nada mais que carvalhos ermos, sebes altas, finas e retorcidas. As únicas a ter um pouco de verde eram as robustas e rechonchudas coníferas, as quais iam aumentando em número à medida que se internavam no Parque Adirondack.

Céu cinza. Auto-estrada cinza. Árvores cinza. Era como se a paisagem do estado de Nova Iorque tivesse caído presa da gripe ou alguma merda assim, com um aspecto tão são como o de alguém que não tinha recebido sua vacina de pneumonia a tempo.

Havia duas razões pelas que Lash não tinha sido franco sobre aonde ele e seu segundo ao comando se dirigiam. A primeira era diretamente de mariquinha, e mal podia admitir para si mesmo. Não estava certo se iria ao encontro que tinha marcado.

A questão era que este aliado era complicado, e Lash sabia que só o fato de se aproximar era como cutucar um ninho de vespas com um pau. Sim, seria um grande aliado potencial, mas, se em um soldado a lealdade era um bom atributo, em um aliado era missão crítica, e para onde se dirigiam a lealdade era um conceito tão desconhecido como o medo. Assim, estava mais ou menos fodido nos dois extremos e por isso não falava. Se a reunião não corresse bem, ou se sua aproximação não funcionasse, não haveria negociação, e nesse caso, o senhor D não tinha que saber os pormenores de com quem ia negociar.

A outra razão que fazia com que Lash guardasse silêncio era que não estava seguro se a outra parte apareceria à festa. Em cujo caso, outra vez, não queria que soubessem o que tinha estado planejando.

Na lateral da estrada, em um pequeno sinal verde com letras refletivas brancas se lia: FRONTEIRA EUA 61.

Sim, sessenta e um quilômetros e estaria fora do país... E por isso a colônia *symphath* tinha sido colocada lá em cima. O objetivo tinha sido manter a todos esses filhos da puta sociopatas tão longe da população civil vampiro como fosse possível, e o objetivo foi alcançado. Um pouco mais perto do Canadá e teria que lhes dizer “foda-se” e “morre” em francês.

Lash fazia o contato graças ao velho Rolodex de seu pai adotivo, o que como o carro do macho, tinha provado ser muito útil. Como anterior *leahdyre* da câmara de vereadores, Ibix teve uma forma de contatar com os *symphaths* no caso de algum se encontrar escondendo-se entre a população geral e ter que ser deportado. É obvio, que a diplomacia entre as espécies nunca tinha sido oficial. Isso teria sido como oferecer a garganta exposta a um assassino em série, com o Henckels para cortá-la inclusive.

O e-mail de Lash ao rei dos *symphaths* tinha sido curto e direto ao ponto, e na breve missiva, identificou-se como quem era realmente, não como quem tinha crescido pensando que era: ele era Lash, chefe da Sociedade Lessening. Lash, filho de Omega. E estava procurando uma aliança contra os vampiros que tinham discriminado e rechaçado aos *symphaths*.

Certamente o rei queria vingança pela falta de respeito demonstrada a sua gente.

A resposta que recebeu foi tão gentil que quase vomitou. Mas então recordou de seus dias de treinamento que os *symphaths* tratavam tudo como se fosse uma partida de xadrez... Exatamente até o momento em que capturavam a seu rei, convertiam a sua rainha em uma puta, e queimavam seus castelos. A resposta do líder da colônia assinalava que um debate associado de interesse mútuo seria bem-vindo, e tinha perguntado se Lash seria tão amável de ir ao norte, já que as opções de viagem do rei exilado estavam, por definição, limitadas.

Lash fora de carro porque impôs uma condição própria, que era a assistência do senhor D. A verdade era que estabeleceu a condição simplesmente para igualar as demandas. Queriam que fosse a eles, bem, ele levaria um de seus homens. E como o *lesser* não podia desmaterializar-se, era necessário dirigir.

Cinco minutos depois, o senhor D pegou uma saída da auto-estrada e atravessou um centro urbano que era do tamanho de apenas um dos sete parques da cidade de Caldwell. Aqui não havia arranha-céu, só edifícios de tijolos de quatro e cinco andares, tanto assim parecia como se os duros meses de inverno tivessem impedido não só o crescimento das árvores, mas também da arquitetura.

Por ordem de Lash, conduziram para o oeste, passando hortas de pomares de maçãs

desfolhados e granjas de vacas cercadas.

Como tinha feito na auto-estrada, aqui também desfrutou da paisagem com olhos ávidos. Ainda o surpreendia poder presenciar a leitosa luz solar de dezembro lançando sombras sobre calçadas, telhados de casas e sobre a terra marrom que havia sob as nuas extremidades das árvores. Em seu renascimento, seu verdadeiro pai lhe deu um propósito renovado, junto com este dom da luz diurna, e desfrutava imensamente de ambos.

O GPS do Mercedes apitou um par de minutos depois, e a leitura se tornou toda incerta. Imaginou que isso significava que se aproximavam da colônia, e para lhe dar razão apareceu a estrada que estavam procurando. Ilene Avenue estava indicada somente por um diminuto sinal. E avenida, uma merda, não era nada mais que um caminho de terra que cruzava os campos de milho.

O sedã fazia o que podia sobre o caminho acidentado, seus amortecedores absorviam as crateras criadas pelos atoleiros, mas a viagem teria sido mais fácil em um fodido quatro por quatro. Não obstante, ao final, na distância apareceu um grosso círculo de árvores, e a granja que conformava a cabeça ao redor da qual estavam apinhados, estava em condições imaculadas, toda pintada de um branco brilhante com venezianas e teto verde escuro. Como tirado de um cartão de natal humano, com fumaça saindo de suas quatro chaminés, e o alpendre equipado com cadeiras de balanço e arbustos de folha perene.

Ao aproximar-se, passaram um discreto sinal branco e verde que dizia: ORDEM MONÁSTICA TAOISTA, EST. 1982.

O senhor D estacionou o Mercedes, desligou o motor, e fez o sinal da cruz sobre seu peito. O que era fodidamente estúpido.

— Isto me dá mau agouro.

A questão era que o pequeno texano tinha razão. Apesar do fato de que a porta dianteira estava aberta e a luz do sol se derramava sobre um piso de madeira de uma quente cor cereja, algo mal espreitava depois da fachada familiar. Era simplesmente muito perfeito, muito calculado para fazer com que uma pessoa se relaxasse e assim debilitar seus instintos defensivos.

Lash pensou que era como uma garota bonita com uma ETS.

— Vamos. — disse.

Ambos saíram, e enquanto o senhor D empunhava sua Magnum, Lash não se incomodou em procurar sua arma. Seu pai lhe tinha proporcionado muitos truques, e a diferença daquelas ocasiões em que tratava com humanos, não tinha problemas em mostrar suas habilidades especiais diante de um *symphath*. Se acaso, montar um espetáculo ajudaria a que o vissem sob a luz apropriada.

O senhor D colocou seu chapéu de cowboy.

— Isto realmente me dá um mau pressentimento.

Lash entrecerrou os olhos. Frente a cada uma das janelas, penduravam cortinas de

renda, mas apesar do branco do tecido, a merda era horripilante... Uau! Moviam-se?

Nesse momento, compreendeu que não era renda, a não ser tecidos de aranha. Povoadas por aracnídeos brancos.

— São... Aranhas?

— Sim. — certamente não seria a escolha decorativa de Lash, mas bom, ele não tinha que viver ali.

Os dois se detiveram no primeiro dos três degraus que levavam ao alpendre dianteiro. Caralho, algumas portas abertas não eram acolhedoras, e definitivamente aqui se dava o caso... Menos de “olá-como-está”, e mais de “entra-assim-poderemos-usar-tua-pele-para-fazer-uma-capa-de-superherói-para-um-dos-pacientes-de-hannibal-lecter”.

Lash sorriu. Quem quer que estivesse nessa casa era definitivamente um amigo.

— Quer que suba e toque a campainha? — disse o senhor D — Se é que há?

— Não. Esperaremos. Eles virão até nós.

E olhe só, alguém apareceu no extremo mais afastado do vestíbulo dianteiro.

O que desceu para eles tinha suficiente tecido pendurando de sua cabeça e ombros para competir com um cenário da Broadway. O tecido era estranho, de um branco reluzente, um branco que captava a luz e a refletia entre as grossas dobras, e o peso de toda ela era capturado por um forte cinturão branco de brocado.

Muito impressionante. Se te agradava o filme monarca-sacerdotal.

— Saudações, amigo. — disse uma voz baixa e sedutora — Sou o que procuram, o líder dos ingratos.

Os “s” se arrastavam até quase formar palavras independentes, o acento soava muito parecido ao tremor de advertência de uma serpente cascavel.

Um calafrio atravessou Lash e o formigamento desceu até seu pênis. O poder era, antes de tudo, melhor que o “Êxtase” como afrodisíaco, e esta coisa que se deteve entre os batentes da porta dianteira era toda autoridade.

Longas e elegantes mãos se estenderam para o capuz e jogaram as brancas dobras para trás. O rosto do líder ungido dos *sympaths* era tão suave como sua espetacular túnica, os planos das bochechas e queixo formados por elegantes e suaves ângulos. O lago genético que tinha engendrado a este formoso e decadente assassino era tão refinado que seu sexo era quase único, fundindo as características de macho e fêmea, com uma preponderância para o feminino.

Entretanto, o sorriso era completamente gelado. E os cintilantes olhos vermelhos eram sagazes até a malevolência.

— Não querem entrar?

A adorável voz serpentina fundiu essas palavras umas com outras, e Lash se encontrou desfrutando do som.

— Sim. — disse, voltando a concentrar-se no assunto — Faremos isso.

Quando se adiantou, o rei elevou a palma da mão.

— Um momento, se não se importar. Por favor, diga a seu associado que não tenha medo. Nada lhes fará mal aqui. — a declaração era bastante amável na superfície, mas o tom foi duro... Do qual Lash deduziu que não eram bem-vindos na casa se o senhor D levava uma arma na mão.

— Guarde a arma. — disse Lash brandamente — Nos tenho cobertos.

O senhor D embainhou a 357, com um “sim, senhor” tácito, e o *sympath* se afastou da porta.

Enquanto subiam os degraus, Lash franziu o cenho e baixou o olhar. Suas pesadas botas de combate não faziam nenhum som sobre a madeira, e o mesmo ocorreu sobre as tabuletas do alpendre quando se aproximaram da porta.

— Preferimos as coisas silenciosas. — o *sympath* sorriu, revelando que tinha os dentes parecidos, o que foi uma surpresa. Evidentemente, as presas destas criaturas, que uma vez tinha estado estreitamente aparentadas com os vampiros, tinham sido extirpadas. Se ainda se alimentavam, não podia ser muito freqüentemente, a menos que gostassem das facas.

O rei estendeu o braço à esquerda.

— Passamos ao salão?

O “salão” poderia ser descrito mais precisamente como “pista de boliche com cadeiras de balanço”. O espaço não era mais que um lustroso piso de madeira, e paredes cobertas só por pintura branca. No meio do caminho havia quatro cadeiras Shaker agrupadas formando um semicírculo ao redor da lareira acesa como se tivessem medo de tanto vazio e se apinhassem em busca de apoio.

— Sentem-se. — disse o rei enquanto levantava e afastava sua túnica para sentar-se em uma das altas e débeis cadeiras.

— Você fica de pé. — ordenou Lash ao senhor D, que obedientemente tomou posição atrás de onde Lash se sentou.

As chamas não estalavam alegremente ao consumir os lenhos que lhes tinham dado vida e as alimentavam. As cadeiras de balanço não rangeram quando o rei e Lash depositaram seu peso nelas. As aranhas não emitiram som quando cada uma caiu no centro de sua rede, como se preparassem-se para presenciar a reunião.

— Você e eu temos uma causa comum. — disse Lash.

— Parece acreditar nisto.

— Acreditava que sua raça acharia a vingança atrativa.

Quando o rei sorriu, esse estranho calafrio se disparou para o sexo de Lash.

— Está mal informado. A vingança não é mais que uma defesa crua e emocional contra um desprezo recebido.

— Está me dizendo que está abaixo de você? — Lash se recostou para trás e pôs sua cadeira em movimento, levando-a adiante e atrás — Hmmmm... Posso ter julgado a sua raça mal.

- Somos mais sofisticados que isso, sim.
- Ou talvez sejam só um bando de maricas.

O sorriso desapareceu.

— Somos muito superiores àqueles que acreditam nos haver aprisionado. Para falar a verdade, preferimos nossa própria companhia. Acredita que não projetamos este resultado? Tolo. Os vampiros são o caldo de cultivo a partir do qual evoluímos, são os chimpanzés para nosso raciocínio superior. Iria querer permanecer entre animais se pudesse viver em uma civilização com os de sua própria espécie? É obvio que não. Um busca a seus iguais. Requer a seus iguais. Aqueles de mentes semelhantes e superiores devem ser alimentados somente por aqueles de status similar. — os lábios do rei se elevaram — Sabe que é correto. Você tampouco ficou onde começou. Verdade?

— Não, não o fiz. — Lash deixou ver suas presas, pensando que sua marca de maldade não tinha encaixado entre os vampiros melhor do que ocorreu com os devoradores de pecados — Agora estou onde devo estar.

— Assim já vê. Se não tivéssemos desejado o exato resultado que obtivemos nesta colônia, poderíamos ter empreendido não precisamente uma vingança, mas sim uma ação corretiva que buscasse que nosso destino fosse favorável a nossos interesses.

Lash deixou de balançar-se.

— Se não estava interessado em uma aliança, poderia ter me dito isso sem delongas em um fodido email.

Uma estranha luz cintilou nos olhos do rei, uma que fez com que Lash se excitasse ainda mais, mas também o repugnou. Não ia a essa merda homossexual, e ainda assim... Bem, demônios, seu pai gostava dos machos, talvez algo disso se levava no sangue.

E acaso isso não daria ao senhor D algo pelo que rezar?

— Mas se tivesse enviado um email, não teria o prazer de te conhecer. — esses olhos cor vermelha rubi percorreram o corpo de Lash — E isso teria sido um roubo a meus sentidos.

O pequeno texano clareou a garganta, como se estivesse se engasgando com a língua.

Quando a tosse desaprovadora se desvaneceu, a cadeira do rei começou a mover-se acima e abaixo silenciosamente.

— Entretanto, há algo que poderia fazer por mim... Algo que por sua vez faria sentir obrigado a te proporcionar o que busca... Que é localizar vampiros, não é assim? Essa foi durante muito tempo a luta da Sociedade Lessening. Encontrar vampiros dentro de seus lares ocultos.

O bastardo tinha posto o dedo na ferida. No verão, Lash tinha sabido onde atacar porque tinha estado nos imóveis dos que tinha matado, participando de festas de aniversário de seus amigos, bodas de seus primos e bailes da glymera celebrados naquelas mansões. Agora, entretanto, o que ficava da elite dos vampiros se dispersou nos subúrbios

da cidade ou tinha ido a seus refúgios fora do estado, e não conhecia esses endereços. E quanto aos civis? Aí não tinha nem idéia de por onde começar, porque nunca tinha confraternizado com o proletariado.

Os *sympaths*, entretanto, podiam sentir a outros, humanos e vampiros igualmente, vendo-os através de paredes sólidas e alicerces de porões subterrâneos. Se quisesse fazer algum progresso, precisava desse tipo de visão, era a única coisa que faltava entre todas as ferramentas que seu pai estava lhe proporcionando.

Lash empurrou o chão com suas botas de combate outra vez e adotou o mesmo ritmo que o rei.

— E exatamente o que é o que poderia necessitar de mim? — disse arrastando as palavras.

O rei sorriu.

— Os acoplamentos são nosso pilar fundamental, verdade? A união de um macho e uma fêmea. E não obstante dentro dessas relações íntimas é comum a discórdia. Promessas são feitas, mas não se mantêm. Pronunciam-se votos e ainda assim se descartam. Contra estas transgressões, medidas devem ser tomadas.

— Parece que esteve falando de vingança, tipo duro.

Esse rosto suave adquiriu uma expressão de auto-suficiência.

— Não, vingança não. Ação corretiva. Se isso implicar uma morte... É simplesmente o que a situação requer.

— Morte, não é? Assim que os *sympaths* não acreditam no divórcio?

Os olhos cor rubi cintilaram com desprezo.

— No caso de um consorte desleal cujas ações fora da cama atuam contra a alma da relação, a morte é o único divórcio.

Lash assentiu com a cabeça.

— Entendo a lógica. E quem é o objetivo?

— Está se comprometendo a atuar?

— Ainda não. — não tinha claro exatamente quão longe estava disposto a chegar. Sujar as mãos dentro da colônia não fora parte de seu plano original.

O rei deixou de balançar-se e ficou em pé.

— Pensa então, até que esteja seguro. Quando estiver preparado para receber de nós o que necessita para a guerra, volte para mim e mostrarei o modo de proceder.

Lash também se levantou.

— Por que simplesmente não mata você mesmo a sua companheira?

O lento sorriso do rei foi como o de um cadáver, rígido e frio.

— Meu queridíssimo amigo, o insulto que mais reprovo não é tanto a deslealdade, a qual poderia esperar, mas sim a arrogante hipótese de que nunca me inteiraria do engano. O primeiro é uma insignificância. O último é indesculpável. Agora... O acompanhamento até seu carro?

— Não. Sairemos por nós mesmos.

— Como desejar. — o rei estendeu sua mão de seis dedos — Foi um prazer...

Lash estendeu a sua e quando suas palmas se encontraram, sentiu a eletricidade lambendo seu braço.

— Sim. O que for. Terá notícias minhas.

Capítulo 16

Ela estava com ele... Oh, Deus, finalmente estava de volta com ele.

Tohrment, filho de Hharm, estava nu e pressionado contra a carne de sua amada, sentindo sua pele acetinada e ouvindo seu ofego quando levava a mão até seu peito. Cabelo vermelho... Havia cabelo vermelho esparramado por todo o travesseiro, a fez rodar de costas sobre os lençóis brancos que cheiravam como limões... Cabelo vermelho enredado ao redor de seu grosso antebraço.

O mamilo estava tenso contra seu polegar que se movia em círculos e sentiu a suavidade de seus lábios sob os seus ao beijá-la profunda e lentamente. Quando estivesse suplicando por ele, rodaria sobre ela e a tomaria por cima, penetrando-a com força, segurando-a em seu lugar.

Gostava de seu peso. Gostava da sensação de que a cobrisse. Em sua vida juntos, Wellsie era uma fêmea independente com uma mente forte e uma veia teimosa que rivalizava com a de um bulldog, mas na cama gostava que ele estivesse em cima.

Deixou cair a boca sobre seu seio, sugando o mamilo, fazendo-o rodar, beijando-o.

— Tohr...

— O que, *leelan*? Mais? Talvez tenha que te fazer esperar...

Mas não podia. Ocupou-se dela e lhe acariciou o estômago e os quadris. Quando se retorceu, lambeu seu pescoço e passou as presas pela jugular. Não podia esperar para alimentar-se. Por alguma razão, estava ávido de sangue. Talvez estivesse lutando muito.

Os dedos dela se afundaram em seu cabelo.

— Tome minha veia...

— Ainda não. — o aguilhão da espera só o faria ainda melhor... Quanto mais a desejasse, mais doce seria o sangue.

Deslocando-se para sua boca, beijou-a com mais força que antes, penetrando-a com a língua enquanto deliberadamente esfregava seu pênis contra a coxa, uma promessa de outra invasão, mais profunda em sua parte inferior. Estava completamente excitada, sua fragrância se elevava acima do aroma de limão dos lençóis, fazendo com que as presas brotassem em sua boca e a ponta de seu sexo se umedecesse.

Sua *shellan* tinha sido a única mulher que tinha conhecido. Ambos eram virgens na

noite de seu emparelhamento... E ele nunca tinha desejado a ninguém mais.

— Tohr...

Deus! Amava o som baixo de sua voz. Amava tudo nela. Foram prometidos um ao outro antes de nascerem, e no momento em que se conheceram havia sido amor a primeira vista. O destino tinha sido amável com eles.

Deslizou a palma até sua cintura, e então...

Deteve-se, compreendendo que algo ia mal. Algo...

— Sua barriga... Sua barriga está plana.

— Tohr...

— Onde está o pequeno? — retirou-se, sentindo pânico — Estava grávida. Onde está o pequeno? Está bem? O que aconteceu com você... Está bem?

— Tohr...

Ela abriu os olhos, e o olhar que tinha conhecido durante centenas de anos se concentrou nele. Uma tristeza, do tipo que o fazia desejar não ter nascido jamais, eliminou o rubor sexual de seu formoso rosto.

Levantando o braço para ele, pôs a mão em sua bochecha.

— Tohr...

— *O que aconteceu?*

— Tohr...

O brilho em seus olhos e o tremor de sua adorável voz o partiu pela metade. Logo começou a distanciar-se, o corpo começou a desaparecer sob suas mãos, seu cabelo vermelho, seu rosto delicioso, seus olhos desesperados se desvaneceram até que ante ele somente ficaram os travesseiros. Logo, com um golpe final, o aroma de limão dos lençóis e a fragrância natural somente dela deixaram seu nariz, substituídos por nada...

Tohr se endireitou de um salto no colchão, com os olhos alagados de lágrimas e seu coração dolorido como se tivesse pregos atravessando seu peito. Respirando agitadamente se aferrou o esterno e abriu a boca para gritar.

Não saiu nenhum som. Não tinha forças.

Caindo para trás sobre os travesseiros limpou as bochechas úmidas com mãos trementes e tentou acalmar esse inferno. Quando finalmente recuperou o fôlego, franziu o cenho. Seu coração estava saltando dentro de sua caixa torácica, estava revoando mais que pulsando, e um enjôo, ocasionado, sem dúvida por seus erráticos espasmos fazia girar sua cabeça em um redemoinho.

Levantando a camiseta, baixou o olhar a seus peitorais desinflados e a seu torso encolhido e insistiu a seu corpo a seguir falhando. Os acessos lhe estavam chegando com crescente regularidade e força, e desejava como o demônio que se organizassem de uma vez e o ajudassem a despertar morto. Se quisesse ir ao Fade para estar com seus defuntos seres queridos, o suicídio não era uma opção, mas ele estava operando sob a presunção de que podia ser efetivamente negligente consigo mesmo até a morte. O que tecnicamente

não era um suicídio, como seria se disparar um tiro ou jogar um nó corrediço ao redor do pescoço, ou cortar os punhos.

O aroma de comida que chegava do corredor o fez olhar ao relógio. Quatro da tarde. Ou era da manhã? As cortinas estavam corridas, assim não sabia se as persianas estavam levantadas ou baixadas.

Soou um golpe suave.

O qual, fodido obrigado, significava que não era Lassiter, que simplesmente entrava sempre que queria. Evidentemente os anjos caídos não sabiam muito de boas maneiras. Nem de espaço pessoal. Nem de limites de algum tipo. Estava claro que o grande e brilhante pesadelo foi arremessado a pontapés do céu porque Deus não tinha gostado de sua companhia muito mais do que Tohr gostava.

O golpe se repetiu. Assim devia ser John.

— Sim. — disse Tohr, permitindo que sua camiseta caísse enquanto se elevava para recostar-se sobre os travesseiros. Seus braços, uma vez fortes como gruas, lutaram sob o peso de seus ombros caídos.

O menino, que já não era um menino, entrou levando uma bandeja pesadamente carregada de comida, e uma expressão cheia de otimismo infundado.

Tohr examinou o conteúdo com o olhar enquanto a carga era depositada na mesinha. Frango com ervas, arroz com açafrão, feijões verdes e pão fresco.

A merda perfeitamente poderia ter sido carne de animal atropelado envolto em arame farpado, pelo que lhe importava, mas agarrou o prato, desenrolou o guardanapo, pegou o garfo e a faca e os utilizou.

Mastigar. Mastigar. Mastigar. Engolir. Mais mastigar. Engolir. Beber. Mastigar. Comer era tão mecânico e autônomo como respirar, algo do que era só levemente consciente, uma necessidade, não um prazer.

O prazer era coisa do passado... E uma tortura dentro de seus sonhos. Quando evocava sua *shellan* contra ele, nua, sobre lençóis com aroma de limão, a fugaz imagem acendia seu corpo de dentro para fora, o fazendo sentir-se vivo, e não só que vivia. Entretanto, o golpe do encontro se desvanecia rapidamente, era como uma chama sem nenhum abajur para sustentá-la.

Mastigar. Cortar. Mastigar. Engolir. Beber.

Enquanto comia, o menino se sentou em uma cadeira junto às cortinas fechadas, com os cotovelos nos joelhos, os punhos no queixo, um Pensador do Rodin vivo e abanando o rabo. Ultimamente John sempre estava assim, sempre dando voltas em algo na cabeça.

Tohrment sabia condenadamente bem do que se tratava, mas a solução que terminaria com a triste preocupação de John primeiro ia doer-lhe como a merda.

E Tohr lamentava. Lamentava muito.

Cristo, por que Lassiter não podia tê-lo deixado deitado sem mais, naquele bosque?

Esse anjo poderia ter ficado quietinho, mas não, Seu Senhorio Halogênico tinha que ser um herói.

Tohr desviou os olhos para John e seu olhar se fechou sobre o punho do menino. A coisa era enorme, e o queixo e mandíbula que descansavam sobre ele eram fortes, masculinos. O menino se converteu em um homem bonito, mas bem, como filho de Darius, provinha de um bom lago genético. Um dos melhores.

O que o levava a pensar... Verdadeiramente se parecia com D, uma cópia ao carvão, em realidade, exceto pelos jeans azuis. Darius nem morto se deixaria ver com jeans, nem sequer com esses de estilistas elegantes como os que John usava.

De fato... D com freqüência assumia exatamente a mesma posição quando estava ruminando sobre a vida, imitando o Rodin, todo cenho e agitação...

Um brilho de prata titilou na mão livre de John. Era um quarto de dólar, e o menino passava a moeda dentro, fora e ao redor de seus dedos, sua versão de um tic nervoso.

Esta noite havia algo mais no silêncio que John costumava assumir quando permanecia ali sentado. Algo tinha acontecido.

— O que aconteceu? — perguntou Tohr com voz áspera — Está bem?

Os olhos de John se elevaram de repente com surpresa.

Para evitar o olhar, Tohr baixou os seus, espetando um pouco de frango, e metendo-o na boca. Mastigar. Mastigar. Engolir.

A julgar pelos sons de movimento, John estava se desenroscando de sua rotina lentamente, como se temesse que qualquer movimento súbito espantasse a pergunta que ficava entre eles.

Tohr levantou o olhar de novo, e enquanto esperava, John meteu a moeda no bolso e gesticulou com economia e graça.

Wrath está lutando de novo. V acaba de contar isso a mim e aos meninos.

Tohr tinha perdido a prática com a Linguagem por Gestos Americano, mas nem tanto. A surpresa fez que baixasse seu garfo.

— Espere... Ainda é o rei, verdade?

Sim, mas esta noite disse aos Irmãos que vai voltar a ocupar seu lugar na rotação. Ou, suponho que estive na rotação sem dizer a ninguém. Acredito que a Irmandade está de saco cheio com ele.

— Rotação? Não pode ser. Não se permite que o rei lute.

Agora sim. E Phury também voltará.

— Que porra? Supõe-se que o Primale não... — Tohr franziu o cenho — Há alguma mudança na guerra? Aconteceu algo?

Não sei. John encolheu de ombros e se recostou na cadeira, cruzando as pernas à altura dos joelhos. Outra coisa que sempre fazia Darius.

Nessa pose o filho parecia tão velho como o pai tinha sido, embora tivesse menos a ver com a forma em que estavam colocadas as extremidades do John e mais com o cansaço

extremo que havia em seus olhos azuis.

— Não é legal. — disse Tohr.

Agora sim. Wrath se reuniu com a Virgem Escriba.

Na mente de Tohr começaram a zumbir perguntas, seu cérebro brigava com a carga desacostumada. No meio do deslocado redemoinho, era difícil pensar coerentemente, e sentia como se estivesse tentando segurar cem bolas de tênis entre seus braços, sem importar quão arduamente tentasse, algumas escorregavam e ricocheteavam a seu redor, criando uma confusão.

Deixou de tentar encontrar sentido em algo.

— Bem, isso é uma mudança... Desejo-lhes sorte.

A exalação baixa de John resumiu tudo bastante bem e Tohr voltou a se desconectar do mundo e retornou a sua comida. Quando terminou, dobrou o guardanapo pulcramente e tomou um último sorvo do copo de água.

Ligou a TV e pôs na CNN, porque não queria pensar e não podia agüentar o silêncio. John ficou aproximadamente meia hora, e quando foi evidente que já não suportava estar quieto durante mais tempo ficou em pé e se despediu.

O verei ao final da noite.

Ah, assim era de noite.

— Estarei aqui.

John recolheu a bandeja e saiu sem deter-se, nem duvidar. A princípio, houve bastante de ambas, como se a cada vez que chegasse à porta esperasse que Tohr o detivesse e dissesse: “Estou preparado para confrontar a vida. Vou seguir adiante. Estou melhor o bastante para me preocupar contigo”.

Mas a esperança não era eterna.

Quando a porta se fechou, Tohr afastou os lençóis de suas pernas fracas e passou os pés sobre a beirada do colchão.

Estava preparado para confrontar algo, sim, mas não sua existência. Com um gemido e uma inclinação brusca, foi cambaleando até o banheiro, foi ao vaso, e levantou o assento do trono de porcelana. Inclinando-se, deu a ordem e seu estômago evacuou a comida sem protestar.

No princípio tinha que colocar o dedo na garganta, mas não mais. Só esticava o diafragma e tudo saía como ratos fugindo de uma boca-de-lobo transbordante.

— Tem que acabar com essa merda.

A voz de Lassiter harmonizava com o som do vaso alagando-se. O que tinha muito sentido.

— Cristo, acaso bate alguma vez?

— Sou Lassiter. L-A-S-S-I-T-E-R. Como é possível que ainda siga me confundindo com outro? Necessita um adesivo com meu nome?

— Sim, e o ponha sobre sua boca. — Tohr se largou sobre o mármore e deixou a

cabeça cair entre as mãos — Sabe, pode ir para casa. Pode ir quando quiser.

— Ponha seu rabo em movimento então. Porque isso é o que conseguiria que o fizesse.

— Vá, agora tenho uma razão para viver.

Houve um suave som de campainhas, o que queria dizer, tragédia das tragédias, que o anjo acabava de subir no balcão.

— Então, o que fazemos esta noite? Espera! Deixe-me adivinhar, nos sentar em áspero silêncio. Ou, não... Agora está alternando. Meditar com emotiva intensidade, verdade? Que enchimento de saco selvagem é. Whoo-Hooo. Quando quiser acordar, estará aplicando para provar o nó corrediço.

Com uma maldição, Tohr se levantou e foi abrir a ducha, esperando que se negasse a olhar ao boca dura, Lassiter se aborreceria rapidamente e iria arruinar a tarde de algum outro.

— Pergunta. — disse o anjo — Quando vamos cortar esse tapete que está crescendo em sua cabeça? Se essa merda ficar mais longa, vamos ter que ceifá-la como se fosse feno.

Enquanto Tohr tirava a camiseta e a cueca boxer, desfrutou do único consolo que tinha quando sofria a companhia de Lassiter: expor-se nu ante o idiota.

— Homem, o rabo plano é uma coisa. — resmungou Lassiter — Mas exhibe um par de bolas de basquete desinfladas aí atrás. Faz com que me pergunte... Hey, certamente Fritz tem uma bomba de bicicleta. Só comentava.

— Você não gosta da vista? Já sabe onde está a porta. É essa em que nunca bate.

Tohr não deu tempo para a água esquentar, simplesmente se meteu sob o jorro e se limpou sem nenhuma boa razão que soubesse... Não tinha orgulho, assim que lhe importava uma merda o que outros pensassem de sua higiene.

Vomitar tinha um propósito. A ducha... Talvez... Simplesmente fosse um hábito.

Fechando os olhos, separou os lábios e ficou de pé frente ao jato. A água lambeu o interior de sua boca, varrendo a bÍlis e quando a ardência abandonou sua língua, um pensamento entrou em seu cérebro.

Wrath estava fora lutando. Sozinho.

— Hey, Tohr.

Tohr franziu o cenho. O anjo nunca utilizava seu nome próprio.

— O que?

— Esta noite é diferente.

— Sim, só se me deixe em paz. Ou se ponha a você mesmo neste banho. Há seis chuveiros para escolher aqui dentro.

Tohr pegou o sabonete e o passou sobre seu corpo, sentindo os duros e agudos impulsos de seus ossos e articulações através da pele fina.

Wrath estava fora sozinho.

Xampu. Enxágüe. Voltar para o jorro. Abrir a boca.

Fora. Sozinho.

Quando terminou a ducha, o anjo estava no centro do banheiro com uma toalha, todo amabilidade e essa merda.

— Esta noite é diferente. — disse Lassiter brandamente.

Tohr olhou ao anjo seriamente, vendo-o pela primeira vez, embora tenham passado quatro meses juntos. O anjo tinha o cabelo negro e loiro, tão longo como o de Wrath, mas, apesar de todo esse estilo Cher descendo por suas costas não era nenhum efeminado. Seu guarda-roupa parecia tirado diretamente do exército/marinha, camisetas negras, calças de camuflagem e botas de combate, mas não era absolutamente um soldado. O idiota estava perfurado como um agulheiro e tinha tantos acessórios como um joalheiro, com aros de ouro e correntes que penduravam dos buracos que tinha nas orelhas, pulsos e sobrelanceiras. E podia apostar que tinha acessórios no peito e mais abaixo da cintura... O que era algo em que Tohr se negava a pensar. Não precisava de ajuda para vomitar, muito obrigado.

Quando a toalha trocou de mãos, o anjo disse com gravidade.

— Hora de despertar, Cinzeiro.

Tohr estava a ponto de apontar que essa era a Bella Adormecida quando lhe chegou uma lembrança como se fosse injetada no lóbulo frontal. Era da noite em que salvara a vida de Wrath lá pelo ano 1958, e as imagens lhe chegaram com a absoluta clareza da experiência atual.

O rei esteve fora. Sozinho. No centro.

Meio morto e sangrando sobre a sarjeta.

Um Edsel lhe tinha investido. Um pedaço de merda de um Edsel conversível de cor azul sombra de olhos de uma garçonete.

Pelo que Tohr pôde deduzir mais tarde, Wrath devia estar perseguindo um *lessen* a pé e ao girar a toda em uma esquina esse carro grande como uma lancha tinha lhe investido. Tohr estava a dois quarteirões de distância e ouviu o chiado dos freios e um impacto de algum tipo, e estava preparado para não fazer absolutamente nada.

Acidentes de trânsito humanos? Não era problema seu.

Mas então um par de *lessens* passou correndo frente à entrada do beco onde ele estava. Os assassinos fugiam como loucos sob a garoa de outono, como se algo os perseguisse, exceto não havia ninguém correndo atrás de seus calcanhares. Esperou caso aparecesse algum de seus irmãos. Nenhum deles tinha feito ato de presença.

Não fazia sentido nenhum. Se um assassino tivesse sido golpeado por um carro em companhia de seus cúmplices, estes não teriam abandonado o cenário. Os outros teriam matado o condutor humano e a qualquer possível passageiro, logo teriam metido o seu morto no porta-malas e teriam ido conduzindo da cena: a última coisa que a Sociedade Lessening queria era a um *lessen* incapacitado derramando sangue negro sobre a rua.

Talvez fosse só coincidência. Um pedestre humano. Ou alguém em uma moto. Ou dois carros.

Entretanto, tinha sido somente um par de freadas. E nada disso explicaria o par de pálidos corredores que tinha passado junto a ele como se fossem incendiários fugindo de um fogo que teriam acendido.

Tohr tinha trotado até o Trade, e ao dar a volta na esquina tinha captado a visão de um macho humano com um chapéu e um casaco agachado sobre um corpo encolhido que era duas vezes o seu tamanho. A esposa do homem, que estava vestida com um desses frívolos vestidos de saias avultadas dos anos cinqüenta, estava de pé justo na frente dos faróis, aconchegada em seu casaco de pele.

Sua brilhante saia vermelha era da cor das nervuras que havia no pavimento, mas o aroma do sangue derramado não era humano. Era vampiro. E o que tinha sido atropelado tinha um comprido cabelo negro...

A voz da mulher era estridente.

— Temos que levá-lo ao hospital...

Tohr entrevistou, interrompendo-a:

— É meu.

O homem tinha levantado o olhar.

— Seu amigo... Não o vi... Vestido de negro... Saiu de um nada...

— Ocuparei-me dele. — nesse ponto, Tohr deixou de explicar-se e simplesmente por meio de sua vontade, tinha enviado aos dois humanos a um estado de estupor. Uma rápida sugestão mental os enviou de volta a seu carro e os pôs em caminho com a impressão de que tinham golpeado uma lata de lixo. Supôs que a chuva se ocuparia do sangue da frente do carro, e eles mesmos poderiam arrumar o amassado.

Quando se inclinou sobre o corpo do herdeiro do trono da raça, o coração de Tohr pulsava tão rápido como um martelo hidráulico. Havia sangue por toda parte, emanando rápido de um corte na cabeça de Wrath, por isso Tohr tirou a jaqueta, mordeu a manga, e rasgou uma tira de couro. Depois de envolver as têmporas do herdeiro e atar a bandagem improvisada tão forte como pôde, deteve uma caminhonete que passava, apontou com a arma ao fanático de Grease que estava atrás do volante, e fez com que o humano conduzisse até o bairro de Havers.

Ele e Wrath viajaram na carroceria traseira, e todo o tempo, esteve mantendo pressão sobre a cabeça ferida de Wrath, sob a chuva fria. Uma chuva tardia de novembro, talvez dezembro. Entretanto, agradecia que não fosse verão. Sem dúvida o frio havia diminuído o batimento do coração de Wrath e aliviado sua pressão sangüínea.

A meio quilômetro da casa de Havers, na parte luxuosa de Caldwell, Tohr havia dito ao humano que estacionasse e enquanto ficava pelo caminho lavou seu cérebro.

Os minutos que Tohr levou para chegar até a clínica foram os mais compridos de sua vida, mas conseguiu levar Wrath ali, e Havers fechou o que tinha resultado ser o corte

de uma das artérias temporais.

O dia seguinte foi crítico. Inclusive com Marissa ali para alimentar ao Wrath, o rei tinha perdido tanto sangue que não evoluía como se esperava, e Tohr ficou todo o tempo sentado em uma cadeira junto à cama. Enquanto Wrath jazia tão quieto, Tohr sentia como se a vida da raça inteira pendesse de um fio, o único que podia ocupar o trono estava preso em um sonho que se distanciava por apenas uns poucos neurônios de um estado vegetativo permanente.

A notícia se espalhou e as pessoas acudiam desesperadas. As enfermeiras e o médico. Outros pacientes que se deixaram cair para rezar pelo rei a quem não serviriam. Os Irmãos, que tinham utilizado o telefone por turnos para ligar a cada quinze minutos.

A sensação coletiva era que sem o Wrath não havia esperança. Nem futuro. Nem oportunidade.

Entretanto, Wrath viveu, despertando irascível, o que o fez suspirar de alívio... Porque se um paciente tinha a energia para estar de saco cheio, ia superar.

O anoitecer seguinte, depois de ter estado fora de serviço durante vinte e quatro horas seguidas e tendo assustado de morte a todo mundo que lhe rodeava, Wrath tinha desligado a IV³⁹, vestiu-se, e se foi.

Sem dizer nenhuma palavra a nenhum deles.

Tohr tinha esperado... Algo. Não um obrigado, mas algum reconhecimento Ou... Algo. Demônios, agora Wrath era um filho da puta mal-humorado, mas nesse então? Era diretamente tóxico. Mesmo assim... Nada? Depois de ter salvado a vida do cara?

Recordava bastante à forma em que ele esteve tratando ao John. E a seus irmãos.

Tohr envolveu a toalha ao redor da cintura e voltou para o ponto mais importante da lembrança. Wrath tinha saído ali fora a lutar sozinho. Lá em 58, tinha sido um golpe de sorte que Tohr estivesse onde estava e tivesse encontrado o rei antes que fosse muito tarde.

— Hora de despertar. — disse Lassiter.

Capítulo 17

Enquanto a noite chegava e se instalava, Ehlena rezava para não ter que chegar tarde ao trabalho outra vez. Com o relógio correndo, esperou no andar de acima, na cozinha com o CranRas e as drogas moídas. Tinha sido meticulosa com a limpeza: tinha guardado a colher. Checando todas as superfícies duas vezes. Inclusive comprovou que o salão estivesse apropriadamente organizado.

³⁹ Nota da Revisora: Intravenosa.

— Pai? — chamou em direção ao porão.

Enquanto prestava atenção, a espera de sons de pés arrastando-se e palavras sem sentido pronunciadas baixinho, pensou nos sonhos estranhos que teve durante o dia. Imaginou o Rehv na escura distância com os braços pendurado nos flancos. Seu magnífico corpo nu estava iluminado como se estivesse em exibição, seus músculos se sobressaindo em um poderoso desdobramento e a cor torrada de sua pele era quente e dourada. Sua cabeça estava inclinada para baixo e tinha os olhos fechados como se estivesse em repouso.

Cativada, convocada, tinha atravessado um chão de pedra fria até ele, pronunciando seu nome uma e outra vez.

Ele não tinha respondido. Não tinha elevado a cabeça. Não tinha aberto os olhos.

O medo tinha assobiado ao longo de suas veias e tinha estremecido seu coração, e tinha se apressado para chegar a ele, mas ele tinha permanecido sempre distante, um objetivo nunca realizado, um destino nunca alcançado.

Despertara com lágrimas nos olhos e o corpo tremendo. Quando a sufocante comoção tinha retrocedido, o significado ficou claro, mas na realidade, não necessitava que seu subconsciente lhe dissesse o que ela já sabia.

Sacudindo a si mesma, voltou a gritar para baixo.

— Pai?

Quando não houve resposta, Ehlena pegou a xícara de seu pai e desceu ao porão. Fez lentamente, embora não porque tivesse medo de derramar o CranRas vermelho sangue sobre seu uniforme branco. Às vezes seu pai não se levantava por si mesmo e ela tinha que fazer este descida, e cada vez que descia os degraus por esse motivo, perguntava-se se finalmente teria ocorrido, se seu pai teria sido chamado ao Fade.

Não estava pronta para perdê-lo. Ainda não, sem importar quão difíceis fossem as coisas.

Introduzindo a cabeça através da porta de seu dormitório, o viu sentado ante sua escrivaninha esculpida à mão, rodeado de pilhas irregulares de papéis e velas apagadas.

Obrigado, Virgem Escriba.

Quando seus olhos se ajustaram à penumbra, preocupou-a que a falta de luz pudesse danificar a visão de seu pai, mas as velas ficariam como estavam, porque não havia nenhum fósforo nem acendedor na casa. A última vez que ele tinha posto suas mãos sobre um fósforo tinha sido em sua antiga casa... E tinha incendiado o apartamento porque suas vozes haviam dito.

Isso ocorreu fazia dois anos, e fora a razão de que lhe tivessem receitado remédios.

— Pai?

Ele levantou o olhar da desordem e pareceu surpreso.

— *Minha filha, como vai esta noite?*

Sempre fazia a mesma pergunta, e sempre lhe dava a mesma resposta na Antiga

Língua.

— *Bem, meu pai. E você?*

— *Como sempre encantado de te saudar. Ah, sim, a doggen preparou meu suco. Que amável.* — seu pai pegou a xícara — *Aonde vai?*

Isto conduziu às suas “pas de deux” verbal a respeito de que não aprovava que trabalhasse e ela explicava que o fazia porque gostava, ele se encolhia de ombros e afirmava não entender à geração jovem.

— Seriamente tenho que ir, — lhe disse — mas Lusie chegará em questão de minutos.

— Sim, bem, bem. Em realidade, estou ocupado com meu livro, mas a entretereirei durante um momento, como é apropriado. Entretanto, tenho que me concentrar em meu trabalho. — ondulou a mão ao redor da representação física do caos de sua mente, seu gesto elegante em contradição com a irregular coleção de papéis cheios de sem sentidos — Isto tem que ser feito.

— É obvio que sim, pai.

Ele terminou o CranRas e, quando Ehlena foi pegá-lo de sua mão, franziu o cenho.

— Certamente a criada pode fazer isso.

— Gosto de ajudá-la. Tem muitas responsabilidades. — não podia ser mais certo. A *doggen* tinha que seguir todas as regras para objetos e onde pertenciam, assim como fazer as compras e ganhar o dinheiro e pagar as faturas e o vigiar. A *doggen* estava cansada. A *doggen* estava esgotada.

Mas era absolutamente necessário que a xícara fosse para a cozinha.

— Pai, por favor, solte a taça para que possa levá-la para cima. A donzela teme te incomodar, e gostaria de lhe economizar essa preocupação.

Por um momento, os olhos dele se pousaram nela como estavam acostumados a fazer.

— Tem um coração formoso e generoso. Estou muito orgulhoso de te chamar de filha.

Ehlena piscou ferozmente e com voz áspera disse:

— Ser seu orgulho significa tudo para mim.

Ele estendeu o braço e apertou sua mão.

— Vai, minha filha. Vá a esse “seu trabalho”, e volte para casa comigo com histórias de sua noite.

Oh... Deus.

Era exatamente o que havia lhe dito fazia muito tempo, quando ela estava indo a um colégio particular e sua mãe estava viva e viviam entre a família e a glymera como gente de importância.

Inclusive, embora soubesse ser provável que quando voltasse para casa ele não tivesse nenhuma lembrança de haver lhe feito a velha e adorável pergunta, ela sorriu e se

alimentou das saborosas migalhas do passado.

— Como sempre, meu pai. Como sempre.

Partiu com o som do passar de páginas e o “tink-tink-tink” de uma pluma golpeando a borda de um tinteiro de cristal.

Escada acima enxaguou a xícara, secou e a guardou na despensa, logo se assegurou de que no frigorífico tudo estivesse onde devia estar. Quando recebeu a mensagem de texto de que Lusie estava a caminho, transpassou a porta, fechou-a, e se desmaterializou para a clínica.

Quando chegou ao trabalho, sentiu um grande alívio de ser como todos os outros, chegando na hora, pondo as coisas em seu armário, falando de nada em particular antes que começasse o turno.

Mas então quando estava na cafeteira, Catya se aproximou dela, toda sorrisos.

— Assim... Ontem à noite foi...? Vamos, conte.

Ehlana terminou de encher seu copo e ocultou uma careta depois de um primeiro gole profundo que lhe queimou a língua.

— Acredito que *não apareceu* resume tudo.

— Não apareceu?

— Sim. Como em “ele não apareceu”.

Catya sacudiu a cabeça.

— Maldito seja.

— Não, está bem. De verdade. Quero dizer, não é como se tivesse esperado muito. —sim, só uma fantasia completa sobre o futuro, que incluía coisas como um *hellren*, uma família própria, uma vida que valesse a pena viver. Nada de outro mundo — Está bem.

— Sabe? Ontem à noite estive pensando. Tenho um primo que é...

— Obrigado, mas não. Com meu pai como está não deveria sair com ninguém. — Ehlana franziu o cenho, ao recordar quão rapidamente Rehv lhe tinha dado razão a respeito disso. Embora pudesse dizer que isso o fazia uma espécie de cavalheiro, era difícil não sentir-se um pouco aborrecida.

— Preocupar-se por seu pai não significa...

— Hey, por que não me ocupo do balcão de recepção durante a mudança de volta?

Catya se deteve, mas os olhos da fêmea se iluminaram lançando um montão de mensagens, a maior parte das quais poderiam se resumir a: “Quando esta garota vai despertar?”

— Irei agora mesmo. — disse Ehlana, dando a volta e afastando-se.

— Não durará para sempre.

— É obvio que não. A maior parte de nosso turno já chegou.

Catya sacudiu a cabeça.

— Isso não é o que quis dizer, e sabe. A vida não dura para sempre. Seu pai tem uma séria enfermidade psicológica, e é muito boa com ele, mas poderia ficar assim durante

um século.

— Em cujo caso ainda sobrará ao redor de setecentos anos mais para mim. Estarei na recepção. Desculpe.

Na recepção, Ehlena tomou posição depois do computador e introduziu a senha. Não havia ninguém na sala de espera porque o sol acabava de se pôr, mas os pacientes começariam a chegar muito em breve, e ela não podia esperar a distração.

Revisando o horário de Havers, não viu nada incomum. Verificações. Tratamentos a pacientes. Seguimentos cirúrgicos...

A campainha exterior tocou e levantou o olhar para um monitor de segurança. Ali em uma vista do vestíbulo exterior, viu um macho que se agasalhava em seu casaco para se proteger do vento frio.

Apertou o botão do inter comunicador e disse:

— Boa noite. No que posso lhe ajudar?

O rosto que levantou o olhar para a câmera era um que já tinha visto antes. Três e três noites atrás. O primo de Stephan.

— Alix? — disse — É Ehlena. Como está...?

— Estou aqui para ver se o trouxeram.

— Trouxeram?

— Ao Stephan.

— Não acredito, mas me deixe comprovar enquanto entra.

Ehlena pressionou o botão para abrir a fechadura e foi ao computador ver a lista de pacientes ingressados. Enquanto abria a série de portas para Alix, revisava os nomes, um por um.

Não fazia referência ao ingresso de Stephan como paciente.

No instante em que Alix entrou na sala de espera, o sangue em suas veias congelou ao ver a cara do macho. Os cruéis círculos escuros sob seus olhos cinza falavam de algo mais que uma simples falta de sono.

— Stephan não voltou para casa ontem à noite. — disse.

Rehv lamentava dezembro, e não só porque o frio no norte de Nova Iorque fosse suficiente para fazê-lo desejar ficar em um plano especialista de pirotecnia só para esquentar-se.

Em dezembro a noite caía cedo. O sol, esse estúpido preguiçoso, flácido maricas, retrocedia em seus esforços tão cedo como as quatro e meia da tarde, e isso para Rehv significava que o “encontro-de-primeira-terça-do-mês-para-atuar-como-semental” começava cedo.

Acabavam de dar as dez em ponto quando entrou no Parque Estatal Black Snake depois de uma viagem de carro de duas horas para o norte desde Caldwell. Trez, que sempre se desmaterializava para ali, sem dúvida já teria tomado posição ao redor da

cabana, camuflando-se e dispondo-se a atuar de guarda.

Assim como de testemunha.

O fato de que o cara, que era indiscutivelmente seu melhor amigo, tivesse que observar todo o assunto era um triturador de testículos que vinha a acrescentar-se a todo o carrossel de cagadas. O problema era, que depois que tudo terminava, Rehv precisava de ajuda para voltar para casa, e Trez era bom nesse tipo de merdas.

Xhex queria ocupar-se, é obvio, mas não se podia confiar nela. Não quando se tratava da princesa. Se Rehv lhe voltasse às costas durante um segundo a cabana poderia terminar com uma nova capa de pintura fresca nas paredes... Da variedade horripilante.

Como sempre, Rehv estacionou no estacionamento de terra que havia do lado escuro da montanha. Não havia outros carros, e esperava que os atalhos que se abriam na parte de atrás do estacionamento estivessem vazios também.

Olhando através do pára-brisa, ante sua vista tudo aparecia vermelho e plano e apesar de que desprezava a sua meio irmã, odiava olhá-la e desejava que todo este sujo e fodido assunto se acabasse de uma vez, seu corpo não estava intumescido de frio, a não ser vivo e ronronando. Dentro de suas calças, seu pênis duro estava preparado e pronto para o que estava a ponto de ocorrer.

Agora se somente pudesse obrigar-se a sair do carro.

Pousou a mão no trinco da porta, mas não pôde puxá-lo.

Havia tanta paz. Quão único perturbava o silêncio eram os leves e metálicos sons que o motor do Bentley fazia ao esfriar.

Sem razão aparente, pensou na adorável risada de Ehlena, e isso foi o que lhe fez abrir a porta. Com um movimento rápido, tirou a cabeça do carro justamente quando seu estômago se fechava como um punho e quase vomita. Quando o frio acalmou sua náusea, tentou tirar Ehlena da mente. Ela era tão limpa e honorável que não podia suportar tê-la em seus pensamentos quando estava a ponto de fazer isto.

O que era uma surpresa.

Proteger a alguém do mundo cruel, do mortal e perigoso, do poluído, o obscuro, e o asqueroso não era seu estilo. Mas se tinha ensinado a si mesmo a fazer justamente isso quando se tratava das únicas três fêmeas normais na vida. Pela que lhe tinha dado a vida, a que tinha criado como se fosse sua própria e a pequena que sua irmã tinha dado à luz recentemente, confrontaria todo tipo de perigos, mataria com suas próprias mãos algo que as ameaçasse, perseguiria e destruiria até a mais mínima ameaça.

E, de algum modo a cálida conversa que teve com a Ehlena mais cedo a punha nessa curta, curta lista.

O que significava que tinha que deixá-la fora. Junto com as outras três.

Tinha-lhe caído bem vivendo como uma puta, porque obtinha um preço caro da que o fodia, e, além disso, a prostituição não era nada mais que o que merecia, considerando o modo em que seu autêntico pai tinha forçado sua concepção sobre sua mãe. Mas ele

assumia a responsabilidade. Ele ia à cabana sozinho e ele obrigava seu corpo a fazer o que ninguém o obrigava.

Essas poucas pessoas normais que havia em sua vida tinham que permanecer muito, muito longe de todo esse assunto, e isso significava que quando vinha aqui devia erradicá-las de seu pensamento e seu coração. Mais tarde, logo depois de ter se recuperado, tomado banho e dormido, poderia voltar a recordar os olhos cor toffe de Ehlena e a forma em que cheirava a canela e como riu apesar de si mesmo quando falaram. Por agora, afastou a ela, a sua mãe, a sua irmã e a sua amada sobrinha de seu lóbulo frontal, fechando cada lembrança que tinha em uma seção separada de seu cérebro e enclausurando-os.

A princesa sempre tentava entrar em sua mente, e não queria que soubesse nada daqueles que apreciava ou pelos quais se preocupava.

Quando uma intensa rajada de vento quase lhe fecha violentamente a porta na cabeça, Rehv puxou sua zibelina envolvendo-se frouxamente ao redor de seu corpo, saiu, e fechou o Bentley. Enquanto caminhava para o início do caminho, notou que o terreno estava congelado sob seus Penetre Haans, a terra que rangia sob seus pés era dura e resistente.

Tecnicamente agora o parque estava fechado pela estação, e uma corrente pendurava atravessando a entrada do atalho que levava mais à frente do mapa da montanha e às cabanas de aluguel. Entretanto, era mais provável que fosse o tempo o que mantinha as pessoas afastadas e não o Serviço do Parque Adirondack. Depois de passar sobre a corrente, passou a folha de registro que estava pendurava de uma prancheta apesar de que se supunha que ninguém devia utilizar os atalhos. Ele nunca assinava.

Sim, como se os guardas humanos realmente precisassem saber o que dois *sympaths* estavam fazendo em uma daquelas cabanas. Ceerrrrtttoooooo.

O bom de dezembro era que nos meses inverniais o bosque ficava menos claustrofóbico, seus carvalhos e suas sebes não eram mais que troncos e ramos fracos que deixavam ver bastante da noite estrelada. Ao redor deles, as árvores de folha perene estavam de festa, seus ramos amaciados eram o “se foda” a seus irmãos agora nus, vingando-se por toda a vistosa folhagem outonal que as outras árvores acabavam de mostrar.

Penetrando a linha de árvores, seguiu o atalho principal enquanto este se estreitava gradualmente. Atalhos menores se separavam a direita e esquerda, marcados com rústicos pôsteres de madeira com nomes como Passeio do Sociável, Ataque Relâmpago, Cúpula Extensa e Cúpula Pequena. Ele seguiu em linha reta, seu fôlego formava nuvens ao abandonar seus lábios e o som de seus sapatos sobre a terra congelada parecia muito ruidoso. No alto, a lua se via brilhante, e tinha a forma de uma meia-lua afiada como uma faca, que para ele com seus impulsos *sympath* decididamente fora de controle, era da cor dos olhos rubi de sua chantagista.

Trez fez sua aparição em forma de uma brisa gelada que percorreu o atalho.

— Hey, amigo. — disse Rehv baixinho.

A voz do Trez flutuou no interior de sua cabeça enquanto a forma Sombra do cara se condensava em uma onda que brilhava tenuamente.

Acaba logo com ela. Quanto mais rápido obtemos o que necessitará depois melhor.

— As coisas são como são.

Quanto antes. Melhor.

— Veremos.

Trez lhe amaldiçoou e voltou a se dissolver em uma fria rajada de vento, lançando-se para frente fora de vista.

A verdade era que, por muito que Rehv odiasse vir, algumas vezes não queria partir. Gostava de fazer mal à princesa, e ela era uma boa oponente. Artilosa, rápida e cruel. Era a única saída para seu lado mau, e, como um corredor faminto de treinamento, precisava do exercício.

Além disso, talvez fosse como seu braço: a podridão se sentia bem.

Rehv tomou o sexto à esquerda, entrando em um atalho que era só o bastante amplo para uma pessoa, e muito em breve, a cabana ficou à vista. A brilhante luz da lua, seus lenhos eram de uma cor parecida ao vinho rosado.

Quando chegou à porta, estendeu a mão esquerda para frente, e quando estava aferrando a alavanca de madeira pensou em Ehlena e em como se preocupou o suficiente por ele para telefonar e perguntar por seu braço.

Durante um breve momento se permitiu um deslize e evocou o som da voz dela em seu ouvido.

Não entendo por que não cuida de você mesmo.

A porta escapou de seu agarre, abrindo-se tão rápido que golpeou contra a parede.

A princesa estava de pé no centro da cabana, com sua brilhante túnica vermelha, rubis em sua garganta e os olhos cor vermelho sangue, toda a cor do ódio. Com seu escasso cabelo enrolado e recolhido por cima de seu pescoço, sua pele pálida, e os escorpiões albinos vivos que usava como brincos, era um horror delicioso, uma boneca Kabuki construída por uma mão malvada. E era malvada, sua escuridão lhe chegava em forma de ondas, emanando do centro de seu peito ainda quando nada nela se movia e seu rosto com forma de lua permanecia inalterado pelo aborrecimento.

Sua voz, por outro lado, era artilosa como uma folha afiada.

— Nada de cenas de praia esta noite em sua mente. Não, nada de praia esta noite.

Rehv cobriu Ehlena rapidamente com uma imagem de um glorioso estereótipo das Bahamas, todo sol, mar e areia. Era algo que tinha visto na TV anos atrás, em um “especial escapadas”, como havia dito o anunciador, com gente em traje de banho passeando de mãos dadas. Dada sua vivacidade, a imagem era o suspensório perfeito para os argumentos de sua matéria cinza.

— Quem é ela?

— Quem é quem? — disse enquanto entrava.

A cabana estava cálida, graças a ela, um pequeno truque de agitação molecular do ar que se acrescentava quando estava de saco cheio. Não obstante, o calor que gerava não era alegre como o que provinha de um fogo... Era mais da classe de sufoco que conseguia com um caso de diarreia.

— Quem é a fêmea que havia em sua mente?

— Só uma modelo de um anúncio de TV, minha queridíssima cadela. — disse tão brandamente como ela. Sem lhe dar as costas, fechou a porta tranquilamente — Ciumenta?

— Para estar ciumenta, teria que estar ameaçada. E isso seria absurdo. — a princesa sorriu — Mas penso que deve me dizer quem é ela.

— Isso é tudo o que quer fazer? Falar? — Rehv deliberadamente deixou que seu casaco se abrisse e embalou em sua mão o pênis e o pesado escroto — Normalmente quer de mim algo mais que conversa.

— Muito certo. O melhor e mais elevado uso para você é o que os humanos chamam... Um consolador, não? Um brinquedo para uma fêmea com o que dar prazer a si mesma.

— Fêmea não é necessariamente a palavra que utilizaria para te descrever.

— Certamente. Bem amada seria melhor.

Ela elevou uma mão horrenda até seu penteado, deslizando seus dedos ossudos de três articulações sobre a cuidadosa obra, seu pulso era mais fino que a asa de uma batedeira de arame. Seu corpo não era diferente: todos os *symphaths* estavam constituídos como jogadores de xadrez, não como zagueiros, o que estava de acordo com sua preferência de lutar com a mente e, não com o corpo. A vestimenta que usavam, não era nem de machos nem de fêmeas, a não ser uma versão destilada de ambos os sexos, e por isso a princesa o desejava como o fazia. Gostava de seu corpo, seus músculos, sua óbvia e brutal masculinidade, e habitualmente queria ser fisicamente refreada durante o sexo... Algo que seguro como a merda não conseguia em casa. Pelo que ele sabia a versão *symphath* do ato se limitava a algumas posturas mentais seguidas de duas esfregações e um ofego por parte do macho. Além disso, estava disposto a apostar que o tio de ambos tinha o pênis como o de um hamster, e os testículos do tamanho de borrachas de lápis.

Não é que alguma vez o tivesse comprovado... Mas vamos, o cara não era exatamente uma comparação de testosterona.

A princesa se movia pela cabana como se estivesse desdobrando sua graça, mas havia um propósito em deslocar-se de janela em janela e olhar para fora.

Demônios, sempre com as janelas.

— Onde está seu cão guardião esta noite? — disse ela.

— Sempre venho sozinho.

— Mente a seu amor.

— Por que ia querer que alguém visse isto?

— Porque sou formosa. — deteve-se diante dos vidros mais próximos à porta — Está aí à direita, junto ao pinheiro.

Rehv não precisava inclinar-se a um lado e olhar para saber que tinha razão. É óbvio que ela podia sentir o Trez, só que não podia estar completamente segura de onde estava ou o que era.

Ainda assim, disse:

— Não há nada exceto árvores.

— Mentira.

— Tem medo das sombras, Princesa?

Quando ela olhou sobre o ombro, o escorpião albino que pendurava do lóbulo de sua orelha também fez contato ocular com ele.

— O problema não é o medo. É a deslealdade. Não suporto a deslealdade.

— A menos que seja você quem a está praticando, é óbvio.

— Oh, sou bastante leal a você, meu amor. Exceto pelo irmão de nosso pai, como já sabe. — girou e quadrou os ombros em toda sua altura — Meu consorte é o único além de você. E vim aqui sozinha.

— Suas virtudes são abundantes, embora como disse, por favor, leva a mais em sua cama. Toma a cem machos mais.

— Ninguém poderia comparar-se contigo.

Dava vontade de vomitar em Rehv cada vez que lhe prodigalizava um falso elogio, e ela sabia. Pelo que, naturalmente insistia em dizer merdas como essa.

— Diga-me. — disse para mudar de assunto — Já que tirou o tema de nosso tio, como vai o muito idiota?

— Ainda te acredita morto. Assim sigo honrando minha parte de nossa relação.

Rehv colocou a mão no bolso de seu casaco de zibelina e tirou os duzentos e cinquenta mil dólares em rubis cortados. Atirou o feliz pacotinho ao chão para a borda da túnica dela e tirou o casaco. A jaqueta de seu traje e seus sapatos foram o seguinte. Depois suas meias três quartos de seda, suas calças e sua camisa. Nenhum boxer que tirar. Para que incomodar-se?

Rehvenge permaneceu ante ela completamente ereto, com os pés bem plantados no chão, respirando tranquilamente, inalando e exalando com seu forte peito.

— E estou preparado para completar nossa transação.

Os olhos rubi desceram por seu corpo e se detiveram em seu sexo, abriu a boca, e percorreu o lábio inferior com sua língua bífida. Em suas orelhas, os escorpiões retorceram suas extremidades com espera, como se respondessem a seu arrebatamento sexual.

A princesa apontou para a bolsa de veludo.

— Recolhe isso e me dê isso apropriadamente.

— Não.

— *Recolhe-o.*

— Você gosta de se inclinar diante de mim. Por que te roubar seu hobby favorito?

A princesa colocou as mãos nas longas mangas de sua túnica e foi para ele da forma suave com que se moviam os *symphaths*, virtualmente flutuando sobre o chão de madeira. Quando se aproximou, ele manteve sua posição, porque preferia morrer e apodrecer antes de dar um passo atrás para o prazer dela.

Olharam-se um ao outro, e no profundo e maligno silêncio, ele sentiu uma terrível comunhão com ela. Eram iguais, e embora fosse um pensamento que odiava, sentia alívio em ceder a sua autêntica natureza.

— *Recolhe-o...*

— Não.

Ela descruzou os braços e uma de suas mãos de seis dedos rasgou o ar em direção a seu rosto, a bofetada foi forte e aguda como seus olhos rubi. Rehv se negou a deixar que sua cabeça retrocedesse pelo impacto enquanto o som reverberava tão ruidosamente como um prato quebrando-se.

— Quero que me pague seu tributo adequadamente. E quero saber quem é ela. Percebi seu interesse por esta antes... Quando está longe de mim.

Rehv manteve o anúncio de praia aceso em seu lóbulo frontal e soube que ela ostentava.

— Não me inclino perante você nem ante ninguém, cadela. Assim, se quiser essa bolsa, vai ter que te tocar os dedos dos pés. E quanto ao que acredita saber, está enganada. Não há ninguém para mim.

Esbofeteou-o de novo, a ardência desceu por sua medula espinhal e pulsou na cabeça de seu pênis.

— Inclina-te ante mim cada vez que vem aqui com seu patético pagamento e seu sexo faminto. Precisa disso, precisa-me.

Ele levou sua cara mais perto da dela.

— Não adule a você mesma, princesa. É uma obrigação, não uma escolha.

— Engano. Vive para me odiar.

A princesa pegou seu pênis na mão, envolvendo-o firmemente com seus dedos mortos. Quando sentiu o contato e a carícia, seu estômago revolveu... E ainda assim sua ereção se umedeceu ante a atenção inclusive quando não podia suportá-la, embora não a encontrava absolutamente atrativa, seu lado *symphath* estava completamente preso nesta batalha de vontades, e isso era o erótico.

A princesa se inclinou para ele, esfregando com seu dedo indicador a pua que tinha na base de sua ereção.

— Seja quem for essa fêmea de sua cabeça, não pode competir com o que temos.

Rehv pôs as mãos dos lados do pescoço de sua chantagista e pressionou com os polegares até que ela ofegou.

— Posso te arrancar a cabeça da coluna.

— Não o fará. — Ihe passou os lábios vermelhos e acetinados pela garganta e o batom de pimentas moídas que levava o queimou — Porque não poderíamos fazer isto se estivesse morta.

— Não subestime a atração da necrofilia. Especialmente quando se trata de você. — agarrou a parte de trás de seu coque e puxou com força — Vamos ao ponto?

— Depois que você recolha...

— Isso não vai acontecer. Não me inclino. — com sua mão livre, rasgou a frente da túnica, expondo a malha fina do body que sempre usava. Girando-a, forçou-a a ficar de cara à porta, procurando entre as dobras de vermelho cetim enquanto ela ofegava. A malha que vestia estava empapada de veneno de escorpião, e enquanto abria caminho para seu centro, o veneno empapava sua pele. Com sorte, poderia foder um momento enquanto ainda conservava a túnica posta...

A princesa se desmaterializou fora de suas garras e voltou a tomar forma justamente ante a janela através da qual Trez poderia ver. Com um rápido movimento, sua túnica a abandonou, eliminada por sua vontade e sua carne foi revelada. Estava constituída como a serpente que era, muitos nervos, e muito magra e quando a luz da lua se refletia sobre os fios entremeados de seu reluzente body dava a impressão de ter escamas.

Seus pés estavam plantados de cada lado da bolsa de rubis.

— Adorará-me. — disse isso, passando a mão entre as coxas e acariciando a fenda — Com a boca.

Rehv se aproximou e ficou de joelhos. Levantando o olhar para ela, disse com um sorriso:

— E será você quem recolherá essa bolsa.

Capítulo 18

Ehlena se deteve fora do necrotério da clínica, com ambos os braços rodeando seu peito, o coração na garganta e as preces saindo de seus lábios. Apesar de seu uniforme, não estava esperando em caráter profissional e o cartaz de SÓ PESSOAL que estava ao nível de seus olhos a freava tanto como se fosse alguém com roupas comuns. Enquanto os segundos passavam lentos como séculos, olhava as letras como se tivesse esquecido como ler. A palavra só estava em uma metade das portas, e pessoal na outra. Em letras vermelhas maiúsculas. Debaxo das letras em português, estava a tradução na Antiga Língua.

Alix tinha atravessado as portas fazia um momento com o Havers a seu lado.

Por favor... Que não seja Stephan. Por favor, não deixe que o John Doe seja Stephan.

O pranto que se filtrou através das portas de SÓ PESSOAL provocou que fechasse os

olhos, tão forte que fez com que a cabeça desse voltas.

Depois de tudo, não a tinha deixado plantada.

Dez minutos depois Alix saiu, tinha o rosto pálido e a parte inferior dos olhos avermelhada devido à quantidade de vezes que enxugou as abundantes lágrimas. Havers estava logo atrás dele, o médico se mostrava igualmente desconsolado.

Ehlana se adiantou e pegou ao Alix entre seus braços.

— Sinto tanto.

— Como... Como digo a seus pais... Eles não queriam que viesse até aqui... Oh, Deus...

Ehlana sustentou o corpo estremecido do macho até que Alix se endireitou e arrastou ambas as mãos por seu rosto.

— Estava desejando sair contigo.

— E eu com ele.

Havers pôs sua mão sobre o ombro de Alix.

— Quer levar isso contigo?

O macho olhou para trás, às portas, e fechou a boca até que se converteu somente em uma fina linha.

— Vamos querer começar com os... Rituais mortuários... Mas...

— Você gostaria que o amortalhasse? — perguntou Havers brandamente.

Alix fechou os olhos e assentiu.

— Não podemos deixar que sua mãe veja seu rosto. Isso a mataria. Eu o faria, mas...

— Cuidaremos dele muito bem. — disse Ehlana — Pode confiar que nos ocuparemos com respeito e reverência.

— Não acredito que possa... — Alix olhou em sua direção — Está mal de minha parte?

— Não. — disse sustentando ambas as mãos — E lhe prometo, faremos com amor.

— Mas deveria ajudar...

— Pode confiar em nós. — enquanto o macho piscava rapidamente, Ehlana o guiou gentilmente, afastando-o das portas do necrotério — Quero que vá esperar em uma das salas de estar familiares.

Ehlana acompanhou o primo de Stephan pelo corredor até chegar ao vestíbulo onde estavam as salas de exame. Quando outra enfermeira passou por ali, Ehlana lhe pediu que o levasse a uma sala de espera privada e logo retornou ao necrotério.

Antes de entrar, respirou profundamente e endireitou os ombros. Quando entrou empurrando as portas, cheirou ervas e viu Havers de pé junto a um corpo coberto por um lençol branco. O andar de Ehlana fraquejou.

— Meu coração está oprimido. — disse o médico — Tão oprimido. Não queria que esse pobre moço visse assim a seu familiar de sangue, mas depois de identificar suas roupas, ele insistiu. Tinha que vê-lo.

— Porque tinha que assegurar-se.

Era o que ela teria necessitado ao estar nessa situação.

Havers levantou o lençol, dobrando-o sobre o peito e Ehlena tampou bruscamente a boca com a mão para conter um ofego.

O rosto de Stephan, golpeado e sujo, estava quase irreconhecível.

Ela tragou uma vez. E outra vez. E uma terceira vez.

Querida Virgem Escriba, vinte e quatro horas antes, ele estava vivo. Vivo e no centro, desejando vê-la. Logo uma má decisão de ir para um lado e não para o outro o tinha feito terminar aqui, jazendo sobre uma cama fria de aço inoxidável, a ponto de ser preparado para seu ritual mortuário.

— Trarei as mortalhas. — disse bruscamente Ehlena quando Havers tirou completamente o lençol do corpo.

O necrotério era pequeno, com apenas oito unidades de refrigeração e duas mesas de exame, mas estava bem provido quanto a equipamento e fornecimentos. As mortalhas cerimoniais eram guardadas em um armário próximo do escritório, e quando abriu a porta, saiu uma fresca baforada herbal. As bandas de linho tinham sete centímetros e meio de largura e vinham em cilindros do tamanho dos dois punhos de Ehlena. Empapados de uma combinação de romeiro, lavanda e sal marinho, irradiavam um aroma suficientemente prazenteiro que, não obstante, faziam-na retroceder cada vez que captava aquele odor.

Morte. Era o aroma da morte.

Tirou dez cilindros e os empilhou em seus braços, logo voltou onde estava o corpo de Stephan totalmente exposto, com apenas um tecido sobre seus quadris.

Depois de um momento, Havers saiu de um vestiário que havia no fundo, usando uma túnica negra atada com uma faixa negra. Ao redor do pescoço, suspensa de uma corrente de prata larga e pesada, tinha uma ferramenta ornamentada para cortar, muito afiada que era tão antiga, que o trabalho de filigrana da manga tinha curvas obscurecidas dentro de seu curvilíneo desenho.

Ehlena abaixou a cabeça enquanto Havers elevava à Virgem Escriba as preces requeridas para o pacífico descanso de Stephan dentro do tenro abraço do Fade. Quando o doutor esteve preparado, passou-lhe o primeiro dos cilindros aromáticos e começaram com a mão direita de Stephan, como era adequado. Com muitíssima gentileza e cuidado, sustentou o membro frio e cinza no ar, enquanto Havers envolvia a carne apertadamente, voltando a pôr a tira de linho sobre si mesmo. Quando chegaram até o ombro, moveram-se para a perna direita, depois foi a mão esquerda, o braço esquerdo e logo a perna esquerda.

Quando tiraram o tecido de seus quadris, Ehlena se deu volta, como era requerido por ser fêmea. Se tivesse sido um corpo feminino, não o teria que fazer, embora um assistente masculino o teria feito por respeito. Depois que os quadris foram envoltos, enfaixaram o tronco até o peito e cobriram os ombros.

Com cada passada do linho, o aroma a ervas golpeava de novo o nariz até que sentiu como se não pudesse respirar.

Ou talvez não fosse o aroma que havia no ar, mas sim os pensamentos que havia em sua mente. Ele teria sido seu futuro? Teria conhecido seu corpo? Poderia ter sido seu *hellren* e o pai de seus filhos?

Perguntas que nunca seriam respondidas.

Ehlena franziu o cenho. Não, em realidade, todas tinham sido.

Cada uma delas com um não.

Enquanto passava outro cilindro ao médico da raça, perguntou-se se Stephan tinha vivido uma vida plena e satisfatória.

Não, pensou. Tinha sido extorquido. Totalmente extorquido.

Enganado.

O rosto era o último em ser coberto e sustentou a cabeça de Stephan enquanto o doutor enrolava e enrolava o linho lentamente. Ehlena respirava com dificuldade e só quando Havers cobriu os olhos, uma lágrima deixou os próprios e aterrissou na mortalha branca.

Havers pôs a mão brevemente em seu ombro e logo terminou o trabalho.

O sal que havia nas fibras do linho funcionava como um selador para que nenhum fluído filtrasse através da malha, e o mineral também preservava o corpo para o sepulcro. As ervas serviam para a função óbvia no curto prazo de mascarar qualquer aroma, mas também eram emblemas dos frutos da terra, os ciclos de crescimento e morte.

Com uma maldição, voltou para o armário e retirou um sudário negro, com o qual Havers e ela envolveram Stephan. O exterior negro simbolizava a carne mortal corruptível, o interior branco, a pureza e incandescência da alma dentro de seu lar eterno no Fade.

Ehlena tinha escutado uma vez que os rituais serviam a importantes propósitos além de seu aspecto prático. Supunha-se que ajudavam a cura psicológica, mas estando junto ao corpo morto de Stephan sentia que isso era pura merda. Era uma aceitação falsa, uma patética tentativa para conter as exigências de um destino cruel com um tecido de aroma doce.

Não era nada mais que uma capa sobre um sofá manchado de sangue.

Detiveram-se junto à cabeça de Stephan para lhe oferecer um momento de silêncio e logo empurraram a maca deslocando-a do fundo do necrotério para o sistema de túneis que corriam subterraneamente até as garagens. Ali, puseram o Stephan em uma das quatro ambulâncias que estavam feitas para parecer exatamente com as que os humanos usavam.

— Levarei a ambos a casa dos pais. — disse ela.

— Necessita que a acompanhem?

— Parece-me que para o Alix será melhor não ter audiência.

— Embora tomará cuidado, verdade? Não só com eles, mas também com sua própria segurança?

— Sim.

Cada uma das ambulâncias tinha uma pistola debaixo do assento do condutor, e

assim que Ehlena começou a trabalhar na clínica, Catya lhe ensinou a disparar: não cabia dúvida, de que podia dirigir algo que ficasse em seu caminho.

Quando Havers e ela fecharam as portas duplas da ambulância, Ehlena olhou para a entrada do túnel.

— Parece que vou voltar para a clínica pelo estacionamento. Preciso de ar.

Havers assentiu.

— E eu farei o mesmo. Dou-me conta que também necessito ar.

Juntos saíram à noite fria e clara.

Como a boa puta que Rehv era fez tudo o que lhe pediram. O fato de que fosse rude e cruel era uma concessão a seu livre-arbítrio... E novamente, parte da razão pela qual a princesa gostava do assunto que tinham.

Quando tudo terminou e ambos estiveram esgotados — ela por ter tantos orgasmos, ele porque o veneno de escorpião tinha penetrado profundamente em sua corrente sanguínea — esses malditos rubis seguiam onde os tinha jogado. No chão.

A princesa estava escancarada contra o batente da janela, ofegando dificultosamente, com seus dedos de três nódulos estendidos, provavelmente porque sabia que o enojavam como a merda. Ele estava do outro lado da cabana, tão longe dela como podia, de pé, cambaleando.

Enquanto tentava respirar, odiou que o ar da cabana cheirasse a sexo sujo. Do mesmo modo, tinha o aroma dela por todo seu corpo, cobrindo-o, sufocando-o tanto, que apesar de ter sangue *symphath* em suas veias, sentia vontade de vomitar. Ou possivelmente isso era devido ao veneno. Quem merda podia saber?

Ela levantou uma de suas mãos ossudas e apontou para a bolsa de veludo.

— Le-van-ta-os.

Os olhos de Rehv se travaram com os dela, e sacudiu a cabeça de um lado a outro lentamente.

— Será melhor que volte para nosso tio. — disse com tom áspero — Estou disposto a apostar que se te ausentar por muito tempo ele desconfiará.

Com isso, a tinha. O irmão do pai de ambos era um sociopata, calculista e desconfiado. Igual a eles.

Tudo ficava em família, como estavam acostumados a dizer.

A túnica da princesa se levantou do chão e flutuou para sua proprietária, e enquanto pendurava no ar a seu lado, retirou do bolso interior uma bandagem longa e vermelha. Deslizando-a entre suas pernas, envolveu o sexo, mantendo dentro o que ele tinha deixado. Depois se vestiu, e cobriu a metade da túnica que ele tinha esmigalhado, formando uma dobra sob a capa superior. O cinturão de ouro, ou ao menos ele assumia que era de ouro, dada a forma em que refletia a luz, foi o seguinte.

— Envie lembranças a meu tio. — disse Rehv arrastando as palavras — Ou... Não.

— Le... Van... Ta... Os.

— Ou se inclina para recolher essa bolsa, ou vai sem ela.

Os olhos da princesa cintilaram com o tipo de rancor que fazia tão divertido discutir com assassinos, e permaneceram olhando um ao outro durante compridos e hostis minutos.

A princesa se quebrou. Exatamente como ele havia dito que o faria.

Para sua eterna satisfação, foi ela quem os recolheu, sua capitulação quase o fez gozar de novo, sua língua ameaçou enganchar-se apesar de que não havia nada contra o que travar-se.

— Poderia ser rei. — disse ela estendendo a mão, e fazendo com que a bolsa de veludo com os rubis se elevasse do chão — Mata-o e poderá ser rei.

— Se mato a você, poderia ser feliz.

— Nunca será feliz. É de uma raça separada, vivendo uma mentira entre inferiores. — sorriu e uma alegria verdadeira se refletiu em seu rosto — Exceto aqui comigo. Aqui, pode ser honesto. Até o próximo mês, meu amor.

Atirou-lhe um beijo com suas horríveis mãos e se desmaterializou, dissipando-se da forma em que tinha feito o fôlego dele fora da cabana, devorado pelo fino ar da noite.

Os joelhos de Rehv cederam e se derrubou no chão, aterrissando em uma pilha de ossos. Jazendo sobre as pranchas rústicas, era consciente de tudo: os músculos de suas coxas com câibras, o comichão na ponta de seu pênis quando o prepúcio voltou para seu lugar, o tragar compulsivo causado pelo veneno de escorpião.

Enquanto a frieza da cabana se filtrava para fora, náuseas o percorreram como uma maré fétida e oleosa e seu estômago se fechou como um punho, formando um montão de “vamos daqui” que apertava sua garganta. As ânsias de vômito instintivas seguiram as ordens e abriu muito a boca, mas não saiu nada.

Sabia bem que não devia comer antes de ter um encontro.

Trez atravessou a porta tão silenciosamente que não foi até que as botas do cara estiveram frente a seu rosto que Rehv notou que seu melhor amigo estava com ele.

A voz do segurança foi amável:

— Vamos te tirar daqui.

Rehv esperou uma interrupção nas ânsias de vômito, para tratar de levantar do chão.

— Deixa... Que me vista.

O veneno de escorpião disparou a toda velocidade através de seu sistema nervoso central, interferindo com sua auto-estrada neuronal e conseqüentemente, fazendo com que arrastar seu corpo até onde estavam suas roupas envolvesse um desdobramento vergonhoso de debilidade. O problema era que o antídoto devia permanecer no carro, do contrário a princesa o teria encontrado, e mostrar uma debilidade tão substancial como essa era como entregar sua arma carregada a seu inimigo.

Evidentemente Trez perdeu a paciência com o show, porque se aproximou e recolheu

o casaco.

— Só ponha isto assim poderemos te tratar.

— Vestirei-me. — era o orgulho da puta.

Trez amaldiçoou e se ajoelhou com o casaco.

— Porra, Rehv...

— Não... — um ofego selvagem o interrompeu e fez com que caísse sobre o chão, oferecendo uma rápida aproximação dos nós das pranchas de pinheiro.

Caralho, estava mau esta noite. Pior do que alguma vez tinha estado.

— Rehv, sinto muito, mas vou tomar o controle.

Trez ignorou os intentos patéticos de Rehv por rechaçar sua ajuda, e depois de envolvê-lo com a zibelina, seu amigo o levantou e o carregou para fora como uma peça quebrada de equipe.

— Não pode continuar fazendo isto. — disse Trez enquanto suas pernas longas os levavam rapidamente para o Bentley.

— Observe.

Para manter a ele e a Xhex vivos e no mundo livre, tinha que fazê-lo.

Capítulo 19

Rehv despertou no seu dormitório de seu grande rancho nas Adirondacks que utilizava como refúgio. Podia dizer onde estava pelas janelas que iam do chão ao teto, o alegre fogo que tinha em frente, e o fato de que o pé da cama tinha *putti* esculpidos em mogno. O que não estava claro era quantas horas tinham passado desde seu encontro com a princesa. Uma? Cem?

Do outro lado do tênue cômodo, Trez estava sentado em um sofá cor vermelho escuro, lendo à débil luz amarela de uma luminária de mesa.

Rehv pigarreou.

— Que livro é?

O segurança elevou o olhar, os olhos amendoados enfocando-se com uma acuidade da qual Rehv poderia ter prescindido.

— Está acordado.

— Que livro?

— É “O dicionário da morte das Sombras”.

— Leitura ligeira. E eu aqui pensando que fosse fã de Candace Bushnell.

— Como se sente?

— Bem. Genial. Animado como a merda. — Rehv grunhiu enquanto se impulsionava mais alto sobre os travesseiros. Apesar do casaco de zibelina, que tinha em volta do corpo

nu, e das colchas, mantas e edredons de plumas que tinha em cima, seguia tão frio como o rabo de um pingüim, assim obviamente Trez lhe tinha injetado muita dopamina. Mas pelo menos a antitoxina tinha funcionado, os fôlegos e a falta de fôlego tinham desaparecido.

Trez fechou lentamente a capa do livro antigo.

— Estou me preparando, isso é tudo.

— Para entrar em sacerdócio? Pensava que toda a coisa do rei era sua especialidade.

O segurança pôs o livro na mesa baixa que tinha ao lado e se elevou em toda sua estatura. Depois de esticar todo o corpo, aproximou-se da cama.

— Quer alimento?

— Sim. Estaria bem.

— Dê-me quinze minutos.

Quando a porta se fechou atrás do macho, Rehv procurou ao seu redor e encontrou o bolso interior da zibelina. Quando tirou o telefone e o comprovou, não havia mensagens. Nenhuma mensagem de texto.

Ehlena não se aproximou, nem se pôs em contato com ele. Mas então, por que teria que fazê-lo?

Olhou fixamente o telefone e riscou o teclado com o polegar. Ansiava muitíssimo ouvir sua voz, como se escutá-la pudesse apagar tudo o que tinha acontecido nessa cabana.

Como se ela pudesse fazer desaparecer as duas décadas e meia passadas.

Rehv entrou em seus contatos e fez aparecer seu número na tela. Era provável que estivesse no trabalho, mas, se deixava uma mensagem, possivelmente o ligaria no descanso. Duvidou, mas logo pressionou enviar e pôs o telefone em sua orelha.

No instante em que ouviu o sinal de chamada, teve uma imagem vívida e vil dele tendo relações sexuais com a princesa, de seus quadris amassando, da luz da lua lançando sombras obscenas sobre o chão rústico.

Terminou a chamada com um murro rápido, sentindo como se seu corpo estivesse revestido de merda feita loção.

Deus, não havia suficientes banhos no mundo para limpá-lo o bastante para ser digno de falar com Ehlena. Nem bastante sabão, nem água sanitária, nem bucha. Enquanto a imaginava com seu antigo uniforme de enfermeira, o cabelo loiro avermelhado recolhido para trás em um pulcro coque, e seus silenciosos sapatos brancos, soube que se alguma vez a tocasse a mancharia pela vida toda.

Com o polegar intumescido, acariciou a tela plana do telefone, como se fosse sua bochecha, logo deixou que a mão caísse na cama. A vista das brilhantes veias vermelhas do braço recordou um par de coisas mais que tinha feito com a princesa.

Nunca tinha pensado que seu corpo fosse um dom especial. Era grande e musculoso, por isso era útil, e ao outro sexo gostava o que significava que era uma espécie de vantagem. E funcionava bem... Bom, exceto pelos efeitos secundários que lhe ocasionava a dopamina e a alergia ao veneno de escorpião.

Mas, realmente a quem importava?

Convexo na cama na quase escuridão, com o telefone na mão, viu mais cenas horrorosas de seu tempo com a princesa... Ela lhe mamando, ele agachando-se e fodendo-a por detrás, sua boca entre as coxas dela. Recordou o que sentia quando a lingüeta de seu pênis se travava e ambos ficavam enganchados.

Então pensou em Ehlena medindo sua pressão... E em como tinha dado um passo atrás, afastando-se dele.

Tinha razão ao ter feito isso.

Era um equívoco ligar para ela.

Com deliberado cuidado, moveu o polegar pelos botões e entrou em sua informação de contato. Não se deteve nem uma vez enquanto a apagava do telefone, e quando desapareceu, um calor inesperado lhe encheu o peito... Indicando que de acordo com lado de sua mãe, fazia o correto.

A próxima vez que fosse à clínica, pediria outra enfermeira. E, se voltasse a ver Ehlena, a deixaria em paz.

Trez entrou com uma bandeja de flocos de aveia, um pouco de chá e algumas torradas.

— Hmmm. — disse Rehv sem entusiasmo.

— Seja um menino bom e termine isso. Na próxima refeição trarei ovos com toucinho.

Quando a bandeja esteve assentada sobre suas pernas, Rehv atirou o telefone sobre a pele e levantou a colher. Bruscamente, e por nenhuma absoluta e positiva razão em especial, disse:

— Esteve apaixonado alguma vez, Trez?

— Não. — o segurança retornou a sua cadeira no rincão, o abajur curvo iluminou seu rosto bonito e escuro — Vi iAm tentar e decidi que não era para mim.

— iAm? Não me foda. Não sabia que seu irmão tinha tido uma garota.

— Não fala dela, e nunca a conheci. Mas durante um tempo se sentiu miserável do modo em que só uma fêmea pode pôr a um tipo.

Rehv fez girar o açúcar mascavo que estava polvilhado sobre a aveia.

— Acredita que alguma vez te emparelhará?

— Não. — Trez sorriu, e seus perfeitos dentes brancos cintilaram — Por que as perguntas?

Rehv levou a colher à boca e comeu.

— Por nenhuma razão.

— Sim. Certo.

— Estes flocos de aveia são fantásticos.

— Você odeia os flocos de aveia.

Rehv riu um pouco e seguiu comendo para sossegar-se, pensando que o tema do

amor não era de sua incumbência. Mas o trabalho, seguro como o inferno que sim o era.

— Aconteceu algo nos clubes? — perguntou.

— Tudo vai como a seda.

— Bem.

Rehv despachou lentamente a Quaker Oats, perguntando-se por que, se tudo ia perfeito e de primeira em Caldwell, tinha uma sensação de desgosto no intestino.

Provavelmente, pensou, era a aveia.

— Disse a Xhex que estou bem, verdade?

— Sim. — disse Trez, levantando o livro que tinha estado lendo — Menti.

Xhex estava sentada atrás de seu escritório e olhava fixamente a seus dois melhores seguranças, Big Rob e Silent Tom. Eram humanos, mas eram preparados e com seus jeans baixos, emitiam a enganosa sensação de tranquilidade que ela procurava.

— O que podemos fazer por você, chefe? — perguntou Big Rob.

Inclinando-se para frente em sua cadeira, tirou dois montões de notas do bolso traseiro de suas calças de couro. Mostrava-os deliberadamente, dividindo-os em duas pilhas e deslizando-os para os homens.

— Preciso que façam um trabalho extra-oficial.

Seus assentimentos foram tão rápidos como suas mãos sobre essas notas.

— O que você quiser. — disse Big Rob.

— Durante o verão, tivemos um barman que despedimos por roubar. O tipo se chamava Grady. Recordam...

— Vi essa merda a respeito de Chrissy no periódico.

— Fodido bastardo. — Silent Tom interveio pela primeira vez.

Xhex não se surpreendeu que soubessem toda a história.

— Quero que encontrem Grady. — quando Big Rob começou a fazer soar seus nódulos, ela sacudiu a cabeça — Não. O único que quero que façam é que me consigam um endereço. Se os vir, cumprimentem de longe e se afastem. Está claro? Não façam mais que lhe roçar a manga.

Ambos sorriram cruelmente.

— Nenhum problema, chefe. — murmurou Big Rob — O guardaremos para você.

— O DPC o busca também.

— Sem dúvida que sim.

— Não queremos que a polícia saiba o que estão fazendo.

— Nenhum problema.

— Ocuparei-me de cobrir seus turnos. Quanto mais rápido o encontrarem, mais feliz estarei.

Big Rob olhou ao Silent Tom. Após um momento, tiraram as notas que lhes tinha dado dos bolsos e as deslizaram pela mesa.

— Faremos o correto pela Chrissy, chefe. Não se preocupe.

— Com vocês nisto, não o farei.

A porta se fechou atrás deles, e Xhex passou as palmas acima e abaixo pelas coxas, forçando aos cilícios que tinha nas pernas a entrar mais profundamente em sua pele. Estava ardendo pela necessidade de sair ela mesma, mas com Rehv no norte e os entendimentos que fariam esta noite, não podia deixar o clube. E o que era igualmente importante, quanto ao Grady não ia poder fazer os preparativos ela mesma. Esse detetive da homicídios a estava vigiando.

Transladando os olhos ao telefone, quis amaldiçoar. Trez a tinha ligado mais cedo para dizer que Rehv tinha terminado o negócio com a princesa, e o som da voz do segurança tinha indicado o que suas palavras não diziam: o corpo de Rehv não ia agüentar muita tortura mais.

Outra situação mais que se via forçada a agüentar, sentada sobre seu rabo, esperando.

A impotência não era um estado com o qual se sentisse cômoda, mas quando se tratava da princesa, estava acostumada a sentir-se impotente. Fazia vinte anos, quando as escolhas de Xhex os tinham posto nesta situação, Rehv lhe havia dito que se ocuparia das coisas com uma condição: deixaria dirigi-lo a sua maneira sem intervir. Tinha feito jurar que permaneceria afastada, e embora a matasse, tinha cumprido a promessa e vivia com a realidade de que Rehv se viu forçado a cair nas mãos dessa puta por causa dela.

Maldita fora desejava que perdesse a paciência e arremettesse contra ela. Só uma vez. Em troca, seguia agüentando, pagando com seu corpo a dívida que ela tinha gerado.

Ela o tinha convertido em uma puta.

Xhex deixou o escritório porque não podia suportar passar mais tempo consigo mesma, e quando esteve no clube rezou para que houvesse uma escaramuça na parte do povo, como um triângulo amoroso explodindo, onde algum tipo esbofeteasse a outro por uma garota com lábios de peixe e tetas de plástico. Ou possivelmente um encontro no banheiro de homens da sobreloja se fosse ao traste. Merda! Estava tão desesperada que inclusive agarraria a um bêbado de saco cheio com seu patrão ou algum casal em um rincão escuro que tivessem levado o manuseio cruzando a linha até a penetração.

Precisava golpear algo e sua melhor oportunidade era com as massas. Se só houvesse...

Era sua sorte. Todos estavam se comportando.

Miseráveis estúpidos.

Finalmente, terminou indo à seção VIP porque estava deixando os seguranças da pista dementes ao ficar rodando por ali em busca de briga. E, além disso, tinha que usar os músculos em um trato de maior importância.

Ao atravessar a corda de veludo, seus olhos foram diretos à mesa da Irmandade. John Matthew e seus companheiros não estavam ali, mas bom, sendo tão cedo, estariam fora

caçando *lessers*. Os engolidores de Corona viriam mais tarde, se é que o fariam.

Não lhe importava se John viria.

Nada absolutamente.

Aproximando-se de iAm, disse:

— Preparados?

O segurança assentiu.

— Rally tem o produto preparado. Os compradores devem estar aqui em vinte minutos.

— Bem.

Essa noite levariam a cabo dois entendimentos de seis cifras por coca, e com o Rehv fora de combate e Trez acompanhando-o no norte, ela e iAm estavam no comando das transações. Embora o dinheiro fosse trocar de mãos no escritório, o produto ia ser carregado nos carros, no beco traseiro, porque quatro quilogramas de pó sul-americano puro não era o tipo de coisas que ela quisesse que estivesse dando voltas pelo clube. Merda, o fato de que os compradores fossem chegar com maletas contendo dinheiro em efetivo era bastante problemático.

Xhex estava na porta do escritório quando vislumbrou a Marie-Tereze insinuando-se a um homem com terno. O homem a olhava com admiração e maravilha, como se fosse o equivalente feminino de um carro esportivo que alguém acabava de lhe dar as chaves.

A luz cintilou na aliança de casamento que levava quando estendeu a mão para a carteira.

Marie-Tereze sacudiu a cabeça e levantou sua elegante mão para detê-lo, logo pôs ao absorto homem de pé e precedeu o caminho por volta dos banheiros particulares da parte de trás, onde o dinheiro trocava de mão.

Xhex girou e se encontrou frente à mesa da Irmandade.

Enquanto olhava o lugar onde John Matthew estava acostumado a sentar-se habitualmente, pensou no John⁴⁰ mais recente de Marie-Tereze. Xhex estava disposta a apostar que o HDP que estava a ponto de soltar quinhentos dólares para ser mamado ou fodido ou possivelmente mil por ambos, não olhava a sua mulher com esse tipo de excitação e luxúria. Era a fantasia. Ele não sabia nada a respeito de Marie-Tereze, não tinha nem idéia de que fazia dois anos seu filho tinha sido seqüestrado por seu ex-marido e que ela estava trabalhando para pagar o custo da volta do menino. Para ele, ela era um magnífico pedaço de carne, algo com o que brincar e ser deixado atrás. Prolixo. Limpo.

Todos os John eram assim.

E também o era o John de Xhex. Ela era uma fantasia para ele. Nada mais. Uma mentira erótica que evocava para fazer uma punheta... O que realmente não era algo do que o culpasse, porque ela estava fazendo o mesmo com ele. E a ironia era que ele era um

⁴⁰ Nota da Revisora: chamam de John aos clientes das prostitutas.

dos melhores amantes que jamais tinha tido, embora isso fosse porque podia fazer algo que quisesse durante tanto tempo como necessitasse para se saciar, e nunca havia queixa, reservas nem pedidos.

Prolixo. Limpo. A voz de iAm saiu do auricular.

— Os compradores acabam de entrar.

— Perfeito. Vamos fazê-lo.

Terminaria com os dois entendimentos, e logo tinha seu próprio trabalho particular que fazer. Agora, isso era algo que valia a pena ansiar. Ao final da noite, ia conseguir exatamente a classe de liberação que necessitava.

Do outro lado da cidade, em um tranqüilo beco sem saída em uma vizinhança segura, Ehlena estava estacionada diante de uma modesta casa colonial, sem intenção de ir a nenhum lugar em um futuro próximo.

A chave não entrava no painel de acesso da ambulância.

Tendo terminado com o que deveria ter sido a parte mais difícil da viagem, tendo entregado Stephan a salvo aos braços de seus familiares de sangue, acabava surpreendente que colocar a maldita chave no condenado contato fosse mais difícil.

— Vamos... — Ehlena se concentrou em estabilizar sua mão. E acabou olhando realmente muito de perto a forma em que o pedaço de metal saltava ao redor do buraco ao que pertencia.

Recostou-se no assento com uma maldição, sabendo que estava aumentando a desdita da casa, que a ambulância estacionada ali fora era simplesmente outra declaração expressa a gritos da tragédia.

Como se o corpo do amado filho da família não fosse suficiente.

Girou a cabeça e olhou fixamente as janelas coloniais. Havia sombras deslocando-se do outro lado das cortinas de gaze.

Depois de entrar de ré pelo caminho de entrada, Alix tinha ingressado na casa e ela tinha esperado na noite fria. Um momento depois, a porta da garagem tinha rodado para cima e Alix tinha saído com um macho mais velho que se parecia muito a Stephan. Ela tinha feito uma reverência e tinha lhe estreitado a mão, e logo tinha aberto a porta traseira da ambulância. O macho teve que por uma mão sobre a boca enquanto ela e Alix tiravam a maca.

— Meu filho... — tinha gemido.

Nunca esqueceria o som dessa voz. Oco. Sem esperança. Com o coração quebrado.

O pai de Stephan e Alix o levaram para a casa, e assim como no necrotério, um momento depois se escutou um pranto. Esta vez, entretanto, tinha sido o lamento mais agudo de uma fêmea. A mãe de Stephan.

Alix tinha retornado no momento em que Ehlena estava empurrando a maca para o interior da ambulância, e estava piscando rapidamente, como se estivesse enfrentando um

forte vento. Depois de apresentar seus respeitos e despedir-se, subiu atrás do volante e... Não tinha podido arrancar o maldito veículo.

Do outro lado das cortinas de gaze, viu duas silhuetas fundirem-se em um abraço. E logo foram três. E logo vieram mais.

Sem nenhuma razão aparente, pensou nas janelas da casa que alugava para ela e seu pai, todas cobertas com papel alumínio, seladas para deixar o mundo de fora.

Quem estaria junto a seu corpo envolto quando sua vida acabasse? Seu pai sabia quem era ela a maior parte do tempo, mas raramente estava conectado a ela. O pessoal da clínica era muito amável, mas isso era trabalho, não pessoal. Pagava a Lusie para vir.

Quem cuidaria de seu pai?

Sempre tinha assumido que ele se iria primeiro, mas então, sem dúvida a família de Stephan tinha pensado o mesmo.

Ehlena afastou o olhar dos enfermos e fixou no pára-brisa dianteiro da ambulância.

A vida era muito curta, por muito que vivesse. Não acreditava que alguém estivesse preparado, quando chegava seu turno, para deixar amigos, familiares e as coisas que os faziam felizes, ainda que tivessem quinhentos anos, como seu pai, ou cinquenta, como Stephan.

O tempo era uma fonte interminável de dias e noites como a galáxia era grande.

Fez com que se perguntasse: *Que demônios estava fazendo com o tempo que tinha?* Seu trabalho lhe dava um propósito, certo, e cuidava de seu pai, o que era o que se fazia pela família. Mas aonde ia? A lugar nenhum. E não se referia a estar sentada nesta ambulância com as mãos tão trementes que não podia colocar uma chave na ignição.

O assunto era que, não é que queria mudar tudo. Só queria algo para si mesma, algo que a fizesse saber que estava viva.

Os profundos olhos cor ametista de Rehvenge lhe vieram à mente como saídos de nenhuma parte, e como uma câmera que vai se afastando, viu seu rosto esculpido, seu penteado moicano, sua roupa fina e sua bengala.

Esta vez, quando se esticou para frente com a chave, a coisa entrou firmemente e o motor diesel despertou com um grunhido. Quando a calefação soltou uma rajada de ar frio, desligou o ventilador, colocou a alavanca em “avanço” e saiu da casa, do beco sem saída e da vizinhança.

Que já não parecia tranquilo.

Atrás do volante, ia conduzindo e ao mesmo tempo estava ausente, cativada pela imagem de um macho que não podia ter, mas que nesse momento precisava com loucura.

Seus sentimentos eram inconvenientes por muitos motivos. Pelo amor de Deus, eram uma traição a Stephan, apesar de que, na realidade, não o tinha conhecido. Simplesmente parecia uma falta de respeito estar desejando a outro macho enquanto seu corpo era chorado por seu sangue.

Salvo que teria desejado ao Rehvenge de todos os modos.

— Maldito seja.

A clínica estava do outro lado do rio, e a alegrava, porque nesse momento não poderia encarar o trabalho. Estava muito doída, triste e zangada consigo mesma.

O que precisava era...

Starbucks. Oh, sim, isso era exatamente o que necessitava.

A uns oito quilômetros dali, em um lugar ao redor do qual havia um supermercado Hannaford, uma floricultura, uma boutique do LensCrafters, e uma loja Blockbuster, encontrou um Starbucks que permanecia aberto até as duas da manhã. Levou a ambulância a um lado e saiu.

Quando deixou a clínica com o Alix e Stephan, não pensou em trazer o casaco, assim aconchegou sua bolsa, correu pela calçada e atravessou a porta a toda pressa. No interior, o lugar era como a maioria deles: nós de madeira vermelhos, chão de ladrilhos cinza, muitas janelas, cadeiras amaciadas e pequenas mesas. No mostrador havia muffins a venda e uma vitrine de vidro com quadradinhos de bolacha de limão, brownies e pão-doce e dois humanos próximos aos vinte dirigiam as máquinas de café. O ar cheirava a avelã, café e chocolate, e esse aroma apagou de seu nariz o persistente aroma herbal das mortalhas.

— Posso ajudá-la? — perguntou o menino mais alto.

— Um Latte comprido, com espuma, sem creme. Para levar.

O macho humano sorriu e se afastou. Tinha uma barba escura recortada e um brinco no nariz, sua camiseta estava salpicada de gráficos que soletravam as palavras COMEDOR DE TOMATE dentro de gotas do que poderia ter sido sangue, ou dado o nome da banda, ketchup.

— Gostaria de algo mais? Os pães-doces de canela são espetaculares.

— Não, obrigado.

Enquanto se encarregava de seu pedido não afastou a vista dela, e para evitar ter que tratar com sua atenção, procurou na bolsa e checkou seu telefone no caso de que Lusie...

CHAMADA PERDIDA. Ver agora?

Pressionou o sim, rezando para que não se tratasse de seu pai...

Apareceu o número de Rehvenge, embora não seu nome, porque não o tinha posto no telefone. Olhou fixamente os dígitos.

Deus! Era como se lhe tivesse lido a mente.

— Seu latte! Olá?

— Sinto muito. — guardou o telefone, pegou o que o homem estendia e agradeceu.

— Dupla taça como o desejava. As asas também.

— Obrigado.

— Ouça, trabalha em um dos hospitais por aqui? — perguntou, observando seu uniforme.

— Clínica particular. Obrigada outra vez.

Saiu rapidamente e não perdeu tempo em entrar na ambulância. Quando esteve

novamente atrás do volante, travou as fechaduras das portas, arrancou o motor e ligou a calefação imediatamente, porque o ar que saía ainda estava morno.

O latte estava realmente bom. Super quente. O sabor perfeito.

Tirou o telefone outra vez, foi à lista de chamadas recebidas e escolheu o número de Rehvenge.

Respirou fundo e tomou um comprido trago do latte.

E pressionou enviar.

O código de área do destino era o 518. Quem teria dito?

Capítulo 20

Lash estacionou a Mercedes 550 debaixo de uma das pontes de Caldwell, o sedã negro era indistinguível entre as sombras projetadas pelas gigantescas bases de concreto. O relógio digital que havia no painel indicou que a hora do espetáculo se aproximava.

Assumindo que não tivesse tido cagadas.

Enquanto esperava, pensou na reunião com o líder dos *sympaths*. Em retrospectiva, não gostava realmente do modo em que o macho o fazia sentir-se. Ele fodia garotas. Ponto. Nada de machos. Jamais.

Essa classe de merda era para cavaleiros de pênis como John e seu bando de fracos do rabo.

Mudando de direção mentalmente, Lash sorriu na escuridão, pensando que quase não podia esperar para voltar a ser apresentado a esses estúpidos. Ao princípio, logo depois de que tivesse retornado por seu pai verdadeiro, tinha querido apressar as coisas. Depois de tudo, John e seus meninos sem dúvida seguiam freqüentando o ZeroSum, assim encontrá-los não seria um problema. Mas, encontrar o momento adequado era fundamental. Lash ainda estava resolvendo a merda de sua nova vida e queria estar inteiro quando esmagasse o John e matasse o Blay diante do Qhuinn, logo mataria ao idiota que o tinha assassinado.

Procurar o momento oportuno era importante.

Como se tivessem obedecido a um sinal, dois carros se detiveram entre alguns dos pilares. O Ford Escort era da Sociedade Lessening, e o Lexus prateado era o carro do atacadista de Grady.

Preciosos aros os que levava o LS 600h. Muito bonitos.

Grady foi o primeiro a sair do Escort, e quando o senhor D e os outros dois *lessers* o seguiram, foi como olhar a evacuação de um carro de palhaços, dada a quantidade de carne que tinha estado apinhada dentro.

Quando se aproximaram do Lexus, do 600h, saíram dois homens levando elegantes

casacos de inverno. Sincronizadamente, os dois machos humanos puseram a mão direita em suas jaquetas e tudo no que Lash pôde pensar foi: melhor que saiam armas e não insígnias desses bolsos superiores. Se Grady havia fodido e esses eram policiais disfarçados brincando de ser Crockett e Tubbs⁴¹ da era moderna, as coisas iriam se complicar.

Mas não... Nenhuma insígnia do DPC, só um pouco de conversa por parte dos casacos, sem dúvida na linha de: *Quem são estes três lambe rabos que trouxe para esta transação particular de negócios?*

Grady olhou ao senhor D com um pânico de “estou totalmente fora desta aliança”, e o pequeno texano tomou as rédeas, dando um passo adiante com uma pasta de alumínio. Depois de pô-la sobre o porta-malas do Lexus, abriu para revelar o que pareciam ser maços de notas de cem dólares. Na realidade, eram só montões de notas de um dólar com só um Benjamin⁴² em cima de cada maço. Os casacos olharam para baixo...

Plop. Plop.

Grady saltou para trás enquanto os traficantes caíam ao chão como faxineiras, sua boca aberta tão amplamente como a tigela de lavabo. Antes que pudesse se pôr a dizer um montão do “OH meu Deus o que fez”, o senhor D deu um passo para ficar cara a cara e desferiu uma bofetada que o fez calar.

Os dois assassinos voltaram a guardar as armas em suas jaquetas de couro enquanto o senhor D fechava a mala, dava a volta e ficava atrás do volante do Lexus. Enquanto partia, Grady levantou a vista para os rostos dos homens pálidos como se esperasse que também lhe dessem um tiro.

Em vez disso, dirigiram-se de retorno ao Escort.

Depois de um momento de confusão, Grady os seguiu com uma corridinha torpe como se todas as suas articulações estivessem muito engraxadas, mas quando foi abrir a porta traseira, os assassinos se negaram a permitir entrar no carro. Quando Grady se deu conta de que ia ser deixado para trás, começou a assustar-se, começou a agitar os braços, e a gritar. O que era fodidamente tolo, tendo em conta que estava a quatro metros e meio de dois tipos com balas em seus cérebros.

Exatamente nesse momento um pouco de silêncio viria bem.

Evidentemente um dos assassinos pensou o mesmo. Com absoluta calma, sacou a mão com a arma e nivelou o canhão à altura da cabeça de Grady.

Silêncio. Quietude. Pelo menos por parte do idiota.

Fecharam duas portas e o motor do Escort ligou com um giro e um fôlego. Os assassinos se afastaram, fazendo chiar os pneus e salpicando as botas e a acne de Grady com terra congelada.

⁴¹ Nota da Revisora: protagonistas de Miami Vice, seriado policial da década de 80.

⁴² Nota da Revisora: nas cédulas americanas, são imagens de figuras notáveis que as ilustram a da nota de cem dólares é Benjamin Franklin.

Lash acendeu as luzes do Mercedes, e Grady girou em redondo, protegendo os olhos com os braços.

Teve a tentação de atropelá-lo, mas no momento, a utilidade do homem justificava o batimento de seu coração.

Lash arrancou a Mercedes, deteve-se junto ao HDP, e baixou o guichê.

— Suba no carro.

Grady abaixou os braços.

— Que porra aconteceu...

— Fecha a fodida boca. Sobe no carro.

Lash fechou a janela e esperou enquanto Grady se deixava cair pesadamente no assento do passageiro. Enquanto o homem punha o cinto, notou que os dentes chacoalhavam e não pelo frio. O estúpido estava da cor do sal, e suave como um transexual no Estádio dos Giants⁴³.

— Bem, poderia tê-los matado a plena luz do dia. — balbuciou Grady enquanto se dirigiam à estrada que corria ao lado do rio — Há olhos por toda parte...

— Esse era o ponto. — o telefone de Lash soou e ele respondeu enquanto acelerava pela rampa para a auto-estrada — Muito bem, senhor D.

— Acredito que temos feito bem. — disse o texano — Exceto que não vejo as drogas. Devem estar no porta-malas.

— Estão nesse carro. Em algum lugar.

— Seguimos com o plano de nos encontrar no Hunterbred?

— Sim.

— Ouça, ah, escute, está planejando fazer algo com este carro?

Lash sorriu na escuridão, pensando que a avareza era uma grande debilidade para que um subordinado a tivesse.

— Vou pintar, comprar um número de documentos e placas.

Fez silêncio, como se o *lesser* esperasse mais.

— Oh, isso estará bem. Sim, senhor.

Lash desligou a seu discípulo e se girou para o Grady.

— Quero conhecer todos os outros varejistas importantes da cidade. Seus nomes, seus territórios, suas linhas de produtos, tudo.

— Não sei se terei toda essa...

— Então será melhor que o averigüe. — Lash atirou o telefone no colo do homem — Faz quantas chamadas necessitar. Escava. Quero a todos e cada um dos traficantes da cidade. Logo quero ao elefante que os alimenta. O atacadista de Caldwell

Grady deixou cair a cabeça contra o assento.

— Merda. Pensei que isto ia ser como... Meu negócio.

⁴³ Nota da Revisora: equipe de beisebol.

— Esse foi seu segundo engano. Começa a ligar e me consiga o que desejo.

— Olhe... Não acredito que isto seja... Provavelmente deveria voltar para casa...

Lash sorriu ao homem, revelando suas presas e fazendo seus olhos brilhar.

— Está em casa.

Grady se encolheu no assento, e logo começou a dar tapas ao trinco da porta, apesar de que viajavam pela auto-estrada a mais de cem quilômetros por hora.

Lash travou as fechaduras.

— Sinto muito, está de passeio agora e não paro no meio. Agora ligue com a porra do telefone e faz bem. Ou vou te desmembrar pedaço a pedaço e desfrutarei de cada segundo de seus chiados.

Wrath estava fora do Lugar Seguro sob um vento capaz de lhe adormecer até os testículos, sem que lhe importasse dois caralhos o tempo desagradável que fazia. Elevando-se ante ele como saída da fantasia de Rockwell do *Leave it to Beaver*⁴⁴, a casa, que era um refúgio para vítimas de violência doméstica, era grande, labiríntica e acolhedora, as janelas estavam cobertas com cortinas acolchoadas, havia uma grinalda na porta e uma esteira no primeiro degrau que dizia BEM-VINDOS em letras itálicas.

Como macho, não podia entrar, assim esperou como uma escultura de jardim na dura grama marrom, rezando para que sua amada *leelan* estivesse dentro... E disposta a vê-lo.

Depois de ter passado todo o dia no escritório esperando que Beth viesse a ele, finalmente tinha percorrido a mansão procurando-a. Quando não a encontrou, rezou para que estivesse como voluntária aqui, coisa que fazia freqüentemente.

Marissa apareceu na escadaria de atrás e fechou a porta atrás dela. A *shellan* de Butch e anterior prometida de sangue de Wrath mostrava-se como uma típica profissional com suas calças e jaqueta negras, levava o cabelo loiro retorcido e recolhido em um elegante coque e seu aroma era como o do oceano.

— Beth acaba de sair. — disse enquanto se aproximava dele.

— Retornou para casa?

— Foi à Avenida Redd.

Wrath se esticou.

— Que demo... Por que foi ali? — merda, sua *shellan* tinha saído sozinha em Caldwell? — Quer dizer em seu velho apartamento?

Marissa assentiu.

— Acredito que queria voltar aonde as coisas começaram.

— Está sozinha?

— Pelo que sei, sim.

⁴⁴ Nota da Revisora: série familiar dos anos 50 e 60.

— Jesus cristo, ela já foi seqüestrada uma vez. — disse com brutalidade. Como Marissa retrocedeu, amaldiçoou a si mesmo — Olhe, sinto muito. Não estou atuando muito racionalmente neste momento.

Depois de um momento, Marissa sorriu.

— Isto soará mal, mas me alegra que esteja frenético. Merece estar.

— Sim, fui uma merda. De primeira.

Marissa elevou a cabeça para o céu.

— Já que estamos nisso, darei um conselho para quando for procurá-la.

— Diga-me.

O rosto perfeito de Marissa se nivelou outra vez e quando voltou a enfocar nele, sua voz adquiriu um tom triste.

— Trate de não se zangar. Parece um ogro quando se enche o saco, e neste momento, Beth necessita que a recordem o motivo pelo qual deveria baixar a guarda quando está contigo e não o motivo pelo qual não deveria.

— Bom ponto.

— O que estiver bem, meu senhor.

A saudou com uma rápida inclinação de cabeça e se desmaterializou diretamente para o endereço da Avenida Redd, onde Beth estava acostumada a ter um apartamento quando se encontraram pela primeira vez. Enquanto se trasladava, pôde saborear malditamente bem aquilo com o que seu *shellan* tinha que lutar cada noite que ele saía à cidade. Querida Virgem Escriba, como ela confrontava o medo? A idéia de que possivelmente nem tudo estivesse bem? O fato de que onde ele estava havia mais perigo que segurança?

Quando tomou forma diante do edifício de apartamentos, pensou na noite que tinha ido procurá-la depois da morte de seu pai. Tinha sido um salvador resistente e inapropriado, seu melhor amigo lhe tinha pedido em sua última vontade e testamento que a ajudasse a passar pela transição... Quando ela nem sequer sabia o que era.

Sua primeira aproximação não tinha ido bem, mas a segunda vez que tinha tratado de falar com ela? Essa tinha ido muito bem.

Deus! Queria voltar a estar com ela desse modo. Pele nua sobre pele nua, movendo-se juntos, ele metido profundamente em seu interior, marcando-a como dele.

Mas isso estava muito longe, assumindo que acontecesse alguma outra vez.

Wrath rodeou o edifício para o pátio traseiro, seus shitkickers não faziam ruído, sua grande sombra se projetava no chão gelado sob seus pés.

Beth estava encolhida em uma mesa desencaixada de lanche campestre onde alguma vez ele se sentou, e estava olhando fixamente ao apartamento que tinha diretamente em frente exatamente como ele tinha feito quando tinha vindo procurá-la. O vento frio fazia revoar seu cabelo escuro, dando a impressão de que estivesse sob a água e nadando entre fortes correntes.

Deve ter lhe chegado seu aroma, porque girou a cabeça bruscamente. Enquanto o olhava, sentou-se mais reta e manteve os braços ao redor da parca North Face que lhe tinha comprado.

— O que faz aqui? — perguntou.

— Marissa me disse onde estava. — jogou um olhar à porta corrediça de vidro do apartamento, e logo voltou a olhar a ela — Importa se me unir a você?

— Ah... Bem. Está bem. — removeu-se um pouco enquanto se aproximava — Não ia ficar aqui muito tempo.

— Não?

— Ia te ver. Não estava segura de quando saía para lutar e pensei que possivelmente teria tempo antes... Mas então, não sei, eu...

Enquanto deixava a frase no ar, ele subiu à mesa a seu lado, os suportes chiaram quando a coisa aceitou seu peso. Queria rodeá-la com o braço, mas se conteve e esperou que a parca estivesse fazendo bem seu trabalho de mantê-la abrigada o suficiente.

No silêncio, as palavras sussurravam na mente, todas elas pertenciam à variedade das desculpas, todas as sandices. Já havia dito que sentia, e ela sabia que dizia a sério, e que ia passar muito tempo antes que deixasse de desejar que houvesse algo mais que pudesse fazer para compensar.

Nesta noite fria, enquanto se sentavam suspensos entre seu passado e seu futuro, tudo o que podia fazer era ficar ali sentado com ela, olhando fixamente as janelas obscurecidas do apartamento no qual ela tinha vivido uma vez... Antes que o destino lhes tivesse unido.

— Não recordo ter sido especialmente feliz aí dentro. — disse ela brandamente.

— Não?

Ela passou a mão pelo rosto, afastando algumas mechas dos olhos.

— Não gostava de voltar para casa do trabalho e estar aí sozinha. Graças a Deus pelo Boo. Sem esse gato? Refiro-me a que, é limitado o que a televisão pode fazer por uma pessoa.

Ele odiava que tivesse estado sozinha.

— Então não desejaria ter a possibilidade de voltar atrás?

— Cristo, não.

Wrath exalou.

— Alegro-me.

— Trabalhava no jornal, para esse imbecil lascivo, do Dick, fazendo o trabalho de três pessoas, sem possibilidades de conseguir nada, porque era uma moça e os velhos e bons meninos não formavam um clube... Formavam uma camarilha de conspiradores. — sacudiu a cabeça — Mas sabe o que era o pior de tudo?

— O que?

— Vivia com essa sensação de que algo estava acontecendo, algo importante, mas

não sabia do que se tratava. Era como saber que o segredo estava ali, e que era escuro, mas simplesmente não podia alcançá-lo. Quase me voltava louca.

— Assim averiguar que não era só humana foi...

— Estes últimos meses contigo foram pior. — olhou-o — Quando penso no outono... Sabia que algo estava mau. No fundo de minha mente, sabia, podia pressentir. Deixou de vir à cama regularmente, e se o fazia, não era para dormir. Não podia se acalmar. Não comia realmente. Nunca se alimentava. O reinado sempre o estressou, mas este último par de meses foi diferente. — voltou a olhar fixamente a seu velho apartamento — Sabia, mas não queria enfrentar a realidade de que possivelmente estivesse mentindo sobre algo tão significativo e aterrador quanto estar saindo para lutar sozinho.

— Merda, não tinha intenção de te fazer algo assim.

O perfil de Beth era formoso e implacável ao mesmo tempo, enquanto continuava.

— Penso que isso toma parte do enredo mental que há em minha cabeça neste momento. Todo o assunto me leva de retorno ao modo em que estava acostumada a viver cada dia de minha vida. Depois que atravessei a mudança e que nos mudamos para viver com os Irmãos, senti-me tão aliviada, porque finalmente soube com segurança o que sempre me tinha perguntado. Incrivelmente, a verdade me proporcionou uma base. Fez-me sentir a salvo. — voltou-se para ele — Este assunto contigo? O mentir? Faz com que sinta que não posso voltar a confiar em minha realidade. Simplesmente não me sinto a salvo, refiro-me a que, todo meu mundo gira em torno de você. Meu mundo inteiro. Tudo está apoiado em você, porque nosso emparelhamento é a base de minha vida. Assim, isto implica muito mais que o fato de que lute.

— Sim. — foda. Que demônios podia dizer?

— Sei que teve suas razões.

— Sim.

— E sei que não queria me ferir. — isto foi dito com uma entonação que se elevava ao final, as palavras eram mais uma pergunta, que uma declaração.

— Definitivamente não tinha essa intenção.

— Mas sabia que o faria, verdade?

Wrath apoiou os cotovelos nos joelhos e se reclinou sobre seus fortes braços.

— Sim, sabia. É por isso que não estive dormindo. Sentia que estava fazendo mal ao não lhe dizer isso.

— Tinha medo que me negasse a te permitir sair ou algo? Que te entregasse por violar a lei? Ou...?

— O assunto é assim... No final de cada noite voltava para casa e me dizia que não ia fazer outra vez. E em cada por do sol me encontrava atando as correntes de minhas adagas. Não queria que se preocupasse, e me dizia mesmo que não pensava que continuaria. Mas teve razão ao me chamar a atenção sobre isso. Não planejava me deter. — esfregou os olhos sob os óculos ao tempo que começava a lhe pulsar a cabeça — Estava

tão equivocado, e não podia confrontar o que te estava fazendo. Estava me matando.

Pôs a mão na perna e ele se congelou, seu amável contato era mais do que merecia. Enquanto acariciava sua coxa um pouco, deixou cair os óculos de sol em seu lugar e com cuidado capturou sua mão.

Nenhum dos dois pronunciou palavra enquanto se seguravam um ao outro, palma contra palma.

Às vezes as palavras eram menos valiosas que o ar que as transportava quando se tratava de aproximar-se.

Enquanto o vento frio soprava através do pátio, causando que algumas folhas marrons passassem rangendo diante deles, acenderam-se as luzes no velho apartamento de Beth, a iluminação alagou o fogão da cozinha e a única habitação principal.

Beth riu um pouco.

— Puseram seus móveis exatamente como estavam os meus, o futón contra a única parede longa.

O que significava que tinham uma vista panorâmica do casal que entrou tropeçando no escritório e se encaminhou em linha reta à cama. Os humanos estavam entrelaçados lábios contra lábios, quadril contra quadril, e aterrissaram no futón em uma confusão, o homem montando à mulher.

Como envergonhada pelo espetáculo, Beth desceu da mesa e pigarreou.

— Suponho que será melhor que volte para Lugar Seguro.

— Esta noite é meu descanso. Estarei em casa sabe toda a noite.

— Isso é bom. Trate de descansar.

Deus, estar distanciados era horrível, mas ao menos se falavam.

— Quer que te acompanhe ali?

— Estarei bem. — Beth se aconchegou em sua parca, afundando o rosto no pescoço de plumas — Homem, faz frio.

— Sim. Faz. — quando chegou o momento de despedir-se, estava ansioso por saber no que tinham ficado, e o medo esclarecia muito sua visão. Deus, como odiava a expressão desolada de seu rosto — Não pode saber quão arrependido estou.

Beth estendeu a mão e tocou sua mandíbula.

— Ouço em sua voz.

Ele pegou sua mão e a colocou sobre o coração.

— Não sou nada sem você.

— Não é verdade. — disse, afastando-se — É o rei. Não importa quem seja sua *shellan*, você é tudo.

Beth se desmaterializou no ar fino, sua presença vital e cálida substituída somente com o glacial vento de dezembro.

Wrath esperou perto de dois minutos, logo se desmaterializou para Lugar Seguro. Depois de tanto tempo alimentando-se um do outro, havia tanto de seu sangue nela que

podia sentir sua presença inclusive dentro das robustas paredes da instalação carregada de segurança, e soube que estava protegida.

Pesaroso, Wrath se desmaterializou outra vez e se dirigiu de volta à mansão: tinha pontos que deviam ser tirados e uma noite inteira para passá-la a sós em seu escritório.

Capítulo 21

Uma hora mais tarde Trez levou a bandeja de volta à cozinha. Rehv tinha o estômago completamente revolto. Porra! Se a aveia já não era uma comida viável para o “depois”, o que sobrava? Bananas? Arroz branco?

Um fodido mingau de bebê Gerber?

E não era só seu estomago que estava fodido. Se fosse capaz de sentir algo, estava bastante certo que teria uma enxaqueca junto com as náuseas que o sacudia. Cada vez que uma luz era acesa, a exemplo de quando Trez entrava para verificar como estava, os olhos de Rehv piscavam automaticamente, movendo-se acima e abaixo em uma descoordenada versão ocular de Safety Dance⁴⁵, em seguida começava a salivar e tragar compulsivamente. Assim por certo, tinha de estar enjoado.

Quando soou seu telefone, pôs a mão sobre ele e o levou ao ouvido sem girar a cabeça. Essa noite no ZeroSum estavam ocorrendo muitas coisas, e precisava manter-se informado.

— Sim.

— Olá... Ligou-me?

Os olhos de Rehv se dispararam para a porta do banheiro, onde brilhava uma suave luz ao redor do batente.

Oh, Deus! Não havia se banhado ainda.

Ainda estava coberto do sexo que teve.

Inclusive, embora Ehlena estivesse a três horas de carro de distância e ele não estivesse aparecendo em uma webcam sentia-se absolutamente canalha só por falar com ela.

— Hey. — respondeu com voz rouca.

— Está bem?

— Sim.

O que era uma fodida mentira. O tom rouco de sua voz mostrava o óbvio.

— Bem, eu, ah... Vi que tinha me ligado... — quando um som estrangulado saiu de sua boca, Ehlena se deteve — Está doente.

⁴⁵ Nota da Revisora: foi uma música importante da década de 80.

— Não...

— Pelo amor de Deus! Por favor, vêm a clínica...

— Não posso. Estou... — Deus, não podia suportar falar com ela — Não estou na cidade. Estou no Norte.

Houve uma longa pausa.

— Levarei os antibióticos.

— Não. — ela não podia vê-lo assim. Merda, ela não podia vê-lo nunca mais. Ele era asqueroso. Um asqueroso e sujo prostituto que deixava que alguém a quem odiasse o tocasse, o chupasse e usasse, e o obrigasse a fazer o mesmo a ela.

A princesa tinha razão. Era um fodido consolador.

— Rehv? Deixe-me ir onde está...

— Não.

— Maldito seja, não te faça isto!

— Não pode me salvar! — gritou.

Depois de sua explosão, pensou Jesus... De onde tinha saído isso?

— Sinto muito... Tive uma noite ruim.

Quando Ehlena falou por fim, sua voz foi um suave sussurro:

— Não me faça isto. Não me obrigue a te ver no depósito de cadáveres. Não me faça isto.

Rehv fechou os olhos com força.

— Não estou te fazendo nada.

— Uma merda que não o faz! — sua voz se rompeu em um soluço.

— Ehlena...

Seu pranto de desespero saiu do telefone com muita clareza.

— Oh... Cristo. Como queira. Se mate, genial!

E desligou.

— Caralho! — disse esfregando o rosto — Caralho!

Rehv se ergueu e lançou o celular contra a porta do quarto. E precisamente quando ricocheteava contra os painéis e saía voando, deu-se conta de que tinha destruído a única coisa que tinha o número dela.

Com um rugido e um dificultoso balanço, lançou seu corpo fora da cama e os edredons aterrissaram por toda parte. Não foi uma boa jogada por sua parte. Quando seus intumescidos pés tocaram o tapete dobrado, converteu-se em um frisbee, voando brevemente antes de aterrissar sobre sua cara. Quando impactou, produziu um som como o estalo de uma bomba que retumbou através das pranchas do chão, e engatinhou em busca do telefone, seguindo a luz da tela que ainda brilhava.

Por favor, oh merda, por favor, se houver um Deus...

Estava quase ao seu alcance quando a porta se abriu de repente, errando por pouco sua cabeça e roçando o telefone... Que saiu disparado na direção contrária como um disco de hóquei. Enquanto Rehv rodava, equilibrava-se sobre a coisa e gritava ao Trez:

— Não atire!

Trez tinha adotado sua postura de combate, levantando a pistola e apontando-a para a janela, em seguida voltando-se para o banheiro e depois para a cama.

— Que porra foi isso?!

Rehv se esticou no chão para alcançar o telefone, que estava girando sobre si mesmo debaixo da cama. Quando o pegou, fechou os olhos e o aproximou do rosto.

— Rehv?

— Por favor...

— O que? Por favor, o que...?

Abriu os olhos. A tela estava piscando, e rapidamente pressionou os botões. Chamadas recebidas... Chamadas recebidas... Chamadas rece...

— Rehv que demônios está acontecendo?

Ali estava. O número. Olhou fixamente os sete dígitos que havia depois do código de área como se fossem a combinação de sua própria caixa de segurança, tentando reter todos.

A tela se obscureceu e deixou a cabeça cair sobre seu braço.

Trez se agachou a seu lado.

— Está bem?

Rehv se impulsionou para sair de debaixo da cama e se esticou, o quarto girou como um carrossel.

— Oh... Merda.

Trez embainhou sua arma.

— O que ocorreu?

— Deixei meu telefone cair.

— Claro. É obvio. Porque pesa o suficiente para fazer esse tipo de... Hey, devagar, tranquilo. — Trez o agarrou enquanto tentava levantar-se — Agora aonde vai?

— Preciso de um banho. Preciso...

Mais imagens dele com a princesa martelaram seu cérebro. Viu suas costas arqueadas, e aquela rede vermelha rasgada à altura de seu traseiro, viu a si mesmo enterrado profundamente em seu sexo, bombeando até que sua língua o travava dentro, de maneira que sua liberação encontrasse o caminho em seu interior até acima de tudo.

Rehv apertou os punhos contra os olhos.

— Preciso...

Oh Jesus... Ele tinha orgasmos quando estava com sua chantagista. E não só uma vez, normalmente eram três ou quatro. Ao menos as putas de seu clube, que odiavam o

que faziam por dinheiro, podiam achar consolo no fato de que não o desfrutavam. Mas o gozo masculino dizia tudo, não?

As náuseas de Rehv se fizeram mais severas, e, em um ataque de pânico caminhou arrastando os pés e com o corpo todo curvado até o banheiro. A aveia e a torrada fizeram um eficaz intento por liberar-se, e Trez estava ali para segurá-lo sobre a privada. Rehv não podia sentir as ânsias de vômito, mas estava condenadamente seguro de que seu esôfago estava começando a rasgar porque depois de uns minutos de tossir, tentar respirar e ver as estrelas começou a aparecer sangue.

— Deite-se. — disse Trez

— Não, ducha...

— Não está em condições...

— Tenho que tirar isso de cima de mim! — o rugido de Rehv não só reverberou em seu quarto, mas sim, por toda a casa — Caralho... Não posso suportá-la.

Houve um momento que definitivamente teve um sabor da sagrada merda: Rehv não era o tipo de pessoa que pedisse um salva-vidas nem sequer se estivesse se afogando, e nunca se queixava do acerto que tinha com a princesa. Agüentava, fazia o que tinha que fazer e pagava as conseqüências, porque em sua opinião valia a pena o preço que pagava por manter seu segredo e o de Xhex.

E uma parte de você gosta, assinalou uma voz em seu interior. Quando está dentro dela pode ser você mesmo sem ter que se desculpar.

Vá à merda, disse a si mesmo

— Sinto ter gritado contigo. — disse a seu amigo com voz rouca.

— Errr... Está bem. Não se culpe. — Trez o levantou gentilmente dos azulejos e tentou apoiá-lo contra os lavabos — Já era hora.

Rehv cambaleou para a ducha.

— Não. — disse Trez, empurrando-o — Deixe que a água es quente.

— Não a sentirei.

— Sua temperatura interna já tem muitos problemas. Só espera aí.

Enquanto Trez se inclinava dentro da ducha de mármore e abria a água, Rehv ficou olhando fixamente seu pênis, o qual jazia frouxo e longo sobre sua coxa. Tinha a sensação de que era o pênis de qualquer outro, e isso era bom.

— Sabe que poderia matá-la por você. — disse Trez — Posso fazer com que pareça um acidente. Ninguém saberia.

Rehv sacudiu a cabeça.

— Não quero que seja metido neste montão de merda. Já temos muitas pessoas envolvidas.

— A oferta seguirá de pé.

— Tomo a devida nota.

Trez estendeu a mão para o interior da ducha e a pôs sob o jato. Com a palma debaixo da água que corria, seus olhos de cor chocolate se deslocaram para trás e abruptamente se voltaram brancos de raiva.

— Só para que fique claro. Você morre? E esfolarei a essa puta viva segundo a tradição Hisbe's e enviarei as tiras a seu tio. Logo assarei seu corpo e mastigarei a carne de seus ossos.

Rehv sorriu um pouco, pensando que não era canibalismo porque a nível genético as Sombras tinham tanto em comum com os *symphaths* como os humanos com os frangos.

— Fodido Hannibal Lecter. — murmurou.

— Sabe como fazemos. — Trez sacudiu a água da mão — *Symphaths*... É o que há para jantar.

— Vai danificar as vagens?

— Não, mas poderia acompanhá-la com um delicioso Chianti⁴⁶ e algumas batatas fritas. Devo comer algumas batatas com a carne. Vamos, me deixe te pôr debaixo da água para tirar o fedor dessa puta.

Trez se aproximou de Rehv e o levantou.

— Obrigado. — disse Rehv em voz baixa enquanto iam mancando para a ducha.

Trez se encolheu de ombros, sabendo condenadamente bem que não estavam falando da ida ao banho.

— Você faria o mesmo por mim.

— Faria.

Estando sob o jato, Rehv utilizou o Dial sobre seu corpo até que sua pele esteve vermelha como uma framboesa, e saiu da ducha só depois de ter realizado sua tripla lavagem. Quando deu um passo fora da água, Trez entregou uma toalha, e se secou o mais rápido que pôde sem perder o equilíbrio.

— Falando de favores... — disse — Preciso do seu telefone. Seu telefone e um pouco de privacidade.

— De acordo. — Trez o ajudou a voltar para a cama e o cobriu — Homem, que bom que este edredom não aterrisou sobre o fogo.

— Então, me empresta seu telefone?

— Vai jogar futebol com ele?

— Não, contanto que deixe minha porta fechada.

Trez entregou seu Nokia.

— Tome cuidado com ele. É novo.

Quando esteve sozinho, Rehv digitou cuidadosamente e apertou chamar com esperança e uma prece, sem ter a segurança de se era ou não o número correto.

Ring. Ring. Ring.

⁴⁶ Nota da Revisora: é um dos vinhos tintos italianos mais prestigiados e mais conhecidos no mundo.

— Sim..?

— Ehlena, sinto tanto...

— Ehlena? — disse a voz feminina — O sinto, não há nenhuma Ehlena neste número.

Ehlena permaneceu sentada na ambulância contendo suas lágrimas pela força do hábito. Não se tratava de que alguém pudesse vê-la, mas o anonimato lhe era indiferente. Enquanto seu latte esfriava dentro da dupla taça com dupla asa, e a calefação fluía intermitentemente, ela conservava a integridade porque era o que sempre fazia.

Até que a emissora BC4 ligou com um chiado e a assustou arrancando-a de seu paralisante desalento.

— Base para Quatro. — disse Catya — Responda Quatro.

Enquanto Ehlena se esticava para o auricular, pensava: *"Vê, essa é precisamente a razão pela qual nunca poderei baixar a guarda. Se tivesse parecido um autêntico desastre e tivesse que responder? Não precisava disso."*

Apertou o botão de "falar" com o polegar.

— Aqui Quatro.

— Está bem?

— Ah, sim. Só precisava... Retorno agora mesmo.

— Não há pressa. Tome seu tempo. Só queria me assegurar de que estava bem.

Ehlena deu uma olhada ao relógio. Deus, eram quase duas da manhã. Esteve sentada aí fora, asfixiando a si mesma ao deixar ligado o motor e a calefação, durante quase duas horas.

— Sinto muito, perdi a noção da hora. Precisa da ambulância para um recolhimento?

— Não, só estávamos preocupados com você. Sei que ajudou o Havers com aquele corpo e...

— Estou bem. — baixou a janela para deixar entrar um pouco de ar e pôs a ambulância em marcha — Retornarei agora mesmo.

— Não se apresse e escute, por que não toma o resto da noite livre?

— Está bem...

— Não é uma escolha. E troquei os horários para que amanhã também tenha o dia livre. Necessita um descanso depois do que aconteceu esta noite.

Ehlena queria discutir, mas sabia que daria a impressão de que se punha na defensiva, e, além disso, se já tomou a decisão, não havia nada pelo que lutar.

— Está bem.

— Tome seu tempo para voltar.

— Farei. Câmbio e desligo.

Pendurou o auricular e se pôs rumo à ponte que a levaria através do rio. Exatamente quando estava acelerando na rampa, soou seu telefone.

De maneira que Rehv estava devolvendo a chamada, huh? Não a surpreendia.

Levantou o telefone só para confirmar que era ele e, não porque tivesse a intenção de responder a sua chamada.

Número desconhecido?

Apertou receber e levou o telefone ao ouvido

— Sim?

— É você?

A profunda voz de Rehv seguia conseguindo disparar através de seu corpo como um quente estremecimento, inclusive apesar de estar de saco cheio com ele. E com ela mesma. Basicamente com toda a situação.

— Sim. — disse — Entretanto, este não é seu número.

— Não, não é. Meu celular teve um acidente.

Ela se apressou a adiantar-se antes que começasse com algum “o sinto”.

— Olhe, não é meu assunto. O que for que esteja te acontecendo. Tem razão, não posso te salvar...

— Por que ia querer sequer tentar?

Ela franziu o cenho. Se a pergunta tivesse sido de auto-compaixão ou acusatória, simplesmente teria posto fim à chamada e trocado seu número. Mas não havia nada salvo sincera confusão no tom de sua voz. Isso e absoluto esgotamento.

— Simplesmente não entendo... O motivo. — murmurou ele.

A resposta dela foi simples e expressa do fundo de sua alma.

— Como não poderia?

— E se eu não merecer?

Pensou em Stephan jazendo sobre aquele aço inoxidável, em seu corpo frio e machucado.

— Qualquer um que tenha um coração pulsando merece ser salvo.

— É por isso que se formou enfermeira?

— Não. Formei-me enfermeira porque queria ser médica algum dia. O assunto de ser uma salvadora é só minha maneira de ver o mundo.

O silêncio entre eles durou muito.

— Está em um carro? — perguntou ele ao final.

— Em uma ambulância na realidade. Retorno à clínica.

— Está sozinha? — grunhiu ele.

— Sim, e pode cortar a merda de super macho. Tenho uma arma sob o assento e sei como usá-la.

Uma risada sutil saiu do telefone.

— Ok, isso me excita. Sinto, mas assim é.

Ela teve que sorrir um pouco

— Volta-me louca, sabe. Inclusive embora seja um completo desconhecido, volta-me louca.

— E de certa forma isso é um elogio a minha pessoa. — houve uma pausa — Sinto pelo que aconteceu antes. Tive uma noite ruim.

— Sim, bom, eu também. Em ambas, a parte do sinto e a da má noite.

— O que ocorreu?

— Muito para entrar em detalhes. E você?

— O mesmo.

Quando ele se moveu, escutou-se um sussurro de lençóis.

— Está na cama de novo?

— Sim. E sim, ainda segue sem querer saber.

Ela sorriu abertamente.

— Está me dizendo que não deveria voltar a perguntar o que está vestindo.

— Entendeu-me.

— Estamos caindo em uma rotina, sabe? — ficou séria — Soa como se estivesse realmente doente. Tem a voz rouca.

— Estarei bem.

— Olhe, posso te levar o que necessita. Se não puder ir à clínica, posso te levar os remédios. — o silêncio do outro extremo era tão denso, e se fez tão longo, que terminou dizendo — Alô? Está aí?

— Amanhã de noite... Pode se encontrar comigo?

Esticou as mãos sobre o volante.

— Sim.

— No último andar do Commodore. Conhece o edifício?

— Conheço.

— Pode estar ali à meia-noite? No lado leste.

— Sim.

Seu suspiro pareceu de resignação.

— Estarei te esperando. Dirija com cuidado, ok?

— Farei. E não volte a jogar seu telefone.

— Como soube?

— Porque se eu houvesse tido um espaço aberto na minha frente em lugar do pára-brisa de uma ambulância, teria feito o mesmo.

A risada dele a fez sorrir, mas perdeu a expressão ao apertar terminar e devolver o telefone a sua bolsa.

Apesar de estar dirigindo a uma velocidade constante de sessenta e cinco, e que a estrada fosse reta e livre de escombros, sentia como se estivesse totalmente fora de

controle, oscilando entre uma pista e outra, deixando um rastro de faíscas enquanto destroçava partes do veículo da clínica.

Encontrar-se com ele amanhã de noite, estar a sós com ele em um lugar privado, era exatamente o que podia fazer de pior.

E ia fazer de qualquer forma.

Capítulo 22

Montrag, filho de Rehm, desligou o telefone e olhou fixamente através das portas francesas do escritório de seu pai. Os jardins, as árvores e a grama ondulada, assim como a grande mansão e todo o resto, eram seus agora, já não mais um legado que herdaria algum dia.

Enquanto abrangia as terras com a vista, desfrutou do sentido de propriedade que cantava em seu sangue, mas não estava de todo satisfeito com a visão. Tudo tinha crescido com o inverno, os canteiros estavam vazios, as florescentes árvores frutíferas estavam cobertas com ervas daninhas, e as sebes e os carvalhos tinham perdido as folhas. Por conseguinte, podia-se ver o muro de contenção, e isso não era precisamente atrativo. Era melhor que esse tipo de coisas de segurança, tão antiestéticas estivesse cobertas.

Montrag voltou às costas e se encontrou com uma visão mais agradável, embora esta estivesse pendurada na parede. Com um rubor de reverência, contemplou sua pintura favorita da maneira que sempre fazia, já que certamente Turner merecia veneração tanto por sua maestria como por sua escolha de temas. Especialmente neste trabalho: a representação do sol se pondo sobre o mar era uma obra de mestre em muitos aspectos. As sombras de ouro e pêssego e o vermelho profundo ardente era um festim para os olhos que se viam extasiado pela biologia do verdadeiro forno brilhante que sustentava aceso, inspirava e esquentava o mundo.

Pintura semelhante seria o orgulho de qualquer coleção.

E ele tinha três Turner só nesta casa.

Com uma mão que se fechou em antecipação, pegou no canto inferior direito da moldura dourada e retirou a marinha da parede. O cofre que havia detrás se ajustava com precisão às dimensões da pintura e estava inserido entre a fita de seda e o gesso. Depois de inserir a combinação e fazer girar o seletor, houve um sutil deslocamento que foi apenas audível e que não dava nenhum indício de que cada um dos seis passadores retráteis era da grossura de um antebraço.

O cofre se abriu sem emitir som e acendeu uma luz interior, iluminando um espaço de três metros cúbicos amontado com estojos finos de couro de joalheria, maços de cédulas de cem dólares, e documentos em pastas.

Montrag aproximou um banquinho bordado em estopa que tinha degraus e subiu sobre o estofado floreado. Esticando-se para alcançar o fundo do cofre, colocou a mão atrás de todas as escrituras de bens imóveis e certificados de ações, e tirou uma caixa de diversos títulos, em seguida deixou o cofre e a pintura tal e como tinham estado. Com um sentimento de excitação e contingência, levou a caixa metálica para a escrivaninha e tirou a chave do compartimento secreto que havia na gaveta inferior esquerda.

Seu pai lhe tinha ensinado a combinação do cofre e lhe tinha mostrado a localização do esconderijo, e quando Montrag tivesse filhos, transmitiria esse conhecimento. Assim, era como se assegurava de que as coisas de valor não se perdessem. Transmitindo-as de pai para filho.

A tampa da caixa de títulos não se abriu da mesma maneira bem calibrada e bem lubrificada em que tinha feito o cofre. Esta soltou um chiado quando se abriu de tudo, as dobradiças protestaram pela perturbação de seu descanso e a contra gosto revelou o que estava dentro de seu ventre metálico.

Ainda estavam aí. Dava graças à Virgem Escriba de que ainda estivessem ali.

Enquanto Montrag colocava a mão em seu interior, pensava no quão relativo era o valor destas páginas que em si mesmas valiam uma fração de centavo. A tinta contida dentro de suas fibras tampouco valia mais de um centavo. E ainda assim, pelo que nelas se indicava, eram inestimáveis.

Sem elas ele corria um perigo mortal.

Tirou um dos dois documentos, sem lhe importar qual retirava, porque eram idênticos. Entre seus dedos e com extremo cuidado, sustentou o equivalente vampírico de uma declaração jurada, uma dissertação de três páginas, escrita à mão e assinada com sangue a respeito de um acontecimento que tinha ocorrido vinte e quatro anos antes. Assinatura autenticada por cartório que mostrava na terceira página era mentira, uns garranchos apenas legíveis em cor marrom.

Mas em definitivo, foram feitos por um homem agonizante.

Rempoon, “o pai” de Rehvenge.

O documento expunha toda a desagradável verdade na Antiga Língua: o rapto da mãe de Rehvenge por parte dos *symphaths*, sua concepção e nascimento, a fuga dela e seu posterior matrimônio com o aristocrata Rempoon. O último parágrafo era tão acusatório como todo o resto:

Sobre minha honra, e a honra de meus antepassados e descendentes de sangue, na verdade nesta noite meu enteado, Rehvenge, caiu sobre mim e por causa das feridas mortais que ocasionou a meu corpo pela aplicação de suas mãos nuas sobre minha carne, fui rendido. Atuou com malícia e premeditação, atraindo-me a meu escritório com o propósito de provocar uma discussão. Eu estava desarmado. Após me ferir, ocupou-se do escritório e preparou a sala de forma que parecesse que tinha sido invadida por intrusos do exterior. Na verdade, abandonou-me sobre o chão para que a fria mão da morte capturasse

minha forma corpórea, e abandonou o imóvel. Fui despertado em pouco tempo por meu querido amigo Rehm, quem veio de visita para discutir questões de negócios.

Não se espera que eu viva. Meu enteado me matou. Esta é minha confissão final como espírito encarnado na terra. Rogo que a Virgem Escriba possa me levar ao Fade com sua graça e com toda presteza.

Como o pai de Montrag lhe explicou mais tarde, Rempoon o tinha compreendido corretamente em sua maior parte. Rehm foi a negócios e tinha encontrado não só uma casa vazia, mas também o corpo ensangüentado de seu sócio... E, tinha feito o que qualquer macho razoável faria: ele mesmo roubou o escritório. Operando sob a certeza de que Rempoon estava morto, tratou de encontrar os papéis relativos ao negócio para que o interesse fracionário que tinha Rempoon ficasse fora de sua herança e Rehm viesse a ser o único proprietário absoluto do próspero negócio.

Tendo êxito em sua busca, Rehm estava a caminho da porta quando Rempoon evidenciou sinais de vida e um nome brotou de seus lábios gretados.

Rehm se sentia confortável no papel de oportunista, mas cair no papel de cúmplice de assassinato era chegar muito longe. Chamou o doutor, e no tempo que Havers levou para chegar, os murmúrios de um macho agonizante relataram uma história de estremecer, de um valor que era inclusive maior que o da companhia. Pensando rapidamente, Rehm documentou a história e a assombrosa confissão sobre a verdadeira natureza de Rehvenge e fez com que Rempoon assinasse as páginas... Convertendo-as dessa forma em um documento legal.

Em seguida o macho se afundou na inconsciência e quando Havers chegou já estava morto.

Quando partiu, Rehm levou com ele tanto os documentos comerciais como a declaração jurada e foi elogiado como um valente herói por tentar resgatar ao macho agonizante.

Ao final, a utilidade da confissão era óbvia, mas a prudência de pôr tal informação em jogo estava menos clara. Enredar-se com um *symphath* era perigoso, tal como o sangue derramado de Rempoon tinha testemunhado. O sempre intelectual, Rehm, tinha ocultado a informação e a tinha seguido ocultando... Até que foi muito tarde para fazer algo com ela.

Segundo a lei, tinha a obrigação de entregar a um *symphath*, e Rehm tinha o tipo de prova que cumpria o início para denunciar a alguém. Entretanto, ao ter considerado suas opções durante tanto tempo, encontrava-se na arriscada posição de que pudesse chegar a imputar a si ser aquele que tinha protegido a identidade de Rehvenge. Se tivesse dado a conhecer vinte e quatro ou quarenta e oito horas depois do fato? Bem. Mas uma semana? Duas semanas? Um mês...?

Muito tarde. Em lugar de gastar completamente o ativo, Rehm contou a Montrag a existência da declaração jurada, e o filho compreendeu o equívoco do pai. Não havia nada a fazer no curto prazo, e só um cenário onde ainda podia chegar a ter algum valor... E o

mesmo se suscitou durante o verão. Rehm fora assassinado durante as incursões e o filho tinha herdado tudo, incluindo os documentos.

Não poderiam culpar Montrag por seu pai ter escolhido não revelar o que sabia. Tudo o que tinha que fazer era declarar que tropeçou com os papéis enquanto revisava as coisas de seu pai, e ao entregá-los e entregar a Rehv, estaria simplesmente cumprindo seu dever.

Nunca saberia que conhecia sua existência desde o começo.

E ninguém acreditaria jamais que a idéia de matar o Wrath não tinha sido de Rehv. Depois de tudo, era um *symphath*, e não se podia confiar em nada do que dissessem. E mais, a seu favor em qualquer caso tanto se sua mão era a que apertava o gatilho, como se só ordenava o assassinato do rei, por ser o *leahdyre* do conselho, estava na posição que mais se beneficiava de sua morte. Que era exatamente a razão pela qual Montrag tinha propiciado que o macho subisse a esse papel.

Rehvenge empreenderia a proeza com o rei, em seguida Montrag iria ao conselho e se prostraria ante seus colegas. Diria que não tinha encontrado os papéis até ao momento de ter se transferido devidamente à casa de Connecticut, um mês depois das incursões e de que Rehv tivesse sido renomado *leahdyre*. Juraria que assim que os encontrou, se comunicou com o rei e revelou a natureza do assunto por telefone... Mas, Wrath o forçara a manter silêncio devido à posição comprometedora em que isto punha o Irmão Zsadist: depois de tudo, o Irmão era o companheiro da irmã de Rehvenge, e isto significaria que estava aparentada com um *symphath*.

É obvio que Wrath não poderia desmentir, já que estaria morto, e além do mais, o rei já era mal visto pelo modo em que tinha ignorado a crítica construtiva da glymera. O conselho estava predisposto a aceitar outra falta dele, fosse verdadeira ou fabricada.

Tratava-se de uma manobra intrincada, mas ia funcionar, porque o rei tendo morrido, o primeiro lugar aonde a raça iria procurar ao assassino seria entre o que ficasse do conselho, e Rehv, um *symphath*, era o bode expiatório perfeito: é obvio que um *symphath* faria algo assim! E Montrag contribuiria ao desenvolvimento dessa hipótese ao declarar que Rehv tinha ido vê-lo antes do assassinato e que lhe tinha falado com estranha convicção a respeito de mudanças de uma natureza sem precedentes. Além disso, as cenas dos crimes nunca estavam completamente limpas. Indubitavelmente, ficaria alguma coisa que vinculasse Rehv com a morte, fosse porque estivera realmente ali ou porque todo mundo estaria procurando exatamente esse tipo de provas.

E quando Rehv apontasse a Montrag? Ninguém acreditaria, em primeiro lugar porque era um *symphath*, mas também porque, seguindo a tradição de seu pai, Montrag sempre tinha cultivado uma reputação de seriedade e honradez tanto em seus entendimentos comerciais como em sua conduta social. Pelo que concernia a seus colegas membros do conselho estava acima de toda recriminação, era incapaz de enganar a alguém, e um macho de valia de linhagem impecável. Nenhum deles tinha a mínima pista

de que seu pai e ele tinham traído a muitos sócios e colegas assim como também a parentes de sangue... Posto que foram cuidadosos ao escolher a suas presas de modo que se mantivessem as aparências.

O resultado? Ao Rehv imputariam a acusação de traição, seria detido e morreria segundo a lei dos vampiros ou deportado à colônia *symphath*, onde seria assassinado por ser um mestiço.

Qualquer dos dois resultados era aceitável.

Tudo estava disposto, e por esse motivo Montrag acabava de ligar seu melhor amigo.

Pegando a declaração jurada, dobrou e a deslizou dentro de um envelope grosso e macio.

Pegando uma folha de seu papel de cartas personalizado de uma caixa de couro, escreveu uma rápida carta ao macho que designaria como seu subcomandante, e que cimentaria o cenário para a caída de Rehvenge. Enquanto colocava o Turner de volta a seu lugar, a paisagem lhe falou como sempre, e por um momento, permitiu-se sair do manicômio que estava criando de propósito, e penetrou nesse mar pacífico e encantador. Ocorreu-lhe que a brisa devia ser cálida.

Queridíssima Virgem Escriba, como sentia falta do verão durante esses meses frios, mas, por outro lado, era esse contraste o que animava o coração. Sem o frio do inverno, a gente não apreciaria em sua justa medida as abafadiças noites de julho e agosto.

Imaginou onde estaria dentro de seis meses quando a lua cheia do solstício se elevasse sobre a extensa cidade de Caldwell. Chegando junho, ele seria rei, um monarca eleito e respeitado. Se somente seu pai estivesse vivo para ver...

Montrag tossiu. Inalou emitindo um soluço. E sentiu algo molhado na mão.

Olhou para baixo. A frente de sua camisa branca estava toda coberta de sangue.

Abriu a boca tentando tomar ar suficiente para gritar pedindo ajuda, mas só saiu um som gorgolejante...

Rapidamente levou as mãos ao pescoço que se parecia com um gêiser que surgia de sua artéria carótida exposta. Girando em círculo, viu uma fêmea ante ele com um corte de cabelo masculino e calças de couro negro. A faca em sua mão tinha a folha vermelha, e seu rosto era uma tranqüila máscara de indiferença e desapego.

Montrag caiu de joelhos ante ela e logo se retorceu para a direita, suas mãos seguiam tentando manter o sangue vital dentro de seu corpo e que não se esparramasse sobre o tapete Aubusson de seu pai.

Ainda estava vivo quando ela o pôs de barriga para cima, tirou um instrumento arredondado feito de ébano, e se ajoelhou ante ele.

Como assassina, o desempenho de Xhex era medido em duas dimensões. A primeira: matara a seu objetivo? Essa se explicava por si mesma. A segunda: tinha sido um

assassinato limpo? Que se referia a se existia algum dano colateral como ser necessárias outras mortes para proteger a si mesma, sua identidade e/ou a identidade do indivíduo que lhe tinha encarregado o trabalho.

Neste caso, a primeira ia ser um trabalho fácil, considerando o modo em que a artéria de Montrag se converteu em um tubo de deságüe. A segunda, ainda estava em vermos, assim tinha que trabalhar rápido. Tirou o lys de suas calças de couro, inclinou-se sobre o bastardo, e não esbanjou mais de um nano segundo em observar como giravam os olhos.

Agarrou-o pelo queixo e o obrigou a enfrentá-la.

— Olhe-me. Olhe-me!

O selvagem olhar dele se disparou para o seu, e quando o fez, ela apresentou o lys.

— Sabe por que estou aqui e quem me envia. E não é Wrath.

Fez-se evidente que ainda chegava suficiente oxigênio ao cérebro de Montrag, porque seus lábios vocalizaram Rehvenge, com expressão horrorizada, antes que aqueles globos oculares comessem de novo seus giros.

Soltou-lhe o queixo e o esbofeteou com força.

— Preste atenção, imbecil. Olhe-me.

Com seus olhares travados e agarrando sua mandíbula de novo, abriu-lhe ainda mais a pálpebra superior e inferior de seu olho esquerdo deixando-o inclusive mais aberto.

— Olhe-me.

Ao mesmo tempo em que tirava o lys e o aproximava da aba de seu nariz para exercer pressão dentro da concha de seu olho, metia-se em seu cérebro e desencadeava todo tipo de lembranças. Ah... Interessante. Verdadeiramente tinha sido um intrigante filho da puta, especializado em extorquir às pessoas por dinheiro.

Montrag apalpou o tapete com as mãos e cravou os dedos com força enquanto gorjeava tentando dar um grito. O globo ocular saiu do crânio como um melão doce tirado com colher de sua casca, tão perfeitamente redondo e limpo como poderia desejar. Com o olho direito foi exatamente igual. Pôs ambos em uma bolsa de veludo em linha enquanto os braços e pernas de Montrag se sacudiam e batiam sobre seu custoso tapete e seus lábios se retraíam para trás de tal maneira que deixavam ao descoberto todos seus dentes incluindo seus molares.

Xhex o abandonou a sua pouco prolixa morte, saiu pela porta francesa que ficava diretamente atrás do escritório e se desmaterializou próxima a sebe da qual tinha feito o reconhecimento do lugar pela primeira vez no dia anterior. Esperou ali durante aproximadamente vinte minutos e logo observou como uma *doggen* entrava no escritório, via o corpo, e deixava cair à bandeja de prata que levava.

Quando o bule e a porcelana ricochetearam, Xhex levantou a tampa de seu telefone, apertou chamar, e o levou a orelha. Quando a voz profunda de Rehv respondeu disse:

— Está feito e o encontraram. A execução foi limpa e te levo a lembrança. Hora estimada de chegada: dez minutos.

— Bem feito. — disse Rehv com voz enrouquecida — Filho da mãe.

Capítulo 23

Wrath franziu o cenho enquanto falava pelo celular.

— Agora? Quer que vá ao norte do Estado agora?

A voz de Rehv estava carregada de “não estou te ferrando”.

— Isto tem que ser feito em pessoa, e me encontro imobilizado.

Do outro lado do escritório, Vishous, que fora informar sobre o trabalho de rastreamento feito sobre as caixas de armas, vocalizou: *Que lixo é esse?*

Que era exatamente o que Wrath estava pensando. Um *symphath* te liga às duas horas antes da alvorada e te pede que vá ao norte do Estado porque “tem algo que precisa te dar”. Sim, certo, o bastardo era irmão de Bella, mas sua natureza era o que era, e certamente esse “algo” não era uma cesta de fruta.

— Wrath, isto é importante. — disse o macho.

— Está certo, vou agora mesmo. — Wrath baixou a tampa de seu telefone e olhou o Vishous — Eu...

— Phury está fora caçando esta noite. Não pode ir ali sozinho.

— As Escolhidas estão na casa. — e estiveram entrando e saindo do Grande Rancho de Rehv desde que Phury tinha tomado as rédeas como Primale.

— Não é exatamente o tipo de proteção que tinha em mente.

— Posso me arrumar sozinho, que se dane bonitinho.

V cruzou os braços, seus olhos de diamante cintilaram.

— Vamos agora? Ou depois de que perca tempo tratando de me fazer mudar de opinião?

— Muito bem. Como quiser. Vemo-nos no vestíbulo dentro de cinco minutos.

Enquanto deixavam o escritório juntos, V disse:

— Sobre essas armas? Ainda estou tentando rastreá-las. Neste momento, não tenho nada, mas já me conhece. Isto não vai seguir assim, de verdade. Não me importa que os números de série tenham sido apagados, vou averiguar onde conseguiram esta merda.

— A confiança é alta, meu irmão. A confiança é muito alta.

Depois de estarem completamente armados, os dois viajaram ao norte como um baile de moléculas livres, concentrando-se no Grande Rancho de Rehv nas Adirondacks e materializando-se à beira de um tranquilo lago. Frente a eles, a casa era um enorme rancho de estilo Vitoriano, com teto de tábuas, janelas em forma de losango, e alpendres com

postes de cedro em ambos os andares.

Com montões de cantos. E montões de sombras. E muitas daquelas janelas que pareciam olhos.

A mansão era bastante horripilante por si só, mas ao estar rodeada por um campo de força do equivalente *sympath* ao mhis, um cara indubitavelmente poderia convencer-se que Freddy, Jason, Michael Myers, e uma turma de camponeses com todas as suas serras mecânicas viviam dentro: ao redor do lugar, o temor era uma cerca intangível feita de arame farpado mental, e até Wrath, que sabia o que ocorria, alegrou-se quando atravessou a barreira.

No momento em que forçou seus olhos para poder focar melhor, Trez, um dos guardas pessoais de Rehv, abriu as portas duplas do alpendre que estava de frente ao lago e levantou a mão lhes dando as boas-vindas.

Wrath e V andaram pela grama cristalizada e rangente, e embora mantivessem as armas embainhadas, V tirou a luva de sua mão direita incandescente. Trez era o tipo de macho que respeitava, e não só porque fosse um Sombra. O segurança tinha o corpo musculoso de um lutador e o olhar inteligente de um estrategista, e sua lealdade era para o Rehv e só Rehv. Para proteger ao macho? Trez arrasaria um quarteirão inteiro da cidade em um instante.

— Como está, grandalhão? — disse Wrath enquanto subia os degraus do alpendre.

Trez avançou e entrechocaram as Palmas.

— Estou de primeira. E você?

— Bem como sempre. — Wrath golpeou ao macho no ombro — Ouça, se alguma vez quiser um trabalho de verdade, vêm lutar conosco.

— Sou feliz onde estou, mas obrigado. — o segurança sorriu abertamente e se voltou para V, seus olhos escuros descenderam rapidamente para a mão exposta de V — Sem ofender, mas eu não aperto essa coisa.

— Muito sábio de sua parte. — disse Vishous enquanto lhe oferecia a esquerda — Entretanto, compreende-o.

— Absolutamente, faria o mesmo pelo Rehv. — Trez liderou o caminho para as portas — Está em seu dormitório, esperando-os.

— Está doente? — perguntou Wrath ao entrar na casa.

— Querem algo de beber? Comer? — ofereceu Trez enquanto se dirigiam para a direita.

Como a pergunta ficou sem responder, Wrath olhou o V.

— Estamos bem, obrigado.

A decoração do lugar parecia saída do bolso traseiro de Vitória e Albert, com o pesado mobiliário imperial e a abundância de vermelho e dourado que havia em qualquer parte. Fiel ao gosto pela recopilação que imperava no período Vitoriano, cada cômodo tinha um tema diferente. Havia uma sala de estar cheia de relógios antigos marcando o

tempo, onde encontrava relógios de pé, relógios de metal a corda e relógios de bolso que estavam expostos em vitrines. Outra tinha conchas, coral e madeiras de naufrágios que tinham séculos de antigüidade. Na biblioteca, havia muito belos vasos e fontes Orientais, e a sala de jantar estava equipada com ícones medievais.

— Surpreende-me que não haja mais Escolhidas por aqui. — disse Wrath enquanto atravessavam um cômodo vazio atrás de outro.

— Rehv deve vir aqui à primeira terça-feira de cada mês. Ele põe às mulheres um pouco nervosas, assim que a maioria delas volta para Outro Lado. Entretanto, Selena e Cormia sempre ficam. — havia uma grande quantidade de orgulho em sua voz quando acrescentou — São muito fortes, essas duas.

Subiram por uma magnífica escada até o primeiro andar e continuaram por um comprido corredor até um par de portas lavradas que indubitavelmente diziam a gritos “senhor da casa”.

Trez fez uma parada.

— Ouça, ele está um pouco doente, ok? Nada contagioso. É só... Que quero que estejam preparados. Demos tudo o que necessita e vai ficar bem.

Quando Trez bateu e abriu ambas as portas, Wrath franziu o cenho e sua visão se aguçou por sua conta quando seus instintos se avivaram.

No meio de uma cama esculpida, Rehvenge jazia imóvel como um cadáver, com um edredom de veludo vermelho até o queixo e o casaco de zibelina envolvendo seu corpo. Tinha os olhos fechados, sua respiração era superficial, e sua pele estava pálida e de cor amarelada. Seu moicano raspado era o único que se via remotamente normal... Isso e o fato de que, a sua mão direita estava Xhex, a fêmea *symphath* mestiça que tinha o aspecto de realizar castrações por diversão e para tirar lucros.

Rehv abriu os olhos, e a cor ametista se via opaca aproximando-se mais a uma lúgubre púrpura arroxeado.

— É o rei.

— Tudo bem?

Trez fechou as portas e como sinal de respeito se postou ao lado delas e não no centro como se estivesse bloqueando o caminho.

— Já lhes ofereci bebidas e comida.

— Obrigado, Trez. — Rehv fez uma careta de dor e realizou um movimento com a intenção de erguer-se sobre os travesseiros. Quando só conseguiu voltar a cair, Xhex se inclinou para ajudar, e lançou um olhar ameaçador de “nem sequer o pense”. O qual ignorou.

Depois de estar acomodado em uma posição erguida, subiu o edredom até o pescoço, cobrindo as estrelas vermelhas que tinha tatuadas no peito.

— Então, tenho algo para você, Wrath.

— Ah, sim?

Rehv fez um gesto com a cabeça para Xhex, que colocou a mão na jaqueta de couro que levava posta. No instante em que se moveu, o canhão da arma de V voou para cima, rápido como uma piscada e apontou diretamente ao coração da fêmea.

— Quer tirar com calma? — ela soltou a V.

— Nem no mais mínimo. Sinto muito — V parecia tão arrependido como uma destrutiva bola no meio de um balanço.

— De acordo, vamos nos tranquilizar. — disse Wrath, e inclinou a cabeça para Xhex — Por favor, continue.

A mulher tirou uma bolsa de veludo e a lançou em direção a Wrath. Enquanto esta ia para ele, ouviu o suave assobio de seu vôo e apanhou a coisa, não por tê-la visto, mas sim pelo som.

Dentro havia dois olhos cor azul clara.

— Pois, ontem à noite tive uma reunião interessante. — disse Rehv arrastando as palavras.

Wrath olhou ao *symphath*.

— De quem é o olhar vazio que tenho em minha palma?

— De Montrag, filho de Rehm. Veio até mim pedindo que te matasse. Tem grandes inimigos dentro da glymera, meu amigo, e Montrag era só um deles. Não sei quem mais estava metido nesta conspiração, mas não podia me arriscar a tratar de averiguá-lo antes de ter tomado cartas no assunto.

Wrath colocou os olhos na bolsa e fechou seu punho em torno deles.

— Quando o fariam?

— Na reunião do conselho, depois de amanhã à noite.

— Filho de uma cadela.

V guardou a arma e cruzou os braços sobre o peito.

— Sabe, desprezo a esses filhos da puta.

— Pois parece que estou pregando aos convertidos. — disse Rehv antes de voltar a enfocar-se no Wrath — Não fui a você antes de solucionar o problema porque a idéia de que o rei me deva algo me resulta atrativa.

Wrath não pôde evitar rir.

— Comedor de pecados.

— Já sabe.

Wrath fez a bolsinha ricochetear em sua mão.

— Quando aconteceu isto?

— Faz aproximadamente meia hora. — respondeu Xhex — E não apaguei o rastro.

— Bem, certamente captaram sua mensagem. E ainda penso ir a essa reunião.

— Está seguro de que é prudente? — perguntou Rehv — Quem é que esteja detrás disto não voltará a ir para mim, porque sabem onde parece estar minha lealdade. Mas isso não significa que não encontrarão a outra pessoa.

— Deixe que o façam. — disse Wrath — Aceito o combate mortal. — desviou o olhar para Xhex — Montrag implicou a alguém?

— Cortei-lhe sua garganta de orelha a orelha. Falar seria difícil.

Wrath sorriu e olhou o V.

— Sabe? É um pouco surpreendente que vocês dois não se dêem melhor.

— Em realidade não. — disseram ambos ao mesmo tempo.

— Posso adiar a reunião do conselho. — murmurou Rehv — Se quer fazer um reconhecimento por si mesmo para averiguar quem mais está comprometido.

— Não! Se tivessem culhões como é devido, teriam tratado de me matar eles mesmos, e não teriam ido a você para que o fizesse. Assim vai ocorrer uma de duas coisas: como não sabem se Montrag os delatou antes de ficar visualmente impedido, vão esconder-se, porque isso é o que os covardes fazem, ou vão endossar a culpa a outro. Assim que a reunião segue de pé.

Rehv sorriu enigmaticamente, o *sympath* nele se fez evidente.

— Como deseja.

— Entretanto, quero uma resposta honesta de tua parte. — disse Wrath.

— Qual é a pergunta?

— Sinceramente considerou me assassinar? Quando lhe pediu isso.

Rehv ficou em silêncio durante um momento. Logo, assentiu devagar com a cabeça.

— Sim, fiz. Mas como já disse, agora está em dívida comigo, e dadas meus... As circunstâncias de meu nascimento, por assim dizer... Isso é muito mais valioso que o que qualquer aristocrata puxa-saco e imbecil pode fazer por mim.

Wrath assentiu com a cabeça uma vez.

— Posso respeitar esse tipo de raciocínio.

— Além disso, confrontemos: — Rehv sorriu outra vez — minha irmã se casou com alguém de sua família.

— Sei que o fez, *sympath*. Sei que o fez.

Após colocar a ambulância na garagem, Ehlena cruzou o estacionamento e entrou na clínica. Precisava recolher suas coisas do vestiário, mas isso não era o que a motivava. Pelo geral a essa hora da noite, Havers estava em seu escritório trabalhando nos históricos, e para ali se dirigiu. Quando chegou a sua porta, tirou-se a presilha, alisou o cabelo para trás, e o atou bem preso na base de seu pescoço. Ainda levava o casaco posto, mas embora não fosse caro, estava confeccionado em lã negra e parecia feito sob medida, assim imaginou que tinha bom aspecto.

Bateu na porta, e quando uma voz educada respondeu, entrou. O antigo escritório de Havers tinha sido um esplêndido escritório do velho mundo, cheio de antiguidades e livros encadernados em couro. Agora que estavam nesta nova clínica, sua zona de trabalho privada não era diferente de qualquer outra: paredes brancas, chão de linóleo, escrivaninha

de aço inoxidável e cadeira negra com rodas.

— Ehlena. — disse ele quando levantou a vista do histórico que estava revisando — Que tal foi?

— Stephan está onde pertence...

— Querida, não tinha nem idéia de que o conhecesse. Catya me contou isso.

— Eu... O conhecia. — mas talvez não devesse ter mencionado isso à fêmea.

— Queridíssima Virgem Escriba, por que não disse?

— Porque quis honrá-lo.

Havers tirou os óculos de tartaruga marinha e esfregou os olhos.

— Ai, que pena! É algo que posso entender. De todos os modos, desejaria ter sabido. Ocupar-se dos mortos nunca é fácil, mas é especialmente difícil se tratar de uma relação pessoal.

— Catya me deu o resto do turno livre...

— Sim, eu o disse. Teve uma noite muito longa.

— Bem, obrigada! Entretanto antes de partir, quero lhe perguntar sobre outro paciente.

Havers pôs os óculos novamente.

— É obvio. Qual?

— Rehvenge. Ingressou ontem de tarde.

— Recordo-o. Tem alguma dificuldade com seus medicamentos?

— Por acaso você viu seu braço?

— Braço?

— A infecção que tem nas veias do lado direito.

O médico da raça deslizou os óculos de tartaruga marinha para cima por seu nariz.

— Ele não me indicou que seu braço estivesse dando moléstias. Se quiser voltar para ver-me, estarei encantado de revisá-lo. Mas como sabe, não posso prescrever nada sem examiná-lo.

Ehlena abriu a boca para argumentar quando apareceu a cabeça de outra enfermeira.

— Doutor? — disse a fêmea — Seu paciente está preparado na sala de exame número quatro.

— Obrigado. — Havers olhou novamente a Ehlena — Agora vá para casa e tire um descanso.

— Sim, Doutor.

Ela se escapuliu do escritório e observou como o médico da raça se afastava rapidamente e desaparecia ao virar na esquina.

Rehvenge não voltaria para ver Havers. De maneira nenhuma. Um: parecia estar muito doente para fazê-lo, e dois: já havia demonstrado ser um idiota teimoso ao ocultar deliberadamente aquela infecção ao doutor.

Macho. Estúpido.

E ela também era estúpida, considerando o que estava dando voltas em sua mente.

Em termos gerais, a ética nunca tinha sido um problema para ela. Fazer as coisas corretamente não requeria reflexão, nenhuma negociação de princípios, nem um cálculo de custo e benefícios. Por exemplo, seria incorreto ir ao fornecimento de penicilina da clínica e surrupiar, ah, digamos, pílulas de oito mil e quinhentos miligramas.

Sobretudo se daria essas pílulas a um paciente que não tinha sido visto pelo doutor para que tratasse dessa doença.

Seria simplesmente incorreto. Por qualquer ângulo que olhasse.

O correto seria telefonar ao paciente e persuadi-lo para que comparecesse à clínica para que o doutor o visse, e se não conseguisse fazer que pusesse seu rabo em marcha? Então isso seria tudo.

Sim, sem muitas complicações.

Ehlén se dirigiu para a farmácia.

Decidiu deixar nas mãos do destino. E que te parece? Era o descanso para o cigarro. O pequeno relógio marcava três e quarenta e cinco.

Olhou seu relógio. Três e trinta e três.

Abrindo o ferrolho da porta balcão, entrou na farmácia, foi direito para a penicilina, e sacudiu os frascos de pílulas de oito mil e quinhentos miligramas enfiando-os no bolso de seu uniforme... Exatamente o que tinha sido prescrito, três noites antes, para um paciente com um problema similar.

Rehvenge não ia voltar para a clínica em breve. Assim levaria o que necessitava.

Disse a si mesma que estava ajudando a um paciente e que isso era o mais importante. Demônios! Possivelmente estivesse lhe salvando a vida. Deste modo assinalou a sua consciência que isto não era OxyContin, nem Valium, nem morfina. Até onde ela sabia nunca ninguém tinha moído umas pílulas de penicilina para aspirá-las procurando um “barato”.

Enquanto entrava no vestiário e recolhia o almoço que havia trazido, mas não comera não se sentiu culpada. E quando se desmaterializou para sua casa, não sentiu nenhuma vergonha ao ir à cozinha e pôr as pílulas em uma bolsa Ziploc e colocar esta em sua bolsa.

Este era o caminho que ela escolhia. Stephan já havia morrido quando chegou até ele, e o melhor que tinha sido capaz de fazer foi ajudar a envolver seus membros frios e rígidos no linho cerimonioso. Rehvenge estava vivo. Vivo e sofrendo. E, se ele era o causador disso ou não, ainda podia ajudá-lo.

O resultado era ético inclusive se o método não o fosse.

E, algumas vezes, isso era o melhor que podia fazer.

Quando Xhex retornou ao ZeroSum eram três e meia da manhã, bem a tempo de fechar o clube. Além do mais, tinha um trabalhinho para fazer, e até que esvaziasse as caixas registradoras e despachasse o pessoal e os seguranças, não poderia atender seu assunto pessoal.

Antes de deixar o grande rancho de Rehv, entrou no banheiro e tornou a pôr os cílios, mas os fodidos não estavam funcionando. Estava excitada. Repleta de energia. Exatamente no limite. Para o que serviam, bem podia ter levado um par de cordões atados às coxas.

Deslizando pela porta lateral da seção VIP, examinou a multidão, muito consciente de estar procurando um homem em particular.

E ele estava ali.

John Matthew fodido! Um trabalho bem feito sempre a deixava faminta e o último que precisava era a proximidade de gente como ele.

Como se notasse seus olhos sobre ele, levantou a cabeça e seus olhos de um azul profundo se acenderam. Como se deduzissem o que ela desejava. E dada à forma em que discretamente se reacomodou nas calças, estava preparado para se pôr a seu serviço.

Xhex não pôde evitar torturar a ambos. Enviou-lhe uma imagem mental, incutindo-a diretamente dentro de sua cabeça: era deles dois em um banheiro privado, ele estava de pé, reclinando-se para trás sobre o lavabo, ela tinha um pé plantado no tampo da pia, seu sexo estava profundamente enterrado no dela e os dois estavam ofegando.

Enquanto a olhava fixamente através da boate lotada, a boca de John se abriu e o rubor que cobriu suas bochechas nada tinha a ver com o abafado, e tudo com o orgasmo que sem dúvida estava pulsando em seu pênis.

Deus! Desejava-o.

Seu amigo, o ruivo, arrancou-o de seu frenesi. Blaylock retornou à mesa com três cervejas agarradas pelo gargalo, e quando lhe deu uma olhada ao endurecido e excitado rosto do John, deteve-se em seco e a olhou surpreso.

Merda!

Xhex se despediu dos seguranças que estavam se aproximando com um gesto da mão e saiu da seção VIP tão rápido, que quase derrubou uma garçonete.

Seu escritório era o único lugar seguro, e se dirigiu para lá correndo. O assassinato era um motor que, uma vez que se punha em marcha, era difícil de desacelerar e as lembranças do assassinato, do doce momento em que olhou aos olhos de Montrag para logo lhe arrebataram a vista, estavam ativando seu lado *symphath*. Para consumir essa energia, e aplacar-se, necessitava uma de duas coisas.

Ter sexo com o John Matthew era sem dúvida uma delas. A outra era muito menos

prazerosa, mas na falta de pão, as tortas são boas, e estava a ponto de tirar seu *lys* e ir aplicá-lo a quantos humanos encontrasse em seu caminho. O que não seria bom para os negócios.

Cem anos depois, fechou a porta ao ruído e às pessoas que se apertavam como gado, mas não encontrou descanso em seu desértico refúgio. Demônios, nem sequer podia acalmar-se o suficiente para apertar os cílios. Caminhou ao redor do escritório, sentindo-se enjaulada, pronta para entrar em ebulição, tratando de apaziguar-se para poder...

Com um rugido, a mudança a fulminou, seu campo visual se transformou, convertendo-se em vários matizes de vermelhos como se alguém acabasse de lhe pôr uma viseira sobre os olhos. Ao mesmo tempo, quadriculou as emoções de cada coisa viva que havia no clube, e, estalaram em seu cérebro. As paredes e o chão desapareceram e foram substituídos pelos vícios e os desesperos, os aborrecimentos e os desejos luxuriosos, as crueldades e a dor que eram tão sólidos para ela como tinha sido anteriormente a estrutura do clube.

Seu lado *symphath* estava saturado do “*vamos-nos-portar-bem*” e estava preparado para esfolar a esse bando de parvos humanos sorridentes excessivamente drogados que havia ali fora.

Quando Xhex se foi como se o chão da pista estivesse em chamas e ela fosse à única com um extintor, John voltou a afundar no banco. Após o que tinha visto em sua mente se desvanecer, o incômodo do formigamento que sentia em sua pele começou a esfumar-se, mas sua ereção não pensava aceitar o “Oh! Bom, possivelmente da próxima vez”.

Dentro de seu jeans, tinha o pênis duro, aprisionado detrás da braguilha de botões.

Merda! Pensou John. Merda. Só... Merda!

— Linda forma de bloquear-pênis, Blay. — resmungou Qhuinn.

— Sinto. — disse Blay enquanto deslizava no banco e distribuía as cervejas — Sinto muito... Merda.

Bem, acaso isso não resumia tudo perfeitamente?

— Sabe, realmente está interessada em você. — disse Blay com um toque de admiração — Refiro-me a que, pensava que vínhamos aqui só para que pudesse contemplá-la. Mas não sabia que ela também te via dessa forma.

John abaixou a cabeça para ocultar as bochechas que ultrapassavam de longe o vermelho do cabelo de Blay.

— Sabe onde é seu escritório, John. — os olhos díspares de Qhuinn se mantiveram no mesmo nível enquanto inclinava para trás a recém trazida cerveja e dava um comprido trago — Vá ali. Agora. Assim, ao menos um de nós consegue um pouco de alívio.

John reclinou para trás e esfregou as coxas, pensando exatamente o mesmo que Qhuinn. Mas tinha culhões para fazê-lo? E, se se aproximava dela e o rechaçava?

E se voltava a perder sua ereção?

Entretanto, ao recordar o que tinha visto em sua mente, já não se sentiu tão preocupado por esse aspecto. Estava preparado para chegar ao clímax ali mesmo onde estava sentado.

— Pode ir sozinho a seu escritório. — continuou Qhuinn em voz baixa — Posso esperar no começo do corredor e me assegurar que ninguém os interrompa. Estará a salvo, e será em particular.

John pensou no único momento em que ele e Xhex estiveram juntos e a sós em um espaço fechado. Tinha sido em agosto, no banheiro dos homens da sobreloja, ela o tinha encontrado saindo a tropicções de um cubículo, completamente bêbado. Inclusive apesar de ter estado muito intoxicado, bastou vê-la para estar disposto, desesperado por seu sexo... E graças a uma grande quantidade de confiança proporcionada pela Corona, teve os colossais culhões de aproximar-se dela e lhe escrever uma mensagem em uma toalha de papel. Fizera-o para cobrar a vingança pelo que lhe tinha pedido.

O justo era justo. Queria que dissesse seu nome quando chegasse ao orgasmo durante a masturbação.

Desde então se mantiveram afastados no clube, mas malditamente juntos quando estavam em suas camas... E sabia que esteve fazendo o que lhe tinha pedido, podia dizer pela forma em que o olhava. E o pequeno intercâmbio telepático desta noite a respeito do que ela pensava que deveriam estar fazendo em um dos banheiros, era a prova suficiente de que até ela seguia ordens de vez em quando.

Qhuinn pôs uma mão no braço de John, e quando este elevou a vista para olhá-lo, o macho gesticulou: *Saber encontrar o momento oportuno é tudo, John.*

Muito certo. Ela o desejava, e esta noite não tinha sido unicamente no sentido da fantasia, como quando estava *sozinha em casa*. John não sabia o que havia mudado para ela nem qual tinha sido o catalisador, mas ao seu pênis não importava uma merda esse tipo de detalhes.

O resultado era tudo o que importava.

Literalmente.

Além disso, porra, acaso permaneceria virgem o resto de sua vida só por algo que lhe tinham feito fazer uma vida? Saber encontrar o momento oportuno era tudo, e estava farto de permanecer impassível, negando a si mesmo o que verdadeiramente desejava.

John ficou de pé e fez um gesto com a cabeça ao Qhuinn.

— Filho da puta! — disse o macho enquanto deslizava fora do banco embutido — Blay voltaremos.

— Tome seu tempo. E, John, boa sorte, ok?

John aplaudiu o ombro de seu amigo e se acomodou nos jeans antes de encaminhar-se para a saída da seção VIP. Qhuinn e ele passaram e cumprimentaram os seguranças junto ao cordão de veludo, e logo também passaram pelos suarentos bailarinos

que estavam perreando⁴⁷, aos que estavam se beijando e a uma multidão que estava amontoando-se ao redor do grande balcão para o último pedido. Xhex não estava em nenhuma parte, e se perguntou se não teria ido a sua casa.

Não, pensou. Tinha que estar ali para fechar, porque Rehv não apareceu pelos arredores.

— Possivelmente já está em seu escritório. — disse Qhuinn.

Enquanto subiam as escadas para a sobreloja, pensou na primeira vez que a tinha visto. Falando de começar com o pé errado. Ela o tinha arrastado por este mesmo corredor e o tinha interrogado depois de tê-lo pego escondendo uma arma para que Qhuinn e Blay pudessem ter sexo em paz. Assim, foi como ela se inteirou de seu nome e de sua vinculação com Wrath e a Irmandade, e a forma em que o tinha maltratado o tinha excitado... Logo depois de ter superado a convicção de que ia despedaçá-lo membro a membro.

— Estarei aqui. — disse Qhuinn detendo-se no começo do corredor — Vai bem.

John assentiu e logo pôs um pé frente ao outro, frente ao anterior, e o corredor começou a ficar mais e mais escuro à medida que avançava. Quando chegou a sua porta, não se deteve a pensar, muito atemorizado de mandar mal e sair correndo para seu amigo.

Sim, e quanta falta de culhões lhe faria ver?

Além disso, desejava-o. Necessitava-o.

John levantou os nódulos para golpear... E ficou congelado. Sangue. Cheirava... Sangue.

Dela.

Sem pensar, abriu a porta e...

Oh. Deus Meu! Vocalizou.

Xhex levantou a cabeça bruscamente deixando de lado o que estava fazendo, e essa visão dela lhe ficou gravada a fogo. Havia tirado as calças de couro e as tinha pendurado no respaldo da cadeira, suas pernas estavam sulcadas por seu próprio sangue... Sangue que fluía das tiras com puas de metal que abraçavam suas duas coxas. Tinha uma bota negra sobre o escritório e estava no processo das apertá-las?

— Merda! Sai daqui!

Por quê? gesticulou com a boca, indo para ela, estendendo a mão. *Oh... Deus tem que parar.*

Com um profundo grunhido de sua garganta, apontou-lhe com o dedo.

— Não se aproxime.

John começou a gesticular rápida e torpemente, apesar dela não entender LSA — *por que está fazendo isto...*

⁴⁷ Praticar o baile do Perreo, sinônimo de reggaeton e suas variantes. Consiste em dançar como se estivessem tratando de seduzir o par no meio da pista de dança com movimentos lascivos e sensuais.

— Porra sai daqui! Agora!

Por quê? Gritou-lhe silenciosamente.

Em resposta, seus olhos flamejaram em uma cor vermelha rubi, como se tivesse flashes coloridos engastados em seu crânio, e John ficou absolutamente gelado.

Havia só uma coisa no mundo da Irmandade que fazia isso.

— Vai.

John girou sobre si mesmo e foi direta e velozmente para a porta. Quando estendia a mão para agarrar a maçaneta, viu que era possível fechá-la por dentro, e com um rápido giro da chave de aço inoxidável, fechou-a assim ninguém mais poderia vê-la.

Quando chegou onde estava Qhuinn, não se deteve. Simplesmente prosseguiu, sem lhe importar se seu amigo e guarda pessoal o seguia.

De todas as coisas que podia ter averiguado alguma vez sobre ela, esta era a única nunca poderia ter previsto.

Xhex era uma maldita *symphath*.

Capítulo 25

Do outro lado de Caldwell, em uma rua ladeada de árvores, Lash estava sentado em um sofá com capa de veludo escuro, dentro de um apartamento com fachada de areia cor parda avermelhada. Pendurados ao seu lado estavam os únicos outros vestígios dos elegantes e enriquecidos humanos que viveram no lugar anteriormente: metros de formosas cortinas de damasco que iam do chão ao teto e ressaltavam as janelas panorâmicas que sobressaíam sobre a calçada.

Lash adorava as malditas cortinas. Eram de cor vinho, dourado e negro, adornadas com franjas e pompons de cetim dourado do tamanho de bolas de gude. Em sua exuberante glória, recordavam-lhe as coisas que sempre teve quando vivia naquela grande mansão Tudor, localizada na colina.

Sentia falta da elegância dessa vida. O pessoal. As comidas. Os carros.

Estava passando muito tempo com as classes baixas.

Merda, as classes baixas dos *humanos*, em atenção ao fundo de onde eram extraídos os *lessers*.

Esticou-se e acariciou uma das cortinas, ignorando a nuvem de pó que flutuou no ar assim que a tocou. Encantadora. Tão pesada e substancial, não havia nada barato nela, nem a malha, nem as tinturas, nem as pregas e nós costurados à mão.

A sensação o fez precaver-se de que precisava de uma boa casa própria e pensou que talvez pudesse ser este apartamento de pedra avermelhada. Segundo o senhor D, a Sociedade Lessening era proprietária deste lugar fazia três anos, a propriedade tinha sido

comprada por um *Fore-lesser* convencido de que havia vampiros na área. Tinha uma garagem para dois carros enfiados no beco traseiro, assim havia intimidade, e era o mais próximo à elegância que poderia conseguir ao menos durante um bom tempo.

Grady entrou com um celular na orelha, na volta final da pista que tinha fabricado com suas caminhadas das últimas duas horas. Enquanto falava, a voz do tipo ressoava no teto alto.

Agora, apropriadamente motivado pela glândula supra-renal, o tipo havia revelado os nomes de sete distribuidores e esteve chamando um após o outro, conversando até convencê-los que se reunissem com ele.

Lash deu uma olhada ao papel onde Grady havia rabiscado sua lista. Sim, todos os contatos estariam livres de falência? Só o tempo o diria, mas um deles era definitivamente sólido. A sétima pessoa, cujo nome ao final da nomenclatura estava rodeado por um círculo negro, era alguém a quem Lash conhecia: o Reverendo.

Aliás, Rehvenge, filho de Rempoon. Proprietário do ZeroSum.

Aliás, o sacana territorial que tinha jogado Lash a pontapés de seu clube porque havia vendido umas poucas gramas aqui e ali. Merda, Lash não podia acreditar que não tivesse pensado nisso antes. É óbvio que Rehvenge estaria na lista. Inferno, ele era o rio onde desembocavam todas as correntes, o cara com quem os fabricantes sul-americanos e chineses tratavam diretamente.

E isto não fazia as coisas ainda mais interessantes?

— Bom, te verei então. — disse Grady ao telefone. Quando desligou, deu-lhe uma olhada — Não tenho o número de Reverendo.

— Mas sabe onde o encontrar, verdade? — óbvio. Todos no negócio da droga, desde camelos a usuários passando pela polícia sabiam onde o cara passava seu tempo, e por esta razão era um mistério que o lugar não tivesse sido fechado fazia muito tempo.

— Entretanto, isso será um problema. Minha entrada está proibida no ZeroSum.

Bem vindo ao clube.

— Trabalharemos para mudar isso.

Embora não seria enviando a um *lesser* para tentar fazer um trato. Precisariam de um humano para isso. A menos que pudessem tirar Rehvenge fora de sua guarida, o que era improvável.

— Meu trabalho terminou? — perguntou Grady, olhando desesperadamente à porta principal, como se fosse um cão que precisava sair para urinar.

— Disse que precisava passar despercebido. — Lash sorriu deixando que visse suas presas — Assim voltará com meus homens a sua casa.

Grady não discutiu, só assentiu e cruzou os braços sobre a ridícula jaqueta com a águia. Seu assentimento se formava em partes iguais de personalidade, temor e esgotamento. Obviamente, se deu conta de que estava metido em muito mais merda do que acreditara a princípio. Sem dúvida pensava que as presas eram implantes cosméticos,

mas alguém que acreditasse ser um vampiro poderia ser quase tão mortal e perigoso como alguém que realmente o fosse.

A porta de serviço que comunicava com a cozinha se abriu, e o senhor D entrou com dois pacotes quadrados envoltos em celofane. Eram do tamanho de uma cabeça, e enquanto o *lesser* se aproximava, Lash viu um montão de símbolos de dólar.

— Encontrei-os nos painéis do escritório.

Lash tirou sua navalha de mola e fez um pequeno buraco em cada um. Uma rápida lambida ao pó branco e voltou a sorrir.

— Boa qualidade. Cortaremos esta merda. Sabe onde pô-la.

O senhor D assentiu e voltou para a cozinha. Quando retornou, os outros dois assassinos estavam com ele, e Grady não era o único que parecia liquidado. Os *lessers* precisavam recarregar-se a cada vinte e quatro horas, e segundo a última conta, tinham estado funcionando, por quarenta e oito consecutivas. Até Lash, que podia agüentar vários dias, sentia-se esgotado.

Hora de ir-se.

Levantando-se da cadeira, vestiu o casaco.

— Eu conduzo. Senhor D, você irá sentado na parte de atrás do Mercedes e vai se assegurar de que Grady desfrute de ter chofer. Vocês dois, levem o PDM.

Saíram todos, deixando o Lexus sem placas na garagem e com o número do pára-brisa apagado.

A viagem ao complexo de apartamentos Hunterbred não levou muito, mas Grady conseguiu tirar uma sesta. Através do espelho retrovisor, viu como o idiota se apagava como uma luz, com a cabeça recostada contra o assento e a boca aberta enquanto roncava.

O que, realmente, beirava a falta de respeito.

Lash se deteve no apartamento onde ficavam o senhor D e seus dois companheiros e esticou o pescoço para olhar Grady.

— Acorda, imbecil. — enquanto o homem piscava e bocejava, Lash desprezou sua debilidade, e ao senhor D não pareceu impressionar — As regras são simples. Se tentar fugir, meus homens atirarão aí mesmo ou chamarão à polícia e dirão exatamente onde está. Assente com essa cabeça de idiota se tiver entendido o que digo.

Grady assentiu, embora Lash tivesse a sensação de que o teria feito sem importar o que houvesse dito. Se houvesse dito “Come teus próprios pés”, a resposta igualmente teria sido “Bom, certo, perfeito”.

Lash destravou as fechaduras.

— Saia de meu fodido carro.

Mais assentimentos enquanto as portas se abriam e o implacável vento entrava. Dando um passo fora do Mercedes, Grady se encolheu em sua jaqueta, com essa estúpida e fodida águia que tinha as asas estendidas enquanto o humano se encurvava sobre si mesmo. Ao senhor D, por outro lado, o frio não incomodava... Um dos benefícios de já ter

morrido.

Lash deu marcha a ré para sair do estacionamento e se dirigiu para onde ele parava quando estava na cidade. Seu lugar era simplesmente uma choça de má morte em uma área cheia de anciões, com janelas que só tinham cortinas, compradas em lugares como Target, para deixar fora a seus intoxicados e viciados e dependentes vizinhos. A única vantagem era que ninguém da Sociedade sabia o endereço. Embora dormisse com o Omega por razões de segurança, voltar para este lado o deixava aturdido durante uma meia hora ou algo assim, e não queria que ninguém o apanhasse despreparado.

O tema era que, dormir era na realidade um término equivocado para o que ele necessitava. Não era como se fechasse os olhos e dormisse; virtualmente desmaiava, o que, segundo o senhor D, era o que acontecia quando se é um *lesser*. Por alguma razão, quando tinham o sangue de seu pai dentro deles, eram como celulares que não podiam ser utilizados enquanto se carregavam.

Quando pensou em voltar para a choça, se deprimiu e em troca, se encontrou conduzindo para a parte mais rica de Caldwell. Conhecia essas ruas tão bem como as linhas da palma de sua própria mão, e encontrou os pilares de sua antiga casa facilmente.

As portas estavam firmemente fechadas, e não podia ver por cima do alto muro que rodeava a propriedade, mas sabia o que havia dentro: o terreno, as árvores, a piscina e o terraço... Tudo mantido perfeitamente.

Merda. Queria voltar a viver assim. Esta existência barata com a Sociedade Lessening se parecia a usar um traje ordinário de roupa. Não se sentia ele. Em nenhum nível.

Estacionou o Mercedes no parque e simplesmente permaneceu ali, olhando fixamente ao caminho. Depois de assassinar aos vampiros que o tinham criado e enterrá-los no pátio ao lado da casa, tinha despojado a casa Tudor de tudo o que não estivesse fixado ou cravado, as antiguidades estavam armazenadas em várias casas de *lesser* dos arredores e de fora da cidade. Não retornou desde que buscara esse carro, e, assumira que, através do testamento de seus pais, a propriedade teria passado a qualquer parente de sangue sobrevivente aos assaltos que ele tinha efetuado contra a aristocracia.

Duvidava que a propriedade estivesse ainda em nome da raça. Depois de tudo, os *lessers* se infiltraram e, portanto, tinha sido permanentemente comprometida.

Lash sentia falta da mansão, embora não a pudesse utilizar como Quartel General. Trazia-lhe muitas lembranças, e o que era mais importante ainda, estava muito perto do mundo dos vampiros. Seus planos, suas contas e os detalhes íntimos da Sociedade Lessening não eram o tipo de merda que quisesse arriscar a que caísse em mãos da Irmandade.

Logo chegaria o momento em que voltaria a se encontrar com esses guerreiros, mas seria sob seus próprios termos. Desde que foi assassinado por esse defeituoso mutante do Quinn, e, seu verdadeiro pai o restabelecera ninguém exceto esse idiota do John Matthew

o tinha visto... E inclusive com esse idiota mudo foi somente de uma maneira confusa, o tipo de coisa que, considerando que tinham visto seu cadáver, alguém descartaria como uma interpretação errônea.

Lash gostava de fazer grandes entradas. Quando aparecesse no mundo dos vampiros, faria de uma posição de poder. E a primeira coisa que ia fazer era vingar sua própria morte.

Seus planos futuros o faziam sentir um pouco menos falta do passado, e, enquanto olhava às árvores nuas serem açoitadas pelo forte vento, pensou na força da natureza.

E desejou ser exatamente isso.

Quando soou seu celular, levantou-o e o pôs na orelha.

— O que?

A voz do senhor D era toda formalidade.

— Tivemos uma infiltração, senhor.

As mãos de Lash apertaram o volante com força.

— Onde?

— Aqui.

— Filhos da puta. O que conseguiram?

— Jarras. As três. Pelo que sabemos foram os Irmãos. As portas permanecem firmes assim como as janelas, não temos idéia de como entraram. Deve ter acontecido em algum momento nas últimas duas noites, porque não dormimos aqui desde domingo.

— Entraram no apartamento abaixo?

— Não, esse ainda é seguro.

Pelo menos havia uma coisa a seu favor. Embora, perder jarras fosse um problema.

— Por que não soou o alarme de segurança?

— Não estava conectado.

— Jesus Cristo. Melhor que esteja aí quando chegar, porra. — Lash encerrou a chamada e girou o volante. Quando pisou fundo no acelerador, o sedã saiu disparado para o portão, o pára-choque dianteiro raspou as barras de ferro.

Fodidamente maravilhoso.

Quando chegou ao apartamento, estacionou exatamente ao lado da entrada para as escadas e quase arrancou a porta do carro ao sair. Com as rajadas geladas fazendo seu cabelo voar, subiu a escada de dois em dois e entrou disparado no lugar, preparado para atirar em alguém.

Grady estava sentado em um tamborete frente à parte sobressalente do balcão da cozinha, estava sem jaqueta, com as mangas arregaçadas, e um montão de *não penso me colocar nisto* na cara.

O senhor D estava saindo de um dos dormitórios terminando uma frase.

—... não entendo como encontraram este...

— Quem fez a merda? — perguntou Lash, fechando a porta ao vento que uivava —

Isso é tudo o que me preocupa. Quem foi o idiota que não conectou o alarme e comprometeu esta localização? E se ninguém se responsabilizar, você — apontou para o senhor D — será o responsável.

— Não fui eu. — o senhor D olhou duramente a seus homens — Faz dois dias que não venho aqui.

O *lesser* da esquerda levantou os braços, mas como era típico em sua raça, não foi para submeter-se, mas sim porque estava preparado para lutar.

— Tenho minha carteira e não falei com ninguém.

Todos os olhos foram para o terceiro assassino, que se zangou:

— Que porra? — com gestos exagerados procurou em seu bolso traseiro — Tenho mi...

Colocou a mão mais ao fundo como se pudesse mudar algo. Logo, fez uma atuação ao estilo dos Três Patetas, verificando cada bolso que tinha nas calças, a jaqueta e a camisa. O idiota não titubearia em abrir o próprio rabo para dar uma olhada se pensasse que houvesse a possibilidade de sua carteira ter aberto passagem por seu cólon.

— Onde está sua carteira? — perguntou Lash brandamente.

Cabeça de Mármore se deu conta.

— O senhor N... Esse idiota. Discutimos porque queria que lhe desse “algumas verdinhas”. Lutamos e deve ter surrupiado minha carteira.

O senhor D caminhou tranqüilamente até ficar atrás do assassino e o golpeou ao lado da cabeça com a culatra de sua Magnum. A força do impacto fez que o assassino começasse a girar como a tampa de uma cerveja até se estalar contra a parede, onde deixou um borrão negro que manchou a pintura branca quando deslizou para baixo, até cair no tapete barato de cor marrom.

Grady deixou escapar um grasnido de surpresa, como um *terrier* que golpeassem com um jornal.

E então soou o toque da campainha. Todos olharam para a origem do som e logo para Lash.

Ele apontou para Grady.

— Permanece exatamente onde está. — quando a campainha voltou a soar fez um gesto com a cabeça ao senhor D — Responde.

Enquanto o pequeno texano passava por cima do assassino derrubado e colocava a arma no cinto das calças na parte baixa das costas abriu só uma fresta da porta.

— Domino's. — disse uma voz masculina quando uma lufada de vento entrou soprando — Ah... Merda, tome cuidado!

Era uma comédia de fodidos embrulhos, o tipo de coisa que se via em um filme cheio de palhaçadas e embrulhos. Quando o entregador retirava a caixa de pizza da bolsa térmica vermelha, o forte vento a pegou, e a calabresa e algo mais saíram voando em direção ao senhor D... Como um bom empregado, o menino voador com o boné se esticou

para frente para agarrar a coisa... E terminou golpeando o senhor D com força e invadindo o apartamento.

E Lash apostaria que os empregados de Domino's recebiam instruções específicas a respeito de que jamais deviam fazer tal coisa, e, por uma boa razão. Se, invadia a casa de alguém, embora estivesse fazendo o papel de herói, podia encontrar todo tipo de merda: pornografia pervertida na televisão. Uma dona-de-casa gorda vestida somente com as calcinhas da avó e nenhum sutiã. Um barracão asqueroso com mais baratas que pessoas.

Ou um exemplar dos não mortos sangrando sangue negro de uma ferida na cabeça.

Não havia modo que o Menininho Pizza deixasse de ver o que tinha à frente. E isso significava que teriam que encarregar-se dele.

Após ter passado o restante da noite andando sem rumo fixo pelo centro de Caldwell em busca de um *lesser* com quem lutar, John tomou forma no pátio da mansão da Irmandade junto a todos os carros que estavam estacionados em uma fila ordenada. O implacável vento empurrava seus ombros, como um valentão querendo derrubá-lo, mas se manteve firme contra o violento ataque.

Uma *symphath*. Xhex era uma *symphath*.

Enquanto sua mente se agitava ante a revelação, Qhuinn e Blay se materializaram ao seu lado. Tinha que dizer em honra dos dois, nenhum deles perguntou que porra tinha acontecido no ZeroSum. Não obstante, ambos continuavam olhando-o como se fosse uma profeta em um laboratório de ciência, como se esperassem que trocasse de cor ou jogasse espuma ou algo.

Preciso de um pouco de espaço, gesticulou sem enfrentar nenhuma de seus olhares.

— Não há problema. — respondeu Qhuinn.

Houve uma pausa enquanto John esperava que entrassem na casa. Qhuinn limpou a garganta uma vez. Duas vezes.

Então com voz estrangulada, disse:

— Sinto muito. Não queria voltar a te pressionar. Eu...

John sacudiu a cabeça e gesticulou. *Não está relacionado com o sexo. Assim não se preocupe, ok?*

Qhuinn franziu o cenho.

— Bom. Sim, genial. Ah... Se precisar estaremos por aqui. Vamos, Blay.

Blay o seguiu e os dois subiram os degraus baixos de pedra e entraram na mansão.

Quando finalmente esteve sozinho, John não tinha a menor idéia do que fazer ou aonde ir, mas o amanhecer se aproximava, por isso, além de um breve passeio pelos jardins, tinha poucas opções ao ar livre.

Embora, Deus, perguntava-se se ao menos poderia entrar. Sentia-se poluído pelo que tinha descoberto.

Xhex era uma *symphath*.

Rehvenge saberia? Alguém mais?

Ele era bem consciente do que a lei requeria que fizesse. Aprendera durante seu treinamento. Quando se tratava de *sympaths*, devia denunciá-los para que os deportassem ou seria considerado cúmplice. Malditamente claro.

Entretanto, o que acontecia depois?

Sim, não era necessário ser adivinho para saber. Xhex seria transportada como lixo a um esgoto, e as coisas não seriam boas para ela. Estava claro que era uma mestiça. Tinha visto fotografias de *sympaths*, e não se parecia em nada a esses altos, magros, arrepiantes e imbecis FDP. Havia boas probabilidades de que a matassem na colônia, porque pelo que sabia, quando se tratava da discriminação, os *sympaths* eram iguais a glymera.

Salvo pelo fato de gostarem de torturar ao objeto de suas brincadeiras. E não no sentido verbal.

Que porra tinha feito...

Quando o frio o fez tiritar sob a jaqueta de couro, entrou na casa e subiu diretamente a escada principal. As portas do escritório do rei estavam abertas e podia ouvir a voz de Wrath, mas não se deteve para ver o rei. Seguiu andando, girando na esquina para o corredor das estátuas.

Embora não se dirigia a seu quarto.

John se deteve diante da porta de Tohr, fazendo uma pausa para alisar o cabelo. Havia só uma pessoa com quem queria falar disso, e rezou pedindo que embora fosse por uma vez pudesse receber algum tipo de resposta.

Necessitava ajuda. Muita.

John bateu brandamente.

Não houve resposta. Voltou a bater.

Enquanto esperava e esperava, olhou fixamente os painéis da porta e considerou as últimas duas ocasiões em que invadira salas sem ser convidado. A primeira durante o verão quando se intrometeu no dormitório de Cormia e a tinha encontrado nua e curvada de lado com sangue nas coxas. O resultado? Tinha surrado Phury sem nenhuma razão, o sexo tinha sido de mútuo consentimento.

A segunda tinha sido na de Xhex, esta noite. E olhe em que situação o tinha posto.

John bateu mais forte, os nódulos golpearam forte o bastante para despertar aos mortos.

Não houve resposta. Pior ainda, não havia nenhum som. Nenhuma televisão, nenhuma ducha, nenhuma voz.

Retrocedeu para ver se saía alguma claridade por debaixo da porta. Não. Assim Lassiter não estava aí dentro.

O terror fez que engolisse com dificuldade, enquanto abria lentamente a porta. Os olhos foram primeiro à cama, e ao não encontrar o Tohr ali, John definitivamente entrou pânico. Atravessando o tapete oriental às pressas, dirigiu-se velozmente para o banheiro,

esperando encontrar o Irmão escancarado na Jacuzzi com os pulsos cortados.

Não havia ninguém em nenhuma das duas habitações.

Uma estranha e vertiginosa esperança estalou em seu peito enquanto saía novamente ao corredor. Olhando a esquerda e direita, decidiu começar pelo dormitório de Lassiter.

Não houve resposta, e, ao olhar dentro, encontrou tudo muito asseado e ordenado junto com um débil aroma de ar fresco.

Isto era bom. O anjo tinha que estar com Tohr.

John foi velozmente para o estúdio de Wrath e depois de bater na soleira, apareceu à cabeça, inspecionando rapidamente o comprido e fino sofá, as poltronas e o suporte da chaminé onde os Irmãos gostavam de reclinar-se.

Wrath levantou o olhar da escrivaninha.

— Olá, filho. O que acontece?

Oh, nada. Já sabe. Só... Desculpe-me.

John desceu correndo a escada principal, sabendo que se Tohr estava fazendo sua primeira incursão de volta ao mundo, não ia querer fazer um grande espetáculo disso. Provavelmente começaria simplesmente, só indo à cozinha com o anjo a procura de um pouco de comida.

John chegou ao chão de mosaico do vestíbulo no andar de baixo, e quando ouviu vozes de macho à direita, olhou dentro da sala de bilhar. Butch estava agachado sobre a mesa de bilhar a ponto de fazer um disparo e Vishous estava detrás dele, vaiando. A tela plana da TV mostrava o canal de esportes e só havia dois copos baixos e gordinhos, um com um líquido cor âmbar, o outro contendo um produto cristalino que não era água.

Tohr não estava ali, mas nunca esteve muito interessado nos jogos. Além disso, com a maneira em que Butch e V atacavam um contra o outro, não eram o tipo de companhia que desejaria se estava a ponto de voltar a afundar os pés nas águas sociais.

Dando a volta, John cruzou apressadamente o refeitório, posto para a Última Comida, e entrou na cozinha, onde encontrou... Aos *doggen* preparando três tipos diferentes de molhos para massa, tirando pão italiano caseiro do forno, mexendo as saladas e abrindo garrafas de vinho tinto para que respirassem e... Nada de Tohr.

A esperança escapou do peito de John, deixando uma tensão amargurada.

Aproximou-se de Fritz, o extraordinário mordomo, que o saudou com um brilhante sorriso em seu rosto velho e enrugado.

— Olá, senhor, como vai você?

John fez os gestos diante de seu peito para que ninguém mais pudesse ver.

Escute, viu...

Merda, não queria aterrorizar a toda a casa sem outro motivo além de que estava se apressando a tirar conclusões. A mansão era enorme e Tohr podia estar em qualquer lugar.

...a alguém? Terminou.

As franzinhas sobrelanceiras brancas de Fritz se juntaram.

— Alguém, senhor? Refere-se às senhoras da casa ou...

Machos., gesticulou. *Viu algum dos Irmãos?*

— Bom, estive aqui preparando o jantar durante a última hora, mas sei que vários voltaram para casa do campo. Rhage pegou seus sanduíches tão logo retornou, Wrath está no escritório, e Zsadist está banhando à pequena. Deixe ver... Oh, e acredito que Butch e Vishous estão jogando bilhar, já que um de meu pessoal lhes serviu bebidas na sala de bilhar faz um momento nada mais.

Correto, pensou John. Se um Irmão que ninguém tinha visto sair durante digamos, quatro meses, aparecesse certamente seu nome teria sido o primeiro da lista.

Obrigado, Fritz.

— Estava procurando a algum em particular?

John sacudiu a cabeça e voltou a sair ao vestíbulo, esta vez movendo-se com pés de chumbo. Quando entrou na biblioteca, não esperava encontrar ninguém, e o que lhes parece? A sala estava cheia de livros e completamente desprovida de qualquer Tohr.

Onde poderia...?

Possivelmente não estivesse na casa absolutamente.

John fechou a biblioteca e patinou ao dar a volta ao redor da escada principal, as solas de seus shitkickers chiaram quando dobrou a esquina. Abrindo violentamente a porta oculta sob os degraus, entrou no túnel subterrâneo da mansão.

É obvio. Tohr iria ao centro de treinamento. Se ia despertar e começar a viver, isso significava que voltaria para o campo de batalha. E isso significava exercitar-se para conseguir que seu corpo voltasse a estar em forma.

Quando John saiu ao escritório das instalações, estava completamente de retorno na terra da esperança e quando não encontrou Tohr no escritório, não se surpreendeu.

Aí tinha sido onde o tinham informado da morte de Wellsie.

John arrastou o traseiro para o corredor, e o leve som dos pesos ressonando foi uma fodida sinfonia para seus ouvidos, o alívio floresceu em seu peito até que as mãos e os pés formigaram.

Mas tinha que controlar-se. Aproximando-se da sala de treinamento, sacudiu o sorriso, e abriu amplamente a porta...

Blaylock lhe jogou uma olhada do banco. A cabeça do Qhuinn se movimentava acima e abaixo na barra de exercícios.

Enquanto John jogava uma olhada a seu redor, ambos deixaram o que estavam fazendo, Blay voltando a deixar a barra de peso em seu lugar, Qhuinn baixando-se lentamente ao chão.

Viram o Tohr? Gesticulou John.

— Não. — disse Qhuinn enquanto enxugava o rosto com uma toalha — Por que ele estaria aqui?

John saiu correndo e se dirigiu ao ginásio, onde não encontrou nada exceto luzes embutidas, chãos de tábuas resplandecentes e colchonetes de um azul brilhante. A sala de equipamento só tinha equipamento. A sala de primeiros socorros e fisioterapia estava vazia. A clínica de Jane igual.

Partiu correndo, saindo disparado pelo túnel para a casa principal.

Uma vez ali, subiu diretamente para as portas abertas do escritório, e esta vez não bateu na soleira. Caminho diretamente até a escrivaninha de Wrath e gesticulou, *Tohr se foi*.

Enquanto o entregador do Domino's gesticulava para agarrar a caixa de pizza, todos os outros ficaram imóveis.

— Passou perto. — disse o humano — Não queria que terminasse em...

O homem que estava agachado ficou congelado nessa posição quando seus olhos rastrearam a mancha negra da parede até o enfraquecido e queixoso *lesser* que a tinha ocasionado.

— ... Em... Seu... Tapete.

— Cristo. — cuspiu Lash, tirando a navalha de mola do bolso no peito, acionando a folha e aproximando-se das costas do homem. Quando o moço do Domino's ficou de pé, Lash passou o braço ao redor de seu pescoço e lhe cravou a faca diretamente no coração.

Enquanto o homem se murchava e ofegava, a caixa de pizza caía ao chão e se abria, a cor do molho de tomate e da calabresa pertencia à mesma gama de cores que o sangue que saía da ferida.

Grady saltou de seu tamborete e apontou ao assassino que ainda estava de pé.

— Ele me permitiu encomendar a pizza!

Lash apontou com a ponta da faca ao idiota.

— Fecha a puta boca.

Grady voltou a sentar no tamborete.

O senhor D estava de saco muito cheio quando foi até o assassino restante.

— Deixou-o encomendar uma pizza? Fez isso?

O *lesser* grunhiu.

— Pediu-me que entrasse e montasse guarda na janela do dormitório de atrás. Assim foi como descobrimos que tinham desaparecido as jarras, recorda? O imbecil que empapa o tapete foi o que o deixou chamar.

O senhor D não parecia ter interesse na lógica, e por divertido que pudesse ser lhe ver ficar em plano Jack Russel⁴⁸ com esse rato *lesser*, não havia muito tempo. Este humano que tinha aparecido com a pizza não voltaria a fazer mais entregas, e seus companheiros de uniforme se dariam conta disso bastante rápido.

⁴⁸ *Jack Russell Terrier* raça canina, se trata de um animal ágil, que apesar de seu tamanho pequeno tem muita força e resistência.

— Telefona para que venham reforços. — disse Lash, fechando a folha e aproximando-se do *lesser* incapacitado — Que venham com um caminhão. Assim retira as caixas com armas. Evacuaremos este apartamento e o de baixo.

O senhor D pegou o telefone e começou a ladrar ordens enquanto o outro assassino entrava no dormitório do fundo.

Lash examinou o Grady, que olhava fixamente a pizza como se estivesse considerando seriamente levá-la do tapete para comer.

— A próxima vez que você...

— As armas desapareceram.

Lash girou a cabeça para o *lesser*.

— Desculpe?

— As caixas com armas não estão no armário.

Por uma fração de segundo, em tudo o que Lash pôde pensar foi matar a alguém, e o único que salvou o Grady de ser esse alguém foi que mergulhou rapidamente na cozinha, fora de seu campo visual.

Não obstante a lógica preponderou sobre a emoção, e dirigiu sua vista para o senhor D.

— É responsável pela evacuação.

— Sim, senhor.

Lash apontou com o dedo ao assassino que estava no chão.

— Quero que o levem ao centro de persuasão.

— Sim, senhor.

— Grady? — quando não houve resposta, Lash amaldiçoou e entrou na cozinha para encontrar ao tipo inclinado dentro do frigorífico, sacudindo a cabeça ante as estantes vazias. O idiota era muito estreito de mente ou estava sinceramente ensimesmado, e Lash apostava que era o último — Vamos.

O humano fechou a porta do frigorífico e veio como o cão que era: rapidamente e sem discutir, movendo-se tão velozmente que deixou seu casaco atrás.

Lash e Grady tinham saído repentinamente ao frio, e o quente interior do Mercedes foi um alívio.

Enquanto Lash saía lentamente do complexo, porque apressar-se poderia ter atraído a atenção das pessoas, Grady o olhou.

— Esse cara... Não o da pizza... O que morreu... Não era normal.

— Não. Não era.

— Tampouco você.

— Não. Eu sou uma divindade.

Quando caiu a noite, Ehlena vestiu o uniforme embora não fosse à clínica. Por duas razões, uma, ajudava com seu pai, que não tolerava bem as mudanças de rotina. E dois, sentia como se lhe desse uma pequena distância quando se encontrasse com Rehvenge.

Não dormiu nada durante o dia. Enquanto jazia na escuridão, as imagens do depósito de cadáveres e a lembrança da forma em que havia soado fatigada a voz de Rehvenge eram uma diabólica equipe que corria desenfreada martelando em seu cérebro, fazendo rodar e mudar seus sentimentos até que lhe doeu o peito.

Estava realmente a caminho de encontrar-se com Rehvenge? Em sua casa? Como tinha acontecido isto?

Essas perguntas ajudaram-na a recordar que só ia lhe entregar remédios. Isto se tratava de prestar cuidados de nível clínico, de enfermeira a paciente. Pelo amor de Deus, ele esteve de acordo com ela que não deveria encontrar-se com ninguém, e, não era como se a tivesse convidado para jantar. Estava lhe levando as pílulas e tentaria persuadi-lo a ir ver Havers. Isso era tudo.

Após verificar como estava seu pai e lhe dar seu medicamento, se desmaterializou para a calçada defronte ao edifício Commodore situado no meio do centro. De pé entre as sombras, levantou o olhar para o lado liso e brilhante da alta torre, e a surpreendeu o contraste entre este e o sórdido lugar ao rés do chão que ela alugava.

Caramba... Viver entre todo esse cromado e vidro custava dinheiro. Muito dinheiro. E Rehvenge tinha um apartamento de cobertura. Além disso, esta devia ser só uma das propriedades que possuía, porque nenhum vampiro em seu juízo perfeito dormiria rodeado por todas essas janelas durante as horas diurnas.

A linha divisória entre a gente normal e a gente rica parecia tão longa como a distância entre onde ela estava parada e onde se supunha que Rehvenge a esperava, e por um breve momento se entreteve com a fantasia de que sua família ainda tinha dinheiro. Possivelmente dessa forma, estaria levando algo diferente de seu casaco barato de inverno e sua uniforme.

Enquanto permanecia na rua, muito abaixo de Rehvenge, parecia-lhe impossível que tivesse conectado com ele como tinha feito, mas em definitivo, o telefone era uma relação virtual, só um degrau mais acima de estar online. Cada pessoa estava em seu próprio ambiente, invisíveis um ao outro e só suas vozes se mesclavam. Era uma falsa intimidade.

Realmente tinha roubado pílulas para este macho?

Verifique seus bolsos, imbecil, pensou.

Com uma maldição, Ehlena se materializou no terraço do apartamento de cobertura, aliviada de que a noite estivesse relativamente tranqüila. De outro modo, com o frio que fazia qualquer vento ali em cima...

Que... *Demônios?*

Através dos inumeráveis painéis de vidro, o resplendor de centenas de velas convertia a noite escura em uma névoa dourada. Dentro, as paredes do apartamento de cobertura eram negras, e havia... Coisas penduradas delas. Coisas como um gato de nove caudas⁴⁹ feito de metal, chicotes de couro e máscaras... E havia uma mesa grande, de aparência antiga que estava... Não, espera, isso era uma mesa de tortura, verdade? Com correias de couro pendurando dos quatro cantos.

OH... *Demônios, não*. Rehvenge gostava *desta* merda?

Bom. Mudança de planos. Deixaria os antibióticos, certo, mas seria enfrente a uma dessas portas corrediças, porque não havia maneira de que entrasse aí dentro. De. Nenhuma. Fodida. Maneira...

Um tremendo macho com cavanhaque saiu do banheiro, secando as mãos e endireitando as calças de couro enquanto ia para a mesa de tortura. Com um salto ágil, subiu à coisa e logo começou a prender um dos grilhões ao tornozelo.

Isto estava se tornando mais doentio. Um *trio*?

— Ehlena?

Ehlena girou tão rapidamente que golpeou o quadril contra a parede que rodeava todo o trecho. Quando viu quem era, franziu o cenho.

— Doutora Jane? — disse, pensando que essa noite estava passando rapidamente dos “Oh, demônios, não” diretamente ao território de QCP⁵⁰ — O que está...?

— Acredito que está no lado errado do edifício.

— Lado errado... Oh, espere, este não é o apartamento de Rehvenge?

— Não, de Vishous e meu. Rehv está do lado leste.

— Oh... — tinha as bochechas vermelhas. Muito vermelhas, e não por causa do vento — Lamento muito, me haver equivocado...

A doutora fantasmal riu.

— Está bem.

Ehlena voltou a olhar o vidro, mas logo afastou a vista rapidamente. Sem dúvida, esse era o Irmão Vishous. Que tinha olhos diamantinos e tatuagens no rosto.

— O lado leste é o que quer.

O que Rehv havia dito, verdade?

— Irei ali agora mesmo.

— Convidaria a cortar caminho, mas...

— Sim. Será melhor que vá por mim mesma.

A doutora Jane sorriu com uma boa dose de malícia.

— Penso que será melhor.

Ehlena se acalmou e se desmaterializou para a parte correta do prédio, pensando, a

⁴⁹ Nota da Revisora: é um látego que possui nove tiras.

⁵⁰ Nota da Revisora: Que caralho passa (do espanhol). Que porra é essa (em bom português).

Doutora Jane era uma dominatrix?

Bem, coisas mais estranhas tinham acontecido.

Quando recuperou sua forma, quase teve medo de olhar através do vidro, tendo em conta o que acabara de ver. Se Rehvenge tinha mais do mesmo — ou pior ainda, coisas como roupa de senhora do tamanho de um macho, ou plumas de aves movendo-se por toda parte — não sabia se seria capaz de relaxar-se o bastante para desmaterializar seu traseiro fora dali.

Mas não. Nenhum Ru-Paul⁵¹. Nada que necessitasse um coche ou uma cerca. Só um encantador e moderno interior feito com esse tipo de móveis suaves e singelos que deviam ter vindo da Europa.

Rehvenge apareceu através de uma arcada e se deteve ao vê-la. Quando levantou a mão, a porta corrediça de vidro diante dela se abriu porque ele dispôs com sua mente, e pôde captar um aroma maravilhoso proveniente do apartamento de cobertura.

Era... Rosbife?

Rehvenge se aproximou, movendo-se com andar suave, embora dependesse de sua bengala. Esta noite, levava um suéter negro de gola alta que evidentemente era de caxemira e um impactante terno negro, e com sua roupa fina, parecia saído da capa de uma revista, sofisticado e sedutor, um absoluto impossível.

Ehlana se sentia uma parva. Vendo-o ali em seu belo apartamento, não que pensasse estar abaixo dele. Era somente que estava claro que não tinham nada em comum. Que tipo de delírio a tinha golpeado quando falaram ou se viram na clínica?

— Bem vinda. — Rehvenge se deteve na porta e estendeu a mão para ela — Teria te esperado fora, mas faz muito frio para mim.

Dois mundos totalmente diferentes, pensou ela.

— Ehlana?

— Sinto muito. — devido a que seria grosseiro não fazê-lo, pôs a mão na dele e entrou no apartamento de cobertura. Mas, em sua mente, já o tinha abandonado.

Quando as palmas se encontraram, Rehv se sentiu atracado, assaltado, roubado, quebrado e registrado: não sentiu nada quando suas mãos se fundiram, e desejava desesperadamente poder sentir o calor de Ehlana. De todos os modos, apesar de estar intumescido, o simples fato de olhar como suas peles entravam em contato foi suficiente para fazer seu peito chispar como se fosse aparas de aço brilhante.

— Olá. — disse ela com um tom rouco enquanto ele a atraía dentro.

Fechou a porta e continuou agarrando sua mão até que ela rompeu o contato, aparentemente para dar uma volta e dar uma olhada ao lugar. Entretanto, pressentia que ela necessitava espaço físico.

⁵¹ Nota da Revisora: Drag Queen famoso.

— A vista aqui é extraordinária. — disse detendo-se para olhar fixamente a vista da cidade cintilante que se estendia ante ela — Gracioso, mas aqui de cima se parece com uma maquete.

— Estamos alto, isso é certo. — olhava-a com olhos obsessivos, absorvendo-a através de sua vista — Adoro a vista. — murmurou.

— Posso ver por que.

— E é tranqüilo. — privado. Só eles e ninguém mais no mundo. E, estando a sós com ela aqui e agora, quase podia acreditar que todas as coisas sujas que tinha feito foram crimes cometidos por um estranho.

Ela sorriu um pouco.

— Sem dúvida que é tranqüilo. No apartamento ao lado estão utilizando mordças de bola... Né...

Rehv riu.

— Equivocou-se de lado do edifício?

— Eu que o diga.

Esse rubor indicou que tinha visto algo mais que meros objetos inanimados da coleção Bondage-R-us⁵² de brinquedos de V e de repente Rehv ficou mortalmente sério.

— É necessário que fale com meu vizinho?

Ehlana sacudiu a cabeça.

— Não foi sua culpa, e felizmente ele e Jane não haviam... Er, começado. Graças a Deus.

— Pelo que vejo você não gosta muito desse tipo de coisas.

Ehlana voltou a cravar o olhar no panorama.

— Ouça, eles são pessoas adultas, assim está tudo bem. Mas, eu pessoalmente? Nunca na vida.

Falando de romper o clima. Se o BDSM⁵³ era muito para ela, supunha que isso queria dizer que não compreenderia o fato de que ele fodia a uma fêmea a que odiava como forma de pagamento à chantagem que lhe fazia. Que, casualmente era sua meio-irmã. Oh, e que era uma *symphath*.

Igual a ele.

Seu silêncio a fez voltar à cabeça sobre o ombro.

— Sinto muito. Ofendi a você?

— Tampouco o pratico. — oh, absolutamente. Ele era uma puta com padrões... A merda da perversão era adequada unicamente se fosse forçado a isso. Ao caralho com a sexualidade extrema de mútuo acordo que praticavam V e sua companheira. Sim, porque isso estava simplesmente mal.

⁵² Nota da Revisora: trocadilho com Toys-R-us, famosa marca de brinquedos americana.

⁵³ Nota da Revisora: Bondage, Disciplina, Dominação e Submissão.

Cristo, ele estava muito abaixo dela.

Ehlena perambulou pelo lugar, seus sapatos de suave revestimento não faziam nenhum som no chão de mármore negro. Enquanto a olhava, deu-se conta de que sob o casaco de lã negro tinha o uniforme. O que era lógico, observou a si mesmo, se depois tinha que ir trabalhar.

Vamos, disse-se. Pensou realmente que ficaria toda a noite?

— Posso pegar seu casaco? — disse, sabendo que devia ter calor — Tenho que manter este lugar mais quente do que a maioria das pessoas acha cômodo.

— Na verdade... Deveria partir. — colocou a mão no bolso — Só vim trazer a penicilina.

— Esperava que ficasse para jantar.

— Sinto muito. — estendeu-lhe uma bolsa de plástico — Não posso.

Uma imagem relâmpago da princesa se ativou no cérebro de Rehv, e se recordou quão bem se sentia ao fazer o correto com Ehlena... Apagando seu número de telefone. Não tinha nada que fazer cortejando-a. Nada absolutamente.

— Compreendo. — pegou as pílulas — E, obrigado por estas.

— Tome duas e quatro vezes ao dia. Dez dias. Promete-me isso?

Ele assentiu uma vez.

— Prometo-o.

— Bom. E trata de ir ver o Havers, fará?

Houve um momento de embaraçoso silêncio, até que ela levantou a mão.

— Bom... Então, adeus.

Ehlena girou, e ele abriu o painel de vidro com a mente, já que não confiava em si mesmo para aproximar-se muito dela.

Oh, por favor, não vá. Por favor, não, pensou.

Só queria sentir-se... Limpo durante um tempinho.

Após sair, ela se deteve e o coração de Rehv palpitou com força.

Ehlena olhou para trás, e o vento despenteou as mechas de cabelo pálido jogando-o para seu encantador rosto.

— Com comida. Deve tomar com a comida.

Correto. Informação médica.

— Tenho muita aqui.

— Bom.

Depois de fechar a porta, Rehv a olhou desaparecer nas sombras e teve que obrigarse a dar a volta.

Andando lentamente e utilizando a bengala, caminhou ao longo da parede de vidro e girando em uma esquina foi para o resplendor da sala de jantar.

Havia duas velas acesas. Dois lugares dispostos com talheres de prata. Dois copos para vinho. Dois copos para água. Dois guardanapos dobrados precisamente e colocadas

em cima de dois pratos.

Sentou-se na cadeira que teria oferecido a ela, a que estava a sua direita, a posição de honra. Apoiou a bengala contra sua coxa e deixou a bolsa de plástico na mesa de ébano, alisando-a com a mão para que os antibióticos descansassem um ao lado do outro em uma fila pulcra e ordenada.

Perguntou-se por que não vinham em uma garrafa laranja com uma etiqueta branca, mas de qualquer forma, ela os havia trazido. Isso era o principal.

Sentado ali no silêncio, rodeado pela luz das velas e o aroma do rosbife que acabava de tirar do forno, Rehv acariciou a bolsa de plástico com o indicador intumescido. Certo como a merda que estava sentindo algo. No ponto morto de seu peito, tinha uma dor atrás do coração.

Tinha realizado muitos atos malvados no curso de sua vida. Grandes e pequenos.

Tinha armado armadilhas a pessoas só para jogar com elas, fossem traficantes vagabundos transgredindo seu território, ou Johns que não tratavam bem a suas putas, ou idiotas que andavam fodendo em seu clube.

Havia provido a outros de seus vícios, para tirar benefícios. Vendia drogas. Vendia sexo. Vendia morte em forma das habilidades especiais de Xhex.

Havia fodido por todas as razões equivocadas.

Tinha mutilado.

Tinha assassinado.

E ainda assim, nada disso o tinha incomodado em seu momento. Não houvera dúvidas, nem arrependimentos, nada de empatia. Só mais esquemas, mais planos, mais ângulos para ser descobertos e explorados.

Não obstante, aqui ante essa mesa vazia, nesse apartamento de cobertura vazio, sentia dor no peito e sabia o que era: saudade.

Teria sido extraordinário merecer a Ehlena.

Mas, isso era só mais uma coisa que não ia sentir jamais.

Capítulo 27

Quando a Irmandade se reuniu no escritório, Wrath manteve o olhar sobre John de seu vantajoso posto atrás da supérflua mesa de escritório. Ao outro lado, o menino parecia um animal que fora atropelado na estrada. Seu rosto estava pálido, seu grande corpo imóvel e não participava da discussão. O aroma de suas emoções era a pior parte disso, pensou: não havia nenhum. Nem a dentada picante e vigorosa da ira. Nem o ácido e defumado sopro da tristeza. Nem sequer um pinga do aroma azedo do medo.

Nada. Enquanto se encontrava entre os Irmãos e seus dois melhores amigos,

permanecia isolado por sua falta de reação e ensimesmado indiferente... Estava com eles, mas não realmente.

Não de forma proveitosa.

A dor de cabeça de Wrath que como seus olhos, seus ouvidos e sua boca parecia estar permanentemente presa a seu crânio, realizou um renovado assalto a suas têmporas, e ele se sentou bem erguido na cadeira para mariquinhas com a esperança de que um ajuste na posição de sua coluna pudesse aliviar a pressão.

Não teve sorte.

Possivelmente uma amputação de crânio serviria. Deus sabia que Doutora Jane era boa com a serra.

Em frente, na feia poltrona verde, Rhage mordeu com força um Tootsie Pop, rompendo um dos muitos silêncios incômodos que tinham marcado a reunião.

— Tohr não pode ter ido longe. — murmurou Hollywood — Não está suficientemente forte.

— Verifiquei no Outro Lado. — disse Phury do alto-falante do telefone — Não está com as Escolhidas.

— Que tal se dermos uma volta por sua antiga casa? — sugeriu Butch.

Wrath balançou a cabeça.

— Não posso imaginar que queira ir ali. Muitas lembranças.

Merda, nem sequer a menção do lar em que John passara algum tempo despertou algo no menino. Mas ao menos, finalmente, escurecera assim podiam sair a procurar o Tohr.

— Eu fico se por acaso voltar. — disse Wrath no momento em que se abriam as portas duplas e V entrava dando pernadas — Quero que o resto de vocês saia para buscá-lo na cidade, mas antes de ir, deixemos que nossa própria Katie Couric nos ponha em dia. — fez um gesto com a cabeça para Vishous — Katie?

O olhar furioso de V foi a versão ocular de um dedo médio completamente estendido, mas procedeu com o relatório.

— Ontem à noite, no registro policial, houve uma denúncia registrada por um detetive de homicídios. Um cadáver foi achado no lugar onde se encontraram as caixas de armas. Humano. Entregador de pizzas. Com uma única ferida de faca no peito. Não há dúvida de que o pobre bastardo se topou com algo que não devia. Acabo de piratear os detalhes do caso e o que acreditam? Descobri uma anotação a respeito de uma mancha negra e oleosa que encontraram na parede próxima à porta. — ouviram-se várias maldições resmungadas, muitas das quais incluíam a palavra com F — Sim, bem, agora vem a parte interessante. A polícia assentou que uma Mercedes foi vista no estacionamento aproximadamente duas horas antes que o gerente do Domino's chamasse para denunciar que um de seus empregados não havia retornado depois de levar o pedido a esse endereço. E, uma das vizinhas viu um homem loiro, obviamente, entrar nele com outro cara

de cabelo escuro. Disse que era estranho ver esse tipo de sedã ostentoso na área.

— Uma Mercedes? — perguntou Phury do telefone.

Rhage, tendo triturado outro pirulito, para regozijo de sua alteza, lançou um palito branco dentro do lixo de papel.

— Sim, desde quando a Sociedade Lessening investe essa quantidade de efetivo em suas rodas?

— Exato. — disse V — Não faz sentido. Mas aqui vem a merda. Também há testemunhas que reportaram ter visto um Escalade negro de aspecto suspeito à noite anterior... E a um homem de negro tirando... Oh, caramba! Não me diga que eram... Caixas? Sim, quatro malditas caixas da parte traseira desse grupo de quatro apartamentos.

Quando seu companheiro de quarto olhou fixa e intencionalmente ao Butch, o polícia sacudiu a cabeça.

— Mas não fazem menção a que tenham as placas da Escalade. E nem bem cheguei troquei o jogo de placas que tinha posto. Quanto a Mercedes? As testemunhas confundem as coisas todo o tempo. É possível que o loiro e o outro homem não tenham tido nada a ver com o assassinato.

— Bom, vou manter um olho atento sobre o assunto. — disse V — Não acredito que exista a possibilidade que a polícia vá relacioná-lo com algo que envolva ao nosso mundo. Demônios, muitas coisas deixam manchas negras, mas é melhor estar preparados.

— Se o detetive deste caso é o que estou pensando, é um dos bons. — disse Butch tranqüilamente — Um muito bom.

Wrath ficou em pé.

— OK, o sol se pôs. Saíam daqui. John, quero falar um momento contigo em particular.

Wrath esperou que as portas se fechassem depois do último de seus irmãos antes de falar.

— Vamos encontrá-lo, filho. Não se preocupe. — não houve resposta — John? O que te passa?

O menino só cruzou os braços sobre seu peito e ficou olhando fixamente para frente.

— John...

John desdobrou as mãos e gesticulou algo que ante os piorados olhos de Wrath pareceu ser: *Vou sair com os outros.*

— É um demônio! — isso fez que John girasse a cabeça abruptamente — Sim, isso não ocorrerá, dado que é um zumbi. E vai se foder a outro lado com seus “estou bem”. Se pensar durante sequer meio segundo que vou deixar que saia para brigar, está malditamente muito enganado.

John caminhou ao redor do escritório como se estivesse tratando de controlar a si mesmo. Finalmente se deteve e gesticulou: *Não posso estar aqui neste momento. Nesta casa.*

Wrath franziu o cenho e tratou de interpretar o que lhe havia dito, mas todo esse franzir de sobrancelhas só provocou que sua dor de cabeça cantasse como uma soprano.

— Sinto muito, o que foi o que disse?

John abriu a porta de um puxão, e um segundo depois entrou Qhuinn. Houve muitos movimentos de mãos e logo Qhuinn limpou a garganta.

— Diz que esta noite não pode estar nesta casa. Simplesmente não pode.

— Ok, então vá a algum clube, consiga uma garota e usa a boca nela até que desmaie. Mas nada de lutar. — Wrath elevou uma prece silenciosa de agradecimento porque Qhuinn estivesse grudado ao lado do menino — E, John... Vou encontrá-lo.

Mais sinais, e logo John se voltou para a porta.

— O que disse, Qhuinn? — perguntou Wrath.

— Ah... Disse que não lhe importa se o faz.

— John, não diz a sério.

O menino deu a volta, gesticulou e Qhuinn traduziu.

— Diz que, sim, que realmente diz a sério. Diz... Que já não pode seguir vivendo assim... Esperando, cada noite e cada dia, perguntando-se quando entra no quarto, se Tohr se... John vai um pouco mais devagar... Ah... Se o macho se pendurou ou se foi-se novamente. Embora volte... John diz que para ele terminou. Que foi abandonado muitas vezes.

Difícil argumentar contra isso. Ultimamente Tohr não tinha sido um pai muito bom, tendo sido seu único lucro nesse campo a criação da próxima geração de mortos viventes.

Wrath fez uma careta de dor e esfregou as têmporas.

— Olhe filho, não sou um eminente cientista, mas pode falar comigo.

Houve um comprido, extenso silêncio marcado por um estranho aroma... Um aroma seco, quase rançoso... Saudade? Sim, isso era saudade.

John fez uma pequena reverência como em sinal de agradecimento e logo se escapuliu pela porta.

Qhuinn vacilou.

— Não o deixarei brigar.

— Então lhe salvará a vida. Porque se pegar as armas no estado em que está agora, voltará para casa em uma caixa de tábuas.

— Roger.

Quando a porta fechou, a dor rugiu nas têmporas de Wrath, obrigando-o a sentar-se.

Deus, tudo o que queria fazer era ir ao quarto que ele e Beth compartilhavam meter-se em sua enorme cama e deixar a cabeça cair sobre os travesseiros que cheiravam a ela. Queria chamá-la e lhe rogar que se unisse a ele só para poder abraçá-la. Queria ser perdoado.

Queria dormir.

Em lugar disso, o rei voltou a levantar-se, pegou as armas que estavam no chão ao

lado da mesa de escritório, e as fixou sobre seu corpo. Deixando o escritório com sua jaqueta de couro na mão, desceu a escada principal e saiu do vestibulo para a noite amarga. Pelo que via, a dor de cabeça o acompanharia onde quer que fosse assim bem podia fazer algo útil e sair em busca de Thor.

Quando vestiu o casaco, invadiu-o a lembrança de sua *shellan* e o lugar aonde tinha ido à noite anterior.

Santa merda. Sabia exatamente onde Thor estava.

Ehlena tinha a intenção de deixar o terraço de Rehvenge imediatamente, mas, enquanto entrava nas sombras, teve que olhar para o apartamento de cobertura. Através da fileira de vidros, viu o Rehvenge voltar-se e caminhar devagar ao longo do ático do apartamento...

Bateu fortemente a tíbia contra algo.

— Demônios!

Saltando em um pé, esfregou a perna e lançou um tempestuoso olhar à caixa de mármore contra a qual bateu.

Quando se endireitou, esqueceu de toda a dor.

Rehvenge tinha entrado em outra sala e se deteve frente a uma mesa posta para dois. Havia velas resplandecendo no meio do brilho dos cristais e a prataria, a longa parede de vidro deixava ver todo o incômodo que teve por ela.

— Demônios... — sussurrou.

Rehvenge se sentou tão lenta e deliberadamente como tinha caminhado, olhando para trás primeiro, para assegurar-se de que a cadeira estava onde deveria estar para logo agarrá-la com ambas as mãos e sentar-se. Deixou a bolsinha que lhe deu sobre a mesa, e enquanto parecia acariciá-la, a gentileza de seus dedos contradizia esses fortes ombros e ao escuro poder que era inerente ao seu duro rosto.

Ao olhá-lo fixamente, Ehlena já não sentiu o frio, nem o vento nem a dor na tíbia. Banhado pela luz da vela, com a cabeça inclinada para baixo tinha um perfil poderoso e alinhado, Rehvenge era incalculavelmente belo.

Abruptamente, sua cabeça se elevou e a olhou diretamente, apesar dela estar na escuridão.

Ehlena retrocedeu e sentiu a parede do terraço contra o quadril, mas não se desmaterializou. Nem sequer quando ele pôs a bengala no chão e se levantou em toda sua estatura.

Nem sequer quando abriu a porta a sua frente com sua vontade.

Necessitava ser uma melhor mentirosa que ela para pretender que somente estava admirando a noite. E não era uma covarde para sair fugindo.

Ehlena se aproximou.

— Não tomou nenhuma pílula.

— É isso o que está esperando?

Ehlena cruzou os braços sobre o peito.

— Sim.

Rehvenge olhou para a mesa e aos pratos vazios.

— Disse que devem ser tomadas com a comida.

— Sim, disse.

— Bom, então, parece que me vai olhar comer. — o elegante movimento de seu braço convidando-a a entrar era uma provocação que ela não queria aceitar — Se sentará comigo? Ou quer ficar aqui fora no frio? Oh, espere, possivelmente isto ajude. — inclinando-se sobre sua bengala, foi e soprou as velas.

As sinuosas ondas de fumaça que se formaram sobre as mechas pareceram um lamento por todas as possibilidades extintas de coisas que podiam ter sido: tinha preparado um agradável jantar para ambos. Fizera o esforço. Vestiu-se belamente.

Entrou porque já lhe tinha arruinado bastante o encontro amigável.

— Sente-se. — disse — Voltarei com meu prato. A menos que...

— Já comi.

Inclinou-se ligeiramente quando ela afastou uma cadeira.

— É obvio que o fez.

Rehvenge deixou a bengala contra a mesa e saiu, apoiando-se nos encostos das cadeiras, no aparador e no batente da porta de serviço que levava a cozinha. Quando voltou uns minutos depois, repetiu a seqüência com a mão livre e logo se sentou na cadeira à cabeceira da mesa com cuidadosa concentração. Levantando um lustroso garfo de prata esterlina, e sem dizer uma palavra cortou cuidadosamente a carne e comeu com circunspeção e educação.

Cristo! Sentia-se como a cadela da semana, sentada frente a um prato vazio enquanto seu casaco seguia completamente abotoado.

O som do roçar da prata contra a porcelana fazia que o silêncio entre eles parecesse gritar.

Acariciando o guardanapo que tinha em frente, sentiu-se horrível por muitas coisas, e, embora não era muito faladora se encontrou falando porque simplesmente já não podia guardar tudo por mais tempo.

— A noite de anteontem...

— Mmmmm? — Rehvenge não a olhou, seguiu focado em seu prato.

— Não me deixaram plantada. Já sabe, naquele encontro.

— Bem, bom para você.

— Ele foi assassinado.

Rehvenge levantou bruscamente a cabeça.

— O que?

— Stephan, o macho com o que devia encontrar... Foi assassinado pelos *lessers*. O rei

trouxe o corpo, mas não soube que se tratava dele até que o seu primo chegou buscando por ele. Eu... Ah, ontem à noite passei meu turno preparando o corpo e devolvendo-o à família. — sacudiu a cabeça — O tinham golpeado... Não era possível adivinhar de quem se tratava.

Sua voz se rompeu a impedindo de continuar, por isso simplesmente ficou ali sentada acariciando o guardanapo, com a esperança de poder apaziguar a si mesma

Dois sutis tinidos evidenciaram o fato de que o garfo e a faca de Rehv tinham pousado sobre o prato, e logo estendeu a mão para ela, colocando-a solidamente sobre seu antebraço.

— Maldição! Sinto-o muitíssimo. — disse — Com razão não está de humor para tudo isto. Se o tivesse sabido...

— Não, está bem. De verdade. Deveria tê-lo encarado melhor ao chegar. É só que esta noite estou algo ausente. Não sou eu mesma para nada.

Deu-lhe um apertão no braço e se acomodou de novo na cadeira como se não quisesse invadir seu espaço. Coisa que normalmente ela teria gostado, mas essa noite lhe pareceu uma lástima... Para usar uma palavra que ele desfrutava. O peso de seu contato através do casaco tinha sido muito agradável.

E falando disso, estava sentindo muito calor.

Ehlena desabotoou e tirou o saco de lã dos ombros.

— Faz calor aqui.

— Como disse antes, posso esfriar as coisas para você.

— Não. — franziu o cenho, e o olhou — Por que sempre tem frio? Efeitos secundários da Dopamina?

Ele assentiu.

— É também a razão pela qual necessito a bengala. Não posso sentir meus braços nem minhas pernas.

Não tinha ouvido de muitos vampiros que tivessem essa reação ante a droga, mas em definitivo, as reações individuais eram uma legião. E, além disso, a versão vampírica do Parkinson era uma enfermidade muito desagradável.

Rehvenge afastou seu prato e ambos permaneceram em silêncio durante um longo momento. À luz das velas, parecia de certa forma embaçado, sua energia habitual minguada, seu humor muito sombrio.

— Você tampouco parece o de sempre. — disse — Não é que o conheça tanto, mas parece...

— Como?

— Como eu me sinto. Como em um estado comatoso e ambulatorial.

Teve um rápido e breve acesso de riso.

— Isso é tão apropriado.

— Quer falar disso...

— Quer comer algo...

Ambos riram e deixaram de falar.

Rehvenge moveu a cabeça.

— Olhe, deixa que traga um pouco de sobremesa. É o menos que posso fazer. E não é um encontro para jantar. As velas estão apagadas.

— De fato, sabe algo?

— Mentiu a respeito de ter comido antes de vir e agora está faminta?

Ela riu novamente.

— Descobriu.

Quando seus olhos cor ametista se cravaram aos dela, o ambiente entre eles mudou e teve a sensação de que via muitas coisas, muitas. Especialmente quando disse com um enigmático tom de voz:

— Deixará que te alimente?

Hipnotizada, cativada, sussurrou:

— Sim. Por favor.

Seu sorriso revelou compridas e brancas presas.

— Essa é exatamente a resposta que procurava.

Qual o sabor do sangue dele em sua boca? Perguntou-se em um arrebatamento.

Rehvenge emitiu um grunhido no fundo da garganta, como se soubesse exatamente o que estava pensando. Mas não disse nada a respeito e erguendo-se em toda sua grande estatura foi à cozinha.

Quando retornou com seu prato, tinha arrumado para compor-se um pouco mais, embora quando colocou a comida frente a ela, o odorzinho de especiarias que flutuava a seu redor era muito delicioso... E não tinha nada que ver com o que tinha cozinhado para ela.

Decidida a manter-se centrada, Ehlena colocou o guardanapo no colo e provou a carne assada.

— Deus meu, isto está fabuloso.

— Obrigado. — disse Rehv enquanto se sentava — É a forma que a faz sempre a *doggen* de nossa mansão. Coloca o forno a duzentos e quarenta graus e coloca a carne, por meia hora, em seguida o apaga e o deixa repousar. Não se pode abrir a porta para ver como está. Essa é a regra, e tem que confiar na receita. Duas horas depois?

— O paraíso.

— O paraíso.

Ehlena riu quando a mesma palavra saiu da boca de ambos ao mesmo tempo.

— Bem, está realmente boa. Derrete na boca.

— Em altares da verdade, para que não pense que sou um chef, isto é o único que sei cozinhar.

— Bom, faz uma coisa à perfeição, e é mais do que algumas pessoas podem dizer.

Ele sorriu e baixou a vista para as pílulas.

— Se tomo uma agora, vai embora em seguida ao jantar?

— Se disser que não, dirá por que está tão calado?

— É uma tenaz negociadora.

— Só estou convertendo em uma via de duplo sentido. Já te contei o que me preocupava.

A tristeza escureceu seu rosto, provocando que sua boca esticasse e que as sobrancelhas se unissem formando um cenho.

— Não posso falar disso.

— Certamente que pode.

Seus olhos, agora endurecidos, caíram sobre ela.

— Da mesma forma em que você pode falar de seu pai?

Ehlana baixou o olhar a seu prato e tomou especial cuidado cortando uma parte de carne.

— Sinto. — disse Rehv — Eu... Merda.

— Não, está bem. — embora não estava — Às vezes pressiono muito. É algo muito bom quando está trabalhando no cuidado da saúde. Mas não tão bom quando se trata do plano pessoal.

Enquanto o silêncio se instalava novamente entre eles, apressou-se a comer, pensando em ir assim que terminasse.

— Estou fazendo algo do que não me sinto orgulhoso. — disse ele abruptamente.

Ela levantou o olhar. A expressão dele era definitivamente perversa, o asco e o ódio convertendo-o em alguém que, se não soubesse que era de outra forma, lhe teria medo. Não obstante, nenhum dos malignos olhares era dirigido para ela. Era uma manifestação do que sentia por si mesmo. Ou para outro.

Sabia que não seria inteligente pressioná-lo. Especialmente dado seu humor.

Por isso se surpreendeu quando ele disse:

— É algo que segue vigente.

Perguntou-se se seria pessoal ou um assunto de negócios.

Levantou os olhos para olhá-la.

— Está relacionado com certa fêmea.

Certo. Uma fêmea.

Ok, não tinha direito a sentir essa fria pressão ao redor do peito. Não era assunto dela que ele já estivesse envolvido com alguém. Nem que fosse um jogador que interpretava este jantar com carne assada, luz de velas, e sedução especial para só Deus sabia quantas fêmeas diferentes.

Ehlana clareou a garganta e baixou a faca e o garfo. Enquanto limpava a boca com o guardanapo, disse:

— Uau. Sabe nunca me ocorreu perguntar se estava emparelhado. Não tem um

nome nas costas...

- Não é minha *shellan*. E não a amo no mais mínimo. É complicado.
- Têm um filho em comum?
- Não, graças a Deus.

Ehlana franziu o cenho.

- Entretanto, se trata de uma relação?
- Suponho que pode chamar assim.

Sentindo-se como uma absoluta e delirante idiota perdida por ter se enrolado com ele, Ehlana pôs o guardanapo sobre a mesa ao lado do prato e lhe ofereceu um sorriso muito profissional enquanto ficava de pé e tomava seu casaco.

- Deveria ir agora. Obrigado pelo jantar.

Rehv amaldiçoou.

- Não devia ter dito nada...

— Se seu objetivo era me colocar na cama, tem razão. Foi um mau movimento. Ainda assim agradeço que foi honesto...

- Não estava tratando de te levar a cama.

— Oh, claro que não, porque estaria enganando-a. — Cristo, por que estava se incomodando tanto por isso?

— Não, — estalou em resposta — é porque sou impotente. Acredite-me, se pudesse ter uma ereção, a cama seria o primeiro lugar aonde queria ir contigo.

Capítulo 28

— Passar o tempo contigo é como observar a pintura secar. — a voz de Lassiter reverberou para cima, às estalactites que pendiam do alto teto da Tumba — Porém, sem a reforma da casa... O que é uma tragédia, visto como está este lugar. Meninos sempre primam por pessimismo e tristeza? Nunca ouviram falar do Pottery Barn⁵⁴?

Tohr esfregou o rosto e percorreu a cova com o olhar, que durante séculos servira como lugar sagrado de reunião para a Irmandade. Atrás do volumoso altar de pedra ao lado do qual estava sentado, corria a parede de mármore negro que continha todos os nomes dos Irmãos, estendendo-se ao longo da parte de trás da cova. Velas negras em pesados suportes projetavam uma luz flutuante sobre todas as gravuras feitas na Antiga Língua.

- Somos vampiros. — disse — Não fadas.

— Às vezes não estou tão seguro disso. Viu esse escritório em que seu Rei costuma estar?

⁵⁴ Nota da Revisora: Cadeia de lojas dedicadas à decoração do lar.

— É quase cego.

— O que explica por que não pendurou a si mesmo dentro desse terrível destroço de cor creme.

— Acreditei que estivesse se queixando da decoração de estilo pessimismo e tristeza?

— Estou associando livremente⁵⁵.

— Evidentemente. — Tohr não olhou ao anjo, já que imaginou que o contato visual só animaria ao cara. Oh, espera. Lassiter não necessitava ajuda nisso.

— Espera que essa caveira que há no altar fale contigo ou alguma merda assim?

— Na realidade nós dois esperamos que por fim tome um fôlego. — Tohr olhou furioso ao cara — Quando estiver preparado. Quando quiser.

— Diz as coisas mais doces. — o anjo sentou seu radiante traseiro em um dos degraus de pedra ao lado de Tohr — Posso te perguntar algo?

— A sério o “não” é uma opção?

— Não. — Lassiter mudou de posição e olhou fixamente à caveira — Essa coisa parece mais velha que eu. O que é dizer muito.

— Foi o primeiro Irmão, o primeiro guerreiro que combateu ao inimigo com valentia e poderio, é o símbolo mais sagrado de força e propósito que a Irmandade tem.

Lassiter deixou de chatear por uma vez.

— Deve ter sido um grande guerreiro.

— Pensei que iria perguntar-me algo.

O anjo ficou de pé com uma maldição e sacudiu as pernas.

— Sim, quero dizer... Como culhões pode permanecer sentado aí durante tanto tempo? O traseiro me está matando.

— Sim, as câibras cerebrais são uma merda.

Embora o anjo tivesse razão quanto ao tempo transcorrido, Tohr esteve sentado ali, olhando fixamente a caveira e a parede de nomes mais à frente do altar, durante tanto tempo que, não que seu traseiro estivesse intumescido, mas, já não podia distingui-lo de maneira separada aos degraus.

Chegou à noite anterior, atraído por uma mão invisível, forçado a procurar a inspiração, a clareza e a re-conexão à vida. Em troca, encontrou só pedra. Pedra fria. E um montão de nomes que uma vez significara algo para ele e agora não eram nada mais que uma lista repleta de mortos.

— É porque está olhando no lugar errado. — disse Lassiter.

— Já pode ir.

⁵⁵ Nota da Revisora: Segundo o Método de Livre Associação que é um método utilizado para tratar de ver como funciona a mente humana, no qual uma pessoa diz a primeira palavra que lhe vem à mente depois de ter escutado uma palavra que é usada como detonante.

— Cada vez que diz isso, faz aflorar uma lágrima em meus olhos.

— Que gracioso, aos meus também.

O anjo se inclinou e a essência de ar fresco o precedia.

— Nem essa parede nem essa caveira lhe darão o que está procurando.

Tohr entrecerrou os olhos e desejou ser o suficientemente forte para lutar contra o anjo.

— Não o farão? Bem, então o estão convertendo em um mentiroso. “Chegou o momento”. “Esta noite tudo muda”. Por tua culpa os presságios estão ficando maus, sabe? Só é um mentiroso filho da puta.

Lassiter sorriu e ociosamente acomodou o aro de ouro que perfurava sua sobancelha.

— Se pensa que sendo grosseiro obterá minha atenção, estará verdadeiramente aborrecido antes que me importe.

— Porra, por que está aqui? — o esgotamento de Tohr se estendeu até sua voz, debilitando-a e lhe enchendo o saco — Por que demônio não me abandonou onde me encontrou?

O anjo subiu os degraus negros de mármore e passeou de cima abaixo diante da lustrosa parede com os nomes gravados, detendo-se de vez em quando para inspecionar um ou dois.

— O tempo é um luxo, acredite ou não. — disse.

— Percebo-o mais como uma maldição.

— Sem tempo, sabe o que obtém?

— O Fade. Que era aonde me dirigia até que chegou.

Lassiter percorreu com o dedo uma linha gravada de caracteres e Tohr afastou o olhar rapidamente quando se deu conta do que soletravam. Era seu nome.

— Sem tempo, — disse o anjo — fica só o abismal e nebuloso pântano da eternidade.

— PTI⁵⁶, a filosofia me aborrece.

— Não é filosofia. É realidade. O tempo é o que dá significado à vida.

— Que se dane. Sério... Que se dane.

Lassiter inclinou a cabeça, como se ouvisse algo.

— Por fim. — murmurou — O bastardo estava me voltando louco.

— Perdão?

O anjo voltou a aproximar-se, inclinou-se diretamente frente à cara de Tohr, e disse com clara dicção:

— Escute raiozinho de sol. Sua *shellan*, Wellsie, me enviou. Esse é o motivo pelo qual não te deixei morrer.

⁵⁶ Nota da Revisora: Para tua informação.

O coração de Tohr se deteve no peito justo quando o anjo elevava o olhar e dizia:

— Por que demorou tanto?

Os shitkickers de Wrath retumbaram ao descer para o altar e respondeu com um tom de voz vexado.

— Bem, a próxima vez diga a alguém onde merda estará...

— O que disse? — resfolegou Tohr.

Quando voltou a se focar nele, Lassiter não parecia minimamente arrependido.

— Não é essa parede que deveria estar olhando. Tenta um calendário. Faz um ano que o inimigo disparou na cara de sua Wellsie. *Porra, desperta de uma vez e faz algo a respeito.*

Wrath amaldiçoou.

— Vamos, se acalme Lassi...

Tohrment se equilibrou do chão da cova com algo parecido à antiga força que uma vez teve, como se fosse um quarterback e golpeou Lassiter e apesar da diferença de peso, derrubou o anjo com força sobre o chão de pedra. Envolvendo as mãos ao redor da garganta do anjo, olhou fixamente dentro dos olhos brancos e descobrindo suas presas, apertou.

Lassiter se limitou a olhá-lo diretamente e verter sua voz diretamente no lóbulo temporal de Tohr: *O que vai fazer, idiota? Vai vingá-la, ou desonrá-la te deixando esgotar assim?*

A enorme mão de Wrath agarrou o ombro de Tohr como a garra de um leão, cravando-se, puxando para trás.

— Solte-o.

— Não... — o fôlego de Tohr saía a baforadas — Nunca... Volte...

— Já basta. — exclamou Wrath.

Tohr foi afastado para trás até que caiu de bunda, e, enquanto ricocheteava como um pau deixado cair ao chão saiu de seu transe assassino. Também recuperou o julgamento.

Não sabia de que outra maneira descrevê-lo. Foi como se algum interruptor fosse acionado e sua fileira de luzes, que esteve apagada, tivesse voltado para a vida repentinamente, plena de eletricidade outra vez.

O rosto de Wrath entrou em seu raio de visão, e Tohr o viu com uma clareza que não teve desde... Nunca.

— Está bem? — perguntou seu irmão — Aterrissou com força.

Tohr estendeu as mãos e percorreu os fortes braços de Wrath tratando de conseguir uma percepção da realidade. Jogou um olhar a Lassiter e logo olhou fixamente ao rei.

— Lamento... Isso.

— Está me tirando o sarro? Todos querem estrangulá-lo.

— Sabe, vou terminar com um complexo. — disse Lassiter entre tosses enquanto

tentava recuperar o fôlego.

Tohr agarrou os ombros do rei.

— Ninguém diz nada a respeito dela. — gemeu — Ninguém diz seu nome, ninguém fala sobre... O que aconteceu.

Wrath segurou a nuca de Tohr e o sustentou.

— Por respeito a você.

Os olhos de Tohr foram para a caveira que havia sobre o altar e em seguida para a parede cinzelada. O anjo estava certo. Só havia um nome que podia lhe devolver a prudência, e não estava inscrito ali.

Wellsie.

— Como soube onde estávamos? — perguntou a seu rei, ainda concentrado na parede.

— Às vezes, as pessoas precisam retornar à origem. Onde tudo começou.

— É hora. — disse o anjo cansado em voz baixa.

Tohr contemplou a si mesmo, ao debilitado corpo por baixo das folgadas roupas. Era uma quarta parte do macho que tinha sido, possivelmente, inclusive menos. E isso não se devia só a todo o peso que perdera.

— Oh, Jesus... Olhe o que sou.

A resposta de Wrath foi clara e concisa.

— Se você está preparado, nós estamos preparados para que retorne.

Tohr olhou o anjo, precavendo-se pela primeira vez da aura dourada que o envolvia. O enviado do céu. O enviado de Wellsie.

— Estou preparado. — disse, a ninguém em particular e a todo mundo em geral.

Enquanto Rehv olhava fixamente a Ehlena através da mesa, pensou: bem, ao menos depois que deixei cair a bomba não foi diretamente à saída.

Impotente não era uma palavra que quisesse usar frente a uma fêmea em que está interessado. A menos que fosse usar ao estilo tenor de: *Porra, não, NÃO sou impotente.*

Ehlena voltou a sentar-se.

— É... É por causa da medicação?

— Sim.

Os olhos dela o evitaram, como se estivesse fazendo cálculos mentais, e o primeiro pensamento que lhe veio à mente foi: *Minha língua ainda funciona e também meus dedos.*

Guardou esse pensamento para si.

— A dopamina tem um efeito estranho em mim. Em vez de estimular a testosterona, drena essa merda de meu corpo.

Os cantos da boca dela se estenderam para cima.

— O que vou dizer é absolutamente impróprio, mas considerando quão viril é sem ela...

— Seria capaz de te fazer amor. — disse quedamente — Assim é como seria.

Fulminou-o com um olhar cheio de: *Santa merda acaba de dizer isso?*

Rehv acariciou o moicano com uma mão.

— Não vou desculpar-me pelo fato de gostar de você, mas tampouco te faltarei o respeito tratando de fazer algo a respeito. Quer café? Já está preparado.

— Ah... Pois sim. — como se esperasse que pudesse lhe clarear a cabeça — Escute... Deteve-se pela metade de levantar.

— Sim?

— Eu... Ah...

Quando ela não continuou, ele se encolheu de ombros.

— Só me permita trazer o café. Quero te servir. Faz-me feliz.

Dizer feliz era fodidamente pouco. Enquanto retornava à cozinha, uma flagrante satisfação atravessou seu torpor. O fato de estar alimentando-a com a comida que preparou para ela, lhe dando bebida para aliviar sua sede, lhe proporcionando um refúgio para o frio...

As narinas de Rehv captaram um aroma estranho, ao princípio pensou tratar-se da carne assada que deixara fora, devido a tê-la esfregado a parte exterior da carne com especiarias. Mas não... Não era isso.

Considerando que tinha outras coisas que se preocupar além de seu nariz, foi até os gabinetes e tirou uma xícara e um pires. Após servir o café, endireitou as lapelas da jaqueta...

E ficou gelado.

Elevou a mão para seu nariz, inalou profundamente e não pôde acreditar o que estava cheirando. Não podia ser possível...

Salvo que esse aroma só podia significar uma coisa, e não tinha nada a ver com seu lado *symphath*: a misteriosa fragrância que desprendia era o aroma da vinculação, a marca que os vampiros machos deixavam na pele e sexo de suas fêmeas a fim de que outros machos soubessem à ira de quem se exporiam se atreviam-se a aproximar-se.

Rehv baixou o braço e olhou para a porta de serviço, aturdido.

Quando chegava a certa idade, não esperava mais surpresas de seu corpo. Ao menos, não das positivas. Articulações trementes. Pulmões com falta de ar. Visão ruim. Certo, quando chegasse o momento. Mas realmente, durante os novecentos anos ou assim seguiam após a transição, tinha o que tinha.

Embora positivo pudesse não ser o termo exato que utilizaria para esta mudança.

Sem razão aparente, pensou na primeira vez que praticou sexo. Fora justamente após sua transição, e, quando o ato acabou estivera convencido de que a fêmea e ele se emparelhariam e viveriam juntos e felizes o resto de suas vidas. Era perfeitamente formosa, uma fêmea que o irmão de sua mãe trouxera para casa para que Rehv usasse quando entrasse na mudança.

Era morena.

Jesus, agora não podia recordar seu nome.

Ao recordar, com o que aprendera depois sobre machos, fêmeas e atração, sabia que a surpreendera com o fato de quão grande se tornara seu corpo após a mudança. Ela não esperava gostar do que viu. Não esperava desejá-lo. Mas o fez e se tornaram um casal, o sexo foi uma revelação, a sensação de toda essa carne, o ímpeto viciador, o poder que teve ao tomar o controle depois das primeiras duas vezes.

Descobriu ter uma lingüeta, e... Como ela estava tão ávida dele, não esteve certo de que notara que teve de esperar um pouco antes que pudesse retirar-se de seu interior.

O resultado foi que, sentiu-se em paz, muito contente. Mas não houvera desenlace de viveram-felizes-para-sempre. Com o suor ainda secando sobre o corpo, vestiu as roupas e se dirigiu à porta. Justamente quando se ia, sorriu docemente e disse que não cobraria de sua família pelo sexo.

Seu tio a tinha comprado para que o alimentasse.

Ao considerá-lo agora, parecia-lhe gracioso, era realmente uma surpresa onde tinha acabado? O sexo por conveniência tinha sido brocado em seu interior muito condenadamente cedo... Apesar de que esse primeiro ato sexual ou os seis primeiros foram por conta da casa, por assim dizer.

Por isso, se esse misterioso aroma significava que sua natureza vampira se vinculou com a Ehlena, não se tratava de boas notícias.

Rehv agarrou o café, e, cuidadosamente atravessou a porta de serviço com ele, saindo à sala de jantar. Quando o colocou frente a ela desejou tocar seu cabelo, mas em troca se sentou.

Ela levou a xícara aos lábios.

— Faz um bom café.

— Ainda não o provou.

— Posso cheirá-lo. E adoro como cheira.

Não é o café, pensou. Ao menos não de todo, em qualquer caso.

— Bom, adoro seu perfume. — disse ele, como tonto que era.

Ela franziu o cenho.

— Não levo nenhum. Quero dizer, além do sabonete e xampu que uso.

— Caramba, então gosto do aroma desses. E estou muito contente que tenha ficado.

— É isto o que tinha planejado?

Seus olhos se encontraram. Merda, ela era perfeita. Radiante como eram as velas.

— Que ficasse até chegar ao café do final? Sim, suponho que um encontro era o que perseguia.

— Pensei que estava de acordo comigo.

Porra, esse tom de voz ofegante o fazia desejar tê-la apertada contra seu peito nu.

— De acordo contigo? — perguntou — Demônios, se te fizesse feliz diria que sim a tudo. Mas a que se refere especificamente?

— Disse... Que não deveria me encontrar com ninguém.

Ah, claro.

— Não deveria.

— Não entendo.

Que se dane, por isso. Rehv pôs seu intumescido cotovelo na mesa e se inclinou para ela. Enquanto cortava a distância, os olhos dela aumentaram, mas não retrocedeu.

Deteve-se, para lhe dar a oportunidade de dizer que cortasse essa merda. Por quê? Não tinha nem idéia. Seu lado *sympath* só fazia pausa somente para analisar ou tirar melhor proveito de uma debilidade. Mas, ela fazia que quisesse ser decente.

Não obstante, Ehlena não disse que se afastasse.

— Não... Entendo. — sussurrou ela.

— É simples. Não acredito que deva se encontrar com ninguém. — Rehv se aproximou ainda mais, até que pôde ver os pontinhos dourados em seus olhos — Porém, não sou precisamente ninguém.

Capítulo 29

Porém, não sou precisamente ninguém.

Enquanto olhava fixamente os olhos de ametista de Rehvenge, Ehlena pensou que era precisamente certo. Nesse momento de silêncio, com uma explosiva vibração sexual entrelaçando-os e o aroma de uma misteriosa colônia no ar, Rehvenge era tudo, abrangendo tanto seres como objetos.

— Deixará que te beije. — disse.

Não era uma pergunta, mas de toda forma ela assentiu, e ele estreitou a distância entre suas bocas.

Seus lábios eram suaves e seu beijo ainda mais suave. E, na opinião dela, afastou-se muito rápido. Verdadeiramente muito rápido.

— Se quiser mais. — disse em voz baixa e rouca — Quero te dar.

Ehlena olhou sua boca fixamente e pensou em Stephan... E em todas as alternativas que já não tinha. Estar com Rehvenge era algo que desejava. Não fazia sentido, mas nesse momento não lhe importava.

— Sim. Quero mais. — porém, logo lhe fez evidente. Ele não podia sentir nada, verdade? Então o que passaria se levavam isto mais longe?

Sim, e como abordava esse tema sem fazê-lo sentir-se um aleijado? E o que se passava com essa outra fêmea dele? Evidentemente, não estava deitando-se com ela, mas

havia algo sério entre eles.

Os olhos cor ametista baixaram a seus lábios.

— Quer saber o que obtenho disto?

Homem, essa voz era puro sexo.

— Sim. — suspirou.

— Poderei vê-la como está agora.

— Como... Estou?

Deslizou um dedo por sua bochecha.

— Está ruborizada. — seu roçar deslocou para seus lábios — Sua boca está aberta porque está pensando em mim te beijando outra vez. — desceu com essa tenra carícia, indo para a garganta — Seu coração está bombeando. Posso vê-lo nesta veia aqui. — deteve-se entre os seios, abriu a boca e suas presas se distenderam — Se continuo, acredito que descobriria que seus mamilos endureceram e sem dúvida há outros sinais de que está preparada para mim. — inclinou-se sobre seu ouvido e sussurrou — Está preparada para mim, Ehlena?

Santa. Merda.

Seu tórax se estendeu com força ao redor dos pulmões, e uma doce e atordoante sensação de sufocamento fez que a corrente que repentinamente sentiu entre as coxas fosse ainda mais contundente.

— Ehlena, responda. — Rehvenge acariciou seu pescoço com o nariz, percorrendo sua veia com uma afiada presa.

Enquanto jogava a cabeça para trás, agarrou-se à manga do elegante terno, apertando o tecido. Tinha passado tanto tempo... Uma eternidade... Desde a última vez que alguém a abraçou. Desde que foi algo mais além de ser uma cuidadora de um doente. Desde que sentisse seus peitos, quadris e coxas como sendo algo mais que partes que deviam ser cobertas antes de sair em público. E agora este formoso macho que não era precisamente-ninguém desejava estar com ela com o único propósito de agradá-la.

Ehlena teve que piscar rapidamente, sentindo como se acabassem de lhe dar um presente, e se perguntava quão longe poderia chegar o que estavam a ponto de iniciar. Tempos atrás, antes que sua família caísse em desgraça com a *glymera* e fossem desarraigados, esteve prometida a um macho e ele a ela. A cerimônia de casamento foi acertada, mas depois da mudança de fortuna de sua família não chegou a realizar-se.

Todavia, quando estavam juntos, deitou-se com o macho, embora como fêmea de valia da *glymera* não deveria tê-lo feito porque ainda faltava unirem-se formalmente. A vida parecia muito curta para esperar.

Agora, sabia que era inclusive mais curta do que pensara.

— Tem uma cama neste lugar? — perguntou.

— E mataria por te levar ali.

Foi ela a que se levantou e estendeu a mão para ele.

— Vamos.

O que o convertia em algo correto era que tudo era para a Ehlena. A falta de sensações de Rehv o deixava completamente fora da equação, liberando ambos das desagradáveis implicações que teria se ele estivesse envolvido.

Homem, que divertido que era isto. Devia entregar seu corpo à princesa. Mas escolhia dá-lo a Ehlena...

Bom, merda, não sabia exatamente o que, mas era muitíssimo mais que só seu pênis. Também tinha muito mais valor.

Agarrando a bengala, porque não queria ter que depender dela para estabilizar-se, levou-a ao quarto, com a cama do tamanho de uma piscina, a colcha de cetim negro e a vista panorâmica.

Fechou a porta com a mente, embora não houvesse ninguém mais no apartamento de cobertura, e o primeiro que fez foi dar a volta a Ehlena para tê-la frente a ele e soltar seu cabelo do retorcido nó. As ondas de uma intensa cor loira avermelhada caíram, chegando abaixo dos ombros, e, apesar de não poder sentir as sedosas mechas, pôde cheirar a ligeira e natural fragrância de seu xampu.

Era limpa e fresca, como um riacho no qual poderia banhar-se.

Deteve-se, um desconhecido aguilhão de consciência o paralisou. Se soubesse o que ele era, se soubesse o que fazia para viver, se soubesse o que fazia com seu corpo, não o escolheria. Estava seguro disso.

— Não se detenha. — disse, elevando o rosto para cima — Por favor...

À força de vontade, segmentou, tirando do quarto as coisas más, a depravada vida que levava e as perigosas realidades que confrontava, as isolando, as enclausurando.

A fim de que fossem somente eles.

— Não me deterei a menos que você queira que o faça. — disse. E se queria ele o faria, sem fazer perguntas. O último que jamais queria fazer era que ela se sentisse da mesma maneira que ele a respeito do sexo.

Rehv se inclinou para frente, pôs os lábios sobre os dela, e a beijou cuidadosamente. Como não podia estimar a sensibilidade, não queria esmagá-la, e tinha a impressão que ela se apertaria contra ele se quisesse mais...

Ehlena fez justamente isso, envolveu os braços ao seu redor e os fundiu quadril com quadril.

E... Merda, sentiu algo. Parecia um nada, uma chama de emoção abriu caminho através de seu intumescimento, a onda que irradiava era débil, mas definitivamente era uma calidez que podia sentir. Durante uma fração de segundo se retraiu, alcançado pelo arpão do medo... Mas sua visão permaneceu em três dimensões, e o único vermelho que via provinha do resplendor do relógio digital que havia sobre a mesinha de noite.

— Está tudo bem? — perguntou ela.

Ele esperou um par de segundos mais.

— Sim... Sim, absolutamente. — riscou seu rosto com o olhar — Deixará-me te despir?

Oh, Deus, acabava de dizer isso?

— Sim.

— Oh... Obrigado...

Rehv desabotoou lentamente a parte dianteira do uniforme, cada centímetro de pele era toda uma revelação, o ato não era tanto para despi-la senão para revelá-la. E, foi com mãos atentas que deslizou a metade superior do que vestia por seus ombros, para baixo, passando sobre os quadris até cair ao chão. Quando a teve frente a ele com o sutiã branco, as meias brancas e o indício das calcinhas brancas aparecendo sob as meias, sentiu-se estranhamente honrado.

Mas isso não era tudo. O aroma de seu sexo acendeu um zumbido em seus ouvidos que o fez sentir como se estivesse consumindo carreiras de coca durante uma semana e meia sem parar. Ela o desejava. Quase tanto como ele desejava atender seus desejos.

Rehv a levantou rodeando sua cintura com os braços e estreitando-a contra si. Não pesava nada absolutamente, e o soube pelo fato que sua respiração não mudou em nada enquanto a carregava e a punha sobre a cama.

Quando retrocedeu para contemplá-la, Ehlena não era como as fêmeas com as que esteve. Não estendeu e abriu as pernas, não brincou consigo mesma, não se arqueou nem realizou uma variante da representação das putas de “vêem-e-toma-me-grandalhão”.

Além, tampouco queria lhe causar dor e não tinha nenhum interesse em envergonhá-lo... Em seus olhos não havia rastro de ardente e erótica crueldade.

Ela somente o olhava fixamente com admiração e honesta antecipação, uma fêmea sem ardis nem maquinações... Que era um trilhão de vezes mais sexy que alguém com quem esteve alguma vez ou tenha visto por aí.

— Quer-me vestido? — perguntou.

— Não.

Rehv desfez-se da jaqueta como se não fosse feita para uma propaganda de lojas, jogou a obra de arte da Gucci ao chão sem nenhum cuidado. Tirou os sapatos de um chute, desabotoou o cinto e deixou as calças caírem, deixando-as onde tinham caído. Tirou a camisa rapidamente. Assim como as meias três-quartos.

Vacilou com os bóxers, colocou os polegares na cintura, preparado para dar o puxão, mas sem terminar o movimento.

A falta de uma ereção o envergonhava.

Rehv não pensou que tivesse importância. Demônios, embora fosse certamente discutível, seu flácido pênis era o que fazia isto possível. Mas, de toda forma, sentia-se menos macho.

Para falar a verdade, não se sentia macho absolutamente.

Tirou as mãos e as pôs sobre o sexo flácido.

— Vou deixar estes postos.

Ehlana estendeu uma mão, com uma expressão de desejo nos olhos.

— Quero estar contigo da maneira que venha.

Ou que não venha, como era o caso.

— Sinto-o. — disse baixinho.

Houve um momento incômodo, mas o que ela podia responder? E, entretanto, de uma ou outra maneira ele esperava, desejava... Algo dela.

Reafirmação?

Jesus, que merda andava mal com ele. Todos estes estranhos pensamentos e reações estavam riscando encruzilhadas na paisagem de seu lóbulo temporal, ardentes caminhos para os destinos dos que ele só ouviu falar com outras pessoas, para lugares como a vergonha, a tristeza e a preocupação. Também para a insegurança.

Possivelmente os hormônios sexuais que ela estava agitando nele eram como a dopamina, lhe provocando o efeito contrário. Convertendo-o em uma garota.

— Fica tão bonito sob esta luz. — disse em tom rouco — Seus ombros e peito são tão grandes, não posso imaginar como é ser tão forte. E seu estômago... Desejaria que o meu fosse tão plano e firme. Suas pernas são muito poderosas também, todo músculo, sem um grama de gordura.

Enquanto subia a mão desde seu abdômen até um dos peitorais, percorreu com o olhar o ventre brandamente arredondado dela.

— Penso que é perfeita tal como é.

A voz dela adotou um tom grave.

— E acredito o mesmo de você.

Rehv tomou fôlego com dificuldade.

— Sim?

— A mim parece muito sexy. Somente te olhar... Faz-me te desejar.

Bem... Aí o tem. E, ainda assim requereu uma estranha espécie de valor voltar a deslizar os polegares sob a cintura dos bóxers e fazê-los baixar lentamente pelas coxas.

Quando se deitou ao seu lado, seu corpo tremia, e o soube por que podia ver o tremor de seus músculos.

Importava-lhe o que ela pensasse dele. De seu corpo. Pelo que ia acontecer nessa cama. Com a princesa? Importava-lhe um traseiro de rato se gozava com o que ele fazia. E nessas poucas ocasiões em que esteve com suas garotas, não quis machucá-las, é obvio, mas fora uma troca de sexo por dinheiro.

O que teve com Xhex foi simplesmente um engano. Nem bom nem mau. Somente era algo que tinha acontecido e nunca voltaria a acontecer.

Ehlana passou as mãos por seus braços e sobre os ombros.

— Beije-me.

Rehv a olhou aos olhos e fez exatamente isso, aproximando os lábios aos dela, acariciou-os, logo estendeu a língua e lambeu sua boca. Continuou beijando-a até que ela se agitou na cama e o apertou com as mãos tão firmemente que o estranho eco de emoção estalou outra vez. O sentimento fez que se detivesse e abrisse os olhos para checar sua visão, mas tudo era normal, sem manchas de vermelho.

Retornou ao que estava desfrutando, sendo cuidadoso porque não podia medir a pressão do contato, deixando que ela fosse para ele para esmagá-la com a boca.

Ele desejava ir tão mais longe... E leu sua mente.

Ehlena tomou a iniciativa e tirou o sutiã, soltando o fecho frontal e despindo-se. Oh... Caramba, sim. Seus peitos estavam perfeitamente proporcionados e coroados com escuros mamilos rosados... Que rapidamente sugou ao interior de sua boca primeiro um e logo o outro.

O som de seus gemidos acendeu seu corpo, substituindo o frio por vida e energia, calidez e necessidade.

— Quero descer por seu corpo. — grunhiu.

Seu “Por favor” foi mais um gemido que uma palavra, e seu corpo, de fato, ofereceu uma resposta ainda mais clara. Nesse momento separou as coxas, e abriu as pernas, oferecendo todo o convite que alguma vez poderia ter pedido.

Essas suas meias teriam que sair antes que terminasse mastigando-as.

Rehv era tão lento e consciencioso como podia suportar ser, despindo de sua carne as finas roupas, acariciando-a com o nariz ao longo de todo o caminho até os tornozelos, inalando profundamente enquanto o fazia.

Deixou-lhe as calcinhas postas.

A ternura de Rehvenge foi o que mais surpreendeu Ehlena.

Apesar de seu grande tamanho, foi tão cuidadoso com ela como pôde, movendo-se meigamente sobre seu corpo, lhe dando toda oportunidade de dizer não ou de desviá-lo ou de deter as coisas por completo.

Não tinha intenção de fazer nada disso.

Especialmente quando a grande mão perambulou para cima pelo interior de sua perna nua e sutilmente, inexoravelmente abriu suas coxas ainda mais. Quando os dedos roçaram as calcinhas, um disparo de eletricidade chispou em seu sexo, o mini-orgasmo a deixou ofegando.

Rehvenge se impulsionou para cima e falou em seu ouvido com um grunhido.

— Eu gosto desse som.

Apoderou-se de sua boca e lhe acariciou o sexo por cima do modesto algodão que a cobria. Os profundos arremessos da língua contrastavam com as carícias de mariposa, e ela jogou a cabeça para trás, perdendo-se completamente nele. Arqueou os quadris, queria que fosse sob as calcinhas, e rezou para que captasse a indireta, porque estava sem ar e

desesperada para falar.

— O que quer? — disse em seu ouvido — Quer que não haja nada entre nós?

Quando assentiu, o dedo do meio deslizou sob o elástico, e logo foi pele contra pele e...

— Oh... Deus. — gemeu quando um gozo palpitou através de seu corpo.

Rehvenge sorriu como um tigre ao acariciá-la enquanto tinha o orgasmo ajudando-a a agüentar as pulsações. Quando finalmente se aquietou, sentiu-se envergonhada. Não esteve com ninguém em muito tempo, e nunca com alguém como ele.

— É incrivelmente formosa. — sussurrou antes que ela pudesse dizer algo.

Ehlena virou o rosto para seus bíceps e beijou a suave pele que cobria o tenso músculo.

— Fazia muito tempo que não o fazia.

Um sereno resplendor acendeu o rosto dele.

— Gosto disso. Muitíssimo. — deixou a cabeça cair sobre seu peito e beijou seu mamilo — Gosto que respeite seu corpo. Nem todo mundo o faz. Oh, e por certo, ainda não terminei.

Ehlena cravou suas unhas em sua nuca quando puxou sua calcinha fazendo-a descer por suas coxas. A visão da língua rosada provocando seu peito a paralisou, especialmente quando os olhos cor ametista se encontraram com os seus enquanto rodeava o mamilo e começava a movê-lo de um lado a outro com rápidas passadas da língua... Como se lhe oferecesse um adiantamento da atenção que a seguir poderia esperar mais abaixo.

Ela gozou de novo. Intensamente.

Esta vez Ehlena se deixou ir completamente, e foi um alívio estar em sua pele e com ele. Enquanto se recuperava do prazer, nem sequer se sobressaltou quando começou a abrir caminho para baixo beijando o estômago e mais à frente para sua...

Gemeu tão alto que ecoou.

Como tinha ocorrido com os dedos, a sensação da boca sobre seu sexo era muito mais vívida porque apenas a tocava. As suaves carícias pareciam suspensas sobre esse vulnerável e ardente lugar de seu corpo, fazendo que se esforçasse para sentir, transformando cada passada de seus lábios e sua língua em uma fonte tanto de prazer como de frustração.

— Mais. — exigiu, levantando os quadris.

Ele elevou os olhos ametistas.

— Não quero ser muito rude.

— Não será. Por favor... Está me matando...

Com um grunhido, inundou-se nela e cobriu seu sexo com a boca, chupando-a, sugando-a dentro de sua boca. Gozou novamente, esta vez com fortes e devastadores estalos, mas ele o fez bem. Continuou sugando, agüentando suas sacudidas e encurvações, o som de lábios contra lábios se elevou junto com os gritos guturais dela enquanto a

acariciava e a fazia chegar ao clímax uma e outra vez.

Quando só Deus sabia quantas vezes chegou ao clímax, ficou quieta e ele também. Ambos estavam ofegando, ele tinha a reluzente boca sobre a parte interior de sua coxa e três de seus dedos enterrados firmemente dentro dela, seus aromas misturando-se no tórrido ar de...

Ela franziu o cenho. Parte da embriagadora fragrância que havia na habitação era... De especiarias escuras. E quando inalou profundamente, ele levantou os olhos para os dela.

Sua expressão emocionada deve ter mostrado exatamente à conclusão a que tinha chegado.

— Sim, também estou captando o aroma. — disse com rudeza.

Salvo que, não podia haver-se vinculado com ela, verdade? A sério podia acontecer tão rápido?

— Para alguns machos ocorre assim. — disse ele — Evidentemente.

De repente se deu conta que lhe estava lendo a mente, mas não se importou. Considerando onde esteve, pinçar em seu cérebro não parecia nem a metade de íntimo.

— Não o esperava. — disse.

— Tampouco estava em minha lista. — Rehvenge retirou os dedos e os lambeu com deliberadas carícias de sua língua, até deixá-los limpos.

O que naturalmente voltou a excitá-la.

Manteve o olhar fixo nele enquanto voltava a acomodar-se sobre os travesseiros entre os que ela se derrubou.

— Se não tem nem idéia do que dizer se una ao clube.

— Não há nada que dizer. — murmurou — É simplesmente um fato.

— Sim.

Rehvenge rodou até ficar sobre suas costas, e enquanto deitavam na escuridão com uns quinze centímetros de distância entre eles, sentiu saudades como se tivesse abandonado o país.

Ficando de lado, apoiou a cabeça na parte interior do braço e o contemplou enquanto ele olhava fixamente o teto.

— Desejaria poder te dar algo. — disse, deixando todo o tema da vinculação para depois. Muito falar ia arruinar o que acabavam de compartilhar, e ela queria conservá-lo um pouco mais.

Ele a olhou.

— Está louca? Preciso te recordar o que acabamos de fazer?

— Quero te dar algo parecido. — encolheu-se — Não quis fazer soar como se tivesse faltado algo... Quero dizer... Merda.

Sorriu e roçou sua bochecha.

— É doce de sua parte, não se sinta incômoda por isso. E não subestime o muito que tudo isso me agradou.

— Quero que saiba algo. Ninguém poderia me haver feito sentir melhor ou mais formosa do que você acaba de fazer.

Girou para ela e imitou sua posição, com a cabeça apoiada em seu grosso bíceps.

— Vê porque foi bom para mim?

Tomou a mão entre as suas e beijou a palma, só para franzir o cenho.

— Está se esfriando. Posso notar.

Incorporou-se e puxou o edredom para cobrir seu corpo, envolvendo-o primeiro, logo o abraçou, enquanto se estendia por cima das mantas.

Permaneceram assim durante um século.

— Rehvenge?

— Sim.

— Toma minha veia.

Deu-se conta de que lhe deu um susto do demônio pela forma em que deixou de respirar.

— Perdão... O-o que?

Teve que sorrir, pensando que não era o tipo de macho que tendia a balbuciar muito.

— Toma minha veia. Deixe-me te dar algo.

Através dos lábios abertos viu como se alargavam suas presas, e não o fizeram pouco a pouco, mas antes foi como se tivessem aflorado de repente do crânio.

— Não estou certo... Se isso seria... — enquanto sua respiração se fazia mais irregular sua voz se fazia mais grave ainda.

Ela pôs a mão no pescoço e massageou a jugular lentamente.

— Acredito que é uma grande idéia.

Quando seus olhos brilharam com uma cor púrpura, ela se deitou de costas e inclinou a cabeça a um lado, expondo a garganta.

— Ehlena... — os olhos percorreram seu corpo e retornaram a seu pescoço.

Agora estava ofegante e ruborizado, e uma fina película de suor cobria a porção dos ombros que aparecia fora das mantas. E isso não era nem a metade. O aroma de escuras especiarias estalou até saturar o ar, sua química interna reagiu ante a necessidade que tinha dela e o que ela queria fazer por ele.

— Oh... Merda, Ehlena...

Abruptamente, Rehvenge franziu o cenho e baixou o olhar para si mesmo. Sua mão, a que tinha acariciado meigamente sua bochecha, desapareceu sob as mantas e sua expressão mudou: a paixão e o propósito se dissiparam imediatamente, deixando só uma espécie de turvada indignação.

— Sinto-o. — disse com voz rouca — O sinto... Não posso...

Rehvenge se arrastou para fora da cama e levou o edredom com ele, liberando-o de um puxão de debaixo do corpo dela. Moveu-se rápido... Mas não o suficiente para que ela

deixasse de notar o fato de que tinha uma ereção.

Estava excitado. Grande, comprido e duro como um fêmur.

E não obstante desapareceu no banheiro e fechou a porta com firmeza.

E logo a trancou.

Capítulo 30

John disse ao Qhuinn e ao Blay que ficaria em seu quarto o resto da noite, e quando esteve seguro de que engoliram a mentira, escapuliu para o exterior através dos quartos do pessoal da casa, e se dirigiu diretamente ao ZeroSum.

Tinha que se mover rápido, porque certo como a merda que um dos dois iria vê-lo e então formariam uma condenada busca.

Evitando a entrada principal do clube, rodeou-o e foi ao beco onde uma vez viu como Xhex rompia a cabeça de um imbecil que tinha uma boca grande e um punhado de coca. Encontrando a câmera de segurança que havia em cima da saída lateral, John levantou a cabeça e olhou para a lente.

Quando a porta se abriu, não teve nem que olhar para saber que era ela.

— Quer entrar? — disse.

Ele sacudiu a cabeça, e dessa vez não o preocupou a barreira da comunicação. Merda, não sabia o que dizer. Não sabia por que estava ali. Só sabia que tinha que ir.

Xhex saiu do clube e apoiou as costas contra a porta, cruzando uma bota com ponta de aço sobre a outra.

— Contou a alguém?

Ele a olhou nos olhos serenamente e sacudiu a cabeça.

— Vai fazê-lo?

Voltou a sacudir a cabeça.

Com um tom suave, um que nunca escutou dela nem esperou, sussurrou-lhe:

— Por quê?

Ele simplesmente se encolheu de ombros. Francamente, surpreendia-o que não tivesse tratado de tirar suas lembranças. Era mais certo. Mais limpo...

— Deveria ter tirado suas lembranças. — disse, fazendo com que se perguntasse se estava lendo sua mente — A noite passada estava fodida da cabeça, e foi tão rápido que não o fiz. Naturalmente, agora seria um longo passo, assim...

Deu-se conta que era por isso que tinha vindo. Queria assegurar que se manteria calado.

A partida de Thor fortalecera a decisão. Quando John foi falar com o Irmão e confrontou que o macho tinha desaparecido de novo, sem dizer nenhuma palavra outra

vez, algo mudou em seu interior, como uma rocha sendo transladada de um lado a outro dentro de seu jardim, uma mudança permanente na paisagem.

John estava sozinho. E, portanto, suas decisões eram dele. Respeitava Wrath e à Irmandade, mas não era um irmão e talvez nunca fosse. Claro, era um vampiro, mas tinha passado a maior parte de sua vida separado da raça, por isso a repulsão pelos *symphath* era algo que nunca compreendeu de todo. Sociopatas? Demônios, quanto ao que lhe concernia, essa merda começava em casa, com o comportamento que tiveram Zsadist e V antes de emparelhar-se.

John não ia entregar Xhex ao rei para que fosse deportada à colônia. De maneira nenhuma.

Agora a voz dela se voltou áspera:

— Então, o que quer?

Dado o tipo de gente de baixa índole, oportunista e desesperada com que ela tratava noite após noite, não estava nada surpreso pela pergunta.

Sustentando seu olhar, sacudiu a cabeça e realizou um movimento de corte sobre sua garganta.

Nada, vocalizou.

Xhex o olhou com seus frios olhos cinza, e a sentiu meter-se em sua cabeça, percebendo o impulso contra seus pensamentos. Deixou-a explorar para que visse qual era sua posição, porque isso, mais que qualquer palavra que pudesse pronunciar, daria-lhe a maior tranquilidade.

— John Matthew, é um em um milhão. — disse em voz baixa — A maioria das pessoas se aproveitaria disto como a merda. Especialmente dado o tipo de vícios que posso te prover aqui no clube.

Ele se encolheu de ombros.

— Então, para onde se dirigia esta noite? E onde estão seus companheiros?

Ele sacudiu a cabeça.

— Quer falar sobre o Thor? — quando os olhos dele dispararam para os dela, disse-lhe — Sinto, mas está em sua mente.

Quando John sacudiu a cabeça outra vez, algo lhe tocou a bochecha e olhou para cima. Estava começando a nevar, flocos pequenos e diminutos formando redemoinhos no vento.

— A primeira nevada do ano. — disse Xhex, afastando-se da porta — E você sem casaco.

Ele olhou para baixo e se deu conta que tudo o que tinha vestido era um jeans e uma camiseta Nerdz. Ao menos se lembrou de calçar sapatos.

Xhex meteu a mão no bolso e a estendeu com algo dentro. Uma chave. Uma pequena chave de metal.

— Sei que não quer ir para casa, e tenho um lugar perto daqui. É seguro e

subterrâneo. Se quiser vai ali, fica todo o tempo que necessite. Obtém a privacidade que busca até que ordene toda essa merda.

Estava a ponto de sacudir a cabeça para se negar quando lhe disse na Antiga Língua:
— *Deixe-me te compensar desta maneira.*

Ele pegou a chave sem roçar sua mão e vocalizou: *Obrigado.*

Depois que lhe deu o endereço, deixou-a nesse beco com a neve flutuando para baixo do céu noturno. Quando chegou à Rua Trade, olhou sobre seu ombro. Ainda estava ao lado da porta lateral, observando-o com os braços cruzados e as botas plantadas firmemente no chão.

Os delicados flocos que aterrissavam em seu cabelo curto e escuro, e em seus ombros nus e fortes, não a suavizavam nem um pouco. Não era um anjo lhe fazendo um favor por uma simples razão. Era enigmática, perigosa e imprevisível.

E ele a amava.

John a saudou com a mão e dobrou a esquina, unindo-se a um desfile de humanos agasalhados que caminhavam rapidamente de bar em bar.

Xhex permaneceu onde estava inclusive depois que o corpo grande de John desapareceu de vista.

Um em um milhão, pensou uma vez mais. Esse menino era um em um milhão.

Enquanto voltava a entrar no clube, soube que era questão de tempo antes que seus dois amigos, ou talvez os membros da Irmandade, aparecessem tratando de encontrá-lo. Sua resposta ia ser que não o tinha visto e não tinha idéia de onde estava.

Ponto.

Ele a protegia, ela o protegia.

Isso era tudo.

Estava saindo da seção VIP quando seu auricular soou. Depois que seu segurança deixou de falar, amaldiçoou e levantou seu relógio para falar pelo rádio.

— Levem-no a meu escritório.

Após assegurar-se de que o andar estava livre de garotas trabalhadoras, entrou na parte do clube para o público em geral, e observou enquanto o Detetive da Cruz era guiado através da multidão de usuários.

— Sim, Qhuinn? — disse sem voltar-se.

— Cristo, deve ter olhos nas costas.

Olhou-o por cima de seu ombro.

— E você mantém isso em mente.

O *ahstrux nohstrum* de John era o tipo de macho com que a maioria das fêmeas queria transar. E muitos machos, também. Fazia que o negro-sobre-negro se visse

espetacular, como sua camisa Affliction⁵⁷ sob a jaqueta de motoqueiro, mas seu estilo passava por todos os lados. O cinto era Grommet⁵⁸ e as barras do jeans desgastado que levava, ganhava-os do The Cure⁵⁹. O cabelo negro aparado, o piercing no lábio e os sete brincos negros que subiam ao longo de sua orelha esquerda eram emo. As New Rocks⁶⁰ com plataformas de dez centímetros eram Góticas. As tatuagens na nuca eram Hart & Huntington⁶¹.

E quanto às armas ocultas que sabia malditamente bem que tinha guardadas sob os braços? Eram autenticamente ao estilo Rambo, e esses punhos que penduravam em seus lados? Eram absolutamente do AMC⁶².

O pacote inteiro, sem importar a procedência dos componentes, era sensual, e pelo que tinha visto no clube até pouco tempo ele dava capital importância a seu atrativo. Até o ponto em que os banheiros privados do fundo foram como o escritório de sua casa.

Entretanto, depois de ter sido promovido a guarda pessoal do John, havia diminuído o ritmo.

— O que ocorre? — disse ela.

— John esteve aqui?

— Não.

Quinn entrecebeu seus olhos desiguais.

— Não o viu para nada?

— Não.

Enquanto o tipo a olhava fixamente, sabia que não estava captando nada. A mentira vinha em segundo lugar depois do assassinato em sua lista de habilidades.

— Maldito seja. — murmurou, passeando o olhar pelo clube.

— Se o vir, direi que o está procurando.

— Obrigado. — voltou a se focar nela — Escuta, não sei que merda aconteceu entre vocês dois, e não é assunto meu...

Quinn revirou os olhos.

— O que explica claramente por que o está mencionando agora.

— É um bom macho. Só mantém isso em mente, está bem? — o olhar verde e azul de Quinn estava cheio de um tipo de clareza que só uma vida verdadeiramente dura daria a um macho — A muitas pessoas não cairia bem que o derrubassem sobre o traseiro.

⁵⁷ Nota da Revisora: Marca de roupa ao estilo das que Ozzy Osbourne usa.

⁵⁸ Nota da Revisora: É que tem muitas casas reforçadas de metal.

⁵⁹ Nota da Revisora: Banda britânica de rock cujo estilo gótico é característica do vocalista Robert Smith.

⁶⁰ Nota da Revisora: Loja de botas em estilo gótico.

⁶¹ Nota da Revisora: Casa de Tatuagens.

⁶² Nota da Revisora: Artes Marciais Combinadas. Híbrido entre vários estilos de lutas marciais.

Especialmente a mim.

No silêncio que seguiu, teve que dar crédito ao Qhuinn: a maioria das pessoas não tinha os ovos para enfrentá-la e a ameaça subjacente nessas desapaixonadas palavras era óbvia.

— Qhuinn, é boa gente, sabe. É um bom amigo.

Bateu-lhe no ombro, e logo se dirigiu para seu escritório pensando que o rei tinha feito uma escolha inteligente com o *ahstrux nohstrum* de John. Qhuinn era um pervertido filho da puta, mas um autêntico assassino, e a alegrava que fosse o que vigiava ao seu macho.

Que vigiasse o John Matthew, quis dizer.

Porque não era seu macho. No mais mínimo.

Quando chegou a sua porta, abriu-a sem excitação.

— Boa noite, Detetive.

José da Cruz ostentava outro terno de duas peças barato, e ele, seu terno e o casaco que levava em cima se viam igualmente cansados.

— Boa noite. — respondeu.

— O que posso fazer por você? — sentou-se atrás da escrivaninha e lhe fez um sinal para que se sentasse na cadeira que utilizara a última vez.

Ele foi direto ao assunto:

— Pode me dizer onde esteve ontem tarde da noite?

Não completamente, pensou. Porque a uma em ponto estava matando a um vampiro, e isso não era de sua incumbência.

— Estive aqui no clube por quê?

— Tem algum empregado que possa confirmá-lo?

— Sim. Pode falar com iAm ou com qualquer um de meu pessoal. Sempre que me diga que diabos está acontecendo.

— Ontem à noite encontramos um objeto de vestir pertencente a Grady na cena de um crime.

Oh, caramba, se alguém mais tinha assassinado a esse filho da puta, ela estaria de saco cheio.

— Mas não seu corpo?

— Não. Era uma jaqueta com uma águia nas costas, a qual era a marca dele. Era como sua assinatura, ao que parece.

— Interessante. Então por que está me perguntando onde estava?

— A jaqueta tinha salpicaduras de sangue. Não estamos certos se eram dele ou não, mas saberemos amanhã.

— Volto a repetir, por que queria saber onde estive?

Da Cruz plantou suas palmas na escrivaninha e se inclinou para frente, seus olhos marrom chocolate estavam malditamente sérios.

— Porque tenho o pressentimento de que gostaria de vê-lo morto.

— É certo que não gosto dos homens abusivos. Mas tudo o que tem é sua jaqueta, não há corpo, e se por acaso fosse pouco, estive aqui ontem à noite. Por isso se alguém o liquidou, não fui eu.

Ele se endireitou.

— Vão fazer um funeral para Chrissy?

— Sim, amanhã. O aviso saiu no jornal de hoje. Ela podia não ter muitos familiares, mas era muito apreciada na Rua Trade. Aqui somos uma grande família feliz. — sorriu Xhex

— Detetive, vai usar um bracelete negro por ela?

— Estou convidado?

— É um país livre. E iria de toda forma, verdade?

Da Cruz sorriu genuinamente, e seus olhos perderam a maior parte de sua agressividade.

— Sim, o faria. Incomoda-se se verifico os seus álibis? E tomo declarações?

— Não, nem um pouco. Chamarei-os agora mesmo.

Enquanto Xhex falava por seu relógio, o detetive passeou a vista pelo escritório, e quando ela deixou cair o braço, disse-lhe:

— A decoração não a atrai muito.

— Gosto que as coisas se limitem ao que necessito e nada mais.

— Mmm. Minha esposa gosta de decoração. Tem o dom de fazer que os lugares pareçam acolhedores. É agradável.

— Soa como uma boa mulher.

— Oh, e é. Além disso, faz o melhor queso⁶³ que alguma vez provei. — disse enquanto lhe dava uma olhada — Sabe, escutei muitas coisas a respeito deste clube.

— Sim?

— Sim. Particularmente sobre Vícios.

— Ah.

— E fiz os deveres quanto ao Grady. Foi detido no verão por um delito agravado de posse de drogas. O caso ainda está pendente.

— Bem, sei que ele será levado ante a justiça.

— Foi despedido deste clube um pouco antes dessa detenção, verdade?

— Por desviar recursos do bar.

— E, entretanto, não apresentaram queixa?

— Se chamasse à polícia cada vez que um de meus empregados levanta uns verdes, teria a vocês meninos, na discagem rápida.

— Mas escutei que essa não era a única razão pela que o tinham despedido.

— Sêrio?

⁶³ Nota da Revisora: Queijo.

— A Rua Trade, como você disse, é sua própria família... Mas isso não significa que não haja falatórios. E as pessoas me disseram que foi despedido porque estava traficando aqui no clube.

— Bem, isso é compreensível, verdade? Nunca permitiríamos que alguém traficasse em nossa propriedade.

— Porque é o território de seu chefe e ele não aprecia a concorrência.

Ela sorriu.

— Detetive, aqui não há concorrência.

E isso era verdade. Rehvenge era o macho alfa. Ponto. Qualquer limpa cú barato que tratasse de passar pequenas quantidades sob o teto do clube, era quebrado. Duramente.

— Se for honesto, não estou seguro de como o fazem. — murmurou da Cruz — Durante anos houve especulações a respeito deste lugar, e, entretanto, ninguém foi capaz de obter uma causa provável para pedir uma ordem de averiguação.

E isso acontecia porque as mentes humanas, inclusive as conectadas nos ombros dos policiais, eram facilmente manipuláveis. Algo visto ou falado podia ser apagado em um instante.

— Nada sombrio ocorre aqui. — disse ela — Assim é como o fazemos.

— Seu chefe está por aqui?

— Não, esta noite não.

— Então confia em você para dirigir seu negócio enquanto não está.

— Como eu, ele nunca vai por muito tempo.

Da Cruz assentiu.

— Boa política. Falando do tema, não sei se terá escutado, mas parece haver uma guerra de territórios em marcha.

— Guerra de território? Pensei que as duas partes de Caldwell estavam em paz uma com a outra. O rio já não é uma divisão.

— Guerra de território por drogas.

— Não sei nada sobre isso.

— É meu outro caso. Encontramos dois traficantes mortos junto ao rio.

Xhex franziu o cenho, pensando que a surpreendia não ter se informado disso ainda.

— Bom, as drogas são um negócio duro.

— Dispararam a ambos na cabeça.

— Isso o obteria.

— Ricky Martínez e Isaac Rush. Conhece-os?

— Escutei sobre eles, mas ambos apareceram nos jornais. — disse enquanto punha uma mão na cópia do CCJ que estava cuidadosamente empilhado em sua escrivaninha — E sou uma grande leitora.

— Então viu o artigo sobre eles que saiu hoje.

— Ainda não, mas estava a ponto de tomar um descanso. Tenho que ter minha dose diária de Dilbert⁶⁴.

— É esse sobre a escrivania? Durante anos fui fã de Calvin e Hobbes⁶⁵. Odiei que acabasse e na realidade não me entretive com nenhuma das novas. Suponho que fiquei no tempo.

— Gosta do que gosta. Não há nada mau nisso.

— É o que minha esposa diz. — os olhos de Da Cruz vagaram novamente pelos arredores — Então, um par de pessoas disseram que ambos vieram ao clube ontem à noite.

— Calvin e Hobbes? Um era um menino e o outro um tigre. Nenhum teria conseguido passar por meus seguranças.

Da Cruz sorriu brevemente.

— Não, Martínez e Rush.

— Ah, bom, você andou pelo clube. Todas as noites têm uma enorme quantidade de gente aqui.

— Certo. Este é um dos clubes mais bem-sucedidos da cidade. — Da Cruz colocou as mãos nos bolsos laterais de sua calça, seu casaco caiu para trás e a jaqueta de seu terno se esticou ao redor de seu peito — Um dos yonquis que vive sob a ponte viu um modelo antigo da Ford junto com uma Mercedes negra e um Lexus todo cromado deixando a área pouco depois que esses dois fossem baleados.

— Os traficantes de droga podem permitir-se bons carros. Não estou segura do que faziam com o Ford.

— O que seu chefe dirige? Um Bentley, verdade? Ou conseguiu um novo veículo?

— Não, ainda tem o Bentley.

— Um carro caro.

— Muito.

— Conhece alguém com uma Mercedes negra? Porque as testemunhas também viram uma rondando ao redor do apartamento onde foi achada a jaqueta com a águia do Grady.

— Não posso dizer que conheça algum dono de um Merc.

Houve um golpe na porta, e Trez e iAm entraram, os dois seguranças faziam que o detetive parecesse um Funda estacionado entre um par de Hummers.

— Bem, os deixo para que falem. — disse Xhex com absoluta fé nos melhores amigos de Rehv — Detetive, vejo-o no funeral.

— Se não antes. Hey, alguma vez pensou em adquirir uma planta para pôr aqui dentro? Poderia fazer a diferença.

⁶⁴ Nota da Revisora: É o nome de uma série satírica de quadrinhos cujas histórias giram ao redor do que acontece no trabalho diário em um escritório.

⁶⁵ Nota da Revisora: Outra série cômica de tom mais otimista.

— Não, sou muito boa matando coisas. — sorriu com humor — Sabe onde me encontrar. Até mais tarde.

Enquanto fechava a porta detrás dela, deixou de fingir e franziu o cenho. A guerra de territórios não era boa para o negócio, e se Martínez e Rush tinham sido mortos, era um sinal seguro de que apesar do clima de dezembro, a escória de Caldwell estava desenvolvendo outro broto de calor.

Merda, isso era o último que necessitavam.

As vibrações que sentia em seu bolso indicaram que alguém tratava de localizá-la, e respondeu a chamada no instante em que viu de quem se tratava.

— Encontrou o Grady? — perguntou brandamente.

A voz profunda de Big Rob estava cheia de frustração:

— O maldito deve estar escondido. Silent Tom e eu estivemos em todos os clubes. Também em sua casa e com alguns de seus amigos.

— Segue procurando, mas tome cuidado. Sua jaqueta foi encontrada na cena de outro crime. Os policiais o estão buscando implacavelmente.

— Não nos renderemos até que tenhamos algo positivo sobre ele para você.

— Bom menino. Agora desliga o telefone e continua com o rastreamento.

— Não há problema, chefe.

Capítulo 31

Dentro de seu banheiro escuro como uma boca de lobo, Rehvenge chocou-se contra uma das paredes de mármore, andou aos tropicções sobre o chão de mármore e ricocheteou contra o balcão de mármore. Seu corpo estava vivo, as sensações vibravam através dele, registrando a dor por ter batido o quadril, o ardor que supunha de sua respiração entrecortada nos pulmões, e o tamborilar de seu coração contra o esterno.

Deixou o edredom de cetim cair, acendeu as luzes com sua vontade e olhou para baixo.

Tinha o pênis rígido e grosso, a ponta estava brilhante e pronta para penetrar. Santa... *Merda*.

Olhou ao redor. Sua visão era normal, via as cores negra, brilhante e branco do banheiro e a borda da jacuzzi se elevava do chão, com uma óbvia profundidade. E, ainda assim, embora não visse nada plano nem de cor vermelha rubi, seus sentidos estavam completamente vivos, seu sangue estava quente e trovejava em suas veias, sua pele estava pronta para ser tocada e o orgasmo que havia na haste de sua ereção gritava para ser liberado.

Estava absolutamente vinculado com Ehlena.

E isso significava que, ao menos nesse momento, quando estava tão desesperado por ter sexo com ela, seu lado vampiro estava se impondo sobre a parte *symphath* que havia nele.

Sua necessidade dela tinha triunfado sobre a escuridão que havia nele.

Ocorreu-lhe que devia tratar-se dos hormônios da vinculação. Hormônios da vinculação que tinham alterado sua química interna.

No reconhecimento de sua nova realidade, não havia motivos para sentir uma alegria elevada, nenhuma sensação de triunfo, nem o impulso de atirar-se sobre ela e bombear em seu interior com toda a sua força. Tudo o que podia fazer era ficar olhando fixamente para baixo, a seu pênis e pensar onde havia estado antes. No que tinha feito com ele... E, com o resto de seu corpo.

Rehvenge desejava arrancar de si a estúpida coisa.

Porra, de nenhuma forma compartilharia isso com Ehlena. Salvo que... Não podia retornar ali fora nesse estado.

Rehv agarrou a ereção com sua ampla mão e acariciou a si mesmo. Oh... Porra... Sentia-se bem...

Pensou nele descendo pelo corpo de Ehlena, em que tinha sua calidez na boca e a fazia descer pelo fundo de sua garganta. Viu suas coxas estendidas e sua brilhante suavidade e seus próprios dedos deslizando-se dentro e fora enquanto ela gemia e balançava seu...

Seus testículos se comprimiram até ficarem duros como punhos, a parte baixa de suas costas ondeou como uma onda, e, essa repugnante lingüeta sua acionou apesar de não ter nada contra o qual acoplar-se. Um rugido ameaçou subir por sua garganta, mas o conteve mordendo o lábio até que saboreou seu sangue.

Rehv gozou sujando toda a mão, mas, entretanto, se apoiou contra o balcão e seguiu acariciando seu sexo. Gozou uma e outra vez, sujando o espelho e os lavabos, e ainda assim seguia necessitando mais... Como se seu corpo não se liberasse há, digamos, quinhentos anos?

Quando finalmente passou a tormenta, deu-se conta de que estava... Merda, atirado contra a parede, com a cara esmagada contra o mármore, tremiam-lhe os ombros, e suas coxas se sacudiam convulsivamente como se tivesse cabos de arranque de bateria conectados aos dedos dos pés.

Com mãos trêmulas, se pôs a limpar usando uma das toalhas dobradas minuciosamente em uma prateleira, e esfregou o balcão, o espelho e o lavabo. Em seguida, desdobrou outra e lavou as mãos, o pênis, o estômago e as pernas porque se sujou tanto como o fodido banheiro.

Quando finalmente estendeu a mão para o trinco, depois que passara quase uma hora, meio que esperava que Ehlena tivesse se ido, e não podia culpá-la: uma fêmea a quem essencialmente lhe faz o amor lhe oferece a veia e ele sai correndo para o banheiro e

se fecha como um maricas.

Porque tinha uma ereção.

Jesus Cristo. Essa noite, que sequer começou muito bem, converteu-se em um choque em cadeia de uma coluna de dezesseis carros na auto-estrada para Vila-Relação.

Rehv preparou a si mesmo e abriu a porta.

Quando a luz se derramou de dentro do banheiro, Ehlena se ergueu nos lençóis, em seu rosto se via uma expressão preocupada... E absolutamente imparcial. Não havia condenação, nem especulação, não havia rastro de que estivesse pensando em algo para fazê-lo sentir ainda pior. Simplesmente havia uma genuína preocupação.

— Está bem?

Bom, olhe se não era essa a pergunta da noite.

Rehvenge deixou a cabeça cair e pela primeira vez desejou descarregar tudo com outra pessoa. Nem sequer com Xhex, que tinha sofrido inclusive mais que ele, sentia a inclinação a praticar essa merda de intercâmbio. Mas, ao ver os olhos cor de caramelo de Ehlena tão abertos e quentes nesse rosto formoso e perfeito, sentiu vontade de confessar cada uma das coisas sujas, fodidas, matreiras, malvadas e repugnantes que tinha feito em sua vida.

Só para ser honesto.

Sim, mas se jogava sua vida sobre a mesa, em que posição ela ficaria? Na situação de ter que reportá-lo por ser um *symphath* e muito provavelmente temendo por sua própria vida. Grande desenlace. Perfeito.

— Gostaria de ser diferente. — disse. Que era o mais perto que podia estar de dizer a verdade que os separaria para sempre — Desejaria ser um macho diferente.

— Eu não.

Isso era porque não o conhecia. Não verdadeiramente. E, entretanto, não podia confrontar a idéia de não voltar a vê-la nunca mais depois da noite que tiveram juntos.

Nem de que pudesse chegar a temê-lo.

— Se pedisse que voltasse aqui outra vez, — disse — e que me deixasse estar contigo, aceitaria?

Não houve vacilação:

— Sim.

— Embora as coisas não pudessem ser... Normais... Entre nós? Quanto à parte sexual.

— Sim.

Franziu o cenho.

— Isto vai soar mal...

— O que está bem, porque já meti os pés pelas mãos contigo quando estávamos na clínica. Assim ficaríamos quites.

Rehv não pôde evitar sorrir, mas sua expressão não durou.

— Devo saber... Por que. Por que voltaria?

Ehlena se recostou contra os travesseiros e moveu a mão para cima deslocando-a lentamente por cima do lençol de cetim que lhe cobria o estômago.

— Tenho uma só resposta a isso, mas não acredito que seja a que quer ouvir.

O frio intumescimento, estava retornando devido aos remanescentes desses orgasmos que tivera estarem dissipando, acelerou a reclamação que estava fazendo sobre seu corpo.

Por favor, que não seja por *lástima*, pensou.

— Diga-me. — ficou calada durante um longo tempo, percorrendo com o olhar a vista panorâmica das duas metades de Caldwell que piscavam e resplandeciam.

— Pergunta-me por que voltaria? — disse brandamente — E a única resposta que tenho é... Como poderia não fazê-lo? — desviou os olhos para ele — Em certo nível, não faz sentido para mim, mas em definitivo, os sentimentos alguma vez têm muito sentido, ou sim? E não têm por que ter. Esta noite... Deu-me coisas que não só fazia muito tempo que não tinha, mas sim acredito que nunca tinha experimentado. — sacudiu a cabeça — Ontem envolvi um corpo... Um corpo de alguém de minha idade, um corpo de alguém que provavelmente saiu de sua casa a noite e foi assassinado sem ter a mínima noção de que essa era sua última noite. Não sei aonde vai chegar este — fez um gesto com a mão para trás e para frente entre os dois — assunto entre nós. Talvez dure somente uma noite ou duas. Talvez dure um mês. Talvez dure mais de uma década. Tudo o que sei é que a vida é muito curta para não voltar aqui, para estar contigo desta forma outra vez. A vida é definitivamente muito curta, e gosto muito de estar contigo para que me importe uma merda outra coisa além de ter outro momento como este.

Enquanto olhava Ehlena, o peito de Rehvenge se inflamou.

— Ehlena?

— Sim?

— Não me entenda mal.

Ela respirou profundamente e ele viu que seus ombros nus se esticavam.

— Ok. Tentarei não fazê-lo.

— Se segue vindo aqui? Sendo da forma que é? — houve uma pausa — Vou me apaixonar por você.

John encontrou a propriedade de Xhex sem problemas, já que só estava a dez blocos de distância do ZeroSum. Ainda assim, o bairro bem poderia ter estado em um CEP completamente diferente. A fachada cor café avermelhado das edificações da rua era elegante e de estilo clássico, com a merda de madeira esculpida ao redor das janelas-balcão que davam a impressão de ser Vitorianas... Embora como soubesse isso com semelhante certeza não tinha idéia.

Ela não possuía uma casa inteira, a não ser um apartamento no porão de um edifício

sem elevador, particularmente atrativo. Debaixo das escadas de pedra que subiam do meio-fio, havia um oco, dentro do qual deslizou para usar a chave em um estranho ferrolho cor bronze. Quando entrou acendeu uma luz, e não viu nada interessante. Chão avermelhado fabricado com lajes de pedra. Paredes construídas com blocos de concreto e branqueadas. No extremo mais afastado havia outra porta com outro estranho ferrolho.

Tinha esperado que Xhex vivesse em algum lugar exótico e cheio de armas.

E que tivesse abundância de meias francesas e saltos agulha.

Mas, essa era sua fantasia.

Foi para o outro extremo da sala, abriu a outra porta e se acenderam mais luzes. O quarto que havia depois da porta não tinha janelas e estava vazio à exceção de uma cama, a falta de decoração não o surpreendeu, levando em consideração o aspecto da sala do porão. Havia um banheiro, mas não havia cozinha, nem telefone nem TV. A única cor que havia na habitação provinha do chão de pranchas de pinheiro antigas que brilhavam com um brilho da cor do mel fresco. As paredes estavam branqueadas, como as da sala, mas estas eram de tijolo.

O ar lhe pareceu surpreendentemente fresco, mas então viu os respiradores. Havia três.

John tirou sua jaqueta de couro e a deixou no chão. Em seguida tirou as botas, conservando postas as meias grossas.

No banheiro, usou o vaso, e salpicou o rosto com água.

Não havia toalhas. Usou as abas de sua camiseta negra.

Estirando-se sobre a cama, permaneceu com as armas em cima, embora não era devido a que tivesse medo de Xhex.

Deus, talvez isso o convertesse em um estúpido. O primeiro que lhe tinham ensinado no programa de treinamento da Irmandade era que nunca podia confiar nos *sympaths*, e aqui estava ele, arriscando sua vida ao ficar na casa de um... Muito provavelmente passaria o dia, sem dizer a ninguém onde estava.

Não obstante era exatamente o que necessitava.

Quando voltasse ao cair da noite, decidiria o que fazer. Não queria ficar fora da guerra... Gostava muito de lutar. Sentia-se... Bem, e não só pelo fato de defender à raça. Sentia que era o que se supunha que devia estar fazendo, tinha nascido e tinha sido educado para isso.

Mas não estava seguro se poderia voltar para a mansão e viver ali.

Depois que passou um tempo sem se mover, as luzes se apagaram, e simplesmente ficou olhando a escuridão. Enquanto estava ali estendido na cama com a cabeça sobre um dos dois travesseiros relativamente duros, deu-se conta que era a primeira vez que estava verdadeiramente só desde que Tohr tinha ido procurá-lo, com seu enorme Range Rover negro, naquele apartamento de merda.

Recordava com absoluta clareza, como tinha sido viver naquele estúdio parecido a

um buraco do inferno que não só estava na parte errada da cidade, mas também diretamente estava na seção perigosa de Caldie. A cada noite vivia aterrorizado porque era fracote e débil, além disso, estava indefeso e o único com que podia alimentar-se era com o Ensure⁶⁶ por causa de sua má digestão, por isso pesava menos que um aspirador. A porta que o separava dos consumidores de droga, das prostitutas e dos ratos do tamanho de burros, tinha-lhe parecido fina como um papel.

Desejava fazer bem ao mundo. Ainda o desejava.

Desejava apaixonar-se e estar com uma mulher. Ainda o desejava.

Desejava encontrar uma família, ter uma mãe e um pai, ser parte de um clã.

Já não.

John estava começando a entender que os sentimentos no coração, eram como os tendões no corpo. Podia distender, distender e distender e sentir a dor da distorção e o estiramento... Até certo ponto a articulação seguiria funcionando e o membro se dobraria e suportaria o peso, e continuaria sendo útil depois que a pressão desaparecesse. Mas, não era algo infinito.

Ele se quebrara. E estava endemoniadamente seguro que não havia um equivalente emocional à cirurgia artroscópica⁶⁷.

Para ajudar a tranquilizar sua mente e induzί-la ao descanso que evitaria que se voltasse louco, concentrou-se no que ocorria a seu redor. O quarto estava em silêncio, salvo pela calefação que de todo modo não fazia muito ruído. E o edifício que tinha em cima estava vazio, não havia sons de ninguém se movendo.

Fechando os olhos, se sentiu mais a salvo do que provavelmente fosse conveniente.

Mas, em definitivo, estava acostumado a se valer por si mesmo. O tempo que tinha passado com Tohr e Wellsie e em seguida com a Irmandade tinha sido uma anomalia. Nascera sozinho nessa parada de ônibus, e esteve sozinho no orfanato embora estivesse rodeado de um sempre mutante grupo de meninos. E logo tinha saído sozinho ao mundo.

Fora tratado brutalmente e o superara sem ajuda. Esteve doente e se curou sozinho. Abriu-se caminho o melhor que pode e o tinha feito bem.

Era hora de voltar para suas origens.

À essência de seu ser.

O tempo com Wellsie e Tohr... E com os Irmãos... Tinha sido como um experimento fracassado... Algo que parecera ter potencial, mas que, ao final tinha sido um fracasso.

Capítulo 32

⁶⁶ Nota da Revisora: Suplemento alimentício em pó.

⁶⁷ Nota da Revisora: A artroscopia é uma técnica cirúrgica que permite ver a articulação, efetuar extirpações ou realizar pequenas cirurgias.

Que fosse noite ou dia, isso não incomodava Lash.

Enquanto entrava com o senhor D no estacionamento de um moinho abandonado e os faróis do Mercedes oscilavam riscando um grande arco, não o preocupava se encontrava com o rei dos *symphaths* ao meio-dia ou a meia-noite, porque de algum modo já não se sentia intimidado pelo idiota.

Fechou o 550 e caminhou com o senhor D atravessando uma extensão de asfalto deteriorado para uma porta que estava muito firme, se tomasse em consideração o estado em que estava o moinho. Graças à ligeira neve que caía, a situação se parecia com algo tirado de um anúncio para férias pitorescas em Vermont, sempre que não se olhasse muito de perto ao teto nem o revestimento rachado.

O *symphath* já estava dentro. Lash estava tão certo disso como de poder sentir as rajadas de vento nas bochechas e ouvir as pedras frouxas rangendo sob suas botas de combate.

O senhor D abriu a porta e Lash entrou primeiro para demonstrar que não necessitava que um subordinado lhe abrisse caminho. No interior do moinho não havia nada exceto muito ar frio, fazia muito que o edifício retangular fora despojado de todo o útil.

O *symphath* lhe esperava no extremo mais afastado da sala, perto da maciça roda que ainda se assentava no rio como uma velha mulher gorda em um banheiro refrescante.

— Amigo, que agradável vê-lo novamente. — disse o rei, a voz de serpente frisando-se entre as vigas.

Lash se aproximou do macho com passo elegante e lento, tomando seu tempo, verificando e voltando a verificar novamente as sombras projetadas pelas janelas de vidro. Nada exceto o rei. Isso estava bom.

— Considerou minha proposta? — perguntou o rei.

Lash não estava de humor para andar pelos ramos. Depois da cagada da noite anterior com o entregador do Domino's, e, que em aproximadamente uma hora deviam eliminar a outro narcotraficante, esse não era o momento para jogos.

— Sim. E sabe o que? Não estou seguro de que precise te fazer nenhum favor. Estou pensando que ou me dá o que quero. Ou... Possivelmente me limite a enviar meus homens ao norte para te matar e a todos os anormais dali.

Esse rosto inosso e pálido forçou um sorriso sereno.

— Porém o que ganharia com isso? Seria destruir aos mesmos instrumentos que desejas utilizar para derrotar os seus inimigos. Não é um passo lógico para que tome nenhum governante.

Lash sentiu um formigamento na ponta do pênis, o respeito o excitava, embora se negasse a reconhecer o fato.

— Sabe, nunca teria pensado que um rei poderia necessitar ajuda. Por que não pode

perpetrar o crime você mesmo?

— Fazer parecer que o falecimento ocorreu fora do âmbito de minha influência me reportaria circunstâncias atenuantes e certos benefícios. Com o correr do tempo, aprenderá, que as maquinações na calada são às vezes muito mais efetivas do que aquelas que realiza a plena vista de sua gente.

Ponto conseguido, embora novamente, Lash não o elogiaria.

— Não sou tão jovem como crê. — disse em seu lugar. Porra, envelhecera perto de um trilhão de anos nos últimos quatro meses.

— E tampouco é tão velho como crê você. Mas isso é outra conversa para outro momento.

— Não estou procurando um terapeuta.

— O que é uma vergonha. Sou bastante bom me colocando na cabeça de outros.

Sim, Lash podia vê-lo.

— Este teu objetivo. É um macho ou uma fêmea?

— Importaria?

— Nem o mais mínimo.

O *symphath* definitivamente ficou radiante.

— É um macho. E como falei, existem circunstâncias excepcionais.

— Como quais?

— Será difícil chegar a ele. Seu guarda-costas é bastante temível. — o rei flutuou até uma janela e olhou para fora. Depois de um momento, girou a cabeça como se fosse um mocho, rodando a espinha dorsal até que quase esteve olhando para trás, e logo, por um momento, em seus olhos brancos houve um brilho vermelho — Acredita que pode dirigir tal penetração?

— É homo? — soltou Lash.

O rei riu.

— Quer dizer, se prefiro amantes de meu sexo?

— Sim.

— Isso te faria sentir incômodo?

— Não. — sim, porque significaria que mais ou menos e de certa forma se excitava com um tipo que rebatia para a outra equipe.

— Não mente muito bem. — murmurou o rei — Mas isso melhorará com a idade.

Porra.

— E não acredito que seja tão poderoso como pensa que é.

Quando a especulação sexual desapareceu Lash soube que tinha metido o dedo na ferida.

— Tome cuidado com as águas de enfrentamento...

— Poupe-me da merda de três no quarto e os biscoitos da sorte, sua Alteza. Se enchesse essa toga com um bom par de culhões, se desfaria desse tipo você mesmo.

A serenidade voltou ao semblante do rei, como se com esse arrebatamento Lash acabasse de provar sua inferioridade.

— E, ainda assim, em vez de fazê-lo, faço que outra pessoa se encarregue disso por mim. É muito mais sofisticado, embora não espero que você o compreenda.

Lash se desmaterializou, apareceu justamente frente ao macho e fechou as palmas ao redor dessa garganta esbelta. Com um só impulso brutal, impulsionou ao rei para cima pondo-o contra a parede.

Seus olhos se encontraram e quando Lash sentiu um intento de sondagem em sua mente, fechou instintivamente a entrada a seu lóbulo frontal.

— Não vai abrir meu baú aí acima, imbecil. Sinto muito.

O olhar fixo do rei se voltou tão vermelho como o sangue.

— Não.

— Não o que?

— Não prefiro amantes de meu próprio sexo.

Obviamente foi a espetada perfeita: implicando que, Lash se aproximava porque deles dois era ele quem gostava de pênis. Solto-o e começou a passear dando pernadas.

Agora a voz do rei era menos serpentina e mais séria.

— Você e eu nos enfrentamos em igualdade de condições. Acredito que esta aliança será benéfica para ambos.

Lash girou e encarou ao macho.

— Esse macho, que você deseja morto, onde o encontro?

— O momento deve ser o adequado. A escolha do momento... É tudo.

Rehvenge observou como Ehlena punha a roupa, e apesar de que vê-la voltar a meter-se nesse uniforme não era exatamente o que desejava, o espetáculo dela inclinada subindo lentamente as meias pela perna não estava nada mal.

Para. Nada. Mal.

Ela riu enquanto levantava o sutiã e o fazia girar ao redor do dedo.

— Posso pôr isso agora?

— Absolutamente.

— Vai fazer que tome meu tempo outra vez?

— É somente que supus que não havia pressa com as meias. — sorriu como o lobo que estava se sentindo — Quero dizer, essas coisas desfiam, verdade... Oh, caramba...

Ehlena não esperou que terminasse de falar, mas arqueou as costas e pendeu o sutiã ao redor do torso. As pequenas oscilações que realizou enquanto o grampeava na parte dianteira fizeram o Rehvenge ofegar... E isso foi antes que subisse os suspensórios sobre os ombros, deixando que as taças encaixassem sob os seios.

Ela se voltou para ele.

— Esqueci como funciona. Pode me ajudar?

Rehv grunhiu e a atraiu para si, sugando um mamilo dentro da boca e acariciando o outro com o polegar. Enquanto ela ofegava, ele colocou as taças em seu lugar.

— Gosto de ser seu engenheiro em lingerie, mas, sabe, fica melhor quando não o tem posto. — quando fez dançar as sobancelhas de forma maliciosa, a risada dela foi tão espontânea e natural que lhe deteve o coração — Gosto desse som.

— E eu gosto de fazê-lo.

Ela colocou as pernas dentro de seu uniforme e puxou para cima, logo abotoou os botões.

— Lástima. — disse ele.

— Quer saber algo bobo? Pus isto apesar de não ter que ir trabalhar esta noite.

— De verdade? Por quê?

— Queria manter as coisas no plano profissional, e, entretanto aqui estou encantada de que não tenha funcionado desse modo.

Ele ficou de pé e a tomou em seus braços, já sem se preocupar com o fato de estar totalmente nu.

— Somo-me à parte de estar encantado.

Beijou-a brandamente, e ao se separarem ela disse:

— Obrigada por uma tarde encantadora.

Rehv colocou seu cabelo detrás das orelhas.

— O que faz amanhã?

— Trabalhar.

— A que hora sai?

— Às quatro.

— Virá aqui.

Ela não vacilou.

— Sim.

— Agora vou ver minha mãe. — disse ele, enquanto saíam do dormitório e atravessavam a biblioteca.

— Seriamente?

— Sim, ligou-me e pediu para ver-me. Nunca faz isso. — sentia-se bem ao compartilhar detalhes de sua vida. Bom, alguns deles, em todo caso — Esteve tratando de me converter em uma pessoa mais espiritual, e espero que isto não se trate de um convite a me colocar em algum tipo de retiro.

— A propósito, o que faz? No que trabalha? — Ehlena riu — Sei tão pouco de você.

Rehv se concentrou na vista panorâmica da cidade que ficava sobre o ombro dela.

— Oh, em muitas coisas diferentes. Em sua maior parte no mundo humano. Agora que minha irmã está emparelhada, só tenho a minha mãe para cuidar.

— Onde está seu pai?

Na tumba fria, aonde o idiota pertencia.

— Morreu.

— Sinto muito.

Os quentes olhos de Ehlena dispararam algo através de seu peito, que certo como a merda sentia como culpa. Não lamentava ter matado seu pai, lamentava ter que ocultar tanto a ela.

— Obrigado. — disse rigidamente.

— Não queria me intrometer em sua vida ou sua família. Sou só curiosa, mas se preferir...

— Não, é somente que... Não falo muito de mim mesmo. — e isso era verdade — É que... Esse é o toque de um telefone celular?

Ehlena franziu o cenho e se afastou.

— O meu. Em meu casaco.

Ela correu à sala de jantar, e a tensão em sua voz ao responder foi evidente.

— Sim? Ah, olá! Sim, não, eu... Agora? É obvio. E o engraçado é que não precisarei ir trocar-me o uniforme por que... Oh. Sim. Claro. Bom.

Quando chegou à arcada da sala de jantar ouviu a tampa do telefone se fechando.

— Tudo bem?

— Ah, sim. Só trabalho. — Ehlena se aproximou enquanto vestia o casaco — Não é nada. Provavelmente seja somente falta de pessoal.

— Quer que te leve? — Deus, adoraria levá-la ao trabalho, e não simplesmente porque poderiam estar juntos um pouco mais. Um macho gostava de fazer coisas por sua fêmea. Protegê-la. Ocupar-se dela...

Bom, que porra? Não que não gostasse dos pensamentos que estava tendo a respeito dela, mas era como se alguém lhe tivesse trocado o CD. E não, não era o fodido Barry Manilow.

Embora definitivamente agora houvesse algo do Maroon 5 no idiota.

Afh...

— Oh, não, irei sozinha, mas obrigada. — Ehlena se deteve diante de uma das portas corrediças — Esta noite foi tão... Uma revelação.

Rehv se aproximou a pernas, tomou seu rosto entre as mãos, e a beijou com força. Quando se afastou para trás, disse-lhe sombriamente:

— Somente devido a você.

Então ela sorriu, resplandecendo do interior, e repentinamente ele a desejou nua outra vez para poder entrar nela: o instinto de marcá-la estava vociferando dentro dele, e o único modo em que podia sossegá-lo era dizendo-se que tinha deixado bastante de seu aroma na pele dela.

— Mande-me uma mensagem quando chegar à clínica, assim saberei que está a salvo. — disse.

— Farei.

Deu um último beijo, atravessou a porta e se perdeu na noite.

Quando deixou Rehvenge, Ehlena estava voando, e não simplesmente porque estivesse desmaterializando através do rio até a clínica. Para ela, a noite não era fria, era fresca. Seu uniforme não estava enrugado por ficar atirado em uma cama e ter se derrubado sobre ele, estava astutamente desalinhado. Seu cabelo não era uma confusão, era casual.

A chamada para ir à clínica não era uma intrusão, era uma oportunidade.

Nada poderia fazê-la descer desta elevação incandescente. Ela era uma das estrelas que havia no céu aveludado da noite, inalcançável, intocável, por cima dos conflitos terrestres.

Embora ao tomar forma diante das garagens da clínica, algo do brilho cor de rosa se perdeu. Parecia injusto que pudesse sentir-se como o fazia, tendo em conta o que tinha acontecido a noite anterior: apostaria sua vida que nesse momento a família de Stephan não estaria refletindo nada similar à alegria. Mal teriam terminado com o ritual da morte, pelo amor de Deus... Passariam anos antes que pudessem sentir algo remotamente parecido ao que cantava em seu peito quando pensava em Rehv.

Caso pudessem sentir-se assim alguma vez. Tinha a sensação de que para seus pais nunca seria o mesmo.

Amaldiçoando, atravessou rapidamente o estacionamento, e seus sapatos deixaram pequenos rastros negros no pó de neve que tinha caído antes. Por ser uma funcionária, o trajeto através dos postos de checagem para a sala de espera não demorou, e, quando entrou na área de recepção, tirou o casaco e se dirigiu diretamente ao balcão da recepção.

O enfermeiro que estava atrás do computador elevou o olhar e sorriu. Rhodes era um dos poucos machos do pessoal, e definitivamente um favorito na clínica, a classe de tipo que se dava bem com todo mundo e era rápido com os sorrisos, os abraços e os cinco em alto.

— Ouça neném, como... — quando ela se aproximou, franziu o cenho e rápido empurrou a cadeira para trás, pondo distância entre eles — Errr... Olá.

Franzindo o cenho, olhou para trás, esperando ver um monstro, dada a maneira em que ele se encolhia ante ela.

— Está bem?

— OH, sim. Totalmente. — olhou-a com intensidade — Como você está?

— Estou bem. Contente por poder ajudar. Onde está Catya?

— Acredito que disse que estaria te esperando no escritório de Havers.

— Irei ali então.

— Sim. Bom.

Ela reparou que sua caneca estava vazia.

— Quer que traga um café quando acabar?

— Não, não. — disse rapidamente, levantando ambas as mãos — Estou bem. Obrigado. Realmente.

— Tem certeza que está bem?

— Sim. Absolutamente bem. Obrigado.

Ehlena se afastou, sentindo-se absolutamente como uma leprosa. Geralmente ela e Rhodes se davam muito bem, mas, não esta noite...

Oh, meu Deus, pensou. Rehvenge tinha deixado seu aroma sobre ela. Tinha que ser isso.

Deu a volta... Mas, o que poderia lhe dizer, realmente?

Esperando que Rhodes fosse o único em captá-lo, entrou no vestiário para desfazer do casaco e se pôs a caminho, ziguezagueando entre os membros do pessoal e pacientes que encontrava no caminho. Quando chegou ao escritório de Havers, a porta estava aberta, o médico estava sentado atrás de sua mesa e Catya em uma cadeira, de costas ao vestibulo.

Ehlena bateu brandamente no batente.

— Olá.

Havers levantou o olhar e Catya jogou uma olhada sobre o ombro. Os dois pareciam positivamente doentes.

— Entre. — disse o médico bruscamente — E feche a porta.

Enquanto fazia o que lhe pedia, o coração de Ehlena começou a pulsar rapidamente. Havia uma cadeira vazia junto à Catya, e se sentou porque de repente sentiu que seus joelhos afrouxavam.

Estivera neste escritório várias vezes, e geralmente tinha sido para recordar ao médico que comesse, porque uma vez que começava com os históricos dos pacientes perdia a noção do tempo. Mas, isto não se tratava dele, verdade?

Houve um longo silêncio, durante o qual os pálidos olhos de Havers evitaram encontrar aos dela, dedicando-se a brincar com as pernas de seus óculos de tartaruga marinha.

Catya foi quem falou, e o fez com voz tensa.

— Ontem à noite, antes de sair, um dos guardas de segurança que esteve monitorando todas as câmeras chamou minha atenção sobre o fato de que esteve na farmácia. Sozinha. Disse que a viu pegar algumas pílulas e sair com elas. Olhei a fita, comprovei a estante pertinente e era penicilina.

— Por que não o trouxe? — perguntou Havers — Tornaria a ver Rehvenge imediatamente.

O momento que seguiu foi como algo saído de uma série de televisão, onde a câmera fazia um zoom sobre o rosto de um personagem: Ehlena sentiu como se tudo estivesse afastando-se dela, o escritório se retirava, afastando-se na distância enquanto ela era repentinamente iluminada por projetores e posta sob o escrutínio do microscópio.

As perguntas giraram em seu cérebro. Realmente tinha pensado que poderia sair

ilesa com o que fizera? Sabia que havia câmeras de segurança... E, entretanto a noite anterior, quando se meteu atrás do balcão do farmacêutico, não tinha pensado nisso.

Como resultado disso, tudo mudaria. Sua vida, que sempre tinha sido uma luta, ia se converter em insuportável.

Destino? Não... Estupidez.

Como demônios podia ter feito algo assim?

— Demitirei-me. — disse bruscamente — Com vigência a partir desta noite. Nunca deveria tê-lo feito... Estava preocupada com ele, super excitada pelo Stephan, e cometi um terrível engano de julgamento. Estou profundamente arrependida.

Nem Havers nem Catya disseram nada, nem tinham que fazê-lo. Era um assunto de confiança, e ela tinha traído a deles. Assim como um montão de normas de segurança referente ao trato de pacientes.

— Esvaziarei meu armário. E irei imediatamente.

Capítulo 33

Rehvenge não via sua mãe o suficiente.

Esse foi o pensamento que lhe ocorreu enquanto estacionava diante do refúgio ao que a tinha mudado fazia quase um ano. Depois que a mansão familiar em Caldwell foi atacada pelos *lessers*, tirou todo mundo dessa casa e os instalou nesta mansão Tudor, bem ao sul da cidade.

Era o único bem que saíra do seqüestro de sua irmã... Bom, isso e o fato de que Bella encontrasse um macho de valor no Irmão que a tinha resgatado. A coisa era que, com o Rehv tendo tirado sua mãe da cidade quando o fez, ela e sua amada *doggen* tinham escapado do que a Sociedade Lessening tinha feito à aristocracia durante o verão.

Rehv estacionou o Bentley diante da mansão, e antes que saísse do carro, a porta da casa se abriu e a *doggen* de sua mãe saiu e ficou sob a luz, abrigada contra o frio.

Os sapatos ingleses de Rehv tinham solas escorregadias, assim foi muito cuidadoso ao atravessar a neve pulverizada.

— Ela está bem?

A *doggen* elevou o olhar, e tinha os olhos empanados com lágrimas.

— Aproxima-se sua hora.

Rehv entrou, fechou a porta, e se negou a ouvir isso.

— Não é possível.

— Sinto muito, senhor. — a *doggen* tirou um lenço branco do bolso de seu uniforme cinza — Sinto... Muito.

— Não é o bastante velha.

— Sua vida foi muito mais longa que seus anos.

A *doggen* sabia bem o que acontecia na casa quando o pai de Bella ainda estava com eles. Limpava vidros quebrados e porcelana destroçada. Tinha enfaixado ferimentos e prestado cuidados.

— Realmente, não posso suportar que se vá. — disse a criada — Estarei perdida sem minha ama.

Rehv pôs uma mão intumescida sobre seu ombro e apertou brandamente.

— Não sabe com segurança. Não foi ver o Havers. Deixe-me vê-la, ok?

Quando a *doggen* assentiu, Rehv subiu lentamente a escada até o primeiro andar, passando diante de retratos familiares a óleo que ele tinha transferido da antiga casa.

No patamar, foi para a esquerda e bateu em um jogo de portas.

— Mahmen?

— *Estou aqui, meu filho.*

A resposta na Antiga Língua veio detrás de outra porta, ele retrocedeu e entrou no closet, o familiar aroma de Chanel Nº 5 o acalmou.

— Onde está? — disse aos metros e metros de roupa pendurada.

— Estou no fundo, meu amado filho.

Enquanto Rehv passava entre as fileiras de blusas, saias, vestidos e trajes de baile, inspirou profundamente. O perfume, selo indiscutível de sua mãe, achava-se em todos os objetos de vestir, penduradas por cor e tipo, e o frasco de que provinha estava sobre a carregada penteadeira, entre maquiagem, loções e pós.

Encontrou-a diante do espelho de três corpos. Engomando.

O que era além do estranho e o fez avaliá-la.

Sua mãe era majestosa inclusive com sua camisola rosa, levava o cabelo branco recolhido em cima de sua cabeça perfeitamente proporcionada, e, sentada nesse tamborete alto tinha uma postura deliciosa, com seus grandes diamantes em forma de pêra brilhando na mão. A tábua de engomar, atrás da qual se sentava, tinha uma cesta e um spray de amido em um extremo e uma pilha de lenços engomados no outro. Quando a viu, estava na metade de um lenço, com o ferro marcando ao meio do quadrado amarelo pálido, o ferro que esgrimia chiava enquanto o deslizava acima e abaixo.

— Mahmen, o que está fazendo? — bem, em certo nível era óbvio, mas sua mãe era a castelã⁶⁸. Não podia recordar tê-la visto jamais fazendo tarefas domésticas, lavando a roupa ou algo desse tipo. As pessoas tinham *doggens* para essas coisas.

Madalina elevou o olhar, seus opacos olhos azuis pareciam cansados, seu sorriso era mais um esforço que honesta alegria.

— Estes eram de meu pai. Encontramos quando estávamos revisando as caixas que vieram do sótão da antiga casa.

⁶⁸ Nota da Revisora: Proprietária do castelo.

A “antiga casa” era a de Caldwell onde viveram durante quase um século.

— Poderia dizer a sua criada que fizesse por você. — inclinou-se e beijou a suave bochecha — Adoraria te ajudar.

— Sim, ela disse o mesmo. — depois de pôr a mão em seu rosto, sua mãe voltou para o que estava fazendo, dobrando o quadrado de linho outra vez, tomando o spray de amido e vaporizando-o sobre o lenço — Mas isto é algo que eu devo fazer.

— Posso me sentar? — perguntou, assinalando com a cabeça uma cadeira que havia ao lado do espelho.

— Oh, é obvio, onde estão minhas maneiras? — deixou o ferro e começou a descer do tamborete — E devemos te conseguir algo...

Ele levantou a mão.

— Não, Mahmen, acabei de comer.

Fez uma reverência e voltou a encarapitar-se ao banco.

— Agradeço que me concedesse esta audiência, já que conheço sua natureza ativa...

— Sou seu filho. Como pode pensar que não viria?

O lenço engomado foi colocado em cima de seus ordenados irmãos, e o último foi tirado da cesta.

O ferro exalou vapor enquanto ela passava com cuidado sua base quente sobre o quadrado branco. Enquanto o movia lentamente, ele olhou ao espelho. As omoplatas se destacavam sob a camisola de seda e na nuca se via claramente sua espinha dorsal.

Quando voltou a fixar-se em seu rosto, viu uma lágrima cair do olho ao lenço.

Oh... Querida Virgem Escriba, pensou. Não estou preparado.

Rehv cravou a bengala no chão e se ajoelhou ante ela. Girando o tamborete para ele, tirou o ferro de sua mão e o deixou a um lado, preparado para levá-la a Havers, preparado para pagar qualquer medicina que lhe pudesse comprar mais tempo.

— Mahmen, o que a aflige? — tomou um dos lenços engomados de seu pai e tocou ligeiramente a parte inferior dos olhos — Fala com seu filho legítimo do peso que há em seu coração.

Derramou intermináveis lágrimas, e ele as apanhou uma a uma. Apesar de sua idade e seu pranto, era encantadora, uma Escolhida caída que tinha vivido uma vida dura e, entretanto, permanecia cheia de graça.

Quando finalmente falou, sua voz foi tênue.

— Estou morrendo. — negou com a cabeça antes que ele pudesse falar — Não, sejamos sinceros um com o outro. Meu fim chegou.

Veremos, pensou Rehv para si mesmo.

— Meu pai. — tocou o lenço com o qual Rehv secou suas lágrimas — Meu pai... É estranho que agora pense nele dia e noite, mas o faço. Ele foi o Primale faz muito tempo, e amava aos seus filhos. Sua maior alegria era sua linhagem, e embora fossemos muitos, relacionou-se com todos nós. Estes lenços? Foram feitos com suas túnicas. A mim

agradavam verdadeiramente os trabalhos de costura, e ele sabia por isso me deu algumas de suas túnicas.

Esticou uma mão ossuda e acariciou o montão que tinha engomado.

— Quando deixei o Outro Lado, ele me fez tomar alguns deles. Estava apaixonada por um Irmão e convencida de que minha vida só estaria completa se estivesse com ele. É óbvio, então...

Sim, foi essa então a parte de sua vida que lhe causara tal dor: então foi violada por um *symphath*, ficou grávida de Rehvenge e foi forçada a dar à luz uma monstruosidade de híbrido que de algum modo ela tinha aconchegado a seu seio e amado como qualquer filho teria querido ser amado. E, todo o tempo que o rei *symphath* a manteve encarcerada, o Irmão ao que amava a buscava... Só para morrer no processo de seu resgate.

E essas tragédias não tinham sido o final.

— Depois que fui... Resgatada, meu pai chamou-me ao seu leito de morte. — continuou — De todas as Escolhidas, de todos seus companheiros e filhos, ele quis ver a mim. Mas, eu não queria ir. Não podia suportar... Não era a filha que ele conhecia. — os olhos se encontraram com os de Rehv, e havia uma súplica profunda neles — Não queria que soubesse nada de mim. Estava suja.

Caramba, ele conhecia essa sensação, mas sua *mahmen* não necessitava essa carga. Não tinha nem idéia da classe de merda com a que ele tratava e nunca saberia, porque era evidente que a principal razão pela qual se prostituía era para que ela não tivesse de suportar a tortura de ver seu filho deportado.

— Quando me neguei ao chamado, a Directrix veio a mim e me disse que estava sofrendo. Que não iria ao Fade até que fosse vê-lo. Que permaneceria no doloroso bordo da morte durante a eternidade a menos que o aliviasse. À tarde seguinte fui, desconsolada. — nesse momento o olhar de sua mãe se voltou violento — Ao chegar ao templo do Primale, quis me abraçar, mas não pude... Permitir. Era uma estranha com o rosto de um ser amado, isso era tudo, e tentei manter um bate-papo amável e intrascendente. Foi então que disse algo que até agora não pudera compreender por completo. Disse: “A alma oprimida não passará embora o corpo falhe”. Ele estava prisioneiro pelo que ficara sem resolver a meu respeito. Sentia que falhara em seu papel. Que se me tivesse mantido no Outro Lado, teria tido melhor destino do que se revelou depois de que me fora.

Isso fechou a garganta de Rehv, quando na parte frontal de seu cérebro se instalou uma terrível suspeita.

A voz de sua mãe era fraca, mas franca.

— Aproximei-me da cama, e ele estendeu sua mão para mim, e sustentei sua palma dentro da minha. Nesse momento lhe disse que amava ao meu filho, que ia emparelhar-me com um macho da *glymera* e que nem tudo estava perdido. Meu pai examinou meu rosto em busca da verdade nas palavras que falei, e quando esteve satisfeito com o que viu, fechou os olhos... E se deixou levar. Soube que se não tivesse ido... — respirou fundo —

Verdadeiramente, não posso deixar esta terra com as coisas como estão.

Rehv sacudiu a cabeça.

— Todos estão bem, *Mahmen*. Bella e sua filha estão bem e a salvo. Eu...

— Pare. — sua mãe levantou a mão e o agarrou pelo queixo, do modo em que fazia quando era pequeno e dado a causar problemas — Sei o que fez. Sei que matou meu *hellren*, Rempoon.

Rehv sopesou a possibilidade de seguir mantendo a mentira, mas, dada a expressão de sua mãe, a verdade tinha sido revelada, e nada do que pudesse dizer a dissuadiria.

— Como? — perguntou — Como o averiguou?

— Quem mais o faria? Quem mais poderia? — quando o soltou e acariciou sua bochecha, ele se enterneceu ao sentir o quente contato — Não esqueça que via este seu rosto cada vez que meu *hellren* perdia a paciência. Meu filho, meu forte e poderoso filho. Olhe-se.

O sincero e afetuoso orgulho que sentia por ele era algo que nunca tinha entendido, dadas as circunstâncias de sua concepção.

— Também sei, — sussurrou — que matou ao seu pai biológico. Faz vinte e cinco anos.

Agora, isso sim captou sua atenção.

— Não supunha que soubesse. Nada disto. Quem lhe disse isso?

Ela afastou a mão de seu rosto e apontou a mesa de maquiagem, à tigela de cristal que ele sempre tinha assumido que era para fazê-la manicura.

— Os velhos hábitos de uma Escolhida escriba, são difíceis de matar. Vi-o na água. Justamente depois que acontecesse.

— E manteve em segredo. — disse ele maravilhado.

— E não posso mais. E por isso te trouxe aqui.

A horrível sensação ressurgiu, era resultado de estar preso entre o que sua mãe pediria que fizesse e a forte convicção de que sua irmã não sairia beneficiada ao inteirar-se de todos os segredos sujos e malignos da família. Bella tinha permanecido protegida desta maldade toda sua vida, e não havia razão para fazer uma completa revelação agora, especialmente se sua mãe estava morrendo.

O que Madalina não ia fazer, recordou-se.

— *Mahmen*...

— Sua irmã nunca deve saber.

Rehv se esticou, rezando para ter ouvido bem.

— Desculpe?

— Jure que fará tudo o que esteja em seu poder para assegurar que ela nunca saiba. — enquanto sua mãe se inclinava para frente e agarrava seus braços, ele podia afirmar que realmente estava lhe cravando os dedos pelo modo em que os ossos das mãos e punhos se sobressaíam descarnadamente — Não quero que ela leve este tipo de peso. Viu-se forçado

a fazê-lo, e o teria poupado disso se pudesse, mas não pude. E, se ela não sabe então a próxima geração não terá que sofrer. Nalla tampouco terá que suportar este peso. Pode morrer contigo e comigo. Jura-me isso.

Rehv olhou fixamente aos olhos de sua mãe e nunca a amou mais.

Assentiu uma vez.

— Olhe-me no rosto e esteja segura, juro-o. Bella e sua descendência nunca saberão. O passado morrerá contigo e comigo.

Os ombros de sua mãe afrouxaram sob a camisola, e o tremente suspiro que exalou expressou claramente seu alívio.

— É o filho que outras mães só podem desejar.

— Como isso pode ser certo? — disse brandamente.

— Como pode não ser?

Madalina se compôs e tomou o lenço da mão de Rehv.

— Tenho que engomar este outra vez, e após, possivelmente, me ajudará a ir a minha cama?

— É obvio. E quero chamar o Havers.

— Não.

— *Mahmen...*

— Gostaria que minha passagem fosse sem intervenção médica. De todo modo ninguém poderia me salvar agora.

— Não pode saber isso...

Ela levantou sua encantadora mão com o pesado anel de diamantes.

— Estarei morta antes do anoitecer de amanhã. Vi na tigela.

Rehv ficou sem fôlego, seu pulmão se negava a funcionar. Não estou preparado para isto. Não estou preparado. Não estou preparado...

Madalina foi muito precisa com o último lenço, alinhando as pontas cuidadosamente, passou o ferro lentamente daqui para lá. Quando terminou, colocou o perfeito quadrado sobre outros, assegurando-se de que todos estivessem alinhados.

— Está feito. — disse.

Rehv se inclinou sobre sua bengala para levantar-se e lhe oferecer o braço, e juntos partiram arrastando os pés para o dormitório, ambos instáveis.

— Tem fome? — perguntou enquanto retirava as mantas e a ajudava a deitar-se.

— Não, estou bem como estou.

As mãos de ambos trabalharam juntas para arrumar os lençóis, a manta e o edredom de forma que tudo estivesse dobrado com precisão e posicionado diretamente sobre seu peito. Quando se endireitou, soube que ela não voltaria a sair da cama outra vez e não pôde suportar.

— Bella deve vir aqui. — disse com rudeza — Precisa despedir-se.

Sua mãe assentiu e fechou os olhos.

— Deve vir agora, e, por favor, que traga a menina.

Em Caldwell, na mansão da Irmandade, Tohr caminhava por seu dormitório. O que era uma piada realmente, tendo em conta quão fraco estava. Cambaleiar era tudo o que podia obter.

Cada minuto e meio comprovava o relógio, o tempo passava a uma velocidade alarmante, até que sentiu como se o relógio de areia do mundo tivesse se quebrado e os segundos, como a areia, estivessem se pulverizando por toda parte.

Necessitava mais tempo. Mais... Merda, entretanto, serviria isso de alguma ajuda?

Simplesmente não podia imaginar como se arrumaria para superar o que estava a ponto de acontecer e sabia que por mais que desse voltas ao assunto, não ia mudar. Por exemplo, não podia decidir se era melhor ter uma testemunha. A vantagem era que dessa forma seria ainda menos pessoal. A desvantagem era que se quebrava-se haveria outra pessoa no quarto presenciando.

— Ficarei.

Tohr deu uma olhada a Lassiter, que estava ajeitado na *chaise* junto às janelas. As pernas do anjo estavam cruzadas à altura dos tornozelos, e uma das botas de combate marcava o compasso de um lado ao outro, como outra forma odiosa de medir o tempo.

— Vamos, — disse Lassiter — vi seu lamentável traseiro nu. O que poderia ser pior que isso?

As palavras eram a típica fanfarronice e o tom de voz foi surpreendentemente apazível...

A batida na porta foi suave. O que significava que não era um Irmão. E dado que não havia aroma de comida abrindo caminho por debaixo da porta, não era Fritz com uma bandeja de comida destinada a terminar em trono de porcelana.

Evidentemente a chamada ao Phury tinha funcionado.

Tohr começou a tremer da cabeça aos pés.

— Bom, tranquilo aí. — Lassiter levantou e se aproximou rapidamente — Quero que se sente aqui. Não quererá fazer isto perto de uma cama. Vamos... Não, não lute contra mim. Sabe que é o que terá que fazer. É biologia, não uma escolha, assim, deve deixar a culpa de fora.

Tohr se sentiu empurrado para uma cadeira de encosto rígido que estava perto do escritório e, porra, foi bem a tempo, seus joelhos perderam interesse em seu trabalho e o par se afrouxou de forma que golpeou o assento tecido com tanta força que ricocheteou.

— Não sei como fazer isto.

A magnífica face de Lassiter apareceu diante da sua.

— Seu corpo fará por você. Afaste a sua mente e o seu coração e deixe que seu instinto faça o que deve ser feito. Isto não é tua culpa. Assim é como sobrevive.

— Não quero sobreviver.

— Não me diga? E eu que pensava que toda esta merda de autodestruição era só um passatempo.

Tohr não tinha forças para arremeter contra o anjo. Não tinha forças para deixar a habitação. Nem sequer tinha a reserva suficiente para chorar.

Lassiter foi até a porta e a abriu.

— Hey, obrigado por vir.

Tohr não podia suportar olhar a qual escolhida entrou, mas não havia forma de ignorar sua presença: seu aroma delicado e floral flutuou para ele.

O perfume natural de Wellsie tinha sido mais forte que esse, feito não só de rosa e jasmim, mas também da fragrância que refletia seu temperamento.

— Meu senhor. — disse uma voz feminina — Sou a Escolhida Selena, vim para servi-lo.

Houve uma longa pausa.

— Vá a ele. — disse Lassiter brandamente — Precisamos terminar com isto.

Tohr pôs o rosto entre as mãos, e deixou a cabeça cair frouxamente sobre o pescoço. Era o único que podia fazer para seguir respirando, dentro e fora, enquanto a fêmea se posicionava no chão a seus pés.

Através dos compridos e magros dedos viu o branco da túnica que se derramava a seu redor. Wellsie não esteve muito interessada nos vestidos. O único que verdadeiramente gostava era o vermelho e negro com o que se emparelhou a ele.

Uma imagem dessa cerimônia sagrada apareceu em sua mente, e viu com trágica clareza o momento em que a Virgem Escriba agarrara sua mão e a de Wellsie e declarou que era um bom emparelhamento, verdadeiramente um muito bom emparelhamento. Havia sentido uma grande calidez ao estar ligado a sua fêmea através da mãe da raça, e essa sensação de amor, propósito e otimismo se incrementou um milhão de vezes ao olhar a seu amor aos olhos.

Parecera que tinham toda uma vida de felicidade e alegria ante eles... E, entretanto, agora aqui estava ele, ao outro lado de uma perda inconcebível, sozinho.

Não, pior que sozinho. Só e a ponto de tomar o sangue de outra fêmea em seu corpo.

— Isto está acontecendo muito rápido. — disse entre dentes detrás das palmas de suas mãos — Não posso... Preciso mais tempo...

Que Deus o ajudasse, mas, se esse anjo dizia uma só palavra a respeito de ser esse o momento oportuno, faria que esse bastardo desejasse que seus dentes fossem de vidro blindado.

— Meu senhor. — disse a Escolhida brandamente — Retornarei se esse é seu desejo. E voltarei prontamente se então não for o momento adequado. E retornarei e voltarei a retornar uma vez mais até que você esteja preparado. Por favor... Meu senhor, na verdade, só desejo ajudar, não o ferir.

Ele franziu o cenho. Soava muito amável, e não havia nenhuma só nota sedutora em

nenhuma das sílabas que deixaram seus lábios.

— Diga-me a cor de seu cabelo. — disse através das mãos.

— É negro como a noite e está preso tão firmemente como minhas irmãs e eu pudemos. Também tomei a liberdade de envolvê-lo em um turbante, embora você não pedisse. Pensei... Que possivelmente seria de mais ajuda.

— Diga-me cor de seus olhos.

— Azuis, meu senhor. Um pálido azul céu.

Os de Wellsie tinham sido de cor xerez.

— Meu senhor, — sussurrou a Escolhida — nem sequer precisa me olhar. Deixe que permaneça atrás de você, e tome o pulso dessa forma.

Ouviu o sussurro do suave tecido e o aroma da fêmea agitar-se a seu redor até que proveio de detrás dele. Deixando cair às mãos, Tohr viu as longas pernas de Lassiter embainhadas em jeans. Os tornozelos do anjo estavam cruzados outra vez, agora enquanto se achava recostado contra a parede.

Um braço esbelto coberto de tecido branco apareceu ante ele.

Com lentos puxões, a manga da túnica foi gradualmente elevando-se mais e mais acima.

O pulso que ficou exposto era frágil, a pele era branca e fina.

As veias sob a superfície eram de uma cor azul clara.

As presas de Tohr saíram bruscamente do paladar e um grunhido saiu de seus lábios. O bastardo do anjo tinha razão. De repente, sua mente ficou vazia, tudo se centrava em seu corpo e no que lhe fora privado durante tanto tempo.

Tohr fechou firmemente sua forte mão sobre o ombro dela, chiou como uma cobra e mordeu o pulso da Escolhida até o osso, fixando as presas no lugar. Houve um grito de alarme e uma resistência, mas ele estava longe enquanto bebia. Os goles eram como punhos em uma corda, puxando esse sangue para baixo, a suas vísceras, tão rapidamente que não tinha tempo de saboreá-la.

Quase matou à Escolhida.

E se inteirou disso mais tarde, depois que finalmente Lassiter o desprendesse e o deixasse fora de combate com um murro à cabeça... Porque no instante em que foi separado da fonte desses nutrientes, tratou de agarrar à fêmea outra vez.

O anjo caído teve razão.

A horrível biologia era o máximo condutor, ganhando inclusive ao mais robusto de coração.

E ao mais reverente dos viúvos.

Quando Ehlena chegou a casa, compôs uma expressão falsa, despediu-se de Lusie, e foi ver seu pai, que “fazia incríveis avanços” em seu trabalho. Não obstante, assim que pôde, foi ao seu quarto para conectar-se online. Tinha que verificar quanto dinheiro possuía, contando até o último tostão, e não acreditava que gostaria do que verificasse. Depois de identificar-se em sua conta bancária, repassou os cheques que teria de cobrir e assinalou o que venceria na primeira semana do mês. A boa notícia era que ainda receberia seu pagamento de novembro.

Sua conta poupança não chegava a onze dos grandes.

Não sobrava nada para vender. E, não sobrava nada do orçamento mensal.

Lusie teria que deixar de vir. O que seria um saco, porque aceitaria outro cliente para preencher o vazio, assim, quando Ehlena encontrasse um novo trabalho haveria um buraco em cuidados médicos que preencher.

Assumindo que conseguisse outro posto. Seguro como a merda que não seria de enfermeira. Que fosse despedida por justa causa não era o que algum empregador quisesse ver em um currículo.

Por que roubara essas porcarias de pílulas?

Ehlena ficou sentada olhando à tela somando e voltando a somar todos os numerozinhos até que se juntaram formando um só borrão, e nem sequer pôde registrar a soma.

— Minha filha?

Fechou rapidamente o portátil, porque ao seu pai não caía bem a eletrônica, e compôs o semblante.

— Sim? Quero dizer, sim?

— Pergunto-me se você gostaria de ler uma passagem ou duas de meu trabalho? Parece ansiosa, e descobri que tais atividades acalmam a mente. — aproximou-se de seu lado arrastando os pés e estendeu galantemente o braço.

Ehlena se levantou porque às vezes tudo o que uma pessoa podia fazer era aceitar as instruções de outra. Não queria ler nenhuma das incoerências que tinha rabiscado nessas páginas. Não suportava fingir que estava tudo bem. Desejava, embora fosse só por uma hora, poder ter de volta ao seu pai para poder falar da posição ruim que ela colocou a ambos.

— Isso seria encantador. — disse com um tom de voz apagado e elegante.

Seguindo-o a seu escritório, ajudou-o a acomodar-se em sua cadeira e olhou ao redor, às descuidadas pilhas de papéis. Que desastre. Havia pastas de couro negro cheias até o ponto de se romper. Pastas repletas até os batentes. Cadernos de apontamentos de espirais com páginas escapando de seus limites como línguas de cão. Folhas brancas soltas esparramadas aqui e ali, como se as páginas tivessem tentado empreender o vôo e não tivessem conseguido chegar muito longe.

Tudo isto era seu diário, ou isso dizia ele. Em realidade, era somente uma pilha atrás de outra de sem-sentidos, a manifestação física de seu caos mental.

— Aqui. Sente-se, sente-se. — seu pai limpou o assento próximo a sua escrivaninha, movendo uns blocos de papéis mantidos com elástico de borracha de cor café claro.

Depois de sentar-se, Ehlena pôs as mãos sobre os joelhos e apertou com força, tentando não perder o controle. Era como se o lixo da sala fosse uma espiral magnética que fazia com que seus próprios pensamentos e maquinacões rodassem inclusive mais rápidos, e, essa não era em absoluto a ajuda que necessitava.

Seu pai passeou a vista pelo escritório e sorriu como se desculpando.

— Semelhante trabalho para um rendimento comparativamente pequeno. Algo assim como colher pérolas. As horas que passei aqui, a quantidade de horas para cumprir cabalmente com meu propósito...

Ehlena apenas ouvia. Se não pudesse quitar o aluguel, aonde iriam? Haveria algo inclusive mais barato que não tivesse ratos e baratas sibilantes? Como seu pai enfrentaria um ambiente estranho? Queridíssima Virgem Escriba assumiu que tinham chegado ao fundo à noite em que ele queimara a conveniente casa que alugavam. O que havia mais ao fundo que isto?

Soube que tinha problemas quando tudo se borrou.

A voz de seu pai continuava, percorrendo através de seu silencioso pânico.

— Empenhei-me em registrar com fidelidade tudo o que vi...

Ehlena não ouviu muito mais.

Quebrou-se pela metade. Sentada na pequena cadeira sem braços, inundada pelo inútil balbuciar sem sentido de seu pai e examinando suas ações e aonde uma decisão ruim levara a ambos, chorou.

E não só por ter perdido o trabalho. Era pelo Stephan. Pelo que ocorrera com Rehvenge. Pelo fato de seu pai ser um adulto que não podia compreender a realidade de sua situação.

Era por estar tão sozinha.

Ehlena abraçou a si mesma e chorou, exalando roucos fôlegos por entre seus lábios até que esteve muito exausta para fazer outra coisa mais que permanecer dobrada sobre seu próprio colo.

Finalmente, soltou um grande suspiro e limpou os olhos com a manga do uniforme que já não necessitaria.

Quando levantou o olhar, seu pai estava sentado completamente imóvel em sua cadeira, com uma expressão de absoluta surpresa.

— Verdadeiramente... Minha filha.

Veja, esta era a questão. Podia ter perdido toda a pompa financeira de sua condição anterior, mas os velhos hábitos demoravam a morrer. A reserva da glymera ainda definia a forma de conversar de ambos... Em razão disso, uma grande sessão de choro equivalia a

atirar-se de costas sobre a mesa do café da manhã e que lhe saísse um “alien” do estômago.

— Perdoe-me, Pai. — disse, sentindo-se mais que parva — Acredito que deveria me desculpar.

— Não... Espere. Ia ler.

Fechou os olhos, sua pele esticando-se ao longo de todo seu corpo. Em certo nível, toda sua vida estava definida pela patologia mental de seu pai, e, embora em sua maior parte visse seu sacrifício como algo que lhe devia, esta noite estava muito alterada para fingir que algo tão inútil como seu “trabalho” era de importância crucial.

— Pai, eu...

Uma das gavetas da escrivaninha se abriu e fechou.

— Aqui o tem filha. Tem em suas mãos algo mais que só uma passagem.

Abriu as pálpebras à força...

E teve que inclinar para frente para assegurar-se de que realmente estava vendo bem. Entre as palmas de seu pai havia uma pilha próxima a um centímetro de grossura de páginas brancas perfeitamente alinhadas.

— Este é o meu trabalho. — disse simplesmente — Um livro para você, minha filha.

No andar inferior do refúgio Tudor, Rehv esperava junto às janelas da sala, com o olhar fixo na grama ondulada. As nuvens se afastaram e uma lua crescente pendia no brilhante céu invernal. Em sua mão intumescida, sustentava seu novo telefone celular, que acabava de fechar com uma maldição.

Não podia acreditar que no andar de acima, sua mãe estivesse em seu leito de morte, que nesse mesmo momento sua irmã e seu *hellren* corressem às pressas contra a saída do sol para poder chegar ali antes... E, ainda assim o trabalho elevava sua feia e chifruda cabeça.

Outro camelo morto. O que somava três nas últimas vinte e quatro horas.

Xhex foi breve e concisa, muito ao seu estilo. Ao contrário de Ricky Martínez e Isaac Rush, cujos corpos foram encontrados no rio, este cara aparecera em seu carro no estacionamento vazio de um centro comercial com uma bala atravessando a parte de trás de seu crânio. O que significava que o carro foi conduzido até ali com o corpo dentro: ninguém seria tão estúpido para disparar ao idiota em um lugar que, indubitavelmente, tinha cobertura de câmeras de segurança. Entretanto, como o relato da polícia não informava nada mais, teriam que esperar os periódicos e as notícias matutinas da TV para inteirar-se de mais detalhes.

Mas aí estava o problema, e a razão de ter amaldiçoado.

Esses três tinham feito compras no correr das últimas duas noites.

Razão pela qual Xhex o interrompera na casa de sua mãe. O negócio das drogas não estava simplesmente desregulamentado, a não ser totalmente irregular, e o ponto de

equilíbrio que se alcançou em Caldwell e que permitia que ele e seus colegas de alto nível pudessem fazer dinheiro era algo muito delicado.

Ao ser um grande jogador, seus fornecedores eram uma combinação de traficantes de Miami, importadores do porto de Nova Iorque, destiladores de Connecticut, e fabricantes de X de Rhode Island. Todos eles eram homens de negócios, como ele, e a maioria eram independentes, exemplos, não filiados à máfia dos Estados Unidos. A relação era sólida e os homens que no outro extremo eram tão cuidadosos e escrupulosos como ele era: o que faziam era simplesmente uma questão que implicava uma transação financeira e uma mudança de mãos de produtos, como em qualquer outro segmento legítimo da economia. Os carregamentos chegavam à Caldwell através de várias residências e eram transportados ao ZeroSum, onde Rally estava a cargo de provar, cortar e empacotar.

Era uma máquina bem azeitada que tinha levado dez anos pôr em marcha, e requeria uma combinação de empregados bem pagos, ameaças de dor física, a realização dessas surras, e o constante relacionamento para assegurar a manutenção.

Três cadáveres eram suficientes para fazer pedaços de todo o acerto, provocando não só um déficit econômico, a não ser uma luta de poder nos níveis inferiores que ninguém necessitava: alguém estava encarregando-se das pessoas em seu território, e seus colegas se perguntariam se estava distribuindo algum tipo de castigo ou, pior, se estava ele mesmo sendo castigado. Os preços flutuariam, as relações ficariam tensas e a informação passaria a ser não confiável.

Este assunto devia ser atendido.

Tinha que fazer algumas chamadas para assegurar a seus importadores e produtores que mantinha o controle de Caldwell e que nada impediria a venda de suas mercadorias. Mas Cristo, por que agora?

Rehv dirigiu os olhos ao teto.

Durante um momento, fantasiou deixando tudo, salvo que isso era pura merda. Enquanto a princesa fizesse parte de sua vida, permaneceria no negócio, porque não havia uma maldita forma de que permitisse que essa cadela ficasse com a fortuna de sua família. Deus sabia que o pai de Bella fizera o bastante nesse sentido ao tomar decisões financeiras ruins.

Enquanto a princesa estivesse no mundo, Rehv seguiria sendo o senhor da droga de Caldwell e faria suas chamadas... Embora, não da casa de sua mãe, não durante o tempo que dedicava a sua família. Os negócios podiam esperar até que tivesse cumprido com sua família.

Embora uma coisa estivesse clara. De agora em diante, Xhex, Trez e iAm teriam que vigiar as coisas ainda mais de perto, porque certo como a merda que se alguém era ambicioso o bastante para tentar acabar com esses intermediários, era mais que provável que tentaria com um peixe graúdo como Rehv. O problema era que seria de vital importância que Rehv se deixasse ver pelo clube. Fazer ato de presença era crítico em

tempos revoltos, quando seus contatos de negócios estariam observando-o para ver se fugia e se escondia. Era melhor que o percebessem como a pessoa que podia estar levando a cabo as matanças do que como a um maricas que se escondia rapidamente quando as coisas ficavam difíceis.

Sem razão aparente, abriu seu telefone e se certificou se tinha chamadas perdidas. Outra vez. Nada de Ehlena. Ainda.

Era provável que simplesmente estivesse ocupada na clínica, presa na agitação. É óbvio que sim. E, não era como se a instalação corresse perigo de ser assaltada. Estava localizada em um lugar remoto, tinha bastante segurança, e, se algo mal tivesse ocorrido teria se informado.

Verdade?

Demônios.

Franzindo o cenho, verificou seu relógio. Hora de tomar mais duas pílulas.

Dirigiu-se à cozinha e estava bebendo um copo de leite e tomando mais penicilina quando um par de faróis iluminou a fachada da casa. Enquanto o Escalade estacionava à frente e abriam as portas, deixou o copo, apoiou a bengala no chão, e foi saudar sua irmã, seu marido e a filha de ambos.

Bella já tinha os olhos vermelhos quando entrou, porque deixara claro o que estava acontecendo. Seu *hellren* vinha logo atrás dela, levando a sua sonolenta filha nos enormes braços, e com uma expressão turva em seu rosto com cicatrizes.

— Minha irmã. — disse Rehv enquanto tomava Bella entre seus braços. Enquanto a abraçava ligeiramente, chocou as palmas com Zsadist — Alegra-me que esteja aqui, amigo.

Z assentiu com seu crânio raspado.

— A mim também.

Bella se afastou e limpou os olhos rapidamente.

— Está acima na cama?

— Sim, sua *doggen* está com ela.

Bella tomou sua filha nos braços e, após, Rehv abriu caminho subindo as escadas. Frente às portas do dormitório, chamou primeiro na soleira e esperou enquanto sua mãe e a fiel criada se preparavam.

— Quão mal está? — sussurrou Bella.

Rehv baixou o olhar para sua irmã, pensando que esta era uma das poucas situações que podia ver-se não sendo tão forte para ela como queria ser.

Sua voz foi rouca.

— Chegou a hora.

Os olhos de Bella se fecharam exatamente quando sua mahmen disse com um tom de voz instável:

— Entrem.

Quando Rehv abriu uma das duas portas, ouviu Bella inalar intensamente, mas, mais que isso percebeu sua mentira emocional: a tristeza e o pânico se entrelaçavam, dobrando-se e redobrando-se até formar uma caixa sólida. Era uma estampagem de sentimentos que só tinha visto em funerais. E, por acaso não tinha isso um perfeito e trágico sentido.

— Mahmen. — disse Bella enquanto ia à cama.

Quando Madalina estendeu os braços, seu rosto estava impregnado de felicidade.

— Meus amores, meus queridíssimos amores.

Bella se inclinou e beijou a bochecha de sua mãe, depois transferiu cuidadosamente o peso de Nalla. Como sua mãe não tinha forças para segurar à pequena, colocou um dos travesseiros restantes de forma que servisse de apoio para o pescoço e a cabeça de Nalla.

O sorriso de sua mãe era resplandecente.

— Olhem seu rosto... Certamente será uma grande beleza. — elevou uma mão esquelética para Z — E o orgulhoso papai, que cuida de suas fêmeas com tanta força e integridade.

Zsadist se aproximou e estreitou a mão que lhe estendia, inclinando-se para roçar os nódulos dela com a testa, como era costume entre mães e genros.

— Sempre as mantereí a salvo.

— Certamente. Disso estou bem segura. — sua mãe sorriu ao feroz guerreiro que parecia totalmente desconcertado entre as cortinas de renda que rodeavam a cama... Mas então suas forças fraquejaram e permitiu que sua cabeça caísse a um lado.

— Minha maior alegria. — sussurrou enquanto olhava a sua neta.

Bella encostou o quadril sobre o colchão e roçou gentilmente o joelho de sua mãe. O silêncio no quarto se voltou suave como um pôr-do-sol, um casulo de tranquilidade que pousou sobre todos eles e aliviou a tensão.

Havia uma única coisa boa em tudo isto: Uma morte natural que ocorria no momento adequado era uma bênção tão grande como uma vida longa e tranqüila.

Sua mãe não teve o último. Mas Rehv manteria sua promessa assegurando-se que a paz que havia neste quarto se mantivesse também depois que ela se fosse.

Bella se inclinou para sua filha e sussurrou:

— Dorminhoca, acorde para sua Grahmen.

Quando Madalina roçou brandamente a bochecha da pequena, Nalla despertou com um gorjeio. Quando esses olhos amarelos, brilhantes como diamantes enfocaram o velho e amado rosto que tinha ante ela, a pequena sorriu e estendeu suas mãos gordinhas. Quando a menina apertou o dedo de sua avó, Madalina elevou o olhar e espiou ao Rehv por cima da seguinte geração. Em seu olhar havia uma súplica.

E lhe deu exatamente o que necessitava. Pondo o punho sobre o coração, fez a mais ligeira das inclinações, pronunciando seu voto uma vez mais.

Sua mãe piscou, com lágrimas tremendo em suas pestanas, e uma onda de gratidão se derramou sobre ele. Embora não pudesse sentir a calidez da mesma, sabia pela forma

em que permitiu que seu casaco de zibelina se abrisse que sua temperatura corporal acabava de subir.

Sabia também que seria capaz de tudo para manter sua promessa. Uma boa morte não era somente rápida e indolor. Uma boa morte implicava deixar seu mundo em ordem, que passava ao Fade com a satisfação de saber que os entes amados estariam bem cuidados e a salvo, e, embora tivessem que atravessar o processo do duelo, ficava a segurança de que não tinha deixado nada sem dizer ou fazer.

Ou que não havia dito nada, como era o caso aqui.

Era o maior presente que podia dar à mãe que o criara de um modo melhor do que merecia, a única forma em que podia compensá-la pelas circunstâncias de seu cruel nascimento.

Madalina sorriu e soltou um comprido e agradecido fôlego.

E tudo foi como tinha que ser.

Capítulo 35

John Matthew acordou com sua H&K apontando à porta que se abria no inóspito quarto de Xhex. Seu ritmo cardíaco estava tão sereno quanto sua mão firme, e, mesmo quando as luzes acenderam, não piscou. Se não gostasse do aspecto de quem quer que fosse que abria a fechadura e virava o trinco, colocaria uma bala no meio de qualquer peito que surgisse.

— Tranquilo. — disse Xhex enquanto entrava e os fechava juntos — Sou somente eu. Ele voltou a pôr a trava e baixou a arma.

— Estou impressionada. — murmurou ela enquanto se recostava contra o batente da porta — Desperta como um guerreiro.

De pé do outro lado do quarto, com seu poderoso corpo relaxado, era a fêmea mais atrativa que já vira. O que queria dizer que a menos que ela quisesse o mesmo que ele, teria que ir. As fantasias eram boas, mas em carne e osso era melhor, e, não acreditava que pudesse manter-se afastado dela.

John esperou. E esperou. Nenhum dos dois se moveu.

Bem. Hora de ir antes de se comportar como um imbecil.

Começou a baixar as pernas da cama, mas ela sacudiu a cabeça.

— Não, fique onde está.

Ok. Mas isso queria dizer que necessitaria um pouco de camuflagem.

Estendeu a mão em busca de sua jaqueta e arrastou o couro até seu colo, porque sua arma não era unicamente o que estava preparada para ser usada. Como de costume, tinha

uma ereção, o que era habitual na merda de “acorda-desperta-levanta-e-brilha”... Assim como um problema sempre que entrava no raio de ação dela.

— Sairei em seguida. — disse ela, deixando cair sua jaqueta negra e dirigindo-se ao banheiro.

A porta se fechou e ele ficou boquiaberto.

Poderia ser... Que acontecesse?

Alisou o cabelo, arrumou a camisa, e acomodou seu pênis. O qual não só estava duro, mas também pulsava. Baixou o olhar para a longitude que se apertava contra o zíper de seu jeans A&F e tratou de indicar à coisa que possivelmente ela ficaria, mas isso não queria dizer necessariamente que tivesse interesse em utilizar seus quadris para praticar como montar.

Xhex saiu um pouco depois e se deteve junto ao interruptor.

— Tem algo contra a escuridão?

Ele negou lentamente com a cabeça.

O quarto se afundou na escuridão e a ouviu dirigir-se para a cama.

Com o coração disparado no peito e o pênis ardendo, John apressou em mover-se lhe deixando muito espaço. Quando se deitou, sentiu cada nuance do movimento do colchão, escutou o suave roçar de seu cabelo quando pousou no travesseiro e distinguiu seu aroma nas profundezas de suas narinas.

Não podia respirar.

Nem sequer quando ela suspirou relaxando-se.

— Não me tem medo. — disse em voz baixa.

Ele negou com a cabeça apesar dela não poder vê-lo.

— É duro.

Oh, Deus, pensou ele. Sim, estava.

Um pânico instantâneo tomou forma, como um chacal saltando de um arbusto grunhindo. Porra! Era difícil imaginar o que seria pior: que Xhex o buscasse e ele perdesse sua ereção... Como ocorreu com a Escolhida Layla na noite de sua transição. Ou, que Xhex não o buscasse absolutamente.

Ela resolveu o cara ou coroa girando para ele e pondo uma mão em seu peito.

— Tranquilo. — disse quando saltou.

Depois que se tranqüilizou, sua carícia prosseguiu para o estômago, e quando cavou a mão ao redor de seu pênis através dos jeans, ele se arqueou na cama, abrindo a boca para soltar um silencioso gemido.

Não houve preliminares, mas em todo caso não os desejava. Baixou o zíper, tirou sua ereção e logo houve uns movimentos e ouviu o som de suas calças de couro caindo ao chão.

Montou-o, plantando as palmas nos peitorais e o empurrando contra o colchão. Quando algo morno, suave e úmido se esfregou contra ele, já não o preocupou

absolutamente ficar flácido. Seu corpo ansiava por entrar nela, nada do passado abriria caminho através de seu instinto de emparelhamento.

Xhex se levantou sobre os joelhos, tomou sua ereção na mão, e a levantou. Quando se sentou, sentiu uma deliciosa e tensa pressão ao longo de seu pênis, a compressão eletrizante detonou o orgasmo que provocou que seus quadris saltassem para cima. Sem pensar se era o correto, aferrou-se a suas coxas...

Ficou gelado quando sentiu o metal, mas então já estava muito longe. Tudo o que pôde fazer foi apertar as mãos enquanto estremecia uma e outra vez, em uma interminável perda de sua virgindade.

Era a coisa mais assombrosa que jamais sentiu. Sabia como era por suas masturbações. Tinha feito mil vezes desde sua transição. Mas, isto tirava do jogo algo que ele pudesse ter-se feito. Xhex era indescritível.

E isso foi antes que começasse a se mover.

Quando terminou com esse primeiro fantasma-orgasmo, ela lhe deu um minuto para recuperar o fôlego, e logo começou a menear os quadris para cima e para trás. Ele ofegou. Seus músculos internos apertavam e soltavam seu pênis, a pressão intermitente fez seus testículos se esticarem e estarem preparadas uma vez mais.

Agora entendia total e completamente as ânsias de Qhuinn por despir-se. Isto era incrível, especialmente quando John deixou que seu corpo seguisse ao dela e se moveram juntos. Inclusive quando o ritmo se tornou mais e mais rápido, convertendo-se algo urgente, sabia exatamente o que estava acontecendo e onde estava cada parte de ambos. Desde as palmas de suas mãos em seu peito, passando pelo peso dela sobre ele, e a fricção do sexo até a forma em que o fôlego se enroscava na garganta.

Quando gozou outra vez, seu corpo ficou rígido dos pés à cabeça, e seus lábios articularam o nome dela como em suas fantasias... Só que com mais urgência.

E então terminou.

Xhex se levantou para liberá-lo e seu pênis caiu sobre seu ventre. Comparado com o quente refúgio de seu corpo, o suave algodão da camiseta que usava era como lixa, e a temperatura ambiente estava gelada. A cama se moveu quando ela se estendeu a seu lado, e ele girou para encará-la na escuridão. Sua respiração era difícil, mas ansiava beijá-la no interlúdio antes que o fizessem outra vez.

John estendeu a mão e sentiu que ela se esticava quando a pousou sobre a lateral de seu pescoço, mas ela não se afastou. Deus, sua pele era suave... Oh, tão suave. Embora os músculos que percorriam seus ombros fossem como aço, a pele que os cobria era suave como a seda.

John se moveu devagar ao levantar a parte superior de seu corpo e se inclinar sobre ela, deslocando a carícia até sua bochecha, embalando o rosto brandamente, encontrando seus lábios com o polegar.

Não queria pressioná-la. Ela tinha feito a maior parte do trabalho e o tinha feito espetacularmente. Mais que isso, tinha lhe dado o dom do sexo e mostrou que apesar do que lhe tinham feito, ainda era um macho, ainda era capaz de desfrutar com aquilo que seu corpo nasceu para fazer. Se era ele quem iniciaria o primeiro beijo entre eles, estava decidido a fazê-lo bem.

Baixou a cabeça...

— Isto não se trata disso. — Xhex o empurrou, desceu da cama, e entrou no banheiro.

A porta se fechou, e o pênis de John murchou sobre sua camiseta quando ouviu cair à água: ela estava limpando-se dele, desfazendo-se do que seu corpo lhe tinha dado. Com as mãos tremendo, meteu-se de novo em seu jeans, tratando de ignorar a umidade e o aroma erótico.

Quando Xhex saiu, recolheu sua jaqueta, e foi abrir a porta. Quando a luz do vestíbulo entrou, converteu-a em uma destacada sombra negra, alta e forte.

— Já amanheceu, no caso de não ter checado seu relógio. — fez uma pausa — E aprecio que tenha sido discreto a respeito de minha... Situação.

A porta fechou silenciosamente atrás dela.

Assim, esse era o porquê atrás de sua atuação. Tinha dado sexo a ele para agradecer por que manteve seu segredo.

Cristo, como podia ter pensado que fosse algo mais?

Completamente vestidos. Sem beijos. E estava bastante seguro que tinha sido o único que gozou: sua respiração não se alterou, não tinha gemido, não a alagou o alívio depois de fazê-lo. Não que ele soubesse muito sobre fêmeas e orgasmos, mas era o que aconteceu a ele quando gozou.

Não foi uma transa por pena. Foi uma por gratidão.

John esfregou seu rosto. Era tão estúpido. Por pensar que tinha significado algo.

Tão, mas tão estúpido.

Tohr acordou com o estômago como se tivesse sido pintado com um spray da cor da dor. A agonia era tão intensa que em seu sonho pós-alimentação de morto para o mundo, rodeou seu ventre com os braços e se encurvou sobre si mesmo.

Endireitando de sua posição encurvada e trememente, perguntou-se se teria havido algo mau no sangue...

Os rugidos que emitia eram o suficientemente altos para rivalizar com um triturador de lixo.

A dor... Era fome? Baixou os olhos para a fossa côncava que havia entre seus quadris. Esfregou a superfície dura e plana. Escutou outro rugido.

Seu corpo exigia comida, quantidades industriais de sustento.

Olhou o relógio. Dez da manhã. John não passara para vê-lo para a Última Comida.

Tohr se ergueu sem utilizar os braços e foi ao banheiro sobre pernas que sentia curiosamente firmes. Usou o vaso, mas não para vomitar, depois lavou o rosto, e se deu conta que não tinha roupa que vestir.

Vestindo um robe de felpa, saiu de seu dormitório pela primeira vez desde que tinha entrado nele.

As luzes do corredor das estátuas o fizeram piscar como se fossem focos de um cenário, e necessitou um minuto para adaptar-se a... Tudo.

Estendendo-se para cima e abaixo pelo corredor, os machos de mármore em suas várias posturas estavam tal e como os recordava: tão fortes, elegantes e estáticos, e sem motivo aparente, recordou o Darius comprando-os um a um, formando a coleção. Naquela época, quando D se pôs em ritmo de compra, enviara Fritz aos leilões da Sotheby's e Christie's em Nova Iorque, e, quando cada uma das obras de mestres era entregue em uma caixa com todo esse estofo e esses tecidos as envolvendo, o irmão fazia uma festa de inauguração.

D amara a arte.

Tohr franziu o cenho. Wellsie e seu filho não nascido seriam sempre sua primeira e mais importante perda. Mas tinha mais mortos que vingar, ou não? Os *lessers* levaram não só sua família, mas também seu melhor amigo.

A fúria se agitou nas profundezas de seu ventre... Desencadeando outro tipo de fome. De guerra.

Com uma concentração e uma determinação que eram de uma única vez estranhas e familiares, Tohr se dirigiu para a escada principal e se deteve quando chegou às portas quase fechadas do escritório. Percebeu Wrath atrás delas, mas, na realidade não queria interagir com ninguém.

Ao menos pensava isso.

Então, por que simplesmente não ligou à cozinha para pedir comida?

Tohr espiou através da fresta entre as portas.

Wrath estava dormindo em seu escritório, seu comprido e brilhante cabelo negro se abria em leque sobre a papelada e tinha um antebraço dobrado sob a cabeça como se fosse um travesseiro. Na mão livre, ainda sustentava a lupa que devia usar se queria tentar ler algo.

Tohr entrou na sala. Jogando um olhar a seu redor, viu o suporte da chaminé e pôde imaginar o Zsadij ajeitado contra ela, com uma expressão séria em seu rosto marcado e os olhos negros brilhantes. Phury sempre estava perto dele, geralmente sentado na chaise azul pálido que havia ao lado da janela. V e Butch tinham tendência a se apropriar do sofá alto e frágil. Rhage escolhia diferentes lugares dependendo de seu humor...

Tohr franziu o cenho quando notou o que estava junto a escrivaninha de Wrath.

A horrenda e andrajosa poltrona verde-abacate, com remendos puídos nas almofadas de couro... Era a cadeira de Tohr. A que Wellsie insistiu em jogar fora porque parecia um fiasco. A que ele tinha posto no escritório do centro de treinamento.

— Trouxemos aqui para que John voltasse para a mansão.

Tohr girou a cabeça bruscamente. Wrath estava levantando a cabeça do braço e sua voz era tão grogue como a aparência de seu rosto.

O rei falou lentamente, como se não quisesse assustar sua visita.

— Depois do que aconteceu, John não queria sair do escritório. Negava-se a dormir em outro lugar que não fosse essa cadeira. Que enredo... Comportava-se mal nos treinamentos. Metia-se em brigas. Ao final me pus firme, mudei esse traste inútil para cá, e as coisas melhoraram. — Wrath girou para a cadeira — Costumava lhe agradar sentar-se ali e me olhar trabalhar. Após sua transição e as incursões ocorridas no verão, esteve saindo para lutar de noite e dormindo durante o dia, assim não esteve aqui tanto tempo. De certa forma sinto sua falta.

Tohr tomou um susto. Tinha feito uma boa merda a esse pobre menino. Certo, fora incapaz de atuar diferente, mas John sofreu um montão.

Ainda sofria.

Tohr se envergonhou de si mesmo ao pensar em como despertava nessa cama cada manhã e cada tarde e John levava a bandeja e se sentava com ele enquanto comia... E permanecia ali, como se o menino soubesse que assim que ficasse sozinho, vomitaria a maior parte do que tivesse lhe servido.

John teve que enfrentar a morte de Wellsie por si só. Atravessar a transição por si só. Atravessar muitas primeiras vezes por si só.

Tohr se sentou no sofá de V e Butch. A coisa se sentia surpreendentemente firme, mais do que lembrava. Pondo as palmas de suas mãos sobre as almofadas, empurrou.

— Foi reforçado enquanto não estava. — disse Wrath tranqüilamente.

Houve um bom período de silêncio, a pergunta que Wrath queria fazer pairava no ar tão clamorosamente como o eco das badaladas dos sinos de uma capela privada.

Tohr clareou a garganta. A única pessoa com a qual poderia ter falado a respeito do que tinha em mente era Darius, mas o irmão estava morto e enterrado. Não obstante, Wrath era a próxima pessoa a que considerava mais próxima...

— Foi... — Tohr cruzou os braços sobre o peito — Estive bem. Ela ficou detrás de mim.

Wrath assentiu lentamente.

— Boa idéia.

— Foi idéia dela.

— Selenia está bem. Bondosa.

— Não estou certo de quanto tempo me levará. — disse Tohr, não querendo sequer falar da fêmea — Já sabe, estar preparado para lutar. Terei que treinar um pouco. Ir ao campo de tiro. Fisicamente? Não tenho idéia de como se recuperará meu corpo.

— Não se preocupe pelo tempo. Só cure.

Tohr baixou o olhar para suas mãos e as apertou formando um par de punhos. Não tinha carne sobre os ossos, por isso os nódulos se sobressaíam na pele como se fosse um mapa em relevo das Adirondacks, nada mais que picos dentados e vales cavados.

Seria uma longa viagem de retorno, pensou. E, inclusive uma vez que estivesse fisicamente forte, em seu baralho de cartas mental ainda lhe faltariam todos os ases. Sem importar quanto pesasse nem quão bem lutasse nada trocaria isso.

Houve um golpe seco na porta e fechou os olhos, rezando para que não fosse um de seus irmãos. Não queria dar muita importância a sua volta à terra dos vivos.

Sim. Hurra. Uau. Bárbaro.

— O que ocorre, Qhuinn? — perguntou o rei.

— Encontramos o John. Mais ou menos.

As pálpebras de Tohr se abriram amplamente e deu a volta, franzindo o cenho ao menino que estava na porta. Antes que Wrath pudesse falar, Tohr exigiu:

— Estava perdido?

Qhuinn pareceu surpreso de vê-lo de novo em pé, mas o macho se recompôs rapidamente enquanto Wrath exigia:

— Por que não me informou que se foi?

— Não sabia que se foi. — Qhuinn entrou, e o ruivo das aulas de treinamento, Blay, estava com ele — Disse a ambos que estava fora do turno de rodízios e que iria dormir. Nós acreditamos, e antes que me arranque às bolas, durante todo esse tempo fiquei em meu quarto porque pensei que ele estava no seu. Assim que me dei conta de que não estava ali, fomos buscá-lo.

Wrath amaldiçoou em voz baixa e depois interrompeu a desculpa de Qhuinn.

— Ah, está bem, filho. Não sabia. Não podia fazer nada. Onde caralho está?

Tohr não escutou a resposta devido ao rugido que havia em sua cabeça. John estava em Caldwell sozinho? Foi sem dizer a ninguém? E se aconteceu algo?

Interrompeu a conversa.

— Esperem, onde está?

Qhuinn levantou seu telefone.

— Não quis dizer. Só escreveu que está a salvo, em qualquer lugar que esteja, e que se encontrará conosco amanhã de noite.

— Quando voltará para casa? — exigiu Tohr.

— Acredito, — disse Qhuinn encolhendo de ombros — que não voltará.

A mãe de Rehvenge fez a passagem para o Fade às onze e onze da manhã.

Estava rodeada por seu filho, sua filha, sua neta adormecida, seu feroz genro e atendida por sua querida *doggen*.

Foi uma morte plácida. Uma morte muito plácida. Fechou os olhos, e uma hora mais tarde ofegou duas vezes e deixou escapar uma longa exalação, como se seu corpo suspirasse de alívio enquanto sua alma voava livre do aprisionamento corpóreo. E foi estranho... Nalla despertou nesse momento e a menina cravou o olhar não em sua *granhmen*, mas, um pouco mais acima da cama. As pequenas mãos gordinhas se estenderam ao alto, sorriu e gorjeou como se alguém acabasse de acariciar sua bochecha.

Rehv baixou os olhos para o corpo. Sua mãe sempre acreditou que renasceria no Fade, as raízes de sua fé foram plantadas no fértil terreno de sua educação como Escolhida. Esperava que isso fosse certo. Queria acreditar que vivia em algum lugar.

Foi a única coisa que aliviou, embora fosse um pouco, a dor que sentia no peito.

Quando a *doggen* começou a chorar baixinho, Bella abraçou sua filha e Zsadist. Rehv permaneceu afastado deles, sentado sozinho aos pés da cama, observando como o rosto de sua mãe ia perdendo a cor.

Quando um formigamento floresceu em suas mãos e pés, recordou que o legado de seu pai, assim como o de sua mãe, estaria sempre com ele.

Levantou-se, fez uma pequena reverência a todos, e se desculpou. No banheiro do quarto onde se hospedava, olhou sob o lavabo e deu graças à Virgem Escriba de ter sido bastante inteligente para colocar um par de ampolas de dopamina na parte de atrás. Acendendo a luz do teto, tirou o casaco de zibelina e a jaqueta Gucci dos ombros. Quando o resplendor avermelhado que vinha de acima o pôs muito nervoso, porque o fez pensar que o estresse pela morte fazia aflorar seu lado perverso, apagou a luz, abriu a ducha e antes de continuar, esperou que subisse o vapor.

Engoliu outras duas pílulas de penicilina enquanto tamborilava o chão com o mocassim.

Quando se considerou capaz de suportar, enrolou a manga da camisa e deliberadamente ignorou seu reflexo no espelho. Após encher uma seringa de injeção, utilizou o cinto LV⁶⁹ para formar um laço que pôs ao redor de seus bíceps, logo puxou o couro negro, dobrou-o e o aprisionou contra as costelas.

Introduziu a agulha de aço dentro de uma de suas veias infectadas e apertou o êmbolo...

— O que está fazendo?

⁶⁹ Nota da Revisora: Louis Vuitton, estilista de moda francês.

A voz de sua irmã o fez levantar a cabeça. Através do espelho, ela estava olhando fixamente a agulha que tinha no braço e as veias judiadas e avermelhadas.

A primeira coisa que lhe ocorreu foi rosnar que saísse. Não queria que visse isto, e, não só porque significasse que teria que dizer mais mentiras. Era algo íntimo.

Em troca, tirou a seringa de injeção com calma, pôs a tampa, e a jogou. Enquanto a ducha chiava, baixou a manga, após vestiu a jaqueta e o casaco de zibelina.

Fechou a água.

— Sou diabético. — disse. Merda, dissera a Ehlena que tinha Parkinson. Maldita seja.

Bom, tampouco era como se fossem se encontrar um dia desses.

Bella levou a mão à boca.

— Desde quando? Está bem?

— Estou bem. — forçou um sorriso — Você está bem?

— Espere, desde quando isto está acontecendo?

— Estive me injetando há uns dois anos. — ao menos isto não era uma mentira — Vejo Havers com regularidade. — Ding! Ding! Outra verdade — Levo bem.

Bella olhou seu braço.

— É por isso que sempre tem frio?

— Isso é pela má circulação. Por isso necessito a bengala. Tenho um sentido ruim de equilíbrio.

— Pensei que havia dito que isso era por causa de uma ferida?

— A diabetes compromete a forma em que me curo.

— Oh, claro. — assentiu tristemente — Desejaria ter sabido.

Quando o contemplou com seus grandes olhos azuis, pensou que odiava lhe mentir, mas tudo o que tinha que fazer era pensar na plácida expressão de sua mãe.

Rehv rodeou sua irmã com o braço e a conduziu fora do banheiro.

— Não é importante. Eu cuido disso.

O ar era mais frio no quarto, mas notou só porque Bella se envolveu com seus braços e se aconchegou.

— Quando deveríamos fazer a cerimônia? — perguntou.

— Telefonarei à clínica, e farei que Havers venha aqui ao cair da noite para envolvê-la. Em seguida temos que decidir onde enterrá-la.

— No Complexo da Irmandade. Ali é onde a quero.

— Se Wrath permitir que a *doggen* e eu assistamos, está bem.

— É obvio. Z está agora ao telefone com o rei.

— Não acredito que fiquem muitos integrantes da *glymera* na cidade que queiram despedir-se.

— Pegarei sua agenda no andar de baixo e farei um anúncio.

Semelhante conversa objetiva e prática demonstrava que a morte formava, sem

dúvida alguma, parte da vida.

Quando Bella deixou escapar um soluço afogado, Rehv a atraiu contra seu peito.

— Vêem aqui, minha irmã.

Enquanto permaneciam juntos com a cabeça dela apoiada em seu peito, pensou na quantidade de vezes que tinha tratado de salvá-la do mundo. Não obstante, a vida, tinha seguido seu curso de todos os modos.

Deus, quando era pequena, antes de sua transição esteve absolutamente convencido de que podia protegê-la e cuidar dela. Quando tinha fome se assegurava de que tivesse comida. Quando necessitava roupas, comprava para ela. Quando não podia dormir, ficava com ela até que fechava os olhos. Entretanto, agora que crescera, sentia como se seu repertório estivesse limitado a lhe servir simplesmente de consolo. Embora possivelmente fosse assim como funcionava. Quando é menino, um bom arrulho era tudo o que necessitava para acalmar o estresse do dia e te fazer sentir seguro.

Agora a abraçando, desejou que houvesse tais remédios rápidos para adultos.

— Sentirei sua falta. — disse Bella — Não éramos muito parecidas, mas sempre a amei.

— Você foi sua maior alegria. Sempre foi.

Bella se afastou.

— E você também.

Colocou uma mecha de cabelo rebelde atrás de sua orelha.

— Você e sua família querem descansar aqui?

Bella assentiu.

— Onde ficaremos?

— Pergunte a *doggen* de *mahmen*.

— Farei isso. — Bella deu um apertão em sua mão, que ele não pôde sentir e abandonou o quarto.

Quando esteve sozinho, aproximou-se da cama e tirou o telefone celular. Ehlena não enviou uma mensagem à noite anterior, e enquanto procurava o número da clínica na agenda, tentou não se preocupar. Talvez houvesse feito o turno diurno. Deus! Esperava que sim.

Havia poucas probabilidades que tivesse ocorrido algo mau. Muito poucas.

Mas ligaria para ela depois.

— *Olá, clínica*. — disse a voz na Antiga Língua.

— É Rehvenge, filho de Rempoon. Minha mãe acaba de morrer, e preciso fazer os trâmites para que seu corpo seja conservado.

A fêmea ofegou ao outro extremo. Não caía bem a nenhuma das enfermeiras, mas todas elas tinham adorado sua mãe. Todo mundo a adorava...

Todo mundo a tinha adorado, melhor dizendo.

Esfregou o moicano.

— Há alguma possibilidade de que Havers possa vir à casa ao cair da noite?

— Sim, claro que sim, e posso dizer em nome de todos, que estamos profundamente afligidos por sua morte e lhe desejamos uma passagem segura ao Fade.

— Obrigado.

— Espere um momento. — quando a fêmea retornou, disse — O doutor chegará imediatamente após o pôr-do-sol. Com sua permissão, levará alguém para que o ajude...

— A quem? — não estava seguro como se sentiria se fosse Ehlena. Não queria que tivesse que tratar com outro corpo tão cedo, e o fato que fosse o de sua mãe poderia ser inclusive mais duro para ela — Ehlena?

A enfermeira vacilou.

— Ah, não, Ehlena não.

Franziu o cenho, seus instintos *symphath* se ativaram pelo tom da fêmea.

— Ehlena trabalhou ontem à noite? — houve outra pausa — Trabalhou?

— Sinto muito, não posso falar sobre...

Sua voz baixou convertendo-se em um grunhido.

— Trabalhou ou não. É uma pergunta simples. Fez-o. Ou não o fez.

A enfermeira ficou nervosa.

— Sim, sim, ela veio...

— E?

— Nada. Ela...

— Qual é o problema?

— Não há nenhum problema. — a exasperação que ouviu nessa voz indicou que alegres interações como essa eram parte do motivo para que o detestassem tanto.

Tratou de nivelar mais a voz.

— É evidente que há um problema, e vai me contar o que está acontecendo ou vou continuar telefonando até que alguém me diga. E, se ninguém o fizer, aparecerei frente ao balcão da recepção e vou voltar louco a cada um de vocês até que um membro da equipe ceda e me diga isso.

Houve uma pausa que vibrou com “*é-tão-imbecil*”.

— Bom. Ela já não trabalha aqui.

Rehv inalou emitindo um chiado e sua mão disparou para a Baggie⁷⁰ de plástico, cheia de penicilina que esteve guardando no bolso superior de seu terno.

— Por quê?

— Não revelarei isso sem importar o que faça.

Houve um clique quando desligou.

Ehlena estava no andar de baixo, sentada à desmantelada mesa da cozinha, com o

⁷⁰ Nota da revisora: marca comercial de bolsinhas de plástico.

manuscrito de seu pai frente a ela. Lera duas vezes no escritório dele, em seguida o tinha deitado e subiu ali, onde o examinou uma vez mais.

O título era *Na Selva Pluvial da Mente do Macaco*.

Queridíssima Virgem Escriba, se antes tinha acreditado que sentia compaixão pelo macho, agora se sentia identificada com ele. As trezentas páginas manuscritas eram um *tour* guiado através de sua doença mental, um vívido estudo de “caminhe-um-quilometro-em-meus-sapatos” a respeito de quando tinha começado a doença e onde o tinha conduzido.

Jogou uma olhada ao papel de alumínio que cobria as janelas. As vozes que torturavam sua mente provinham de diversas fontes, e uma delas, era através das ondas de rádio que os satélites que orbitavam a terra emitiam.

Ela já sabia tudo isto.

Mas no livro, seu pai descrevia o Reynolds Wrap⁷¹ como uma interpretação tangível da psicose: ambos, o papel alumínio e a esquizofrenia mantinham afastado o mundo real, ambos o isolavam... E com ambos em seu lugar ele estava mais seguro do que se não estivessem ao seu redor. A verdade era que ele amava sua doença tanto quanto a temia.

Fazia muitos, muitos anos, depois que a família o traíra nos negócios e o arruinara frente aos olhos da *glymera*, deixou de confiar em sua capacidade para ler as intenções e motivações de outros. Tinha posto sua fé nas pessoas erradas e... Isso havia lhe custado sua *shellan*.

O certo era que Ehlena teve uma idéia equivocada a respeito da morte de sua mãe. Logo após a grande queda, sua mãe havia se amparado no láudano para ajudá-la a agüentar, e o alívio transitório floresceu convertendo-se em uma muleta, quando a vida como ela a conheceu desmoronou... O dinheiro, a posição, as casas, as posses, abandonaram-na como formosas pombas debandando sobre um campo, indo a um lugar mais seguro.

E, a seguir veio o fracasso do compromisso de Ehlena, o macho se distanciou antes de declarar publicamente que terminava a relação... Porque Ehlena o tinha seduzido levando-o a sua cama e aproveitando-se dele.

Isto para sua mãe tinha sido a gota que transbordou o copo.

O que fora uma decisão conjunta entre Ehlena e o macho se voltou contra Ehlena convertendo-a em uma fêmea sem valor, em uma meretriz do inferno que corrompeu um macho que unicamente tivera as mais honoráveis das intenções. Tendo forjado essa reputação na *glymera*, Ehlena nunca poderia ter se casado, embora sua família mantivesse o status perdido.

À noite em que estalou o escândalo, a mãe de Ehlena foi para seu quarto e horas mais tarde foi encontrada morta. Ehlena sempre supôs que foi por uma overdose de

⁷¹ Nota da Revisora: marca de papel alumínio reciclado.

láudano, mas não. De acordo com o manuscrito, cortou as veias e sangrou sobre os lençóis.

Seu pai começou ouvir vozes no momento em que viu sua fêmea morta na cama matrimonial, com o pálido corpo emoldurado pela auréola vermelho intenso do derramamento de sua vida.

Na medida em que a doença mental avançava, se refugiara cada vez mais na paranóia, mas de maneira estranha se sentia mais seguro ali. Em sua mente, a vida real estava repleta de gente que podia ou não traí-lo. Sem dúvida, todas as vozes de sua cabeça o perseguiam. Como esses macacos loucos que se lançavam ao ar e saltavam entre os ramos do bosque da doença, fazendo chover ramos e duros caroços de fruta sobre ele em forma de pensamentos, podia dizer que conhecia seus inimigos. Podia vê-los, senti-los e conhecê-los pelo que eram, e as armas que tinha para combatê-los, era uma geladeira bem organizada, estanho sobre as janelas, rituais verbais e seus escritos.

Fora, no mundo real? Estava desprotegido e perdido, a mercê de outros, sem defesas para julgar o que era perigoso e o que não. Por outro lado na doença, era onde queria estar, porque como dizia ele, conhecia os limites da selva e os caminhos que rodeavam os troncos e as tribulações dos macacos.

Ali sua bússola mantinha um verdadeiro norte.

Para surpresa de Ehlena? Não, tudo era sofrimento para ele. Antes de cair doente, foi um advogado litigante em assuntos da Antiga Lei, um macho reconhecido por sua afeição ao debate e sua avidez de encontrar oponentes difíceis. Na doença, tinha encontrado exatamente a mesma classe de conflitos com que desfrutara quando estava são. As vozes em sua mente como escreveu ele com a ironia de sua auto-realização, eram igualmente inteligentes e direitas como ele para debater. Para ele, seus violentos episódios eram nada mais que o equivalente mental de um bom combate de boxe, e como no fim sempre saía dele, sempre se sentia vencedor.

Também era consciente que nunca sairia da selva. Era como disse na última linha do livro, sua última direção antes de ir para o Fade. E seu único pesar era que ali só havia espaço para um único habitante, que sua estada entre os macacos significava que não podia estar com ela, sua filha.

Entristecia-o a separação e a carga que representava para ela.

Sabia que ele era muito difícil de tratar. Era consciente dos sacrifícios que fazia. Afligia-se pela solidão em que ela se encontrava.

Era tudo o que ela queria escutá-lo dizer, e, enquanto sustentava as páginas, não importava que fosse por escrito e não verbalmente. Em todo caso, era melhor desta maneira porque podia lê-las uma e outra vez.

Seu pai sabia muito mais do que ela pensava.

E, estava muito mais contente do que jamais poderia imaginar.

Passou a palma da mão sobre a primeira página. A escrita à mão, que estava em azul, porque um advogado adequadamente instruído nunca escrevia em negro, era tão

limpa e nítida como a narração do passado, e, tão elegante e de bom gosto como as consideráveis conclusões às que tinha chegado e as apreciações em profundidade que oferecia.

Deus... Vivera com ele durante tanto tempo, e somente agora sabia o que ele vivia.

E todo mundo era assim, não? Cada um em sua selva pluvial particular, sozinhos sem importar quantos parentes andasse ao seu lado.

A saúde mental era simplesmente um assunto de ter menos macacos? Talvez a mesma quantidade, com a condição de que fossem agradáveis?

O amortecido som de um telefone celular a fez levantar a cabeça. Esticando a mão até o outro lado da mesa, tirou-o do bolso do casaco e atendeu.

— Alô? — no silêncio que seguiu soube quem era — Rehvenge?

— Despediram-na.

Ehlena apoiou o cotovelo sobre a mesa e cobriu a testa com a mão.

— Estou bem. A ponto de ir dormir. E você?

— Foi devido às pílulas que me trouxe, verdade?

— O jantar foi realmente bom. Requeijão e palitos de cenoura...

— Deixe disso já. — ladrrou.

Deixou cair o braço e franziu o cenho.

— Como?

— Por que fez isso, Ehlena? Por que demônios...

— Ok, vai reconsiderar seu tom de voz ou esta conversa receberá a tecla de *fim*.

— Ehlena, você precisa desse trabalho.

— Não me diga o que necessito.

Ele soltou uma maldição. Solto mais algumas.

— Sabe, — murmurou ela — se acrescentar uma trilha sonora e algumas metralhadoras, teremos um filme Duro de Matar⁷². Falando disso, como ficou sabendo?

— Minha mãe morreu.

Ehlena ofegou.

— Que...? Oh, meu Deus, quando? Quero dizer, sinto muito...

— Fará meia hora.

Lentamente negou com a cabeça.

— Sinto muito, Rehvenge.

— Telefonei à clínica para... Fazer os ajustes. — Exalou com o mesmo tipo de esgotamento que ela sentia. Enfim... Sim. — Nunca me enviou a mensagem dizendo que tinha chegado à clínica a salvo. Assim perguntei, e foi assim.

— Maldita seja, tinha a intenção de fazê-lo, mas... — bom, estava ocupada sendo despedida.

⁷² Nota da Revisora: no original Die Hard, filme de ação protagonizado por Bruce Willis.

— Mas essa não foi a única razão pela qual quis te ligar.

— Não?

— Eu só... Precisava ouvir sua voz.

Ehlena respirou profundamente, e fixou os olhos nos artigos do manuscrito de seu pai. Pensou em tudo, tanto o bom e o mau, o que descobriu, nessas páginas.

— É engraçado, — respondeu — esta noite sinto o mesmo.

— Sério? Como... De verdade?

— Absoluta e definitivamente... Sim.

Capítulo 37

Wrath estava de mau humor, e sabia por que o ruído que o *doggen* fazia ao encerrar a balaustrada de madeira na parte superior da escada principal lhe dava vontade de atear fogo em toda a fodida mansão.

Pensava em Beth. O que explicava por que enquanto se sentava atrás de seu escritório a dor no peito o estava matando.

Não que não compreendesse por que estava aborrecida com ele. E, não era que acreditasse que não merecia algum tipo de castigo. Simplesmente odiava o fato de Beth não estar dormindo na casa e que ter de mandar uma mensagem de texto à sua *shellan* para lhe pedir permissão para ligar para ela.

O fato de não ter dormido durante dias também devia contribuir para ficar de saco cheio.

E era provável que precisasse se alimentar. Mas, assim como com o sexo, passou tanto tempo da última vez que o fez, que mal podia lembrar como era.

Passeou o olhar pelo escritório e desejou poder automedicar o impulso de gritar receitando uma saída para lutar contra algo: suas únicas outras opções eram ir ao ginásio ou embebedar-se, e acabava de voltar do primeiro e não estava absolutamente interessado no último.

Verificou o telefone outra vez. Beth não devolveu a mensagem, e fazia três horas que a mandara. E estava bem. Provavelmente estivesse ocupada ou dormindo.

E uma merda que estava tudo bem.

Ficou de pé, deslizando seu RAZR no bolso de trás de sua calça de couro, e se dirigiu para as portas duplas. O *doggen* no corredor estava pondo a alma e a vida na rotina de passar cera e abrilhantar, e graças a seus esforços se elevava um denso e fresco aroma de limão.

— Meu senhor. — disse o *doggen*, fazendo uma profunda reverência.

— Está fazendo um grande trabalho.

— É um prazer. — sorriu o macho — É minha alegria servir a você e a sua família.

Wrath colocou uma palma no ombro do criado e se foi trotando escada abaixo. Quando chegou ao chão de mosaicos do vestibulo, virou à esquerda, para a cozinha, e se alegrou de que não houvesse ninguém dentro. Abrindo o refrigerador, confrontou todo tipo de sobras e tirou um peru pela metade sem nenhum entusiasmo.

Girando para os armários...

— Olá.

Voltou a cabeça bruscamente sobre o ombro.

— Beth? O que está...? Pensei que estava em Lugar Seguro.

— Estava. Mas acabo de retornar.

Franziu o cenho. Por ser mestiça, Beth podia tolerar a luz do sol, mas punha os fodidos cabelos dele em pé cada vez que ela se aventurava durante o dia. Não discutiria isso agora. Ela sabia o que ele pensava, e, além disso, estava em casa e isso era tudo o que importava.

— Estava fazendo algo para comer. — disse, embora certamente, o peru que estava sobre a tábua de açougueiro evidenciava — Quer se unir a mim?

Deus! Adorava o modo que cheirava. Rosas florescendo na noite. Para ele era mais acolhedor que qualquer cera com aroma de limão, mais magnífico que qualquer perfume.

— Que tal se fizer algo para ambos? — disse ela — Parece que está a ponto de cair.

Esteve a ponto de dizer: não, estou bem, e então se deteve. Inclusive a menor das meias verdades acentuaria os problemas entre eles... E o fato de que ele estivesse absolutamente esgotado sequer era uma mentira pequena.

— Isso seria genial. Obrigado.

— Sente-se. — disse, aproximando-se dele.

Ele queria abraçá-la.

E o fez.

Os braços de Wrath se separaram repentinamente, fechando-se sobre ela, e a atraíram para seu peito. Dando-se conta do que tinha feito, ia soltá-la, mas ela permaneceu com ele, mantendo seus corpos juntos. Estremecido, deixou cair a cabeça sobre seu perfumado e sedoso cabelo e a apertou, moldando sua suavidade contra os contornos de seus duros músculos.

— Senti tanto sua falta. — lhe disse.

— Também senti sua falta.

Quando ela relaxou contra ele, não foi tão parvo para acreditar que este momento era uma panacéia instantânea, mas tomaria o que lhe oferecia.

Afastando-se, subiu os óculos escuros acima de sua cabeça para que pudesse ver seus olhos inúteis. Para ele, o rosto de Beth era impreciso e formoso, embora o aroma de chuva fresca que era a essência das lágrimas não o agradou.

Acariciou ambas as bochechas com os polegares.

— Permitirá que te beije? — perguntou.

Quando assentiu, sustentou seu rosto entre as palmas de suas mãos e baixou a boca par a dela. O agradável contato foi absoluta e esmagadoramente familiar e ao mesmo tempo algo do passado. Parecia ter passado uma eternidade desde que fizessem algo mais que dar-se beijinhos... E a separação não era só devido ao que ele tinha feito. Era por tudo. A guerra. Os Irmãos. A *glymera*. John e Tohr. A família.

Sacudindo a cabeça, disse:

— A vida se converteu em um obstáculo para nossa vida.

— Tem muita razão. — acariciou seu rosto com a palma da mão — Também afetou sua saúde. Assim, quero que se sente ali e me permita te dar de comer.

— Supõe-se que é o inverso. O macho dá de comer a sua fêmea.

— É o rei. — sorriu — Você faz as regras. E sua *shellan* gostaria de te servir.

— Amo você. — atraiu-a novamente e a apertou e simplesmente ficou agarrado a sua companheira — Não tem que me responder com o mesmo...

— Também te amo.

Agora chegou a vez dele se afrouxar contra ela.

— Hora de que coma. — disse ela, arrastando-o para a mesa de carvalho de estilo rústico e afastando uma cadeira para que se sentasse.

Ao sentar-se deu um pulo, elevou os quadris e tirou o celular do bolso. A coisa começou a dar saltos sobre a mesa, chocando-se contra o saleiro e o pimentero.

— Sanduíche? — perguntou Beth.

— Isso seria genial.

— Para você serão dois.

Wrath voltou a pôr os óculos de sol em seu lugar, porque a luz do teto fazia com que sua cabeça pulsasse. Quando isso não foi suficiente, fechou os olhos, e embora não pudesse ver Beth mover-se pelo lugar, os sons que fazia na cozinha o acalmaram como uma canção de ninar. A ouviu abrir as gavetas, e o repicar dos utensílios dentro das mesmas. Em seguida ouviu o refrigerador abrir com um ofego e houve ruído de fricção, seguido de vidro golpeando vidro. A gaveta do pão foi deslizada para fora e o pacote de plástico que cobria o centeio que gostava, rangeu. Sentiu o rasgar de uma faca ao atravessar uma alface...

— Wrath?

O suave som de seu nome o fez abrir as pálpebras e levantar a cabeça.

— Qu...?

— Cochilou. — a mão de sua *shellan* alisou seu cabelo — Come. Em seguida vou te levar para a cama.

Os sanduíches estavam exatamente como gostava: sobrecarregados de carne, pouco alface e tomates e com muita maionese. Comeu ambos, e embora deveria tê-lo animado, o esgotamento que lhe aferrava o corpo com seu punho mortal pegou com mais força.

— Anda, vamos. — Beth o puxou pela mão.

— Não, espere. — disse, despertando — Preciso te dizer o que vai acontecer ao anoitecer desta noite.

— Ok. — em seu tom de voz havia certa insinuação de tensão, como se estivesse preparando a si mesma.

— Sente-se. Por favor.

Puxou a cadeira de debaixo da mesa com um ranger e acomodou lentamente seu peso.

— Alegra-me que esteja sendo completamente sincero comigo. — murmurou — Com respeito ao que for.

Wrath acariciou seus dedos com os seus, tentando acalmá-la, pois sabia que o que tinha que dizer somente a preocuparia mais.

— Alguém... Bem, provavelmente mais de um, mas pelo menos um que saibamos, quer me matar. — a mão de Beth se esticou na sua, e ele seguiu acariciando-a, tentando relaxá-la — Vou me reunir com o conselho da *glymera* esta noite, e espero... Problemas. Todos os Irmãos vêm comigo e não atuaremos como estúpidos, mas não vou mentir te dizendo que é uma situação comum.

— Este... Alguém... É obviamente parte do conselho, verdade? Assim vale a pena que vá em pessoa?

— O que começou tudo não representará um problema.

— Como é isso?

— Rehvenge fez com que o assassinassem.

Voltou a apertar suas mãos.

— Jesus... — tomou um profundo fôlego. E outro — Oh... Deus querido.

— A pergunta que todos nos fazemos agora é, quem mais está nisso? Isso é parte do motivo pela qual minha presença nessa reunião é tão importante. É também uma demonstração de força, e isso é de importância. Não fujo. Nem tampouco os Irmãos.

Wrath se preparou para que lhe dissesse: “Não, não vá”, e se perguntou o que faria então.

Mas a voz de Beth foi tranqüila.

— Compreendo. Mas tenho um pedido.

As sobrelhas se arquearam, aparecendo por cima dos óculos de sol.

— E é?

— Quero que use um colete à prova de balas. Não é que duvide dos Irmãos... É só que me daria um pouco mais de consolo.

Wrath piscou. Após levou suas mãos aos lábios e as beijou.

— Posso fazer isso. Por você, certamente que posso fazê-lo.

Ela assentiu uma vez e se levantou da cadeira.

— Ok. Ok... Bem. Agora, anda, vamos nos deitar. Estou tão esgotada como você se

vê.

Wrath ficou de pé, atraiu-a para ele, e juntos saíram ao vestibulo, e seus pés cruzaram o mosaico de uma macieira em flor.

— Amo você. — disse ele — Estou tão apaixonado por você.

Beth apertou o braço que tinha ao redor de sua cintura e pôs o rosto contra seu peito. O aroma acre e defumado do medo emanava dela, contaminando seu aroma natural a rosas. E, ainda apesar de tudo, fez um gesto afirmativo com a cabeça e disse:

— Sua rainha tampouco foge, sabe?

— Sei. Eu... Sei totalmente.

Em seu dormitório no refúgio de sua mãe, Rehv impulsionou seu corpo para trás até que esteve apoiado contra os travesseiros. Enquanto acomodava o casaco de marta sobre seus joelhos, disse ao seu celular:

— Tenho uma idéia. Que tal se começarmos de novo esta chamada telefônica?

A suave risada de Ehlena se fez sentir estranhamente otimista.

— Bom. Ligará outra vez ou...

— Diga-me, onde está?

— Em cima, na cozinha.

O que explicava o leve eco.

— Pode ir ao seu quarto? Relaxar?

— Vai ser uma conversa longa?

— Bom, reconsiderarei meu tom e preste atenção. — baixou a voz um tom, convertendo-se em um completo Lotário — Por favor, Ehlena. Vai para cama e me leve contigo.

Ela ficou sem fôlego e riu outra vez.

— Que melhora.

— Eu sei, certo... Para que não pense que não recebo bem as ordens. Agora, que tal se me devolver o favor. Vai para seu dormitório e se ponha cômoda. Não quero estar sozinho, e tenho a sensação de que você tampouco.

Em vez de um “É verdade”, ouviu o gratificante som de uma cadeira sendo afastada. Quando começou a andar, o som amortecido de seus passos lhe pareceu encantador, o rangido da escada não... Porque o som o fazia perguntar-se onde exatamente vivia com seu pai. Esperava que fosse uma casa antiga com pranchas velhas e antiquadas, e não uma que estivesse deteriorada.

Ouviu o chiado de uma porta ao abrir-se e houve uma pausa, e estava disposto a apostar a que estava verificando como estava seu pai.

— Está dormindo profundamente? — perguntou Rehv.

As dobradiças chiaram outra vez.

— Como soube?

— Porque é boa assim.

Houve outro ruído de porta e logo o clique de uma fechadura ao encaixar em seu lugar.

— Dará-me um minuto?

Um minuto? Merda daria o mundo se pudesse.

— Tome seu tempo.

Houve um som surdo, como se tivesse deixado o telefone sobre um edredom ou uma colcha. Mais protestos de porta. Silêncio. Outro chiado e o débil gorgojeio da descarga de um vaso sanitário. Pisadas. Saltos na cama. Um ranger próximo e logo...

— Alô?

— Cômoda? — disse ele, consciente de que estava sorrindo como um idiota... Fora que, Deus, a idéia de tê-la onde ele desejava que estivesse era fantástica.

— Sim, e você?

— Mais do que possa acreditar. — por outro lado, com sua voz no ouvido, poderia estar no processo de lhe arrancarem as unhas e ainda estaria igualmente alegre.

O silêncio que seguiu foi tão suave como a zibelina de seu casaco e igualmente quente.

— Quer falar de sua mãe? — perguntou ela gentilmente.

— Sim. Embora não sei o que dizer, além de que se foi serenamente e rodeada de sua família, e isso é tudo o que qualquer um poderia pedir. Chegou seu tempo.

— Embora sentirá sua falta.

— Sim. Farei.

— Há algo que possa fazer?

— Sim.

— Diga-me.

— Permita-me cuidar de você.

Ela riu baixinho.

— Certo. Que tal se te ponho a par de algo. Neste tipo de situação, se supõe que é você quem terá que ser cuidado.

— Mas ambos sabemos que fui o que tirou seu trabalho...

— Pare. — houve outro rangido, como se houvesse se incorporando sobre os travesseiros — Tomei a decisão de te levar essas pílulas, sou uma adulta suscetível de cometer um erro de julgamento. Não está em dívida comigo, porque fui eu quem colocou os pés pelas mãos.

— Discordo completamente. Mas, deixando isso de lado, falarei com Havers quando vier aqui para...

— Não, não o fará. Querido Senhor, Rehvenge, sua mãe acaba de morrer. Não deve preocupar-se por...

— O que podia fazer por ela, está feito. Permita-me te ajudar. Posso falar com

Havers...

— Não mudará as coisas. Já não confiará em mim, e não posso culpá-lo.

— Mas as pessoas cometem enganos.

— E alguns não podem ser remediados.

— Não acredito nisso. — embora como *sympath*, não era exatamente perito na merda da moral de alguém. Nem com muito — Especialmente quando se trata de você.

— Não sou diferente dos demais.

— Olhe. Não me faça arruinar meu tom outra vez. — advertiu — Fez algo por mim. Quero fazer algo por você. É uma simples troca e intercâmbio.

— Mas conseguirei outro trabalho e estive fazendo as coisas funcionarem por mim mesma, durante muito tempo. Acontece que é uma de minhas aptidões essenciais.

— Não duvido. — deteve-se para causar efeito e jogou a melhor carta que tinha — Embora este seja o assunto, não pode me deixar com esta carga sobre minha consciência. Vai me comer por dentro. Sua má escolha foi resultado da minha.

Ela riu brandamente.

— Por que não me surpreende que conheça minhas debilidades? E realmente o aprecio, mas se Havers perverter as regras por mim, que tipo de mensagem transmitiria? Ele e Catya, minha supervisora, já anunciaram ao resto do pessoal. Agora não podem voltar atrás, nem eu ia querer que o fizesse somente porque você está disposto a utilizar uma mão dura com ele.

Bem, merda, pensou Rehv. Tinha planejado manipular a mente de Havers, mas isso não se ocuparia de todas as demais pessoas que trabalhavam na clínica, verdade?

— Bom, então me permita te ajudar até que possa se recuperar.

— Obrigada, mas...

Ele quis amaldiçoar.

— Tenho uma idéia. Se reúna comigo em minha casa para discutir a respeito disso?

— Rehv...

— Excelente. Tenho que me ocupar de minha mãe mais cedo pela tarde e tenho uma reunião à meia-noite. O que te parece às três da manhã? Maravilhoso... Verei-a então.

Durante um instante se fez silêncio e logo ela riu entre dentes.

— Sempre consegue o que deseja. Verdade?

— Bastante freqüentemente.

— Bem. Três em ponto desta noite.

— Estou tão feliz de ter trocado de tom, você não?

Ambos riram, e a tensão se escorreu da conexão como se fosse drenada.

Quando se ouviu outro rangido, ele supôs que significava que estava voltando a deitar-se e ficando cômoda outra vez.

— Então posso te contar algo que meu pai fez? — disse ela abruptamente.

— Pode me contar isso e logo me explicar porque não comeu mais no jantar. E,

depois vamos falar sobre o último filme que viu, os livros que tem lido e a respeito do que pensa sobre o aquecimento global.

— De verdade, tudo isso?

Deus! Amava sua risada.

— Sim. Estamos em rede, assim é grátis. Oh, e quero saber qual é sua cor favorita.

— Rehvenge... Realmente não quer estar sozinho, verdade? — as palavras foram ditas suavemente e quase distraidamente, como se o pensamento escapulisse por sua boca.

— Neste momento... Unicamente o que quero é estar contigo. Isso é tudo o que sei.

— Tampouco estaria preparada. Se meu pai morresse esta noite, não estaria pronta para deixá-lo ir.

Ele fechou os olhos.

— Isso é... — teve que esclarecer a garganta — Assim é exatamente como me sinto. Não estou preparado para isto.

— Seu pai também morreu. Assim sei que é muito mais difícil.

— Bom, sim ele está morto, embora não sinto sua falta absolutamente. Ela sempre foi a única para mim. E tendo ido ela... Sinto como se acabasse de dirigir até meu lar para encontrar que alguém o queimou. Quero dizer, não a via todas as noites nem sequer todas as semanas, mas sempre tinha a possibilidade de ir vê-la, me sentar com ela e cheirar seu Chanel Nº 5. De ouvir sua voz e vê-la ao outro lado de uma mesa. Essa possibilidade... Era onde residiam meus alicerces, e não tinha me dado conta até que a perdi. Merda... Estou falando sem sentido.

— Não, tem muito sentido. A mim ocorre o mesmo. Minha mãe se foi e meu pai... Está aqui, mas não está. Assim, também sinto que não tenho um lar. Que estou à deriva.

Esta era a razão para as pessoas se casarem, pensou Rehv subitamente. Esquece o sexo e a posição social. Se fossem preparadas, fariam-no para construir uma casa sem paredes, um teto invisível e um chão que ninguém pudesse pisar... E que não obstante a estrutura fosse um refúgio que nenhuma tormenta pudesse derrubar, e nenhum fósforo pudesse incendiar, nem o passar dos anos pudesse degradar.

Nesse momento se deu conta. Um vínculo de emparelhamento como esse te ajudava a superar noites de merda como esta.

Bella tinha encontrado esse refúgio com seu Zsadist. E possivelmente seu irmão mais velho precisasse seguir o exemplo de sua irmã.

— Bom, — disse Ehlena com estupidez — se quiser posso responder a pergunta a respeito de minha cor favorita. Possivelmente evite que as coisas fiquem muito profundas.

Rehv sacudiu a si mesmo e retornou ao assunto.

— E qual seria?

Ehlena pigarreou um pouco.

— Minha cor favorita é o... Ametista.

Rehv sorriu até que doeram suas bochechas.

— Acredito que é uma cor genial para que você goste. A cor perfeita.

Capítulo 38

No funeral de Chrissy havia quinze pessoas que a conheceram e uma que não... E, Xhex escrutinou o cemitério açoitado pelo vento à procura de uma décima sétima pessoa que se escondesse entre as árvores, as tumbas ou as lápides maiores.

Não estranhava que o fodido cemitério se chamasse Arvoredo de Pinheiros. Havia ramos espalhados por todo o lugar, proporcionando um amplo refúgio para alguém que não quisesse ser visto. Maldito seja o inferno.

Tinha encontrado o cemitério nas Páginas Amarelas. Os dois primeiros para os quais telefonou não tinham espaço disponível. O terceiro só tinha espaço no Muro da Eternidade, como tinha chamado o homem, para corpos incinerados. Ao final, encontrou este lugar, o Arvoredo de Pinheiros e comprou o retângulo de terra que agora todos rodeavam.

O ataúde rosado custou quase cinco das grandes. A parte de terra outras três. O sacerdote, padre como é que o chamassem os humanos, indicou que o apropriado seria uma doação e sugeriu que cem dólares estariam bem.

Nenhum problema. Chrissy merecia.

Xhex voltou a examinar os fodidos pinheiros, esperando encontrar o idiota que a assassinou. Bobby Grady tinha que vir. A maioria dos abusadores que matavam aos objetos de suas obsessões continuava conectada emocionalmente. E, embora a polícia o estivesse procurando, e ele devia saber, o impulso de ver como a punham para descansar venceria à lógica.

Xhex se concentrou no culto. O macho humano vestia um casaco negro, expondo o pescoço branco na parte da garganta. Em suas palmas, sobre o bonito ataúde de Chrissy, segurava uma Bíblia que lia em voz baixa e respeitosa. Os extremos da fita de cetim que estava entre as páginas douradas, para assinalar as seções mais utilizadas, sobressaíam da parte inferior do livro, e ondeavam suas cores em vermelho, amarelo e branco no ar frio. Xhex se perguntou como seria sua lista de “favoritos”. Bodas. Batismos (se tinha entendido bem essa palavra). Funerais.

Rezaria pelos pecadores? Perguntou-se. Caso recordava-se corretamente dessa coisa do Cristianismo, acreditava que era seu dever fazê-lo... Assim, embora não soubesse que Chrissy foi uma prostituta, se soubesse de todos os modos teria que adotar esse tom e expressão de respeito.

Isto consolou Xhex, embora não saberia dizer por que.

Do norte soprou uma brisa gelada, e ela reatou a vigilância do terreno. Chrissy não ia permanecer aqui quando terminassem. Como tantos rituais, isto era somente uma exibição. Ao estar sob a terra gelada, ia ter que esperar até a primavera, alojada em um fichário de carne do necrotério. Mas, ao menos tinha a lápide de granito rosado, é obvio colocada onde seria enterrada. Xhex optou por fazer uma inscrição singela, só o nome de Chrissy e as datas, mas, ao longo das bordas havia um lindo trabalho de ornamentação como se fosse um pergaminho.

Esta era a primeira cerimônia mortuária humana a que Xhex comparecia, e lhe pareceu muito estranha, todas essas sepulturas, primeiro na caixa, logo sob a terra. A noção de estar sob a terra era suficiente para fazê-la puxar o pescoço de sua jaqueta de couro. Não. Isto não era para ela. Nesse aspecto, era inteiramente *symphath*.

As piras funerárias eram a única forma de partir.

Ante a tumba, o oficiante se inclinou com uma pá de prata e escavou o chão, em seguida, tomou um punhado da terra solta e pronunciou sobre o ataúde:

— Cinzas as cinzas, pó ao pó.

O homem deixou voar os grãos de terra, e quando o forte vento se apoderou deles Xhex suspirou, a esta parte sim encontrava sentido. Na tradição *symphath*, o morto era elevado sobre uma série de plataformas de madeira, em que ateavam fogo de baixo, a fumaça flutuava para cima e se dispersava da mesma forma em que fez o pó, a mercê dos elementos. E o que ficava? A cinza que era deixada onde repousava.

É obvio que os *symphaths* eram queimados porque ninguém confiava que realmente estivessem mortos quando “morriam”. Às vezes sim. Outras vezes só fingiam. E valia a pena assegurar-se.

Mas, a elegante mentira era a mesma em ambas as tradições, não? Sendo reduzido a cinzas liberava do corpo, e, entretanto, continuava sendo parte de tudo.

O sacerdote fechou a Bíblia e inclinou a cabeça, e, enquanto todo mundo seguia seu exemplo, Xhex voltou a passear a vista pelos arredores, rezando para que esse fodido Grady estivesse em algum lugar.

Mas pelo que podia ver e sentir, ainda não tinha aparecido.

Merda! Olhe todas essas lápides... Implantadas nas sinuosas colinas que agora apresentavam uma cor marrom invernal. Embora as lápides fossem todas distintas (longas e finas, ou baixas e perto do chão, brancas, cinzas, negras, rosadas, douradas) havia um esquema central comum a todas elas, as fileiras de mortos estavam dispostas como casas em uma cidade, com caminhos asfaltados e extensões de árvores serpenteando entre elas.

Uma lápide atraiu sua atenção. Era uma estátua de uma mulher vestida com uma túnica que olhava fixamente aos céus, seu rosto e sua postura era tão plácido e sereno como o céu nublado em que estava enfocada. O granito em que estava esculpida era de um cinza pálido, a mesma cor que sobressaía por cima dela, e por um momento foi difícil distinguir onde terminava a escultura e onde começava o horizonte.

Sacudindo-se, Xhex olhou a Trez e, quando seus olhos se encontraram, ele fez um gesto negativo quase imperceptível com a cabeça. O mesmo ocorreu com iAm. Nenhum deles tinha captado a presença de Bobby, tampouco.

Enquanto isso o detetive Da Cruz a contemplava, e ela sabia, não porque lhe devolvesse o favor, mas sim porque cada vez que seus olhos se pousavam nela podia sentir suas emoções mudar. Ele compreendia o que ela sentia. Realmente o fazia. E havia uma parte dele que a respeitava por sua ânsia de vingança. Mas estava decidido.

Quando o sacerdote deu um passo atrás e a conversa fluiu, Xhex se deu conta que o serviço tinha terminado, e observou como Marie Terese era a primeira em romper as filas, dirigindo-se para o sacerdote para apertar sua mão. Estava espetacular com o traje do funeral, a renda negra que cobria sua cabeça realmente parecia a de uma noiva, as miçangas e a cruz que tinha nas mãos a faziam parecer piedosa quase até o ponto do monástico.

Obviamente, o sacerdote aprovava seu traje, seu rosto sério e formoso e o que fosse que estava dizendo, porque se inclinou e segurou sua mão. Quando entraram em contato, a mentira emocional dele trocou para o amor, a um puro, concentrado e casto amor.

Xhex se deu conta que era devido a isso que a estátua tinha chamado sua atenção. Marie Terese era exatamente igual à mulher da túnica. Que estranho.

— Bonito serviço, huh.

Deu a volta e olhou ao detetive Da Cruz.

— Pareceu-me adequado. Na realidade não saberia dizer.

— Então, não é católica.

— Não. — Xhex saudou Trez e iAm enquanto a multidão se dispersava. Os meninos levariam todo mundo para comer fora antes de ir ao trabalho, como uma forma mais de honrar a Chrissy.

— Grady não veio. — disse o detetive.

— Não.

Da Cruz sorriu.

— Sabe, fala da mesma forma como decora.

— Gosto de manter as coisas simples.

— Simplesmente os fatos, senhora? Pensei que essa era minha linha. — jogou uma olhada às costas das pessoas que se afastavam em direção aos três carros estacionados juntos no caminho. Um por um, o Bentley de Rehv, um esportivo Honda e o Camry de cinco anos de Marie Terese arrancaram.

— Assim, onde está seu chefe? — murmurou Da Cruz — Esperava vê-lo aqui.

— É uma ave noturna.

— Ah.

— Olhe detetive, irei.

— SÉrio? — fez um amplo gesto abrangendo os arredores com o braço — No que? Ou é das que gostam de caminhar com este tempo?

— Estacionei em outro lugar.

— Sim? Não está pensando em ficar pelos arredores? Já sabe, para ver se há alguma chegada tardia.

— Agora, por que faria isso?

— Certamente, por quê?

Houve uma longa, longa, longa pausa, durante a qual Xhex permaneceu olhando fixamente a estátua que lhe recordava a Marie Terese.

— Quer me levar até meu carro, detetive?

— Sim, é obvio que sim.

O sedam sem marca era tão prático como o vestuário do detetive, mas, como o grosso casaco do homem, era quente, e assim como o que havia dentro das roupas do detetive, era poderoso, o motor grunhiu como algo que se encontraria sob a capota de um Corvette.

Da Cruz jogou uma olhada para trás e acelerou.

— Aonde vou?

— Ao clube, se não se importar.

— Foi onde deixou o carro?

— Trouxeram-me até aqui.

— Ah.

Enquanto Da Cruz conduzia ao longo do sinuoso caminho, ela olhou fixamente para fora, às lápides e por um breve momento pensou na quantidade de corpos que tinha abandonado.

Incluído ao de John Matthew.

Fazia o possível para não pensar no que tinham feito e na forma em que deixara esse corpo grande e duro dele totalmente esparramado sobre sua cama. A expressão de seus olhos ao vê-la atravessar a porta estava repleta de uma angústia que não podia permitir-se interiorizar. Não se tratava de que não lhe importasse uma merda, o problema era que lhe importava muito.

Esse era o motivo pelo qual teve que ir, e pelo qual não podia correr o risco de voltar a ficar a sós com ele outra vez. Já tinha passado por isso antes, e os resultados foram pior que trágicos.

— Está bem? — perguntou Da Cruz.

— Sim, estou bem, detetive. E você?

— Bem. Simplesmente bem. Obrigado por perguntar.

Frente a eles surgiram às portas do cemitério, as intrincadas grades de ferro estavam totalmente abertas, uma a cada lado do caminho.

— Voltarei aqui. — disse Da Cruz enquanto freava e em seguida avançava pela rua além das portas — Porque penso que Grady aparecerá em algum momento. Tem que fazê-lo.

— Pois bem, a mim não verás.

— Não?

— Não. Pode contar com isso. — é que era muito boa escondendo-se.

Quando o telefone de Ehlena fez um bip em seu ouvido, teve que afastá-lo de sua cabeça.

— Que demôn... Oh. A bateria está acabando. Espera.

A profunda risada de Rehvenge provocou uma pausa em sua busca pelo cabo, só para poder ouvir até o último retumbar desse som.

— Ok! Já estou conectada. — voltou-se a acomodar contra os travesseiros — Agora, onde estávamos... Oh, sim. Sou eu quem tenho curiosidade, exatamente que tipo de homem de negócios é?

— Um com êxito.

— O que explica o guarda-roupa.

Ele riu de novo.

— Não, meu bom gosto explica o guarda-roupa.

— Bom então a parte do êxito é a que o paga.

— Bem, minha família é afortunada. Deixemos assim.

Deliberadamente se concentrou em seu edredom para não lembrar-se da puída habitação de teto baixo em que estava. Melhor ainda... Ehlena estendeu a mão e apagou a luz sobre as caixas de leite que tinha empilhado ao lado de sua cama.

— O que foi isso? — perguntou ele.

— A luz. Ah, acabo de apagá-la.

— Oh, muito mal, te mantive acordada muito tempo.

— Não, só... Queria estar às escuras, é tudo.

A voz de Rehv foi tão baixa que mal pôde ouvi-la.

— Por quê?

Sim, como se fosse lhe dizer que era porque não queria pensar onde vivia.

— Eu... Queria me pôr ainda mais cômoda.

— Ehlena. — o desejo tingiu seu tom, trocando o tenor da conversa de um flerte a... Um pouco muito sexual. E num instante, estava de volta em sua cama nesse apartamento de cobertura, nua, com a boca dele sobre sua pele.

— Ehlena...

— O que? — respondeu com voz rouca.

— Ainda está com o uniforme? O que te tirei?

— Sim. — a palavra foi mais suspiro que outra coisa, e foi muito mais que uma resposta à pergunta que fez. Sabia o que desejava, e ela também desejava.

— Os botões da frente... — murmurou — Abre um para mim?

— Sim.

Quando soltou o primeiro deles, ele disse:

— E outro.

— Sim.

Prosseguiram até que o uniforme esteve totalmente aberto na frente, e ela a sério se alegrou que as luzes estivessem apagadas... Não porque se sentisse envergonhada, mas porque assim lhe parecia que ele estava ali ao seu lado.

Rehvenge gemeu, e o ouviu lambe os lábios.

— Se estivesse aí, sabe o que estaria fazendo? Estaria percorrendo seus peitos com as pontas dos dedos. Encontraria um mamilo e faria círculos ao seu redor para que estivesse preparado.

Ela fez o que ele descrevia e ofegou quando tocou a si mesma. Logo se deu conta...

— Preparado para que?

Riu comprido e baixo.

— Quer me ouvir dizer isso, não?

— Sim.

— Preparado para minha boca, Ehlena. Recorda como se sente? Porque recordo exatamente como é seu sabor. Deixe o sutiã posto e se belisque para mim... Como se estivesse te chupando através de uma dessas suas preciosas taças de renda branca.

Ehlena apertou o polegar e o indicador, apanhando o mamilo entre os dois. O efeito foi menor que a sucção cálida e úmida dele, mas foi bom o bastante, especialmente com ele lhe dizendo que o fizesse. Repetiu o beliscão e se arqueou na cama, gemendo seu nome.

— Oh, Jesus... Ehlena.

— Agora... O que...? — enquanto soltava o ar pela boca, sentia pulsações entre as coxas, estava úmida, desesperada por fosse o que quer que fossem fazer.

— Queria estar aí contigo. — gemeu ele.

— Está comigo. Está.

— Outra vez. Aperta por mim. — enquanto se estremecia e gritava seu nome, foi rápido com a seguinte ordem — Suba a saia para mim. De forma que fique ao redor de sua cintura. Deixa o telefone e faça rápido. Estou impaciente.

Deixou cair o telefone sobre a cama e arrastou a saia sobre suas coxas até passar os quadris. Teve que apalpar ao redor de si para encontrar o telefone e rapidamente o pôs no ouvido.

— Alô?

— Deus, isso soou bem... Podia ouvir a roupa subindo por seu corpo. Quero que comece pelas coxas. Vá primeiro ali. Deixe postas as meias e se acaricie para cima.

As meias atuavam como um condutor de seu contato, amplificando a sensação assim como fazia a voz dele.

— Recorde-me fazendo isso. — Ihe disse com uma voz velada — Recorde.

— Sim, Oh, sim...

Estava ofegando tão forte pela antecipação, que quase perdeu seu grunhido:

— Desejaria poder te cheirar.

— Mais acima? — perguntou.

— Não. — quando seu nome abandonou seus lábios em protesto, riu da forma em que fazia um amante, suave e quieto, uma risada que era tanto de satisfação como de promessa — Sobe pela parte exterior da coxa para o quadril e em seguida para as costas e volta a baixar.

Fez o que lhe pediu e enquanto se acariciava ele lhe falava:

— Adoraria estar contigo. Não posso esperar para ir ali outra vez. Sabe o que estou fazendo?

— O que?

— Lambendo meus lábios. Porque estou pensando em mim abrindo caminho a beijos por suas coxas para em seguida passar minha língua, para cima e para baixo pelo lugar onde morro por estar. — ela gemeu seu nome outra vez e foi recompensada — Vai ali abaixo, Ehlena. Por cima das meias. Vai onde eu gostaria de estar.

Quando o fez, sentiu através do fino náilon toda a paixão que tinham gerado, e seu sexo respondeu umedecendo-se ainda mais.

— Tire-as. — disse — As meias. Tire isso e mantenha contigo.

Ehlena deixou o telefone outra vez e, em sua pressa por tirar as meias, nem se preocupou que pudesse escorregar. Procurou Tateando ao telefone, e apenas o teve ao alcance já estava perguntando o que seria o próximo.

— Desliza a mão sob as calcinhas. E me diga o que encontra.

Houve uma pausa.

— Oh, Deus... Estou úmida.

Esta vez quando Rehvenge gemeu, perguntou-se se teria uma ereção, tinha visto que era capaz de ter uma, mas em definitivo, a impotência não significava que não pudesse se pôr duro. Só significava que por alguma razão não podia gozar.

Jesus! Desejava poder lhe dar algumas ordens, umas que concordassem com qualquer nível sexual no qual podia funcionar. Só que não sabia até onde chegar.

— Se acaricie e pense que sou eu. — grunhiu — Que é minha mão.

Fez o que ele pediu e teve um forte orgasmo, esparramando-se por toda a cama, pronunciando seu nome em uma explosão tão silenciosa como possível.

— Tire as calcinhas.

Entendido! Pensou enquanto as puxava para baixar pelas coxas e atirar Deus sabia onde.

Voltou a deitar de costas, ansiando voltar a fazê-lo, quando ele disse:

— Pode segurar o telefone entre a orelha e o ombro?

— Sim. — ao caralho, se queria que se transformasse em um pretzel de vampiro ela estaria de acordo com o plano.

— Pegue as meias com as duas mãos, as estenda bem tensas, em seguida as passe entre suas pernas da frente para trás.

Riu com um indício erótico, em seguida disse docemente:

— Quer que me esfregue contra elas, não?

A respiração dele foi como um disparo em seu ouvido.

— Porra, sim.

— Macho sujo.

— Um banho de sua língua poderia me limpar. O que te parece?

— Sim.

— Adoro essa palavra em seus lábios. — enquanto ria, disse — Então o que está esperando, Ehlena? Precisa dar um bom uso a essas meias.

Embalou o telefone celular no pescoço, encontrou uma boa posição para fazê-lo, e em seguida, sentindo-se como uma rameira e desfrutando, pegou as meias brancas, rodou até ficar de lado, e deslizou a parte de náilon entre as pernas.

— Devagar e com firmeza. — disse ele, ofegante.

Ela boqueou ante o contato, a dura e tensa corda se afundou em seu sexo, tocando todos os lugares corretos.

— Mova-se contra ela. — disse Rehvenge com satisfação — Deixe-me escutar o bem que se sente.

Ela fez exatamente isso, as meias se empaparam e se esquentaram igualando-se a seu núcleo. Continuou fazendo-o, cavalcando sobre as sensações e o fluir de suas palavras até que gozou uma e outra vez. Na escuridão, com os olhos fechados e a voz dele em seu ouvido, era quase tão bom como estar com ele.

Quando ficou frouxa, jogada de qualquer forma sobre a cama, com a respiração entrecortada e sentindo-se fenomenal, se aconchegou ao redor do telefone.

— É tão formosa. — disse baixinho.

— Só porque você me faz assim.

— Oh, está muito enganada sobre isso. — baixou a voz — Esta noite virá para ver-me mais cedo? Não posso esperar até as quatro.

— Sim.

— Bom.

— Quando?

— Estarei aqui com minha mãe e minha família até ao redor das dez. Vem depois dessa hora?

— Sim.

— Tenho essa reunião, mas teremos ao redor de uma hora de intimidade.

— Perfeito.

Houve uma longa pausa, uma que ela teve a perturbadora sensação que bem podia ter sido preenchida com um *te quero* de ambas as partes se tivessem tido coragem.

— Que durma bem. — suspirou ele.

— Você também, se puder. E, escute se não puder dormir, me ligue. Estou aqui.

— Farei. Prometo.

Houve outro tenso silêncio, como se cada um estivesse esperando que o outro desligasse primeiro.

Ehlena riu, apesar de que a idéia de lhe deixar doesse seu coração.

— Ok, ao três. Um. Dois...

— Espera.

— O que?

Não respondeu durante muito tempo.

— Não quero deixar o telefone.

Ela fechou os olhos.

— Sinto-me igual.

Rehvenge soltou um suspiro, lento e baixo.

— Obrigado. Por permanecer comigo.

A palavra que lhe veio à mente não tinha nenhum sentido, e não estava segura de por que a disse, mas o fez:

— Sempre.

— Se quiser, pode fechar os olhos e imaginar que estou a seu lado. Abraçando-te.

— Farei exatamente isso.

— Bem. Que durma bem. — foi ele quem cortou a comunicação.

Quando Ehlena afastou o telefone da orelha e apertou o botão de fim, o teclado se iluminou, emitindo uma luz azul brilhante. O aparelho estava quente pelo lugar onde o tinha segurado durante tanto tempo, e acariciou a tela plana com o polegar.

Sempre. Ela queria estar ali para ele sempre.

O teclado se obscureceu, a luz se extinguiu de um modo tão terminante que a aterrorizou. Mas ainda podia ligar para ele, não? Poderia parecer patética e necessitada, mas ele continuava no planeta embora não estivesse ao telefone.

A possibilidade de ligar para ele estava ali.

Deus, hoje sua mãe morreu. E de todas as pessoas em sua vida com a que podia ter passado as horas, tinha escolhido a ela.

Subindo os lençóis e a colcha por cima de suas pernas, Ehlena encolheu-se em posição fetal ao redor do telefone, embalou-o, e dormiu.

Capítulo 39

Matando tempo no puto rancho que decidiu usar como narco-casa, Lash sentava-se muito direito em uma cadeira na qual, em sua antiga vida, sequer teria permitido que seu rottweiler cagasse. A coisa era um Barcalounger⁷³, um pedaço de merda barato e com muito enchimento que infelizmente era tão cômodo como a merda.

Não era exatamente o trono ao que aspirava, mas sim um maldito bom lugar para estacionar seu traseiro.

A sala que se estendia atrás de seu notebook aberto, era de quatro por quatro e com uma decoração de acordo com os baixos ganhos que-não-podiam-permitir-se-situar, os braços dos sofás puídos, havia uma imagem de um descolorido Jesus Cristo que pendia inclinada e o tapete desbotado tinha manchas pequenas e arredondadas... Que pareciam sugerir xixi de gato.

O senhor D dormia com as costas apoiadas contra a porta principal, a pistola na mão e o chapéu de vaqueiro jogado sobre seus olhos. Outros dois *lessers* estavam sentados sob uma arcada que havia na sala, estavam apoiados um em cada pilastra e tinham as pernas estendidas.

Grady estava no sofá, com uma caixa aberta do Domino's Pizza ao seu lado e unicamente o que se via sobre a cartolina branca eram manchas gordurentas e tiras de queijo que formavam um padrão parecido aos raios de uma roda. Comeu uma Migthy Meaty⁷⁴ extragrande sozinho e nesse momento lia um exemplar atrasado do *Caldwell Courier Journal*.

O fato de que o homem estivesse tão estranhamente relaxado fazia com que Lash tivesse vontade de fazer uma autópsia enquanto o FDP ainda respirava. Que demônios? O filho de Omega merecia um pouco mais de ansiedade de suas vítimas seqüestradas, o fodia muitíssimo.

Lash olhou seu relógio e decidiu dar a seus homens só meia hora mais de recarga. Hoje, tinham programadas outras duas reuniões com distribuidores de narcóticos, e essa noite seria a primeira vez que seus homens sairiam às ruas com o produto.

⁷³ Nota da Revisora: marca de sofás reclináveis.

⁷⁴ Nota da Revisora: é uma pizza típica do Domino's, que contém cebola, cogumelos, presunto, pepperoni, carne moída e salsichas.

O que significava que teria que deixar esfriar até amanhã o assunto com o rei *sympath*... Lash ia fechar o trato, mas os interesses financeiros da Sociedade tinham preponderância.

Lash olhou por cima de um de seus *lessers* adormecido para a cozinha, onde uma longa mesa dobradiça estava estendida. Espalhadas ao longo de sua superfície laminada havia pequenas bolsinhas de plástico, do tipo que se dava quando comprava um par de brincos baratos no centro comercial. Umas tinham pó branco dentro, outras pequenas pedras marrons, outras continham pílulas. Os agentes diluentes que utilizaram como levedura em pó e talco, formava suaves pilhas, e os envoltórios de celofane em que vieram os quilogramas estavam atirados no chão.

Vá, merda. Grady pensava que valia aproximadamente duzentos e cinquenta mil dólares e que, com quatro homens na rua, trocaria de mãos em aproximadamente dois dias.

A Lash agradava esses cálculos, e passou as últimas horas examinando seu plano de negócios. O acesso a mais mercadoria representaria um problema de abastecimento, não podia continuar com a rotina de aponta-e-dispara para sempre, porque ficaria sem pessoas a quem apontar. A questão era onde penetrar na cadeia do negócio: tinham os importadores estrangeiros como os sul-americanos, os japoneses ou os europeus; também havia atacadistas, como Rehvenge; e, em seguida havia uma maior quantidade de distribuidores em pequenas quantidades, que eram os tipos que Lash esteve eliminando. Considerando a dificuldade que seria chegar aos atacadistas e quanto tempo tomaria desenvolver uma relação com os importadores, o mais lógico seria se converter em produtor.

A geografia limitava suas opções, porque Caldwell tinha uma temporada de cultivos que duravam uns dez minutos, mas as drogas como o X e a meta-anfetamina não requeriam bom clima. E, como era de conhecimento público, na Internet podia-se conseguir instruções de como construir e fazer funcionar laboratórios de meta-anfetamina e fábricas de X. É obvio que o problema se apresentaria na hora de obter os ingredientes, porque nos estabelecimentos havia leis e mecanismos de seguimento para fiscalizar a venda de vários dos componentes químicos. Mas ele tinha o controle mental do seu lado. Ao ser os humanos tão facilmente manipuláveis, teria forma de tratar com esse tipo de problemas.

Enquanto contemplava a brilhante tela, decidiu que o seguinte grande trabalho do senhor D consistiria em estabelecer um par destas instalações de produção. A Sociedade Lessening possuía muitos bens imóveis; demônios, uma das chácaras seria perfeita. Prover o pessoal ia ser um problema, mas de todo modo já era hora de efetuar um recrutamento.

Enquanto o senhor D estivesse trabalhando para instaurar as fábricas, Lash abriria o caminho no mercado. Rehvenge tinha que desaparecer. Inclusive se a Sociedade distribuía unicamente X e meta-anfetamina, quanto menos distribuidores desses produtos houvesse,

melhor, e isso significava tirar o atacadista que havia no topo... Embora como chegar a ele era um fodido quebra-cabeças. No ZeroSum estavam esses dois brutamontes e essa puta fêmea transexual, além disso suficiente câmaras de segurança e sistemas de alarme para equiparar-se ao Museu Metropolitano de Arte. Por outro lado, Rehv devia ser um filho da puta inteligente ou não teria durado tanto como o fazia. O clube estava aberto durante quanto? Cinco anos?

Um forte barulho de papel fez com que Lash voltasse a enfocar os olhos por cima de seu Dell⁷⁵. Grady levantou abandonando a pouco elegante postura escancarada de quando esteve no sofá e empunhava o CCJ⁷⁶ dentro dos punhos fechados com tanta força que pareciam nós marinheiros e essa espécie de anel sem pedra que levava lhe incrustava na pele do dedo.

— O que acontece? — disse Lash arrastando as palavras — Leu que a pizza provoca que te suba o colesterol ou alguma merda assim?

Não era como se o mal-nascido fosse viver tempo suficiente para preocupar-se com suas artérias coronárias.

— Não é nada... Nada, não é nada.

Grady atirou o jornal a um lado e se jogou sobre as almofadas do sofá. Quando seu pouco interessante rosto empalideceu, levou uma mão ao coração, como se a coisa estivesse fazendo aeróbica dentro de seu tórax, e com a outra retirou o cabelo, que não necessitava nenhuma ajuda para afastar-se de sua frente.

— Que bobagem acontece com você?

Grady sacudiu a cabeça, fechou os olhos e moveu os lábios como se estivesse falando consigo mesmo.

Lash voltou a baixar o olhar para a tela de seu computador.

Ao menos o idiota estava aborrecido. Isso era bastante satisfatório.

Capítulo 40

À tarde seguinte, Rehv desceu com cuidado a escada curva do refúgio da família, guiando Havers de volta à porta principal que o médico da raça atravessou apenas quarenta minutos antes. Bella e a enfermeira que o assistiu também o seguiam. Ninguém falava, só se ouvia o som inusitadamente alto das pegadas sobre o amaciado tapete.

Enquanto caminhava, tudo o que podia cheirar era morte. O aroma das ervas rituais se mantinha no fundo de suas fossas nasais, como se a merda encontrasse refúgio do frio

⁷⁵ Nota da Revisora: marca de computadores.

⁷⁶ Nota da Revisora: Caldwell Courier Journal.

em seus seios, e se perguntava quanto tempo passaria antes que deixasse de captar seu odorzinho cada vez que inalasse.

Fazia com que um macho quisesse pegar um aplicador de jorro de areia, dirigi-lo ali acima e fazer uma boa limpeza abrasiva.

Para falar a verdade, sentia uma terrível necessidade de ar fresco, mas não se atrevia a mover-se mais rápido. Entre sua bengala e o corrimão esculpido, se dirigia bem, mas depois de ver sua mãe envolta em linho, não tinha somente o corpo intumescido, sua mente também estava. O último que precisava era terminar aterrissando sobre o traseiro no vestíbulo de mármore.

Rehv desceu o último degrau, trocou a bengala à mão direita, e virtualmente se equilibrou para abrir a porta. O vento frio que entrava era uma bênção e uma maldição ao mesmo tempo. Sua temperatura interna desceu em ladeira, mas foi capaz de tomar um profundo e gelado fôlego que substituiu algo do que o atormentava com a aguda promessa de que cairia uma nevasca.

Clareando a garganta, estendeu a mão para o médico da raça.

— Tratou a minha mãe com incrível respeito. Agradeço, obrigado.

Atrás de seus óculos de tartaruga marinha, os olhos de Havers não demonstravam somente compaixão profissional, mas sim uma compaixão honesta, e estendeu a palma como um companheiro enfermo.

— Ela era muito especial. A raça perdeu uma de suas luzes espirituais.

Bella deu um passo adiante para abraçar o médico, e Rehv fez uma reverência ante a enfermeira que o assistiu sabendo que ela sem dúvida preferiria não ter que tocá-lo.

Enquanto o par saía pela porta principal para desmaterializar de volta à clínica, Rehv tomou um momento para contemplar a noite. Definitivamente ia nevar de novo, e esta vez não seria somente essa espécie de pozinho da noite anterior.

Perguntou-se se sua mãe teria visto as nevascas na tarde anterior. Ou, se teria perdido o que provou ser sua última oportunidade de ver os delicados cristais milagrosos que caíam à deriva do céu?

Deus, ninguém tinha uma infinita quantidade de noites. Nenhuma inumerável multidão de rajadas de neve para ver.

Sua mãe adorava as nevascas. Cada vez que se apresentavam, ia à sala, acendia as luzes do exterior, apagava as de dentro, e se sentava ali olhando para fora, de noite. Enquanto seguisse caindo, ficava ali. Podia passar horas.

O que ela veria, perguntou-se. Na neve que caía, o que teria visto? Nunca perguntou.

Cristo, por que as coisas tinham que acabar.

Rehv fechou a porta, deixando o espetáculo invernal fora e se reclinou contra seus sólidos painéis de madeira. Ante ele, debaixo do lustre que havia no alto, estava sua irmã, chorosa e apática, embalando sua filha nos braços.

Desde o falecimento, não soltara Nalla, mas à pequena não importava. A filha estava adormecida nos braços de sua mãe, sua fronte estava franzida pela concentração, como se estivesse crescendo tão rápido, que sequer quando estava em repouso se permitia um descanso.

— Costumava te apertar dessa maneira. — disse Rehv — E você estava acostumada a dormir assim. Tão profundamente.

— Fazia-o? — Bella sorriu e esfregou as costas de Nalla

O body daquela noite era branco e negro com um logotipo da excursão do AC/DC AO VIVO e Rehv não pôde evitar sorrir. Não o surpreendia absolutamente que sua irmã tivesse descartado toda a merda brega de patinhos-e-coelhinhos favorecendo um vestuário de recém-nascida que era definitivamente impressionante. E bendita fosse. Se alguma vez chegasse a ter um filho...

Rehv franziu o cenho e pôs freio a esses pensamentos.

— O que aconteceu? — perguntou sua irmã

— Nada. — além de que pela primeira vez em sua vida tinha pensado em ter descendência.

Possivelmente fosse pela morte de sua mãe.

Possivelmente fosse pela Ehlena, apontou outra parte dele.

— Quer comer algo? — disse — Antes que Z e você empreendam a volta?

Bella levantou a vista para as escadas, de onde baixava fluando o som de uma ducha.

— Gostaria.

Rehv pôs uma mão sobre seu ombro e caminharam juntos por um vestíbulo adornado com paisagens emolduradas, e através de um refeitório com paredes da cor do Merlot. A cozinha contrastava com o resto da casa, pois era muito singela centrando-se na funcionalidade, mas havia uma mesa muito agradável a qual sentar-se, e ali em uma das cadeiras com respaldo alto e braço acomodou sua irmã e à pequena.

— O que gostaria? —perguntou, indo para a geladeira.

— Têm cereais?

Ele se dirigiu ao armário onde se armazenavam as bolachas e as conservas, esperando que... Sim, Frosted Flakes⁷⁷. Havia uma grande caixa de Frosted Flakes lado a lado com um pacote de biscoitinhos salgados Kleeber Clube e uns crótons do Pepperidge Farm.

Ao tirar os cereais, girou a caixa para que visse a frente e olhou o Tony, o Tigre.

Repassando as linhas do desenho com a ponta do dedo, disse brandamente:

— Você ainda gosta dos Frosted Flakes?

— Oh, absolutamente. São meus favoritos.

⁷⁷ Nota da Revisora: marca de cereais.

— Bem. Isso me faz feliz.

Bella riu um pouco.

— Por quê?

— Não se... Lembra? — deteve a si mesmo — Entretanto, por que o faria?

— Recordar o que?

— Foi faz muito tempo. Observei você quando os comia e... Simplesmente era agradável, isso é tudo. A forma em que os desfrutava. Eu gostava da forma em que os desfrutava.

Pegou uma terrina, uma colher e o leite desnatado, foi com o lote até onde estava sua irmã e fazendo um pequeno lugar dispôs tudo frente a ela.

Enquanto ela trocava de lugar à pequena para ter a mão direita livre para usar a colher, ele abriu a caixa e o fino saco de plástico e começou a servi-los.

— Diga-me quando estiver bom. — disse.

O som dos cereais golpeando a terrina, esse pequeno som de chapinhar, falava de uma vida cotidiana normal e era muito forte. Como aqueles passos descendo a escada. Era como se ao silenciar o batimento do coração de sua mãe tivesse subido o volume do resto do mundo até que sentiu que necessitava abafadores para os ouvidos.

— Pare. — disse Bella.

Ele trocou a caixa de cereais pela caixa de leite Hood e derrubou um rio branco sobre os cereais.

— Uma vez mais, com sentimento.

— Pare.

Rehv se sentou enquanto fechava a tampa e soube que não devia lhe perguntar se queria que ele carregasse Nalla. Embora incômodo para comer, ela não soltaria essa menina durante um bom momento e estava bem. Mais que bem. Ver como se consolava com a próxima geração contribuiu um pouco para dar consolo a ele

— Mmm. — murmurou Bella com o primeiro bocado.

No silêncio que surgiu entre eles, Rehv se permitiu relembrar outra cozinha, em outro tempo, muito anterior, quando sua irmã era muito mais jovem e ele muitíssimo menos corrupto. Recordou uma terrina de Tony em particular que era melhor ela não recordar, aquela que após ter terminado, ainda seguia tendo vontade de comer mais, e teve de lutar contra tudo o que aquele bastardo de seu pai lhe tinha ensinado a respeito das fêmeas que deviam ser magras e que nunca repetiam. Quando cruzou a cozinha da antiga casa e logo retornou a sua cadeira levando a caixa de cereais, Rehv aclamou silenciosamente e quando começou a servir-se outra porção... Começou a chorar lágrimas de sangue pelo que teve que desculpar-se dizendo que ia ao quarto de banho.

Tinha assassinado ao pai dela por duas razões: sua mãe e Bella.

Uma de suas recompensas foi à tentativa de liberdade de Bella ao comer mais quando sentia fome. A outra foi saber que não haveria mais contusões no rosto de sua mãe.

Perguntava-se o que teria Bella pensado se soubesse o que ele tinha feito. O odiaria? Possivelmente. Não estava seguro de quanto recordava a respeito de todos os maus tratos, especialmente os que foram feitos a sua *mahmen*.

— Está bem? — perguntou ela repentinamente.

Ele passou a mão por seu topete.

— Sim.

— Pode ser difícil de interpretar. — dedicou-lhe um pequeno sorriso, como se quisesse estar segura de que não havia ironia em suas palavras — Nunca sei se está bem.

— Estou.

Ela passeou a vista pela cozinha.

— Que fará com esta casa?

— Vou conservá-la, ao menos durante outros seis meses. Comprei de um humano, faz um ano e meio e preciso agüentá-la um pouco mais ou vão me ferrar nos lucros de capital.

— Sempre foi bom com o dinheiro. — inclinou-se para levar outra colherada à boca — Posso te perguntar algo?

— Claro.

— Tem alguém?

— Alguém como?

— Já sabe... Uma fêmea. Ou um macho.

— Acredita que sou gay? — enquanto ria, ela ficou de um vermelho escarlate, e ele desejou abraçá-la com todas as suas forças.

— Bom Rehvenge, se for não há problema. — disse, fazendo um gesto afirmativo com a cabeça que o fez sentir como se lhe tivesse estendido a mão para consolá-lo — Quero dizer, você nunca apresentou nenhuma fêmea, jamais. E, não quero pressupor... Que você... Ah... Bem, em certo momento do dia fui ao seu quarto para ver como estava e te escutei falando com alguém. Não é que estivesse escutando às escondidas... Não estava... Oh, merda.

— Está bem. — sorriu abertamente e então se deu conta que não havia uma resposta simples para sua pergunta. Ao menos, no que referia a se tinha a alguém.

Ehlena era... O que era?

Franziu o cenho. A resposta que vinha a sua mente afundava profundamente nele. Muito profundamente. E dada à superestrutura de mentiras sobre a qual estava construída sua vida, não estava seguro que esse tipo de prospecção fosse uma idéia acertada: porra, sua montanha de carvão já estava suficientemente instável para permitir que houvesse ocos que impregnassem tão fundo sob a superfície.

Bella baixou a colher lentamente.

— Meu Deus... Tem alguém, verdade?

Ele se obrigou a responder de forma que a quantidade de complicações diminuíssem. Embora isso fosse como tirar só uma parte de lixo da pilha.

— Não, não tenho. — jogou uma olhada a sua terrina — Quer mais?

Ela sorriu.

— Sim. — enquanto a servia, disse — Sabe, a segunda terrina sempre é a melhor.

— Não poderia estar mais de acordo.

Bella empurrou os cereais para baixo com o dorso de sua colher.

— Amo você, irmão meu.

— E eu a você, irmã minha. Sempre.

— Acredito que *mahmen* está no Fade nos cuidando. Não sei se acredita nesse tipo de coisas, mas ela o fazia, e depois do nascimento de Nalla também cheguei a acreditar.

Era consciente de que quase perderam Bella na mesa de parto, e se perguntava o que ela teria visto nesses momentos, quando sua alma não estava nem aqui nem ali. Nunca tinha pensado muito sobre onde se terminava, mas estava disposto a apostar que ela tinha razão. Se alguém podia velar por seus descendentes do Fade, essa seria sua encantadora e piedosa mãe.

Isso lhe proporcionava consolo e um propósito.

Ali acima, sua mãe nunca teria que preocupar-se com o que a tinha preocupado. Não pelo que a ele concernia.

— Oh, olhe, está nevando. — disse Bella

Olhou através da janela. Iluminados pela luz das luzes de gás que havia ao longo da entrada para carros, os pequenos pontos brancos caíam à deriva.

— Ela teria amado isto. — murmurou ele.

— *Mahmen?*

— Lembra como costumava sentar-se em uma cadeira para contemplar os flocos caírem?

— Não os observava cair.

Rehv franziu o cenho e a olhou do outro lado da mesa.

— Com certeza que sim. Durante horas, ela...

Bella negou com a cabeça

— Gostava do aspecto que tinham depois de cair.

— Como sabe?

— Perguntei uma vez. Já sabe, por que se sentava e ficava olhando para fora durante tanto tempo. — Bella reacomodou Nalla em seus braços e com uma mão alisou as mechinhas de cabelo de sua menina — Disse que era porque quando a neve cobria a terra, os ramos e os telhados, lembrava-se de quando estava no Outro Lado com as Escolhidas,

onde tudo estava bem. Disse... Que depois que a neve caía, ela se via restituída a sua vida antes da queda. Nunca entendi o que queria dizer com isso, e ela nunca me explicou isso.

Rehv voltou a olhar através da janela. À velocidade que estavam caindo os flocos, passaria um tempo antes que a paisagem ficasse branca.

Não era de estranhar que sua mãe permanecesse horas olhando para fora.

Wrath despertou na escuridão, mas de uma forma deliciosa, familiar e feliz. Sua cabeça estava sobre seu próprio travesseiro, suas costas contra seu próprio colchão, as mantas até seu queixo, e o aroma de sua *shellan* profundamente em seu nariz.

Dormiu felizmente durante um comprido tempo, podia afirmar pelo muito que precisava esticar-se. E sua dor de cabeça se foi. Ido... Deus, esteve vivendo com a dor durante tanto tempo, que era somente em sua ausência quando se dava conta de quão ruim se tornou.

Esticando todo o corpo, esticou os músculos das pernas e braços até fazer ranger os ombros e endireitar sua coluna, seu corpo se sentiu glorioso.

Dando a volta, encontrou Beth com o braço, e deslizando-o ao redor de sua cintura a capturou por atrás e se curvou ao redor dela de maneira a poder enterrar o rosto no suave cabelo de sua nuca. Ela sempre dormia sobre o lado direito, e o tema de adotar a posição de colheres paralelas era assunto dele... Gostava de rodear o corpo menor dela com o seu que era muito mais comprido porque o fazia sentir que era o suficientemente forte para protegê-la.

Entretanto, manteve os quadris separados dela. Seu pênis estava rígido e cheio de *eu-desejo*, mas se sentia agradecido somente por poder se deitar com ela... E não tinha intenção de arruinar o momento fazendo-a sentir incomoda.

— Mmm. — disse ela, acariciando seu braço — Está acordado.

— Estou. — e mais que isso.

Armou-se uma confusão enquanto ela dava a volta, movendo-se dentro de seu abraço até que esteve de frente.

— Dormiu bem?

— Oh, sim.

Quando sentiu um ligeiro puxão de cabelo, soube que estava brincando com as pontas frisadas, e se alegrou de mantê-lo tão longo como o tinha. Inclusive embora tivesse que prender a pesada massa negra na parte de atrás da cabeça quando saía para lutar, e que a merda demorava eternidades para secar-se — tanto, de fato, que tinha que usar um secador, o que era muito fodidamente efeminado para acreditar — Beth amava a coisa. Podia lembrar as muitas vezes que ela o tinha desdobrado em leque sobre seus seios nus...

Bom, desacelerar esse trem seria uma muito boa idéia. Se continuasse com esse tipo de coisas teria que montá-la ou perder sua condenada mente.

— Adoro seu cabelo, Wrath. — na escuridão, sua voz baixa era como o toque de seus dedos, delicada e devastadora.

— Eu adoro quando coloca suas mãos sobre ele. — replicou, com a voz rouca — Entre o meio dele, de qualquer forma que você goste de tocá-lo.

Estiveram só Deus sabia quanto tempo ali deitados lado a lado, encarando um ao outro, os dedos dela retorcendo e enroscando as densas ondas.

— Obrigada, — disse ela baixinho — por me contar sobre esta noite.

— Teria preferido ter boas notícias para te contar.

— Mesmo assim me alegra que me conte. Prefiro saber.

Encontrou seu rosto para comprovar, e enquanto deslizava os dedos sobre as bochechas, o nariz até os lábios, via-a com as mãos e a conhecia com o coração.

— Wrath... — ela colocou a mão sobre sua ereção.

— Oh, caralho... — esticando a parte baixa das costas impulsionou os quadris para frente.

Ela riu baixinho.

— Sua linguagem amorosa faria com que um caminhoneiro se sentisse orgulhoso.

— Sinto muito, eu... — a respiração se prendeu na garganta quando ela o acariciou por cima dos boxer que pôs em atenção a seu pudor — Caralh... Quero dizer...

— Não, eu gosto. É muito você.

A fez rodar e montou sobre seus quadris... Sagrada merda. Sabia que veio para cama com uma camisola de flanela, mas onde quer que estivesse, não estava cobrindo as pernas, porque seu doce e quente centro se esfregou contra seu pênis.

Wrath grunhiu, e perdeu o controle. Com um súbito impulso, atirou-a de costas, baixou os Calvin Klein que raramente usava, por suas coxas, e se introduziu nela. Quando ela gritou e arranhou suas costas com as unhas, lhe alargaram as presas completamente e começaram a palpitar.

— Preciso de você. — disse — Necessito isso.

— Eu também.

Não economizou nada de seu poder, mas em definitivo, gostava assim algumas vezes, cru, selvagem, que o corpo dele marcasse o seu com dureza.

O rugido que lançou quando se introduziu nela sacudiu o óleo que pendia sobre a cama e fez repicar os frascos de perfume que estavam na penteadeira e continuou movendo-se em seu interior, mais besta que amante civilizado. Mas, quando seu aroma começou a encher seu nariz, soube que o desejava exatamente como era... Cada vez que chegava ao orgasmo, ela fazia com ele, seu sexo apertava e puxava o dele, o mantendo profundamente em seu interior.

Com uma ordem ofegante, disse-lhe:

— Toma minha veia...

Ele vaiou como um predador, foi em busca de seu pescoço e a mordeu com força.

O corpo de Beth se sacudiu abaixo do dele, e entre seus quadris sentiu que brotava uma calidez que não tinha nada a ver com o que tinha deixado em seu interior. Em sua boca, o sangue dela era o presente da vida, sentia-o espesso na língua e descendo por sua garganta, enchendo o ventre com um forno quente que iluminava sua carne de dentro para fora.

Enquanto bebia, seus quadris tomaram o comando, agradando a ela, sentindo prazer em si mesmo, quando esteve satisfeito, lambeu as marcas da dentada, e voltou a ocupar-se dela, esticando-se para baixo levantou uma de suas pernas para poder entrar ainda mais profundamente enquanto golpeava com força. Quando em uma das investidas voltou a gozar, segurou-lhe a nuca com a palma da mão e aproximou seus lábios a sua garganta.

Mas não teve oportunidade de expressar uma ordem. Ela o mordeu, e no momento em que suas agudas pontas ferroaram sua pele sentiu a doce chicotada da dor e teve um novo orgasmo, um que foi mais brutal que todos os outros. Saber que possuía o que ela necessitava e desejava, que ela vivia do que pulsava ao longo de suas veias, era fodidamente erótico.

Quando sua *shellan* acabou e fechou as feridas as lambendo, ele rodou sobre suas costas mantendo-os unidos, com a esperança de que...

Oh, sim, fizeram um bom uso dela montando-o. Enquanto ela tomava o comando, ele levantou as palmas de suas mãos para seus peitos e se deu conta que ainda tinha a camisola posta, de maneira que a tirou pela cabeça e atirou a quem-demônios-lhe-importava-onde. Encontrando seus peitos novamente, soposou-os e estavam tão pesados e abundantes em suas palmas que não pôde evitar arquear para cima e tomar um de seus mamilos na boca. Sugou enquanto ela bombeava por ambos até que se fez muito difícil manter a conexão e teve que deixar cair seu torso sobre a cama.

Beth gritou, e em seguida ele o fez, e então ambos chegaram juntos ao clímax. Depois ela se derrubou junto a ele e permaneceram um ao lado do outro, ofegando.

— Isso foi incrível. — ofegou ela.

— Fodidamente incrível.

Ele tateou ao seu redor na escuridão, até que encontrou sua mão, e ficaram assim unidos durante um momento.

— Tenho fome. — disse ela.

— Eu também.

— Bem, deixa que vá procurar algo para os dois.

— Não quero que vá. — disse puxando sua mão, atraindo-a para ele, e beijando-a — É a melhor fêmea que um macho poderia chegar a ter jamais.

— Também te amo.

Como se estivessem sincronizados, seus estômagos rugiram ao mesmo tempo.

— De acordo, possivelmente sim seja hora de comer. — enquanto riam juntos, Wrath soltou sua *shellan* — Espera, me deixe acender a luz para que possa encontrar a camisola.

Imediatamente soube que algo andava mal. Beth deixou de rir e ficou absolutamente paralisada.

— *Leelan*? Está bem? Fiz-te mal? — oh, Deus... Tinha sido tão bruto — Eu sinto...

Interrompeu-o com voz estrangulada.

— Minha luz já está acesa, Wrath. Antes que despertasse, eu estava lendo.

Capítulo 41

John levou seu fodido tempo na ducha de Xhex, e se lavou profundamente não porque estivesse sujo, mas sim, porque pensou que ele também podia brincar esse joguinho de apagar-o-quadro-negro-por-completo e o-que-aconteceu-entre-nós-não-aconteceu-realmente.

Depois que ela se foi, não sabia há quantas horas e horas depois, seu primeiro pensamento foi negativo. Não mentiria: Tudo o que queria fazer era sair diretamente para fora e ficar sob o sol, e, assim, terminar com essa piada que como um imbecil perdedor chamava de vida.

Havia muitas coisas nas quais falhava. Não podia falar. Era péssimo em matemática. Seu sentido da moda, se o deixavam só, era patético. Não era particularmente bom com as emoções. Normalmente perdia no gim rummy⁷⁸ e sempre no pôquer. E tinha muitos outros defeitos.

Mas, ser péssimo no sexo era o pior de todos.

Enquanto estava estendido na cama de Xhex considerando os méritos da auto-imolação, perguntou-se por que o fato de ser uma calamidade na hora de foder parecia mais importante que qualquer outra deficiência.

Talvez fosse porque o recente capítulo em sua vida sexual o fizera passar a um território ainda mais complicado, mais hostil. Talvez fosse porque o desastre mais recente estava muito fresco.

Talvez porque tinha sido a gota que transbordou o copo.

Tal e como via, tivera relações sexuais duas vezes, e em ambas ele tinha sido tomado, uma vez violentamente e contra sua vontade e então, umas quantas horas atrás, tinha sido com seu consentimento total e absoluto. As repercussões de ambas as

⁷⁸ Nota da Revisora: jogo fácil de naipes que se joga com o baralho de pôker.

experiências eram péssimas, e durante o tempo que tinha passado na cama de Xhex, tinha tratado de não reviver as feridas, mas em sua maior parte tinha falhado. Naturalmente.

Entretanto, ao cair da noite, já tinha desenvolvido um par de ovos ao dar-se conta que estava deixando que outras pessoas fodessem com sua mente. Em nenhum dos casos tinha feito nada mal. Então por que demônio pensava em acabar com sua vida quando não era ele o problema?

A resposta não era converter a si mesmo no equivalente vampiro de um s'more⁷⁹.

Merda, não. A resposta era não voltar a ser nunca, jamais, uma vítima.

De agora em diante, quando se tratasse de foder, seria ele o que foderia.

John saiu da ducha, secou seu corpo poderoso e ficou frente ao espelho, medindo seus músculos e sua força. Quando cavou a mão em torno de seus testículos e seu pênis, seu pesado sexo se sentia bem.

Não. Nunca mais seria a vítima de outros. Porra! Era hora de crescer.

John deixou a toalha da maneira que aterrissou sobre qualquer lugar, vestiu-se rapidamente, e de certa forma, quando ajustou suas armas e foi em busca de seu telefone se sentiu mais alto.

Negava-se a seguir sendo um sacal débil e chorão.

Sua mensagem para Qhuinn e Blay foi breve e concisa: *Vms no ZS. V embebedar-me e spro q façam o mesmo.*

Após apertar *enviar*, foi ao registro de chamadas. Várias pessoas discaram para seu telefone durante o dia, em sua maior parte Blay e Qhuinn, quem evidentemente chamou a cada duas horas. Também viu que ficou registrado um número privado desconhecido que tinha insistido três vezes.

O resultado final era que tinha dois correios de voz, e sem muita curiosidade, acessou a sua conta e escutou, esperando que o desconhecido fosse um humano que ligou para o número errado.

Não era.

A voz de Tohrment se ouvia tensa e baixa:

“Ouça, John, sou eu, Tohr. Escuta... Eu, ah, não sei se receberá isto, mas poderia me ligar se o fizer? Estou preocupado com você. Preocupa-me, e quero dizer que sinto muito. Sei que realmente estive fodidamente ausente durante muito tempo já, mas retornarei. Fui... Fui à Tumba. Era ali onde estava. Tinha que retornar e ver... Merda, não sei. Tinha que ver o lugar onde tudo começou antes de poder me lançar de volta à realidade. E logo eu, ah, ontem à noite me alimentei. Pela primeira vez desde que... — sua voz se quebrou e

⁷⁹ Nota da Revisora: nos Estados Unidos é uma sobremesa típica dos acampamentos. Consiste em pôr barras de chocolate e malvaviscos torrados, entre dois biscoitinhos Graham. Seu nome vem da contração de “seja morte” que em inglês significa “mais”, e se diz que é porque quando está comendo-o e lhe perguntam se quer outro o único que pode dizer com a boca cheia de malvaviscos e chocolate derretido é efetivamente “mais”.

ouviu uma forte inspiração — Desde que Wellsie morreu. Pensei que não poderia suportá-lo, mas o fiz. Levará um tempo conseguir...”

Nesse momento a mensagem se interrompeu e uma voz gravada perguntou se queria guardá-la ou apagá-la. Pressionou a tecla para saltar à seguinte mensagem.

Era Tohr outra vez:

“Ouça, desculpa por isso, cortaram a comunicação. Só queria dizer que sinto te haver fodido. Não foi justo para você. Você também esteve levando luto por ela, e não estive ali para te ajudar, e isso sempre me pesará. Abandonei-te quando me necessitava. E... Sinto de verdade. Entretanto, já deixei de correr. Não vou a nenhuma parte. Suponho... Suponho que estou aqui e é aqui aonde pertencço. Porra! Estou falando sem sentido. Olhe me ligue, por favor, para me fazer saber que está a salvo. Adeus.”

Soou um bip e a voz gravada interrompeu:

“Guardar ou apagar?” induziu.

Quando John afastou o telefone de sua orelha para olhá-lo fixamente, houve um momento de vacilação quando o menino que ainda ficava nele pedia a gritos por seu pai.

Uma mensagem de texto de Qhuinn brilhou na tela, tirando-o da imaturidade.

John apertou apagar para a segunda mensagem de voz de Tohr, e, quando perguntaram se queria revisar a primeira mensagem, respondeu que sim e apagou aquela também.

O texto de Qhuinn era breve: *T vmos lá.*

Genial, pensou John enquanto recolhia sua jaqueta de couro e saía.

Para ser alguém desempregada e com um montão de faturas pendentes, era bastante insólito que Ehlena estivesse de bom humor.

Não obstante quando se desmaterializou para o Commodore se sentia feliz. Tinha problemas? Sim, definitivamente: se não encontrasse trabalho logo, ela e seu pai corriam o risco de perder o teto que tinham sobre suas cabeças. Mas tinha solicitado um posto de faxineira com uma família de vampiros para sair do apuro, e estava considerando fazer bico no mundo humano. As transcrições médicas eram uma idéia, o único problema era que não tinha uma identidade humana que pudesse ser impressa em um cartão plastificado, e obtê-la ia custar dinheiro. De toda forma, o salário de Lusie estava pago até o final de semana, e seu pai estava encantado de que sua “história”, como ele a chamava, tivesse agradado a sua filha.

E, além disso, tinha Rehv.

Não sabia que direção as coisas tomariam com ele, mas para eles existia uma possibilidade, e o sentimento de esperança e o otimismo que gerava essa possibilidade, fazia que se sentisse animada em todos os campos de sua vida, incluída a Santa merda do desemprego.

Tomando forma no terraço do apartamento de cobertura certo, sorriu às pequenas rajadas de flocos que formava redemoinhos com o vento e se perguntou por que será que cada vez que caía o frio não parecia tão frio.

Quando deu a volta, viu uma silhueta maciça através do vidro. Rehvenge estava esperando-a e permanecia atento à sua chegada, e, o fato de que desejasse isto tanto como ela fez que seu sorriso ampliasse tanto que seus incisivos zumbiram pelo frio.

Antes que pudesse avançar, a porta em frente a ele se abriu deslizando para um lado, e cruzou de uma pernada a distância que os separava, o vento invernal apanhou seu casaco de zibelina e o arrancou de corpo. Seus olhos de ametista reluziram. Sua pernada era poder puro. Sua aura era inegavelmente masculina.

Quando se deteve frente a ela, seu coração deu um salto. À luz do resplendor da cidade, seu rosto era severo e afetuoso ao mesmo tempo, e, embora sem dúvida estivesse congelado até os ossos, abriu seu casaco, a convidando há compartilhar o pouco calor que seu corpo pudesse ter.

Ehlena se meteu dentro e o abraçou, segurando-o com força, aspirando profundamente seu perfume.

Ele baixou a boca até sua orelha.

— Senti saudades.

Ela fechou os olhos, pensando que essas pequenas palavras eram tão boas como um “te amo”.

— Também senti sua falta.

Quando ele soltou uma suave risada de satisfação, ela escutou o som e ao mesmo tempo o sentiu retumbar em seu peito. E, então a abraçou mais estreitamente.

— Sabe? Com você assim apoiada contra mim, não tenho frio.

— Isso me faz feliz.

— A mim também. — ele girou com ela em seus braços para que ambos pudessem ficar frente ao terraço que parecia estar coberto com uma manta de neve, os arranhas-céu do centro e as duas pontes com suas fileiras de faróis dianteiros amarelos e luzes traseiras vermelhas — Nunca tinha conseguido desfrutar desta vista de uma forma tão próxima e pessoal como agora. Antes de você... Só a tinha visto através do vidro.

Agasalhada dentro do quente refúgio que o corpo e o casaco dele proporcionavam, Ehlena se sentiu triunfante porque juntos tinham vencido ao frio.

Com a cabeça descansando sobre seu coração, disse:

— É magnífica.

— Sim.

— E, entretanto... Não sei, mas só você me parece real.

Rehvenge se afastou um pouco e levantou seu queixo com seu comprido dedo. Quando sorriu, ela viu que suas presas se alargaram, e instantaneamente se excitou.

— Estava pensando exatamente o mesmo. — disse — Neste momento, não posso ver nada mais que a você.

Inclinou a cabeça e a beijou, beijou-a e beijou um pouco mais enquanto alguns flocos de neve dançavam ao redor deles como se constituíssem uma força centrífuga, um universo próprio que girava lentamente.

Quando ela deslizou seus braços ao redor da nuca dele e ambos perderam o controle, Ehlena fechou os olhos.

E isso significava que ela não viu e Rehvenge não percebeu a presença que se materializou no alto do telhado do luxuoso apartamento de cobertura...

E que os olhou com uns olhos que brilhavam avermelhados com a cor do sangue recém derramado.

Capítulo 42

— Por favor, se possível, trata de não se mover... De acordo, assim está bem.

Doutora Jane passou ao olho esquerdo de Wrath, enviando o feixe de luz de sua caneta-lanterna diretamente até a parte posterior de seu cérebro, ou, ao menos, isso pareceu a ele. Enquanto o arpão o brocava, teve que resistir ao impulso de retirar a cabeça.

— De verdade que isto não te agrada. — murmurou ela enquanto apagava a caneta-lanterna.

— Não.

Esfregou aos olhos e voltou a colocar os óculos de sol, incapaz de ver nada além de um par de brilhantes alvos negros.

Beth interveio.

— Mas isso não é incomum. Nunca pôde tolerar a luz.

Enquanto sua voz se desvanecia, ele estendeu o braço e apertou sua mão para tratar de reconfortá-la, o que, se funcionasse, também reconfortaria a ele por extensão.

Falando em ser desmancha-prazeres. Depois que ficou evidente que seus olhos tomaram um pequeno descanso não programado, Beth chamou à doutora Jane, que estava na nova clínica, e mais que disposta a fazer uma visita a domicílio imediatamente. Entretanto, Wrath insistiu em ir onde estava a doutora. O último que queria era que Beth tivesse de ouvir más notícias em seu quarto matrimonial... E o que era quase igualmente importante... Para ele, esse era seu espaço sagrado. Com exceção de Fritz que entrava para limpar, ninguém era bem-vindo em seu dormitório. Nem sequer os Irmãos.

Além disso, Doutora Jane iria querer fazer exames. Os médicos sempre queriam fazer exames.

Convencer Beth tinha levado bastante tempo, mas a seguir Wrath pôs seus óculos escuros, pôs o braço ao redor dos ombros de sua *shellan*, e, juntos, saíram do quarto, desceram sua escada privada, e entraram pela galeria exterior do segundo piso. No caminho, tropeçara um par de vezes, ao chocar seus shitkickers nos cantos dos tapetes pequenos e esquecer a localização exata dos degraus, e o acidentado trajeto acabou por ser uma revelação. Não tinha se dado conta de que confiava tanto em sua defeituosa visão como aparentemente o fazia.

Sagrada... E querida Virgem Escriba, pensou. O que ocorreria se ficava permanente e completamente cego?

Não poderia suportar. Simplesmente não poderia suportá-lo.

Felizmente, quando estavam no túnel a meio caminho para o centro de treinamento, a cabeça tinha palpitado várias vezes, e repentinamente o ligeiro brilho do teto atravessou seus óculos de sol. Melhor dizendo, seus olhos o tinham registrado. Deteve-se, piscou e tirou os óculos de sol e imediatamente teve que voltar a pô-los quando olhou para cima às placas fluorescentes.

Assim, nem tudo estava perdido.

Quando, a doutora Jane se deteve frente a ele, cruzou os braços e as lapelas de seu avental branco se enrugaram. Estava completamente sólida, sua forma fantasmal era tão substancial como a sua ou a de Beth, e ele virtualmente podia cheirar a madeira ardendo enquanto considerava seu caso.

— Suas pupilas estão virtualmente insensíveis, mas isso é porque estão quase totalmente contraídas para começar... Maldita seja! Oxalá tivesse feito em você um estudo óptico em condições normais. Disse que a cegueira te atacou de repente?

— Deitei-me e quando despertei era incapaz de ver qualquer coisa. Não estou seguro de quando ocorreu.

— Notou algo diferente?

— Além do fato de que não tenho dor de cabeça?

— Teve recentemente?

— Sim. É pela tensão nervosa.

Doutora Jane franziu o cenho. Ou ao menos ele sentiu que o fez. Para ele, seu rosto era um borrão pálido com cabelo loiro curto, suas feições eram indistintas.

— Quero que faça uma TAC na consulta com Havers.

— Por quê?

— Para ver um par de coisas. Assim, vejamos, despertou e sua vista simplesmente se foi...

— Para que quer a TAC?

— Quero saber há algo anormal em seu cérebro.

A mão de Beth apertou a sua como se estivesse tratando de acalmá-lo, mas o pânico o fazia ser descortês.

— Como o que? Porra, Doutora, simplesmente me diga.

— Um tumor. — como ele e Beth contiveram o fôlego, Doutora Jane continuou rapidamente — Os vampiros não contraem câncer. Mas houve casos de tumores benignos e isso poderia explicar as dores de cabeça. Agora me conte outra vez, despertou e... Se foi. Aconteceu algo incomum antes que dormisse? Ou depois?

— Eu... — porra. Merda — Despertei e me alimentei.

— Quanto tempo passou da última vez que o tinha feito?

Beth respondeu.

— Aproximadamente três meses.

— Muito tempo. — murmurou a doutora.

— Assim pensa que poderia ser isso? — perguntou Wrath — Não me alimentei o suficiente e a perdi, mas quando bebi de sua veia, minha vista retornou e...

— Acredito que necessita uma TAC.

Com ela não cabiam tolices, nada a discutir. Assim ao ouvir que abria um telefone e discava, manteve a boca fechada apesar de isso estar matando-o.

— Verei quando Havers pode te atender.

O que, sem dúvida, seria no ato. Wrath e o médico da raça tiveram suas diferenças, que remontavam à época em que estava com a Marissa, mas o homem sempre tinha dado prioridade a sua atenção quando era necessário.

Quando Doutora Jane começava a falar, Wrath interrompeu sua conversa.

— Não diga a Havers para o que é. Você e só você verá os resultados. Entendemos?

A última coisa que precisavam era que houvesse qualquer tipo de especulação sobre sua capacidade para governar.

Beth elevou a voz.

— Diga que é para mim.

Doutora Jane assentiu e mentiu com desenvoltura, e enquanto dispunha tudo, Wrath atraiu Beth para seu lado.

Nenhum deles disse nada, porque que tipo de conversa teria? Ambos estavam assustados como a merda... Sua visão era uma porcaria, mas ele necessitava a pouca que tivesse. Sem ela? Que diabo faria?

— Tenho que ir à reunião do Conselho à meia-noite. — disse brandamente. Quando Beth se esticou, ele negou com a cabeça — Politicamente falando, devo ir. As coisas estão muito instáveis neste momento para não comparecer, ou tratar de mudá-la para outra noite. Tenho que aparentar uma posição de força.

— E o que ocorre se perder a vista no meio da reunião? — vaiou ela.

— Então dissimularei até que possa sair dali.

— Wrath...

A doutora Jane fechou seu telefone.

- Pode vê-lo agora mesmo.
- Quanto tempo demorará?
- Perto de uma hora.
- Bem. Há um lugar em que devo ir a meia-noite.
- Por que não vemos o que diz o exame...
- Tenho que...

A doutora Jane o interrompeu com uma autoridade que indicava que nesta ocasião ele era um paciente, não o rei.

— “Ter que” é um termo relativo. Já veremos o que ocorre ali dentro e logo poderá decidir quantos “tenho que” consegue.

Ehlena poderia ficar no terraço com Rehvenge durante vinte anos, mas lhe sussurrou ao ouvido que tinha preparado algo para comer, e sentar-se frente a ele à luz de velas soava igualmente bom.

Depois de um prolongado beijo final, entraram juntos, ela recostada contra ele, que rodeava sua cintura com o braço, enquanto ela tinha a mão em suas costas, entre suas omoplatas. O luxuoso apartamento de cobertura estava caloroso, assim que tirou o casaco e o lançou sobre um dos sofás negros de couro.

— Pensei que podíamos comer na cozinha. — disse ele.

E até aqui chegava “à luz de velas”, mas o que importava? Desde que estivesse com ele, ela brilharia o suficiente para iluminar todo o maldito apartamento de cobertura.

Rehvenge pegou sua mão e a guiou através da sala de jantar fazendo-a cruzar para o outro lado da porta de serviço basculante. A cozinha era de granito negro e aço inoxidável, muito urbana e brilhante, e em um extremo do balcão, onde havia um beiral, estava disposto o serviço para dois, frente a um par de tamboretes. Havia uma vela branca acesa, e sua chama vagava em cima de seu pedestal de cera.

— Oh, isto cheira fantástico. — ela deslizou em um dos tamboretes — Italiana. E dizia que só podia preparar uma coisa.

— Bom, na realidade trabalhei como escravo para fazer isto.

Inclinou-se para o forno com um floreio e tirou uma fôrma plana com...

Ehlena estalou em gargalhadas.

— Pizza de pão francês.

— Só o melhor para você.

— DiGiorno?

— É obvio. E esbanjei ao comprar o tipo supremo. Pensei que poderia tirar aquilo que você não goste. — usou um par de pegadores de prata esterlina para transferir as pizzas aos pratos e logo pôs a bandeja do forno sobre o balcão da cozinha — Também tenho vinho tinto.

Enquanto voltava com a garrafa, o único que ela pôde fazer foi olhá-lo e sorrir.

— Sabe, — disse ele enquanto servia um pouco em seu copo — gosto da forma em que me olha.

Ela espalmou as mãos sobre o rosto.

— Não posso evitar.

— Não tente. Faz com que me sinta mais alto.

— E não é pequeno para começar. — ela tentou conter-se, mas enquanto ele enchia seu próprio copo, deixava a garrafa, e se sentava a seu lado tinha muita vontade de rir bobamente.

— Começamos? — disse ele, pegando sua faca e seu garfo.

— Oh, meu Deus, me alegro de que também faça isso.

— Faça o que?

— Comer pizza com faca e garfo. No trabalho, as outras enfermeiras me enchiam a paciência... — deixou a frase sem terminar — Bom, de qualquer maneira, alegra-me que haja alguém como eu.

Quando ambos se dedicaram a seu jantar, surgiu o som do pão rangente quebrando-se sob as lâminas das facas.

Rehvenge esperou até que ela tomou seu primeiro bocado e então disse:

— Deixe-me te ajudar em sua busca de trabalho. — tinha cronometrado à perfeição, porque ela nunca falava com a boca cheia, assim tinha um montão de tempo para continuar — Deixe que me ocupe de você e de seu pai até que tenha outro trabalho que proporcione o mesmo ganho que o da clínica. — ela começou a negar com a cabeça, mas ele levantou alto sua mão — Espera, pensa nisso. Se não tivesse me comportado como um imbecil, não teria feito o que fez para que a despedissem. Assim, é justo que a compense, e se ajuda, pensa nisso de um ponto de vista legal. Sob as Antigas Leis lhe devo isso, e não estou fazendo nada mais que obedecer às leis.

Ela limpou a boca.

— É só que parece... Estranho.

— Porque por uma vez alguém estaria ajudando a você em lugar de que seja o inverso?

Bem, maldita seja sim.

— Não quero me aproveitar de você.

— Mas me ofereci, e acredite, tenho os meios.

Bastante certo, pensou ela, olhando seu casaco e o pesado faqueiro de prata com o que comia e o prato de porcelana e o...

— Na mesa tem umas maneiras deliciosas. — murmurou sem causa aparente.

Ele fez uma pausa.

— Obra de minha mãe.

Ehlana pôs a mão sobre seu enorme ombro.

— Posso dizer que sinto outra vez?

Ele limpou a boca com um guardanapo.

— Pode fazer algo melhor por mim.

— O que?

— Deixe-me cuidar de você. Para que sua procura por trabalho seja para encontrar algo que deseje fazer em vez de uma louca correria para se colocar em algo que te possibilite pagar as contas. — ergueu os olhos para o teto e levou as mãos ao peito como se estivesse a ponto de desmaiar — Isso aliviaria muito meu sofrimento. Você e só você tem o poder de me salvar.

Ehlena riu um pouco, mas não podia manter nenhuma aparência de jovialidade. Sob a superfície, percebeu que ele sofria, e a dor se fazia patente nas sombras que tinha sob os olhos e a sombria tensão de sua mandíbula. Era evidente que se esforçava para aparentar-se normal em seu benefício, e embora apreciasse não sabia como podia fazer que se detivesse sem o pressionar.

Na realidade ainda não eram mais que desconhecidos um para o outro, verdade? Apesar de todo o tempo que passaram juntos os últimos dois dias, o que sabia realmente dele? Sua ascendência? Quando estava com ele ou quando falavam por telefone, sentia como se soubesse tudo o que necessitava, mas sendo realista, o que tinham em comum?

Ele franziu o cenho enquanto deixava cair suas mãos e cortava outra parte de pizza.

— Não vá por aí.

— Desculpe?

— Em qualquer lugar que esteja indo em sua mente. É o lugar errado para você e para mim. — tomou um sorvo de vinho — Não serei grosseiro e lerei sua mente, mas posso sentir o que sente, e está se distanciando. Isso não é o que persigo. Não no que se refere a você. — levantou seus olhos de ametista e a olhou fixamente — Pode confiar em que cuidarei de você, Ehlena. Nunca duvide disso.

Ao olhá-lo, acreditava nele cem por cento. Absolutamente. Sem lugar a dúvidas.

— Faço. Confio em você.

Algo iluminou seu rosto, mas ele o ocultou.

— Bem. Agora, termina seu jantar e se dê conta que eu ajudá-la é o correto.

Ehlena voltou para seu jantar, e seguiu comendo lentamente a pizza. Quando acabou, apoiou os talheres na borda direita do prato, limpou a boca, e tomou um sorvo de vinho.

— De acordo. — olhou-o — Deixarei que me ajude.

Quando ele sorriu amplamente, porque se sairia com a sua, ela interrompeu a satisfação que estava lhe inflando o peito.

— Mas há condições.

Ele riu.

— Impõem limitações a um presente que lhe fazem?

— Não é um presente. — olhou-o mortalmente séria — É só até que encontre um trabalho, não o trabalho de meus sonhos. E quero te pagar a dívida.

Ele perdeu um pouco de sua satisfação.

— Não quero seu dinheiro.

— E eu sinto o mesmo sobre o seu. — dobrou seu guardanapo — Sei que não te faz falta o dinheiro, mas é a única forma em que o aceitarei.

Ele franziu o cenho.

— Então será sem interesses. Não aceitarei nem um cêntimo de interesses.

— Trato feito. — ela estendeu a palma e esperou.

Ele amaldiçoou. E voltou a amaldiçoar.

— Não quero que me devolva isso.

— Impossível.

Depois que sua boca desenhasse algumas intrincadas maldições, pôs a mão na dela e as apertaram.

— É uma dura negociadora e sabe. — disse.

— Mas me respeita por isso, verdade?

— Bem, sim. E faz que queira te despir.

— Oh.

Ehlena se ruborizou da cabeça aos pés enquanto ele descia de seu tamborete, erguia-se ante ela, e cavava as mãos em torno de seu rosto.

— Vai deixar que te leve a minha cama?

Dada a forma em que brilhavam esses olhos cor violeta, estava disposta a permitir que a tomasse no maldito chão da cozinha se pedisse.

— Sim.

Um grunhido brotou de seu peito enquanto a beijava.

— Adivinha o que?

— O que? — respirou ela.

— Essa era a resposta certa.

Rehvenge a tirou de seu tamborete e a beijou rápida e brandamente. Com a bengala na mão, guiou-a ao outro lado do apartamento de cobertura, atravessando salas que não viu e passando frente a uma resplandecente vista que não apreciou. Unicamente era consciente da profunda e palpitante antecipação que sentia pelo que ele lhe faria.

A antecipação e... A culpa. O que ela podia lhe dar? Aqui estava ela ansiando-o sexualmente outra vez, mas para ele não haveria alívio. Apesar de que dizia que obtinha algo do intercâmbio, sentia como se fosse...

— No que está pensando? — perguntou quando entravam no dormitório.

Ela o olhou.

— Quero estar contigo, mas... Não sei. Sinto como se estivesse te usando ou...

— Não o faz. Confia em mim, estou muito familiarizado com o que significa ser usado. O que acontece entre nós não tem nada a ver com isso. — interrompeu-a antes que lhe perguntasse a respeito — Não, não quero entrar em detalhes porque necessito... Merda! Necessito que estes momentos contigo sejam singelos. Só você e eu. Estou cansado do resto do mundo, Ehlena. Estou tão fodidamente cansado dele.

Pensou que se tratava dessa outra fêmea. E se não queria a quem quer que fosse entre eles? Parecia bem.

— É somente que preciso que isto saia bem. — disse Ehlena — O que há entre nós. E quero que você também sinta algo.

— Faço-o. Às vezes nem eu posso acreditar, mas o faço.

Rehv fechou a porta detrás deles, apoiou sua bengala na parede, e tirou o casaco de zibelina. O conjunto que levava debaixo das peles era outra obra de mestre de corte delicioso, esta vez de cor cinza pomba com listras diplomáticas negras. A camisa que tinha debaixo era negra e levava os dois primeiros botões desabotoados.

Seda pensou. Essa camisa devia ser de seda. Nenhum outro tecido emitiria esse resplendor luminescente.

— É tão formosa. — disse enquanto a olhava fixamente — Aí de pé abaixo dessa luz.

Ela olhou suas calças negras da GAP e o suéter de malha de pescoço alto que já tinha dois anos.

— Deve estar cego.

— Por quê? — perguntou, aproximando-se Rehvenge se deteve.

— Bom, sinto-me como uma imbecil por dizer isto. — alisou a parte dianteira das calças prêt-à-porter — Mas desejaria ter melhor roupa. Então estaria formosa.

Rehvenge se deteve.

E logo a deixou fodidamente sobressaltada ao ajoelhar-se frente a ela.

Quando levantou a vista, tinha um leve sorriso nos lábios.

— Não entende, Ehlena. — com mãos suaves, acariciou sua panturrilha e levantou seu pé, apoiando-o na coxa. Enquanto desabotoava os cordões de sua sapatilha Keds, sussurrou — Sem importar o que vista... Para mim, sempre terá diamantes na sola de seus sapatos.

Enquanto tirava sua sapatilha e levantava a vista para olhá-la, ela estudou seu duro e bonito rosto, desde esses espetaculares olhos até a sólida mandíbula e as arrogantes maçãs do rosto.

Estava se apaixonando por ele.

E como ocorreria com qualquer outra opção, não havia nada que pudesse fazer para evitá-lo. Já tinha dado o salto.

Rehvenge inclinou a cabeça.

— Sinto-me feliz de que me aceite.

As palavras foram tão baixas e humildes, totalmente em oposição à incrível envergadura de seus ombros.

— Como poderia não fazê-lo?

Ele sacudiu a cabeça lentamente de um lado a outro.

— Ehlena...

Pronunciou seu nome com dificuldade, como se houvesse muitas outras palavras detrás dele, palavras que não podia pronunciar. Ela não o compreendia, mas sim sabia o que desejava fazer.

Ehlena retirou seu pé, ajoelhou-se e o rodeou com os braços. Sustentou-o quando se apoiou nela, acariciando sua nuca até a suave franja de cabelo do corte moicano.

Parecia tão frágil quando se entregava a ela e compreendeu que se alguém tentava lhe fazer mal, embora ele fosse perfeitamente capaz de cuidar-se por acaso mesmo, ela poderia cometer um assassinato. Para protegê-lo, seria capaz de matar.

A convicção era tão sólida como os ossos que havia debaixo de sua pele:

Algumas vezes inclusive os poderosos necessitavam amparo.

Capítulo 43

Rehv era o tipo de macho que se orgulhava de seu trabalho, fosse pôr pizzas de pão francês no forno e cozinhá-las à perfeição ou servindo ao vinho... Ou agradando sua Ehlena até que não fosse mais que uma fatigada e resplandecente extensão mais que satisfeita de fêmea nua.

— Não posso sentir os dedos dos pés. — murmurou quando ele riscou um caminho de beijos para cima desde o centro de suas coxas.

— Isso é mau?

— Em absoluto.

Quando se deteve para lambar um de seus peitos, ela serpenteou, e Rehv sentiu o movimento contra seu próprio corpo. A esta altura, acostumou a que a sensação irrompesse através da neblina de seu intumescimento, e desfrutava da repercussão da calidez e a fricção, sem se preocupar que seu lado mal pudesse escapar de sua jaula de dopamina. Embora o que registrava não era tão pronunciado como o que sentia quando não estava medicado, era suficiente para que seu corpo estivesse indiscutivelmente excitado.

Rehv não podia acreditar, mas houve certo número de vezes em que pensou que poderia chegar ao orgasmo. Entre o sabor dela quando sugava seu sexo e a forma em que seus quadris meneavam contra o colchão, quase tinha perdido o controle.

Salvo que era melhor manter seu pênis fora do quadro. Sério, como funcionaria? Não sou impotente, milagre dos milagres, porque ativou meu instinto de marcar, assim que o vampiro que há em mim venceu ao *symphath*. Viva! É obvio que isso significa ter que tratar com minha lingüeta, assim como também terá que aceitar o lugar onde estive colocando regularmente essa parte de carne que pendura entre minha perna os últimos vinte e cinco anos. Mas, vamos isso é erótico, não?

Sim, tinha uma pressa enorme em pôr Ehlena nessa posição.

Certamente!

Além disso, isto era suficiente para ele: agradá-la, servi-la sexualmente, era suficiente.

— Rehv...?

Levantou o olhar de seus peitos. Dado o tom rouco de sua voz e a expressão erótica de seus olhos, estava preparado para ceder a qualquer coisa.

— Sim? — lambeu um mamilo.

— Abre a boca para mim.

Franziu o cenho, mas fez o que ela pedia, perguntando-se por que...

Ehlena estendeu o braço e tocou uma de suas presas completamente estendida.

— Disse que você gostava de me agradar, e se nota. Estas são tão largas... Tão afiadas... Tão brancas...

Quando uniu as coxas como se tudo o que acabava de dizer estivesse excitando-a, soube aonde conduziria isto.

— Sim, mas...

— Assim, me agradaria que as utilizasse comigo. Agora.

— Ehlena...

Essa incandescência especial começou a abandonar o rosto dela.

— Tem algo contra meu sangue?

— Deus, não.

— Então por que não quer se alimentar de mim? — sentando-se, segurou um travesseiro sobre os peitos e seu cabelo loiro acobreado caiu e ocultou seu rosto — Oh. Certo. Já se alimentou com... Ela?

— Cristo, não! — preferia chupar ao sangue de um *lesser*. Porra, antes beberia do cadáver putrefato de um cervo na sarjeta da estrada antes de tomar a veia da princesa.

— Não toma sua veia?

Olhou Ehlena diretamente aos olhos e negou com a cabeça.

— Não o faço. E nunca o farei.

Ehlena suspirou e jogou o cabelo para trás.

— Sinto muito. Não sei se tenho direito a fazer este tipo de perguntas.

— Tem. — tomou sua mão — Tem totalmente. Não é... Que não possa perguntar...

Enquanto suas palavras ficavam suspensas no ar, seus mundos chocaram um contra outro e todo tipo de escombros caíram ao seu redor. Certamente, podia perguntar.... Só que ele não podia lhe responder.

Ou podia?

— Você é a única a que desejo. — disse simplesmente, atendo-se tanto à verdade como podia revelar — Você é a única em que desejo estar. — sacudiu a cabeça, dando-se conta do que acabava de dizer — Com. Quero dizer, com. Olhe, sobre o alimentar-se. Se quero fazê-lo de você? Porra, sim. Mas...

— Então não há nenhum, mas.

Uma merda que não. Tinha a sensação de que se tomasse sua veia, a montaria. Seu pênis estava pronto inclusive agora, e só estavam falando disso.

— Isto é suficiente para mim, Ehlena. Agradá-la é suficiente.

Ela franziu o cenho.

— Então deve ter algum problema com meus antecedentes.

— Desculpe?

— Acredita que meu sangue é débil? Porque se te interessa, posso traçar minha linhagem até a aristocracia. Pode ser que meu pai e eu estejamos passando por momentos difíceis, mas durante gerações e durante a maior parte de sua vida, fomos membros da *glymera*. — quando Rehv fez uma careta, ela saltou da cama, utilizando o travesseiro para defender-se — Não sei exatamente de onde descende sua família, mas posso te assegurar que minhas veias são aceitáveis.

— Ehlena, essa não é a questão.

— Está certo disso? — foi até onde tinha tirado sua roupa. Primeiro vestiu as calcinhas e o sutiã, e depois recolheu suas calças negras.

Não podia compreender porque saciar sua necessidade de sangue era tão importante para ela... Porque o que tirava ela disso? Mas, talvez essa era a diferença entre eles. Ela não fazia as coisas para aproveitar-se das pessoas, por isso seus cálculos não se centravam no que podia tirar das coisas. Para ele, inclusive quando se tratava de agradá-la, estava conseguindo algo tangível em troca: observá-la retorcer-se sob sua boca o fazia sentir-se poderoso e forte, um autêntico macho, e não um assexuado monstro sóciopata.

Ela não era como ele. E por isso a amava.

Oh... Cristo. A...?

Sim, o fazia.

A compreensão fez com que Rehv se levantasse da cama, caminhasse até ela, e tomasse sua mão quando terminou de subir as calças. Ela se deteve e o olhou.

— Não é você. — disse — Pode me acreditar.

Deu-lhe um puxão e a atraiu contra seu corpo.

— Então demonstre. — disse brandamente.

Afastando-se, olhou seu rosto durante um comprido momento. As presas pulsavam em sua boca, deixava-o muito claro. E podia sentir a fome no fundo de seu estômago, curvando-o, exigindo.

— Ehlena...

— Demonstra.

Não poderia dizer que não. Simplesmente não tinha a força necessária para rechaçá-la. Estava mal em muitíssimos níveis, mas ela era tudo o que queria, necessitava, desejava.

Rehv afastou cuidadosamente o cabelo da garganta.

— Serei gentil.

— Não tem que ser.

— Serei de qualquer forma.

Embalando seu rosto entre as palmas, inclinou-lhe a cabeça a um lado e expôs a frágil veia azul que corria para seu coração. Enquanto preparava a si mesmo para o golpe, seu pulso se acelerou, pôde ver como o bombeamento se fazia mais rápido até que palpitou.

— Não me sinto merecedor de seu sangue. — disse, percorrendo o pescoço com a ponta do dedo indicador — Não tem nada a ver com sua linha de descendência.

Ehlena levantou as mãos para seu rosto.

— Rehvenge, do que se trata? Ajude-me a entender o que está acontecendo aqui. Sinto-me como... Quando estou contigo, sinto-me inclusive mais perto de você que de meu próprio pai. Mas há buracos enormes. Sei que há coisas neles. Fale.

Agora seria o momento, pensou, de descarregar tudo.

E esteve tentado. Seria um alívio enorme acabar com as mentiras. O problema era que não havia nada mais egoísta que pudesse lhe fazer. Se ela conhecesse seus segredos, estaria infringindo a lei junto com ele... Ou isso ou enviaria a seu amante à colônia. E, se Ehlena escolhia o último, ele estaria mandando a merda à promessa que fez a sua mãe, porque sua cobertura ficaria totalmente ao descoberto.

Não era adequado para ela. Não era para nada adequado para ela, e sabia.

Rehv tinha a intenção de deixar que Ehlena partisse.

Tinha intenção de deixar cair às mãos, afastar-se e deixá-la terminar de vestir a roupa. Era bom com a persuasão. Poderia convencê-la e fazê-la ver que o fato de que não bebesse não era para tanto...

Só que sua boca se abriu. Abriu-se enquanto um vaio subia por sua garganta e transpassava a fina barreira que separava suas presas da veia vital e palpitante.

Ela ofegou bruscamente, e os músculos que subiam de seus ombros se esticaram, como se lhe tivesse dobrado o rosto para baixo. Oh, espera, tinha feito. Estava intumescido até o tutano, absolutamente insensível, mas não era por sua medicação. Cada músculo de seu corpo havia se posto rígido.

— Preciso de você. — gemeu.

Rehv a mordeu com força e ela gritou, sua espinha dorsal se dobrou quase pela metade quando a aprisionou com sua força. Porra, era perfeita. Tinha sabor de vinho espesso e com corpo e bebeu profundamente dela com insistentes sucções de sua boca.

E a levou até a cama.

Ehlana não tinha a mínima oportunidade. Nem ele tampouco.

Ativada pela alimentação, sua natureza vampira o varreu, contudo, a necessidade do macho de marcar o que desejava, de estabelecer seu território sexual, de dominar, assumiu o controle e o levou a rasgar suas calças, levantar uma perna, colocar o pênis na entrada de seu sexo...

E penetrar em seu interior.

Ehlana deixou escapar outro guincho quando a penetrou. Era incrivelmente estreita, e temendo feri-la, ficou quieto para que seu corpo pudesse acomodá-lo.

— Está bem? — perguntou, com um tom de voz tão gutural que não sabia se poderia o entender.

— Não... Pare. — Ehlana envolveu as pernas ao redor de seu traseiro, colocando-se em ângulo para que pudesse entrar ainda mais profundamente.

O grunhido que ele emitiu ressonou por todo o dormitório... Até que o encerrou de volta em sua garganta.

Apesar de tudo e inclusive no meio do frenesi da alimentação e o sexo, Rehv foi cuidadoso com ela... Nada a ver como era com a princesa. Rehv se deslizava dentro e fora brandamente, assegurando-se de que Ehlana estivesse confortável com seu tamanho. Quando se tratava de sua chantagista? Queria dividir dor. Com Ehlana? Castraria a si mesmo com uma faca oxidada antes de machucá-la.

O problema era que ela se movia ao mesmo tempo, enquanto ele bebia até não poder mais, e a fricção desenfreada de seus corpos logo o afligiu e seus quadris já não se ondulavam cuidadosamente, mas sim amassavam... Até que teve que soltar sua veia ou correr o risco de rasgar seu pescoço. Depois de um par de lambidas às marcas das punções, deixou cair à cabeça entre o cabelo dela e se dedicou a isso dura, profunda e ardentemente.

Ehlana teve um orgasmo, e, quando sentiu os puxões aferrando o eixo de seu pênis, seu próprio alívio saiu disparado de seu escroto... O que não podia deixar que acontecesse. Antes que sua língua se expandisse, saiu, derramando-se sobre o sexo e a parte baixa do estômago dela.

Quando tudo acabou, derrubou-se sobre ela, e passou um momento antes que pudesse falar.

— Ah... Merda... Sinto muito, devo ser pesado.

As mãos de Ehlana deslizaram para cima por suas costas.

— Na realidade é maravilhoso.

— Eu... Tive um orgasmo.

— Sim, teve. — havia um sorriso em seu tom — Realmente teve.

— Não estava seguro que pudesse... Já sabe. Por isso foi que saí... Não esperava...

Sim.

Mentiroso. Puto mentiroso.

A felicidade na voz dela o pôs doente.

— Bom, me alegro que ocorresse. E se voltar a ocorrer, genial. E se não, igualmente bom. Sem pressões.

Rehv fechou os olhos, doía-lhe o peito. Retirou-se para que ela não descobrisse que tinha uma lingüeta... E porque gozar dentro dela era uma traição, dada todas as coisas que ela não sabia dele.

Enquanto ela suspirava e o acariciava com o nariz, sentiu-se como um total e absoluto bastardo.

Capítulo 44

O TAC⁸⁰ não representava um problema. Wrath simplesmente se sentou na fria mesa e ficou quieto enquanto essa peça branca de equipamento médico murmurava e tossia educadamente em seu percurso ao redor de sua cabeça.

A merda era esperar os resultados.

Durante o exame, a doutora Jane era a única pessoa que havia do outro lado da divisória de vidro, e pelo que podia dizer, passou todo momento franzindo o cenho à tela do computador. E agora que tudo tinha terminado, ainda seguia fazendo-o. Enquanto isso, Beth entrou e estava ao seu lado na pequena sala ladrilhada.

Só Deus sabia o que a Dra. Jane tinha encontrado.

— Não tenho medo de passar pela faca — disse a sua *shellan* — Sempre que seja essa fêmea a que empunhe a maldita coisa.

— Pode fazer cirurgia no cérebro?

Bom ponto.

— Não sei.

Ele ficou a brincar distraidamente com o Rubi saturnino de Beth, dando voltas à pedra uma e outra vez.

— Me faça um favor — cochichou.

Beth apertou sua mão.

⁸⁰ TAC – Tomografia Axial Computadorizada

— O que quiser. O que necessita?

— Cantarola a canção de Jeopardy.

Houve uma pausa. Em seguida Beth pôs-se a rir e deu um golpe em seu ombro.

— Wrath...

— Melhor, tire a roupa e cantarola enquanto faz a dança do ventre — quando sua *shellan* inclinou-se e beijou sua testa, levantou a vista e a olhou através dos óculos — Crê que brinco? Anda, ambos necessitamos a distração. E te prometo que darei uma boa propina.

— Nunca leva dinheiro contigo.

Ele passou a língua sobre o lábio superior.

— Planejo pagar com trabalho.

— É terrível — sorriu Beth — E me agrada.

Olhando-a fixamente, sentiu-se bem e atemorizado ao mesmo tempo. Como seria sua vida se ficasse totalmente cego? Não ver nunca mais o longo cabelo escuro de sua *shellan* nem seu brilhante sorriso era...

— Bom — disse Dra. Jane ao entrar — Isto é o que sei.

Wrath tratou de não chiar quando a doutora fantasmal colocou as mãos nos bolsos de seu jaleco branco e pareceu ordenar seus pensamentos.

— Não vejo evidências de um tumor nem de uma hemorragia. Mas há anormalidades em vários lóbulos. Eu nunca tinha visto o TAC do cérebro de um vampiro antes, assim não tenho a menor idéia de qual é a consistência estrutural que se considera dentro da gama de “normalidade”. Sei que quer que só eu o veja, mas nisto não posso decidir, e gostaria que Havers revisasse o exame. Antes que me diga que não, queria te recordar que jurou proteger sua intimidade. Não pode revelar...

— Traga-o — disse Wrath.

— Não levará muito tempo — Dra. Jane bateu em seu ombro e depois no de Beth — Está justamente aí fora. Pedi que esperasse no caso de ocorrer problemas com o equipamento.

Wrath observou como a doutora atravessava a pequena sala de monitoramento e saía ao vestíbulo. Pouco depois, voltou com o alto e magro médico. Havers fez uma reverência ante ele e Beth através do vidro e logo foi para os monitores.

Ambos adotaram uma postura idêntica: dobrados pela cintura, com as mãos nos bolsos e as sobrancelhas franzidas sobre os olhos.

— Na faculdade de medicina, os treinam para fazer isso? — perguntou Beth.

— É gracioso, estava me perguntando o mesmo.

Longo tempo. Longa espera. Muita conversa e gesticulação da dupla que estava do outro lado da grande janela saliente, assinalando a tela com suas canetas. Finalmente os dois se endireitaram e assentiram.

Entraram juntos.

— O exame é normal — disse Havers.

Wrath exalou com tanta força que foi virtualmente um fôlego. Normal. Normal era bom.

Logo Havers fez uma série de perguntas, às quais Wrath respondeu, não refletindo muito sobre nenhuma delas

— Com a permissão de sua médica particular — disse Havers, fazendo uma reverência para Dra. Jane — queria tomar uma amostra de sangue de sua veia para analisá-la e realizar um breve exame.

Dra. Jane intrometeu-se:

— Acredito que é uma boa idéia. Quando as coisas não estão claras, sempre é bom ter uma segunda opinião.

— Vamos logo — disse Wrath, dando um rápido beijo na mão de Beth antes de soltá-la.

— Meu senhor, seria tão amável para tirar os óculos?

Havers foi rápido, acostumado com a rotina da luz-perfuradora-de-globos-oculares; logo o rodeou para fazer um exame do ouvido, seguida de uma verificação do coração. Uma enfermeira entrou com a merda tira-sangue, mas foi a Dra. Jane que fez o espeta-e-tira em sua veia.

Quando tudo acabou, Havers voltou a colocar ambas as mãos nos bolsos e fez outro desses cenhos de médico.

— Tudo parece normal. Bom, normal para você. Porque para começar suas pupilas não respondem, em nenhum sentido, mas isso é um mecanismo de defesa porque elas são muito fotossensíveis.

— Então qual é a conclusão? — perguntou Wrath.

Dra. Jane encolheu de ombros.

— Tem um histórico de enxaquecas. E se a cegueira aparece novamente, voltamos aqui imediatamente. Possivelmente um TAC enquanto está ocorrendo nos ajude a localizar com exatidão o problema.

Havers fez outra reverência para Dra. Jane.

— Farei chegar a sua médica os resultados da análise de sangue.

— Muito bem.

Wrath levantou o olhar para sua *shellan*, preparado para partir, mas Beth estava concentrada nos médicos.

— Nenhum de vocês parece muito feliz com isto — disse.

Dra. Jane falou lenta e cuidadosamente, como se estivesse procurando as palavras precisas.

— Cada vez que há uma deterioração funcional que não podemos explicar, ponho-me nervosa. Não digo que isto seja uma situação extrema. Mas o fato de que o TAC tenha saído bem não basta para me convencer de que esteja fora de perigo.

Wrath desceu da maca e tomou a jaqueta negra de couro que Beth segurava. Era foddidamente fantástico poder vestir a coisa e abandonar o papel de paciente em que seus malditos olhos o haviam colocado.

— Não vou ser negligente com isto — disse aos médicos açougueiros — Mas vou seguir trabalhando.

Houve um coro de necessita-descançar-alguns-dias, que desprezou saindo da consulta. A questão era que, enquanto ele e Beth percorriam o corredor a passos largos, uma estranha sensação de urgência o invadiu.

Tinha a sensação de que devia atuar depressa, porque não ficava muito tempo.

John levou um maldito tempo em chegar ao ZeroSum. Depois de deixar a casa de Xhex, passeou por Tenth Street (uma rua) e caminhou sob as rajadas de neve até um Tex/Mex. Quando esteve no interior, sentou-se em uma mesa próxima à saída de incêndios e, apontando as imagens no menu laminado, pediu dois pratos de costeletas de porco, com um acompanhamento de purê, e outro de salada de couve.

A garçonete que anotou seu pedido e entregou a comida estava com uma saia o suficientemente curta para ser considerada roupa de baixo, e parecia estar disposta a lhe servir algo mais que comida. E de fato o considerou. Tinha o cabelo loiro, não estava muito maquiada e suas pernas eram bonitas. Mas cheirava como uma churrasqueira, e não apreciou a forma em que falava, muito devagar, como se pensasse que era tolo.

John pagou em dinheiro, deixou uma boa gorjeta, e se apressou a sair antes que ela pudesse tratar de dar seu telefone. Fora no frio, tomou o caminho comprido para o Trade. Que era o mesmo que dizer que se desviou em cada beco que encontrou.

Nenhum *lesser*. Nem tampouco humanos fazendo cagadas.

Finalmente, entrou no ZeroSum. Ao atravessar as portas de ferro e vidro e captar o bombardeio de luzes e música e pessoas suspeitas habilmente disfarçadas, sua cobertura de menino-mau caiu um pouco. Xhex estaria aqui...

Sim. E? O que era ele, um fodido maricas que não podia estar no mesmo clube que ela?

Já não. John arrumou os testículos e caminhou a passos largos para a corda de veludo, passou pelo escrutínio dos gorilas, e entrou na sala VIP. Ao fundo, na mesa da Irmandade, Qhuinn e Blay estavam sentados como um par de quarterbacks (zagueiros) apanhados na reserva, enquanto sua equipe se afogava no campo: estavam ansiosos e tamborilavam os dedos brincando com os guardanapos que vinham com suas garrafas de Corona⁸¹.

Quando se aproximou deles, ambos levantaram o olhar e cessou todo movimento, como se alguém tivesse congelado a imagem de seu DVD.

— Hey — disse Qhuinn.

⁸¹ bebida

John se sentou junto a seus amigos e gesticulou:

Hey.

— Como vai? — perguntou Qhuinn, enquanto a garçonete se aproximava com um perfeito sentido de oportunidade — Outras três Coronas...

John interrompeu o cara. *Quero algo diferente. Diga... que quero um Jack Daniel's só com gelo.*

Qhuinn arqueou as sobrancelhas, mas fez o pedido e observou como a mulher trotava para o balcão.

— De alta octanagem, né?

John encolheu de ombros e olhou uma loira que estava duas mesas mais à frente. No instante em que ela viu que a olhava, entrou totalmente em modo chamativo, jogando o cabelo denso e brilhante sobre as costas e erguendo os peitos até que esticaram o quase inexistente LBD⁸².

Apostava que ela não cheirava a costelas.

— Em... John, que porra está te passando?

O que quer dizer? gesticulou para o Qhuinn sem tirar os olhos da mulher.

— Está olhando a essa franguinha como se quisesse enrolá-la em um espeto e pôr seu molho quente por toda parte.

Blay tossiu um pouco.

— Realmente não tem muita manha com as palavras, sabe?

— Só digo o que vejo.

Chegou a garçonete e pôs o Jack e as cervejas sobre a mesa, e John atacou sua bebida com vontade, atirando a merda para dentro e abrindo a garganta de forma que caísse em cascata direto para seu estômago.

— Está vai ser uma dessas noites? — murmurou Qhuinn — Nas que acaba no banheiro?

Certo como a merda que sim, gesticulou John. *Mas não porque vá vomitar.*

— Então por que...? OH! — Qhuinn tinha o aspecto de alguém a quem acabassem de beliscar a bunda.

Sim, OH! pensou John enquanto examinava a zona VIP no caso de aparecer uma candidata melhor.

A seu lado, havia um trio de homens de negócios, cada um tinha uma mulher consigo, e todas tinham o aspecto de estar prontas para sair na capa da Vanity Fair. Em frente, tinha o pacote básico de seis Euro-gentuzas⁸³ que não paravam de assoar narizes e com frequência iam em dupla ao banheiro. No balcão havia um par de trepadores com suas

⁸² LBD Little Black Dress, o petit drape noir - vestido negro popularizado por Coco Chanel

⁸³ No original Eurotrash – termo usado para denominar jovens europeus pretensiosas com aspecto de ricos.

amantes totalmente bêbadas, e outro par de consumidores de droga que só olhavam às garotas profissionais.

Estava ainda em modo explorador quando Rehvenge em pessoa entrou a passos largos na sala VIP. Quando as pessoas o viram, uma onda de estremecimentos atravessou o lugar, porque mesmo que não soubessem que era o proprietário do clube, não abundavam os caras de dois metros de altura que levassem uma bengala vermelha, um casaco negro de marta zibelina e um corte de cabelo mohawk.

Além disso, inclusive com essa luz tênue, se podia ver que tinha olhos cor violeta.

Como sempre, estava ladeado por dois machos que eram de seu tamanho e tinham o aspecto de comer balas no café da manhã. Xhex não estava com eles, mas isso estava bem. Isso era bom.

— Definitivamente quando crescer quero ser como esse cara — disse Qhuinn arrastando as palavras.

— Só que não corte o cabelo — disse Blay — É muito bonito... digo, os topetes requerem um montão de atenção.

Enquanto Blay apertava sua cerveja, os olhos díspares de Qhuinn apenas posaram sobre o rosto de seu melhor amigo antes de afastar o olhar rapidamente.

Depois de pedir por gestos à garçonete outro Jack, John girou e olhou através da cascata que formava uma parede para a seção pública do clube. Ali na pista de dança, havia uma tonelada de mulheres procurando exatamente o que ele queria dar. Tudo o que tinha que fazer era ir até ali e escolher entre as voluntárias dispostas.

Grande plano, exceto, sem razão aparente, ficou a pensar no reality *The Show de Maury*. Realmente queria correr o risco de deixar grávida alguma humana escolhida ao azar? Supunha-se que sabia quando estavam ovulando, mas que porra sabia ele dos assuntos das fêmeas?

Franzindo o cenho, voltou a olhar ao redor, apertou em sua mão o Jack recém servido, e se centrou nas garotas profissionais.

As profissionais. Que conheciam o jogo do sexo casual que ele estava procurando. Muito melhor.

Enfocou o olhar em uma fêmea morena cujo rosto era igual ao da Virgem Maria. Marie Terese acreditou ter ouvido que assim se chamava. Era a chefe das profissionais, mas também estava disponível para alugar. Nesse momento, estava jogando o quadril como dizendo “vêm aqui” para um cara que exibia um terno de três peças e parecia estar muito interessado em seus atributos.

Vêem comigo, gesticulou John ao Qhuinn.

— Onde...? Ok! entendi — Qhuinn acabou sua cerveja e levantou — Suponho que voltaremos, Blay.

— Sim. Passem... bem.

John liderou o caminho para a morena, cujos olhos azuis pareceram surpresos ao ver que os dois se aproximavam. Com uma espécie de desculpa sedutora, deixou de lado a seu potencial cliente.

— Necessitam algo? — perguntou, sem evidenciar nenhum tipo de convite. Embora fosse amistosa, porque sabia que John e os meninos eram convidados especiais do Reverendo. Embora naturalmente não soubesse a razão.

Pergunte quanto, gesticulou para o Qhuinn. Pelos dois.

Qhuinn limpou a garganta.

— Quer saber quanto.

Ela franziu o cenho.

— Depende do que queiram. As garotas têm... — John assinalou à mulher — Eu?

John assentiu.

Quando a morena entrecerrou os olhos azuis e franziu os lábios vermelhos, John imaginou sua boca sobre ele, seu pênis gostou da imagem e surgiu em uma instantânea e alegre ereção. Sim, tinha uma boca muito bonit...

— Não — disse ela — Não pode me ter.

Qhuinn elevou a voz antes que as mãos de John pudessem pôr-se a voar.

— Por quê? Nosso dinheiro é tão bom como o de qualquer outro.

— Posso escolher com quem faço negócios. Alguma das outras garotas poderia pensar diferente. Podem lhes perguntar.

John estava disposto a apostar que o rechaço tinha algo a ver com Xhex. Deus sabia que tinha havido um montão de contato visual entre ele e a chefe de segurança do clube e sem dúvida Marie Terese não queria se meter no meio.

Ao menos, disse a si mesmo que era isso, ou, do contrário restava o fato de que sequer uma prostituta podia suportar a idéia de estar com ele.

De acordo, está bem, gesticulou John. A quem sugere?

Depois que Qhuinn falasse, ela disse:

— Sugeriria que voltasse para seu Jack e deixasse tranquilas às garotas.

Não vai ocorrer, e quero a uma profissional.

Qhuinn traduziu, e o cenho de Marie Terese se fez ainda mais profundo.

— Serei honesta contigo. Isto soa a um foda-se. Como se estivesse mandando uma mensagem. Quer se deitar com alguém, vai e encontra a uma prostitutazinha na pista de dança ou em um desses reservados. Não o faça com alguém que trabalha com ela, Ok?

Bem. Tudo estava absolutamente relacionado com Xhex.

O velho John teria feito o que lhe sugeria. E uma merda; em primeiro lugar o velho John não teria esta conversa. Mas as coisas tinham mudado.

Obrigado, mas acredito que perguntaremos a uma de suas colegas. Se cuide.

John já girava quando Qhuinn falou, mas Marie Terese o agarrou pelo braço.

— Está bem. Se quiser se comportar como um imbecil, vá falar com a Gina, a que está ali de vermelho.

John fez uma pequena reverência, logo aceitou sua sugestão, e se aproximou de uma mulher de cabelo negro com um vestido de vinil vermelho tão brilhante, que essa merda podia ser qualificada como luz estroboscópica.

A diferença de Marie Terese, aceitou o plano antes que Qhuinn pudesse sequer chegar a perguntar.

— Quinhentos — disse com um amplo sorriso — Cada um. Porque deduzo que vão juntos?

John assentiu um pouco assombrado de que tivesse sido tão fácil. Mas bem, isto era pelo que pagavam. Facilidade.

— Vamos à parte de trás? — Gina se posicionou entre ele e Qhuinn, tomou a cada um pelo braço e os guiou, passando à frente de Blay, que estava concentrado em sua cerveja.

Enquanto caminhavam pelo corredor para os banheiros privados, John se sentia febril: Quente e desvinculado do que o rodeava, estava indo à deriva, preso só pelo fino braço da prostituta a que pagaria para foder.

Estava bastante seguro que se ela o soltava simplesmente se afastaria flutuando.

Capítulo 45

Quando Xhex subiu as escadas e entrou na seção VIP, a princípio não esteve segura de que demônio estava vendo. Parecia como se John e Qhuinn estivessem se dirigindo à parte traseira com Gina. A menos, é obvio que houvesse outros dois caras iguais a eles, um com tatuagem na Antiga Língua na nuca e outro com os ombros tão largos como os de Rehv.

Mas com toda certeza aquela era Gina com seu vestido vermelho-não-se-detenha.

Xhex recebeu a voz de Trez pelo auricular.

— Rehv está aqui e estamos te esperando.

Sim, bem, esperariam um pouco mais.

Xhex deu a volta e iniciou o caminho de volta para o cordão de veludo... ao menos até que seu caminho foi bloqueado por um tipo com um Prada falso.

— Ouça carinho, aonde vai tão apressada?

Foi um movimento ruim de sua parte. O pedaço de Euro-irrelevante drogado escolheu à fêmea errada para cortar o passo.

— Se afaste de meu caminho antes que o aparte eu mesma.

— O que ocorre? — disse estendendo a mão para seu quadril — Não pode arrumar-se com um verdadeiro homem?... Oh.

Xhex converteu a tentativa de olha passar a mão em um esmaga-tendões, retorcendo a mão em seu punho até que o braço dele formigou.

— Bem — disse — Faz aproximadamente uma hora e vinte minutos, comprou setecentos dólares em coca. Apesar da quantidade que estive se metendo no banheiro, estou disposta a apostar que ainda leva bastante contigo para que o prendam por posse. Assim deixa de encher o saco e saia de meu caminho, se tratar de me tocar outra vez, quebrarei todos estes dedos, e em seguida farei o mesmo com a outra mão.

Soltou-o dando um empurrão, que o enviou, aos tropeções, para seus companheiros.

Xhex seguiu caminhando, deixou atrás a zona VIP e atravessou com passos largos a pista de dança. Dirigiu-se a uma porta que havia debaixo da escada que subia à sobreloja, marcada como SÓ PESSOAL DE SEGURANÇA e digitou um código. O corredor do outro lado passava frente à porta do vestuário do pessoal antes de levá-la ao seu destino, o escritório de segurança. Depois de digitar outro código, entrou na sala de seis por seis onde toda a equipe de vigilância descarregava dados nos computadores.

Salvo o escritório de Rehv e a guarida onde Rally fracionava a droga, que estavam em um sistema separado, tudo o que ocorria no resto do local, ficava registrado digitalmente ali, e havia telas de cor cinza-azulada que mostrava imagens de todo o clube.

— Ouça, Chuck — disse ao tipo que estava atrás do escritório — Se importa se fico um minuto a sós?

— Não há problema. De todo modo tenho que tomar um descanso para ir ao banheiro.

Trocou de lugar com ele, afundando-se na cadeira Kirk⁸⁴, como a chamavam os meninos.

— Não necessitarei muito tempo.

— Nem eu tampouco, chefe. Quer algo de beber?

— Estou bem, obrigada.

Quando Chuck assentiu e saiu movendo-se pesadamente, centrou-se nos monitores que mostravam os quartos de banho da zona VIP.

OH... Deus.

O trio do inferno estava apertado, com Gina no meio. John beijava um caminho para os peitos desta, e Qhuinn, que estava de pé atrás da mulher, deslizava suas mãos para frente, rodeando seus quadris.

Presa entre os machos, Gina não parecia estar trabalhando. Parecia uma mulher que estava sendo agradada em grande estilo.

Maldita seja.

Pelo menos era Gina. Xhex não tinha nenhuma relação com ela, já que a mulher acabava de entrar para o quadro de pessoal, assim não era muito diferente como se estivesse fodendo a alguma garota da pista de dança.

⁸⁴ Pelo capitão Kirk da série Star Trek, cuja nave Enterprise está cheia de monitores

Xhex se recostou na cadeira e forçou-se a examinar os outros monitores. Havia gente por toda a parede, e as imagens agitadas de gente bebendo, metendo-se em brigas, tendo relações sexuais, dançando, falando e olhando fixamente para longe, encheram sua vista.

Isso estava bem, pensou. Isso estava... bem. John tinha abandonado seus delírios românticos e foi com outra. Isso estava bem...

— Xhex, onde está? — disse a voz de Trez no auricular.

Levantou o braço e falou por seu relógio.

— Me dê um fodido minuto!

A resposta do mouro foi tipicamente sossegada.

— Está bem?

— Eu... olhe, sinto muito. Estou indo.

Sim, e também o estava Gina.

Cristo.

Xhex se levantou da cadeira Kirk e seus olhos voltaram para a tela que deliberadamente tinha evitado olhar.

As coisas tinham progredido. Rapidamente.

John estava movendo seus quadris.

Exatamente quando Xhex retrocedia e ia sair, ele levantou o olhar para a câmara de segurança. Era difícil determinar se sabia que a câmara estava ali ou se simplesmente seus olhos se dirigiram ali por acaso.

Merda. Tinha o rosto turvo, a mandíbula firmemente apertada, e em seu olhar havia uma expressão desalmada que a entristeceu.

Xhex tentou não ver a mudança nele como o que era e falhou. Ela tinha lhe feito isto. Possivelmente não fora a única razão pela qual se tornou de pedra, mas era uma grande parte dela.

Ele afastou o olhar.

Ela girou.

Chuck pôs a cabeça pela porta.

— Necessita mais tempo?

— Não, obrigado. Vi o suficiente.

Deu-lhe uma palmada no ombro e partiu, ao sair foi para a direita. Ao final do corredor havia uma porta negra reforçada. Digitando outro código mais, tomou o passadiço até o escritório de Rehv, e quando atravessou a porta, os três machos que rodeavam o escritório a olharam com cautela.

Ela se apoiou contra a parede negra frente a eles.

— O que?

Rehv se recostou em sua cadeira, e cruzou os braços cobertos de pele sobre o peito.

— Está se preparando para entrar em seu período de necessidade?

Enquanto ele falava, Trez e iAm fizeram o movimento de mãos que as Sombras utilizavam para proteger-se contra o desastre.

— Deus, não. Por que a pergunta?

— Porque, não se ofenda, mas tem um fodido mau humor.

— Não tenho — quando os machos se olharam entre si, ladrou — Deixem de fazer isso.

OH, fantástico, agora todos eles evitavam olhar-se de forma deliberada.

— Podemos terminar com a reunião — disse, tratando de moderar o tom.

Rehv descruzou os braços e se sentou direito.

— Sim. Estou a ponto de sair para uma reunião do conselho.

— Quer que o acompanhem? — perguntou Trez.

— Sempre, desde que não tenhamos nenhuma negociação importante acertada para depois de meia-noite.

Xhex sacudiu a cabeça.

— O que tínhamos na agenda para esta semana foi as nove e terminou sem problemas. Embora diga que nosso comprador estava muito nervoso, e isso foi antes que escutasse na frequência da polícia que outro narcotraficante foi encontrado morto.

— Assim dos seis grandes sub-traficantes que compravam de nós, só restam dois? Porra! Temos uma luta territorial, bem na nossa frente.

— E é muito provável que, quem quer que esteja revolvendo a merda tentará escalar posição na cadeia alimentar.

— Razão pela qual iAm e eu acreditamos que deve ter alguém contigo vinte e quatro horas do dia, os sete dias da semana até que esta merda termine — disse Trez.

Rehv pareceu aborrecido, mas não discordou.

— Temos alguma dica de quem está deixando esses corpos por todos os lados?

— Bom! Óbvio. — disse Trez — As pessoas acreditam que seja você.

— Não seria lógico. Por que aniquilaria meus próprios compradores?

Agora foi Rehv que recebeu todos os olhares desconfiados do galinheiro.

— OH, vamos — disse — Não sou tão mau. Bom, está bem, mas só se alguém me fode. E, me perdoem, mas os quatro que morreram? Eram homens de negócios direitos. Não enchiam o saco para nada. Eram bons clientes.

— Tem falado com seus fornecedores? — perguntou Trez.

— Sim. Disse que me dêem um tempo e confirmei que tinha a intenção de movimentar a mesma quantidade de produto. Os que perdemos serão substituídos rapidamente por outros, porque os vendedores são como erva daninha. Sempre voltam a crescer.

Discutiram um pouco sobre o mercado e os preços e logo Rehv disse:

— Antes que fiquemos sem tempo, me falem do clube. O que está ocorrendo?

Bem, essa era uma grande pergunta, pensou Xhex. E o que diz nossa vigilância? Ding-ding-ding: John Matthew. O mais provável é que à Gina estivesse ocorrendo, algo chamado John Matthew. E que estivesse ocorrendo de joelhos frente a ele.

— Xhex, está grunhindo?

— Não — obrigou-se a concentrar-se e lhe dar um panorama geral dos incidentes acontecidos essa noite, até o momento. Trez fez o relatório do Iron Mask, o qual estava ao seu encargo, e depois iAm falou de finanças e do Restaurante Sal, outra das posses de Rehv. Em definitivo, eram os negócios habituais... tendo em conta que infringiam o tipo de leis humanas que os suporia uma grave condenação se os apanhassem.

Não obstante a mente de Xhex estava só parcialmente no jogo, e quando chegou à hora de partir, foi à primeira em chegar à porta, embora geralmente se atrasasse.

Saiu do escritório no momento exato.

Se quisesse que lhe dessem uma joelhada no saco.

Nesse preciso momento, apareceu Qhuinn na entrada do corredor que levava aos banheiros privados, tinha os lábios inchados e avermelhados, o cabelo revoltado e o aroma de sexo, orgasmos e atos indecentes feitos com delicadeza o precedia.

Ela se deteve, embora isso fosse uma idéia estúpida.

Gina foi à seguinte, e tinha o aspecto de necessitar uma bebida. Do tipo Gatorade. A mulher estava enfraquecida, e não porque estivesse deliberadamente em seu modo à-caça-de-sexo, não porque lhe tinham dado uma apropriada sessão de prazer, e o suave sorriso que ostentava na boca era muito íntimo e honesto para o gosto de Xhex.

John foi o último a sair, com a cabeça erguida, o olhar vazio e os ombros jogados para trás.

Esteve magnífico. Estava disposta a apostar... que estivera magnífico.

Ele voltou a cabeça e seus olhares se encontraram. Tinha desaparecido a tímida contemplação, o rubor, as torpes adulações. Saudou-a com um curto movimento de cabeça e afastou o olhar, estava calmo, e, dada a forma em que avaliou outra das prostitutas... preparado para mais sexo.

Um incômodo e inusitado pesar atravessou o peito de Xhex, alterando o firme batimento de seu coração. Em sua campanha para salvá-lo do caos pelo que tinha atravessado seu último amante, tinha destruído algo; ao afastá-lo, tinha-lhe despojado de algo muito precioso.

Tinha perdido sua inocência.

Xhex levou o relógio bracelete até a boca.

— Necessito um pouco de ar.

A resposta de Trez foi de justa aprovação.

— Boa idéia.

— Voltarei exatamente antes que partam à reunião do conselho.

Quando Lash voltou da guarida de seu pai, só precisou de aproximadamente dez minutos para voltar completamente à vida antes de entrar no Mercedes e conduzir até a choça de merda em que as drogas tinham sido embaladas. Estava tão atordoado que pensou que seria um milagre se não se chocava com algo, e quase o fez. Enquanto esfregava aos olhos e tratava de chamar por telefone, não freou o suficientemente rápido em um semáforo vermelho, e foi só graças a que os caminhões de sal da cidade de Caldwell saíram mais cedo que seus pneumáticos tiveram algo para frear.

Deixou o telefone e se concentrou na merda de estar *atrás do volante*. Provavelmente era melhor do que falar com o Senhor D de todas as formas, dado que ainda estava na névoa paterna, como ele chamava.

Merda, o calor o voltava ainda mais torpe.

Lash baixou os vidros e desligou o ar quente que ondeava para o assento dianteiro do sedan, e quando chegou à merda da casa, estava muito mais alerta. Estacionou na parte de trás, para que o Merc ficasse protegido pelo alpendre fechado com malha e a garagem, e entrou pela porta da cozinha.

— Onde está? — gritou — Coloque-me em dia.

Silêncio.

Pôs a cabeça dentro da garagem, e quando só viu o Lexus, supôs que o senhor D, Grady, e os outros dois provavelmente estivessem retornando, depois de ter liquidado a esse outro traficante. O que queria dizer que tinha tempo de comer algo. Enquanto ia à geladeira que estava abastecida para ele, chamou por telefone ao pequeno texano. Soou uma vez. Duas vezes.

Estava tirando um sanduíche de peru comprado em uma padaria e checando o prazo de validade quando ativou a campainha de voz de D.

Lash endireitou-se e olhou fixamente o telefone. Nunca recorria ao correio de voz. Jamais.

É obvio, que a reunião podia ter se atrasado e nesse momento podiam estar exatamente na metade da mesma.

Lash comeu e esperou, acreditando que lhe devolveria a chamada imediatamente. Quando não foi assim, entrou na sala de estar, conectou o computador portátil e acessou ao software GPS que localizava todos e cada um dos telefones da Sociedade Lessening no mapa de Caldwell. Configurou a busca para que procurasse o do senhor D e descobriu...

O tipo estava viajando rapidamente, movendo-se nesta direção. E os outros dois *lessers* estavam com ele.

Assim, por que não respondia ao fodido telefone?

Desconfiando, Lash chamou outra vez e começou a passear pela sala de mau humor enquanto a chamada soava e soava. Pelo que podia ver, na casa, não havia nada fora de lugar. A sala estava igual, os outros dois dormitórios e o principal estavam em ordem, todas as janelas tinham o ferrolho em seu lugar e as persianas estavam baixas.

Quando tomou o corredor que levava à frente da casa, estava chamando o texano pela terceira vez...

Lash se deteve a meio caminho e girou a cabeça para a única porta que não abriu... ao longo de todo o batente da mesma entrava uma brisa fria.

Não tinha que abrir a coisa para saber o que acontecera, mas igualmente rompeu a fodida. A janela estava em pedacinhos e havia nervuras negras — de borracha, não de sangue de assassino — ao redor do batente.

A dar uma rápida olhada pela fresta, Lash observou que sobre a fina capa de neve havia uns rastros que se dirigiam para a rua. Sem dúvida a rotina de fugir a pé a toda pressa não tinha durado muito. Nos arredores dessa tranqüila vizinhança havia muitos carros que podiam fazer uma ligação direta para levá-los, e isso era uma coisa de criança para qualquer criminoso que se apreciasse.

Grady tinha evaporado.

E sua jogada o surpreendia. Não era o diamante mais brilhante da corrente, mas a polícia o estava procurando. Por que arriscar-se a ter outro grupo de filhos da puta o caçando?

Lash entrou na sala e franziu o cenho ao ver o sofá onde Grady deixou a caixa gordurenta de Domino's e... o jornal que esteve lendo.

E estava aberto na parte dos obituários.

Pensando nos nódulos machucados de Grady, Lash se aproximou e recolheu o jornal...

Cheirou algo nas páginas. Old Spice. Ah, assim o senhor D tinha um pouco de inteligência, e também tinha olhado a coisa....

Lash examinou as colunas. Um grupo de humanos entre os setenta e os oitenta. Um nos sessenta. Dois nos cinqüenta. Nenhum deles se assemelhava ao nome de Grady nem como sobrenome nem como nome composto. Três eram de fora da cidade, mas tinham família aqui em Caldie...

E então ali estava: Christianne Andrews, idade vinte e quatro. Não aparecia a causa da morte, mas a morte tinha sido no domingo, e o funeral ocorreu hoje no Cemitério de Pine Grove. A chave? Em vez de flores, por favor, envia donativos ao Departamento de Polícia para o fundo de Vítimas de Violência Doméstica.

Lash se lançou sobre o computador portátil e checkou o relatório do GPS. O Focus do senhor D se dirigia para... bem, o que parece? O Cemitério de Pine Grove, onde uma vez a adorável Christianne descansaria por toda a eternidade nos braços dos anjos.

Agora a história de Grady era clara: o *cabrón* espanca sua garota com regularidade até que uma noite leva a dureza do amor muito longe. Ela morre, a polícia encontra seu corpo e começam a procurar o namorado *camello*⁸⁵ que descarrega o estresse de seu

⁸⁵ Pessoa que vende droga ou trafica em pequenas quantidades

trabalho em casa com sua pequena mulher. Não era de admirar que o estivessem procurando.

E o amor conquistava tudo... inclusive o sentido comum dos criminosos.

Lash saiu e se desmaterializou para o cemitério, preparado para um cara a cara não só com o parvo humano, mas também com os fodidos e estúpidos assassinos que deveriam ter vigiado melhor ao idiota.

Materializou-se a uns nove metros de distância de um carro estacionado... motivo pelo qual quase fica à vista do tipo que estava sentado dentro da coisa. Transladando-se rapidamente detrás da estátua de uma mulher que vestia uma túnica, Lash comprovou o que estava ocorrendo no sedan: no interior havia um humano, a julgar pelo aroma. Um humano que tomou muito café.

Um policial disfarçado. Que sem dúvida estava esperando que o FDP do Grady fizesse exatamente o que ia fazer: quer dizer, apresentar as condolências à garota que tinha assassinado.

Sim, bem, os dois podiam jogar *o espera-e-verá*.

Lash tirou o telefone e escondeu a brilhante tela com a palma. O texto que enviou ao senhor D era um obstáculo que rezava ao inferno para que chegasse a tempo. Com a polícia presente no lugar, Lash se encarregaria de Grady sozinho.

E, em seguida se lançaria sobre quem quer que tenha deixado o humano sozinho tempo suficiente para que pudesse escapar.

Capítulo 46

Parado ao pé da escadaria principal, Wrath terminou de preparar-se para a reunião com a *glymera* colocando um colete à prova de balas Kevlar.

— É leve.

— O peso nem sempre o faz melhor — disse V enquanto acendia um cigarro feito à mão e fechava de repente seu isqueiro de ouro.

— Está seguro disso.

— Quando se trata de coletes balísticos, estou — Vishous exalou, e a fumaça escureceu seu rosto momentaneamente antes de flutuar para cima, ao teto ornamentado — Mas se te faz sentir melhor, podemos amarrar uma porta de garagem em seu peito. Ou um carro, quem sabe.

O som de fortes pisadas que provinham detrás dele, ecoaram no suntuoso vestíbulo da cor das pedras preciosas, quando Rhage e Zsadist desceram juntos, como uma dupla de genuínos assassinos, com as adagas da Irmandade postas nas capas de seus peitos, com os punhos para baixo. Quando chegaram frente à Wrath, escutou-se um ruído de campainha

que vinha da porta de entrada, e Fritz foi arrastando os pés para deixar entrar ao Phury, que havia se desmaterializado das Adirondacks, assim como também Butch, que acabava de chegar através do pátio.

Ao olhar a seus irmãos, Wrath sentiu que o atravessava uma descarga. Apesar de que dois deles ainda não lhe falavam, podia sentir o sangue de guerreiro que tinham em comum, percorrendo seu corpo, e desfrutou da necessidade coletiva de lutar contra o inimigo, fosse um *lesser* ou um de sua própria raça.

Um suave som proveniente das escadas o fez girar a cabeça.

Tohr estava descendo com cuidado desde o segundo andar, como se não estivesse seguro se podia confiar nos músculos de suas coxas para que resistissem e sustentassem seu peso. Pelo que Wrath podia ver, o irmão estava vestido com calças camufladas que se ajustavam a uns quadris do tamanho dos de um moço, e usava um suéter negro grosso com gola alta, que disfarçava sob suas axilas. Não havia adagas em seu peito, mas tinha um par de pistolas pendurando desse cinturão de couro que, com esperança e uma prece, estava mantendo as calças em seu lugar.

Lassiter estava ao seu lado, mas ao menos por uma vez, o anjo não estava bancando o esperto. Embora, tampouco, olhava por aonde ia. Por alguma razão, tinha o olhar fixo no mural existente no teto, o dos guerreiros lutando nas nuvens.

Todos os irmãos olharam Tohr, mas ele não se deteve, nem olhou para ninguém, simplesmente continuou caminhando até que chegou ao chão de mosaico. E, nem ali parou. Passou pela Irmandade, foi até a porta que conduzia para a noite, e esperou.

A única lembrança do que tinha sido alguma vez, era o porte de sua mandíbula. Essa firme parte de osso sobressalente paralelo ao chão e ainda um pouco mais alto. Pelo que a ele concernia, ia sair e pronto.

Sim, pois estava equivocado.

Wrath aproximou-se dele e disse brandamente:

— Tohr, sinto muito...

— Não há razão para pedir perdão. Vamos.

— Não.

Houve vários movimentos incômodos, como se os outros irmãos estivessem odiando isto tanto quanto Wrath.

— Não está o suficientemente forte — Wrath queria pôr a mão no ombro de Tohr, mas sabia que isso conduziria a um violento encolhimento de ombros, dada a forma que mantinha o frágil corpo tenso — Só espera até estar preparado. Esta guerra... Esta fodida guerra vai continuar.

O relógio que estava no estúdio do andar superior, começou a badalar, o som rítmico se difundia do estúdio de Wrath, passando sobre a balaustrada dourada e caindo até os ouvidos dos ali reunidos. Eram onze e meia. Tempo de sair se queriam examinar o perímetro do local da reunião antes que chegassem os sujeitos da *glymera*.

Wrath amaldiçoou em voz baixa e olhou sobre o ombro aos cinco guerreiros vestidos de negro, que permaneciam juntos como uma unidade. Seus corpos zumbiam cheios de poder, suas armas não estavam constituídas só pelo que pendia de capas e pistoleiras, mas sim, também o eram suas mãos, pés, braços, pernas e mentes. A fortaleza mental estava no sangue; o treinamento e a força bruta em sua carne.

Necessitavam ambas para lutar. À vontade te levava só até certo ponto.

— Fica — disse Wrath — E isso é tudo.

Com uma maldição, abriu caminho para o pórtico e saiu ao outro lado. Deixar Tohr atrás era mal, mas não havia outra escolha. O irmão estava indefeso até o ponto de ser um perigo para si mesmo, e seria uma grande distração. Se sáísse, cada um dos irmãos o teria em mente, por isso todo o grupo teria a cabeça fodida... E, isso não era exatamente o que queria se iria a uma reunião onde alguém poderia tratar de assassinar ao rei. Pela, vejamos segunda vez na semana.

Enquanto as portas exteriores da mansão se fechavam com um som ensurdecador, Tohr ficou do outro lado e Wrath e os irmãos permaneceram sob as rajadas de vento vigorosas que sulcavam a parede da montanha do complexo, corriam através do pátio e ziguezagueavam entre os carros que havia ali.

— Maldita seja — murmurou Rhage enquanto se concentravam no longínquo horizonte.

Após um momento, Vishous girou a cabeça para Wrath, e sua silhueta ficou perfilada contra o céu cinza.

— Temos que...

Soou a detonação de uma arma de fogo, e o cigarro feito a mão que V tinha entre os lábios foi arrancado de sua boca. Ou, possivelmente foi diretamente vaporizado.

— Que merda! — gritou V enquanto retrocedia.

Todos viraram juntos, procurando suas armas mesmo sabendo que não havia maneira no inferno de que seus inimigos pudessem estar perto da grande fortaleza de pedra.

Tohr estava parado tranqüilamente na entrada da mansão, seus pés plantados solidamente e suas duas mãos agarrando a culatra da arma que acabava de disparar.

V se jogou para frente, mas Butch o aprisionou, segurando fortemente seu peito, para evitar que derrubasse Tohr ao chão.

Isso não deteve a boca de V.

— Em que merda está pensando!

Tohr baixou o canhão.

— Talvez ainda não esteja preparado para lutar mão a mão, mas sou de longe melhor atirador que qualquer de vocês.

— É um maldito louco — espetou V — Isso é o que é.

— De verdade acredita que te poria uma bala na cabeça? — o tom de voz do Tohr era uniforme — Já perdi ao amor de minha vida. Disparar a um de meus irmãos não é o tipo de

arremate que estou procurando. Como falei, sou o melhor de todos com uma arma, e esse não é o tipo de recurso que querem deixar na reserva em uma noite como esta — Tohr voltou a embainhar a SIG — E, antes que me volte louco com seus porquês, tinha que fazer uma demonstração, e era melhor que disparar ao seu horrível cavanhaque. E isso não quer dizer que não seja capaz de matar por te dar a barbeada que seu queixo está pedindo a gritos.

Houve uma longa pausa.

Wrath estalou em gargalhadas. O que, naturalmente, era loucura. Mas a idéia de não ter que lutar com o fato de ter deixado Tohr para trás como a um cão que não se permite ir com o resto da família, era um alívio tão assombroso que tudo o que pôde fazer foi rir.

Rhage foi o primeiro a se unir e atirou a cabeça para trás e as luzes da mansão refletiram em seu brilhante cabelo loiro, seus dentes super brancos relampejaram. Enquanto ria, levantou a grande mão e a pousou sobre seu coração como se estivesse esperando que a coisa não entrasse em curto-circuito.

Butch foi o seguinte, o poli ladrou com força e soltou o peito de seu melhor amigo. Phury sorriu durante um segundo, e em seguida seus grandes ombros começaram a estremecer... E, aí começou Z cujo sorriso começou a ampliar até que seu rosto com cicatrizes apresentou um grande sorriso zombador.

Tohr não sorriu, mas a satisfação com a qual apoiou o peso de seu corpo nos calcanhares lembrou um reflexo do homem que costumava ser. Sempre tinha sido um cara sério, daqueles mais interessados em assegurar-se de que todos estivessem tranqüilos e bem, do que em fazer brincadeiras e ser um gozador. Mas isso não significava que não pudesse curtir brincadeiras como o melhor deles.

Era a razão pela qual tinha sido o líder perfeito para a Irmandade. Tinha o conjunto de habilidades convenientes e necessárias para esse trabalho; uma cabeça firme e um coração caloroso.

Em meio das risadas, Rhage olhou Wrath. Sem dizer uma palavra, os dois se abraçaram, e quando se afastaram Wrath deu a seu irmão o equivalente masculino de uma desculpa... Que era um bom golpe no ombro. Em seguida virou para Z e este assentiu uma vez. O qual era a versão taquigráfica de Zsadist para: Sim, se comportou como um imbecil, mas tinha suas razões e já estamos bem.

Era difícil saber quem iniciou, mas alguém pôs seus braços sobre os ombros de outro, e logo esse fez o mesmo, e terminaram abraçados como jogadores de futebol. O círculo que formaram debaixo desse vento frio era desigual, estava composto por diferentes alturas corporais, variadas larguras de peito e diferentes braços. Mas estavam vinculados e juntos eram uma unidade.

De pé, quadril com quadril com seus irmãos, Wrath viu que o que uma vez tinha dado por certo, era em realidade algo muito excepcional e especial: a Irmandade estava reunida uma vez mais.

— Hey... querem compartilhar um pouco de seu “*bromance*”⁸⁶ por aqui?

A voz do Lassiter fez que elevassem as cabeças. O anjo estava de pé nos degraus da mansão e seu brilho conferia à noite uma luz suave e encantadora.

— Posso golpeá-lo? — perguntou V.

— Mais tarde — respondeu Wrath, rompendo o círculo — E muitas, muitas vezes.

— Não era exatamente o que tinha em mente — murmurou o anjo enquanto um por um foram desmaterializando para a reunião, e Butch partia dirigindo para encontrar-se com eles.

Xhex tomou forma entre um grupo de pinheiros que estava mais ou menos a noventa metros da tumba de Chrissy. Escolheu esse lugar não porque esperasse que Grady estivesse ali parado sobre a lápide, choramingando sobre a manga de sua jaqueta de águia, mas sim, porque queria sentir-se ainda pior do que já se sentia... E, não podia pensar em um melhor lugar para isso, que onde a garota ia terminar assim que chegasse a primavera.

Entretanto, e para sua surpresa, não estava sozinha. Por duas razões.

O sedan estacionado bem do outro lado da curva, com uma linha de visão limpa até a tumba, era indubitavelmente do De la Cruz ou um de seus subordinados. Mas também, havia alguém mais.

Mais precisamente era uma força malévola.

Cada instinto *symphath* que possuía lhe dizia que andasse com cuidado. Pelo que podia distinguir, essa coisa era um *lesser* com uma injeção de ácido nitroso em seu motor maligno, e em um impetuoso arrebatamento de auto proteção, isolou a si mesma, fundindo-se com a paisagem...

Bom, bom, bom... outra eventualidade para atender.

Do norte, aproximava-se um grupo de homens, dois dos quais eram altos e o outro muito mais baixo. Todos estavam vestidos de negro e sua coloração era tão clara que pareciam noruegueses.

Genial. A menos que houvesse uma nova turma na cidade, uma cheia de valentões viciados no “Por que você vale muito”⁸⁷, e que foram fanáticos da tinta Preference de L’Oréal, essa turma de loirinhos eram assassinos.

O DPC, a Sociedade Lessening, e algo pior, todos brincando de correr ao redor da tumba de Chrissy? Quais eram as possibilidades?

Xhex esperou, observando como os assassinos se separavam e procuravam árvores atrás das quais esconder-se.

⁸⁶ Jogo de palavras com brother – romance – irmão-romance

⁸⁷ Frase propaganda da marca de cosméticos Loreal.

Só havia uma explicação: Grady tinha ficado com os *lessers*. Não era nenhuma surpresa, se levava em conta que faziam o recrutamento entre criminosos, especialmente do tipo violento.

Xhex deixou que passassem os minutos, ruminando a situação, esperando simplesmente o estalo de ação que era inevitável, dado o elenco com que contava este filme. Devia retornar ao clube, mas a merda lá teria que rodar sem ela, porque de maneira nenhuma se iria dali.

Grady tinha que estar a caminho.

Passou um pouco mais de tempo, e soprou mais vento frio e muito nuvens de um azul escuro e um cinza brilhante passaram flutuando por cima da face da lua.

E logo, de um nada, os *lessers*, se foram.

A presença malévola também se desmaterializou.

Talvez tivessem se rendido, mas não parecia provável. Pelo que sabia dos *lessers*, tinham muitos defeitos, mas o TDA⁸⁸ não era um deles. Isso podia significar uma de duas coisas, ou tinha passado algo mais importante, ou tinham trocado de pla...

Ouviu um sussurro através do chão.

Olhando sobre seu ombro, viu Grady.

Estava se abraçando contra o frio, tinha os braços metidos numa parka negra que ficava grande e arrastava os pés sobre a fina cobertura de neve. Olhava ao redor, procurando entre as tumbas a mais nova, e se continuava, logo encontraria a de Chrissy.

É obvio isso também queria dizer que veria o poli incógnito no carro. Ou, o poli veria ele.

Bem. Tempo de fazer uma jogada.

Assumindo que os assassinos permaneceriam afastados, Xhex podia se encarregar do DPC.

Não perderia esta oportunidade. De nenhuma maldita maneira.

Desligando seu celular, preparou-se para ir trabalhar.

Capítulo 47

— Maldita seja, temos que ir — disse Rehv atrás de sua escrivaninha. Ao finalizar outra chamada para o celular de Xhex, atirou seu telefone novo como se não fosse mais que um pedaço de lixo, algo que evidentemente estava se convertendo em um mau hábito — Não sei onde demônios está, mas temos que ir.

⁸⁸ TODA – transtorno de déficit de atenção (hiperatividade)

— Voltará — Trez pôs uma trincheira de couro negro e se encaminhou para a porta — E dado o humor que tinha é melhor que esteja ausente em vez de estar aqui. Irei ver o supervisor de turno e direi que me avise caso surja qualquer tipo de problema, logo irei buscar o B.

Quando se foi, iAm voltou a checar as duas H&K que tinha sob os braços com eficiência letal, seus olhos negros tinham uma expressão serena e suas mãos eram firmes. Satisfeito, o macho recolheu uma trincheira de couro cor cinza aço e a pôs.

O fato de que os casacos dos irmãos fossem similares tinha sentido. Trez e iAm gostavam das mesmas coisas. Sempre. Embora não fossem gêmeos de nascimento, vestiam-se de forma similar e sempre iam armados com armas idênticas e conseqüentemente compartilhavam as mesmas idéias, valores e princípios.

Não obstante, havia algo em que eram diferentes. Enquanto iAm permanecia junto à porta, em silêncio e quieto como um Dobermann em serviço - mas sua falta de conversa não significava que não fosse tão mortal como seu irmão, porque os olhos do tipo expressavam toneladas de coisas, apesar de que sua boca permanecesse firmemente atarraxada - a iAm nunca escapava nada.

Incluindo, obviamente, os antibióticos que Rehv tirou de seu bolso e engoliu. Assim como também o fato de que a seguir apareceu uma agulha esterilizada e foi posta em uso.

— Bem — disse o macho, enquanto Rehv voltava a baixar a manga e vestia a jaqueta do terno.

— Bem o que? — iAm simplesmente olhou-o fixamente do outro lado do escritório, com uma expressão de *não seja imbecil sabe perfeitamente bem do que estou falando*.

Estava acostumado a fazer isso freqüentemente. Falar toneladas com somente um olhar.

— Como é — murmurou Rehv — Não se excite tanto, não é como se tivesse dado volta à página para começar de novo.

Podia estar tratando a infecção de seu braço, mas ainda seguia havendo merda pendurando como franjas podres por todas as arestas de sua vida.

— Está seguro disso?

Rehv revirou os olhos e ficou de pé, deslizando um saco de M&M no bolso de seu casaco.

— Pode me acreditar.

iAm adotou uma expressão de «Ah, sim? E cravou os olhos no casaco de Rehv.

— Derretem-se em sua boca, não em sua mão⁸⁹.

— OH, se cale. Olhe, as pílulas devem ser tomadas com a comida. Leva contigo um sanduíche de presunto e queijo em pão de centeio? Eu não.

⁸⁹ Frase – propaganda de M&M,

— Poderia ter feito uns linguini⁹⁰ com salsa e sal e ter te trazido. A próxima vez me avise com mais tempo.

Rehv saiu do escritório.

— Poderia deixar de ser tão considerado? Faz me sentir como uma merda.

— Isso é problema seu não meu.

Quando saíam do escritório, iAm falou por seu relógio e Rehv não perdeu nada de seu tempo no trajeto entre a porta lateral do clube e o carro. Quando esteve dentro do B, iAm desapareceu, viajando como uma sombra ondulada sobre o chão, desordenando as páginas de uma revista, fazendo repicar uma lata abandonada e arrepiando a neve solta.

Chegaria antes ao lugar da reunião e abriria o local enquanto Trez conduzia para lá.

Rehv marcou a reunião nesse lugar por dois motivos. Primeiro, era o *leahdyre*, então o conselho devia ir aonde ele dissesse e sabia que se retorceriam porque considerariam o estabelecimento indigno deles. Isso sempre era um prazer. E, segundo, era uma propriedade que adquiriu como investimento, assim estava em seu território.

Isso sempre era uma necessidade.

O Restaurante Salvatore's, lar do famoso molho Sal, era totalmente uma instituição italiana em Caldie, e fazia mais de cinquenta anos que tinha aberto suas portas. Quando o neto do primeiro dono, Sal III, como o conhecia, desenvolveu um horrendo hábito pelo jogo e adquiriu uma dívida de cento e vinte mil dólares com os apostadores de Rehv, deu-se a troca “isso por aquilo”: o neto transferiu a escritura legal do estabelecimento ao Rehv e Rehv não rompeu a bússola à terceira geração.

O que em termos vulgares, significava que o cara se salvava de que lhe destroçassem os cotovelos e os joelhos até ao ponto de necessitar uma substituição de articulações.

OH, e a receita secreta do molho Sal tinha vindo com o restaurante... requerimento acrescentado por iAm: durante as negociações que tinham durado tanto como um minuto e meio, a Sombra tinha elevado a voz para dizer: sem molho, não há trato. E logo tinha exigido prová-la para assegurar-se de que a receita fosse a correta.

Desde que se produziu essa feliz transação, o mouro esteve administrando o lugar, e quem o teria dito? Estava dando lucros. Mas, bem isso era o que ocorria quando não empregava cada centavo disponível para dilapidá-lo em seleções de futebol ruins. No restaurante o tráfico estava em alta, a qualidade da comida voltava a ser a de antes, e o lugar estava recebendo uma cirurgia estética foddidamente importante que se traduzia em novas mesas, cadeiras, toalhas, tapetes e candelabros.

Todos os quais eram réplicas exatas do que houvera antes.

Não se fodia com a tradição, como costumava dizer iAm.

⁹⁰ Comida feita com massa

A única mudança interior era uma que ninguém podia ver: uma malha de aço tinha sido aplicada a cada centímetro quadrado de paredes e tetos e todas as portas exceto uma tinham sido reforçadas com a mesma merda.

Ninguém poderia desmaterializar para dentro ou para fora sem que a direção estivesse inteirada ou tivesse aprovado.

Para falar a verdade, o dono do lugar era Rehv, mas era o bebê de iAm, e o mouro tinha razão ao estar orgulhoso de seus esforços. Até os goombahs⁹¹ italianos da velha escola apreciavam a comida que cozinhava.

Quinze minutos mais tarde, o Bentley se deteve sob o abrigo para carros do único piso em expansão da extensão de tijolo à vista que era sua marca registrada. No edifício as luzes estavam apagadas, inclusive as que iluminavam o nome de Sal, embora o estacionamento deserto estivesse iluminado com o brilho alaranjado de abajures a gás antigos.

Trez aguardou na escuridão com o motor ligado e as portas do carro à prova de balas trancadas, enquanto evidentemente se comunicava com seu irmão da forma em que faziam as Sombras. Após um momento fez um gesto afirmativo com a cabeça e desligou o motor.

— Está limpo — saiu e deu a volta no Bentley para abrir a porta traseira ao Rehv, enquanto este agarrava sua bengala e deslizava seu corpo intumescido pelo assento de couro para sair. Durante o tempo que demoraram em cruzar o pavimento e abrir a pesada porta negra, a arma do mouro esteve desencapada e sobre sua coxa.

Entrar no Sal era como atravessar o Mar Vermelho. Literalmente.

Frank Sinatra lhes deu a bem-vinda, seu tema «Wives and Lovers» fluía dos alto-falantes embutidos no teto de veludo vermelho. Sob seus pés o tapete vermelho foi substituído recentemente e brilhava com o mesmo brilho e a mesma intensidade que o sangue humano recém derramado. As paredes circundantes eram vermelhas com um desenho de folhas e pétalas e a iluminação era como a de uma sala de cinema, quer dizer que em sua maior parte estava ao nível do chão. Durante o horário de trabalho, a tribuna da anfitriã e o lugar onde deixavam os casacos eram atendidos por vistosas mulheres de cabelos escuros com vestidos curtos e meias vermelhas, e todos os garçons usavam ternos negros com gravatas vermelhas.

A um lado, havia uma fileira de telefones públicos dos anos cinqüenta e duas máquinas vendedoras de cigarros da época do Kojak, e como sempre, o lugar cheirava a orégano, alho e boa comida. No fundo, também persistia um aroma de cigarros e charutos... ainda que a lei estabelecesse que não podia fumar neste tipo de estabelecimento, no ambiente de trás, onde estavam as mesas reservadas e se realizavam os jogos de pôquer, a administração permitia fazê-lo.

⁹¹ Termo pejorativo que se usa para descrever o estereotipo do italo-americano.

Rehv sempre esteve um pouquinho de saco cheio com respeito a ter tanto vermelho o rodeando, mas sabia que enquanto pudesse olhar por volta dos dois salões de refeições e ver que as toalhas das mesas eram brancas e que as cadeiras de couro tinham a profundidade adequada, estava bem.

— A Irmandade já está aqui — disse Trez enquanto se dirigiam para a suíte privada onde seria a reunião.

Quando entraram na sala, não se ouviam conversas, nem risadas, sequer um pigarro entre os machos que enchiam o espaço. Os Irmãos estavam alinhados ombro a ombro diante de Wrath, que estava parado frente à única porta que não estava reforçada com aço... para que pudesse desmaterializar-se livremente e imediatamente em caso de ser necessário.

— Boa noite — disse Rehv, optando pela cabeceira da mesa longa e estreita que tinha sido disposta com vinte cadeiras.

Houve uma linguagem obscura e incompreensível de “olá como está”, mas o hermético grupo de guerreiros parecia uma linha de defesa de futebol americano, enfocados exclusivamente na porta de entrada que Rehv acabava de atravessar.

Sim, se fodia com seu amigo Wrath o fariam conhecer seu possível futuro... metendo isso pelo seu traseiro.

E quem o julgaria? Aparentemente tinham adquirido um mascote. Um pouco mais afastado, para a esquerda, havia um tipo que parecia uma brilhante estatueta do Oscar, com a testa alta e usando umas calças camufladas, seu cabelo loiro e moreno o fazia parecer um heavy dos anos oitenta em busca de uma banda que o respaldasse. Contudo, o aspecto de Lassiter, o anjo caído, não era menos feroz que dos Irmãos. Talvez fosse devido a seus piercings. Ou, por que seus olhos eram completamente brancos. A merda com isso, o motivo verdadeiro era que as vibrações que emitia o tipo eram realmente intensas.

Interessante. Dada a forma em que fixava seu olhar penetrante na porta, igual aos outros, se diria que Wrath estava na lista de proteção às espécies desse anjo.

iAm entrou pela parte traseira, com a arma em uma mão e uma bandeja com cappuccinos na outra.

Vários Irmãos aceitaram o que lhes oferecia, embora todos esses copos delicados fossem se converter em goma de mascar para os tacos de seus shitkickers se tivessem que brigar.

— Obrigado, amigo — Rehv também aceitou um dos cappuccinos — Cannoli⁹²?

— Estão vindo.

As instruções para ir à reunião foram claramente indicadas de antemão. Os membros do conselho deviam chegar pela parte dianteira do restaurante. Se algum sequer tocava o trinco de outra porta, assumiria o risco de que lhe disparassem. iAm lhes permitiria a

⁹² Doce típico da Sicília

entrada e os escoltaria para outra sala. A partida, também seria pela porta dianteira, e lhes proporcionaria um guarda para que pudessem desmaterializar-se a salvo. Ostensivamente, as medidas de segurança se deviam a que Rehv estava “*preocupado devido aos lessers*”. O verdadeiro motivo era proteger Wrath.

iAm entrou com os cannoli .

Comeram os cannoli.

Trouxeram mais cappuccinos.

Frank cantou “Fly me to the Moon”. Em seguida veio essa canção que falava do bar que estava fechando e que ele necessitava outra para o caminho.

E, logo aquela que se referia a três moedas em uma fonte. E ao fato que estivesse apaixonado por alguém.

Junto ao Wrath, Rhage trocou o peso imponente de seu corpo de uma shitkicker a outra, e sua jaqueta de couro chiou. A seu lado, o rei fez rodar seus ombros, e um deles rangeu. Butch fez soar seus nódulos. V acendeu um cigarro. Phury e Z olharam um ao outro.

Rehv jogou uma olhada a iAm e a Trez que estavam na entrada. Voltou a olhar para o Wrath.

— Surpresa, surpresa.

Fazendo uso de sua bengala, ficou de pé e deu uma volta ao redor da sala, e seu lado *symphath* sentiu respeito pela tática ofensiva dos outros membros do conselho ao organizar esta ausência inesperada. Nunca teria pensado que tinham culhões suficiente para...

Da porta dianteira do restaurante lhes chegou um bing-bong.

Enquanto Rehv girava a cabeça, ouviu o suave deslizar metálico ao serem retiradas as travas das armas que os Irmãos tinham nas mãos.

Do outro lado da rua, frente aos portões fechados do Cemitério de Pine Grove, Lash caminhou para um Honda Civic que estava estacionado nas sombras. Quando pôs a mão sobre o capô, sentiu-o quente, e não teve que rodeá-lo ao assento do condutor para saber que a janela tinha sido quebrada. Este era o carro que Grady utilizou para ir até a tumba de sua falecida ex.

Quando ouviu o som de botas que se aproximavam pelo asfalto, agarrou a arma que levava no bolso superior.

Enquanto se aproximava, o senhor D não deixava de tocar seu chapéu de cowboy.

— Por que nos fez abandonar...?

Com toda calma Lash elevou a arma nivelando-a a altura da cabeça do *lesser*.

— Me dê agora um motivo para que não te abra um buraco nesse puto cérebro que tem.

Os assassinos que estavam dos lados do senhor D deram um passo atrás. Muito atrás.

— Porque descobri que tinha fugido — disse o senhor D com seu sotaque texano — Por isso. Estes dois não tinham nem a menor idéia de onde tinha ido.

— Você estava no comando. Você o perdeu.

O senhor D tinha o olhar sereno.

— Estava contando todo seu dinheiro. Quer que outra pessoa faça essa tarefa? Não acredito.

Merda, bom ponto. Lash baixou a arma e olhou os outros dois. Diferente do senhor D que estava firme como uma rocha, os outros estavam muito agitados. O que indicava precisamente quem tinha perdido sua propriedade.

— Quanto dinheiro entrou? — perguntou Lash, com a vista ainda cravada em seus homens.

— Muito. Está tudo ali no Escort.

— Bem, o que lhes parece? Meu humor está melhorando — murmurou Lash, guardando sua arma — Quanto a por que ordenei detê-los, Grady está a ponto de ser preso com minhas fodidas felicitações. Quero que seja a noiva de alguém algumas vezes e que desfrute da vida atrás das grades antes que o mate.

— Mas e o que me diz de...?

— Temos os meios para contatar com os outros dois distribuidores e podemos vender o produto por nossa conta. Não o necessitamos.

O som de um carro aproximando-se dos portões de ferro de dentro do cemitério fez que todos girassem a cabeça para a direita. Era o carro que esteve estacionado do outro lado da curva junto a essa nova tumba e quando o PDM se deteve, de seu cano de escapamento se elevou o vapor, emitindo bufos como se o motor estivesse soltando peidos. Desceu um cara muito desarrumado de cabelo escuro. Depois de abrir a corrente, aplicou toda sua energia a empurrar um lado dos portões, logo os atravessou com o carro, voltou a descer do mesmo e fechou o lugar outra vez.

No carro não havia ninguém mais.

Dobrou à esquerda, e as luzes vermelhas foram se desvanecendo enquanto se afastava.

Lash jogou uma olhada ao Civic que era a única outra forma que tinha Grady de sair dali.

Que porra tinha se passado? O policial deveria ter visto Grady, porque esteve caminhando diretamente para seu carro...

Lash se enrijeceu e logo girou rapidamente sobre sua bota, moendo, com a grossa sola, o sal que tinha sido derramado sobre o caminho.

Havia algo mais no cemitério. Algo que nesse momento tinha decidido revelar a si mesmo.

Algo que se percebia exatamente igual ao *sympath* do norte do Estado.

E, esse era o motivo de que o policial se foi. Tinham-no impulsionado mentalmente a fazê-lo.

— Retorna à choça com o dinheiro — disse ao senhor D — Te verei ali.

— Sim senhor. Em seguida.

Lash não prestou muita atenção à resposta. Estava muito interessado em inteirar-se de que merda estava passando ao redor da tumba da garota morta prematuramente.

Capítulo 48

Xhex se alegrava que a mente humana fosse como argila: não levou muito tempo obter que o cérebro de José Da Cruz registrasse a ordem que lhe deu, e assim que o fez, pôs seu copo de café frio no porta copos e arrancou com o carro.

Do outro lado, entre as árvores, Grady parou sua marcha de zumbi, tinha aspecto de estar fodidamente horrorizado ao ver que havia um sedan ali. Entretanto, ela não se preocupou de que o tipo pudesse acovardar-se. A dor pela perda, o desespero e o remorso enchiam o ar que o rodeava e essa rede logo lhe faria avançar para a tumba recente, com maior resolução que qualquer pensamento que ela pudesse implantar no lóbulo frontal do filho da puta.

Xhex esperou enquanto ele esperava... e efetivamente, assim que Da Cruz se foi, essas botas fabricadas para caminhar voltaram para o jogo, levando Grady bem onde ela o desejava.

Quando ele chegou à lápide de granito, um som afogado escapou de sua boca e foi o primeiro soluço de muitos que seguiram. Como uma bichinha começou a soluçar, e seu fôlego se congelava formando nuvens brancas enquanto se agachava sobre o lugar onde a mulher que tinha assassinado passaria o próximo século decompondo-se.

Se gostava tanto da Chrissy, por que não pensou nisso antes de liquidá-la?

Xhex saiu de atrás do carvalho e deixou que seu mascaramento evaporasse, revelando a si mesma na paisagem. Enquanto se aproximava do assassino de Chrissy, levou a mão para a parte baixa de suas costas e desencapou a faca de aço inoxidável que elegantemente estava embainhada ao longo de sua espinha dorsal. A arma era longa como seu antebraço.

— Olá, Grady — disse.

Grady girou de repente como se tivessem metido um cartucho de dinamite no traseiro e ele tivesse a esperança de apagar o pavio na neve.

Xhex manteve a lâmina atrás de sua coxa.

— Como está?

— O que...?

Buscou com o olhar suas duas mãos. Quando só viu uma, retrocedeu como um caranguejo, sobre mãos e pés, arrastando a bunda pelo chão.

Xhex o seguiu, procurando manter uma distância de um metro entre eles. A julgar pela forma que Grady insistia em olhar por cima do ombro, diria que estava se preparando para virar e sair correndo, e ela se manteria calma até que ele...

Bingo.

Grady se balançou para a esquerda, mas ela caiu sobre ele, agarrando-o pelo pulso, permitiu que o impulso que adquiriu o levasse para frente até que seu agarre o freou completamente. Terminou de barriga para baixo com a arma dobrada atrás de suas costas e rendido a sua misericórdia. E, é obvio que ela tinha nascido com uma carência absoluta de misericórdia. Com uma rápida navalhada, fez um corte em seu tríceps, atravessando à grossa parka⁹³ e a pele fina e suave.

Fez isso só para distraí-lo, e funcionou. Grady uivou com dor e apressou-se a cobrir a ferida.

Isso deu a ela tempo de sobra para agarrar a bota esquerda dele e torcer até que ele não se importou mais com o que estava ocorrendo no braço. Gritou e tratou de aliviar a pressão dando a volta, mas ela plantou um joelho na parta baixa de suas costas e manteve-o no lugar enquanto quebrava seu tornozelo com uma torção. Desmontou-se rapidamente e com outro corte incapacitou sua outra perna fatiando os tendões de sua coxa.

Isso cortou as choramingações pela metade.

Quando Grady entrou em pânico, perdeu o fôlego e se acalmou... até que ela começou a arrastá-lo para a tumba. Ele lutou por todo o caminho da mesma maneira que gritava, mas fez mais ruído que efeito. Uma vez que esteve onde o queria, cortou os tendões do outro braço para que por mais que se esforçasse em mover as mãos, não pudesse. Então, virou-o para que tivesse uma boa vista do céu e puxou sua parka para cima.

Agarrou seu cinturão ao mesmo tempo em que mostrava a faca.

Os homens eram graciosos. Sem importar quanto descontrolados estivessem, era só aproximar algo comprido, afiado e brilhante a seu cérebro primário, e obteria fogos de artifício.

— Não...!

— Oh, sim — aproximou a faca a seu rosto — Claro que sim.

Ele lutou decididamente, apesar das feridas ocasionadas para inibi-lo, e ela se deteve para desfrutar do espetáculo.

— Antes que te deixe, estará morto — disse enquanto ele se sacudia por toda parte

— Mas, antes de ir, você e eu vamos passar um bom momento juntos. Não muito, sabe? Tenho que voltar para o trabalho. Menos mal que sou rápida.

⁹³ Jaqueta de abrigo com capuz e impermeável.

Pôs a bota sobre seu peito para imobilizá-lo, abriu o botão e o zíper da braguilha, e baixou-lhe as calças.

— Quanto tempo levou para matá-la, Grady? Quanto?

Absolutamente aterrorizado, gemeu e retorceu-se. Seu sangue manchou a neve branca de vermelho.

— Quanto tempo, filho da puta? — Fez um corte ao longo da cintura de sua cueca Empório Armani — Quanto tempo sofreu?

Um momento depois, Grady gritou tão forte, que o som sequer foi humano; parecia mais ao estridente som de um corvo negro.

Xhex fez uma pausa e desviou o olhar em direção à estátua da mulher com túnica que havia passado tanto tempo olhando durante o serviço de Chrissy. Por um momento, pareceu que o rosto de pedra tinha mudado de posição, como se a formosa fêmea já não estivesse olhando Deus, e sim a Xhex.

Mas isso não era possível, ou era?

Enquanto Wrath permanecia atrás da parede de Irmãos, seus ouvidos captaram o som distante da porta dianteira de Sal abrindo e fechando, isolando o sutil giro das dobradiças entre os *Scooby-dooby-doos* de Sinatra. O que fosse que estivessem esperando, acabava de chegar, e, tanto seu corpo, como seus sentidos e coração desaceleraram, como se estivessem aproximando de uma curva fechada e se preparassem para tomá-la a toda potência.

Moveu os olhos para poder enfocá-los melhor, a sala vermelha, a mesa branca e as nucas das cabeças de seus irmãos se fizeram um pouco mais claras enquanto iAm voltava a aparecer na arcada.

Um macho extremamente bem vestido o acompanhava.

Bem, esse cara tinha “*glymera*” estampado por todo seu elegante traseiro. Com um ondulado cabelo loiro penteado para o lado, tinha um estilo tipo “O Grande Gatsby”⁹⁴, seu rosto estava tão perfeitamente proporcionado e equilibrado que era francamente formoso. Seu casaco de lã negra estava confeccionado para ajustar-se ao seu magro corpo, e na mão levava uma fina maleta com documentos.

Wrath nunca o tinha visto antes, mas parecia jovem para a situação que acabava de encontrar. Muito jovem.

Não era nada mais que um cordeiro para o sacrifício muito caro e com muito estilo.

Rehvenge caminhou a passos largos para o menino, o *symphath* sustentava sua bengala como se fosse desencapar uma espada que havia nela, caso Gatsby se atrevesse

⁹⁴ (“O Grande Gatsby”, no Brasil) é uma adaptação cinematográfica norte-americana do romance homônimo de F. Scott Fitzgerald, dirigida em 1974 por Jack Clayton e com roteiro de Francis Ford Coppola e do próprio Fitzgerald.

sequer a respirar fundo.

— Será melhor que comece a falar. Já.

Wrath se adiantou, metendo-se entre Rhage e Z, nenhum dos dois ficou muito contente com a mudança de posições. Um rápido gesto de mão evitou que tratassem de manobrar para ficar frente a ele.

— Como se chama filho?

A última coisa de que precisavam era um cadáver, e com o Rehv nunca podia dar nada por certo.

O cordeiro Gatsby fez uma sóbria reverência e logo se endireitou. Quando falou, fez com uma voz que surpreendentemente era profunda e segura, considerando a quantidade de carregadores automáticos que tinha apontados a seu peito.

— Sou Saxton, filho de Tyhm.

— Vi seu nome com antecedência. Prepara relatórios a respeito de linhas sucessórias?

— Sim.

Assim que o Conselho realmente estava descendo pela linha sucessória, não? Sequer enviavam o filho de um membro do Conselho.

— Quem o enviou, Saxton?

— O substituto de um homem morto.

Wrath não tinha idéia de como a *glymera* soube da morte de Montrag e não lhe importava. Contanto que a mensagem chegasse à outra pessoa envolvida no complô, isso era tudo o que importava.

— Por que não nos diz seu parecer?

O macho deixou a maleta sobre a mesa e soltou o clipe dourado. No instante em que o fez, Rehv liberou sua espada vermelha e pôs a ponta exatamente sobre uma garganta pálida. Saxton congelou-se e olhou a seu redor sem mover a cabeça.

— Seria melhor que se movesse devagar, filho — murmurou Wrath — Há muitos tipos de gatilho fácil nesta sala, e esta noite é o alvo favorito de todos eles.

As palavras pronunciadas por essa voz estranhamente profunda e serena foram comedidas:

— É por isso que lhe disse que devíamos fazer isto.

— Fazer o que? — disse Rhage, sempre impetuoso... apesar da espada de Rehv, Hollywood estava preparado para saltar sobre Gatsby saindo ou não algum tipo de arma de entre essas dobras de couro.

Saxton olhou ao Rhage, e em seguida voltou a enfocar-se em Wrath.

— No dia seguinte do assassinato do Montrag...

— Interessante escolha de palavras — disse Wrath arrastando as palavras, e se perguntando o quanto saberia exatamente este tipo.

— É obvio que foi um assassinato. Quando acaba morto, geralmente conserva os

olhos dentro de seu crânio.

Rehv sorriu, revelando um par de adagas bucais idênticas.

— Isso depende de seu assassino.

— Continua — incitou Wrath— E Rehv, se não se importa, afrouxa um pouco com esse teu fio.

O *sympath* retrocedeu um pouco, mas não embainhou sua arma, e Saxton o olhou de esguelha antes de continuar.

— À noite em que Montrag foi assassinado, isto foi entregue a meu chefe — Saxton abriu a maleta de documentos e tirou um envelope de seda — Era do Montrag.

Pôs a coisa de barriga para baixo sobre a mesa para mostrar que o selo de cera não tinha sido quebrado e se afastou.

Wrath olhou o envelope.

— V, poderia fazer as honras?

V se adiantou e levantou o envelope com sua mão enluvada. Ouviu-se papel que se rasgava e em seguida mais papel deslizando fora do envelope.

Silêncio.

V guardou novamente os documentos, colocou o envelope na cintura de suas calças, na parte baixa de suas costas, e olhou fixamente ao Gatsby.

— Supõe-se que devemos acreditar que você não o leu?

— Não o fiz. Meu chefe tampouco. Ninguém o fez desde que a seqüência de fatos da custódia caiu sobre meu chefe e sobre mim.

— Seqüência de fatos de custódia? É advogado, ou só um assistente jurídico?

— Estou estudando para ser advogado na Antiga Lei.

V se inclinou para frente e despiu as presas.

— Está seguro de que não leu isto, verdade?

Saxton devolveu o olhar ao Irmão como se repentinamente estivesse fascinado com as tatuagens da têmpora de V. após um momento, sacudiu a cabeça e falou com esse tom baixo de voz que tinha.

— Não estou interessado em me unir à lista de pessoas que foi encontrada morta e sem olhos sobre seus tapetes. Tampouco meu chefe. O selo que tinha esse documento foi posto pelas mãos de Montrag. O que tenha dentro não foi lido desde que ele deixou que essa cera quente gotejasse em cima do envelope.

— Como sabe que foi Montrag o que o lacrou?

— A que está na frente é sua letra, sei por que vi muitas notas suas em documentos. Além disso, seu *doggen* pessoal trouxe a pedido dele.

Enquanto Saxton falava, Wrath estudava cuidadosamente as emoções do macho, aspirando com seu nariz. Não havia engano. Tinha a consciência limpa. O tipo se sentia atraído por V, mas, além disso? Não havia nada. Nem sequer medo. Era precavido, mas estava tranqüilo.

— Se está mentindo — disse V brandamente — Nos inteiraremos e iremos te buscar.

— Não duvido disso nem por um instante.

— O que lhes parece? O advogado é inteligente.

Vishous ocupou novamente seu lugar na fila, e sua mão retornou à culatra de sua arma.

Wrath desejava saber o que havia no envelope, mas se dava conta que o que houvesse aí dentro não devia ser adequado para ver em tão variada companhia.

— Então, onde estão seu chefe e seus amigos, Saxton?

— Nenhum deles virá — Saxton olhou as cadeiras vazias — Todos estão aterrorizados. Depois do que aconteceu ao Montrag, encerraram-se em suas casas e permanecerão ali.

Bem. Pensou Wrath. Com a *glymera* fazendo honra a seu talento de ser covarde, tinha uma coisa menos de que preocupar-se.

— Obrigado por vir, filho.

Saxton tomou a dispensa exatamente pelo que era, voltando a fechar sua maleta, fez outra reverência, e girou para ir.

— Filho?

Saxton se deteve e se voltou.

— Meu senhor?

— Teve que convencer a seu chefe para que decidisse fazer isto, verdade? — Um discreto silêncio foi a resposta — Então é um bom assessor, e acredito em você... pelo que você sabe, nem você nem seu empregador inspecionaram o envelope para ver o que for que tenha dentro. Entretanto, a bom entendedor poucas palavras bastam. Se fosse você buscaria outro trabalho. As coisas ficarão piores antes de melhorar, e o desespero faz com que até as pessoas mais honoráveis se voltem uma merda. Já o enviaram à boca do leão uma vez. Voltarão a fazê-lo.

Saxton sorriu.

— Se alguma vez necessitar um advogado pessoal, me avise. Depois de todo o treinamento em *fideicomissos*, patrimônios e linhas sucessórias que tive este verão, tenho intenção de começar a trabalhar por conta própria.

Fez outra reverência e logo partiu acompanhado de iAm, com a cabeça alta e o passo firme.

— O que tem ali, V? — perguntou Wrath em voz baixa.

— Nada bom, meu senhor, nada bom.

A visão do Wrath escureceu, voltando para seu estado normal de inutilidade desfocada, e a última coisa que viu claramente antes que ocorresse, foi como V cravava seus olhos diamantinos em Rehvenge.

Quando o carro incógnito da polícia deixou o cemitério de Pine Grove, Lash se concentrou completamente na presença *sympath* que acabava de se revelar dentro das portas.

— Percam-se — disse a seus homens.

Quando se desmaterializaram, empreendeu o caminho de volta para a tumba da garota morta que estava na esquina posterior da...

O grito parecia vir de uma ópera desafinada, de uma soprano que perdera o controle de sua voz, e o tom havia voado alto deixando de ser canto para converter-se em chiado. Quando Lash reassumiu sua forma, ficou de saco cheio porque acabava de perder a diversão e os jogos... porque isso devia ter sido digno de ser visto.

Grady estava estendido de costas com as calças abaixadas, sangrando por várias partes, mas especialmente por um corte recente que atravessava seu esôfago. Estava vivo como uma mosca no batente de uma janela quente, tinha os braços e as pernas retorcidos e os fazia girar lentamente.

Sua assassina deixava a posição escondida e erguia-se: era essa cadela mariamacho do ZeroSum. E, em contraposição à mosca moribunda, que era alheia a tudo salvo a sua própria morte, ela soube o momento exato em que Lash entrou em cena. Deu a volta rapidamente adquirindo uma posição de luta, com uma expressão concentrada no rosto, agarrou firmemente a faca que gotejava, e afirmou as coxas preparando para que pudesse impulsionar seu duro corpo para diante.

Era fodidamente sexy. Especialmente quando franziu o cenho ao reconhecê-lo.

— Acreditei que estivesse morto — disse — E também acreditei que fosse vampiro. Ele sorriu.

— Surpresa. E você também esteve ocultando um segredo, verdade?

— Não. Nunca me caiu bem, e isso não mudou.

Lash sacudiu a cabeça e olhou seu corpo descaradamente.

— Fica realmente bem vestida de couro, sabia?

— E você estaria melhor com um espartilho engomado.

Ele riu.

— Esse foi um golpe baixo.

— Assim como meu oponente. Imagino.

Lash sorriu e, com algumas vívidas imagens, fez crescer sua atração até obter uma ereção completa porque sabia que ela perceberia. Imaginou-a ajoelhada frente a ele, com seu pênis na boca, enquanto sustentava sua cabeça com as mãos e fodia sua boca até que ela tivesse ânsias.

Xhex pôs os olhos em branco.

— Pornografia. Barata.

— Não. Sexo. Futuro.

— Sinto muito, não estou interessada em Justin Timberlake. Nem em Rum Jeremy⁹⁵.

— Já veremos — Lash assinalou com a cabeça ao humano, cujas contorções minguaram como se estivesse congelando com o frio — Temo que me deva algo.

— Se te refere a uma ferida de faca, já me ponho a fazê-la.

— Isso — disse apontando Grady — Era meu.

— Deveria elevar suas normas. Isso — disse imitando sua postura — é merda de cão.

— A merda é um bom fertilizante.

— Então deixa que se espalhe sob uma roseira, e veremos que tal o faz.

Grady deixou escapar um gemido e ambos o olharam. O bastardo estava na etapa final da morte, seu rosto tinha a mesma cor da terra congelada que havia ao redor de sua cabeça, o sangue que fluía de suas feridas diminuindo.

Repentinamente, Lash deu-se conta do que lhe tinham metido na boca e olhou a Xhex.

— Caralho... poderia me interessar seriamente em uma mulher como você, comedora de pecados.

Xhex passou a folha de sua arma ao longo da borda escarpada da lápide, o sangue de Grady se transferiu do metal à pedra como se fosse a marca de uma vingança.

— Tem guelra, *lesser*, considerando o que lhe fiz. Ou, não quer conservar teu par?

— Sou diferente.

— Menor que ele? Cristo, que decepção. Agora, se me desculpar, estou indo.

Levantou a faca e o saudou, antes de desaparecer.

Lash ficou olhando o ar onde ela esteve, até que Grady gorjeou fracamente como uma drenagem com o último atoleiro de água da banheira.

— Viu-a? — perguntou Lash ao idiota — Que fêmea. Definitivamente a saborearei.

O último fôlego de Grady saiu do buraco de sua garganta, porque não tinha outro lugar por onde sair, já que sua boca estava ocupada fazendo uma mamada a si mesmo.

Lash plantou as mãos nos quadris e olhou o corpo que ia se esfriando.

Xhex... devia assegurar-se de que seus caminhos voltassem a cruzar. E tinha esperanças de que tentasse dizer aos Irmãos que o vira: um inimigo alterado era melhor que um composto. Sabia que a Irmandade se perguntaria como demônios o Omega fizera para converter um vampiro em *lesser*, mas isso era só uma pequena parte da história.

Ele seguia sendo o que apresentaria o final da piada.

Enquanto Lash ia passeando lentamente pela noite fria, acomodou-se dentro de suas calças e decidiu que precisava ter sexo. Deus sabia que desejava.

⁹⁵ Famoso ator americano

Ao tempo em que iAm fechava a porta dianteira de Sal, Rehvenge embainhava sua espada vermelha e observava Vishous. O Irmão o olhava fixamente de má maneira.

— Então, o que havia aí dentro?

— Você.

— Montrag tratou de fazer parecer que era eu o responsável pelo complô para matar Wrath? — não é que importasse que o tivesse feito. Rehv já tinha demonstrado de que lado estava ao fazer que passassem a faca ao filho de puta.

Vishous sacudiu a cabeça lentamente, em seguida observou como iAm se unia a seu irmão.

Rehv falou causticamente:

— Não há nada que não saibam a respeito de mim.

— Bom, então, aqui tem comedor de pecados — V atirou o envelope a mesa — Aparentemente, Montrag sabia o que era. E, indubitavelmente esse foi o motivo pelo qual foi a você para tentar matar Wrath. Se divulgasse o que era, ninguém acreditaria que não tinha sido tua idéia e só tua.

Rehv franziu o cenho e tirou o que parecia uma declaração jurada que narrava como foi assassinado seu padrasto. O que. Merda? O pai do Montrag esteve na casa depois do assassinato; isso Rehv sabia. Porém, que o tipo tivesse feito que o *hellren* de sua mãe não só falasse, mas também atestasse? E que então, não houvesse feito nada com a informação?

Rehv reviveu o que tinha passado um par de dias atrás, nessa reunião no estúdio de Montrag... e o alegre comentário do tipo a respeito de que sabia que tipo de macho era Rehv.

Sabia, bem, e não só o que referia ao tráfico de drogas.

Rehv voltou a guardar o documento no envelope. Merda, se isto saía à luz a promessa que fizera à sua mãe voaria em pedaços.

—Então, o que diz exatamente aí dentro? — perguntou um dos Irmãos.

Rehv colocou o envelope dentro de seu casaco de marta zibelina.

— Uma declaração jurada assinada por meu padrasto exatamente antes de morrer me denunciando como *sympath*. É original, a julgar pela assinatura que figura ao final e que está feita com sangue. Mas, o quanto estão dispostos a apostar que Montrag não envio sua única cópia?

— Talvez seja falsa — murmurou Wrath.

Improvável, pensou Rehv. Muitos dos detalhes acerca do que ocorreu essa noite eram corretos.

Repentinamente, retornou ao passado, na noite em que fizera essa proeza. Tinham tido que levar sua mãe à clínica do Havers porque teve um de seus inúmeros “acidentes”. Quando foi evidente que a deixariam em observação durante o dia, Bella ficou com ela, e Rehv tinha tomado uma decisão.

Tinha retornado a casa, reunido aos *doggens* nas dependências de serviço, e enfrentado o pesar coletivo de todos aqueles que serviam à sua família. Podia recordar muito claramente ter olhado aos machos e às fêmeas da casa e haver enfrentando um a um os olhares de todos eles. Muitos tinham chegado ao lar graças a seu padrasto, mas permaneceram por sua mãe. E estavam esperando que ele fizesse algo para deter o que esteve ocorrendo durante muito tempo.

Disse que saíssem da mansão por uma hora.

Ninguém havia manifestado desacordo, e cada um deles o abraçou ao sair. Todos sabiam o que faria, e também era sua vontade.

Rehv ali ficou até que o último *doggen* se foi, e em seguida havia ido ao estúdio de seu padrasto e encontrado ao macho examinando documentos em seu escritório. Em sua fúria, Rehv se encarregou do macho à antiga, devolvendo golpe por golpe, igualando a dor infligida à sua mãe antes de conduzir ao filho da puta a sua real e imerecida recompensa.

Quando soou a campainha na porta dianteira, Rehv tinha assumido que fosse o pessoal que retornava, e o estavam avisando para que pudessem declarar sem faltar à verdade que não tinham visto o assassino em ação. Necessitando aplicar-lhe um último “foda-se”, tinha lhe dado um murro quebrando o crânio de seu padrasto com tanta força que do golpe a espinha dorsal do bastardo mal-tratador de *shellan* saiu do lugar.

Movendo-se rápido, Rehv tinha se afastado do corpo, aberto a porta principal com sua vontade e saído pelas portas–balcão que estavam no fundo. Que os *doggen* encontrassem o corpo ao chegar a casa, era perfeito, já que a subespécie era dócil por natureza e nunca se veria implicada em um ato de violência. Além disso, a essa altura seu lado *symphath* estava rugindo, e precisava recuperar o controle de si mesmo.

E, naqueles dias isso não implicava dopamina. Tinha que usar a dor para domar ao comedor de pecados que havia nele.

Tudo tinha parecido encaixar em seu lugar... até que se inteirou na clínica que o pai do Montrag tinha encontrado o corpo. Não obstante, resultou que não havia nada do que preocupar-se. Pelo que havia dito o macho naquele momento, Rehm tinha entrado, deparou-se com a cena, e tinha chamado Havers. Quando o doutor chegou, o pessoal tinha chegado, e declarado que a ausência do grupo se devia a que era o solstício do verão e tinham estado fora se preparando para as cerimônias que celebrariam essa semana.

O pai do Montrag tinha representado bem seu papel, igual seu filho. Qualquer alteração emocional que Rehv tivesse captado fosse naquele tempo ou durante a reunião que tivera fazia poucos dias, as teria atribuído a recente morte ou ao assassinato, os quais ambos estiveram presentes na missiva.

Deus! Resultava claro, muito claro, o que esteve perseguindo Montrag ao fazer acertos com Rehv para o assassinato de Wrath. Depois que a façanha ocorresse, estaria preparado para aparecer com a declaração jurada que exporia Rehv como assassino e como *symphath* e dessa forma quando fosse deportado, assumiria o poder não só do Conselho,

mas também da raça inteira.

Genial.

Que pena que não tivesse funcionado conforme o planejado. Fazia que lhe enchesse os fodidos olhos de lágrimas, verdade?

— Sim, deve haver mais declarações juradas — murmurou Rehv — Ninguém faria circular sua única cópia.

— Valeria a pena fazer uma visita a essa casa — disse Wrath — Se os herdeiros do Montrag se apoderam de algo assim, todos estaremos em problemas, entendem-me?

— Morreu sem descendência, mas sim, em algum lugar fica algo de sua linhagem. E, vou me assegurar de que não se inteirem disto.

De nenhuma maldita maneira o obrigariam a romper o juramento feito a sua mãe.

Isso jamais ocorreria.

Capítulo 50

Enquanto Ehlena fazia as compras no Supermercado Hannaford ao qual sempre ia porque ficava aberto vinte e quatro horas, deveria ter estado de melhor humor. As coisas com Rehv não podiam ter decorrido de um modo mais doce. Quando tinha chegado a hora de partir para sua reunião, havia tomado um banho rápido e lhe tinha permitido escolher suas roupas, inclusive a gravata. Logo a tinha rodeado com seus braços e tinham permanecido juntos, coração-com-coração.

Finalmente, acompanhou-o para fora, até o vestibulo e esperaram juntos o elevador. Sua chegada foi anunciada com um repique e o deslizamento da porta dupla, e ele manteve as portas abertas enquanto a beijava uma vez, duas vezes. E uma terceira. Ao final se afastou e enquanto as portas gêmeas se fechavam, segurou seu telefone no alto, assinalou-o com o dedo e logo assinalou a ela.

O fato de que ia telefonar para ela fez com que a despedida fosse muito mais fácil. E adorava a idéia de ter escolhido para ele o traje negro, a camisa branca engomada e a gravata vermelho sangue que estava vestindo.

Assim, sim, deveria estar mais que contente. Especialmente devido ao seu apuro financeiro ter sido minimizado com o empréstimo do «Primeiro Banco e Companhia Fiduciária Rehvenge».

Mas Ehlena estava endemoniadamente nervosa.

Deteve-se no corredor dos sucos, em frente a uma ordenada fileira de Ocean Spray Aram tudo-o-que-você-possa-querer em sucos, e olhou por cima de seu ombro. A sua esquerda havia mais sucos e à sua direita barras de granolas dispostas ordenadamente e biscoitinhos. Mais à frente, estavam as caixas, a maioria das quais estavam fechadas e

depois disso, as janelas de vidros escuros da loja.

Alguém a estava seguindo.

Desde que tinha retornado ao apartamento de cobertura de Rehv para vestir-se, fechar o lugar e desmaterializar-se do terraço.

Quatro garrafas de suco CranRas foram parar no carrinho, logo se dirigiu ao corredor dos cereais e depois cruzou até as toalhas de papel e o papel higiênico. Na seção de carnes, escolheu um frango pronto que parecia embalsamado em vez de assado, mas a essa altura, as únicas coisas que precisava eram algumas das proteínas que lhe faltavam para esquentar a si mesma. Logo foi procurar um bife para seu pai. Leite. Manteiga. Ovos.

A única desvantagem de sair depois de meia-noite era que todas as U-Scans⁹⁶ estavam fechadas, assim teve que esperar detrás de um homem que tinha o carro cheio de comidas congeladas Hungry-Man. Enquanto a caixa passava os bifes Salisbury pelo scanner, Ehlena olhava fixamente através do vidro dianteiro da loja perguntando-se se estaria tornando-se louca.

—Sabe como cozinhar estes? —perguntou o homem enquanto segurava no alto uma das caixas magras.

Evidentemente, tinha interpretado mal a ansiedade que lhe provocava sua obsessão pensando que tinha algo a ver com ele e estava procurando a alguém que esquentasse sua carne, literalmente. Os olhos do humano ardiam e vagavam por seu corpo, e em tudo o que ela podia pensar era no que Rehvenge poderia fazer ao homem.

Isso a fez sorrir.

—Leia a caixa.

—Você poderia ler pra mim.

Manteve o mesmo volume de voz e adotou um tom aborrecido.

—Sinto muito, acredito que a meu noivo não gostaria.

O humano pareceu um pouco abatido ao encolher-se de ombros e entregar seu jantar congelado à garota que estava detrás da caixa registradora.

Dez minutos depois, Ehlena fazia rodar seu carrinho, atravessava as portas mecânicas e um frio desagradável e acidentado lhe dava as boas vindas, obrigando-a a agasalhar-se na parka. Felizmente, o táxi que tinha tomado para ir à loja estava justo onde se supunha que devia estar, e isso a aliviou.

—Precisa de ajuda? —perguntou o taxista através da janela que acabara de baixar.

—Não, obrigado. —Enquanto colocava as bolsas de plástico no assento traseiro, jogou uma olhada ao seu redor, perguntando-se que demônios faria o condutor se um *lesser* saltasse de detrás de uma caminhonete e jogasse o Bad Santa⁹⁷ com seus traseiros.

⁹⁶ Terminais onde se pode pagar contas sem a intervenção de caixas. Seria um caixa eletrônico.

⁹⁷ Filme de humor negro onde os delinquentes aproveitam o Natal para roubar centros comerciais disfarçados de Papai Noel e seus ajudantes.

Depois de entrar e sentar-se junto a sua compra, o condutor acelerou e Ehlena examinou o beiral da loja e a meia dúzia de carros que estavam estacionados bem perto da entrada. O senhor Hungry-Man estava perdendo tempo com a luz interna de sua caminhonete acesa e iluminando seu rosto enquanto acendia um cigarro.

Nada. Ninguém.

Obrigou-se a recostar-se contra o assento e decidiu que estava louca. Ninguém estava espiando-a. Ninguém estava perseguindo-a...

Ehlena levou a mão à garganta, quando um súbito temor a afligiu. Oh, Deus... E se sofria com a mesma enfermidade que seu pai? E se esta paranóia fosse um de seus primeiros sintomas? E se...?

—Está bem aí atrás? —perguntou o condutor enquanto a olhava pelo espelho retrovisor—. Parece que está tremendo.

—É só porque estou com frio.

—Bem, deixe que lhe mande um pouco de ar quente.

Quando uma rajada quente soprou em seu rosto, ficou a olhar pela janela. Nenhum carro à vista. E os *lessers* não podiam desmaterializar-se, assim... Era esquizofrênica?

Cristo, quase preferia que se tratasse de um assassino.

Ehlena fez que o condutor a deixasse o mais perto possível da parte traseira da casa alugada e lhe deu um pouco mais de gorjeta por ter sido tão amável.

—Esperarei até que entre —disse o moço.

—Obrigado. —E foda, realmente se sentia agradecida.

Com duas bolsas de plástico pendurada em cada uma de suas mãos, caminhou rapidamente para a porta e teve que abaixar sua carga, porque como uma idiota que tinha estado tão ocupada envenenando-se, não tinha tirado as chaves. Justo quando colocava a mão na bolsa para começar a rotina de remexer-e-amaldiçoar, o táxi arrancou.

Levantou a vista a tempo para ver as luzes da traseira dobrar na esquina. Que demon...?

—Olá.

Ehlena ficou gelada. A presença estava justo detrás dela. E sabia perfeitamente bem quem era.

Quando girou bruscamente, viu uma fêmea alta com cabelo negro, muitas túnicas e olhos brilhantes. Ah, sim... Esta devia ser a outra...

—...metade de Rehvenge —a fêmea terminou a frase— Sou sua outra metade. E sinto que o condutor de seu táxi tenha tido que ir tão rápido.

Instintivamente Ehlena cobriu seus pensamentos com uma imagem de um exibidor de Hannaford: um pôster de um metro e meio de altura por noventa centímetros de largura de latas vermelhas de batatas Pringles.

A fêmea franziu o cenho como se não tivesse idéia do que era o que estava vendo na casca cerebral que estava tratando de invadir, mas logo sorriu.

—Não tem nada a temer de mim. Só pensei que poderia compartilhar algumas coisas com você, referentes ao macho que acaba de foder em seu apartamento de cobertura.

E isso jogava por terra a utilização de aperitivos como fachada para cobrir seus pensamentos; não era suficiente. Para manter a calma, Ehlena necessitava de todo seu treinamento profissional. Esta situação era como um caso de emergências, disse a si mesma. O corpo de um vampiro ensangüentado acabava de passar junto a ela em uma maca, e tinha que deixar de lado todos seus temores e todas suas emoções para lutar com a situação.

—Escutou o que disse? —perguntou a fêmea arrastando as palavras. Ehlena nunca antes tinha ouvido essa forma de falar, onde os “s” se estendiam até formar vaias— Observei você através do vidro, justo até o momento em que ele se retirou antes de culminar. Quer saber por que fez isso?

Ehlena manteve a boca fechada e começou a perguntar-se como poderia chegar até o spray de pimenta que tinha no moedeiro. Embora, de certa forma não acreditava que isso fosse surtir algum efeito...

Santa merda, eram... escorpiões vivos o que tinha nos lóbulos?

—Ele não é como você. —A fêmea sorriu com maligna satisfação—. E não só porque é um senhor da droga. Tampouco é um vampiro. —Quando Ehlena crispou as sobrancelhas, a fêmea riu—. Não sabia nenhuma das duas coisas?

Evidentemente nem seus Pringles nem todo seu treinamento estavam conseguindo fazer um bom trabalho.

—Não acredito em você.

—ZeroSum. No centro. É o dono. Conhece o lugar? Provavelmente não, já que não parece do tipo que socorre ali... e sem dúvida essa é a razão pela qual gosta de fodê-la. Deixe que te conte o que vende. Mulheres humanas. Drogas de todo tipo. E sabe por quê? Porque é como eu e não como você. —A fêmea se aproximou, e seus olhos brilharam intensamente— E sabe o que sou eu?

Uma flamejante cadela, pensou Ehlena.

—Sou uma *symphath*, pequenina. Isso é o que ele e eu somos. E ele é meu.

Ehlena começou a perguntar-se se morreria essa noite, ali na entrada dos fundos com quatro bolsas de comestíveis a seus pés. Embora não seria por causa de que esta fêmea mentirosa fosse verdadeiramente uma *symphath*... seria devido a que qualquer um que estivesse o suficientemente louco para sugerir semelhante coisa, indubitavelmente também seria capaz de matar.

A fêmea continuou com sua voz estridente.

—Quer conhecê-lo realmente? Vá a esse clube e o procure ali. Faça com que ele te diga a verdade e inteira-se do que deixou entrar em seu corpo, pequenina. E lembra isto, ele é inteiramente meu, sexualmente, emocionalmente, tudo o que ele é, é meu.

Com um dedo de três nódulos acariciou a bochecha de Ehlena, e logo assim, sem

mais, a fêmea desapareceu.

Ehlén ficou tremendo de tal forma que durante um momento ficou como uma pedra, o tremor era tão profundo dentro de seus músculos que a imobilizou. O que a salvou foi o frio. Quando uma rajada gelada circulou pela calçada, empurrou-a para frente, mas conseguiu sustentar-se antes de tropeçar com seus comestíveis.

A chave da casa, quando finalmente a encontrou, não entrou na fechadura melhor do que o tinha feito a que tinha tentado usar naquela ambulância. Saltou... saltou... saltou...

Ao fim.

Girou a chave e abriu a fechadura, e virtualmente atirou as bolsas no interior da casa antes de fechar a porta de um golpe e trancar tudo conscienciosamente, incluindo os ferrolhos internos e a cadeia de segurança.

Avançou com suas pernas frouxas e se sentou à mesa da cozinha. Quando seu pai elevou a voz inquirindo pelo motivo de tanto ruído, disse-lhe que era o vento e rezou para que não subisse para vê-la.

No silêncio que sobreveio, Ehlén não sentiu nenhuma presença na parte exterior da casa, mas a noção de que alguém assim soubesse a relação que ela tinha com Rehv e sua direção... OH, Deus, essa fêmea demente os tinha estado observando.

Levantando-se abruptamente, apressou-se a ir para a pia da cozinha e fez correr a água se por acaso fosse o caso de que lhe dessem náuseas. Esperando que seu estômago se assentasse, uniu as palmas, capturou um pouco de água nelas, e bebeu alguns goles antes de lavar o rosto.

O beber e enxaguar o rosto esclareceu um pouco sua mente.

As denúncias que aquela fêmea tinha feito eram absoluta e extravagantemente descabidas, muito longe do reino da realidade... e a julgar pelo brilho de seus olhos, era evidente que tinha interesses criados.

Rehv não era nenhuma dessas coisas. Senhor da droga. Symphath. Alcoviteira. Vamos!

Estava muito claro que não podia acreditar em nada do que disse a ex-namorada de seu macho, que, além disso, era do tipo perseguidora, nem sequer sabia qual era sua cor favorita. Especialmente quando Rehv tinha deixado claro desde o começo quando não estavam juntos e nem tinham intimidade, que a garota era problemática. E com razão não tinha querido falar disso. Ninguém queria admitir ante a pessoa com a qual estava começando uma relação, que em sua vida havia uma perseguidora de seu passado do tipo psicopata «ferve-coelhinhos»-e-eu-não-vou ser-ignorada-Dan⁹⁸.

O que devia fazer agora? Bom isso era óbvio. Ela contaria a Rehv. Não de uma forma em que evidenciasse estar em pânico de que o drama continuasse, mas sim como: Escuta

⁹⁸ Faz referência a uma cena do filme *Atração Fatal*, onde Glenn Close fica obcecada pelo personagem de Michael Douglas quando ele termina a relação.

aconteceu isto, e realmente deveria saber que essa pessoa é muito instável.

Ehlena ficou satisfeita com esse plano.

Até que tentou tirar o telefone de sua bolsa e se deu conta que ainda estava tremendo. A resposta de sua mente podia ser lógica, suas deduções podiam ser perfeitamente racionais, mas sua adrenalina disparou enlouquecida, e não estava em nada interessada em todo o bom senso que estava tratando de repartir-se a si mesma.

Onde estava? Ah... sim. Rehvenge. Ligar para Rehvenge.

Enquanto marcava seu número, começou a relaxar um pouco. iAm solucionar isso.

Sentiu-se momentaneamente surpreendida quando escutou seu correio de voz, mas logo recordou que tinha uma reunião para assistir. Esteve a ponto de desligar, mas não gostava de andar pelos ramos, e não havia razão para esperar.

—Olá Rehv, acabo de ter uma visita daquela... fêmea. Disse muitos disparates a seu respeito. Eu só... bom, pensei que deveria saber. Para ser honesta, é horripilante. De todos os modos, talvez possa me ligar para falar disso? Realmente te agradeceria isso. Adeus.

Cortou a comunicação e ficou olhando o telefone, rezando para que lhe devolvesse a chamada logo.

Wrath tinha feito uma promessa a Beth e a manteve. Apesar de que estava lhe matando.

Quando ele e seus Irmãos finalmente saíram de Sal, foi direto para casa, junto com seus novecentos quilos de guarda pessoal. Estava nervoso e com fome de murros, aborrecido e zangado, mas havia dito a sua *shellan* que não sairia ao campo de batalha depois do pequeno episódio da cegueira, e não o faria.

A confiança era algo que tinha que construir e considerando o buraco que tinha aberto a marteladas nos alicerces de sua relação, ia levar muito trabalho voltar a sentar as bases.

Além disso, se não podia brigar, havia algo que sim podia fazer para aplacar os nervos.

Quando a Irmandade entrou no vestíbulo, o som de suas botas reverberou, e Beth saiu disparada da sala de bilhar como se tivesse estado esperando justamente isso. Com um salto, estava em seus braços antes que ele pudesse sequer piscar, e se sentia bem.

Depois de um rápido abraço, afastou-se e se manteve a distância de um braço para poder examiná-lo.

—Está bem? O que aconteceu? Quem foi? Como...?

Os Irmãos começaram a falar todos ao mesmo tempo, embora não a respeito da reunião que não tinha tido lugar. Todos estavam falando do território de caça que ocupariam durante as três horas que restavam para andar pelas ruas.

—Vamos ao estúdio —disse Wrath por cima do barulho— Não posso ouvir nem meus

próprios pensamentos.

Enquanto ele e Beth subiam as escadas, gritou a seus irmãos:

—Obrigado por cobrirem minhas costas mais uma vez.

O grupo se deteve e se voltou para enfrentá-lo. Depois de um instante de silêncio, formaram um semicírculo ao pé da escada, e todos formaram um punho com a mão que empunhava a arma. Com um grande whoomp! como grito de guerra, agacharam-se apoiando-se sobre seu joelho direito e golpearam o chão de mosaico com seus duros nódulos. O som como o de um trovão, tambores e a explosão de uma bomba, ricocheteou e se expandiu, enchendo todos os cômodos da mansão.

Wrath olhou para eles, vendo as cabeças inclinadas, as amplas costas dobradas e os poderosos braços cravados. Todos tinham ido a essa reunião preparados para receber uma bala em seu nome, e isso sempre seria assim.

Por trás da figura menor de Tohr, estava Lassiter, o anjo caído, com sua espinha dorsal erguida, mas sem fazer brincadeiras ante esta reafirmação de fidelidade. Em vez disso, estava olhando fixamente o maldito teto outra vez. Wrath olhou para cima, ao mural com silhuetas de guerreiros que se destacavam sobre um céu azul e não pôde distinguir muito as imagens que haviam dito que havia ali.

Voltando para o seu, disse na Antiga Língua:

—Um Rei não poderia pedir mais fortes aliados, nem maiores amigos, nem melhores e mais honoráveis guerreiros que estes que se reuniram a mim, meus irmãos, meu sangue.

Um ondulante grunhido de assentimento se elevou quando os guerreiros ficaram de pé novamente e Wrath saudou com a cabeça a cada um deles. Não tinha palavras para oferecer já que sua garganta se fechou de improviso, mas não pareceram precisar de nada mais. Olharam-no fixamente com respeito, reconhecimento e determinação, e ele aceitou sua enorme oferenda com solene apreciação e firmeza. Este era um pacto antiqüíssimo entre o soberano e seus súditos, um compromisso de ambas as partes que se fazia do fundo do coração e que se levava a cabo com uma mente aguda e um corpo forte.

—Deus, amo vocês meninos —disse Beth.

Houve muitas risadas profundas e logo Hollywood disse:

—Quer que voltemos a apunhalar o chão para você? Os punhos são para os Reis, mas às Rainhas tocam as adagas.

—Não quero que tirem lascas deste bonito chão. Mas obrigada de todos os modos.

—Só tem que dizê-lo e o convertemos em entulhos.

Beth riu.

—Se acalme, coração mio⁹⁹.

Os Irmãos se aproximaram e beijaram o Rubi Taciturno que levava no dedo, e quando cada um se inclinava a lhe fazer as honras, acariciava-lhe gentilmente o cabelo. Salvo

⁹⁹ No original: Be still, my heart – título de uma música de Silje Nergaard

Zsadist, que lhe sorriu com ternura.

—Nos desculpem, meninos —disse Wrath — Precisamos de um momento de tranquilidade, me entendem?

Houve uma quebra de onda de aprovação machista, que Beth aceitou com calma e um rubor e logo chegou a hora de ter um pouco de privacidade.

Quando Wrath começou a subir as escadas com sua *shellan* sentia como se as coisas estivessem voltando para a normalidade. Bem, sim, havia complôs de assassinato, dramas políticos e *lessers* por todos os lados, mas isso formava parte de seu trabalho habitual. E nesse momento tinha a seus irmãos unidos, a sua amada companheira em seus braços e às pessoas e aos *doggens* pelos quais sentia algo tão a salvo como era possível.

Beth apoiou a cabeça em seus peitorais e a mão em sua cintura.

—Realmente estou contente de que todo mundo esteja bem.

—Que gracioso, estava pensando exatamente o mesmo.

Guiou-a até o estúdio e fechou ambas as portas, a calidez do fogo era um bálsamo... e uma incitação. Quando ela caminhou para o escritório abarrotado de papéis, ele seguiu com o olhar o balanço de seus quadris.

Com um giro de pulso os encerrou dentro.

Enquanto se aproximava, Beth estendeu a mão para tratar de ordenar um pouco os documentos.

—Então que ocur...?

Wrath pressionou os quadris contra seu traseiro e sussurrou:

—Preciso estar dentro de você.

Sua *shellan* ofegou e deixou cair a cabeça para trás sobre seu ombro.

—OH, Deus... sim...

Grunhindo deslizou uma mão ao redor de seu torso para seu peito, e quando ela conteve o fôlego, ele apoiou e fez roçar seu pênis contra ela.

—Não quero fazê-lo devagar.

—Eu tampouco.

—Incline-se sobre a escrivaninha.

Observar como se inclinava e arqueava as costas quase lhe arranca uma maldição e quando separou os pés escapou dele um fodeeeeeeeer.

Que era exatamente o que ia fazer.

Wrath apagou o abajur do escritório para que só ficassem iluminados pela luz oscilante e dourada do fogo, e percorreu seus quadris com mãos que estavam rudes pela expectativa. Agachando-se detrás dela, percorreu-lhe a coluna vertebral com as presas e fez com que apoiasse todo seu peso em um só pé para poder tirar seu sapato de salto alto e a perna de suas calças Seven. Entretanto estava muito impaciente para fazer o mesmo do outro lado... especialmente quando olhou para cima e viu as deliciosas calcinhas negras.

Bem. Mudança de planos.

A penetração ia ter que esperar.

Ao menos a que faria com seu pênis.

Permanecendo agachado, tirou as armas com cuidado e rapidez, e se assegurou de que as pistolas estivessem travadas e que as adagas estavam em suas capas. Se a porta não estivesse fechada com chave, as teria guardado no armário das armas que tinha uma fechadura de segurança, sem importar quão excitado estivesse com sua *shellan*. Com Nalla nos arredores, ninguém corria o risco de que a filha de Z e Bella encontrasse algum tipo de arma. Jamais.

Quando ficou desarmado, tirou os óculos envoltivos e os jogou sobre a escrivaninha, logo deslizou as mãos para cima pela parte traseira das coxas suaves de sua companheira. Separando-lhe amplamente, arqueou-se para cima e se colocou entre suas pernas, levantando a boca por volta do algodão que cobria o centro que penetraria muito em breve.

Pressionou a boca contra ela, sentindo o calor através do que tinha vestido, seu aroma o enlouquecia, seu membro golpeava com tanta força o interior de suas calças de couro, que não podia estar seguro de se acabava de ter um orgasmo ou não. Acariciá-la e lambê-la através das calcinhas não era suficiente... então tomou o algodão entre seus dentes e o esfregou contra seu sexo, sabendo condenadamente bem que a costura lateral estava massageando o local exato que ele morria por sugar.

Quando ela voltou a pôr as palmas contra a escrivaninha, se ouviu um thump–thump assim como também o ranger de papéis que voavam para o chão.

—Wrath...

—O que? —murmurou contra ela, acariciando-a com o nariz—.Você não gosta?

—Cale-se e volte para a ação...

Silenciou-a ao deslizar a língua por debaixo das calcinhas... e também se obrigou a ir mais devagar. Estava tão escorregadia, molhada, suave e desejosa, que apenas se pôde evitar atirá-la sobre o tapete para penetrá-la profunda e sem piedade.

E então ambos perderiam as bondades da expectativa.

Afastando a um lado a parte de algodão com a mão, beijou a pele rosada, logo afundou nela, encontrando que estava bem preparada para ele, e sabia pelo mel que estava engolindo ao arrastar a língua para cima em uma longa e lenta carícia.

Mas não era suficiente, e ter que segurar as calcinhas para um lado o distraía.

Com suas presas, furou-as, logo as rasgou exatamente pela metade, deixando que as duas metades ficassem pendurando de seus quadris. Subiu as palmas das mãos até seu traseiro e apertou com força deixando de brincar e começando a acariciar seriamente a sua fêmea com a boca. Sabia o que mais gostava, sabia exatamente como devia chupá-la, lambê-la e penetrá-la com a língua.

Fechando os olhos, captou tudo, o aroma, o sabor, e a sensação que ela produzia ao tremer contra ele quando chegava ao clímax e se desintegrava. Por trás da braguilha de

suas calças de couro, seu pênis estava demandando atenção a gritos, o roce dos botões não era absolutamente suficiente para satisfazer o que estava exigindo, mas à merda com ela. Sua ereção ia ter que esperar um pouco, porque isto era muito bom para deter-se tão logo.

Quando os joelhos de Beth vacilaram, baixou-a ao chão e estendeu uma de suas pernas para cima, mantendo o ritmo enquanto empurrava seu pulôver de lã até o pescoço e colocava a mão debaixo do sutiã. Quando teve outro orgasmo, ela se agarrou nas pernas da escrivaninha, e puxou com força, firmando seu pé livre sobre o tapete. O empenho que ele colocava em suas carícias colocava a ambos cada vez mais debaixo do lugar onde levava a cabo seus deveres reais até que se viu obrigado a esconder-se para poder passar os ombros.

Finalmente a cabeça dela saiu pelo outro lado e terminou agarrando-se e arrastando a cadeira de bicha em que ele se sentava.

Quando voltou a gritar seu nome, ele subiu por seu corpo e olhou com fúria a estúpida cadeira afeminada.

—Preciso de algo mais sério sobre o qual me sentar.

Foi a última coisa coerente que disse. Seu corpo encontrou a entrada do dela com uma facilidade que evidenciava toda a prática que tinham tido... OH, sim, seguia sendo tão bom como na primeira vez. Envolvendo-a com seus braços, montou-a com dureza, e a acompanhou até que a tormenta que percorria seu corpo, concentrou-se em seus testículos fazendo-os arder. Juntos, ele e sua *shellan* se moviam em uníssono, dando, recebendo e acelerando o ritmo mais e mais até que ele gozou e continuou movendo-se, até que voltou a gozar e continuou movendo-se até que algo golpeou seu rosto.

Ao encontrar-se em um estado completamente animal, desferiu-lhe um golpe com suas presas.

Eram as cortinas.

Enquanto a fodia, as tinha arrumado para abrir caminho de debaixo da escrivaninha, passando junto à cadeira até chegar à parede.

Beth estalou em gargalhadas e ele também, e logo abraçaram um ao outro. Deixando-se cair de lado, Wrath sustentou a sua companheira contra seu peito, e ajeitou bem seu pulôver de pescoço para que não tivesse frio.

—Então, o que ocorreu na reunião? —perguntou ela finalmente.

—Nenhum integrante do Conselho se apresentou. —Duvidou, perguntando-se onde riscar a linha com respeito a Rehv.

—Nem sequer Rehv?

—Ele estava ali, mas os outros não apareceram. É evidente que o Conselho tem medo de mim, o que não está mau. —Abruptamente, tomou as mãos—. Escuta, ah, Beth...

Em sua resposta se filtrava a tensão.

—Sim?

—Quer que seja honesto, verdade?

—Verdade.

—Sim, aconteceu algo. É referente a Rehvenge... a sua vida... mas não me sinto a vontade te contando os detalhes porque é assunto dele. Não meu.

Ela exalou.

—Se não incluir você nem à Irmandade...

—O faz somente porque nos põe em uma situação difícil. —E Beth estaria na mesma posição incômoda se tivesse toda a informação. O assunto era, que proteger a identidade de um conhecido *symphath*, era só a metade do problema. A última vez que o tinha comprovado, Bella não tinha nem idéia do que era seu irmão. Assim Beth também teria que ocultar o segredo a sua amiga.

Sua *shellan* franziu o cenho.

—Se perguntar como exatamente apresentaria um problema para vocês, vou saber do que se trata, não é?

Wrath assentiu e esperou.

Ela acariciou sua mandíbula.

—E me diria isso, certo?

—Sim. —Não gostaria, mas o faria. Sem duvidar.

—Ok... não vou perguntar. —elevou-se para beijá-lo— E me alegra que tenha me dado a opção.

—Vê, pode me treinar. —Segurou-lhe o rosto e pressionou sua boca contra a dela algumas vezes, sentindo o sorriso que elevava seus lábios pela forma como a percepção da carícia mudou.

—Falando de treinamento, você gostaria de comer alguma coisa? —perguntou-lhe.

—Oh, como te amo.

—Irei buscar.

—Acredito que será melhor que se limpe primeiro. —tirou a camiseta negra e cuidadosamente a subiu pela parte interna de suas coxas para seu centro.

—Está fazendo algo mais que me limpar —disse ela arrastando as palavras enquanto permitia que as mãos dele a esfregassem entre as coxas.

Ele se impulsionou para cima, fazendo um movimento para montá-la outra vez.

—Pode me culpar? Mmmm...

Ela riu e o deteve.

—Comida. Depois mais sexo.

Ele mordiscou sua boca pensando que ela dava um valor excessivo à comida. Mas nesse momento o estômago de sua *shellan* rugiu, e imediatamente sua única preocupação consistiu em alimentá-la, seu instinto de protegê-la e prover para ela superavam ao sexual.

Pondo a ampla palma sobre seu abdômen chato, disse-lhe:

—Deixa que vá te buscar...

—Não, eu quero servir a você. —Voltou a lhe tocar o rosto— Fique aqui. Não

demorarei muito.

Quando ela ficou de pé, ele rodou sobre suas costas e colocou sua bem empregada, mas ainda muito rígida ereção dentro das calças de couro.

Beth se agachou para levantar seu jeans, lhe oferecendo um impressionante panorama que fez com que se perguntasse se seria capaz de esperar cinco minutos antes de voltar a penetrá-la.

—Sabe o que quero? —murmurou enquanto colocava os Seven em seu lugar.

—Como acaba de fazer amor com seu *hellren*, tem vontade de praticar um pouco mais do velho e querido empurra-e-roça?

Deus, amava fazê-la rir.

—Bom, sim —disse— Mas quanto a comida... quero guisado caseiro.

—Já está preparado? —Por favor, que pareça...

—Há sobras de carne de... Olhe a expressão de seu rosto!

—Prefiro tê-la menos na cozinha e mais em cima de mim... —Bom, definitivamente, não ia terminar essa oração.

Entretanto, ela não pareceu ter problemas para encher os espaços em branco.

—Hmm, me apressarei.

—Faça isso, *leelan*, e te darei uma sobremesa que fará sua cabeça girar.

Enquanto ela cruzava a habitação lhe mostrou um incrível balanço de quadris, uma dancinha sensual que o deixou grunhindo, deteve-se na porta e o olhou, ficando iluminada pela luz mais brilhante que provinha do corredor.

E incrivelmente, sua imprecisa visão lhe deu o mais delicioso presente de despedida: com o brilho pôde ver seu cabelo comprido e escuro caindo sobre seus ombros, seu rosto ruborizado e seu corpo alto e cheio de curvas.

—É muito bonita —disse em voz baixa.

Beth definitivamente resplandeceu, o aroma da alegria e a felicidade se intensificou até que tudo o que pôde cheirar foi a fragrância das rosas de floração noturna que era o perfume natural dela.

Beth levou a ponta dos dedos aos lábios com os quais ele se extasiou e lhe soprou um lento e suave beijo.

—Voltarei em seguida.

—E a verei então. —Embora considerando quão excitado estava, era provável que ambos passassem um pouco mais de tempo—sob—a—escrivaninha.

Depois que ela se foi, permaneceu deitado um momento mais, e seus agudos ouvidos ouviram como descia pela escada principal. Logo se obrigou a levantar-se, e pôs a cadeira afeminada em seu lugar, e se sentou atrás da escrivaninha. Estendeu a mão e tomou seus óculos envoltivos para que seus olhos não tivessem que suportar a tênue luz do fogo e deixou cair a cabeça para trás...

O golpe na porta fez com que suas têmporas pulsassem pela frustração. Homem, não

podia ter nem dois segundos de paz, verdade?... E a julgar pelo aroma de tabaco turco, já sabia quem era.

—Entra, V.

Quando o Irmão entrou, o aroma de tabaco se mesclou com a sutil fumaça do fogo que ardia no outro lado da sala.

—Temos um problema —disse Vishous.

Wrath fechou os olhos e esfregou a ponta do nariz, desejando ardentemente que sua dor de cabeça não estivesse instalando-se para toda a noite, como se seu cérebro fosse um Travelodge¹⁰⁰.

—Diga-me.

—Alguém nos mandou um e-mail a respeito de Rehvenge. Deu-nos vinte e quatro horas para que o enviássemos à colônia *symphath* ou do contrário revelarão sua identidade ante a glymera e deixarão bem claro que você e todos nós sabíamos o que era e apesar disso, não tomamos medidas.

Wrath abriu os olhos de repente.

—Que merda?

—Já estou investigando a direção do e-mail. Se a busca através do IP tiver êxito, serei capaz de acessar à conta e me inteirar a quem pertence.

—Merda... e até aqui chega a teoria de que esse documento não foi lido por ninguém mais. —Wrath engoliu com força, a pressão em sua cabeça o fazia sentir náusea— Olhe, telefone para Rehv, e informe-o a respeito do que nos enviaram. Veja o que diz ele. A glymera está desagregada e assustada, mas se esse tipo de merda chega a seus ouvidos, não teremos mais remédio que fazer algo a respeito... do contrário poderíamos ter um motim em nossas mãos e não só por parte da aristocracia, mas também intervirão os civis.

—Entendido. Voltarei a informá-lo.

—Faça isso rápido.

—Está bem, né?

—Sim. Vá telefonar para Rehv. Maldito seja.

Uma vez que a porta se fechou novamente, Wrath gemeu. A tênue luz do fogo piorava a agonia de suas têmporas, mas não estava disposto a apagar as chamas: a escuridão total não era uma opção, não depois da chamada de atenção dessa tarde quando a meia-noite era tudo o que tinha.

Fechando as pálpebras, tentou superar a dor. Um pequeno descanso. Isso era tudo o que precisava.

Só um pequeno descanso.

¹⁰⁰ Rede de hotéis

Quando Xhex retornou ao ZeroSum, entrou pela porta dos fundos da seção VIP e manteve as mãos nos bolsos. Graças a seu lado vampiro, não deixava rastros digitais, mas umas mãos ensangüentadas seguiam sendo umas mãos ensangüentadas.

E também em suas calças tinha a merda de Grady.

Mas esse era o motivo, pelo qual inclusive nestes tempos modernos, o clube seguia tendo uma antiquada caldeira de lenha no porão.

Não avisou a ninguém de que tinha chegado, simplesmente se deslizou dentro do escritório de Rehv e o atravessou em direção ao dormitório que havia no outro lado. Felizmente, havia tempo de sobra para trocar-se e banhar-se, porque o DPC ia levar um bom momento encontrar Grady. A ordem que tinha dado a Da Cruz tinha sido partir pelo resto da noite... Embora com um homem como ele, existia a possibilidade de que sua consciência pudesse superar o pensamento que ela tinha implantado. Ainda assim, tinha como mínimo um par de horas.

Quando esteve no apartamento de Rehv, fechou a porta com chave e foi diretamente à ducha. Depois de abrir a água quente, desarmou-se e pôs toda sua roupa e as botas em um tobogã que levava diretamente até a caldeira.

Que o homem de Maytag¹⁰¹ fosse à merda. Este era o tipo de limpeza que as pessoas como ela precisava.

Colocou sua longa folha sob a água com ela e lavou seu corpo e a faca com igual cuidado. Ainda usava os cilícios, o sabão lhe picava onde as bandagens com brocas de metal se afundavam na pele de suas coxas, e esperou que a dor decaísse antes de soltar um e depois o outro...

A úmida agonia foi tão grande que intumescceu suas pernas e disparou até seu peito, provocando que seu coração palpitasse com força. Enquanto uma exalação escapava de sua boca, recostou-se contra o mármore, compreendendo que era muito provável que desmaiasse.

De algum modo se manteve consciente.

Observando como florescia o vermelho ao redor do deságüe que havia sob seus pés, pensou no cadáver de Chrissy. Nesse necrotério humano, o sangue da mulher tinha sido negro e marrom sob sua carne salpicada de cinza. A de Grady tinha sido da cor do vinho, mas seguro como a merda que em algumas horas ia ter o mesmo aspecto que a garota que tinha matado... Morto sobre uma mesa de aço inoxidável com o que uma vez tinha tamborilado através de suas veias endurecendo-se como o concreto.

¹⁰¹ Personagem de uma propaganda que representa um técnico de lavadoras e outros eletrodomésticos da casa Maytag.

Fazia bem seu trabalho.

As lágrimas chegaram de nenhuma parte e de todas, e as desprezou.

Envergonhada de sua fraqueza e apesar de estar sozinha, Xhex cobriu o rosto com as mãos.

Alguém tinha tentado vingar sua morte uma vez.

Mas ela não tinha estado morta... só tinha desejado enquanto trabalhavam seu corpo com todo tipo de «instrumentos». E toda a galante atuação de herói—sobre—um—corcel—branco não tinha ido bem a seu vingador. Murhder havia se tornado louco. Pensou que estava resgatando uma vampira, mas, surpresa! Em realidade estava arriscando sua vida para levar para casa uma *sympath*.

Ops. Suponho que se esqueceu de contar a seu amante essa pequena parte.

Desejou ter o revelado ela mesma. Considerando o que era, ele tinha todo direito, e talvez se o tivesse sabido, ainda estaria na Irmandade. Talvez emparelhado com uma agradável fêmea. Definitivamente não teria perdido a prudência nem teria saído correndo a Deus sabe onde.

A vingança era um assunto perigoso, não? No caso de Chrissy, estava bem. Tudo tinha saído bem. Mas algumas vezes o que tratava de honrar não era digno do esforço.

Xhex não o era e o preço não tinha sido só a mente de Murhder. Rehv ainda estava pagando por seus enganos.

Pensou em John Matthew e desejou com todas suas forças não ter fodido com ele. Murhder tinha sido algo casual para ela. John Matthew? A julgar pela dor que sentia no centro de seu peito cada vez que pensava nele, suspeitava que era muito mais que isso... Razão pela qual estava tentando fechar sua mente ao que tinha ocorrido entre eles lá em seu porão.

O problema estava na forma como John Matthew a tinha tratado. A ternura que tinha demonstrado ameaçava parti-la pela metade, suas emoções tinham sido suaves, gentis, respeitosas... amorosas... Apesar de saber o que ela era. Viu-se obrigada a afastá-lo com dureza porque enquanto ele não acabasse com essa merda, Xhex corria o risco de pressionar seus lábios contra os dele e perder-se completamente.

John Matthew era o poço de sua alma, como chamavam os *sympaths*, ou seu pyrocant, para os vampiros. Sua debilidade essencial.

E era muito fraca quando se tratava dele.

Com uma quebra de onda de dor, visualizou-lhe nesse monitor de segurança com suas mãos sobre o corpo de Gina. Igual às bandagens com brocas de metal que usava, essa imagem a alagava de agonia, e não pôde evitar pensar que merecia o que ia sentir ao observá-lo afogar-se em sexo vazio e despreocupado.

Fechou a ducha, recolheu seus cílios e a faca do lustroso chão de mármore, e saiu, deixando cair todo o metal em um lavabo para que gotejasse até secar-se.

Enquanto usava uma das super luxuosas toalhas negras de Rehv, desejou que fosse...

—Papel de lixa, não? —disse Rehv arrastando as palavras da soleira.

Xhex se deteve com a toalha atravessada nas costas e olhou o espelho. Rehv estava recostado contra o umbral, seu casaco de Marta o fazia parecer um grande urso macho, seu mohawk e seus agudos olhos púrpuras davam testemunho de seu lado guerreiro apesar de toda a roupa metrossexual que usava.

—Como foi esta noite? —perguntou-lhe, pondo um pé no balcão do lavabo e fazendo descer o tecido negro felpudo até o tornozelo.

—Eu poderia te perguntar o mesmo. Que caralho está acontecendo?

—Nada. —Levantou a outra perna—. Então, como foi a reunião?

Rehv manteve o olhar no seu, não porque respeitasse o fato de que estivesse nua, mas sim porque honestamente lhe dava igual. Demônios, teria atuado igual se Trez ou iAm estivessem mostrado o traseiro. Fazia muito tempo que tinha deixado de vê-la como fêmea, apesar de que se alimentavam um do outro.

Talvez fosse isso o que gostasse em John Matthew. Olhava-a, tocava-a e a tratava como se fosse uma fêmea. Como se fosse preciosa.

Não porque não fosse tão forte quanto ele, mas sim porque era única e especial...

Jesus. Livre-a do estrogênio. E em qualquer caso, que tudo ficasse no passado.

—A reunião? —animou-lhe ela.

—Bem. Daquela maneira. Quanto ao Conselho? Não apareceram, mas isto sim. —Rehv tirou um envelope comprido e magro do bolso de seu peito e o lançou sobre a bancada—Logo deixarei você lê-lo. Basta dizer que já faz muito tempo que meu segredo é de conhecimento público. Meu padrasto soltou a língua quando estava a caminho do Fade, e foi um milagre que a merda não salpicasse antes.

—Filho da puta.

—Por certo, isso é uma declaração sob juramento. E não só uns rabiscos a caneta na parte de atrás de um guardanapo. —Rehv sacudiu a cabeça—. Vou ter que entrar nessa casa de Montrag. Ver se há alguma cópia mais por lá.

—Eu posso fazer isso.

Esses olhos ametista se entrecerraram.

—Sem ofender, mas declinarei a oferta. Não tem bom aspecto.

—Isso é só porque faz tempo que não me vê sem roupa. Me dê um pouco de couro e voltará a ver-me como uma mulher dura.

Os olhos do Rehv desceram para as feridas abertas que tinha ao redor das coxas.

—É difícil imaginar que se meteu comigo pelo que estava fazendo com meu braço, considerando o aspecto desses suas feridas agudas.

Ela se cobriu com a toalha.

—Hoje irei à casa de Montrag.

—Por que estava tomando uma ducha?

—Porque estava toda ensangüentada.

O sorriso que se estendeu pela boca de Rehv revelando suas presas foi do tipo «festejemos».

—Encontrou Grady.

—Sim.

—Beeeeem.

—É de esperar que o DPC nos faça uma visita a qualquer momento.

—Estou desejando isso.

Xhex secou os cílios e a faca, logo passou junto a Rehv e foi por volta dos setenta centímetros quadrados do armário dele que lhe pertenciam. Tirando um par de calças de couro limpas e uma camiseta negra sem mangas, olhou sobre seu ombro.

—Importaria-se de me dar um pouco de privacidade.

—Colocará essas malditas coisas outra vez?

—Como vai sua provisão de dopamina?

Rehv riu silenciosamente e se dirigiu para a porta.

—Eu me ocuparei de averiguar a casa de Montrag. Ultimamente tem feito suficiente trabalho sujo para outras pessoas.

—Posso me ocupar.

—Isso não quer dizer que deva fazê-lo. —Colocou a mão no bolso e tirou seu celular—Caralho, esqueci de religar esta maldita coisa.

Quando a tela se iluminou, desceu o olhar e suas emoções... flutuaram.

Suas emoções realmente tinham flutuado.

Talvez se devesse ao fato de que não tinha recolocado os cílios, e seu lado *sympath* não demorava muito em aflorar, mas não pôde evitar concentrar-se seriamente nele, a debilidade que este desdobrou a fez sentir curiosidade.

Entretanto o que notou, não foi tanto seu ralo emocional... a não ser o fato de que seu aroma era diferente.

—Alimentou-se de alguém —lhe disse.

Rehv ficou congelado, delatando-se pela imobilidade desse grande corpo dele.

—Nem sequer tente mentir —murmurou ela—. Posso cheirá-lo.

Rehv encolheu de ombros, e ela se preparou para todo um lote de não—é—nada. Até abriu a boca, e seu rosto assumiu a expressão aborrecida que utilizava para distanciar-se das pessoas.

Exceto não disse nada. Não parecia capaz de soltar a argumentação.

—Uau. —Xhex sacudiu a cabeça— É algo sério, não é?

Evidentemente ignorar a pergunta era o melhor que ele podia fazer.

—Quando estiver preparada, reuniremo-nos com Trez e iAm e nos poremos ao dia antes de fechar.

Rehv girou sobre seus mocassins e voltou a sair para o escritório.

Curioso, pensou para si mesmo, enquanto recolhia uma das bandas de aço e se

preparava para colocá-la ao redor de sua coxa, nunca tinha esperado vê-lo assim. Jamais.

Fazia-a se perguntar quem seria ela. E quanto sabia a fêmea a respeito dele.

Rehv foi a seu escritório e se sentou, com o telefone na mão. Ehlena tinha telefonado e deixado uma mensagem, mas em vez de esbanjar o tempo escutando-o, procurou sua informação de contato Y...

A chamada que entrava foi a única que lhe pôde dissuadir de terminar de marcar. Respondeu e disse:

—Com que Irmão falo?

—Vishous.

—O que acontece, homem?

—Nada bom, verdade?

O tom seco da voz do homem fez que Rehv pensasse em acidentes de trânsito. Dos graves que requeriam o gato hidráulico para liberar corpos.

—Fala.

O Irmão falou e falou e falou. E-mail. Coberta revelada. Deportação.

Nesse momento deve ter suscitado um longo intervalo de silêncio, porque Rehv ouviu seu nome.

—Está aí? Rehvenge? Hei, homem?

—Sim, estou aqui. —Mais ou menos. O rugido que embotava sua mente o distraía um pouco, soava como se o edifício onde se encontrava estivesse caindo a seu redor.

—Ouvindo minha pergunta?

—Ah... Não. —O rugido se tornou tão estrepitoso, que teve a segurança de que o clube tinha sido bombardeado e as paredes estavam se desmoronando e o teto estava vindo abaixo.

—Tentei rastrear o e-mail e estou quase seguro de que provém de uma direção IP do norte do estado perto da colônia, se é que não está dentro mesmo dela. Realmente não acredito que isto provenha de um vampiro absolutamente. Sabe de alguém lá em cima que possa tentar divulgar sua identidade?

Assim à princesa já não interessava jogar aos chantagistas.

—Não.

Agora foi a vez de V ficar calado.

—Está seguro?

—Sim.

A princesa tinha decidido lhe convocar a casa. E se não ia, estava claro que enviaria e-mails a toda a glymera e além de revelar o segredo de Rehv, implicaria Wrath e à Irmandade. Isto unido à declaração jurada que tinha aparecido essa noite?

A vida tal e como a conhecia tinha acabado.

Não é que a Irmandade precisasse inteirar-se disso.

—Rehv?

Com voz inerte, respondeu:

—É só uma consequência desagradável da merda de Montrag. Não se preocupe por isso.

—Que demônios aconteceu?

A voz aguda de Xhex da porta do dormitório o ajudou a concentrar-se, e a olhou. Ao encontrar seu olhar, seu corpo forte e seus perspicazes olhos cinza lhe pareceram tão familiares como seu próprio reflexo, e o mesmo acontecia com ela... Assim pela expressão de seu rosto ela soube o que estava ocorrendo exatamente.

Lentamente a cor abandonou suas bochechas.

—O que aconteceu? O que essa filha-da-puta fez a você?

—Tenho que deixá-lo, V. Obrigado por ligar.

—Rehvenge? —interrompeu o Irmão—. Olhe, amigo, por que não me permite seguir tentando rastrear...?

—É uma perda de tempo. Lá no norte ninguém sabe. Acredite em mim.

Rehv finalizou a chamada, e antes que Xhex pudesse saltar, marcou o botão de voz e pôs a mensagem de Ehlena. De todas as formas, sabia o que ela ia dizer. Sabia exatamente...

—Olá Rehv, acabo de ter uma visita daquela... fêmea. Disse muitos disparates a seu respeito. Eu só... bom, pensei que deveria saber. Para ser honesta, é horripilante. De todos os modos, talvez possa me ligar para falar disso? Realmente te agradeceria isso. Adeus.

Apagou a mensagem, pulsou fim, e deixou o celular sobre a escrivaninha, alinhando-o com o secante negro de couro para que o LG estivesse perfeitamente vertical.

Xhex se aproximou, e enquanto o fazia se produziu uma súbita chamada à porta e alguém entrou.

—Nos dê um minuto, Trez. —Ouvir que dizia ela— Leve Rally com você, e não deixe que ninguém entre aqui.

—Que p...?

—Agora. Por favor.

Rehvenge estava olhando fixamente o telefone, e só foi fracamente consciente de um movimento deslizante e da porta fechando-se.

—Ouve isso? —disse-lhe silenciosamente.

—Ouvir o que? —perguntou Xhex enquanto se aproximava e se ajoelhava junto a sua cadeira.

—Esse som.

—Rehv, o que aconteceu?

Olhou-a nos olhos e em vez de vê-la viu sua mãe em seu leito de morte. Que curioso, ambas as mulheres tinham o mesmo tipo de súplica em seus olhares. E ambas eram pessoas às quais queria proteger. Ehlena estava nessa lista. Assim como sua irmã. Assim

como Wrath e a Irmandade.

Rehvenge estendeu o braço para frente e embalou o queixo de sua segunda no comando.

—Só são coisas da Irmandade, e estou realmente cansado.

—E uma merda coisa da Irmandade e uma merda está cansado.

—Posso te perguntar algo?

—O que?

—Se pedisse a você que se ocupe de uma fêmea por mim, se asseguraria de que o fizesse?

—Sim, porra, sim. Jesus, faz mais de vinte anos que estou desejando matar essa cadela.

Ele deixou cair a mão e logo estendeu a palma.

—Por sua honra, jure.

Xhex estreitou sua mão como o faria um homem, não foi unicamente um toque a não ser uma promessa.

—Tem minha palavra. O que queira.

—Obrigado. Escuta, Xhex, vou deitar-me...

—Mas primeiro tem que me dar uma pista do que está acontecendo.

—Você fecha?

Ela se sentou sobre os tornozelos.

—O que. Caralho. Está. Acontecendo?

—Só era Vishous com outro buraco na estrada.

—Merda, Wrath está tendo problemas com a glymera?

—Enquanto houver uma glymera, vai ter problemas.

Ela franziu o cenho.

—Por que está pensando na porra de um anúncio dos anos oitenta?

—Porque os medalhões de homem estão voltando a ficar na moda. Posso senti-lo. E deixa de tentar afundar em mim.

Houve um comprido silêncio.

—Vou atribuir isto à morte de sua mãe.

—Excelente plano. —Firmou sua bengala contra o chão— Agora, vou dormir um pouco. Tenho levantado como dois dias seguidos.

—Bem. Mas na próxima vez, tenta me bloquear com algo menos aterrador que Deney Terrio¹⁰² nas Bahamas.

Quando ficou sozinho, Rehv olhou a seu redor. O escritório tinha visto muita ação: montões de dinheiro trocando de mãos. Montões de droga fazendo o mesmo. Vários sabichões que haviam tratado de fodê-lo, sangrando.

¹⁰² Ator dos anos 80.

Através da porta aberta do seu dormitório olhou o apartamento onde tinha passado grande quantidade de noites. Mal chegava a ver a ducha.

Tempo atrás quando ainda era capaz de tolerar o veneno da princesa, quando era capaz de ir a ela, ocupar-se do assunto e conservar a suficiente força para trazer seu próprio traseiro para casa, sempre se banhava nesse banheiro. Não tinha querido poluir o lar familiar com o que tinha sobre sua pele, e tinha necessitado abundância de sabão, água quente e esfregar com força antes de poder voltar a ver sua mãe e a sua irmã. Era irônico mas quando chegava a sua casa, sua mãe invariavelmente lhe perguntava se tinha estado no ginásio, porque tinha «um brilho saudável na cara».

Nunca havia se sentido o bastante limpo. Mas bom, os atos desagradáveis não eram como a sujeira... não podia fazê-los desaparecer se lavando.

Deixou que sua cabeça caísse para trás e em sua mente percorreu o ZeroSum, visualizando a sala de corte do Rally, a seção VIP, a cascata que servia como parede, a pista de baile aberta e as barras. Conhecia cada centímetro do clube e tudo o que ocorria nele, do que faziam as garotas quando ficavam de joelhos e de costas, até como trabalhavam os corredores de apostas com suas probabilidades e a quantidade de overdose de droga com as quais Xhex tinha lutado.

Tantos negócios sujos.

Pensou em Ehlena que tinha perdido seu trabalho por lhe conseguir uns antibióticos que ele tinha sido muito imbecil para ir procurá-los na clínica de Havers. Vê, isso era uma boa ação. E sabia não só porque o tinha ensinado a si mesmo aprendendo-o ao freqüentar às pessoas de sua mãe, mas sim porque sabia que tipo de pessoa era Ehlena. Era realmente bondosa, e conseqüentemente fazia boas ações.

O que ele tinha estado fazendo aqui não era e nunca tinha sido bom, por ser ele quem era.

Rehv pensou no clube. A questão era que os lugares de sua vida, como a roupa que vestia, o carro que conduzia e os amigos e sócios que tinha, eram o produto de sua forma de vida. E ele vivia de forma escura, violenta e sórdida. E também ia morrer desse modo.

Merecia o destino que estava reservado a ele.

Mas de caminho à saída, ia fazer as coisas direito. Por uma vez em sua vida, ia fazer o correto pelas razões corretas.

E ia fazer pela breve lista de pessoas às quais... amava.

Capítulo 52

Ao outro lado da cidade, na mansão da Irmandade, Tohr estava na sala de bilhar, com o traseiro sobre uma cadeira que tinha arrastado e posto em ângulo para poder ver a porta

do vestíbulo. Em sua mão direita sustentava um relógio negro, novo modelo do Timex, Indiglo, ao qual estava ajustando a hora e a data, e à altura de seu cotovelo esquerdo tinha um copo comprido com uma vitamina de sorvete de café. Quase tinha acabado com o relógio e só tinha consumido um quarto da vitamina.

Seu estômago não estava digerindo bem toda a quantidade de alimento que lhe estava dando, mas lhe importava um nada. Precisava ganhar peso rapidamente, assim sua tripa ia ter que ajustar-se ao programa.

Com um assobio final, o relógio esteve ajustado, o pôs no pulso e na superfície assinalava um resplandecente 4:57 a.m.

Voltou a olhar para a porta do vestíbulo. Que se foda o relógio e a comida. O que realmente estava fazendo era esperar que John atravessasse a maldita porta com o Quinn e Blay.

Queria a seu menino seguro em casa. Embora John já não fosse um menino, e não tivesse sido dele desde que o deixou na mão um ano atrás.

—Sabe, não posso acreditar que não esteja olhando isto.

A voz de Lassiter fez que recolhesse o copo e tomasse um gole pelo canudinho para não lhe lançar outro fecha-a-boca-perdedor ao bode. O anjo adorava a televisão, mas sofria de um grave caso do TDA. Sempre estava trocando de canal. Só Deus sabia o que estava olhando agora.

—Quero dizer, é uma mulher, indo sozinha pelo mundo. Ela é genial e usa boa roupa. É realmente um bom programa.

Tohr olhou por cima do ombro. O anjo estava escancarado no sofá, com o controle na mão e a cabeça apoiada em uma almofada bordada que Marissa tinha feito e que dizia, Presas Para As Lembranças. E mais à frente, na tela plana, havia...

Tohr quase se afogou com a vitamina.

—Que demônios está fazendo? Essa é Mary Tyler Moore, golpe forte.

—Assim se chama?

—Sim. E não te ofenda, não deveria te excitar tanto com esse programa.

—Por quê?

—É como que estar a um passo de ver um filme do canal Lifetime¹⁰³. Já que está, bem poderia pintar as unhas dos pés.

—Como é. Eu gosto.

O anjo não parecia encaixar o fato de que ver a MTM¹⁰⁴ no Nick at Nite no canal infantil do Nickelodeon não era como ver AMC¹⁰⁵ no canal para homens Spike. Se qualquer dos Irmãos visse isto, ao Lassiter iriam dar uma boa surra no traseiro.

¹⁰³ Canal de televisão a cabo que oferece filmes para o público feminino.

¹⁰⁴ MTM Mary Tyler Moore

¹⁰⁵ AMC Artes Marciais Combinadas (original MMA Mixed Martial Arts) No Brasil chama-se Vale Tudo.

—Hey, Rhage —gritou Tohr para o sala de jantar.

— Venha ver o que esta lâmpada de lava tem no tubo.

Hollywood entrou levando na mão um prato com uma montanha de purê de batatas e rosbife. Geralmente, em sua maior parte não acreditava nas verduras, considerava-as «uma perda de espaço calórico», assim que os feijões verdes que havia na primeira refeição estavam ostensivamente ausentes do prato reaquecido.

—Que está olhando... OH, ouça! Mary Tyler Moore. Adoro-a. —Rhage estacionou o traseiro em um dos sofás junto ao anjo.

— Bom traje.

Lassiter lhe disparou um olhar de “viu”.—disse em direção ao Tohr.

—E Rhoda é bastante sexy.

Golpearam-se os nódulos entre si.

—Totalmente de acordo.

Tohr voltou para sua vitamina.

—Vocês dois são uma vergonha para o sexo masculino.

—Por quê? Por que não somos fãs do Godzilla? —respondeu Rhage.

—Ao menos eu posso manter a cabeça alta em público. Vocês dois deveriam estar olhando essa merda escondidas em um armário.

—Não sinto a necessidade de ocultar minhas preferências. —Rhage arqueou as sobrancelhas, cruzou as pernas, e estendeu o mindinho da mão com a que sustentava o garfo.

— Sou o que sou.

—Por favor, não me tente com essa classe de oportunidade —murmurou Tohr, ocultando um sorriso ao morder seu canudinho outra vez.

Quando tudo ficou em silêncio, jogou-lhes uma olhada, preparado para seguir...

Rhage e Lassiter estavam lhe olhando fixamente, com uma precavida aprovação em seus rostos.

—OH, que caralho, não me olhem assim.

Rhage foi o primeiro em recuperar-se.

—Não o posso evitar. Estas tão sexy com essas calças folgadas no traseiro. Tenho que conseguir um par, porque nada fala tanto de «sensualidade» como usar algo que parecem dois saco de lixo costurados entre si sobre sua raquete e suas Pelotas.

Lassiter assentiu.

—Totalmente merdafantástico. Escreve minha Pelotas por um par desses.

—Conseguiu essa merda no Home Depot? —Rhage inclinou a cabeça a um lado.

— Na seção de extração de lixo?

Antes que Tohr pudesse contra-atacar, Lassiter interveio.

—Homem, só espero poder conseguir o aspecto de ter uma boa carga em meus boxers como você. Treinaram-lhe para isso? Ou é só um caso de falta de traseiro?

Tohr não pôde evitar rir.

—Estou rodeado de traseiros—quebrados. Acredite-me.

—O qual explicaria por que se sente tão seguro ao sair sem um.

Rhage contribuiu:

—Agora que penso nisso, em realidade tem a mesma constituição que Mary Tyler Moore. Assim não me surpreende que você não goste.

Tohr tomou um deliberado gole da vitamina.

—Vou ganhar um pouco de peso só para lhes jogar isso na cara.

O sorriso do Rhage permaneceu em seu lugar, mas seus olhos ficaram sérios.

—Estou ansioso por ver isso, realmente quero ver isso.

Tohr voltou a centrar-se na porta do vestíbulo, encerrando-se em si mesmo e lhe pondo ponto final às brincadeiras porque de repente já não lhe caíam tão bem.

Lassiter e Rhage não seguiram seu exemplo. O par era uma combinação de fodidas fofoqueiras do inferno, e faziam comentários sarcásticos um do outro, a respeito do que estava na televisão, pelo que Rhage estava comendo e de se o anjo estava perfurado e...

Tohr teria ido se pudesse observar a porta principal de qualquer outra parte...

O sistema de segurança emitiu um assobio quando a porta exterior da mansão se abriu. Houve uma pausa seguida de outro assobio e do som de um gongo.

Enquanto Fritz corria para responder ao chamado, Tohr se incorporou, sentando-se mais reto, o qual foi patético, dado o estado de seu corpo. O tamanho de seu torso não ia melhorar magicamente o fato de que pesasse pouco mais que a cadeira em que seu inexistente traseiro estava estacionado.

Quinn foi o primeiro a entrar em passos largos, o menino vestido de negro, e os piercings de bronze que lhe percorriam a orelha e lhe marcavam o lábio inferior, refletiram a luz. Blaylock foi o seguinte, vestido como todo um Senhor Universitário com seu pulôver de caxemira de pescoço alto e suas calças de vestir. Enquanto o par se dirigia às escadas, podia-se ver que as expressões de ambos eram tão diferentes como seus trajes. Quinn evidentemente tinha tido uma muito boa noite, a julgar pelo sorriso de me—deitei—com—alguém que se via em sua boca. Blay, por outro lado, parecia que tinha estado no dentista, a expressão de sua boca era turva, e tinha os olhos fixos no chão de mosaico.

Possivelmente John não retornasse. Mas, onde ficaria...?

Quando John entrou no vestíbulo, Tohr não pôde evitá-lo: levantou-se de seu assento, sujeitando-se ao alto respaldo da cadeira quando cambaleou.

O rosto do John estava absolutamente inexpressivo. Estava despenteado, mas não pelo vento e a um lado de seu pescoço havia uma série de arranhões, do tipo feito pelas unhas de uma fêmea. Dele se desprendia um aroma que era uma mescla de Jack Daniels, múltiplos perfumes e sexo.

Parecia cem anos mais velho que há umas poucas noites, quando tinha estado sentado ao lado da cama do Tohr fazendo do Pensador. Este não era um menino. Era um

macho adulto desafogando do modo eficazmente comprovado em que a maioria dos tipos o faziam.

Tohr voltou a afundar-se na cadeira, esperando ser ignorado, mas quando John chegou ao primeiro degrau, pôs sua bota nele e girou a cabeça como se soubesse que alguém lhe estava observando. Sua expressão não trocou absolutamente quando se encontrou com o olhar fixo do Tohr. Só levantou a mão com pouca convicção e seguiu seu caminho.

—Preocupava-me que decidisse não voltar para o lar —disse Tohr em voz alta.

Qhuinn e Blay se detiveram. Rhage e Lassiter se calaram. As vozes da Mary e Rhoda encheram o vazio.

John apenas se deteve para gesticular:

Isto não é um lar. É uma casa. E necessito um lugar para ficar.

John não esperou resposta, e a disposição de seus ombros sugeria que não estava interessado em obter uma. Era evidente que Tohr poderia falar até que a língua desgastasse e se convertesse em um cotó a respeito de como a gente que aqui vivia se preocupava com o John, mas nada seria registrado.

Quando os três desapareceram escada acima, Tohr terminou sua vitamina, levou o copo comprido à cozinha, e o meteu na máquina de lavar pratos, sem um *doggen* que lhe perguntasse se queria algo mais para comer ou beber. Não obstante, Beth estava revolvendo uma panela de guisado e tinha o aspecto de querer lhe deslizar uma tigela, assim não se atrasou ali.

A viagem até o primeiro andar foi longa e dura, mas não porque se sentisse fraco fisicamente. Fazia um bom trabalho fodendo ao John, e agora estava colhendo toda a indiferença que tinha semeado. Maldita seja...

O estrépito e o grito que atravessaram as portas fechadas do estudo soaram como se alguém tivesse sido atacado, e o corpo do Tohr, embora frágil, respondeu por instinto, golpeando a porta com força e abrindo-a.

Wrath estava agachado atrás do escritório, com os braços estendidos frente a ele, o computador, o telefone e os papéis estavam dispersos como se os tivesse empurrado, sua cadeira estava de lado. Na mão, tinha os óculos envolventes que o Rei sempre levava postas e seus olhos olhavam fixamente à frente.

—Meu senhor...

—Estão acesas as luzes? —Wrath respirava com dificuldade.

— Estão as fodidas luzes acesas?.

Tohr correu e agarrou um dos braços do Rei.

—No corredor, sim. E está o fogo. O que...

O poderoso corpo do Wrath começou a sacudir-se tanto que Tohr teve que levantar o irmão. O qual requeria mais músculo de que tinha. Merda, se não conseguia ajuda os dois iam cair. Fechando a boca sobre os incisivos, deu um forte e comprido assobio e logo voltou

para o trabalho de tratar de não soltar a seu rei.

Rhage e Lassiter foram os primeiros a chegar correndo e irromperam abruptamente na habitação.

—Que demônios...?

—Acendam as luzes —gritou Wrath outra vez.

— Que alguém acenda as malditas luzes!

Enquanto Lash permanecia sentado frente ao balcão de granito da cozinha vazia da casa de pedra avermelhada, sua disposição melhorou muito. Não era que tivesse esquecido que a Irmandade levou as gavetas de armas e as jarras dos assassinos. Nem que os apartamentos Hunterbred tivessem sido comprometidos. Nem que Grady tivesse escapado. Nem que um *symphath* lhe estivesse esperando no norte, e que sem dúvida nenhuma estava irritado porque Lash ainda não tinha ido assassinar a alguém.

Era só que o dinheiro em efetivo lhe distraía. E um montão de dinheiro distraía muito.

Observou enquanto o senhor D trazia outra bolsa de papel do Hannaford. Saíram mais maços de notas, cada um assegurado por um elástico marrom. Quando o *lesser* terminou, não ficava muito granito livre.

Tremenda maneira de lhe acalmar, pensou Lash ao elevar o olhar quando o senhor D terminou de conduzir as bolsas.

—Quanto há em total?

—Setenta e dois mil, setecentos e quarenta. Fiz maços de cem dólares.

Lash tomou um dos maços. Esta não era a moeda pulcra que vinha dos bancos. Este era dinheiro sujo e enrugado, tirado de bolsos de jeans, de carteiras virtualmente vazias e de casacos manchados. Virtualmente podia cheirar o desespero que emanava dos bilhetes.

—Quanto produto fica?

—Suficiente para outras duas noites como esta, mas não mais. E só ficam dois distribuidores mais. Sem contar ao grande.

—Não se preocupe pelo Rehvenge. Encarregarei-me dele. Enquanto isso, não mate aos outros varejistas... leve-os para um centro de persuasão. Necessitamos seus contatos. Quero saber onde e como compram. —É obvio existia a possibilidade de que fizessem transações com o Rehvenge, mas possivelmente havia outra pessoa. Um humano que fora mais maleável—. O primeiro que fará esta manhã, é ir conseguir-nos um cofre para pôr isto aí dentro. Este dinheiro é o começo e não vamos perdê-lo.

—Sim, senhor.

—Quem vendeu a merda contigo?

—O senhor N e o senhor I.

Genial. Os fodidos atrasados que tinham deixado escapar ao Grady. Não obstante, desempenharam-se bem nas ruas e Grady tinha encontrado um final criativo e penoso. Além disso Lash tinha tido oportunidade de ver Xhex em ação. Assim nem tudo estava

perdido.

Definitivamente ia ao ZeroSum de visita.

E quanto a N e I, lhes matar era mais do que mereciam, mas neste momento necessitava a esses imbecis para fazer dinheiro.

—Ao anoitecer, quero a esses dois *lessers* passando produto.

—Pensava que queria...

—Antes que nada, você não pensa. E segundo, necessitamos mais destes. —Jogou as sujas notas de volta entre outros maços.

— Tenho planos que custam dinheiro.

—Sim, senhor.

De improviso ao considerar as coisas, Lash se inclinou para frente e recolheu o maço que tinha atirado. A merda era difícil de soltar, embora tudo fosse dele, e em certa forma, e inesperadamente a guerra parecia menos interessante.

Agachando-se, agarrou uma das bolsas de papel e a encheu.

—Respeito ao Lexus.

—Sim, senhor.

—Cuide dele. —Colocou a mão no bolso e atirou ao senhor D as chaves da coisa.

— É seu novo meio de transporte. Se for ser meu homem na rua, tem que aparentar que sabe o que está fazendo.

—Sim, senhor!

Lash pôs os olhos em branco, pensando o pouco que custava para motivar ao estúpido.

—Não fodas nada enquanto estou fora, entendeu?

—Aonde vai?

—A Manhattan. Poderá me encontrar no celular. Até logo.

Capítulo 53

Ao amanhecer de um dia frio e com nuvens que salpicavam o céu azul leitoso, José Da Cruz conduziu através das portas do Cemitério Pine Grove e serpenteou entre filas e filas de lápides mortuárias. Os caminhos e curvas estreitas lhe recordaram a Life, esse velho jogo de mesa ao que jogava com seu irmão quando eram meninos. Cada jogador tinha um carrinho com seis buraquinhos e começava com uma cavilha que lhe representava. Enquanto se desenvolvia o jogo, movia-te pelo caminho, recolhendo mais cavilhas que representavam uma mulher e meninos. O objetivo era adquirir pessoas, dinheiro e oportunidades para cobrir os buracos de seu carro, para encher esses vazios com os que começava.

Olhou a seu redor, pensando que no jogo chamado A Vida Real, terminava cobrindo

um buraco na terra com sua mesma pessoa. Dificilmente o tipo de coisa que queria que seus filhos aprendessem de uma caixa.

Quando chegou à tumba de Chrissy, estacionou o carro no mesmo lugar onde tinha estado a noite anterior, até aproximadamente a uma da manhã. Mais adiante, havia três carros de polícia do DPC, quatro uniformizados com calças, e uma fita amarela rodeando a cena do crime estirado entre uma e outra lápide formando um estreito quadrado.

Levou-se o café com ele embora no melhor dos casos estaria morno, e enquanto se aproximava, através do círculo que formavam as pernas de seus colegas viu as reveste de um par de botas.

Um dos policiais olhou por cima do ombro, e a expressão no rosto do tipo pôs sobre aviso ao José a respeito da condição do corpo: se lhe oferecia ao uniformizado uma bolsa para o enjôo, enfraqueceria a maldita coisa.

—Olá... Detetive.

—Como está, Charlie?

—Estou... bem.

Sim, seguro.

—Isso parece.

Os outros tipos deram uma olhada e assentiram, cada um deles luzia uma expressão idêntica de tenho-as-Pelotas-contr-o-intestino.

Por outro lado, o fotógrafo atribuído à cena do crime, era uma mulher conhecida por ter problemas. Quando se agachou e começou a disparar, luzia um pequeno sorriso no rosto, como se desfrutasse da vista. E possivelmente iria deslizar uma das fotos em sua carteira.

Grady tinha mordido o pó com força. Literalmente.

—Quem lhe encontrou? —perguntou José, agachando-se para examinar o corpo. Cortes limpos. Um montão. Era o trabalho de um profissional.

—O encarregado do terreno —disse um dos policiais.

— Faz uma hora mais ou menos.

—Onde está esse tipo agora? —José ficou de pé e se apartou a um lado para que a pollasógina¹⁰⁶ pudesse seguir com seu trabalho.

— Quereria falar com ele.

—Retornou ao barraco pra tomar um café. Necessitava-o. Estava muito emocionado.

—Bem, isso posso compreendê-lo. A maior parte dos corpos por aqui não estão em cima das tumbas.

Os quatro uniformizados lhe olharam como dizendo: Sim, e tampouco estão nestas condições.

¹⁰⁶ No original *cock-sogynis* jogando com a palavra Misógino (que odeia as mulheres), mas que neste caso odeia os homens (cock = bolas)

—Acabei com o corpo —disse a fotógrafa enquanto punha a tampa na lente.

— E já tomei uns disparos do material que havia na neve.

José rodeou a cena com cuidado para não perturbar os diversos rastros nem as bandeirinhas numeradas, nem o atalho que tinha sido feito no chão. O que tinha acontecido estava claro. Grady tinha tentado fugir de quem quer que o tivesse apressado e falhou. Pelos gotejamentos de sangue, tinha sido ferido, provavelmente o suficiente para incapacitá-lo, e logo o tinham transportado até a tumba de Chrissy, onde tinha sido desmembrado e morto.

José voltou onde estava o corpo e jogou uma olhada à lápide, advertindo uma franja marrom que corria da parte superior para baixo pela parte dianteira. Sangue seco. E estava disposto a apostar que tinha sido posto ali de propósito e quando ainda estava morna: parte da substância tinha gotejado metendo-se dentro das letras gravadas que soletravam CHRISTIANNE Andrews.

—Captou isto? —perguntou.

A fotógrafa lhe olhou com fúria. Logo destampou, disparou e tampou.

—Obrigado —lhe disse.

— Te chamaremos se necessitarmos algo mais.

Ou se encontrassem a algum outro tipo talhado deste modo.

Ela voltou a baixar a vista para Grady.

—Será um prazer.

Isso é óbvio, pensou ele, tomando um gole de seu café e fazendo uma careta. Velho. Frio. Desagradável. E não só a fotógrafa. Homem, o café da delegacia de polícia era definitivamente do pior, e se não tivesse estado em uma cena de crime, teria se desfeito da sujeira e esmagado o copo de plástico.

José passeou a vista pela cena. Árvores onde ocultar-se. Nenhuma luz mais que a da estrada. As portas fechadas durante a noite.

Se só ficou um pouco mais... poderia ter detido ao assassino antes que castrasse ao Grady, desse-lhe ao filho da puta sua última comida e desfrutasse indubitavelmente vendo morrer.

—Maldição.

Uma caminhonete cinza com o escudo do condado na porta do condutor se aproximou e se deteve, saiu um tipo com uma pequena bolsa negra e se aproximou trotando.

—Lamento chegar tarde.

—Não há problema, Roberts. —José apertou a mão do médico forense.

— Quando puder, nós gostaríamos de ter o tempo estimado da morte.

—Certo, mas só será estimado. Possivelmente com uma margem de engano de quatro horas?

—O que for que possa nos dizer será ótimo.

Enquanto o tipo se sentava sobre suas pernas e começava a trabalhar, José voltou a passear a vista pelo lugar, logo voltou a fazê-lo outra vez e ficou olhando fixamente os rastros. Três pegadas diferentes, uma das quais se ajustaria às do Grady. Das outras duas terei que tirar moldes e seriam investigadas pelos detetives do esquadrão científico, que deviam estar chegando a qualquer momento.

Dentre as duas desconhecidas, havia um par que era menor que as outras.

E estava disposto a apostar sua casa, seu carro e os recursos universitários de suas duas filhas a que resultariam ser de uma mulher.

No estúdio da mansão da Irmandade, Wrath estava sentado muito erguido em sua cadeira, agarrando-se nos braços da mesma com força mortal. Beth estava na habitação com ele, e pelo aroma que desprendia podia dizer que estava aterrorizada. Havia outras pessoas também. Falando. Passeando.

Não podia ver nada exceto escuridão.

—Vem Havers —anunciou Tohr das portas duplas. Sua voz sossegou a habitação como se fosse o botão de tirar som, cortando todas as vozes e todos os sons de movimento.

— Neste preciso momento a Dra. Jane está falando por telefone com ele. Trarão-lhe em uma das ambulâncias com cristais polarizados, porque será mais rápido que se Fritz for pega-lo.

Wrath tinha insistido em esperar um par de horas antes de chamar sequer a Dra. Jane. Tinha esperanças de que sua visão retornasse. Ainda seguia conservando as esperanças.

Mas bem rezava.

Beth tinha demonstrado grande integridade, ficando ao seu lado e lhe sustentando a mão enquanto ele lutava contra a escuridão. Mas fazia um momento, desculpou-se. Quando retornou, ele tinha podido cheirar suas lágrimas embora sem dúvida ela as tinha enxugado.

Isso foi o que acionou o disparador para chamar os médicos.

—Quanto tempo? —perguntou Wrath bruscamente.

—Vinte minutos.

Quando reinou o silêncio, Wrath soube que outros Irmãos estavam ao seu redor. Ouviu o Rhage desembulhar outro Toostie Pop. E o roce da pederneira quando V acendeu um cigarro e exalou tabaco turco. Butch estava mastigando chiclete, os suaves ruídos pareciam uma metralhadora, como se seus molares fossem sapatos de claque sobre um chão de parqué. Z estava ali, e tinha a Nalla em seus braços, seu doce e encantador aroma e seus ocasionais gorjeios provinham do rincão mais afastado. Inclusive Phury estava com eles, tinha escolhido passar o dia ali, e estava junto a seu gêmeo e sua sobrinha.

Sabia que estavam todos ali... e entretanto, estava sozinho. Absolutamente sozinho,

absorvido profundamente por seu corpo, aprisionado na cegueira.

Wrath cravou os cotovelos sobre os braços da cadeira para não gritar. Queria ser forte para sua *shellan*, seus irmãos e sua raça. Queria deixar cair um par de piadas, rir disto como se fosse um interlúdio que passaria logo, demonstrar que ainda tinha Pelotas e esse tipo de merda.

Pigarreou. Mas em vez de algo na linha de: o homem entrou no bar com um louro no ombro... o que saiu foi:

— Isto foi o que viu?

As palavras foram guturais, e todos sabiam a quem estavam dirigidas.

A resposta de V foi baixa.

— Não sei do que está falando.

— Lembre. — Wrath estava imerso na escuridão, rodeado por seus irmãos, e ninguém era capaz de lhe alcançar. Era o que Vishous tinha visto.

— É. Uma. Puta. Mentira.

— Está seguro de que quer fazer isto agora? — perguntou V.

— É a visão? — Wrath soltou a cadeira e golpeou o escritório com o punho.

— É esta a fodida visão?

— Sim.

— O médico está em caminho — disse Beth rapidamente, lhe acariciando o ombro com a mão.

— A doutora Jane e Havers falarão. Resolverão isto. Farão-o.

Wrath se girou em direção aonde vinha o som da voz de Beth. Quando estendeu a mão em busca da sua, foi ela quem encontrou sua palma.

Era este o futuro?, pensou. Depender dela para que lhe levasse quando precisasse ir a algum lugar? Que lhe guiasse como a um fodido aleijado?

Mantenha a prudência. Mantenha a prudência. Mantenha a...

Repetiu essas três palavras uma e outra vez até que deixou de sentir-se como se fosse explodir.

Não obstante a ameaça de explosão retornou imediatamente quando ouviu entrar a doutora Jane e ao Havers na habitação. Soube quem eram pelo fato de que novamente todo mundo se deteve em meio do que estava fazendo: não mais fumar, não mais mascar, nenhum envoltório abrindo-se.

Estava tudo em silêncio excetuando as respirações.

E logo se ouviu a voz do médico masculino.

— Meu senhor, posso lhe examinar os olhos?

— Sim.

Houve um som de roupa deslocando-se... Sem dúvida Havers estava tirando o casaco. E logo um suave golpe, como se um peso tivesse sido deixado sobre o escritório. Metal contra metal... a fechadura da maleta do doutor ao ser aberta.

A seguir soou a voz bem modulada do Havers:

—Com sua permissão, procederei a lhe tocar o rosto.

Wrath assentiu, logo, quando se produziu o suave contato, estremeceu-se e por um momento, para ouvir o clique da lanterna-lápis, teve esperança. Por costume, esticou-se, preparando-se para que a luz golpeasse a retina que Havers tivesse elegido examinar em primeiro lugar. Deus, desde que tinha memória, podia recordar ter entreaberto o olho ante a luz, e depois de sua transição, tornou-se muito pior. Quando os anos foram passando...

—Doutor, pode continuar com o exame?

—Eu... meu senhor, terminei. —Houve um clique, presumivelmente Havers apagando a luz.

— Ao menos com esta parte.

Silêncio. Logo a mão da Beth apertou a dele com mais força.

—O que segue? —demandou Wrath.

— O que pode fazer a seguir?

Mais silêncio, que de algum modo fez com que a escuridão fosse ainda mais negra.

Correto. Não havia muitas opções. Embora não sabia por que lhe surpreendia tanto. Vishous... jamais se equivocava.

Capítulo 54

Ao cair da noite, Ehlena triturou as pílulas de seu pai no fundo de um pote, e, quando obteve um pó suficientemente fino e uniforme, foi à geladeira, tirou a suco e serviu. Por uma vez, sentiu-se agradecida pela ordem que seu pai requeria, porque sua mente não estava no que fazia.

Em seu estado atual, podia sentir-se afortunada de saber em que Estado vivia. Nova Iorque, correto?

Checou o relógio. Não tinha muito tempo. Lusie chegaria em vinte minutos, como o carro de Rehv.

O carro de Rehv, não ele.

Fazia aproximadamente uma hora que o tinha chamado e deixado uma mensagem sobre seu ex, em resposta tinha recebido uma mensagem. Não uma ligação. Ele tinha discado diretamente para seu aparelho telefônico, introduzido o número dela, e gravado a mensagem.

O tom de voz tinha sido baixo e sério.

—Ehlena, sinto muito que fosse abordada dessa forma, e me assegurarei de que nunca volte a ocorrer. Se estiver livre, eu gostaria de ver você ao anoitecer. Enviarei meu carro para te pegar às nove a menos que receba sua resposta me dizendo que não pode. —

Pausa. — Sinto tanto.

Sabia a mensagem de cor porque a tinha escutado umas cem vezes. Soava tão distinto. Como se estivesse falando em outro idioma.

Naturalmente não tinha podido dormir durante o dia, e ao final supôs que havia duas formas de interpretá-lo: ou estava horrorizado de que ela tivesse tido que tratar com a fêmea, ou sua reunião realmente tinha resultado uma merda.

Possivelmente era uma combinação de ambas.

Negava-se a acreditar que aquela louca de olhar insano tivesse alguma credibilidade. Infernos, a Ehlena a fêmea recordava muito a seu pai quando estava em um de seus episódios de delírio: ensimesmada, obsessiva, vivendo em uma realidade alternativa. Tinha tido a intenção de fazer mal e tinha calibrado suas palavras em consequência disso.

Não obstante, teria sido bom falar com Rehv. O consolo lhe teria vindo bem, mas ao menos não teria que esperar muito tempo para o ver.

Depois de assegurar-se de que a disposição da cozinha era exatamente a mesma de quando tinha entrado nela, desceu as escadas para o porão e foi ao quarto de seu pai.

Encontrou-o na cama com os olhos fechados e o corpo imóvel.

—Pai? —Ele não se moveu— Pai?

Quando virtualmente atirou o copo sobre a mesa, e o suco salpicou por toda parte.

—Pai!

Aqueles olhos se abriram e bocejou.

—Na verdade, minha filha, como está você?

—Está bem? —Examinou-o embora em sua maior parte estivesse coberto pelo edredom de veludo. Estava pálido e tinha o cabelo como o de um Chihuahua, mas parecia estar respirando naturalmente. — Há algo...?

—O espanhol é algo áspero para o ouvido, não te parece?

Ehlena se deteve.

—Me perdoe. Eu só... Está bem?

—É obvio que sim. Fiquei acordado até altas horas do dia pensando em outro projeto, e por isso demorei mais do que o habitual para me levantar desta cama. Acredito que deixarei que as vozes de minha cabeça perambularem pelas páginas. Acredito que seria benéfico para mim lhes dar outra forma de saída além de através de mim mesmo.

Ehlena permitiu que seus joelhos se afrouxassem e se sentou sobre a cama sem nenhuma elegância.

—Seu suco, pai. Você gostaria de tomá-lo agora?

—Ah, que encantadora. A moça é tão amável de prepará-lo por você.

—Sim, é muito amável. — Ehlena lhe entregou seus remédios e lhe observou beber enquanto seu coração ia acalmando-se.

Ultimamente a vida não tinha sido mais que uma sequência de bangs, pows e cracks ao estilo Batman e ela não tinha parado de ricocheteiar de um lado a outro da página do

gibi até terminar enjoada. Parecia que ia passar um tempo antes de que cada pequena coisa deixasse de adquirir, em sua mente, as proporções de um disparatado drama.

Quando seu pai terminou, beijou-lhe o rosto, disse-lhe que ia sair um momento e levou o copo de volta para cima. Quando Lusie bateu na porta, uns dez minutos mais tarde, a maior parte do cérebro da Ehlena tinha voltado para lugar aonde pertencia. Iria ver Rehv e a desfrutar de sua companhia, logo, quando voltasse para casa, reataria sua busca de trabalho. Tudo ia estar bem.

Enquanto abria a porta, endireitou os ombros com resolução.

—Como está?

—Bem. — Lusie olhou para trás por cima de seu ombro— Sabia que há um Bentley estacionado em sua porta?

As sobrancelhas da Ehlena dispararam para cima e olhou pela porta. Efetivamente havia um flamejante Bentley super brilhante e espetacular estacionado diante de sua casinha de aluguel de merda, parecia tão desconjurado como um diamante na mão de uma vagabunda.

A porta do condutor se abriu e um macho incrivelmente bonito de pele escura se levantou do assento atrás do volante.

—Ehlena?

—Ah...sim.

—Vim te buscar. Sou Trez.

—Eu... Necessito um minuto.

—Tem o tempo que precisar. —Seu sorriso revelou presas e isso a tranqüilizou. Não gostava de estar na companhia de humanos. Não confiava neles.

Mergulhou de volta na casa e pegou o casaco.

—Lusie, poderia continuar vindo? Parece que serei capaz de seguir pagando você.

—É obvio. Faria qualquer coisa por seu pai. —Lusie ruborizou— Quero dizer por vocês dois. Isso quer dizer que encontrou outro trabalho?

—Consegui esticar o dinheiro um pouco mais do que esperava. E odeio que ele fique aqui sozinho.

—Bem, cuidarei dele muito bem.

Ehlena sorriu e desejou abraçar à mulher.

—Sempre o faz. Quanto a esta noite, não estou segura de quanto tempo estarei...

—Fique o tempo que quiser. Ele e eu estaremos bem.

Impulsivamente, Ehlena deu à mulher um rápido abraço.

—Obrigada, obrigada...

Tomando sua bolsa, saiu pela porta antes de terminar ficando em uma situação ridícula, e assim que saiu no frio da noite, o condutor foi para ajudá-la a entrar no Bentley. Vestido com seu casaco de couro negro, parecia mais um capanga que um chofer, mas quando voltou a lhe sorrir, seus escuros olhos cintilaram com um extraordinário brilho

verde.

—Não se preocupe. Farei-a chegar a salvo.

Ehlana acreditou.

—Aonde vamos?

—Ao centro. Ele a está esperando.

Quando lhe abriu a porta, Ehlana se sentiu incomodada, embora soubesse que por sua parte, ele só estava tentando ser educado com uma igual e que não tinha nada a ver com estar servindo-a nem nada assim. Era apenas que, estava desacostumada a receber os cuidados de um macho de valia.

Jesus, o Bentley cheirava bem.

Enquanto Trez dava a volta e se colocava no volante, ela acariciou o fino couro do assento e não recordava haver sentido nada tão luxuoso antes.

E quando o carro saiu do beco e desceu pela rua, mal pôde sentir os buracos que normalmente a deixavam sacolejando na banco dos táxis. Este era um passeio suave. Um passeio caro.

Onde iriam?

Quando uma brisa suave e temperada banhou o assento traseiro, aquela mensagem de voz do Rehv se reproduziu uma e outra vez em sua mente. A dúvida piscava em sua cabeça, como as luzes de freio dos carros que iam diante deles, apagando-se e acendendo-se, pondo freio a seu mantra de «tudo está bem».

A sensação piorou. Não conhecia muito bem o centro, e quando passaram de comprimento pela parte onde estavam as luxuosas torres ficou tensa. Era a parte onde se encontrou com Rehv no Commodore.

Possivelmente a estivesse levando para dançar.

Certo, porque seguro que faria algo assim sem dizer à fêmea que colocasse um vestido.

Quanto mais avançavam pelo Trade Street, mais acariciava o assento que tinha ao lado, embora não o fizesse por sua textura. As coisas se foram pondo cada vez mais sórdidas, a fileira de bons restaurantes e os escritórios do Cadwell Courier Journal deram passo aos salões de tatuagens e bares desses que tinham pinta de ter velhos bêbados em seus tamboretas e sujas terrinas de amendoins em suas barras. Depois vinham os clubes, do tipo ruidoso e chamativo que jamais visitava porque não gostava do ruído, nem as luzes nem das pessoas que havia neles.

Quando o pôster negro sobre do ZeroSum esteve à vista, soube que iriam se deter em frente a ele e o coração desceu até o estômago.

Estranhamente, teve a mesma reação que tinha tido ao ver Stephan no necrotério: Isto não está bem. Isto não pode estar acontecendo. Esta não é a maneira em que se supõe que sejam as coisas.

Entretanto, o Bentley não se deteve diante do clube e por um momento brilhou a

esperança.

Mas naturalmente ela se foi. Entraram no beco que havia mais à frente, detendo-se frente a uma entrada privada.

—É o dono deste clube. —disse ela com voz apagada— Não é verdade?

Trez não deu sinais de ouvir a pergunta, mas não fazia falta. Quando deu a volta e lhe abriu a porta, permaneceu sentada imóvel e rígida na parte de trás do Bentley, olhando fixamente o edifício de tijolos. Inconscientemente, notou que do teto de um dos lados caía fuligem e que a sujeira salpicava as paredes do chão. Estava manchado. Sujo.

Recordou ter permanecido ao pé do Comodore olhando para cima, para todo o cristal e cromo que brilhava devido a quão limpo estava. Essa era a fachada que ele tinha escolhido lhe mostrar.

Esta com a imundície era a que se viu forçado a lhe mostrar.

—Está te esperando. —disse Trez gentilmente.

A porta lateral do clube se abriu de par em par e apareceu outro macho Mouro. Atrás dele, tudo estava em penumbra, mas se ouvia o tamborilar de um baixo.

Realmente, precisava ver isto? Perguntou-se.

Bem, precisava se encontrar com Rehv, isso era certo, assumindo que este desastre fosse na direção que parecia estar tomando. E então caiu na conta. Se tudo fosse verdade, tinha um problema ainda maior. Tinha feito sexo... com um *symphath*.

Tinha deixado que um *symphath* se alimentasse dela.

Ehlena sacudiu a cabeça.

—Não necessito disto. Me leve para cas...

Saiu uma fêmea, uma que tinha a constituição de um macho, e não só por fora. Seus olhos eram gélidos e absolutamente calculadores.

Aproximou-se e se inclinou sobre o carro.

—Nada vai fazer machucar você aqui dentro. Juro-lhe isso.

Como é... o dano já existia, pensou Ehlena. Estava tendo dores no peito parecidos com os que têm com um ataque ao coração.

—Ele esta esperando você. —disse a fêmea.

O que fez que Ehlena descesse do carro foi sua têmpera, e não só porque graças a ele pôde abandonar sua posição sentada para endireitar-se. A questão era, que ela não fugia. Em toda sua vida não tinha fugido de nenhuma situação difícil, e não ia começar agora.

Atravessou a porta e soube com segurança que estava em um lugar ao qual nunca teria decidido ir por conta própria. Tudo estava escuro, a música golpeava em seus ouvidos como se fossem murros, e o aroma de muita pele acalorada lhe dava vontade de tampar o nariz.

A fêmea encabeçava a marcha, e os Mouros flanqueavam Ehlena, seus enormes corpos abriam caminho através de uma selva humana da qual não desejava formar parte. As garçonetes que usavam rodeados uniformes negros serviam variedades intermináveis de

bebidas alcoólicas, e havia mulheres meio nuas esfregando-se contra homens de traje executivo, e cada pessoa junto à qual passava Ehlena em seu caminho tinha a vista fixa em outra parte, como se o que tinham pedido ou quem quer que estivesse frente a eles não pudesse satisfazê-los.

Foi guiada até uma porta negra blindada, que se abriu depois de que Trez falasse por seu relógio de pulso, logo ele ficou de lado... como se esperasse que ela simplesmente entrasse lá, como se não fosse nada mais que a sala de estar de alguém.

Sim... não.

Olhou fixamente a escuridão que havia mais à frente, mas não viu nada salvo um teto negro, paredes negras e um chão negro brilhante.

Mas então Rehvenge entrou em sua linha de visão. Estava exatamente igual a quando o conheceu, um grande macho vestido com um casaco de Marta que tinha um corte de cabelo mohawk, olhos cor de ametista. Entretanto, era, um completo estranho.

Rehvenge olhou fixamente à fêmea que amava e viu em seu rosto pálido e tenso, exatamente a expressão que tinha desejado pôr ali.

Repulsão.

—Vais entrar? —disse-lhe, pois precisava terminar o trabalho.

Ehlena olhou a Xhex:

—É da segurança, não é verdade? —Xhex franziu o cenho, mas assentiu

— Então vêem comigo. Não quero estar a sós com ele.

Quando suas palavras o golpearam, Rehv sentiu que bem poderiam lhe haver talhado a garganta, mas não demonstrou nenhuma reação, Xhex tomou a dianteira e Ehlena a seguiu.

Com a porta fechada, a música se ouvia amortecida, mas o silêncio era estridente como um grito.

Ehlena olhou seu escritório, no qual ele tinha deixado deliberadamente vinte e cinco mil dólares em dinheiro e um pacote de cocaína que estava envolto em celofane.

—Disse-me que era um homem de negócios. —disse ela— Suponho que foi minha culpa assumir que era algo legítimo.

Tudo o que podia fazer era ficar olhando-a fixamente... a voz lhe tinha abandonado e sua respiração superficial não podia sustentar palavras. Quão único que podia fazer, enquanto ela permanecia tensa e zangada ante ele, era memorizá-la, a forma em que levava seu cabelo loiro avermelhado afastado do rosto, seus olhos cor de caramelo, o simples casaco negro que tinha posto e a forma em que deixava as mãos metidas nos bolsos como se não quisesse tocar em nada.

Não desejava recordá-la desta maneira, mas como era a última vez que a veria, não podia evitar enfocar-se em cada detalhe.

Ehlena passeou o olhar pela droga e o dinheiro e logo voltou a fixá-la em seu rosto.

—Assim é verdade? Tudo o que sua ex-noiva disse.

—Ela é minha meio irmã. E sim. Tudo é verdade.

A fêmea que ele amava retrocedeu um passo, o medo fez com que tirasse a mão de seu bolso e a subisse até sua garganta. Sabia exatamente o que estava pensando: ele alimentando-se de sua veia, eles nus e a sós em seu apartamento de cobertura. Estava refazendo suas lembranças, aceitando o fato de que não tinha sido um vampiro o que se alimentou de seu pescoço.

Tinha sido um *symphath*.

—Por que me trouxe aqui? —perguntou-lhe. — Podia haver dito isso por telefone... não, não importa. Agora irei para casa. Não volte a me ligar jamais.

Fez-lhe uma leve reverência e engasgando-se disse:

—Como desejar.

Ela se virou e foi parar na frente da porta.

—Por favor, poderia alguém me abrir a porta para que possa sair deste fodido lugar.

Depois de que Xhex foi para a porta e lhe abriu o caminho para a liberdade, Ehlena saiu virtualmente disparada.

Quando a porta se fechou, Rehv a trancou com a mente e ficou ali de pé, onde lhe tinha deixado.

Destruído. Estava completamente destruído. E não porque estivesse entregando sua alma e seu corpo a uma sádica sociópata que ia desfrutar de cada minuto da tortura que lhe imporia.

Quando sua visão se nublou de vermelho, soube que não era sua parte má aflorando. Nem por acaso. Durante as últimas doze horas, tinha bombeado suficiente dopamina em suas veias para afogar a um cavalo porque do contrário não confiava em si mesmo para deixar partir Ehlena. Tinha necessitado enjaular sua parte má uma última vez... para poder fazer o correto pela razão correta.

Assim, não, este vermelho não ia ser seguido de uma visão unidimensional e seu corpo não recuperaria o sentido do tato.

Rehvenge tirou um dos lenços que sua mãe tinha engomado do interior da jaqueta de seu traje e pressionou o quadrado dobrado debaixo de seus olhos. Estava derramando lágrimas cor vermelha sangue e não eram só por ele e por Ehlena. Fazia menos de quarenta e oito horas que Bella tinha perdido a sua mãe.

E antes de que essa noite chegasse a seu fim perderia a seu irmão.

Tomou um único e grande fôlego, um tão profundo que lhe esticaram as costelas. Logo voltou a guardar o lenço e seguiu com o plano de levar sua vida para a tumba

Uma coisa era certa: A princesa ia pagar. Não pela merda que lhe tinha feito e ia fazer lhe. Não se preocupava por isso.

Não, ela tinha se atrevido a aproximar-se de sua fêmea. Por isso, a mutilaria, inclusive se lhe custasse a vida.

Capítulo 55

—Sentiu-se bem? Ao rechaçá-lo dessa forma?

Ehlena se deteve na saída lateral de clube e olhou por cima do ombro à fêmea que era guarda de segurança.

—Não vou responder a sua pergunta, já que não é nada de sua incumbência.

—Uma merda, esse macho pôs a si mesmo em uma situação de merda por mim, sua mãe e sua irmã. E você se acredita muito boa para ele? Olhe bem. De onde, demônios vem que é tão perfeita?

Ehlena enfrentou à fêmea apesar de que, dada a constituição da guarda de segurança, não poderia ser uma briga justa.

—Nenhuma vez lhe menti... O que parece isso a você como conceito de perfeição? Na realidade, isso não é perfeito, é normal.

—Faz o que deve fazer por uma questão de sobrevivência. Isso é muito normal, não só para sua espécie, mas também para os *sympaths*. Só porque tiveste uma vida fácil...

Ehlena se aproximou até ficar cara a cara.

—Você não me conhece.

—Nem quero.

—O mesmo digo eu. —O «cadela» dessa oração estava implícito no tom.

—Sim, bom, certo. —Trez se interpôs e as separou. —Vamos nos acalmar um pouco e deixar de lado esta briga, ok? Deixa que eu leve para casa... Você, —disse apontando com o dedo à outra fêmea— vá ver se tudo está bem.

A guarda de segurança olhou furiosa para Ehlena.

—Mais fique esperta.

—Por quê? Acaso vai aparecer frente a minha porta? Como queira... comparada com a coisa da outra noite, parecerá uma Barbie.

Tanto Trez como a fêmea ficaram imóveis.

—O que apareceu frente a sua porta? —perguntou o guarda de segurança.

Ehlena dirigiu o olhar para Trez:

—Posso ir a casa agora?

—O que foi? —perguntou-lhe ele.

—Uma boneca kabuki com uma atitude péssima.

Ambos responderam em uníssono:

—Deve se mudar.

—Que boa sugestão. Obrigada. —Ehlena os empurrou para passar entre eles e se dirigiu à porta. Quando mediu o trinco estava, obviamente, fechado, assim que quão único

pôde fazer foi esperar que a deixassem sair. Sim, bom a merda com isso. Mordendo o lábio inferior, aferrou o trinco e atirou dele, preparada para abrir caminho à força.

Felizmente Trez se aproximou e a liberou como se tivesse aberto a gaiola a um pássaro e voou para fora abandonando o clube, saindo ao ar frio, longe do calor, o ruído e o amontoado de desespero que estava afogando-a.

Ou talvez a sufocação proviesse de um coração quebrado.

O que importava?

Esperou frente a outra porta, a que conduzia ao Bentley, desejando não necessitar do carro para voltar para casa mas sabendo que devia passar um bom momento antes de que tivesse se recuperado embora tivesse ido a metade de sua compostura para poder respirar convenientemente, e que teria que passar muito mais tempo antes de que pudesse desmaterializar-se.

Da viagem de volta não recordaria nenhuma das ruas pelas quais passaram, nem as luzes frente às quais se detiveram, nem os carros que havia ao seu redor. Simplesmente permaneceu sentada no assento traseiro do Bentley, absolutamente imóvel, com o rosto voltado para o vidro, sem ver nada enquanto se moviam a toda velocidade.

Symphath. Dormia com sua meio irmã. Cafetão. Traficante de drogas. Assassino, sem dúvida...

Quanto mais se afastavam do centro da cidade mais lhe custava respirar, em vez de ser o contrário. O que a inquietava era que não podia esquecer a imagem de Rehvenge ajoelhado frente a ela, com suas tocas sapatilhas Keds na mão, e uma expressão doce e afetuosa em seus olhos cor ametista, dizendo com essa voz tão adorável, que soava melhor que a música de qualquer violino: Não o entende, Ehlena? Sem importar o que tiver posto... para mim sempre terá diamantes na sola de seus sapatos.

Essas seria uma das duas lembranças que a perseguiriam. Recordaria-o ajoelhado frente a ela, e o poria em contraposição com a imagem que levava agora dele nesse clube, depois de que a verdade ficasse em evidência.

Tinha desejado acreditar no conto de fadas. E o tinha feito. Mas como o pobre e jovem Stephan, a fantasia estava morta, e sua deterioração era horrível, um corpo golpeado e frio que devia envolver com raciocínios e reajustamentos que não teriam aroma de ervas, a não ser de lágrimas.

Fechando os olhos se recostou contra o assento suave como a manteiga.

Finalmente o carro diminuiu a marcha até deter-se e em seguida estendeu a mão para a maçaneta. Trez chegou antes dela e lhe abriu a porta.

—Permite-me dizer algo? —murmurou.

—Claro. —De toda forma não ouviria o que tivesse que lhe dizer. A névoa que a rodeava era muito densa, seu mundo seria igual ao qual seu pai tinha ambicionado: limitaria-se ao que a rodeava... e isso era dor.

—Tem suas razões para ter feito o que fez.

Ehlena levantou a vista para o macho. Parecia tão sério, tão sincero.

—É obvio que as tem. Queria que acreditasse em suas mentiras e logo foi descoberto. Já não havia nada mais o que ocultar.

—Não me referia a isso.

—Teria me contado algo disto se não tivesse sido descoberto?—Silêncio. — Vê, aí está.

—Não sabe tudo a respeito desse assunto.

—Acredita nisso? Talvez seja apenas que ele é menos do que quer acreditar que é. O que parece isso a você?

Virou-se e atravessou uma porta que pôde abrir e voltar a fechar por si mesmo. Deixando cair contra ela, passeou a vista pelo lugar onde tudo tinha o aspecto de puído e lhe era familiar, e desejou poder deixar-se levar e cair.

Não sabia como superar esta situação. Realmente não sabia como fazê-lo.

Depois que o Bentley partiu, Xhex se dirigiu direto ao escritório de Rehv. Quando bateu uma vez e não obteve resposta, digitou o código e abriu a porta.

Rehv estava atrás de sua mesa, teclando no notebook. Ao lado estava seu novo celular, uma sacolinha de plástico que continha pílulas gordas e esbranquiçadas, e um pacote de M&M.

—Sabia que a princesa foi vê-la? —demandou Xhex. Quando não respondeu, soltou uma maldição. —Por que não me disse isso?

Rehv seguiu teclando, o suave som das teclas parecia o bate-papo em voz baixa de uma biblioteca.

—Porque não me pareceu pertinente.

—E um corno não o era. Quase bato na fêmea por...

Os olhos púrpuras se elevaram por cima da tela com um brilho maligno.

—Jamais pense em tocar a Ehlena.

—Como é, Rehv, acaba de chutar seu traseiro sem lugar a dúvidas. Acredita que foi divertido de presenciar?

Apontou-a com o dedo.

—Não é seu assunto. E você nunca, jamais a tocará. Está claro?

Quando seus olhos brilharam em sinal de advertência como se alguém lhe tivesse metido uma lanterna pelo traseiro e tivesse apertado o botão de ascender, pensou: Bom, está bem... evidentemente estava no bordo de um precipício, e se continuava avançando ia cair com tudo sem pára-quedas.

—O que quero dizer é que teria sido agradável saber de antemão que queria que ela o deixasse.

Rehv retornou a teclar.

—Assim que essa foi a chamada que recebeu ontem à noite. —sugeriu— Esse foi o

momento em que se inteirou de que a cadela tinha ido visitar sua noiva.

—Sim.

—Me deveria haver dito isso.

Antes que obtivesse uma resposta, seu aparelho de escuta emitiu um grasnido e logo se ouviu a voz de um de seus gorilas:

—O detetive Da Cruz quer ver você.

Xhex levantou o pulso e falou com transistor.

—Leva-o a meu escritório. Irei em um momento. E tira às garotas da seção VIP.

—O DPC? —murmurou Rehv enquanto seguia teclando.

—Sim.

—Alegra-me que tenha matado o Grady. Não suporto os homens que batem em mulheres.

—Posso fazer alguma outra coisa por você? —perguntou-lhe tensa, sentindo que a excluía de sua vida. Queria ajudar, aliviar e cuidar de Rehv, mas queria fazer essa merda utilizando seu próprio conceito de mimar e cuidar. Que não consistia precisamente em lhe preparar um banho de espuma nem lhe levar um pouco de chocolate quente; ela queria assassinar à princesa.

Rehv voltou a levantar a vista.

—Como viu ontem à noite, vou pedir a você que cuide de alguém.

Xhex teve que ocultar sua decepção. Se fosse pedir que assassinasse à princesa, não teria havido razão para arrastar a sua noiva até aqui, fazer todo um espetáculo a respeito das mentiras que lhe havia dito, e permitir que a fêmea se desfizesse dele como se fosse carne podre de uma semana atrás.

Merda, devia estar relacionado com a noiva. Iria pedir lhe que se assegurasse de que nada ocorresse a Ehlena. E conhecendo Rehv, era provável que também tentasse brindar à fêmea com apoio financeiro... a julgar pelo traje simples da garota a falta de jóias e seu caráter sensato, não parecia provir de uma família enriquecida.

Diversão, diversão, diversão. Conseguir que essa fêmea aceitasse dinheiro do macho ao qual odiava ia ser toda uma festa.

—Como queira. —disse Xhex quando saiu.

Enquanto atravessava o clube rezou para que ninguém lhe esfregasse de maneira equivocada, especialmente agora que tinham uma placa policial na casa.

Quando finalmente chegou a seu escritório refreou sua frustração e abriu a porta, colocando um sorriso tenso no rosto.

—Boa noite, Detetive.

Da Cruz se virou. Na mão tinha uma pequena planta de hera, que não era maior que sua palma.

—Tenho um presente para você.

—Já lhe disse que não sou boa com os seres vivos.

Ele a deixou sobre o escritório.

—Então será melhor que a iniciemos lentamente no assunto.

Ao sentar-se na cadeira, olhou fixamente o frágil ser vivo e sentiu uma labareda de pânico.

—Não acredito...

—Antes que diga que não posso lhe dar de presente nada porque sou um funcionário público, —tirou um recibo do bolso— direi-lhe que custou menos de três dólares. Que é mais barato que um café no Starbucks.

Pôs o pequeno ticket branco junto ao vaso de plástico verde escuro.

Xhex esclareceu a garganta.

—Bom, apesar da sua preocupação por minha decoração de interiores...

—Não tem nada a ver com sua escolha de móveis. —Sorriu e se sentou— Sabe por que estou aqui?

—Encontrou o homem que assassinou Chrissy Andrews?

—Sim, fiz isso. E se desculpa meu Francés¹⁰⁷, estava frente à lápide dela com o pênis cortado e colocado na boca.

—Caralho. Nossa.

—Incomodaria-se de me dizer onde esteve ontem à noite? Ou primeiro prefere conseguir um advogado?

—Por que teria que necessitar de um? Não tenho nada a esconder. Estive aqui toda a noite. Pergunte a meus gorilas.

—Toda a noite.

—Sim.

—Encontrei rastros nas imediações da cena do crime. De botas de combate, pequenas. —Desceu a vista para o pés dela— Parecidas com as que você usa.

—Estive na tumba. É obvio que sim. Estou de luto por uma amiga. —Levantou a sola para que ele pudesse ver, consciente de que tinham um desenho diferente e que não eram do mesmo fabricante que as que tinha usado na noite anterior. Também eram de outro tamanho, com palmilhas em seu interior para que fossem de um tamanho maior do que as que usava realmente.

—Hmm. —depois de inspecioná-las da Cruz se reclinou para trás e uniu as pontas de seus dedos, apoiando os cotovelos nos braços de aço inoxidável da cadeira.

—Posso ser honesto com você?

—Sim.

—Acredito que você o matou.

—Sério?

—Sim. Foi um crime violento, os detalhes indicam que foi cometido como se fosse

¹⁰⁷ Faz uma brincadeira a respeito de sexo oral. Um francês é a excitação do pênis usando a boca.

uma vingança. Sabe, o forense pensa como eu, que Grady estava vivo quando... podemos dizer, ocuparam-se dele. E não foi um trabalho sujo. Foi incapacitado de forma profissional, como se o assassino tivesse sido treinado para matar.

—Este é um bairro duro, e Chrissy tinha um monte de amigos rudes. Qualquer um deles poderia havê-lo feito.

—Em seu funeral havia mais mulheres.

—E você não acredita que uma mulher seja capaz de algo assim? Bastante sexista, Detetive.

—OH, sei que as mulheres são capazes de matar. Me acredite. E... você parece o tipo de mulher que o faria.

—Está me rotulando? Só porque uso roupa de couro negro e trabalho como guarda de segurança em um clube?

—Não. Estive a seu lado quando identificou o corpo de Chrissy. Vi a forma em que a olhava, e isso é o que me faz pensar que você o fez. Tem motivos para uma vingança, e teve a oportunidade, porque qualquer um pode sair inadvertidamente deste lugar pelo lapso de uma hora, fazer o trabalho, e voltar aqui. —ficou de pé, foi para a porta, e se deteve com a mão sobre o trinco - Aconselho que consiga um bom advogado. Vai necessitar de um.

—Está ladrando à árvore equivocada, Detetive.

Ele sacudiu a cabeça lentamente.

—Não acredito. Sabe, a maioria das pessoas com as quais falo, quando há um cadáver no meio, a primeira coisa que me dizem, seja verdade ou não, é que eles não o fizeram. Você não disse nada parecido a isso.

—Talvez não sinta a necessidade de me defender.

—Talvez não sinta remorsos porque Grady era um machão que golpeou a uma jovem até matá-la, e esse crime não cai melhor a você do que cai a qualquer um de nós. —Quando acionou o trinco, os olhos de Cruz tinham uma expressão triste e fatigada— Por que não nos deixou capturá-lo? Teríamos prendido a ele. Posto na prisão. Deveria ter deixado que nos encarregássemos do assunto.

—Obrigada pela planta, detetive.

O tipo assentiu, como se as regras do jogo acabassem de ser estabelecidas e se pusessem de acordo a respeito de qual seria o campo de jogo.

—Consiga esse advogado. Logo.

Quando a porta se fechou, Xhex se deixou cair sobre o respaldo da cadeira e olhou a hera. Pensou que tinha uma preciosa cor de verde. E gostava da forma das folhas, a simetria bicuda agradava a vista, e as pequenas nervuras formavam um bonito desenho.

Definitivamente ia terminar matando a esta pobre e inocente coisinha.

Um golpe a sua porta fez com que levantasse a vista.

—Entre.

Entrou Marie-Tereze, cheirando a Euphoria de Calvin Klein e usando uma calça

folgada e uma camiseta branca. Era óbvio que ainda não tinha começado seu turno.

—Acabo de entrevistar duas garotas.

—Você gostou de alguma delas?

—Alguém esconde algo. Não estou segura do que se trata. A outra está bem, embora a cirurgia feita em seus seios seja bastante incompetente.

—A enviamos ao doutor Malik?

—Acredito que sim. É suficientemente bonita para compilar Benjamins. Quer conhecê-la?

—Sim, mas não neste momento. O que te parece amanhã a noite?

—Trarei-a aqui, só me diga a que horas...

—Posso te perguntar algo?

Marie—Terese assentiu sem duvidá-lo.

—O que quiser.

Durante o silêncio que se seguiu, Xhex teve na ponta da língua a pergunta sobre a pequena sessão de bombeamento que John e Gina tinham tido no banheiro. Mas, o que queria saber? Só tinha sido uma transação de negócios das mais comuns no clube.

—Eu o envie com Gina. —disse Marie—Terese tranqüilamente.

Xhex fixou a vista na mulher.

—A quem?

—John Matthew. Mande-o com ela. Supus que seria mais fácil.

Xhex brincou com o Caldwell Courier Journal que tinha sobre a mesa.

—Não tenho idéia do que está falando.

A expressão de Marie—Terese foi de «sim certo», mas a seu favor terá que dizer que não seguiu por esse caminho.

—A que hora amanhã a noite?

—Hora para que?

—Conhecer a garota nova.

OH, claro.

—Digamos que às dez em ponto.

—Parece-me bem.

Marie—Terese se voltou.

—Ouça, faria-me um favor?

Quando a mulher se virou rapidamente, Xhex sustentou no alto a plantinha de hera.

—Poderia levar isto para sua casa? Eu, não sei... mantê-la com vida.

Marie—Terese olhou a coisa, encolheu os ombros e se aproximou para recolhê-la.

—Eu gosto das verdes.

—Isso significa que esta condenada coisa acaba de ganhar na loteria. Porque eu não gosto.

Rehvenge pressionou CTRL+P em seu notebook e se inclinou para trás para pegar os papéis que cuspia, um a um, sua impressora. Quando a máquina emitiu um último zumbido e um suspiro, deixou a pilha frente a ele, pôs as folhas em ordem, pôs suas iniciais no canto superior direito de cada uma delas e logo assinou três vezes. A mesma assinatura, as mesmas cartas, os mesmos garranchos em itálico.

Não chamou Xhex para que lhe servisse de testemunha. Tampouco pediu a Trez que o fizesse.

Foi iAm que o fez, o Mouro atuou como John Hancock¹⁰⁸ usando o nome que tinha assumido para propósitos humanos nas linhas adequadas para creditar o testamento, as transferências de bens imóveis e o confidente. Depois de fazer isso, assinou uma carta escrita na Antiga Língua com seu verdadeiro nome assim como uma declaração da linha de descendência.

Quando terminaram, Rehv pôs tudo em uma maleta Luis Vuitton negro e o deu a iAm.

—Quero que leve isso daqui a trinta minutos. Leve-a embora nem que tenha de nocauteá-la com um murro. E se assegure de levar seu irmão com você e de que todo o pessoal tenha ido.

iAm não disse nada. Em troca, tirou a faca que levava na parte baixa das costas, fez um talho na palma da mão e a estendeu, seu sangue caiu espesso e azul sobre o teclado do computador. Era tudo quão equilibrado, Rehv necessitava que fosse, absolutamente imperturbável e firme.

E por esse motivo fazia muito tempo que sempre o escolhia para a merda mais difícil.

Quando ficou de pé para estreitar a mão que lhe oferecia, Rehv teve que tragar com força. O apertão de mãos era um voto de sangue, e logo seus corpos se encontraram em um firme e estreito abraço.

iAm disse em voz baixa e na Antiga Língua:

—Conheci-o bem. Amei-o como se fosse de minha própria carne e osso. Honrarei-o para sempre.

—Cuida dela, de acordo? Ficaré violenta e isso durará um bom tempo.

—Trez e eu faremos o que seja necessário.

—Nada disto foi culpa dela. Nem o princípio nem o fim. Xhex vai ter que acreditar nisso.

—Sei.

¹⁰⁸ Destacado patriota da Revolução americana. Famoso por sua assinatura como presidente do congresso Continental na Declaração de Independência dos Estados Unidos.

Separaram-se e a Rehv custou muito deixar ir o ombro de seu velho amigo, sobre tudo porque este era a única despedida que ia ter: Xhex e Trez teriam lutado contra sua decisão, teriam tentar negociar outras soluções enquanto arranhavam e se aferravam a outros desenlaces. iAm era mais fatalista. Também era mais realista, porque não havia outro caminho.

—Vai. — disse Rehv com voz quebrada.

iAm colocou a palma ensangüentada sobre o coração, fez uma reverência dobrando-se pela cintura, e logo foi sem olhar para trás.

As mãos de Rehv tremeram quando retirou a manga para checar a hora em seu relógio. Agora o clube fechava às quatro. O pessoal da limpeza chegava às cinco da manhã em ponto. O que significava que depois de que todo mundo se fosse, ficaria meia hora.

Pegou o telefone e se dirigiu para seu dormitório, digitando um número ao qual estava acostumado a chamar freqüentemente.

Enquanto fechava a porta, ouviu a cálida voz de sua irmã na linha.

—Olá, meu irmão.

—Olá. —sentou-se sobre a cama, perguntando-se o que lhe dizer.

No fundo podia ouvir Nalla choramingando com uma choro lastimoso, e Rehv ficou imóvel. Podia imaginar às duas juntas, a menina apoiada contra o ombro de sua irmã, um frágil pacote de futuro envolto em uma suave manta debruada com uma banda de cetim.

O único infinito que conheciam os mortais eram as crianças, ou não?

Ele nunca os teria.

—Rehvenge? Está aí? Está bem?

—Sim. Chamei só por que... queria te dizer... —Adeus.

— Que a amo.

—Isso é muito doce. É duro, não é verdade? Já não ter a Mahmen.

—Sim. É-o. —Fechou os olhos e os apertou com força, e como se tivesse recebido um sinal, Nalla começou a chorar realmente, através do fone pôde ouvir o som de seu uivo.

—Perdão por minha pequena caixinha de ruídos. — disse Bella.

— Não quer dormir a menos que caminhe pelo quarto, e meus pés estão começando a render-se.

—Escuta... recorda a canção de ninar que estava acostumado a cantar para você? Quando era pequena.

—OH, Meu deus, a que tratava das quatro estações? Sim! Fazia anos que não pensava nela... Estava acostumado a cantá-la quando não podia dormir. Inclusive quando já era grande.

Sim, era essa, pensou Rehv. A que vinha diretamente dos Antigos Mitos a respeito das quatro estações do ano e da vida, a que lhe tinha ajudado a agüentar junto a sua irmã muitos dias de insônia, ele cantando e ela repousando.

—Como era? —perguntou Bella.

— Não posso...

Rehv cantou um pouco torpemente a princípio, tropeçando com as palavras de sua oxidada memória, as notas não eram tão perfeitas devido a sua voz sempre tinha sido muito profunda para o tom em que estava escrita a canção.

—É essa, oh! —sussurrou Bella.

— Espera, deixa que ponha minhas mãos livres...

OuvIU-se um assobio e logo um eco, e enquanto seguia cantando, o pranto de Nalla se secou, as chamas extintas por uma suave chuva de palavras antigas.

A capa verde pálido da primavera... o véu brilhantemente florescido do verão... a fiação fresca do outono... a manta de frio do inverno... as estações não pertenciam apenas à terra, a não ser a toda criatura vivente, o esforço por chegar à cúpula, o gozo da vitória, seguido pela queda do topo e a suave luz branca do Fade que era o eterno desenlace.

Cantou a canção de ninar duas vezes, e sua última viagem através das palavras foi a melhor. Deteve-se ali, porque não desejava correr o risco de que o próximo intento não ficasse tão bom.

A voz de Bella se ouviu rouca pelas lágrimas.

—Conseguiu-o. Conseguiu que dormisse.

—Você poderia cantar-lhe se quisesse.

—Farei-o. Definitivamente o farei. Obrigado por me recordar isso. Não sei por que nunca antes tinha me ocorrido tentá-lo.

—Possivelmente o tivesse feito. Em algum momento.

—Obrigado Rehv.

—Dorme bem, irmã minha.

—Ligarei amanhã, ok? Parece distraído.

—Amo-a.

—Aahh... eu também o amo. Ligo amanhã.

Houve uma pausa.

—Se cuide. Cuide você, a sua pequena e a seu *hellren*.

—Farei-o querido irmão. Adeus.

Rehv cortou a comunicação e ficou sentado com o telefone na mão. Para manter a tela acesa, pressionava a tecla de maiúscula a cada dois minutos.

Matava-lhe não poder ligar para Ehlena. Mandar-lhe uma mensagem de texto. Estender-se para ela. Mas estava no lugar que devia estar: era melhor que o odiasse a que o chorasse.

Às quatro e meia, recebeu a mensagem de texto de iAm que tinha estado esperando. Eram só duas palavras.

Tudo desocupado.

Rehv se levantou da cama. A dopamina estava perdendo efeito, mas ainda ficava suficiente em seu sistema como para que se cambaleasse ao não usar o cajado e se visse

obrigado a recuperar o equilíbrio. Quando se convenceu de que estava suficientemente estável, tirou o casaco de Marta cibelina e a jaqueta e se desarmou, deixando sobre a cama as pistolas que habitualmente levava debaixo dos braços.

Era hora de ir-se, hora de usar o sistema que tinha instalado depois de ter comprado o edifício de tijolos do clube e de havê-lo renovado da pedra angular até o teto.

Todo o lugar estava conectado por meio de som. E não do tipo Dolby.

Retornou a seu escritório, sentou-se atrás do escritório e abriu a última gaveta do lado direito. Dentro havia uma caixa negra que não era maior que o controle remoto de uma TV, e além dele, iAm era o único que sabia o que era e para que servia. iAm também era a única outra pessoa que tinha conhecimento dos ossos que Rehv guardava debaixo de sua cama, ossos que eram de um macho humano e aproximadamente do tamanho de Rehv. Mas por outro lado, iAm era o que os tinha conseguido.

Rehv tirou o controle remoto e ficou de pé, passeando o olhar pelo lugar por última vez. As pilhas de papéis ordenadas. O dinheiro na caixa forte. As drogas na sala de corte do Rally.

Saiu do escritório. Agora que tinha terminado o horário de trabalho, o clube estava bem iluminado, e a seção VIP estava coberta pelos resíduos de toda a noite, como uma puta muito usada: havia rastros no lustroso chão negro, marcas circulares da transpiração dos copos, guardanapos enrugados e deixados sobre as mesas aqui e ali. As garçonetes limpavam depois de que ia cada cliente, mas um humano tinha limitações quanto ao que podia ver na escuridão.

A cascata, que estava atravessada no caminho para separar as seções, estava apagada, por isso tinha uma clara visão da seção popular... que não se via muito melhor. O chão da pista de dança estava todo rajado. Havia varinhas de coquetel e pacotes de pirulitos por todos os lados, e até tinham deixado um par de calcinhas em um canto. No teto, tinha ficado exposto o sistema de iluminação a laser com suas redes de vigas, cabos e porta lâmpadas, e como não soava a música, os alto-falantes enormes estavam hibernando como ursos negros em uma cova.

Neste estado o clube era como O Mago de Oz ao ser exposto: toda a magia que se desenvolvia aqui noite após noite, todo o barulho e a excitação, em realidade era, somente, uma combinação de eletrônica, bebidas alcoólicas, e químicas, uma ilusão para as pessoas que atravessavam a porta dianteira, uma fantasia que lhes permitia ser algo que não pudessem ser no dia a dia de suas vidas. Talvez ansiassem ser poderosos porque se sentiam fracos, ou sensuais porque se sentiam feios, ou elegantes e ricos quando na realidade não o eram, ou jovens quando entravam rapidamente na meia idade. Talvez desejassem cauterizar a dor de uma relação falida ou cobrar vingança por terem sido deixados ou fingir que não estavam procurando um par quando na realidade estavam desesperados por conseguir um.

Certo, saíam a «divertir-se», mas estava completamente seguro de que debaixo da

superfície alegre e radiante, havia muita escuridão e decaimento.

O clube em seu estado atual era a metáfora perfeita de sua vida. Durante muito tempo tinha sido o Mago, enganando a seus seres mais próximos, se encaixando com as pessoas normais através de uma combinação de drogas, mentiras e subterfúgios.

Esse era um tempo passado.

Rehv deu uma última volta pelo lugar e saiu pelas portas duplas da frente. O pôster negro do ZeroSum não estava aceso, indicando que já estavam fechados por essa noite. Embora fosse mais adequado dizer que tinham fechado definitivamente.

Olhou a esquerda e a direita. Não havia ninguém na rua, nem carros nem pedestres à vista.

Dirigiu-se para examinar o beco no qual estava a entrada lateral que dava à seção VIP e logo o atravessou rapidamente dirigindo-se para o outro beco. Não havia indigentes. Não havia parasitas.

De pé sob o vento frio, Rehv tomou um momento para apreciar os edifícios que estavam ao redor do clube, procurando ralos que indicassem que havia humanos neles. Nada. O sinal de que estava tudo desocupado era correto.

Quando esteve preparado para partir, cruzou a rua, desceu dois blocos, e logo se deteve, deslizou a tampa do controle remoto para baixo, e ingressou um código de oito dígitos.

Dez... e nove... oito...

Encontrariam os ossos calcinados e rangentes, e durante um breve momento se perguntou de quem seriam. iAm não o havia dito, e ele não tinha perguntado.

Sete... e seis... cinco...

Bella ia ficar bem. Ela tinha a Zsadist, a Nalla, aos Irmãos e a suas *shellans*. Para ela ia ser brutal, mas o superaria, e era melhor isto a que se inteirasse de uma verdade que a destruiria: nunca devia inteirar-se de que sua mãe tinha sido violentada e que seu irmão era meio comedor de pecados.

Quatro...

Xhex permaneceria separada da colônia. iAm se asseguraria disso, porque ia forçar a ater-se à promessa que tinha feito a noite anterior: tinha prometido cuidar de alguém, e na carta que Rehv tinha escrito na Antiga Língua, a qual tinha feito que iAm legitimasse, exigia-lhe que cuidasse de si mesma. Sim, tinha-a enganado a esse respeito. Sem dúvida teria assumido que lhe pediria que matasse à princesa, ou talvez até podia ter pensado que lhe pediria que cuidasse de Ehlena. Mas era um *symphath*, não? E ela tinha cometido o engano de lhe dar sua palavra sem saber a que estava se comprometendo.

Três...

Rastreou o contorno do teto do clube com os olhos e tratou de imaginar o aspecto que teriam os escombros, não só os que estivessem ao redor do clube, mas também os que deixariam nas vidas das pessoas ao dirigir-se para o norte.

Dois...

Para Rehv doía muitíssimo o coração, e sabia que era devido a estar guardando luto por Ehlena. Apesar de que tecnicamente era ele, que estava morrendo.

Um...

A explosão que detonou debaixo da pista de dança principal desencadeou dois mais, uma debaixo do bar da seção VIP e outra no balcão da sobreloja. Com um tremendo estrondo e um tremor envolvente, o edifício estremeceu até os alicerces e uma rajada de tijolos e cimento vaporizado se precipitou para fora.

Rehvenge cambaleou para trás e se chocou contra a vitrine de cristal de um salão de tatuagens. Depois de recuperar o fôlego, observou como a fina névoa de pó flutuava para baixo como se fosse neve.

Roma tinha caído. E apesar disso, era difícil partir.

A primeira das sirenes soou não mais de cinco minutos mais tarde, e esperou que passassem as luzes intermitentes vermelhas a toda velocidade salpicando toda a rua Trade.

Quando o fizeram, fechou os olhos, tratou de acalmar-se... e se desmaterializou para o norte.

Para a colônia.

Capítulo 57

—Ehlena? —A voz de Lusie baixou as escadas.

— Vou embora.

Ehlena se sacudiu e olhou a hora no canto inferior da tela do computador. Eram quatro e meia? Já? Deus, sentia-se como... bom, como se não soubesse que tinha estado sentada frente a sua mesa improvisada durante horas ou dias. O lugar de busca de emprego de Caldwell Courier Journal tinha estado na tela todo o tempo, mas tudo o que tinha estado fazendo ela era fazer círculos com a ponta do dedo indicador sobre o botão do mouse .

—Já vou. —ficou em pé e se dirigiu às escadas.

— Obrigada por limpar tudo depois da refeição de meu pai.

A cabeça do Lusie apareceu no alto das escadas.

—De nada, e ouça, há alguém aqui que quer ver você.

O coração de Ehlena deu um tombo em seu peito.

—Quem?

—Um macho. Deixei-o entrar.

—OH, Deus. —disse Ehlena baixo. Enquanto subia correndo do porão, pensou que ao menos seu pai estava profundamente adormecido depois de ter comido. Quão último necessitava nesse momento era que se transtornasse pela presença de um estranho na

casa.

Quando chegou à cozinha, estava preparada para dizer a Rehv ou Trez ou quem quer que fosse que podia ir a...

De pé junto à mesa barata, havia um macho loiro com uma aura de riqueza que levava uma pasta negra na mão. Lusie estava junto a ele, colocando seu casaco de lã e preparando sua bolsa de patchwork para sua viagem para casa.

—Posso o ajudar? —disse Ehlena franzindo o cenho.

O macho fez uma pequena reverência, levando a palma de sua mão galantemente para o peito, e quando falou, sua voz era extraordinariamente baixa e muito culta.

—Estou procurando Alyne, filha de Uys. É você sua filha?

—Sim, sou-o.

—Posso lhe ver?

—Está descansando. Do que se trata, e quem é você?

O macho olhou a Lusie, depois colocou a mão no bolso do peito e tirou uma identidade no Antigo Idioma.

—Sou Saxton, filho de Tyhm, advogado contratado pela casa de Montrag, filho de Rehm. Este passou recentemente ao Fade sem deixar nenhum herdeiro direto, e de acordo com minha investigação de linhagens, seu pai é o parente mais próximo e portanto o único beneficiário.

As sobrelhas da Ehlena dispararam para cima.

—Perdão? —Quando ele repetiu o que havia dito, seguia sem captá-lo.

— Eu... ah... o que?

Quando o advogado voltou a repetir a mensagem, sua mente rodeou a provas, tentando conectar os pontos. Rehm era definitivamente um nome que lhe resultava familiar. Tinha-o visto nos registros de negócios de seu pai... e em seu manuscrito. Não era um tipo agradável. Nem por acaso. Tinha uma vaga lembrança do filho, mas nada específico, somente um remanescente dos dias passados como fêmea de valia no círculo de debutantes da glymera.

—Sinto muito, —murmurou— mas isto é uma surpresa.

—Entendo. Posso falar com seu pai?

—Ele não..., não recebe visitas, na realidade. Não está bem. Eu sou sua tutora legal. —esclareceu-se garganta.

— Conforme à Antiga Lei, tive que fazer que lhe declarassem incapaz devido a... questões mentais.

Saxton, filho de Thym, fez uma pequena reverência.

—Lamento ouvir isso. Posso perguntar se estaria capacitada para apresentar a identificação de linhagem de ambos? E a declaração de incapacidade?

—Tenho-o tudo lá embaixo. —Olhou a Lusie.

— Suponho que deve partir.

Lusie olhou fixamente a Saxton e pareceu chegar à mesma conclusão que Ehlena. O macho parecia perfeitamente normal, e esse traje, esse casaco e essa maleta que levava na mão, gritavam positivamente advogado. Sua identidade era legítima também.

—Posso ficar se quiser. —disse Lusie.

—Não, estarei bem, além disso, aproxima-se o amanhecer.

—Muito bem então.

Ehlena acompanhou Lusie para fora e depois voltou com o advogado.

—Me dá licença um minuto?

—Leve o tempo que precisar.

—Gostaria... hã, de beber algo? Café? —Esperava que dissesse que não, já que o melhor que podia lhe oferecer era um suco, e ele parecia o tipo de homem que estava mais acostumado às xícaras de chá de Limões.

—Estou bem, mas obrigado. —Seu sorriso era genuíno e nada sexual. Mas por outro lado, não lhe cabia dúvida de que só se interessava pelo tipo de fêmea aristocrática que ela poderia ter sido se suas finanças tivessem sido diferentes.

Suas finanças... e outras coisas.

—Voltarei em um momento. Por favor, sente-se. —Embora a calça dele, engomada com suma precisão, bem poderiam rebelar-se se o macho tentasse depositar seu peso sobre uma das miseráveis cadeiras que havia ali.

Quando esteve na parte de baixo, em seu quarto, procurou sob a cama e tirou sua caixa de documentos. Enquanto a levava escada acima, sentia-se torpe, totalmente fria pelo drama no qual tinha caído sua vida como se fosse um avião em chamas caindo do céu. Jesus, o fato de que um advogado tivesse aparecido em sua porta procurando herdeiros perdidos parecia... estranho. Como é. E não ia pôr muitas esperanças nisto. Pela forma em que estavam resultando as coisas, esta «oportunidade dourada» acabaria indo na mesma direção que todo o resto ultimamente.

Direto a merda.

Uma vez na parte de cima, pôs a caixa sobre a mesa.

—Tenho tudo aqui.

Quando se sentou, Saxton também o fez, pondo sua maleta no chão cheio de marcas e centrou seus olhos cinza na caixa. Depois de marcar a combinação, ela abriu a pesada tampa e tirou um envelope cor nata tamanho dez por vinte centímetros e três pergaminhos enrolados, cada um dos quais tinha fitas de cetim ondeando desde seus interiores enrolados.

—Esta é a declaração de incapacidade. —disse, abrindo o envelope e tirando um documento.

Depois que ele examinou a missiva e assentira, descobriu o certificado de linhagem de seu pai, que ilustrava uma árvore familiar com primorosa e ondulada tinta negra. Na base, as fitas amarelas, azul pálido e vermelho profundo estavam fixadas com um selo de

cera negra que levava o escudo do pai do pai de seu pai.

Saxton levantou sua maleta, abriu-a, e tirou um par de óculos de joalheiro, deslizou o peso até seu rosto e examinou cada centímetro do pergaminho.

—É autêntico. —pronunciou.

— Os outros?

—O de minha mãe e o meu próprio. —Desenrolou-os ambos e ele realizou a mesma inspeção.

Quando terminou, recostou-se na cadeira e tirou os óculos.

—Posso voltar a ver a declaração de incapacidade?

Ela a passou e ele leu, com um cenho esticando o espaço que havia entre suas sobrancelhas perfeitamente arqueadas.

—Qual é exatamente a condição médica de seu pai, se não lhe incomodar que pergunte?

—Sofre de esquizofrenia. Para ser honesta está muito doente e precisa de cuidados contínuos.

Saxton percorreu lentamente a cozinha com o olhar, tomando nota do chão manchado, do papel de alumínio nas janelas, e os eletrodomésticos antigos.

—Você tem emprego?

Ehlana se esticou.

—Não vejo como isso possa ser relevante.

—Sinto muito. Você tem toda a razão. É que apenas... —Voltou a abrir sua maleta e tirou um documento de umas cinquenta páginas e uma folha contável.

— Uma vez que me certifique que você e seu pai eram os parentes mais próximos de Montrag... e me apoiando nesses pergaminhos tenho tudo preparado para fazê-lo... nunca vai ter que voltar a preocupar-se com dinheiro.

Girou o documento e a folha contável tamanho legal para ela e tirou uma pluma de ouro do bolso do peito.

—Agora seu valor nítido é substancial.

Com a ponta de sua pluma, Saxton assinalou o número definitivo que aparecia no canto inferior direito da folha.

Ehlana baixou o olhar. Piscou.

Depois se inclinou de tudo sobre a mesa, até que seus olhos não estiveram a mais de três centímetros da ponta da pluma e o papel e... desse número.

—Isso... quantos dígitos estou vendo? —sussurrou.

—Deveriam ser oito à esquerda do ponto decimal.

—E começa por um três?

—Sim. Também há uma propriedade. Em Connecticut. Pode mudar-se quando queira depois de que termine com os papéis de certificação, todos os quais redigirei durante o dia e passarei imediatamente ao Rei para sua aprovação. —recostou-se para trás.

— Legalmente, o dinheiro, o imóvel e os objetos pessoais, incluindo as obras de arte, antiguidades e os carros, serão de seu pai até que ele passe ao Fade. Mas com os papéis de tutoria, você estará a cargo de tudo em seu benefício. Assumo que é você sua herdeira no testamento?

—Ah... Sinto muito, qual era a pergunta?

Saxton sorriu amavelmente.

—Tem seu pai um testamento? Está você nele?

—Não... não, não tem. Já não tínhamos nenhum ativo.

—você tem algum irmão?

—Não. Só eu. Bom, ele e eu desde que Mahmen morreu.

—Gostaria que redigisse um testamento para ele a seu favor? Se seu pai morrer intestado, tudo passará a você de todo o modo, mas se arrumarmos isso antes, simplificará as coisas a qualquer advogado que contrate, porque não terá que conseguir a assinatura do Rei para a transferência dos ativos.

—Isso seria... Espere, você sai caro, verdade? Não acredito que possamos...

—Pode permitir-se me contratar. —Golpeou a folha com a pluma outra vez.

— Confie em mim.

Nas largas e escuras horas posteriores a que Wrath perdesse a visão, caiu pelas escadas... diante de todo mundo que se congregou na sala de jantar para a Última Refeição. O movimento casca-de-banana o levou, com o traseiro por diante, todo o caminho para baixo até chegar ao chão de mosaico do vestíbulo.

A única forma de ter ficado como um perdedor ainda maior teria sido se tivesse começado a sangrar por toda parte.

OH... espera. Quando levantou a mão para seu cabelo, para afastar essa merda para trás, sentiu algo úmido e sabia que não estava babando.

—Wrath!

—Meu irmão...

—Que caralho...?

—Santa...

Beth foi a primeira dos milhares que trataram de alcançá-lo, pôs-lhe as mãos sobre os ombros enquanto o sangue quente gotejava de seu nariz.

Outras mãos se estenderam para ele através da escuridão, as mãos de seus irmãos, as mãos das *shellans* da casa, todas mãos amáveis, preocupadas, compassivas.

Com uma grosseria furiosa, empurrou a todos para trás e tentou ficar em pé. Entretanto a não ter o sentido de orientação que lhe guiasse, terminou com uma shitkicker no primeiro degrau... o que lhe fez perder o equilíbrio. Ao gesticular em busca do corrimão, de algum modo as arrumou para equilibrar suas botas e retrocedeu arrastando os pés, não estava seguro de que se dirigia para a porta dianteira ou ao salão de bilhar ou à biblioteca

ou a sala de jantar. Estava mais que perdido em um espaço que conhecia muito bem.

—Estou bem. —ladrou.— Estou perfeitamente bem.

Todo mundo ao seu redor ficou em silêncio, sua voz de comando não tinha sido mitigada em nada pela cegueira, sua autoridade como Rei era irrefutável embora não pudesse ver uma puta merda...

Suas costas bateram contra uma parede e um candelabro de cristal que havia sobre ele tilintou pelo impacto, o delicado ruído se elevou no silêncio reinante.

Jesus... cristo. Não podia seguir assim, movendo-se por aí como um carro de choque, golpeando as coisas, caindo. Mas nisto não tinha direito a voto.

Desde que tinha ficado às escuras, tinha estado esperando que seus olhos comessem a funcionar outra vez. Não obstante, com o passar do tempo, sem que Havers tivesse encontrado respostas concretas, e ante o desconcerto da Dra. Jane, o que em seu coração já sabia que era verdade tinha começado a abrir caminho até seu cérebro: esta escuridão em que se encontrava era a nova terra sobre a qual agora caminhava.

Ou caía, em todo caso.

Para quando o candelabro se aquietou sobre sua cabeça, cada parte de seu ser estava gritando, e rezou para que ninguém, nem sequer Beth, tentasse o tocar ou lhe falar ou lhe dizer que tudo estava bem.

Nada ia voltar a estar bem. Não ia recuperar a visão, sem importar o que os médicos pudessem tentar lhe fazer, sem importar quantas vezes se alimentasse, sem importar com quanta frequência descansasse ou o bem que se cuidasse. Merda, inclusive antes que V tivesse exposto o que tinha previsto, Wrath já sabia que isto se aproximava: Sua visão tinha estado decaindo com o passar dos séculos, a acuidade visual esteve desaparecendo gradualmente com o tempo. E esteve sofrendo dores de cabeça durante anos, e sua severidade tinha crescido nos últimos doze meses.

Tinha sabido que terminaria assim. Toda sua vida o tinha sabido e o tinha ignorado, mas a realidade tinha chegado.

—Wrath. —Foi Mary, a *shellan* de Rhage, a que rompeu o silêncio, sua voz foi uniforme e tranquila sem rastros de frustração ou agitação. O contraste com o caos de sua mente o fez voltar-se para o som embora não pôde lhe responder nada porque não tinha voz.

— Wrath, quero que estenda a mão esquerda. Encontrará o marco da porta da biblioteca. Vai para lá e dá quatro passos para trás para entrar na habitação. Quero falar com você, e Beth também estará presente.

As palavras eram tão equilibradas e razoáveis que foram como um mapa para atravessar a crescente selva de espinheiros, e seguiu as indicações com todo o desespero de um viajante perdido. Estendeu a mão... e sim, ali estava o desenho irregular da moldura ao redor do marco da porta. Arrastando-se para um lado, utilizou ambas as mãos para encontrar o caminho que o levasse a atravessar o marco, e depois deu quatro passos para

trás.

Ouviu passos silenciosos. Desde dois pares de pés. E as portas da biblioteca se fecharam.

Percebia a localização das duas fêmeas pelos sutis sons de suas respirações, e nenhuma delas invadia seu espaço pessoal, o que agradeceu.

—Wrath, acredito que precisamos fazer algumas mudanças temporárias. —A voz de Mary provinha da direita.

— No caso de não recuperar a visão logo.

Grande eufemismo, pensou ele.

—Como quais? —resmungou.

Beth respondeu, o fazendo tomar consciência de que evidentemente já tinham falado disto entre elas.

—Uma bengala para o ajudar com o equilíbrio, e uma infra-estrutura de pessoal de cobertura em seu escritório para que possa voltar para o trabalho.

—E talvez alguma outro tipo de ajuda. —apontou Mary.

Enquanto absorvia suas palavras, o som dos batimentos de seu coração rugia em seus ouvidos, e tentou não prestar tanta atenção. Sim, boa sorte com isso. Quando um suor frio o banhou, empapando seu lábio superior e suas axilas, não esteve seguro de se era pelo medo ou pelo esforço que lhe demandava tratar de evitar derrubar-se diante delas.

Provavelmente ambos. A questão era que não poder ver era ruim, mas o que realmente o estava matando era a claustrofobia. Sem uma referência visual, estava preso no espaço estreito e lotado sob a capa de sua pele, aprisionado em seu corpo sem forma de sair... e esse tipo de merda não lhe sentava nada bem. Recordava-lhe muito , quando era menino e seu pai o encerrou em um espaço pequeno... e permaneceu encerrado enquanto via como os *lessers* assassinavam a seus pais...

A lúgubre lembrança debilitou seus joelhos e perdeu o equilíbrio, escorando-se para um lado até que começou a cair de suas botas. Beth foi a que lhe apanhou e brandamente o carregou para o outro lado para que quando caísse o fizesse sobre um sofá.

Enquanto tentava respirar, apertou a mão dela com força, e esse contato foi tudo o que evitou que soluçasse como um fodido marica.

O mundo acabou... o mundo acabou... o mundo se havia...

—Wrath, —disse Mary— se voltar a trabalhar, ajudará, e enquanto isso podemos fazer isso mais fácil. Há soluções que podem fazer as coisas mais seguras para você e ajudar a se acostumar a...

Ela falava mas ele não a escutava. Em tudo o que podia pensar era em que não voltaria a lutar, nunca. Nada de passear com facilidade pela casa, nunca. Nada de conseguir embora fosse uma impressão imprecisa do que havia em seu prato, ou de quem estava sentado a sua mesa, ou do que vestia Beth. Não sabia como ia fazer para barbear-se ou encontrar a roupa em seu armário ou ver onde estava o xampu ou o sabão. Como se

exercitaria? Não seria capaz de preparar os pesos que queria ou ligar a esteira de correr e... merda, amarrar os cadarços dos tênis...

—Sinto-me como se tivesse morrido. — disse com voz afogada.

— Sim assim é como vai ser... sinto como se a pessoa que era... tivesse morrido.

A voz de Mary lhe chegou diretamente da frente dele.

—Wrath, vi a pessoas atravessarem exatamente o mesmo tipo de situação com a que você está lutando. Meus pacientes autistas e seus pais devem aprender a ver as coisas de um modo novo. Mas para eles não foi o fim. Não houve nenhuma morte, só uma mudança em seu estilo de vida.

Enquanto Mary falava, Beth lhe acariciava o interior do braço, deslizando a mão para cima e para baixo pela tatuagem que ilustrava sua linhagem. O toque o fez pensar nos muitos machos e fêmeas que tinham morrido antes dele, cuja coragem tinha sido posto a prova por desafios tanto internos como externos.

Franziu o cenho, repentinamente envergonhado por sua debilidade. Se seu pai e sua mãe estivessem vivos nesse momento, haveria se sentido envergonhado de que vissem como estava se comportando. E Beth... sua amada, sua companheira, sua *shellan*, sua Rainha, tampouco deveria o haver visto assim.

Wrath, filho de Wrath, não deveria estar inclinando-se sob o peso que lhe tinha imposto. Deveria estar suportando-o. Isso era o que faziam os membros da Irmandade. Isso era o que fazia um Rei. Isso era o que fazia um macho de valia. Deveria estar suportando sua carga, elevando-se por cima da dor e do medo, lhe fazendo frente firmemente não só por aqueles aos que amava, mas também por si mesmo.

Em vez disso, caía pelas escadas como um bêbado.

Esclareceu a garganta. E teve que esclarecer uma vez mais.

—Tenho... tenho que ir falar com alguém.

—Ok. —disse Beth.

— Podemos trazer esse alguém até você...

—Não, irei por mim mesmo. Se me perdoarem. —ficou em pé e avançou... para dar em cheio com a mesa do café. Reprimindo uma maldição enquanto esfregava a tíbia, disse: — Me deixam aqui? Por favor.

—Posso... —A voz de Beth se quebrou.— Posso limpar seu rosto?

Distraidamente, Wrath limpou a bochecha e a sentiu úmida. Sangue. Ainda estava sangrando.

—Está bem. Estou bem.

Houve um suave sussurro enquanto as duas mulheres se encaminhavam para a porta, depois do click do ferrolho quando uma delas acionou o trinco.

—Amo-a, Beth. —disse Wrath rapidamente.

—Eu também o amo.

—É... tudo se arrumará.

Com outro click, a porta voltou a fechar-se.

Wrath se sentou no chão no mesmo lugar em que se encontrava, porque não confiava em si mesmo para andar pela biblioteca para conseguir uma posição melhor. Enquanto estava sentado, o rangido do fogo lhe deu algum marco de referência... e então se deu conta de que podia visualizar a biblioteca em sua mente.

Se estendesse a mão à direita... sim. Sua mão roçou uma das suaves pernas da mesa que havia junto ao sofá. Subiu com a mão até o fundo retangular e aplaudiu a superfície da coisa até encontrar... se, os costeiros que Fritz empilhava pulcramente ali. E um pequeno livro de couro... e a base do abajur.

Isto era reconfortante. De uma certa forma, estranha, havia sentido como se o mundo tivesse desaparecido só porque ele não podia vê-lo. Mas na realidade todo seguia estando aí.

Fechando os olhos, enviou uma petição.

Passou um longo momento antes que fosse respondida, um longo, longo momento antes que seu espírito lhe abandonasse encontrando a si mesmo de pé em um chão duro, junto a uma fonte que cantava brandamente. Perguntou-se se seria cego aqui no Outro Lado também, e o era. Ainda assim, como lhe tinha ocorrido com a disposição da biblioteca, conhecia o lugar, embora não pudesse vê-lo. Ali à direita havia uma árvore cheia de pássaros piando, e diante dele, do outro lado da fonte que pulverizava água, estaria a galeria com colunas que formava parte dos aposentos privados da Virgem Escriba.

—Wrath, filho de Wrath. —Não ouviu a mãe, da raça, aproximar-se mas bom, ela se deslocava levitando de modo que sua túnica negra nunca tocasse o chão que havia baixo dela, fosse qual fosse este.

— Com que propósito vem a mim?

Ela sabia condenadamente bem por que estava ali, e Wrath já não ia seguir o jogo.

—Quero saber se você me fez isto.

Os pássaros ficaram em silêncio, como se estivessem horrorizados por sua temeridade.

—Se tiver feito o que a você? —Sua voz soava como quando tinha aparecido na Tumba com Vishous: distante e desinteressada. O que o enchia irritava bastante a um cara que estava tendo problemas para descer suas próprias escadas.

—Minha maldita vista. Tirou-me isso porque saí para lutar? —arrancou os óculos envoltivos do rosto e os atirou pelo chão escorregadio.

—Você me fez isto?

No passado lhe teria açoitado até lhe fazer sangrar por essa classe de insubordinação, e enquanto ele aguardava ver o que lhe vinha em cima, quase esperava que lhe fundisse o traseiro com um relâmpago.

Entretanto não houve nenhum impacto.

—O que estava destinado a ser, ia ser. Que lutasse não teve nada que ver com sua

perda de visão, nem eu tampouco. Agora volta para seu mundo e me deixe no meu.

Soube que se virou, porque sua voz soou apagada enquanto se encaminhava na direção oposta.

Wrath franziu o cenho. Tinha vindo esperando uma briga, e queria uma. E o que tinha em lugar disso? Nada contra o que argumentar, nem sequer uma reprimenda por sua deliberada falta de respeito.

A mudança radical no paradigma era tão cru, que por um momento esqueceu todo o assunto de sua cegueira.

—O que acontece com você?

Não obteve nenhuma resposta, só uma porta fechando-se brandamente.

Em ausência da Virgem Escriba, os pássaros ficaram em silêncio, a única cortina de fundo era o delicado som da água ao cair. Até que outra pessoa se aproximou.

Por instinto, virou-se para os passos e assumiu sua postura de luta, surpreso ao descobrir não que estava tão indefeso como tinha pensado. Em ausência da vista, sua audição enchia a imagem que já não criavam seus olhos: sabia onde estava a pessoa pelo roçar de sua túnica e um estranho click, click, klik e... merda, até podia ouvir seu coração.

Forte. Firme.

O que estava fazendo um macho ali?

—Wrath, filho de Wrath. —Não era a voz de um macho. Era uma fêmea. E mesmo assim lhe dava uma impressão de masculinidade. Ou talvez fosse apenas o poder?

—Quem é? —exigiu.

—Payne.

—Quem?

—Não importa. Diga-me algo, tem planejado fazer algo com esses punhos? Ou só vais ficar aí parado?

Ele deixou cair os braços imediatamente, já que era absolutamente inapropriado levantar a mão a uma fêmea...

O gancho se estrelou em sua mandíbula com tanta força, que lhe sacudiu a cabeça e os ombros. Atônito, mais surpreso que dolorido, lutou por recuperar o equilíbrio. No instante em que o fez, ouviu uma espécie de zumbido e recebeu outro golpe, e o seguinte golpe conectou sob sua mandíbula e lhe jogou a cabeça para trás.

Entretanto, esses eram os únicos golpes livres que ia conseguir. Seus instintos defensivos e seus anos de treinamento responderam apesar de não poder ver nada, sua audição fez a parte de seus olhos, lhe indicando onde estavam coisas como braços e pernas. Agarrou um pulso surpreendentemente magro e atirou da fêmea...

O calcanhar dela contatou duramente com sua tíbia, a dor arpoou sua perna, o irritando, ao mesmo tempo em que parecia a uma corda que oscilava frente a seu rosto. Agarrou-o com a esperança de que fosse uma trança presa a...

Puxando com força, sentiu que o corpo dela se contorcia para trás. Sim, presa a sua

cabeça. Perfeito.

Fazê-la perder o equilíbrio foi fácil, mas merda era uma filha da puta forte. Com apenas uma perna para apoiar seu peso, as arrumou para saltar e girar no ar, lhe dando no ombro com o joelho.

OuvIU-a aterrissar e começar a revolver-se, mas a manteve presa pelo cabelo, refreando-a. Entretanto era como água, sempre fluída, sempre em movimento, lhe golpeando continuamente até que se viu obrigado a tombá-la rudemente sobre a terra e sujeitá-la.

Foi um caso de força bruta vencendo à graça.

Ofegando, olhou em direção a um rosto que não podia ver.

—Qual é seu puto problema?

—Estou aborrecida. —Havendo dito isso, deu-lhe um cabeçada justo no maldito nariz.

A dor o fez sentir como se estivesse em um carrossel, afrouxando brevemente sua pressão. E isso foi tudo o que ela necessitou para liberar-se de novo. Agora era ele, que estava abaixo e ela tinha o antebraço ao redor de sua garganta e empurrava esta para trás com tanta força, que devia estar segurando o pulso para poder fazer mais alavanca.

Wrath lutou por levar ar a seus pulmões. Santa merda se continuasse assim, ia matar a ele. Realmente ia fazê-lo.

Do mais fundo de seu ser, do fundo de sua medula e do profundo da dupla hélice de seu DNA, chegou-lhe a resposta. Não ia morrer aqui e agora. De nenhuma maldita maneira. Ele era um sobrevivente. Era um lutador. E fosse quem fosse esta cadela, não ia emitir sua passagem ao Fade.

Wrath deixou escapar um grito de guerra apesar da barra de ferro que tinha ao redor do pescoço, e se moveu tão rápido que nem se inteirou do que fez. Tudo o que sabia era que uma fração de segundo depois, a fêmea estava com o rosto sobre o mármore com ambos os braços retorcidos atrás das costas.

Sem razão aparente, recordou quando lhe tinha quebrado os braços a esse *lesser*, umas quantas noites atrás, no beco antes de matar ao bode.

A ela ia fazer lhe exatamente o mesmo...

A risada que ondeou até ele de baixo o deteve. A fêmea... estava rindo. E não como alguém que tivesse perdido a cabeça. Sinceramente estava passando um bom momento, apesar de que devia saber que estava a ponto de desmaiar pelo tipo de dor que ia infligir a ela.

Wrath afrouxou ligeiramente a pressão.

—É uma puta demente, sabia?

O corpo firme dela tremeu debaixo do dele enquanto seguia rindo.

—Sei.

—Se a solto, vamos voltar a terminar aqui outra vez?

—Talvez sim. Talvez não.

Estranho, mas de certo modo gostava dessas probabilidades, e depois de um momento, soltou-a como o tivesse feito com um garanhão de mau gênio: rapidamente e com uma veloz retirada de sua parte. Enquanto se plantava sobre seus pés, estava preparado para que voltasse a o atacar, e de certa forma esperava que o fizesse.

A fêmea ficou onde estava, estendida sobre o chão de mármore, e voltou a ouvir o tinido.

—O que é isso? —perguntou.

—Tenho o hábito de bater a unha de meu dedo anelar contra a parte interna da unha de meu polegar.

—OH. Ótimo.

—Ouça, vai voltar de novo logo?

—Não sei. Por quê?

—Porque isto foi a coisa mais divertida que me aconteceu desde... faz muito tempo.

—Volto a perguntar, quem é? E por que não a vi aqui antes?

—Só digamos que Ela nunca soube o que fazer comigo.

Estava claro, dado o tom da fêmea, quem era Ela.

—Bom, Payne, pode ser que volte para ter mais disto.

—Bem. Faze-o logo. —OuvIU-a ficar em pé.

— A propósito, seus óculos estão junto a seu pé esquerdo.

Houve um sussurro e o suave fechar-se de uma porta.

Wrath pegou os óculos e depois se sentou sobre o mármore para dar uma pausa a suas pernas. Era engraçado, mas desfrutou da dor de sua perna, a espetada de seu ombro e o palpar agudo de tudo e cada um de seus machucados. Tudo isso lhe era familiar, parte de seu passado e seu presente, e o que ia necessitar no aterrador e desconhecido futuro escuro.

Seu corpo ainda era dele. Ainda funcionava. Ainda podia lutar, e talvez com prática poderia voltar aonde tinha estado.

Não tinha morrido.

Ainda estava vivo. Certo, não podia ver, mas ainda podia tocar a sua *shellan* e lhe fazer amor. E ainda podia pensar, caminhar, falar e ouvir. Seus braços e pernas funcionavam perfeitamente, como também o faziam seus pulmões e seu coração.

A adaptação não ia ser fácil. Uma luta realmente impressionante não ia fazer desaparecer o que seriam meses e meses de torpe aprendizagem, frustração, fúria e passos em falso.

Mas tinha perspectiva. Uma diferente do nariz sangrando que tinha conseguido ao cair pelas escadas, a que tinha agora não lhe parecia um símbolo de tudo o que tinha perdido. Era mas bem uma representação de tudo o que ainda tinha.

Quando Wrath voltou para sua forma na biblioteca da mansão da Irmandade, estava

sorrindo, e quando ficou em pé e uma de suas pernas uivou de dor soltou uma risada afogada.

Concentrando-se, deu dois passos coxeando à esquerda e... encontrou o sofá. Deu dez para frente e... encontrou a porta. Abriu a porta, deu quinze passos diretamente para diante, e... encontrou a balaustrada da escada principal.

Podia ouvir a refeição que se estava acontecendo no salão, o suave tinido de prata contra porcelana enchendo o vazio que normalmente ocupava o bate-papo. E pôde cheirar o... Oh, sim, cordeiro. A isso se referia.

Enquanto dava trinta e cinco mesurados passos de caranguejo à esquerda, começou a rir, especialmente quando limpou o rosto e o sangue gotejou de sua mão.

Soube o momento exato em que todo mundo o viu. Garfos e facas caíram sobre os pratos e ricochetearam, as cadeiras se arrastaram para trás e o ar se encheu de maldições.

Wrath simplesmente riu e riu e riu um pouco mais.

—Onde está minha Beth?

—Oh, doce Jesus. —disse ela enquanto se aproximava.

— Wrath... o que aconteceu?

—Fritz. — chamou enquanto amoldava a sua Rainha contra ele.

— Poderia me trazer um prato? Estou faminto. E também uma toalha para que possa me limpar. —Apertou a Beth.

— Me leve a meu assento, meu amor?

Fez-se um grande silêncio que positivamente soava a que—caralho—é—isto?

Hollywood foi o que perguntou:

—Quem demônios utilizou seu rosto como bola de futebol?

Wrath simplesmente encolheu os ombros e acariciou as costas de sua *shellan*.

—Fiz uma nova amizade.

—Pois grande amigo.

—Ela o é.

—Ela?

O estômago de Wrath deixou escapar um grunhido.

—Bom, posso me unir à refeição ou o que?

A referência a comida fez com que todo mundo voltasse a concentrar-se, produziu-se todo tipo de bate-papo e gritaria, e logo Beth o guiou através do salão. Quando se sentou, puseram-lhe um pano úmido na mão, e o divino aroma a romeiro e cordeiro apareceu justo diante dele.

—Pelo amor de Deus, vão se sentar? —disse-lhes enquanto limpava o rosto e o pescoço. Em tanto se produziam todo tipo de ruídos de cadeiras, encontrou sua faca e garfo e começou a cravar ao redor de seu prato, identificando o cordeiro e as batatas e... as ervilhas. Sim, os redondinhos eram ervilhas.

O cordeiro estava delicioso. Justo como gostava.

—Está seguro de que era uma amiga? —perguntou Rhage.
—Sim. —disse apertando a mão do Beth.
— Estou seguro.

Capítulo 58

Vinte e quatro horas em Manhattan eram suficientes para converter, inclusive o filho do mal em um homem novo.

Atrás do volante do Mercedes, com o porta-malas e o assento traseiro cheio de sacolas da Gucci, Louis Vuitton, Armani e Hermes, Lash era um excursionista feliz. Alojou-se em uma suíte do Waldorf, fodeu três mulheres —duas delas ao mesmo tempo— e comeu como um rei.

Enquanto deixava Northway pela saída que conduzia à colônia *symphath*, comprovou a hora em seu novo e reluzente Cartier Tank de ouro, o substituto dessa merda do Jacob & CO. falsificado, que estava tão abaixo dele.

A hora que mostrava o relógio não estava tão mal, mas a data era um problema: o rei *symphath*, ia dar-lhe uma bronca mas não se importava. Pela primeira vez desde que tinha sido convertido pelo Omega, sentia-se como ele mesmo. Vestia um traje cruzado de Marc Jacobs, uma camisa Luis Vuitton de seda, um colete de caxemira Hermes e mocassins Dunhill. Seu pênis estava vazio, seu estômago ainda estava cheio pelo jantar que tinha tido em Le Cerque, e sabia que a qualquer momento podia voltar para a Grande Maçã e repetir tudo.

Contando que seus meninos continuassem indo bem em seu jogo.

Nessa frente as coisas foram bem, ou ao menos isso parecia. O senhor M tinha telefonado fazia mais ou menos uma hora e tinha informado que o produto continuava movendo-se com rapidez. O que eram boas e más notícias. Teriam mais dinheiro, mas seus fornecimentos estavam minguando rapidamente.

Não obstante, os *lessers*, estavam familiarizados com a persuasão e por esse motivo, o último homem que tinha estado disposto a reunir-se com eles para tratar um pedido importante não tinha sido assassinado, a não ser retido.

O senhor D e outros deviam estar exercitando-se com ele, e não em um ginásio.

O que fez pensar Lash no tempo que tinha passado na cidade.

A guerra com os vampiros sempre seria em Caldwell, a menos que a Irmandade decidisse mudar-se. Mas Manhattan era uma das capitais do mundo da droga, e estava muito, muito perto. Só a uma hora de carro.

Naturalmente, a viagem ao sul não tinha sido só para ir às compras à Quinta Avenida. Tinha passado a maior parte da tarde indo de clube em clube, explorando os cenários,

procurando padrões de conduta de quem ia aonde... Porque isso indicava o que estavam comprando as pessoas. Os tecnos gostavam do X. Os novos ricos escorregadios e inquietos gostavam da coca e do X. Os universitários preferiam erva e os alucinógenos, mas também podia lhes vender Oxy e Meta. Os góticos e os Emos gostavam de X e as folhas de barbear e os yonkies que encontrava em todos os becos que havia ao redor dos clubes se davam com crack, crank e H.

Se em um princípio conseguisse pôr as coisas em curso em Caldie, podia fazer o mesmo em maior escala em Manhattan. E não havia razão para não pensar muito bem.

Girando para o caminho de terra que já tinha percorrido antes, colocou a mão sob o assento e tirou uma SIG calibre quarenta que tinha comprado na noite anterior quando ia de caminho à cidade.

Não havia razão para trocar de roupa. Um bom assassino não precisava suar para fazer seu trabalho.

A fazenda branca ainda se hospedava encantadoramente na paisagem, que agora estava coberta de neve, era a candidata perfeita para o cenário de um cartão natalino humano. Na noite que se prolongava, via sair um pálido fio de fumaça de uma de suas chaminés, as baforadas apanhavam e amplificavam a suave luz da lua, criando sombras que se moviam apressadamente pelo teto. No outro lado das janelas, a dourada iluminação das velas mudava como se houvesse uma sutil brisa movendo-se através de todas as habitações. Ou talvez fossem só fossem malditas aranhas.

Foda, apesar da aparência acolhedora, esse lugar realmente dava medo, verdade?

Quando estacionou o Mercedes junto ao letreiro da ordem monástica e saiu, a neve caiu brandamente sobre seus novos Dunhill. Enquanto sacudia essa merda com uma maldição, perguntou-se por que demônios os safados *symphaths* não podiam ter sido confinados em Miami.

Mas não, os comedores de pecados tinham estacionado o rabo a um tiro de pedra do Canadá.

Em definitivo, ninguém gostava, assim que se aplicou a lógica.

Abriu-se a porta da casa de fazenda e saiu o rei, com a túnica branca flutuando a seu redor e os brilhantes olhos vermelhos resplandecendo estranhamente.

—Chega tarde. Por questão de dias.

—Em qualquer caso, suas velas se mantiveram bastante bem.

—E acaso meu tempo não é tão valioso como a cera consumida?

—Não disse isso.

—Mas suas ações falam, alto e claro.

Lash subiu as escadas com a arma na mão e ao ver o rei observar os movimentos de seu corpo sentiu a necessidade de checar se usava o zíper bem fechado. Entretanto, quando esteve cara a cara com o homem, sentiu que a corrente faiscava entre eles uma vez mais, lambendo no ar frio.

Foda. Não era esse tipo de coisas. Seriamente que não.

—Então, nos ocuparemos do negócio? —murmurou Lash, olhando fixamente esses olhos vermelhos sangue tentando não sentir-se cativado.

O rei sorriu e subiu os dedos de três nódulos para os diamantes que tinha ao redor da garganta.

—Sim, acredito que deveríamos fazer isso. Venha por aqui e o conduzirei a seu objetivo. Está na cama...

—Pensei que só se vestia de vermelho, Princesa. E que caralho está fazendo você aqui, Lash?

Quando o rei se esticou, Lash deu a volta, apontando sua arma. Através da grama se aproximava... um macho enorme com reluzentes olhos cor ametista e o inconfundível mohawk que o caracterizava: Rehvenge, filho de Rempoon.

O bastardo não parecia dar a mínima por encontrar-se em terreno *symphath*. Ao contrário, parecia sentir-se em casa. E também aparentava estar irritado.

Princesa?

Um rápido olhar sobre o ombro lhe revelou... nada que Lash não tivesse visto antes. Um tipo magro, com túnica branca, o cabelo recolhido como... o de uma garota, na realidade.

Nestas circunstâncias, agradava-lhe ter sido enganado. Muito melhor querer foder a uma fêmea mentirosa que ter que confrontar o fato de que era um... Sim, não havia razão para ir por aí, nem sequer em sua própria mente.

Voltando a girar a cabeça rapidamente, Lash soube que essa interrupção um pouco estranha chegava no momento perfeito. Tirar Rehv do jogo da droga de Caldwell deixaria livre todo tipo de oportunidades comerciais.

Justo quando seu dedo apertava o gatilho, o rei se lançou para frente e agarrou o canhão.

—A ele não! A ele não!

Enquanto o disparo tangia na noite e a bala se desviava para fora, incrustando-se no tronco de uma árvore, Rehvenge observava Lash e à princesa lutar pelo controle da arma. De certa forma, não se importava uma merda qual dos dois saísse vencedor, nem se ele ou qualquer outro recebia um tiro no processo, nem o motivo pelo qual um pirralho ao que tinham matado ainda estivesse bem vivo. Sua vida terminaria onde tinha sido concebida, aqui nesta colônia. Se fosse morrer esta noite ou amanhã ou dentro de cem anos, se fosse a princesa ou Lash que o matasse, o resultado estava decidido, por isso os detalhes não tinham importância.

Embora talvez essa fodida atitude de deixar-se levar era questão de humor. Depois de tudo, era um macho vinculado sem sua companheira, assim em términos de viagem, tinha empacotado sua bagagem, deixado seu quarto de hotel mortal, e estava no elevador

a caminho da sala de espera do inferno.

Ao menos, assim era como pensava seu lado vampiro. A outra metade de sua linhagem estava dançando o mambo: o drama fatal sempre era um incentivo para seu lado mau, e não o surpreendeu quando o *symphath* nele venceu a última dose de dopamina que se injetou nas veias. Em um instante, sua visão perdeu o espectro completo de cores e se aplanou, a túnica da princesa se tornou vermelha e os diamantes de sua garganta se converteram em sangrentos rubis. Evidentemente, vestia branco, mas como nunca a tinha visto sem seus olhos de come pecados, tinha assumido que se vestia da cor da veia.

Mas que porra importava a ele seu vestuário?

Tendo aflorado seu lado mau, Rehv não pôde evitar envolver-se. Quando as sensações alagaram seu corpo, tirando seus braços e pernas da escravidão do intumescimento, subiu o alpendre de um salto. O ódio esquentava seu interior, e embora não estivesse interessado em aliar-se a Lash, queria que fodessem à princesa, e não de bom modo.

Colocando-se atrás dela, agarrou-a pela cintura e a levantou do chão. O qual deu a Lash a ocasião de liberar a arma de um puxão e girar para afastar-se.

Depois da transição essa pequena merda se converteu em um macho grande. Mas isso não era tudo o que tinha mudado nele. Cheirava a maldade doce, do tipo que vinha dos *lessers*. Evidentemente, o Omega o tinha feito retornar da morte mas, por quê? Como?

Não é que fossem perguntas às quais Rehv se importasse em encontrar resposta. Não obstante, estava tão entusiasmado apertando a caixa torácica da princesa, e o fazia com tanta força que ela se via obrigada a lutar para respirar. Estava-lhe afundando as unhas nos antebraços através da camisa de seda, e estava endemoniadamente seguro que se pudesse, iria furá-lo com os dentes, mas não ia lhe dar a oportunidade. Tinha presa pela na parte de trás do coque com grande força, mantendo sua cabeça sob controle.

—É um maravilhoso escudo corporal, cadela. —lhe disse ao ouvido.

Enquanto ela tentava falar, Lash endireitou sua roupa, que devia reconhecer que tinha sido golpeada enquanto apontava com a SIG que tinha na mão para a cabeça de Rehv.

—Encantado em vê-lo, Reverendo. Estava a ponto de procurá-lo, e acaba de me economizar a viagem. Entretanto, devo admitir, que ver como se esconde atrás dessa fêmea, macho ou o que seja não faz justiça a sua reputação de chuta-rabos.

—Isto não é um cara, e se não me enojasse como o demônio lhe rasgaria a parte dianteira da túnica para prová-lo. E ouça, surpreendeu-me, sabe? Quão último soube foi que estava morto.

—Ao final não foi por muito tempo. —O homem sorriu, mostrando longas presas brancas— Realmente é uma fêmea, não é?

A princesa lutou, e Rehv quase separa seu crânio do espinho dorsal para submetê-la. Quando ela ofegou e gemeu, disse-lhe:

—É. Não sabia que os *symphaths* são virtualmente hermafroditas?

—Não posso te dizer quanto me alivia saber que mentiu.

—São iguais.

—O mesmo penso eu. Agora, que tal se soltar a minha noiva?

—Sua noiva? Vai um pouco rápido, não? E passarei do programa de capturar—e—libertar. Eu gosto da idéia de que atire em ambos.

Lash franziu o cenho.

—Acreditava que era um lutador. Suponho que é um marica. Deveria ter ido diretamente a seu clube e ter atirado em você ali.

—Na realidade, estou morto há uns dez minutos. Assim que me importa uma merda. Embora sinta curiosidade por saber que motivos você tem para me matar.

—Conexões. E não do tipo social.

Rehv arqueou as sobrancelhas. Era Lash que estava matando os distribuidores? Que caralho! Embora... fizesse coisa de um ano o bode tinha tentado vender drogas no ZeroSum e por isso tinha conseguido que o jogassem do estabelecimento. Evidentemente agora que estava com o Omega, estava tratando de ressuscitar seus velhos e lucrativos hábitos.

Com a fria lógica da retrospectiva, as coisas começaram a se encaixar em seu lugar. Os pais de Lash tinham sido os primeiros assassinados durante as incursões dos *lessers* no verão passado. Quando uma família atrás da outra começou a aparecer morta em suas casas, supostamente, secretas e protegidas, a pergunta que surgiu na mente do Conselho, da Irmandade e de cada civil, era como tinha averiguado a Sociedade todas essas direções.

Simples: Lash tinha sido convertido pelo Omega e dirigia a carga.

Rehv firmou um pouco mais o apertão sobre a caixa torácica da princesa enquanto os últimos vestígios de seu intumescimento desapareciam.

—Assim está tentando se colocar em meu negócio, não é? Foi você quem se encarregou de todos esses varejistas.

—Só estava abrindo caminho através da cadeia alimentícia, como se diz. E com você fora do jogo, chego ao topo, ao menos em Caldwell. Assim solta-a, para que possa atirar em sua cabeça e assim todos poderemos continuar com nossos assuntos...

Uma quebra de onda de medo percorreu o alpendre, encrespando-se para cair sobre Rehv, a princesa e Lash.

Rehv desvio os olhos e ficou imóvel. Bom, bom, bom, quem o poderia dizer? Isto ia terminar muito mais rápido do que tinha pensado.

Aproximando-se através da grama coberta de neve, com roupagens de uma cor vermelha rubi, vinham sete *symphaths* em formação de flecha. No centro do grupo, caminhando com uma bengala e levando uma toca de rubis e arpões negros, havia um macho encurvado.

O tio de Rehv. O rei.

Parecia muito mais velho, mas apesar da velhice e debilidade de seu corpo, sua alma era tão forte e negra como sempre, causando calafrios em Rehv e fazendo que a princesa

deixasse de lutar contra sua sujeição. Inclusive Lash teve o bom julgamento de retroceder um passo.

O guarda particular se deteve na base da escada do alpendre, com suas túnicas inchando-se com a brisa fria que agora Rehv podia sentir contra seu próprio rosto.

O rei falou com voz fraca, arrastando esses aflautadas.

—Bem vindo a casa, meu queridíssimo sobrinho. E saudações, visitante.

Rehv olhou fixamente seu tio. Não tinha visto o macho em... Deus, muito tempo. Muito, muito tempo. Do funeral de seu pai. Evidentemente, os anos não tinham sido amáveis, mas sim bastante duros com o rei, e isto fez Rehv sorrir já que imaginou a princesa deitada com esse corpo fofo e retorcido.

—Boa noite, tio. —disse Rehv— E por certo, este é Lash. Se por acaso não saiba.

—Não, não fomos apropriadamente apresentados, embora tenha conhecimento de seus propósitos em minhas terras. —O rei fixou seus aquosos olhos vermelhos na princesa —Minha querida moça, acreditava que não era consciente de suas visitas regulares a Rehvenge? E acha que ignorava seu plano mais recente? Temo que estava bastante afeiçoado a você e por isso permitia os encontros com seu irmão...

—Meio irmão. — cortou Rehv firmemente.

—... entretanto, esta traição com o *lesser* não posso permitir. Na realidade, não deixa de me impressionar sua criatividade, dado que invalidei meu legado do trono a seu favor. Mas não me deixarei dominar por minha passada adoração. Subestima-me, e por esta falta de respeito, te darei um castigo que seja congruente com o que deseja e almeja.

O rei fez um gesto afirmativo com a cabeça, e por puro instinto, Rehv deu a volta. Muito tarde. Detrás dele havia um *symphath* com uma espada elevada, e o braço do homem já estava descendo... e embora a folha não estivesse apontando para ele, isso só podia considerar-se como uma leve melhoria já que o punho da maldita coisa acertou Rehv no alto do crânio.

Para ele, o impacto foi a segunda explosão da noite, mas ao contrário da primeira, desta vez quando toda a luz e o ruído se desvaneceram não estava de pé.

Capítulo 59

As dez da manhã Ehlena ainda estava acordada. Presa no interior da casa pela luz do sol, passeava pela habitação encolhida e abraçando a si mesma já que as meias três-quartos faziam pouco para manter seus pés suficientemente quentes.

Mas em definitivo, estava tão fria por dentro, que podia ter levado um par de pranchas George Foreman Grills e ainda assim estar gelada. A comoção parecia ter posto a zero sua temperatura interna, seu botão seletor interior assinalando «Refrigerador» em vez

de «Normal».

No outro lado do corredor, seu pai dormia profundamente, e de vez em quando, ia a seu quarto para checar seu estado. Uma parte dela desejava que despertasse, porque queria lhe perguntar a respeito de Rehm e Montrag e as linhagens e...

Salvo que era melhor deixá-lo fora deste assunto. Provocar que se exasperasse por algo que bem poderia ficar em nada era quão último qualquer um deles precisava. Embora fosse certo que tinha examinado o manuscrito e tinha encontrado esses nomes, tinha havido uma só menção entre um bom número de parentes. Além disso, o que seu pai recordasse não era importante. O que importava era o que Saxton podia provar.

Só Deus sabia o que ia resultar disto.

Ehlena se deteve no meio da habitação, sentindo-se repentinamente muito cansada para continuar com seu constante andar. Entretanto, não foi uma boa idéia. Assim que ficou quieta, sua mente foi para Rehv, assim reatou seu passeio em círculos com os pés frios. Minha mãe! Não tinha desejado a morte de ninguém, mas quase lhe alegrava que Montrag tivesse morrido, criando assim, uma turbulenta distração com todo o assunto da herança. Sem isso, estava bastante segura de que a essa altura já teria perdido a cabeça.

Rehv...

Enquanto arrastava seu corpo cansado para os pés da cama, baixou os olhos. Sobre a colcha, com o mesmo tipo de repouso plácido e tranqüilo que o de seu pai, estava o manuscrito que ele tinha escrito. Pensou em tudo o que tinha posto nas páginas e agora sabia exatamente o que significava. Tinha sido enganado e traído de uma forma muito parecida como o tinha sido ela, as falsas aparências de honestidade e seriedade lhe tinham avoado porque ele mesmo era incapaz de agir com o tipo de cálculo ruim e a crueldade com que o faziam outros. Com ela ocorria o mesmo. Poderia alguma vez voltar a confiar em sua habilidade para decifrar às pessoas?

A paranóia se agitava em sua mente e em suas vísceras. Onde estava a verdade nas mentiras de Rehv? Havia alguma? Enquanto imagens dele flutuavam ante seus olhos, sondou suas lembranças, perguntando-se onde estava a divisão entre a realidade e a ficção. Precisava saber mais... O problema era, que o único que podia encher os ocos era um homem que nunca, jamais, ia voltar a aproximar-se.

Contemplando um futuro cheio de implacáveis perguntas, sem resposta, levou as tremantes mãos ao rosto e afastou o cabelo. Segurando-o com força, os puxou como se dessa forma pudesse sacudir todos os vertiginosos e loucos pensamentos da cabeça.

Jesus, e se o engano de Rehv fosse o equivalente à ruína financeira de seu pai? E a levava a beira da loucura?

E esta era a segunda vez que um macho a colocava em evidência, ou não? Seu noivo tinha feito algo similar... a única diferença radicava em que tinha mentido a todo mundo exceto a ela.

As pessoas poderiam supor que depois de sua primeira experiência deveria ter

aprendido uma lição a respeito da confiança. Mas era evidente que não tinha sido assim.

Ehlena deixou de perambular, esperando... demônios não sabia o que, que lhe estalasse a cabeça ou algo assim.

Não estalou. E tampouco houve sorte com o intento de exterminação cognitiva à força de puxões de cabelo. Tudo o que estava conseguindo era uma dor de cabeça e um penteado à Vin Diesel.

Ao afastar-se da cama, viu o computador portátil.

Com uma maldição, atravessou o espaço vazio e se sentou em frente ao DELL. Afrouxando o aperto mortal que estava exercendo sobre seu cabelo, pôs a ponta do dedo sobre o mouse e desativou a proteção.

Internet Explorer. Favoritos: www.CaldwellCourierJournal.com.

O que precisava era uma dose de realidade concreta. Rehv era o passado, e o futuro não tinha nada a ver com um ardiloso advogado que lhe tinha ocorrido uma brilhante idéia. Nesse momento em quão único podia confiar era em sua busca de trabalho: se Saxton e seus papéis fracassavam, em menos de um mês ela e seu pai estariam na rua a menos que encontrasse emprego.

E não havia nada falso ou enganoso nisso.

Enquanto carregava a página do CCJ, disse a si mesma que ela não era seu pai, e que Rehv era um macho com o qual tinha estado saindo durante, ... questão de dias? Sim, tinha-lhe mentido. Mas era um trapaceiro super sexy que vestia roupa chamativa, e retrô, já de a princípio não deveria ter depositado sua fé nele. Especialmente dado o que já sabia sobre os machos.

Era culpa dele e engano dela. E embora a compreensão de que tinha sido seduzida até a estupidez não a fez recolher os pompons de animadora e começar a aclamar, a idéia de que havia uma lógica interna que justificava sua atitude, embora cheirassem mal, ajudou-a a sentir-se um pouco menos insensata...

Ehlena franziu o cenho e se inclinou para aproximar-se mais à tela. Na splash page¹⁰⁹ da Web havia uma foto da explosão de um edifício. O titular dizia: Explosão Derruba Um Clube Local. E debaixo em letras menores: ZeroSum, última vítima da guerra de drogas?

Leu o artigo sem respirar: As autoridades investigam. Não se tem conhecimento se havia alguém no clube no momento da explosão. Suspeita-se que houveram múltiplas detonações.

Um compartimento detalhava a quantidade de pessoas suspeitas de tráfico de drogas que tinham sido encontradas mortas por todo Caldwell no correr da semana passada. Quatro. Todos assassinados de modo profissional. O DPC estava investigando cada um dos assassinatos, e entre os suspeitos estava o proprietário do ZeroSum, um tal Richard

¹⁰⁹ Splash Page é uma página da internet vista antes de ingressar no conteúdo principal do site. É utilizada para informar que o site está carregando, para promoções, etc.

Reynolds, aliás o Reverendo... que aparentemente agora estava desaparecido. Havia uma anotação que indicava que Reynolds tinha estado na lista de vigiados do Departamento de Narcóticos do DPC durante anos, entretanto, nunca tinha sido acusado formalmente de nenhum crime.

A implicação era óbvia: Rehv tinha sido o verdadeiro branco da explosão porque tinha matado aos outros.

Deslocou-se para cima com o mouse, às fotos do dizimado clube. Ninguém poderia sobreviver a isso. Ninguém. A polícia ia informar que ele estava morto. Poderiam levar uma semana ou duas, mas encontrariam um corpo e declarariam que era o seu.

Nenhuma lágrima caiu de seus olhos. Nem um soluço saiu de seus lábios. Estava muito longe para isso. Simplesmente ficou ali sentada em silêncio, rodeou o corpo com os braços uma vez mais e manteve os olhos cravados na tela brilhante.

O pensamento que lhe veio à mente era extravagante, mas iniludível: havia uma só coisa que podia ser pior que o que tinha tido que confrontar quando entrou nesse clube para inteirar-se da verdade a respeito de Rehv. E isso era ter lido este artigo antes de fazer essa viagem ao centro.

Não é que quisesse ver Rehv morto, Deus... não. Inclusive depois de tudo que a tinha enganado, não queria que morresse de forma violenta. Mas tinha estado apaixonada por ele antes de inteirar-se de que lhe mentia.

Tinha estado... apaixonada por ele.

Seu coração verdadeiramente lhe tinha pertencido.

Agora seus olhos se alagaram e desaguaram, a tela se tornou ondulante e imprecisa, levando as imagens do clube feito pedaços. Apaixonou-se por Rehvenge. Tinha sido rápido e impetuoso, não tinha perdurado, mas igualmente os sentimentos tinham aflorado.

Com uma dor aguda, recordou seu corpo quente e agitado sobre o seu, seu aroma vinculante no nariz, seus enormes ombros avultando-se e esticando-se enquanto faziam amor. Nesses momentos tinha sido lindo, um amante muito generoso. Verdadeiramente tinha desfrutado lhe dando prazer...

Mas isso era o que queria lhe fazer acreditar, e como *symphath*, era hábil quando se tratava de manipular. Embora, Deus, não podia evitar perguntar-se o que era exatamente o que tinha conseguido ao estar com ela. Não tinha dinheiro, nem posição, nada que o beneficiasse, e nunca lhe tinha pedido nada, nunca a tinha utilizado de nenhuma forma...

Ehlana impediu a si mesma de ver qualquer tipo de aparência romântica no que tinha ocorrido. O assunto era que ele não tinha merecido seu amor, e não porque fosse um *symphath*. Embora parecesse estranho, poderia ter vivido com isso... embora possivelmente isso só demonstrasse o pouco que sabia de comedores de pecados. Não, era a mentira e o fato de que fosse um traficante de drogas o que o tinha matado para ela.

Um traficante de drogas. Por um instante, pôde voltar a ver os casos de overdose que tinham atravessado as portas da clínica de Havers, essas jovens vidas em perigo sem

nenhuma boa razão. Alguns desses pacientes tinham sido revividos, mas não todos e inclusive uma morte causada pelo que Rehv vendia era muito.

Ehlena secou as bochechas e logo esfregou as mãos contra as calças. Não mais lágrimas. Não podia se dar o luxo de ser fraca. Tinha que ocupar-se de seu pai.

Passou a seguinte meia hora procurando trabalho.

Às vezes o fato de que lhe forçassem a ser forte era suficiente para que realmente se convertesse no que devia ser.

Quando finalmente seus olhos se deram por vencidos e começaram a entortar os olhos pelo cansaço, desligou o computador e se estendeu na cama ao lado do manuscrito de seu pai. Quando deixou cair as pálpebras, teve a sensação de que não ia dormir. Seu corpo podia estar rendendo-se, mas seu cérebro não parecia interessado em dormir e seguir a corrente.

Tombada na escuridão, tratou de acalmar-se imaginando a antiga casa em que tinha vivido com seus pais, antes, que tudo mudasse. Imaginou-se passeando pelas esplêndidas habitações, passando junto a formosas antiguidades, detendo-se para cheirar um buquê de flores que tinha sido recém colhido do jardim.

A imagem funcionou. Lentamente, sua mente se assentou no pacífico e elegante lugar e os pensamentos prementes reduziram a velocidade, logo frearam e estacionaram em seu crânio.

No momento em que o sonho se apropriava dela, a mais estranha das convicções golpeou no centro de seu peito e a segurança disso fluíu ao longo de todo seu corpo.

Rehvenge estava vivo.

Rehvenge estava vivo.

Lutando contra a demolidora maré, Ehlena lutou tentando pensar racionalmente, querendo fixar o motivo e o porquê demônios dessa certeza, mas o sonho se filtrou nela, levando-a longe de tudo.

Wrath estava sentado atrás de sua escrivaninha, percorrendo a superfície da mesma brandamente com suas mãos. O telefone, confirmado. O abridor de cartas em forma de adaga, confirmado. Papéis, confirmado. Mais papéis, confirmado. Onde estava seu...?

Houve um choque e um esparrame. Correto, usa penas e penas.

Atiradas por toda parte. Confirmado.

Enquanto recolhia o que tinha atirado, ouviu as suaves pisadas de Beth atravessando o tapete para ajudá-lo.

—Está bem, *leelan*. —lhe disse— Eu posso.

Pôde sentir que revoava por cima da mesa e o alegrou que não interviesse. Embora parecesse infantil, precisava limpar sua desordem por si mesmo.

Ao tato, encontrou até a última das penas. Ao menos, assim acreditou.

—Caiu alguma no chão? —perguntou.

—Uma. Ao lado de seu pé esquerdo.

—Obrigado. —agachou-se, procurando provas no chão, e fechou o punho ao redor de um objeto liso, com forma de charuto que tinha que ser uma Mont Blanc teria sido mais difícil de encontrar.

Enquanto se endireitava, tomou cuidado de localizar a beira da mesa assegurando-se de que sua cabeça estivesse longe dele antes de levantar-se. O que constituía uma melhoria em relação ao que tinha estado fazendo mais cedo. Bom, então, estava fodido com o assunto das penas, mas estava melhorando com todo o tema de levantar-se. Não tinha tirado notas perfeitas, mas tampouco estava amaldiçoando nem sangrando.

Assim considerando onde tinha estado horas antes, quando ia a caminho da Última Refeição, as coisas estavam melhorando.

Wrath terminou o passeio de sua mão através da mesa, encontrando o abajur, que estava a sua esquerda, o selo real e a cera que utilizava para selar os documentos.

—Não chore. — disse em voz baixa.

Beth sorveu um pouquinho.

—Como soube?

Ele tocou o nariz.

—Cheirei-o. —Empurrou para trás a cadeira e aplaudiu o regaço— Venha aqui e sente-se. Deixe que seu macho a abrace.

Ouviu como sua *shellan* deslizava bordeando a escrivaninha e o aroma de suas lágrimas se fez mais forte porque quanto mais se aproximava mais caíam. Como fazia sempre, encontrou sua cintura, enganchou-a com o braço, e a puxou para ele, a delicada cadeira rangeu ao acomodar o peso extra. Com um sorriso, Wrath deixou que suas mãos encontrassem o ondulado comprimento de seu cabelo e acariciou sua suavidade.

—É tão maravilhoso a sentir.

Beth estremeceu e se recostou contra ele, e lhe alegrou que o fizesse. A diferença de quando tinha que usar as mãos como olhos ou quando estava pegando algo que tinha derrubado, sustentar seu quente corpo entre os braços, o fazia sentir forte. Grande. Poderoso.

Nesse momento ele precisava de tudo isso, e a julgar pela maneira em que se deixou cair contra seu peito, ela também precisava.

—Sabe o que vou fazer depois de que terminemos com a papelada? —murmurou ele.

—O que?

—Vou levá-la à cama e a manter ali durante um dia inteiro. —Quando seu aroma se acendeu, riu com satisfação— Isso não a incomodaria, não é? Apesar de que vou despi-la e a fazer permanecer assim?

—Não me incomoda nem um pouco.

—Bom.

Permaneceram juntos durante um longo momento, até que Beth levantou a cabeça de seu ombro.

—Quer trabalhar um momento?

Moveu a cabeça de modo que, se tivesse tido sentido da vista, estaria olhando a escrivania.

—Sim, é como que... merda, necessito disso. Não sei por que. Simplesmente o necessito. Começemos com algo fácil... Onde a maleta de correio de Fritz?

—Bem aqui, ao lado da velha cadeira de Tohr.

Quando Beth se inclinou, deslocou o traseiro, conduzindo-o para seu membro de uma maneira muito satisfatória, e com um gemido agarrou seus quadris e impulsionou os seus para cima.

—Mmm, há algo mais no chão que precisa ser recolhido? Possivelmente devesse derrubar mais penas. Ou atirar o telefone.

A risada gutural de Beth era mais sensual que a lingerie.

—Se quiser que me incline, só tem que pedir.

—Deus, amo você. —Quando se endireitou, voltou sua cabeça e beijou seus lábios, atrasando-se sobre a suavidade de sua boca, roubando uma rápida lambida... ficando duro como um tronco. — Revisemos rapidamente a papelada assim poderei tê-la onde quero.

—E onde seria isso?

—Em cima de mim.

Beth riu outra vez e abriu a maleta de couro que Fritz utilizava para recolher as petições que chegavam por carta. Houve um deslocamento de envelopes contra envelopes e um profundo suspiro de sua *shellan*.

—Muito bem. —disse ela— Vejamos o que temos aqui.

Havia quatro petições de emparelhamento que deviam ser assinadas e seladas, e normalmente isso teria levado um minuto e meio. Agora, entretanto, todo o assunto da assinatura, derramar a cera e apertar requereu um pouco de coordenação com Beth... mas com ela sentada em seu colo foi divertido. Logo havia um monte de estados de conta domésticos. Seguido por faturas. Faturas. E mais fatura. Todas as quais iriam para V para que realizasse os pagamentos por internet, graças a Deus, já que Wrath não era partidário da micro-administração das finanças.

—Uma última coisa. —disse Beth— Um envelope grande de um escritório jurídico.

Quando ela se esticou para frente, sem dúvida para alcançar o abridor de cartas de prata de lei com forma de adaga, percorreu-lhe as coxas com as mãos, subindo logo pela face interna.

—Eu adoro quando fica sem fôlego dessa forma. — disse ele, cheirando sua nuca.

—Ouviu isso?

—Já pode jurá-lo. —Continuou com a carícia, perguntando-se se possivelmente deveria lhe dar a volta para acomodá-la em cima de sua ereção. Sabe Deus, que podia

fechar a porta de onde estava— O que há no envelope, *leelan*? —Deslizou uma mão diretamente entre suas coxas, cobrindo seu centro, massageando-o. Desta vez entre uma e outra respiração entrecortada pronunciou seu nome, e que sexy se ouviu— O que tem aí, mulher?

—É... uma declaração de... linhagem —disse Beth com voz rouca, começando a balançar seus quadris— Para determinar um testamento.

Wrath moveu o polegar sobre o doce lugar e lhe mordiscou o ombro.

—Quem morreu?

Depois de um ofego, disse:

—Montrag, filho de Rehm. —Ante o nome, Wrath ficou gelado e Beth mudou de lugar, como se tivesse girado a cabeça para olhá-lo— O conhecia?

—Era o que queria que me assassinassem. O que significa, pela Antiga Lei, que tudo o que é seu agora é meu.

—Bastardo. —Beth amaldiçoou um pouco mais, e se ouviu o som de páginas sendo giradas— Bem, tem um monte de... Uau. Nossa. Muito rico... Hei. É Ehlena e seu pai.

—Ehlena?

—É uma enfermeira da clínica de Havers. A fêmea mais agradável que possa encontrar. Foi a que ajudou Phury a evacuar as antigas instalações quando começaram os assaltos, recorda? Conforme parece, ela... bem, seu pai... é o parente mais próximo, mas está muito doente.

Wrath franziu o cenho.

—O que acontece com ele?

—Aqui diz incapacidade mental. Ela é sua tutora legal e quem cuida dele, e isso tem que ser duro. Não acredito que tenham muito dinheiro. Saxton, o advogado, escreveu uma nota pessoal... OH, isto é interessante...

—Saxton? Conheci-o na outra noite. O que diz?

—Diz que tem quase a total segurança de que os certificados de linhagem do pai e dela são autênticos, e que está disposto a pôr sua reputação em jogo para responder por eles. Espera que facilite a partilha do patrimônio, já que lhe preocupam as pobres condições em que vivem. Diz... diz que são dignos do golpe de sorte que se apresentou inesperadamente. O «inesperadamente» está sublinhado. Logo acrescenta... não viram Montrag em um século.

Saxton não lhe tinha dado a impressão de ser um homem estúpido. Ao contrário. Embora em Sal não houvesse confirmação a respeito de todo o assunto do assassinato, essa nota escrita a mão seguro como o demônio que parecia ser uma forma sutil de pedir ao Wrath que não exercesse seus direitos como monarca... que se inclinasse a favor de parentes que se sentiram emocionados ao saber que eram os próximos na linha sucessória, que estavam precisando de dinheiro... e que não tinham nada a ver com o complô.

—O que vai fazer? —perguntou Beth, afastando o cabelo da testa.

—Montrag merece o que lhe aconteceu, mas seria fantástico se algo bom resultasse de tudo isto. Nós não necessitamos dos ativos, e se essa enfermeira e seu pai...

Beth pressionou sua boca contra a dele.

—Amo-o tanto.

Ele riu e a reteve contra seus lábios.

—Quer demonstrar isso?

—Depois de que aprove esta petição? É obvio.

Para tramitar o testamento, tiveram que brincar com a chama, a cera e o selo real outra vez, mas desta vez ele tinha pressa, era incapaz de esperar um segundo mais do necessário antes de entrar em sua fêmea. Sua assinatura ainda estava secando e o selo esfriando-se quando tomou de novo a boca de Beth...

O golpe na porta o fez grunhir enquanto fulminava com o olhar a origem do som.

—Me largue.

—Trago notícias. —A amortecida voz de Vishous se ouvia baixa e tensa. O que acrescentava o qualificativo ruim ao que havia dito.

Wrath abriu os painéis com a mente.

—Me fale. Mas faça-o rápido.

A inspiração horrorizada de Beth lhe deu uma idéia da expressão de V.

—O que aconteceu? —murmurou ela.

—Rehvenge está morto.

—O que? —disseram ambos ao mesmo tempo.

—Acabo de receber uma chamada de iAm. O ZeroSum foi reduzido a cinzas, e segundo o mouro, Rehv estava dentro quando ocorreu. Não há forma de que haja sobreviventes.

Houve uma zona morta enquanto as repercussões se afiançavam.

—Bella sabe? —disse Wrath com tom grave.

—Ainda não.

Capítulo 60

John Matthew rodou sobre sua cama e despertou quando algo duro se fincou em sua bochecha. Com uma maldição, levantou a cabeça. OH, genial, ele e Jack Daniel's tinham desfrutado de alguns assaltos, e as seqüelas dos golpes do uísque ainda perduravam: apesar de estar nu tinha muito calor, a boca estava tão seca como a casca de uma árvore, e a necessidade de chegar ao banho antes que sua bexiga explodisse.

Sentando-se, passou a mão pelo cabelo e os olhos... e conseguiu que sua ressaca se

avivasse.

Quando a cabeça começou a palpitar, agarrou a garrafa que utilizara como travesseiro. Só restava um centímetro de álcool no fundo, mas isso era o suficiente para conter a essa desgraça. Preparado para aliviar-se, foi desenroscar a tampa do Jack e descobriu que não estava posta. Menos mal dormira com a garrafa em posição vertical.

Bebendo com vontade, levou essa merda a sua barriga e disse a si mesmo que só tinha que concentrar-se em respirar até passarem as ondas de náusea que dispararam em seu estômago. Quando só ficaram vapores na garrafa, deixou ao soldado morto sobre o colchão e baixou o olhar a seu corpo. Seu membro estava dormindo contra sua coxa, e não podia recordar a última vez que tinha despertado sem uma ereção. Mas, bem, tinha estado com... três? Quatro? Com quantas mulheres tinha estado? Deus, não tinha nem idéia.

Usara camisinha uma vez. Com a prostituta. O resto tinha sido sem nada, e retirando-se no momento preciso.

Em imagens imprecisas, viu-se com Quinn fazendo duplas com alguma das mulheres, depois com outras. Não podia recordar como se sentira, não recordava nada dos orgasmos que tivera, nem nenhum dos rostos, apenas se recordava a cor de seus cabelos. Do que se lembrava, era que assim que tinha voltado para sua casa, tomara uma longa ducha quente.

Toda essa merda que não recordava, tinha deixado uma mancha em sua pele.

Com um gemido, tirou as pernas da cama e deixou que a garrafa caísse ao chão, junto a seus pés. A viagem ao banheiro foi uma autêntica festa, estava tão sem equilíbrio que ziguezagueou... bem, como um bêbado, de fato. E caminhar não era o único problema que tinha. De pé, em frente ao vaso sanitário, teve que apoiar-se contra a parede e concentrar-se em sua pontaria.

De volta na cama, puxou um lençol sobre a parte inferior de seu corpo, apesar do fato de que se sentia como se tivesse febre: embora estivesse sozinho, não queria permanecer estendido como uma estrela pornô procurando uma atriz secundária.

Merda... a cabeça o estava matando.

Quando fechou os olhos, desejou ter apagado a luz do banheiro.

De repente, deixou de lhe importar a ressaca, entretanto. Com terrível clareza, recordou Xhex subindo escarranchado sobre seus quadris, montando-o com um ritmo fluido e poderoso. OH, Deus, era tão vívido, muito mais que só uma lembrança. Quando as imagens se esgotaram, sentiu o tenso apertão do corpo dela sobre seu sexo e a firmeza com que o tinha sujeitado os ombros, e reviveu essa sensação de ser dominado.

Conhecia cada empurrão e deslizamento, todos os aromas, inclusive a forma em que ela respirava.

Com ela, recordava de tudo.

Apoiando-se de lado, recolheu Jack do chão, como se por algum milagre os duendes alcoólicos pudessem ter recheado a garrafa. Não teve sorte...

O grito que estalou do outro lado da porta era do tipo que soltava alguém quando tinha sido apunhalado profundamente e com força, e o alarido dilacerador lhe devolveu a sobriedade como se tivesse chapinhando em um banheiro gelado. John agarrou sua arma, saltou da cama, e quando tocou o chão já estava correndo; abriu a porta de um empurrão e saiu à carreira ao corredor das estátuas. De ambos os lados de seu quarto, Qhuinn e Blay faziam o mesmo, e fizeram a mesma aparição apressada preparado-para-lutar que ele.

Mais à frente no corredor, a Irmandade estava de pé na soleira das habitações de Zsadi e Bella, com as expressões de seus rostos sombrias e tristes.

— Não! — A voz de Bella era tão alta como tinha sido o grito. — Não!

— Sinto muito — disse Wrath.

Desde onde estavam os Irmãos, Tohr olhou John. O rosto do homem estava pálido e macilento, seu olhar vazio.

O que aconteceu? gesticulou John.

As mãos de Tohr se moveram lentamente. *Rehvenge morreu.*

John respirou profundamente, várias vezes. *Rehvenge... morto?*

— Jesus Cristo — resmungou Qhuinn.

Os soluços de Bella se precipitavam da porta do dormitório para o corredor, e John desejou ir até ela. Recordava o que era essa dor. Tinha estado nesses sapatos horríveis e paralisantes quando Tohr fugira, logo depois de que a Irmandade tivesse feito exatamente o mesmo que estava fazendo agora... comunicar a pior das notícias que alguém pudesse ouvir.

Ele tinha gritado igual Bella o fizera. Chorado do mesmo modo que ela agora.

John voltou a observar Tohr. Os olhos do Irmão ardiam como se houvesse coisas que desejasse dizer, abraços que desejasse oferecer, enganos que desejasse consertar.

John esteve a ponto de aproximar-se dele.

Mas logo se voltou e entrou cambaleando em seu quarto, fechou a porta e passou a chave. Sentou-se na cama, sustentando o peso dos ombros com suas mãos e deixando que a cabeça ficasse pendurando entre eles. O caos de seu passado lhe esmurrava o cérebro, mas no centro de seu peito havia uma única palavra predominante: Não.

Não podia voltar por aí com Tohr. Tinha sido espremido muitas vezes. Além disso, já não era um menino, e Tohr nunca tinha sido seu pai, de forma que toda essa merda de *papai, me salve* não se aplicava a eles.

O mais próximo que estiveram era de guerreiro a guerreiro.

Tirando Tohr à força de sua mente, pensou em Xhex.

Nesse momento devia estar sofrendo. Muito. Odiava que não houvesse nada que pudesse fazer por ela.

Mas logo recordou a si mesmo que, inclusive se houvesse, ela não queria o que ele tinha para oferecer. Tinha deixado isso deixado perfeitamente claro.

Xhex estava sentada na cama em sua casa sobre o Rio Hudson, com a cabeça pendurando, e o peso de seus ombros apoiado sobre suas mãos. Junto a ela, sobre a fina manta, estava a carta que iAm lhe tinha dado. Depois de tirá-la do envelope, tinha-a lido uma vez, voltado a dobrar ao longo de suas antigas dobras, e se retirado a este pequeno quarto.

Movendo a cabeça a um lado, olhou através das janelas cobertas de geada para o rio preguiçoso e lóbrego. Hoje fazia um frio penetrante, e a temperatura da água congelava as bordas rochosas.

Rehv era um tremendo bastardo.

Quando ela tinha jurado para ele que cuidaria de uma fêmea, não pensara atentamente na promessa. Na carta, recordava-lhe o compromisso e identificava a fêmea como a ela mesma: não devia ir buscá-lo, nem pôr em perigo a vida da princesa de modo algum. Mais ainda, no caso de que fizesse algo parecido em nome dele, não aceitaria sua ajuda e escolheria permanecer na colônia, sem importar com quais ações tomasse para salvá-lo. Finalmente, indicava-lhe que se fosse contra seus desejos e sua própria palavra, iAm a seguiria à colônia, o que colocaria em perigo a vida do Sombra.

Filho. Da. Puta.

Era o plano perfeito, digno de um macho como Rehv: podia estar tentada a esquecer sua promessa, e também podia pensar que havia um modo de fazer com que seu chefe recuperasse o bom-senso, mas já carregava vida de Muhrder ao redor do pescoço, e agora a de Rehvenge. Acrescentar a de iAm à lista a mataria.

Além do mais, Trez seguiria seu irmão, convertendo-os em quatro.

Apanhada pela situação, agarrou a borda do colchão tão forte que seus antebraços tremeram.

De alguma forma, a faca chegou à palma de sua mão; só depois recordaria que tivera que levantar-se e caminhar nua até o outro lado do quarto para chegar a suas calças de couro e tirá-la de sua capa.

Quando estava de volta na cama, pensou em quantos machos tinha perdido no curso de sua vida. Viu o longo cabelo escuro de Muhrder, seus profundos olhos e a firmeza que sempre brilhava no forte queixo... ouviu seu acento do Antigo País e evocou a forma em que sempre cheirava a pólvora e sexo. Depois, viu o olhar ametista de Rehvenge, seu mohawk e sua formosa roupa... cheirou sua colônia Must da Cartier, e reviveu sua elegante brutalidade.

Finalmente, imaginou os olhos azuis escuro de John Matthews, e o cabelo cortado ao estilo militar... sentiu-o movendo-se profundamente em seu interior... ouviu sua pesada respiração quando seu corpo de guerreiro lhe dera o que desejava e não tinha sido capaz de dirigir.

Todos se foram, embora ao menos dois deles ainda estivessem vivos sobre o planeta. Mas a pessoa não tinha que morrer para sair de sua vida.

Baixou o olhar à folha cruelmente afiada e brilhante, e inclinou a faca de forma que captasse a débil luz do sol, emitindo um brilho que a cegou momentaneamente. Era boa com as facas. De fato, era sua arma favorita.

O golpe na porta a fez levantar a cabeça.

— Está tudo bem aí?

Era iAm... que não só agira como carteiro de Rehv, mas também a quem evidentemente tinham encarregado de ser sua babá. Tentara expulsá-lo de sua casa, mas ele simplesmente se converteu em sombra, tomando uma forma que ela não podia sujeitar, e muito menos jogar a patadas pela maldita porta.

Também Trez estava ali, sentado na sala principal da cabana de caça, mas falando de mudança de papéis. Quando se encerrara em seu dormitório, ele tinha ficado sentado imóvel em uma cadeira de respaldo reto, olhando ao rio e guardando um profundo silêncio. À consequência da tragédia, os irmãos tinham trocado suas personalidades, sendo iAm o que falava: pelo que podia recordar, Trez não havia dito nenhuma palavra desde que tinham recebido a notícia.

Entretanto, todo esse silêncio não significava que Trez estivesse sofrendo. Sua rede emocional estava marcada pela fúria e a frustração, e tinha a sensação de que Rehv, com toda sua chata sabedoria, tinha encontrado uma forma de apanhar ao Trez também, impedindo-o de entrar em ação. O Mouro estava, assim como ela, tentando encontrar uma saída, e conhecendo Rehv, não haveria nenhuma. Era um professor da manipulação... sempre fora.

E tinha investido muito esforço tramando esta partida estratégica. Segundo iAm, tudo estava arrumado, não só a nível pessoal, mas também financeiro. iAm ficava com Sal; Trez com o Iron Mask; ela com um montão de efetivo. Também se preocupara com Ehlena, embora iAm dissesse que ele se encarregaria disso. O grosso das propriedades familiares passava a Nalla: a pequena receberia milhões e milhões de dólares, junto com toda a herança da família que, de acordo com a primogenitura, fora propriedade de Rev e não de Bella.

Fazia uma saída perfeita, apagando completamente os negócios de droga e apostas do ZeroSum. O Mask ainda tinha garotas de aluguel, mas nenhum membro do outro pessoal iria até lá, nem ao Sal. Com a marcha do Reverendo, todos eles estavam virtualmente limpos.

— Xhex, daria tudo para saber que está viva.

Não havia forma de que iAm pudesse atravessar a porta ou desmaterializar-se lá dentro para verificar se ainda respirava. O quarto era uma caixa forte de aço, completamente impenetrável. Havia inclusive uma fina malha ao redor do batente da porta, de forma que não podia entrar como sombra.

— Xhex, já o perdemos esta noite. Faça com que sejam dois, e vou te matar outra vez.

— Estou bem.

— Nenhum de nós está bem.

Quando não replicou, ouviu iAm amaldiçoar e afastar-se da porta.

Talvez mais tarde pudesse ajudar aos dois. Depois de tudo, eram as únicas pessoas que sabiam como se sentia. Nem sequer Bella, que tinha perdido a seu irmão, conhecia a acuidade da tortura que eles três teriam que suportar durante o resto de seus dias. Bella pensava que Rehv estava morto, assim podia passar pelo processo de dor, sair do outro lado e seguir com sua vida de algum modo.

Xhex, iAm e Trez? Estariam apanhados no limbo do inferno de saber a verdade, sem ser capazes de fazer nada para alterá-la... resultando que a princesa ficava livre para torturar Rehvenge seu coração pulsasse.

Ao pensar no futuro, Xhex agarrou o punho da adaga com força.

E quando baixou a arma até sua pele, apertou-a ainda mais.

Com a boca apertada para conter a dor dentro de si, Xhex derramou seu próprio sangue em vez de lágrimas.

Embora, que diferença havia na realidade? De qualquer forma, os *symphaths* choravam vermelho, igual à veia.

Capítulo 61

O cérebro de Rehv entrou de novo em linha, recuperando a consciência em uma lenta onda flutuante. Sua consciência flamejava, desvanecia-se e retornava, estendendo-se da base de seu crânio até seu lóbulo frontal.

Sentia seus ombros em chamas. Ambos. A cabeça estava matando-o desde que o *symphath* o golpeará com a espada, enviando-o a um doce sonho. Sentia o resto de seu corpo curiosamente leve.

Ao outro lado de suas pálpebras fechadas, a luz cintilava a seu redor e ele a registrava de uma cor vermelha profunda. O que significava que seu sistema estava completamente livre de dopamina, e agora era o que sempre seria.

Inspirando pelo nariz cheirou... terra. Terra limpa e úmida.

Passou um momento antes que estivesse preparado para jogar uma olhada, mas finalmente necessitou outro ponto de referência além da dor em seus ombros. Abriu os olhos e piscou. Havia velas tão longas como suas pernas dispostas nos limites do que aparentava ser alguma espécie de cova, as chamas que palpitavam no topo de cada uma delas eram de uma cor vermelho sangue e se refletiam sobre paredes que pareciam líquidas.

Líquidas não. Havia coisas que se arrastavam pela pedra negra... que se arrastavam

por tudo.

Rapidamente baixou os olhos para seu corpo, e se sentiu aliviado ao ver que seus pés não estavam em contato com o chão movediço. Olhou para cima... e viu correntes que se prendiam no alto do teto ondulado e o sustentavam no ar, correntes que sujeitavam... varinhas que tinham sido inseridas através de seu torso, por baixo de seus ombros.

Estava suspenso em meio da cova, seu corpo nu flutuava por cima e por debaixo dos reluzentes e palpitantes limites de rocha.

Aranhas. Escorpiões. Em sua prisão, proliferavam os guardiães venenosos.

Fechando os olhos, estendeu seu lado *symphath*, tentando encontrar a outros de sua espécie, decidido a sair do lugar onde estava, para comunicar-se com mentes e emoções que pudesse manipular para poder libertar-se: embora tivesse ido à colônia para ficar, isso não significava que devesse continuar pendurado como um candelabro.

Mas tudo o que podia sentir era uma teia de estática.

O elenco das centenas de milhares que o rodeavam formava uma manta psíquica impenetrável, castrando seu lado *symphath*, não permitindo que nada entrasse ou saísse da cova.

Em seu peito se aferrava a cólera mais que o medo, e estirou-se para agarrar uma das correntes e puxou-a, usando seus maciços músculos peitorais. A dor o fez tremer da cabeça aos pés, fazendo seu corpo oscilar no ar, mas suas ataduras não se moveram e o ferrolho do mecanismo que atravessava sua carne não se deslocou.

Quando se balançou para trás ficando em posição vertical, ouviu um som, como se uma porta tivesse aberto detrás dele.

Alguém entrou, e soube de quem se tratava pelo forte bloqueio psíquico que tinha levantado.

— Tio — disse.

— De fato.

O rei dos *symphaths* entrou, apoiando-se em sua bengala e arrastando os pés, as aranhas que estavam no solo romperam brevemente a colcha que formava seus corpos, para lhe abrir caminho e logo voltar a fechá-lo. Sob o traje imperial cor vermelha sangue o corpo de seu tio era débil, mas o cérebro que havia sobre aquela coluna vertebral encurvada era incrivelmente poderoso.

Provando sem deixar dúvidas que a força física não era a melhor arma de um *symphath*.

— Como se sente em seu repouso flutuante? — perguntou o rei, e seu anel real de rubis refletiu a luz da vela.

— Adulado.

O rei elevou as sobrancelhas por cima de seus brilhantes olhos vermelhos.

— Como é isso?

Rehv olhou a seu redor.

— O ferrolho e a chave que escolheu para me manter preso são impressionantes. Isso significa que sou muito poderoso para seu conforto, ou que é mais fraco do que deseja.

O Rei sorriu com a serenidade de alguém que se sentia completamente a salvo.

— Sabe que sua irmã deseja ser rainha?

— Meio-irmã. E não me surpreende.

— Durante um tempo, lhe dei o que queria em meu testamento, mas me dei conta de que estava sendo indevidamente influenciado, e mudei tudo. Para isso, te chantageava. O que obtinha, utilizava para fazer transações comerciais de todo tipo com humanos. — Sua expressão sugeria que isso era semelhante a convidar ratos à cozinha. — Essa atitude por si só, indica que é completamente indigna de governar. O medo é muito mais útil para motivar subordinados... o dinheiro é comparativamente irrelevante, se a pessoa está tentando ganhar poder. E me matar? Supôs que dessa forma poderia evitar meu plano de sucessão, o que exagera enormemente suas capacidades.

— O que fez com ela?

Uma vez mais mostrou aquele sorriso sereno.

— O que era conveniente.

— Quanto tempo vai me manter assim?

— Até que ela morra. Saber que tenho você, e que estar vivo é parte de seu castigo.

—O rei olhou as aranhas que havia a seu redor, algo um pouco parecido ao afeto verdadeiro flamejou em seu rosto branco de Kabuki. — Não se preocupe, meus amigos lhe cuidarão bem.

— Não estou.

— Estará. Prometo. — Seus olhos retornaram a Rehv, e seus traços andróginos adotaram uma expressão demoníaca. — Eu não gostava de seu pai e me alegrou bastante que o matasse. Tendo esclarecido isso, devo dizer que não terá a oportunidade de fazer o mesmo comigo. Viverá unicamente enquanto o faça sua irmã, logo seguirei seu bom exemplo e reduzirei o número de meus parentes.

— Meio-irmã.

— Põe muito afinto em distanciar os laços que o unem à princesa. Não me estranha que te adore como o faz. Para ela, aquilo que é inalcançável sempre ostenta o maior encanto. E é, repito, a única razão pela qual está vivo.

O rei se inclinou sobre a bengala, e arrastando os pés lentamente, começou a retroceder o caminho que tinha percorrido ao chegar. Antes de sair do campo visual de Rehv, deteve-se.

— Alguma vez estive na tumba de seu pai?

— Não.

— É meu lugar favorito em todo mundo. Parar sobre a terra onde sua carne se queimou sobre a pira funerária, convertendo-se em cinzas... adorável. — O rei sorriu com fria alegria. — Que tenha sido assassinado por sua mão o faz ainda mais doce, já que

sempre pensou que fosse débil e inútil. Deve tê-lo atormentado bastante saber que foi vencido por um ser inferior. Descanse bem, Rehvenge.

Rehv não respondeu. Estava muito ocupado esporeando as paredes mentais de seu tio, procurando uma forma de entrar.

O rei sorriu, como se aprovasse suas tentativas, e seguiu seu caminho.

— Sempre gostei de você. Apesar de ser só um mestiço.

Houve um estalo, como se tivesse fechado uma porta.

Todas as velas se apagaram.

A desorientação fez com que a garganta de Rehvenge se fechasse. Ao se ver abandonado, flutuando na escuridão sem nada que o orientasse, o terror o invadiu. Não poder ver era o pior...

As varinhas que atravessavam a parte superior de seu corpo começaram a tremer ligeiramente, como se soprasse uma brisa que fizesse vibrar as correntes.

OH...Deus, não.

As cócegas começaram em seus ombros e se intensificaram depressa, fluindo para baixo por seu estômago e suas coxas, correndo para a ponta de seus dedos, cobrindo suas costas, florescendo por seu pescoço para seu rosto. Usou suas mãos na medida em que pôde. Tentava afastar à multidão, mas embora atirasse muitas ao chão, havia mais que se sobrepunham. Estavam sobre ele, movendo-se sobre ele, cobrindo-o como uma camisa de força de diminutos toques em contínuo movimento.

A revoada em suas fossas nasais e ao redor de seus ouvidos era sua perdição.

Teria gritado. Mas então as teria engolido.

Em Caldwell, na casa de arenito marrom à qual se mudaria sem dúvida, Lash tomava banho com preguiçosa precisão, tomando seu tempo com a esponja, passando-a por entre os dedos do pé e detrás de suas orelhas, prestando especial atenção a seus ombros e a parte baixa de suas costas. Não havia nenhuma necessidade de apressar-se.

Quanto mais esperasse, melhor.

Além disso, que bom banho para passar o tempo! Tudo era de primeira qualidade, do mármore de Carrara que cobria o chão e as paredes, passando pelos acessórios de ouro e a incrível extensão de espelhos gravados que havia sobre os profundos lavabos.

As toalhas que penduravam das prateleiras ornamentadas eram do Wal-Mart.

Sim, e seriam substituídas assim que fosse possível. As malditas coisas eram a única coisa que tinha o senhor D no rancho, e Lash não estava para perder o tempo conduzindo por toda Caldwell em busca de algo melhor para secar o traseiro... não, quando tinha uma nova peça de equipe para exercitar e pôr a prova. Entretanto, depois do treinamento desta manhã, entraria em Internet e compraria merda como móveis, roupa de cama, tapetes e artigos de cozinha.

Não obstante, tudo teria que ser entregue no PDM de rancho, onde o senhor D e outros estavam ficando agora. Os homens de UPS¹¹⁰ não eram bem-vindos por aqui.

Lash deixou a luz do banheiro acesa e foi para o dormitório principal. O teto era da altura habitual dos de antes da guerra, o que significava que a maldita coisa era tão alta que sob ela se podiam formar nuvens e flutuar ao redor das molduras esculpidas à mão, se houvessem as condições atmosféricas apropriadas. O piso era belíssimo, de madeira nobre com incrustações de cerejeira, e as paredes estavam empapeladas com um assombroso redemoinho de verde escuro, como as cobertas interiores de um livro antigo.

As janelas acabavam de ser seladas com mantas baratas que tinham tido que cravar nas molduras... uma verdadeira pena. Mas igual às toalhas, isso mudaria. Assim como também a cama, que não era mais que um colchão extragrande jogado no chão, com sua pele branca e acolchoada exposta, como um nativo do Meio Oeste tentando bronzear-se em algum lugar elegante.

Lash deixou cair a toalha de seus quadris, e sua ereção se equilibrou para cima.

— Eu adoro que seja uma mentirosa.

A princesa levantou a cabeça, seu brilhante cabelo negro emitia brilhos azuis.

— Vai me soltar? Foderemos melhor, prometo.

— Não estou preocupado em quão bom vá ser.

— Está seguro? — Seus braços puxaram correntes de aço que tinham sido fixadas no chão. — Não quer que eu te toque?

Lash sorriu, olhando o corpo nu que agora possuía, para toda intenção e propósito. Ela era seu presente, outorgado pelo rei *symphath* como um gesto de boa fé, um sacrifício que era também um castigo por sua traição.

— Não irá a nenhuma parte — disse. — E te foder vai ser fantástico.

Iria usá-la até que se quebrasse, depois a soltaria e faria encontrar vampiros para matá-los. Era a relação perfeita. E caso se cansasse dela, ou se não funcionasse sexualmente ou como cetro adivinhatório, se livraria dela.

A princesa o fulminou com o olhar, a cor avermelhada de seus olhos era como uma forte maldição lançada a todo volume.

— Vai me deixar ir.

Lash baixou a mão e começou a acariciar seu pênis.

— Só se for para te pôr em sua tumba.

O sorriso dela foi de pura maldade, tanto assim, que seu escroto se esticou e esteve a ponto de gozar.

— Já veremos — disse com voz baixa e profunda.

Antes que Lash deixasse a colônia com ela, o guarda privado do rei a tinha drogado, e quando a estendera sobre o colchão, tinha lhe separado as pernas o máximo possível.

¹¹⁰ UPS Serviço de mensageiro. (N. da Aut.)

Dessa forma, podia ver quando seu sexo reluzia por causa dele.

— Nunca te deixarei ir — disse quando se ajoelhou sobre o colchão e agarrou seus tornozelos.

Sua pele era suave e branca como a neve, seu centro era rosado como seus mamilos.

la deixar muitas marcas em seu corpo magro como uma vara. E a julgar pela forma em que girava seus quadris, ela ia gostar.

— É minha — grunhiu.

Em um repentino instante de inspiração, imaginou o colar de seu velho rottweiler ao redor desse magro pescoço. As placas de propriedade do Rei ficariam geniais nela, e a coleira do cachorro também.

Perfeito. Fodidamente perfeito.

Capítulo 62

UM MÊS DEPOIS...

Ehlana despertou com o som do roçar de porcelana contra porcelana e o aroma de chá Earl Grey. Ao abrir os olhos, viu uma *doggen* uniformizada lutando sob o peso de uma enorme bandeja de prata. Sobre ela havia uma rosquinha recém feita coberta por uma cúpula de cristal, um pote de geléia de morango, uma colherada de queijo em nata em um diminuto prato de porcelana, e sua parte favorita, um vaso com um casulo de flor.

Cada noite havia uma flor diferente. Este entardecer era um raminho de arbusto.

—Oh, Sashla, realmente não tem que fazê-lo. —Ehlana se incorporou afastando lençóis tão finos e tão bem acabados que eram mais suaves ao tato que o ar do verão contra a pele— É adorável de sua parte, mas honestamente...

A criada lhe fez uma reverência e ofereceu um tímido sorriso.

—A Senhora deveria despertar com uma refeição adequada.

Ehlana elevou os braços quando uma base foi posta sobre suas pernas e a bandeja colocada em cima. Enquanto baixava a vista para a prata amorosamente polida e a refeição minuciosamente preparada, seu primeiro pensamento foi que seu pai acabava de receber o mesmo, servido pelo mordomo *doggen* de nome Eram.

Acariciou a delicada manga curva da faca.

—É boa conosco. Todos vocês. Têm-nos feito sentir muito bem-vindos nesta casa esplêndida, e lhes agradecemos muitíssimo.

Quando elevou o olhar, havia lágrimas nos olhos da *doggen*, e a criada se apressou a secá-las com um lenço.

—Senhora, você e seu pai transformaram esta casa. Estamos muito contentes de que

sejam nossos amos. Agora... que vocês estão aqui, tudo é diferente.

Era o máximo que diria a criada, mas dada a forma em que ela e o resto do pessoal se sobressaltava, durante as duas primeiras semanas, Ehlena deduziu que Montrag não devia ter sido um chefe de família muito fácil.

Ehlena estendeu a mão e lhe deu apertão na da mulher.

—Alegra-me de que tenha sido bom para todos.

Enquanto a criada se afastava para reatar seus deveres parecia nervosa, mas feliz. Na porta, deteve-se.

—Oh, senhora já chegaram as coisas da senhora Lusie. A colocamos no quarto de hóspedes que há ao lado do de seu pai. Além disso, o chaveiro chegará em meia hora, como você pediu.

—Perfeito em ambos os casos, obrigada.

Enquanto a porta se fechava silenciosamente e a *doggen* partia cantarolando uma melodia do Antigo País, Ehlena retirou a cúpula do prato e colheu com a faca um pouco de queijo em nata. Lusie tinha concordado em mudar-se com eles e trabalhar como enfermeira e assistente pessoal do pai de Ehlena... o que era fantástico. No geral, ele tinha aceitado a nova situação com relativa facilidade, sua conduta e estabilidade mental eram melhores do que tinham sido durante anos, mas a próxima supervisão contribuía bastante para tranquilizar a permanente preocupação de Ehlena.

Ser cuidadosa com ele seguia sendo uma prioridade.

Aqui na mansão, por exemplo, não fazia falta, o papel alumínio sobre as janelas. Em troca, preferia olhar para fora, para os jardins que eram belos mesmo depois de estar adormecidos pelo inverno, e em retrospectiva, perguntava-se se parte de seu isolamento do mundo não tinha sido causado pelo lugar onde tinham estado vivendo. Também estava muito mais tranquilo e em paz, trabalhando continuamente no outro quarto de hóspedes que havia próximo ao seu. Entretanto, ainda ouvia vozes, preferia a ordem à desordem de qualquer tipo, e necessitava da medicação. Mas isto, comparado com o que tinha sido o último par de anos, era o paraíso.

Enquanto comia, Ehlena passeou o olhar pelo quarto que tinha escolhido e se lembrou da antiga mansão de seus pais. As cortinas eram do mesmo tipo das que estavam penduradas na casa de sua família, enormes faixas de cor pêssego, nata e vermelho desciam dos dentes revestidos de encaixes franzidos e com franjas. As paredes tinham o mesmo acabamento suntuoso, o papel de seda exibia um desenho de rosas que combinava perfeitamente com as cortinas, ao mesmo tempo que harmonizava com o tapete de centro que havia no chão.

Ehlena também se sentia como em sua casa, quanto ao entorno, mas entretanto completamente deslocada... e não só porque sua vida parecia como um veleiro que tinha naufragado em águas geladas, para ir se endireitar repentinamente nos trópicos.

Rehvenge estava com ela. Inexoravelmente.

Seu último pensamento antes de dormir e o primeiro ao despertar era que estava vivo. E sonhava com ele, via-o com os braços ao lado do corpo e a cabeça pendurada, perfilado contra um trêmulo fundo negro. Era uma completa contradição, de certa forma, a crença de que estava vivo se contrapunha a essa imagem... que parecia indicar que estava morto.

Era como ser acossada por um fantasma.

Gerando essa tortura.

Frustrada, afastou a bandeja, levantou-se e tomou banho. A roupa que colocou não era elegante, mas sim, era precisamente a mesma que tinha adquirido na Target e nas ofertas da Macy's por Internet, antes que tudo tivesse mudado. Os sapatos... eram as Keds que Rehv tinha segurado em sua mão.

Mas se negava a pensar nisso.

O assunto era, que não parecia correto sair correndo e gastar um monte de dinheiro em qualquer coisa. Não sentia que nada disto lhe pertencesse, nem a casa, nem o pessoal de serviço, nem os carros nem todo esse dinheiro em sua conta corrente. Ainda estava convencida de que Saxton ia aparecer ao cair da noite com um "Oh cometi um engano. Tudo isto deveria ter passado a alguma outra pessoa".

Que surpresa seria essa.

Ehlana tomou a bandeja de prata e saiu de seu quarto dirigindo-se ao quarto no final do corredor para checar como estava seu pai. Quando alcançou sua porta, golpeou-a com a ponta da sapatilha.

—Pai?

—Entre, minha filha!

Deixou a bandeja em uma mesa de mogno e abriu a porta para o quarto que usava como estúdio. Havia trazido a antiga mesa da casa de aluguel e o tinham colocado perto da porta, e seu pai estava sentado trabalhando como sempre fazia, com papéis por toda parte.

—Como está? —perguntou ela, indo beijar lhe no rosto.

—Estou bem, muito bem verdadeiramente. A *doggen* acaba de me trazer o suco e a comida. —Passou sua mão elegante e ossuda sobre a bandeja de prata que fazia jogo com a que ela havia trazido— Adoro à nova *doggen*, você não?

—Sim, pai, eu...

—Ah, Lusie, querida!

Enquanto seu pai ficava de pé e alisava a jaqueta de veludo de seu smoking, Ehlana deu uma olhada sobre o ombro. Lusie entrou luzindo um vestido tubinho cinza pomba e um pulôver de nós tecido à mão. Nos pés usava um par de tamancos Birkenstocks e meias três-quartos grossas de tecido apertado que também pareciam feitos em casa. Usava o comprido e ondulado cabelo jogado para trás, preso com uma discreta presilha na base do pescoço.

Ao contrário do resto das coisas que tinham mudado ao seu redor, ela ainda seguia

sendo a mesma. Encantadora e... acolhedora.

—Trouxe palavras cruzadas. —Sustentou no alto o jornal The New York Times que estava dobrado em quatro, assim como um lápis— Necessito de ajuda.

—E, é obvio, que estou a sua disposição, como de costume. —O pai de Ehlena se levantou e cortesmente retirou uma cadeira para Lusie— Sente-se aqui e veremos quantas casinhas conseguimos preencher.

Lusie sorriu a Ehlena enquanto se sentava.

—Não poderia fazê-lo sem ele.

Ehlena entreteceu os olhos ante o rubor apenas perceptível da fêmea e logo os desviou para o rosto de seu pai. O qual mostrava um evidente interesse.

—Deixo os dois com suas palavras cruzadas. —disse com um sorriso.

Quando partia, recebeu dois adeuses, e não pôde evitar pensar que o efeito estéreo soava muito bem a seus ouvidos.

Desceu escada abaixo no elegante vestíbulo, foi para a esquerda, para a sala de jantar formal, e se deteve para admirar todo o cristal e porcelana que estavam dispostos com toda pompa... como o deslumbrante candelabro.

Entretanto, não havia velas coroando esses elegantes braços de prata.

Não havia velas na casa. Nem fósforos nem tampouco acendedores. E antes de mudar-se, Ehlena fazia com que o *doggen* mudasse o fogão industrial que funcionava a gás por um elétrico. Do mesmo modo, as duas televisões da parte da casa da família tinham sido entregues ao pessoal de serviço, e os monitores de segurança tinham sido levados de um lugar aberto que havia na despensa do mordomo, a um quarto fechado com uma porta com chave.

Não havia nenhum motivo para tentar o destino. Particularmente porque qualquer tipo de aparelho eletrônico, incluindo as dos celulares e as calculadoras, continuavam pondo nervoso a seu pai.

Na primeira noite que ficaram na mansão se empenhou em passear com seu pai por todo o lugar lhe mostrando as câmaras de segurança e os sensores e os feixes de luz não só na casa, mas também nos jardins. Como não estava segura de como tomaria a mudança de domicílio e todas as medidas de segurança, tinha-lhe brindado com o tour depois que houvesse tomado sua medicação. Felizmente, tinha considerado a melhora de moradia como uma volta à normalidade, e lhe tinha encantado a idéia de que houvesse um sistema de vigilância para toda a propriedade.

Possivelmente essa fosse outra razão pela que não sentia a necessidade de ter as janelas cobertas. Sentia como se agora estivesse sendo vigiado de uma maneira conveniente.

Empurrando a porta de vaivém, Ehlena entrou na despensa e saiu no outro lado da cozinha. Depois de conversar com o mordomo que tinha começado a cozinhar a Última Refeição, e lhe haver feito um elogio a uma das criadas a respeito de quão bem tinha

limpado o corrimão das escadas, Ehlena se dirigiu ao escritório que estava no outro lado da casa.

A viagem foi longa, através de muitas salas formosas, e enquanto andava passava a mão amorosamente sobre as antiguidades, as ombreiras esculpidas à mão das portas e os móveis cobertos de seda. Esta encantadora casa ia fazer a vida de seu pai muito mais fácil, e como consequência, ela ia ter muito mais tempo e energia mental para concentrar-se em si mesma.

Não desejava isso. A última coisa que precisava eram horas vazias sem mais companhia que as tolices de sua mente. E inclusive se estivesse na competição para ganhar o prêmio de Miss Bem-Acomodada, queria ser produtiva. Verdade que já não necessitava de dinheiro para manter um teto sobre o que ficava de sua família, mas sempre tinha trabalhado, e gostava do propósito e o sentimento do que tinha estado fazendo na clínica.

Mas tinha queimado essa ponte e algo mais.

Como às outras trinta ou mais salas da mansão, o escritório estava decorado ao estilo da realeza européia, com delicados desenhos de damasco nas paredes e sofás, abundantes adornos com borlas nos cortinados, e uma grande quantidade de quadros comovedores e brilhantes que eram como janelas abertas para outros mundos ainda mais perfeitos. Entretanto havia uma coisa fora de tom. O chão estava nu, as poltronas, a mesa antiga, e todas as mesas e as cadeiras descansavam diretamente sobre o chão de madeira polida, o centro do qual era ligeiramente mais escuro que os bordos, como se alguma vez tivesse estado coberto.

Quando perguntou aos *doggens*, tinham-lhe explicado que o tapete tinha sofrido uma mancha impossível de tirar, e portanto, se encomendou uma nova ao fornecedor de antiguidades da família que residia em Manhattan. Não entraram em detalhes sobre o que tinha ocorrido, mas dado quão preocupados tinham estado todos eles por seus trabalhos, podia imaginá-lo que Montrag teria feito se tivesse havido algum tipo de falha em suas funções, sem importar quão razoável fosse o mesmo. Teria derramado a bandeja de chá? Sem dúvida teriam tido um grande problema.

Ehlena rodeou a mesa e se sentou. Na mesa sobre o tampo de couro, estava o Caldwell Courier Journal do dia, havia também um telefone e um agradável abajur francês, assim como uma encantadora estátua de cristal de um pássaro em vôo. Seu velho computador, o qual tinha tentado devolver à clínica, antes de que ela e seu pai viessem para casa, entrava perfeitamente na gaveta grande e plana que havia sob a parte superior... e sempre o conservava ali no caso dele entrar.

Supunha que podia se permitir comprar um novo computador, entretanto não ia comprar outro. Como suas roupas, o que tinha funcionava bem e estava acostumada a ele.

Além disso, as coisas que lhe eram familiares eram como um cabo a terra. E, homem, ela necessitava disso.

Pondo os cotovelos sobre a mesa, olhou através do aposento ao lugar da parede

onde deveria ter descansado uma marinha espetacular. Entretanto a pintura saía para o quarto formando um ângulo reto com a parede, e o fronte da caixa forte que ficava à vista era como uma simples fêmea que tinha estado escondida atrás de uma máscara de baile glamorosa.

—Ama, o chaveiro está aqui.

—Por favor, o faça entrar.

Ehlena se levantou, e foi para a caixa forte para tocar o suave e opaco painel e o dial de cor negra e prateada. Tinha encontrado a coisa só devido ao fato de que tinha estado tão sobressaltada pela representação do pôr-do-sol sobre o oceano, que se sentiu impulsionada a pôr a mão sobre o marco. Quando toda a pintura saltou para frente, horrorizou-se porque pensou que tinha prejudicado a moldura de alguma forma, salvo que então olhou atrás do marco e... quem haveria pensado?

—Ama? Este é Roff, filho de Rossf.

Ehlena sorriu e caminhou para um macho que estava vestido com um macacão negro e levava uma caixa negra de ferramentas. Quando ia estender a mão, ele tirou o chapéu e lhe fez uma profunda reverência, como se ela fosse alguém especial. O que resultou muito estranho. Depois de anos sendo apenas uma civil, a formalidade a incomodava, mas estava aprendendo que devia deixar outros a honrar a etiqueta social. Pedir que não o fizessem, fosse a *doggens*, trabalhadores ou assessores, só piorava as coisas.

—Obrigada por vir. —Lhe disse.

—É um prazer ser útil. —Olhou a caixa forte— É esta?

—Sim, não tenho a combinação. —dirigiram-se para o artefato— Tinha a esperança de que houvesse alguma forma de acessar a ela

A careta que ele tratou de esconder não era muito animadora.

—Bem, senhora, conheço este tipo de caixa forte, e não vai ser fácil. Teria que trazer uma furadeira industrial para atravessar os passadores e soltar a porta, e isso seria ruidoso. Além disso, quando tiver acabado a caixa forte ficará arruinada. Não quero que tome como uma falta de respeito mas, não tem maneira de achar a combinação?

—Não saberia onde procurá-la. —Percorreu com o olhar as prateleiras de livros e logo a mesa.— Nós acabamos de mudar, e não havia instruções.

O macho seguiu seu exemplo e percorreu a sala com o olhar.

—Normalmente os proprietários deixam essas coisas em um lugar secreto. Se você o encontrasse poderia lhe ensinar como restaurar a combinação, assim poderia voltar a utilizar a caixa forte. Como aviso, se tiver que brocá-la terá que ser trocada.

—Pois bem, depois de nos mudar explorei a mesa e não encontrei nada

—Encontrou algum compartimento secreto?

—Er... não. Mas só estava examinando os papéis ao azar e tentando abrir algum espaço para minhas coisas.

O macho assentiu frente à peça de mobiliário.

—Em muitas mesas desse estilo há ao menos uma gaveta com o fundo ou a parte traseira falsos, para dissimular um pequeno espaço. Não quero fazer conjecturas, mas poderia ajudá-la a encontrá-lo? Além disso, as molduras em um escritório como este também poderiam encobrir lugares secretos.

—Eu adoraria contar com outro par de olhos para isto, obrigada. —Ehlena se aproximou e um a um, foi tirando todas as gavetas da mesa, deixando-os um ao lado do outro no chão. Enquanto o fazia, o macho tirou uma lanterna de bolso e olhou dentro dos ocios ficavam descobertos.

Quando chegou a grande gaveta de baixo à esquerda duvidou, não querendo ver o que tinha guardado ali. Mas não era como se o chaveiro pudesse ver através da maldita coisa.

Silenciando uma rápida maldição, puxou a asa de bronze e não olhou todos os artigos que tinha guardado do Caldwell Courier Journal, cada um deles estava dobrado para esconder os artigos que tinha lido e guardado embora não quisesse lê-los de novo.

Pôs essa gaveta tão longe como pôde.

—Bem, esse é o último.

Ao ter a cabeça encaixada sob a mesa, a voz do macho ressonou.

—Acredito que há um... necessito de uma cinta métrica de minha caixa de ferramentas...

—Já vou procurá-la.

Quando a passou, parecia atônito de que lhe tivesse ajudado.

—Obrigada, senhora.

Ela se ajoelhou a seu lado enquanto voltava a agachar-se para meter-se debaixo da mesa.

—Vê algo?

—Parece que há... Sim, isto é um pouco mais superficial que outros. Só me deixe... — Houve um rangido e o braço do macho se sacudiu—Achei.

Quando se incorporou, tinha uma tosca caixa nas mãos curtidas.

—Acredito que terá que girar a tampa para abri-la, mas deixarei que você o faça.

—Certo, sinto-me como Indiana Jones, mas sem o chicote. — Ehlena levantou o painel superior e...— Bom, não há nenhuma combinação. Só uma chave. —Tirou a tira de aço, examinou-a e logo a pôs em seu lugar— Melhor que a deixemos onde a encontramos.

—Me deixe lhe mostrar como pode voltar a colocar a gaveta secreta.

O macho se foi vinte minutos mais tarde, depois de que os dois tivessem batido em todas as paredes, prateleiras e molduras da sala sem encontrar nada. Ehlena considerava que tinha que procurar uma última vez, e seguia com as mãos vazias, faria que retornasse com seus grandes armas para arrebentar a caixa.

Quando retornou ao escritório, pôs as gavetas em suas aberturas, fazendo uma pausa quando chegou ao que continha todos os artigos de periódico.

Possivelmente fosse pelo fato de que não tinha que preocupar-se com seu pai. Possivelmente fosse porque tinha um pouco de tempo livre.

Embora o mais provável fosse porque simplesmente se devesse ao fato de que estava tendo um momento de debilidade e não podia reprimir a necessidade de saber.

Ehlena tirou todos os papéis, desdobrou-os e os estendeu sobre a mesa. Todos os artigos eram sobre Rehvenge e a explosão do ZeroSum, e sem dúvida quando abrisse a edição de hoje, encontraria outro para acrescentar à coleção. Os jornalistas estavam fascinados com a história, e durante o último mês tinha havido um monte de reportagens a respeito disso... não só na imprensa escrita, mas também nas notícias da noite.

Nenhum suspeito. Nenhum indício. Entre os escombros do clube se encontrou o esqueleto de um macho. Os outros negócios que possuía, agora eram dirigidos por seus sócios. O tráfico de drogas no Caldwell estava paralisado. Não tinha havido mais assassinatos de traficantes.

Ehlena tomou um dos artigos que havia em cima da pilha. Não era dos mais recentes, mas o tinha lido tantas vezes, que tinha rabiscado o papel de periódico. Ao lado do texto havia uma foto imprecisa de Rehvenge, tirada por um oficial de polícia disfarçado dois anos atrás. O rosto de Rehvenge estava nas sombras, mas o casaco da Marta, a bengala e o Bentley se viam claramente.

Durante as quatro semanas passadas tinha destilado suas lembranças de Rehvenge, das vezes que tinham estado juntos até a forma em que tinha terminado tudo com essa viagem que tinha feito ao ZeroSum. O passar do tempo reforçava em lugar de desvanecer as imagens de sua mente, fazia com que o que recordava se voltasse ainda mais claro, como o uísque que se consolidava com o passar do tempo. E era estranho. Por mais, estranho que pudesse parecer, de todas as coisas que se haviam dito, tanto boas como más, o que Ehlena recordava com mais frequência era algo que essa fêmea da segurança lhe tinha ladrado quando estava a caminho da saída do clube.

...esse macho pôs a si mesmo em uma situação de merda por mim, sua mãe e sua irmã. E você se acredita muito boa para ele? Olhe bem. De onde, demônios, vem que é tudo tão perfeito?

Sua mãe. Sua irmã. Ela.

Enquanto as palavras açoitavam sua mente uma vez mais, Ehlena deixou vagar o olhar pelo escritório até que chegou à porta. A casa estava em silêncio, seu pai ocupado com Lusie e as palavras cruzadas, os empregados trabalhando alegremente.

Pela primeira vez em um mês, estava a sós.

Tomando isso em consideração, deveria tomar um banho quente e procurar um lugar onde aconchegar-se com um bom livro... mas em vez disso, pegou o computador, abriu a tela, e o ligou. Tinha a sensação de que se levasse a cabo o que queria fazer, ia acabar caindo em um profundo e escuro buraco.

Mas não podia evitá-lo.

Tinha salvado as buscas que tinha feito das histórias clínicas de Rehv e sua mãe, e como ambos tinham sido declarados mortos, os documentos eram, tecnicamente, parte do registro público... pelo motivo que quando abriu os arquivos não se sentiu tão culpada de invadir sua privacidade.

Primeiro estudou o histórico da mãe, e algumas coisas lhe resultaram familiares por havê-lo examinado previamente, quando tinha sentido curiosidade sobre a fêmea que lhe tinha dado a luz. Não obstante, agora, tomou seu tempo, procurando algo concreto. Embora Deus soubesse do que se tratava.

Os registros recentes não tinham nada notável, eram somente comentários de Havers a respeito dos exames anuais da fêmea ou o tratamento de algum vírus ocasional. Enquanto se deslocava pelas páginas, começou a perguntar-se por que estava perdendo tempo... até que chegou à operação de joelho que tinham realizado a Madalina cinco anos atrás. Nas notas pré-operatórias, Havers mencionava algo sobre a deterioração da articulação como resultado de lesões por golpes crônicos.

Golpes crônicos? Em uma fêmea de valia da glymera? Isso estava mais de acordo com um jogador de futebol, pelo amor de Deus, não com a mãe castelhana de alta linhagem de Rehvenge.

Não tinha sentido.

Ehlена retrocedeu mais e mais passando por muitas páginas... e a partir dos vinte e três anos contados do presente começou a ver as entradas. Uma atrás da outra. Ossos quebrados. Machucados. Contusões.

Se Ehlена não estivesse segura de que era impossível... juraria que era violência doméstica.

Todas às vezes era Rehv que a levava. Levava-a e permanecia com ela.

Ehlена voltou no tempo até a última entrada que parecia indicar o abuso de uma fêmea por parte de seu *hellren*. Madalina tinha sido acompanhada por sua filha, Bella. Não por Rehv.

Ehlена cravou o olhar na data como se da linha de números estivesse a ponto de sair subitamente um avanço importante. Quando cinco minutos depois ainda seguia olhando-a fixamente, sentiu como se o espectro da enfermidade de seu pai estivesse outra vez movendo-se ao longo dos pisos e paredes de sua mente. Por que demônios estava obcecada por isto?

E ainda assim, apesar de ter essa idéia em mente, seguiu o impulso que só pioraria sua obsessão. Abriu o registro de Rehv.

Retrocedeu pelos registros mais e mais e mais... ele tinha começado a necessitar de dopamina mais ou menos ao mesmo tempo que sua mãe deixou de ingressar com machucados.

Possivelmente fosse apenas uma coincidência.

Sentindo-se meio louca, Ehlена entrou na Internet e foi à base de dados dos registros

públicos da raça. Teclando o nome de Madalina, encontrou o registro da transição da fêmea, logo saltou para o de seu *hellren*, Rempoon...

Ehlena se inclinou para frente na cadeira e soltou a respiração com um vaio. Sem querer acreditar o que lia retornou ao registro de Madalina.

Seu *hellren* tinha morrido na noite em que ela tinha ingressado machucada na clínica pela última vez.

Com a sensação de estar a ponto de obter as respostas, Ehlena considerou as coincidências nas datas à luz do que a guarda de segurança lhe havia dito sobre Rehvenge. E se ele tinha matado o macho para proteger a sua mãe? E se essa guarda de segurança sabia? E se...?

Pela extremidade do olho, viu a foto de Rehvenge no CCJ, seu rosto na sombra, seu carro elegante e sua bengala, sua pose de fanfarrão tão óbvia.

Com uma maldição, fechou o computador de um golpe, colocou-o de volta na gaveta, e se levantou. Podia não ser capaz de controlar seu subconsciente, mas podia resolver o problema de sua vigília e não respirar esta loucura.

Em vez de voltar-se mais louca, ia subir para o quarto principal onde Montrag tinha dormido e buscaria por ali para ver se encontrava a combinação do cofre. Mais tarde, tomaria a Última Refeição com seu pai e Lusie.

E depois tinha que averiguar o que ia fazer com o resto de sua vida.

—...pensa-se que os recentes assassinatos de traficantes na área poderiam ter acabado com a mais que provável morte do dono do clube Richard Reynolds suspeito de ser o chefe da droga. — Houve um rangido quando Beth pôs o CCJ sobre a mesa. — É o final do artigo.

Wrath esticou as pernas, para sustentar mais comodamente no colo o peso de sua Rainha. Tinha ido ver Payne fazia umas duas horas, e seu corpo parecia mingau, o que o fazia se sentir realmente bem.

—Obrigado por me ler isso.

—É um prazer. Agora me dê um segundo para que me ocupe do fogo. Temos um tronco que está a ponto de rodar sobre o tapete. — Beth o beijou e se levantou, a cadeira de joaninha rangeu aliviada. Enquanto cruzava o escritório para a chaminé, o relógio de pé começou a soar.

—Oh, que bom. —disse Beth— Escuta, Mary deve estar para chegar. Vai trazer algo para você.

Wrath assentiu e entendeu a mão, percorrendo com as pontas dos dedos a parte superior da mesa até chegar a taça copa de vinho tinto que estava bebendo. Pelo peso, supôs que quase havia terminado, e dado seu humor, iria querer mais. A merda sobre Rehv o havia estado incomodando. De uma maneira ruim.

Depois de terminar o Burdeos, deixou a taça e esfregou os olhos abaixo dos óculos

envolventes que ainda usava. Poderia resultar um pouco estranho seguir com os óculos, mas não importava... não gostava da idéia de que outras pessoas pudessem ver suas pupilas desfocadas sem que ele pudesse vê-los olhando fixamente.

—Wrath? —Beth se aproximou, e pelo tom tenso de sua voz soube que estava tentando manter afastado o temor de sua voz— Está bem? Dói sua cabeça?

—Não. —Wrath puxou sua Rainha sentando-a de novo em seu colo, a pequena cadeira rangeu outra vez, as pernas desta tremeram. — Estou bem.

As mãos dela afastaram seu cabelo do rosto.

—Não parece.

—Eu só... —Encontrou uma de suas mãos e a tomou na sua— Merda, não sei.

—Sim, sabe.

Franziu o cenho com força e estreitamente.

—Não se trata de mim. Ao menos, não verdadeiramente.

Houve uma larga pausa, e então ambos falaram com mesmo tempo:

—Do que se trata?

—Como está Bella?

Beth esclareceu garganta como se a pergunta a surpreendesse.

—Bella está... fazendo tudo o que pode. Não a deixamos muito tempo sozinhas, e é bom que Zsadist tirasse férias. É muito duro que os tenha perdido a ambos em poucos dias. Quero dizer a sua mãe e a seu irmão...

—Essa merda sobre Rehv é uma mentira.

—Não entendo.

Estendeu a mão para o Caldwell Courier Journal que lhe tinha estado lendo, e deu golpezinhos sobre o artigo que acabava de terminar.

—Custa-me acreditar que alguém tenha lhe chutado o traseiro. Rehv não era nenhum parvo e, esses Mouros que o protegiam? Essa chefe de segurança? É fodidamente impossível que tenham deixado aproximar-se dele com uma bomba no clube. Além disso, Rhage disse que ele e V foram ao Iron Mask na outra noite para trazer arrastado John para casa, e os três estão trabalhando lá... iAm, Trez e Xhex ainda estão juntos. Normalmente, depois de uma tragédia as pessoas se dispersam. Mas esse grupo está como sempre, como se estivessem esperando que retorne.

—Mas havia um esqueleto entre os escombros, não?

—Pode ser de qualquer um. Sem dúvida, era de um macho, mas que mais sabe a polícia? Nada. Se eu quisesse desaparecer do mundo humano, demônios, inclusive do mundo vampiro— plantaria um corpo e explodiria meu edifício. —Sacudiu a cabeça, pensando em Rehv estendido na cama do grande rancho, tão fodidamente doente... entretanto suficientemente bem para fazer que sua assassina se ocupasse do tipo que queria matar a Wrath— Homem, esse HDP me respaldou. Quando Montrag se reuniu com ele, teve todas as oportunidades do mundo para foder-me. Devo-lhe uma.

—Espera... por que demônios simularia sua própria morte? Amava muitíssimo Bella e a sua filha. Demônios, virtualmente criou a sua irmã, e não posso acreditar que a machucasse desta forma. Além disso, aonde iria?

A colônia pensou Wrath.

Wrath queria contar a sua Rainha tudo o que tinha em mente, mas duvidou, porque esteve acariciando uma decisão que ia complicar muitíssimo as coisas. Em realmente, esse e-mail sobre Rehv? Ao Wrath sua intuição indicava que o tipo tinha mentido. Era muita coincidência que a coisa chegasse na noite seguinte a que Rehv «morrera». Tinha que ter sido legítimo. Mas com Montrag morto, quem podia ter...

Houve um penetrante rangido, uma queda livre e uma dura aterrissagem de traseiro.

Beth gritou e Wrath amaldiçoou: Que merda?

Mediu a seu redor, e tocou as lascas da antiga e delicada madeira francesa que estavam pulverizadas entorno deles.

—Está bem, *leelan*? —disse vivamente.

Beth riu e se levantou.

—OH, Meu Deus... quebramos a cadeira.

—Pulverizamos seria mais preciso...

O golpe na porta fez com que Wrath lutasse para ficar em pé entre grunhidos de dor. Aos quais estava se acostumando. Payne sempre atacava a tíbia, e sua perna esquerda o estava matando. Mas não era que não lhe houvesse devolvido o favor. Depois desta última sessão, era bastante provável que ela estivesse curando-se de alguma contusão.

—Entre. —exclamou.

No mesmo instante em que se abriu a porta, soube quem era... e que não estava sozinha.

—Quem está com você, Mary? —exigiu, alargando a mão para a faca que levava no quadril. O aroma não era humano... mas não era um vampiro.

Houve um tinido sutil e sua *shellan* exalou um longo e encantador suspiro, como se estivesse vendo algo que lhe agradasse enormemente.

—Este é George. —disse Mary— Por favor, guarde a arma. Não vai machucar você.

Wrath manteve a adaga na palma da mão e abriu amplamente as fossas nasais. O aroma era...

—É um cão?

—Sim. Está treinado para ajudar aos cegos.

Wrath retrocedeu levemente ante a palavra com «C», ainda esforçando-se para aceitar que essa classificação era relativa a ele.

—Eu gostaria de levá-lo para você. —disse Mary com esse tom de voz seu tão equânime— Mas não o farei até que guarde a arma.

Beth permanecia em silêncio, e Mary permaneceu afastada, o que foi sábio por parte de ambas. Seus neurônios dispararam em todas as direções, seus pensamentos correram

por toda parte. Durante o mês passado tinha tido muitos triunfos e muitas perdas de merda: ao retornar de seu primeiro encontro com Payne, tinha sabido que tinha um caminho difícil pela frente, mas era mais largo e mais íngreme do que tinha pensado

Os dois maiores problemas era que odiava ter que depender tanto de Beth e seus irmãos, e que pensava que voltar a aprender as coisas simples era curiosamente exaustivo. Como... pelo amor de Deus, fazer uma torrada era agora uma proeza. Ontem havia tornado a tentar e acabou rompendo o prato de cristal da manteiga. O que naturalmente levou uma eternidade limpar.

Mas ainda assim, a idéia de utilizar um cão para mover-se era... muito.

A voz de Mary deslizou até o outro lado do aposento com o equivalente vocal de um andar inofensivo.

—Fritz lhe ensinou como tratar o cão, e juntos, ele e eu estamos preparados para trabalhar com você e com George. Há um período de prova de duas semanas, depois do qual, se você não gostar ou se não estiver funcionando, podemos devolver o animal. Não há nenhum tipo de obrigação nisto, Wrath.

Estava a ponto de lhes dizer que levassem o cão quando ouviu uma débil choramingo e mais tinidos.

—Não, George. —disse Mary— Não pode se aproximar dele.

—Quer vir comigo?

—O treinamos utilizando uma de suas camisetas. Conhece seu aroma.

Houve um longo, longo período de silêncio, e então Wrath sacudiu a cabeça.

—Não sei se sou um tipo que goste dos cães. Além disso, que acontece a Boo...

—Está bem aqui. —respondeu Beth— Está sentado junto a George. Desceu as escadas logo que o cão entrou na casa, e após não se afastou do lado do George. Acredito que agradam um ao outro.

Maldita seja! Nem o gato estava de seu lado.

Mais silêncio.

Wrath embainhou a adaga lentamente e deu dois amplos passos à esquerda para poder rodear a mesa. Caminhando para frente, deteve-se no centro do escritório.

George choramingou um pouco, e logo se voltou a ouvir o singelo tinido de um arnês.

—Deixa que me aproxime. —disse Wrath sombriamente, sentindo como se o estivessem pressionando e não gostasse nada disso.

Ouviu o animal aproximar-se, as suaves pisadas das patas e o tinido do colar cada vez mais perto, e logo...

Um focinho suave como o veludo cheirou a palma de sua mão, e uma língua áspera lhe lambeu rapidamente a pele. Logo o cão se agachou sob sua palma e se apoiou contra sua coxa.

As orelhas eram sedosas e cálidas, o pêlo da pele do animal era ligeiramente encaracolado.

Era um cão grande com uma grande cabeça quadrada.

—De que raça é?

—Um golden retriever. Fritz foi o que o escolheu.

O *doggen* falou da porta, como se tivesse medo de entrar no aposento, em vista de quão tensa era a situação.

—Pensei que era a raça perfeita, amo.

Wrath apalpou os flancos do cão, encontrando o arnês que lhe rodeava o peito e o cabo do qual a pessoa sem visão se agarraria.

—O que pode fazer?

Mary respondeu.

—O que necessitar. Pode aprender a disposição da casa e se lhe der a ordem de o levar a biblioteca, ele fará. Pode o ajudar a se desembrulhar pela cozinha, atender o telefone, encontrar objetos. É um animal brilhante, e se os dois se encaixam, você e ele podem ser tão independentes como sei que quer ser.

Que fêmea impressionante. Sabia exatamente o que lhe tinha estado incomodando. Mas a resposta era um animal?

George choramingou tristemente, como se quisesse o trabalho com desespero.

Wrath soltou ao cão e deu um passo para trás enquanto todo seu corpo começava a tremer.

—Não sei se posso fazer isto. — disse com voz rouca— Não sei se posso... ser cego.

Beth esclareceu um pouco a garganta, como se estivesse afogando-se porque ele estava afogando-se.

Depois de um momento, Mary, com suas maneiras amáveis e firmes, disse o que, embora fosse cru, devia ser dito:

—Wrath, você é cego.

O tácito assim o enfrenta ressoou em sua mente, pondo sob o refletor uma realidade através da qual tinha estado partindo irregularmente. Sem dúvida, tinha deixado de despertar cada dia esperando que sua visão retornasse, e tinha estado lutando com Payne e fazendo amor com sua *shellan* assim não se sentia fisicamente débil, e também tinha estado trabalhando e mantendo em dia a merda de Rei e tudo isso. Mas nada disso significava que as coisas fossem fantásticas: movia-se com dificuldade, tropeçando constantemente, atirando coisas... aferrando-se a sua *shellan*... que por sua culpa não tinha saído da casa durante um mês... utilizando os irmãos para que o levassem a distintos lugares... sendo o tipo de carga que lhe ofendia.

Disse a si mesmo que lhe dar este cão era uma oportunidade e não significava que lhe entusiasmasse ser cego. Mas podia o ajudar a mover-se por si mesmo.

Wrath se virou de forma que ele e George ficassem olhando na mesma direção, aproximou-se do cão. Inclinando-se para um lado, encontrou a correia e a agarrou.

—Agora, o que fazemos?

Depois de um emocionado silêncio, como se tivesse surpreendido muitíssimo a sua audiência, ouviu algumas discussões e exposições, das quais só assimilou uma quarta parte. Não obstante, resultou evidente que tinha ouvido o suficiente para começar, já que logo ele e George estiveram dando um passeio pelo escritório.

A correia teve que ser ajustada ao limite, para que Wrath não tivesse que inclinar-se para um lado para agarrá-la, e ao cão lhe sentava muito melhor todo o trato que a seu dono. Mas depois de um momento, os dois se encaminharam para fora do escritório e desceram até o vestíbulo. O próximo passeio era encarar as escadas e retornar.

Sozinho.

Quando Wrath voltou para o escritório, enfrentou o grupo que se congregou... e agora era um grande, já que pelo visto cada um de seus irmãos, como também Lassiter, uniram-se a Beth, Fritz e Mary. Wrath captou o aroma de cada um deles... e também havia um fodido monte de esperança e preocupação no ar.

Não podia culpá-los por como se sentiam, mas não gostava da atenção.

—Como escolheu a raça, Fritz? —perguntou, porque precisava encher o silêncio e não havia razão para ignorar o elefante rosa que havia no aposento.

Ou para ser mais exato, o cão de pelagem clara.

A voz do ancião mordomo tremeu, como se, ao como todo mundo, estivesse lutando com a emoção.

—Eu, ah... o escolhi... — O *doggen* esclareceu a garganta— O escolhi por cima dos Labradores porque perdem mais pêlo.

Os olhos cegos de Wrath piscaram.

—Por que seria isso algo bom?

—Porque seus empregados adoram passar o aspirador. Pensei que seria um formoso presente para eles.

—OH, certo... é obvio. —Wrath riu um pouco para si mesmo, e logo começou a rir abertamente. Quando outros se uniram a ele, parte da tensão se dissipou no aposento — Por que não pensei nisso?

Beth se aproximou e o beijou.

—Veremos como se sente, ok?

Wrath acariciou a cabeça de George.

—Sim. Está bem. —Levantou a voz— Basta de bate-papo. Quem está de guarda esta noite? V, necessito de um relatório financeiro. John ainda está desacordado em sua cama pela bebedeira? Tohr, vou querer que entre em contato com as famílias da glymera que ainda ficam para ver se podemos fazer com que retornem alguns alunos...

Enquanto Wrath cuspi ordens, era bom obter respostas e que as pessoas circulasse para sentar-se e que Fritz saísse para encarregar-se da limpeza depois da Primeira Refeição e que Beth se instalasse na velha cadeira de Tohr.

—Oh, e vou ter que conseguir outra coisa aonde me sentar. — disse enquanto ele e

George se localizavam atrás da mesa.

—Nosso, pulverizou a essa coitada, não? —perguntou Rhage arrastando as palavras.

—Quer que te faça algo? —sugeriu V— Sou bom esculpindo.

—O que te parece uma Barcalounger? —interrompeu Butch.

—Quer esta cadeira? —ofereceu-lhe Beth.

—Alguém pode me alcançar essa costure com orelhas que está no canto junto à chaminé? —pediu Wrath.

Quando Phury a aproximou, Wrath se sentou e atirou a cadeira para frente... só para dar um violento golpe em ambos os joelhos contra a gaveta da mesa.

—Ok, isso teve que doer. —resmungou Rhage.

—Necessitamos de algo mais baixo. —disse alguém.

—Isto estará bem. — espetou Wrath rigidamente, tirando a palma da mão da correia de George e esfregando os doloridos joelhos— Não importa onde me sente.

Enquanto a Irmandade ficava a trabalhar, encontrou-se pondo a mão na cabeça do grande cão e acariciando a suave pelagem... jogando com uma orelha... baixando a mão para encontrar as grandes ondas que fluíam do amplo e forte peito do animal.

É obvio que nada disso significava que ia ficar com o animal.

Simplesmente era uma sensação agradável, isso era tudo.

Capítulo 63

Na noite seguinte, Ehlena observou como seu novo amigo, Roff o chaveiro, fazia com uma broca um maldito buraco no cofre da parede. O gemido de sua ferramenta de alta potência lhe aguilhoava os ouvidos, e o intenso aroma de metal quente lhe recordava à desinfetante que utilizavam nos pisos da clínica de Havers. Não obstante, a sensação de que estava fazendo algo —algo— compensava tudo isso.

—Já estou quase terminando. —gritou o chaveiro por cima do estrépito.

—Leve o tempo que precisar. —gritou em resposta.

Converteu-se em algo pessoal entre ela e o cofre, e esse maldito se abriria esta noite custasse o que custasse. Depois de procurar, com a ajuda do pessoal, por todo o dormitório principal, e revisado inclusive as roupas de Montrag, o que tinha sido horripilante, tinha chamado o chaveiro e agora estava desfrutando ao ver a cabeça dessa furadeira desaparecendo cada vez mais fundo no metal.

Na realidade, não lhe importava o que houvesse dentro da maldita coisa, o que era crítico era conseguir superar o obstáculo de não ter a combinação..., e era um alívio voltar a sentir-se ela mesma. Sempre tinha sido das que abrem caminho através das dificuldades... de forma parecida a como fazia essa furadeira.

—Estou dentro. — disse Roff, retirando a ferramenta— Ao fim! Deve dar uma olhada. Quando o gemido amorteceu até converter-se em silêncio e o macho tomou um descanso, ela se aproximou e abriu o painel. Dentro estava escuro como a meia-noite.

—Recorde, —disse Roff enquanto começava a guardar suas coisas— que tivemos que cortar a eletricidade e o circuito que a conecta ao sistema de segurança. Habitualmente se acende uma luz.

—Bem. —De toda forma apareceu. Era algo assim como uma caverna — Muito obrigada.

—Se quiser que encontre um reposto, posso fazê-lo.

Seu pai sempre tinha tido cofres, alguns nas paredes, um par no porão e essas tinham sido tão velhos e pesadas como carros.

—Suponho que... necessitaremos de um.

Roff passeou a vista pelo escritório e logo lhe sorriu.

—Sim, senhora. Acredito que sim. Eu mesmo me ocuparei disso por você. Assegurarei-me de lhe conseguir o que necessita.

Ela se virou e lhe estendeu a mão.

—Foi muito amável.

Ele ruborizou do pescoço de seu macacão até a linha escura do cabelo.

—Senhora... foi um prazer trabalhar para você.

Ehlana lhe acompanhou até a porta principal e depois voltou para o escritório com uma lanterna que tinha obtido do mordomo.

Acendendo o feixe de luz, apareceu o cofre. Arquivos. Montes de arquivos. Algumas caixas de couro planas que lhe resultaram familiares de quando ainda tinham as jóias de sua mãe. Mais documentos. Ações. Maços de dinheiro em efetivo. Dois livros velhos de contabilidade.

Aproximou uma mesinha, e esvaziou tudo em cima dela formando pilhas. Quando chegou ao mesmo fundo, encontrou uma caixa de caudais que ao levantá-la arrancou um grunhido.

Levou-lhe aproximadamente três horas revisar a papelada, e quando terminou, estava absolutamente atônita.

Montrag e seu pai tinham sido o equivalente corporativo de mafiosos.

Levantando-se da cadeira em que tinha plantado o traseiro, subiu ao dormitório que estava utilizando e abriu a gaveta de uma cômoda antiga na qual tinha guardado sua roupa. O manuscrito de seu pai estava preso com uma simples banda de borracha, a qual emitiu um estalo ao ser liberada com um movimento de sua mão. Começou a folhear as páginas até que... encontrou a descrição do trato de negócios que tinha mudado tudo para sua família.

Ehlana levou a folha do manuscrito ao piso de baixo onde estavam os documentos e livros velhos que tinha tirado do cofre. Revisando a coleção de livros onde estavam

assentados os registros de centenas de transações de interesses comerciais, imobiliários, e outros investimentos, encontrou um que concordava com o que tinha escrito seu pai quanto a data, montantes em dólares e conceito.

Ali estava. O pai de Montrag tinha sido o que tinha traído ao dela, e o filho tinha estado no alho.

Deixando cair de novo na cadeira, lançou um largo e duro olhar ao escritório.

O carma era certamente um filho da puta, não é?

Ehlena voltou para os livros velhos para ver se tinham se aproveitado de alguma outra família da glymera. Não tinha sido assim, não desde que Montrag e seu pai tinham arruinado a sua família, e teve que perguntar-se se teriam se inclinado a fazer entendimentos com humanos para diminuir as probabilidades de serem descobertos como bandidos e estelionatários dentro da raça.

Baixou o olhar à caixa de caudais.

Como esta parecia ser a noite para lavar roupa suja, levantou a coisa. A fechadura que a assegurava não se abria com uma combinação, a não ser com uma chave.

Olhando sobre seu ombro, estudou a mesa.

Cinco minutos depois, após ter forçado com êxito o compartimento secreto da gaveta inferior, levou a chave que tinha encontrado na noite anterior para a caixa de caudais. Não lhe cabia dúvida de que com ela ia abrir essa coisa.

E o fez.

Colocando a mão dentro, encontrou somente um documento, e enquanto desenrolava as páginas grossas e aveludadas, teve exatamente a mesma sensação que tinha tido quando falou pela primeira vez com Rehvenge por telefone e este lhe perguntou: Ehlena, está aí?

Isto ia mudar tudo, pensou sem nenhuma razão em particular.

E assim foi.

Era uma declaração jurada do pai de Rehvenge assinalando a seu assassino, escrita enquanto o macho falecia de feridas mortais.

Leu-a duas vezes. E uma terceira.

A testemunha era Rehm, pai de Montrag.

Sua mente se lançou a processar tudo, e correu para seu computador, tirou o DELL e recuperou a busca clínica que tinha feito sobre a mãe de Rehv... Bom, quem o teria imaginado? A data em que a declaração tinha sido ditada pelo macho moribundo coincidia com a da última noite em que a mãe de Rehv tinha dado entrada na clínica por ter sido agredida.

Tomou a declaração e a releu. Segundo seu padrasto Rehvenge era um *symphath* e um assassino. E Rehm o tinha sabido. E Montrag o tinha sabido.

Seus olhos se dirigiram aos livros velhos. A julgar pelo que havia nesses registros, pai e filho tinham sido oportunistas consumados. Era difícil acreditar que esse tipo de

informação não tivesse sido utilizada em um momento ou em outro. Muito difícil.

—Senhora? Trago-lhe seu chá?

Ehlana olhou a *doggen* que estava na soleira.

—Preciso saber de uma coisa.

—É obvio, Senhora. —A criada entrou com um sorriso— No que posso ajudá-la?

—Como morreu Montrag?

Houve um estalo continuado bem evidente quando a criada quase deixa cair a bandeja sobre a mesa que havia diante do sofá.

—Senhora... certamente não deseja falar de tais coisas.

—Como?

A *doggen* olhou todos os papéis que tinham sido pulverizados ao redor do forçado cofre. A julgar pela resignação que viu nos olhos da fêmea, Sashla se deu conta de que alguns segredos tinham sido desvelados, segredos que não deixavam bem a seu anterior amo.

A diplomacia e a deferência sossegaram a voz da criada.

—Não desejaria falar mal dos mortos, nem faltar com respeito ao senhor Montrag. Mas você é a cabeça da família, e como solicitou...

—Está bem. Não está fazendo nada errado. E preciso sabê-lo. Se servir de ajuda, pensa nisso como em uma ordem direta.

Isto pareceu aliviar à fêmea que assentiu com a cabeça, depois falou com tom hesitante. Quando ficou em silêncio, Ehlana baixou o olhar ao centro do escritório vazio.

Ao menos agora sabia por que faltava o tapete.

A Xhex cabia o turno de meia-noite no Iron Mask, como tinha sido no ZeroSum. O que significava que quando seu relógio de pulso marcava as três e quarenta e cinco, era hora de fazer um percurso pelos banheiros enquanto os barmans faziam a última chamada e seus gorilas conduziam os bêbados e drogados à rua.

Na superfície, o Mask não tinha nada a ver com o ZeroSum. Em vez de aço e cristal, tudo era de uso neo victoriano, tudo de cor negra e azul profunda. Havia um monte de cortinas de veludo e reservados íntimos com fundos sofás, e a merda com essa porcaria do tecnopop; a música era um suicídio acústico, mais depressiva que qualquer outra coisa que tivesse levado ritmo alguma vez. Nada de pista de dança. Nem seção VIP. Mais lugares para praticar o sexo. Menos droga.

Mas a aura de evasão era a mesma, e as garotas seguiam trabalhando, e a bebida seguia correndo rápido como uma avalanche de barro.

Trez levava o lugar com um estilo discreto... atrás ficavam os dias no escritório traseiro oculto e a presença espetacular de um proprietário vistoso. Ele era um gerente, não um senhor da droga, e aqui as políticas e procedimentos não incluíam nódulos esfolados nem golpes de pistola. Em definitivamente, despertava menos interesse da

polícia devido à falta de negócios de drogas em grandes quantidades e em pequenas quantidades... além disso os góticos, por natureza, eram mais depressivos e introspectivos, em contraposição aos tarados acelerados e vivazes que habitualmente se reuniam no ZeroSum.

Não obstante, Xhex sentia falta do caos. Sentia falta de... um monte de coisas.

Com uma maldição, entrou no banheiro de damas, que estava junto à maior dos dois balcões, e encontrou uma mulher inclinada para o espelho defumado que havia sobre o lavabo. Com um olhar de determinação, estava passando as pontas dos dedos sob os olhos, não para limpar o rímel, a não ser para melá-lo ainda mais sobre sua pele branca como o papel. Deus sabia que tinha bastante base de maquiagem Cover Girl sobre a qual trabalhar; usava tanta dessa merda, que parecia como se alguém lhe tivesse dado dois murros com um punho de ferro.

—Estamos fechando. —disse Xhex.

—Ok, não há problema. Vejo-a amanhã. —A garota se separou de seu reflexo que parecia saído da Noite dos Mortos Vivos e se dirigiu apressadamente para a porta.

Isso era o mais fodido dos góticos. Sim, pareciam aberrações, mas na realidade eram muito mais simpáticos que os do tipo esnobe frustrado aspirante a Paris Hilton. Além disso, suas tatuagens eram muito melhores.

Sim, o Mask era muito menos complicado... o que significava que Xhex tinha tempo mais que suficiente para permitir-se aprofundar sua relação com o detetive Da Cruz. Já tinha estado na delegacia de polícia de Caldwell duas vezes para ser interrogada, como muitos de seus gorilas... incluindo o Big Rob e Silent Tom, os dois que tinha enviado a procurar Grady.

Naturalmente, ambos tinham mentido maravilhosamente sob juramento, dizendo que tinham estado trabalhando com ela no momento da morte de Grady.

A esta altura tinha claro que ia ser levada ante o grande jure, mas os cargos não foram prosperar. Indubitavelmente os técnicos da polícia científica se ocuparam de obter fibras e cabelos do corpo de Grady, mas por esse caminho não foram conseguir muita informação a respeito dela, já que o DNA vampiro, assim como também o sangue, desintegrava-se rapidamente. Além disso, já tinha queimado a roupa e as botas que tinha usado nessa noite, e a faca utilizada estava disponível em quase todas as lojas de caça.

Tudo o que tinha Da Cruz eram provas circunstanciais.

Não é que nada disso importasse. Se por alguma razão as coisas ficassem muito quentes, simplesmente desapareceria. Talvez se dirigisse para ao oeste. Talvez voltasse para o Antigo País.

Por amor de Deus, já deveria ter abandonado Caldwell. Estar tão perto e de uma vez tão longe de Rehv a estava matando.

Depois de checar cada um dos cubículos, Xhex saiu e rodeou a esquina para o banheiro dos homens. Golpeou com força e colocou a cabeça.

Os movimentos, ofegos e golpes significavam que havia ao menos uma mulher e um homem. Talvez dois de cada?

—Estamos fechando. — ladrou.

Evidentemente seu senso da oportunidade estava em forma, porque o guincho de uma mulher tendo um orgasmo ressoou entre os azulejos e depois houve um monte de ofegos de recuperação.

Que ela não estava de humor para escutar. Só lhe recordavam seu curto momento com John... mas ao fim e ao cabo, o que não o fazia? Desde que Rehv se largou e ela tinha deixado de tentar dormir, tinha muitas, muitas, muitas horas durante o dia para olhar fixamente a teto de sua cabana de caça e contar a quantidade de formas em que tinha metido a pata.

Não tinha voltado para apartamento de porão. E estava pensando que ia ter que vendê-lo.

—Vamos, se movam. —disse— Estamos fechando.

Nada. Só o ofego.

Farta da atuação do grupo teatral de respiração pós coito que se desenvolvia no cubículo para deficientes, levantou a mão formando um punho e golpeou o dispensador de toalhas de papel.

—Tirem o traseira daí. Agora.

Isso os pôs em movimento.

A primeira em sair do cubículo foi o que considerou uma mulher com um atrativo eclético. A fêmea ia vestida ao estilo gótico, com meias rasgadas, botas que pesavam cento e oitenta quilogramas e um monte de bandagens de couro, mas era bela como Miss a América e tinha o corpo de uma Barbie.

E tinha sido bem servida.

Suas bochechas estavam ruborizadas e seu abundante cabelo negro despenteado, sem dúvida, ambas as coisas provocadas por ter sido montada contra os azulejos da parede.

Quinn foi o próximo a sair do cubículo, e Xhex se esticou, sabendo exatamente quem era o terceiro desta trífeta¹¹¹ de sexo.

Quinn a saudou rigidamente com a cabeça ao passar, e Xhex soube que não iria muito longe. Não até que...

John Matthew saiu em processo de fechar o zíper. A camiseta Affliction chegava até o começo de seu tablete de chocolate e não usava cueca. Sob o brilho das luzes fluorescentes, a pele suave e sem pêlo de debaixo do umbigo estava tão tensa, que podia ver as fibras do músculo que depois de percorrer seu torso baixavam até suas pernas.

Não levantou a vista para olhá-la, não porque fosse tímido ou se sentisse

¹¹¹ Sistema de apostas em que o apostador deve eleger os três primeiros ganhadores em sequencia correta.

envergonhado. Simplesmente não se importava que ela estivesse no recinto, e não era uma atuação. Seu ralo emocional estava... vazio.

Ao chegar aos lavabos, John abriu o grifo da água quente e bombeou o dispensador de sabão da parede. Enquanto ensaboava as mãos que tinham percorrido todo o corpo daquela mulher, fez rodar os ombros como se estivessem tensos.

Havia rastros de barba em sua mandíbula. E bolsas sob seus olhos. E fazia um tempo que não cortava o cabelo, assim as pontas tinham começado a encrespar-se na nuca e ao redor das orelhas. Por cima de tudo, tinha o álcool, o aroma emanava de seus mesmos poros, como se apesar de quão duro trabalhava seu fígado, não pudesse filtrar a merda de seu sangue o bastante rapidamente.

Isso não era nem bom, nem seguro: sabia que continuava lutando. Tinha-lhe visto entrar com machucados frescos e alguma bandagem ocasional.

—Quanto tempo mais vai seguir com isto? —perguntou tacitamente— Com toda esta rotina de bebedeiras e prostitutas?

John cortou a água e se aproximou da caixa de toalhas de papel a que ela acabava de lhe fazer uma amolgadura espetacular. Estava a menos de cinquenta centímetros dela quando arrancou um par de quadrados brancos e secou as mãos tão conscientemente como as tinha lavado.

—Cristo, John, esta é uma maldita forma de esbanjar sua vida.

Atirou as toalhas enrugadas no cesto de papéis de aço inoxidável. Quando chegou à porta, olhou-a pela primeira vez desde que lhe tinha deixado em sua cama. Seu rosto não evidenciou nem um rastro de reconhecimento, nenhuma recordação, nem nada. O olhar azul que uma vez tinha sido faiscante estava agora opaco.

—John... —Sua voz se quebrou ligeiramente— Realmente, sinto muito.

Com deliberado cuidado, ele estendeu o dedo médio em sua rosto e saiu.

Quando ficou sozinha no banheiro, Xhex se aproximou do espelho defumado e se inclinou como tinha feito a gótica no banheiro do lado. Quando seu peso se transladou para frente, pôde sentir os cílios afundando-se em seu rosto e lhe surpreendeu havê-los notado.

Já não os necessitava, agora usava as bandas só pela força do costume

Desde que Rehv se sacrificou, tinha estado sentindo tanta dor, que não necessitava mais ajuda para controlar seu lado mau.

O celular soou no bolso de suas calças de couro, o timbre soava como um ralo para ela. Quando tirou a coisa, checkou o número... e fechou os olhos com força.

Tinha estado esperando isto. Desde que tinha feito os acertos para que tudo o que chegasse ao antigo telefone de Rehv fosse desviado para esse.

Aceitando a chamada, disse com voz serena:

—Olá, Ehlena.

Houve uma longa pausa.

—Não esperava que ninguém respondesse.

—Então, por que chama a seu número? —produziu-se outra longa pausa - Olhe, se for pelo dinheiro que entrou em sua conta, não há nada que eu possa fazer a respeito. Foi parte de seu testamento. Se não o quiser, entrega-o à caridade.

—O que... que dinheiro?

—Talvez não se inteirou ainda. Pensei que o testamento tinha sido certificado pelo Rei. —Houve outra longa pausa— Ehlena? Está aí?

—Sim... —chegou fica resposta— Estou.

—Se não se tratava do dinheiro então, por que ligou?

O silêncio não foi uma surpresa, dado tudo o que tinha vindo antes. Mas a resposta da fêmea foi uma bomba mortal.

—Chamo porque não acredito que esteja morto.

Capítulo 64

Ehlena esperou por uma resposta da chefe de segurança de Rehv. Quanto mais tempo demorava, mais certeza ela tinha que estava certa.

— Ele não está, certo? — ela disse, energicamente — Estou certa, não estou?

Quando Xhex finalmente falou, sua voz profunda e ressonante estava curiosamente reservada.

— No interesse de uma revelação completa, eu acho que você deveria saber que está falando com outra *symphath*.

Ehlena segurou seu celular com força.

— De certa forma, isso não é novidade.

— Por que você não me diz o que acha que sabe?

Resposta interessante, pensou Ehlena. Não um “ele não está morto”. De jeito nenhum. Então novamente, se a fêmea era uma *symphath*, isso poderia levar a qualquer lugar. O que significava que não havia razão para reter alguma coisa.

— Eu sei que ele matou seu padrasto porque ele batia na sua mãe. E sei que seu padrasto sabia que ele era um *symphath*. Também sei que Montrag, filho de Rehm, sabia sobre o assunto de ser *symphath*, e que Montrag foi assassinado ritualisticamente em seu escritório.

— E essa matemática te diz o quê?

— Eu acredito que Montrag revelou a identidade de Rehvenge e ele teve que ir para a colônia. Aquela explosão no clube foi para esconder o fato do que ele é das outras pessoas em sua vida. Eu acredito que foi por isso que ele escolheu me trazer para o ZeroSum como

fez. Era para se livrar de mim com segurança. Quanto a Montrag... Eu acho que Rehvenge cuidou dele.

Um longo silêncio.

— Xhex... Você está aí?

A fêmea soltou uma risada curta e forte.

— Rehv não matou Montrag. Eu matei. E não teve nada diretamente ligado com a identidade de Rehv. Mas como você sabe alguma coisa sobre o homem morto?

Ehlana endireitou-se na cadeira.

— Acho que devemos nos encontrar.

Agora a risada foi mais longa e um pouco mais natural.

— Você tem bolas de aço, sabia? Eu acabei de dizer que matei um cara e você quer me encontrar?

— Eu quero respostas. Eu quero a verdade.

— Desculpe se pareço Jack Nicholson agora, mas você tem certeza que consegue lidar com a verdade?

— Estou no telefone, não estou? Estou falando com você, não estou? Olhe, eu sei que Rehvenge está vivo. Se você quer admitir isso para mim ou não, não faz diferença.

— Garota, você não sabe merda nenhuma.

— Foda-se. Ele se alimentou de mim. Meu sangue está nele. Eu sei que ele está respirando.

Uma longa pausa e um risinho curto.

— Eu estou entendendo porque ele gostou tanto de você.

— Então, você vai me encontrar?

— Sim. Claro. Onde?

— Na casa segura de Montrag, em Connecticut. Se você o matou, você sabe o endereço.

Ehlana sentiu uma pontada de satisfação quando a linha ficou muda.

— Eu me esqueci de mencionar que meu pai e eu somos os parentes mais próximos? Nós herdamos tudo que ele tinha. Oh, eles tiveram que se livrar do tapete que você estragou. Por que você não o matou no hall, no mármore?

— Jesus... Cristo. Você não é uma enfermeirinha, não é?

— Não. Então, você vem ou não?

— Estarei aí em meia hora. E não se preocupe, você não vai ter uma hóspede. *Symphaths* não têm problemas com a luz do sol.

— A gente se vê, então.

Quando Ehlana desligou, uma energia percorreu suas veias e ela correu para se arrumar, juntando todos os livros, pastas e documentos e enchendo o agora inútil cofre. Em seguida colocou a paisagem marinha de volta na parede, desligou o computador, avisou o *doggen* que estava esperando visitas, e...

O som da campainha reverberou pela casa e ela ficou feliz por ter conseguido chegar à porta primeiro. De alguma forma ela não acreditava que os empregados se sentiriam confortáveis na presença de Xhex. Abrindo os painéis, ela deu um passo atrás. Xhex estava exatamente como ela se lembrava, uma fêmea durona em couro preto e um cabelo curto como de um homem. Mas alguma coisa havia mudado desde que ela tinha visto a guarda de segurança pela última vez. Ela parecia mais magra, mais velha. Alguma coisa.

— Se importa em ir para o escritório? — Ehlena perguntou, esperando estar com ela atrás de portas fechadas antes que o mordomo e os empregados aparecessem.

— Você tem coragem, não? Considerando a última coisa que fiz naquela sala.

— Você teve chance de vir atrás de mim. Trez sabia onde eu estava morando antes de irmos para cá. Se você estivesse tão furiosa sobre eu e Rehv, você teria vindo atrás de mim. Vamos?

Quando Ehlena esticou o braço em direção à sala em questão, Xhex sorriu um pouco e se dirigiu para lá. Quando conseguiram privacidade, Ehlena disse:

— Quando disso tudo eu acertei?

Xhex olhou em volta, parando para olhar as pinturas, os livros nas prateleiras e um abajur feito de um vaso oriental.

— Você está certa. Ele matou o padrasto pelo que aquele bastardo fazia em casa.

— Era o que você queria dizer quando disse que ele se colocou em uma posição difícil para sua mãe e irmã?

— Parcialmente. Seu padrasto aterrorizava aquela família, especialmente Madalina. Imagine, ela achava que merecia, e além disso, era menos do que foi feito à ela pelo pai de Rehv. Fêmea de valor, ela era. Eu gostava dela, mesmo tendo me encontrado com ela uma ou duas vezes. Eu não era seu tipo de mulher, mas ela era gentil comigo.

— Rehvenge está na colônia. Ele forjou a própria morte?

Xhex parou na frente da paisagem marinha e olhou sobre o ombro.

— Ele não gostaria que conversássemos assim.

— Então, ele está vivo.

— Sim.

— Na colônia.

Xhex encolheu os ombros e continuou a andar com seus passos lentos, não fazendo nada para ocultar o poder nato de seu corpo.

— Se ele quisesse que você se envolvesse em tudo isso, ele teria feito tudo diferente.

— Você matou Montrag para evitar que a verdade aparecesse?

— Não.

— Por que você o matou então?

— Não é da sua conta.

— Resposta errada.

Quando a cabeça de Xhex se virou bruscamente, Ehlena endireitou os ombros.

— Considerando aquilo que você é, eu poderia ir até o rei agora e acabar com seu disfarce. Então, acho que você deve me dizer.

— Ameaçando um *sympath*? Cuidado, eu mordo.

O sorriso preguiçoso que acompanhou as palavras fez o coração de Ehlena se apertar de medo, lembrando-a que aquilo que a fitava do outro lado da sala não era nada do que ela estava acostumada a lidar, e não por causa do assunto *sympath*. Aqueles olhos cinza, frios e metálicos de Xhex já haviam olhado para muitos mortos — porque haviam sido mortos por ela.

Mas Ehlena não recuaria.

— Você não vai me ferir. — ela disse com convicção.

Xhex mostrou suas longas presas brancas, sibilando pela garganta:

— Não?

— Não... — Ehlena chacoalhou a cabeça, e a imagem do rosto de Rehvenge segurando seus Keds veio em sua mente. Sabendo o que ele havia feito para manter sua mãe e irmã seguras... A fez acreditar no que ela havia visto nele naquele momento — Ele teria lhe dito para não me tocar. Ele teria me protegido na sua saída. Por isso fez o que fez no ZeroSum.

Rehvenge não foi de todo bom. De jeito nenhum. Mas ela olhou em seus olhos, sentiu seu cheiro de vínculo e sentiu suas mãos gentis em seu corpo. E no ZeroSum, ela viu dor nele e ouviu tensão e desespero em sua voz. Enquanto antes tinha presumido que tudo aquilo era apenas encenação ou provocado pelo desapontamento porque o disfarce dele tinha havia sido descoberto, agora ela via tudo de forma diferente.

Ela o conhecia, droga. Mesmo depois de toda merda que ele deixou, mesmo depois das omissões, ela o conhecia. Ehlena ergueu o queixo e encarou a assassina treinada do outro lado do escritório.

— Eu quero saber tudo e você vai me contar.

Xhex falou direto por meia hora, e se surpreendeu com o quanto se sentiu bem. Surpresa também com o quanto ela aprovava a escolha de Rehv por uma fêmea. Durante o tempo todo que ela contava os horrores, Ehlena se sentava em um dos sofás de seda, calma e estável — mesmo com todas aquelas bombas.

— Então, a fêmea que veio à minha porta, — disse Ehlena — era a que o estava chantageando?

— Sim. É sua meia-irmã. Ela é casada com seu tio.

— Deus, quanto dinheiro ela tirou dele nos últimos vinte anos? Não é à toa que ele precisava manter o clube aberto.

— Ela não estava somente atrás de dinheiro. — Xhex olhou diretamente para o rosto de Ehlena. — Ela fez dele um prostituto.

O rosto de Ehlena perdeu a cor.

— O que você quer dizer com isso?

— O que você acha? — Xhex praguejou e começou a andar pela linda sala cheia de franjas pela centésima vez — Olhe, vinte e cinco anos atrás eu me encenquei, e para me proteger, Rehv fez um acordo com a princesa. Todo mês ele ia para o norte e pagava dinheiro para ela... E fazia sexo com ela. Ele detestava e a desprezava. Além disso, ela o tornava doente, literalmente, ela o envenenava e ele fazia o que tinha de fazer, e era a razão dele precisar de um antídoto. Mas, você sabe... Mesmo que custasse muito para ele, ele continuou indo lá para que ela não estragasse nossos disfarces. Ele pagou pelos meus erros, mês após mês, ano após ano.

Ehlana balançou sua cabeça lentamente.

— Ótimo... Sua meio-irmã...

— Não ouse brigar com ele por isso. Existem poucos *symphaths* sobrando, então a reprodução entre parentes acontece muito, e mais do que isso, ele não teve escolha, porque eu o coloquei naquela posição. Se você pensa por um segundo que ele teria sido voluntário para aquela merda, você perdeu totalmente a cabeça.

Ehlana levantou uma mão em um gesto de calma.

— Eu entendo. É que... Eu sinto por vocês.

— Não desperdice esse sentimento comigo.

— Não me diga o que sentir.

Xhex teve que rir.

— Você sabe, sob outras circunstâncias, eu poderia gostar de você.

— Engraçado, eu sinto o mesmo.

A fêmea sorriu, mas de uma forma triste.

— A princesa o tem, então?

— Sim.

Xhex se virou no sofá, porque não mostraria o que seus olhos diziam.

— Foi a princesa que entregou seu disfarce, não Montrag.

— Mas Montrag iria fazer alguma coisa, não? Foi por isso que você o matou.

— Isso era somente parte do que ele ia fazer. O resto de seus planos não sou eu quem deve contar, mas vamos dizer que Rehv não era a maior parte de tudo.

Ehlana franziu a testa e se recostou nas almofadas. Ela havia mexido em seu rabo de cavalo, e as mechas que caíram ela tentou colocar de volta. Sentada no sofá de seda em frente ao abajur, ela parecia ter um halo em volta dela.

— Eu me questiono se o mundo precisa ser tão duro. — ela murmurou.

— Pela minha experiência, sim.

— Por que você não foi atrás dele? — ela perguntou baixinho — E isso não é uma crítica, sério, não é. É que não parece seu estilo.

A forma como a questão foi dita fez Xhex ficar menos defensiva.

— Ele me fez jurar que não iria. Até colocou no papel. Se eu voltar na minha palavra, dois dos seus melhores amigos vão morrer, porque eles virão atrás de mim.

Levantando os ombros de uma forma estranha, Xhex pegou a maldita carta do bolso de sua roupa de couro.

— Eu preciso manter isso comigo porque é a única forma de me segurar. Se não, eu estaria naquela maldita colônia esta manhã.

Os olhos de Ehlena se fixaram no envelope dobrado.

— Posso... Posso ver, por favor?

Sua delicada mão tremeu quando ela o alcançou.

— Por favor.

A rede emocional dela era uma bagunça emaranhada de aflição, medo e tristeza. Ela tinha passado por tamanha pressão nas últimas quatro semanas, e estava no seu limite, forçada ao extremo e mais... Mas na essência, no centro, no coração de si mesma... O amor queimava. O amor queimava profundamente. Xhex colocou a carta sobre a palma de Ehlena e a segurou por um breve momento. Com a voz engasgada, ela disse:

— Rehvenge... Tem sido meu herói por anos. Ele é um bom macho, apesar de seu lado *symphath*, e ele merece o sentimento que você tem por ele. Ele merece bem mais do que a vida lhe trouxe, e para ser honesta, eu não posso imaginar o que aquela fêmea está fazendo com ele nesse momento.

Quando Xhex soltou o envelope, Ehlena piscou rapidamente, como que tentando segurar as lágrimas.

Xhex não agüentaria olhar para a fêmea, então foi para perto da pintura à óleo que mostrava um lindo sol se pondo sobre um mar calmo. As cores escolhidas eram tão quentes e lindas, era como se a paisagem marinha realmente projetasse um calor ardente que se podia sentir sobre seu rosto e ombros.

— Ele merecia uma vida de verdade. — Xhex murmurou — Com uma *shellan* que o amasse e alguns filhos. E... Em vez disso sofreu abuso e tortura por...

Era o máximo onde podia chegar, sua garganta se fechava tanto que ela encontrou dificuldade em respirar. Na frente do sol brilhante, Xhex quase se despedaçou e chorou. A pressão interna de manter o passado, presente e futuro dentro de si aflorou em uma combustão tão forte que ela olhou para seus braços e mãos para ver se haviam se expandido.

Mas não, eles estavam como sempre.

Presos à sua pele como sempre.

Ouviu-se um som de papel e a carta voltou a seu envelope.

— Bem, há somente uma coisa a fazer. — Ehlena disse.

Xhex focalizou o sol ardente no centro da pintura e se forçou a se concentrar.

— E isso seria...

— Nós vamos lá, libertá-lo.

Xhex olhou sobre o ombro.

— Correndo o risco de parecer que estamos em um filme de ação... Não temos como enfrentar um bando de *symphaths*. Além disso, você leu a carta. Você sabe com o que eu concordei.

— Mas diz que você não pode ir por ele, não? Então... E se eu pedisse para você ir comigo? Seria por mim, certo? Se você é um *symphath*, você certamente deve gostar deste jogo de palavras.

O cérebro de Xhex se agitava sobre as implicações e ela sorriu levemente.

— Pensou rápido. Mas sem ofensa, você é uma civil. Eu vou precisar de um pouco mais de apoio do que você.

Ehlana levantou-se do sofá.

— Eu sei atirar e sou treinada como enfermeira de triagem, então eu posso lidar com ferimentos. Além disso, você precisa de mim para continuar com seu juramento.

Xhex era pela ação, mas se Ehlana morresse no processo de libertar Rehv, o resultado não seria bom.

— Ótimo, eu vou sozinha. — Ehlana disse, jogando a carta no sofá — Eu o encontrarei e eu...

— Espere aí, cabeça dura. — Xhex respirou fundo, pegou a carta de Rehv e se permitiu abrir para as possibilidades. E se houver um jeito de...

Vindo do nada, ela sentiu um propósito, e se sentiu motivada por algo além de dor. Sim, ela pensou. Ela podia ver como fazer isso funcionar.

— Eu sei quem devemos encontrar. — ela começou a sorrir — Eu sei como podemos fazer isso.

— Quem?

— Se você quer ir lá, estou dentro, mas faremos do meu jeito.

A enfermeira de Rehv olhou para baixo antes de nivelar seus olhos cor de caramelo no rosto de Xhex.

— Eu vou com você. É minha única condição. Eu. Vou.

Xhex assentiu devagar.

— Eu entendo. Mas o resto é comigo.

— Combinado.

Quando suas palmas se encontraram, o aperto de mão dela era forte e firme. O que, considerando tudo que contemplavam, iria bem se fosse como Ehlana seguraria uma arma.

— Nós vamos tirá-lo de lá.

Ehlana respirou.

— Que Deus nos ajude.

— Bom, este é o trato, George. Vê essas merdas? São problemas, autênticos problemas. Sei que fizemos isso algumas vezes, mas não nos tornemos presunçosos.

Quando Wrath bateu o primeiro degrau da escada da mansão com seu shitkicker, imaginou o lance atapetado de vermelho percorrendo todo o caminho para cima, entre o vestíbulo e o segundo piso.

— Quais são as boas notícias? Que você pode ver o que faz. As más notícias? Se eu cair, existe o risco de te levar comigo. Isso não é o que estamos procurando.

Acariciou distraidamente a cabeça do cão.

— Vamos?

Deu-lhe o sinal de avanço e começou a subir. George se pegou a ele, o leve movimento giratório do ombro do cão se transmitia através do cabo enquanto subiam. No topo, George se deteve.

— Escritório — disse Wrath.

Juntos, seguiram caminhando em linha reta. Quando o cão se deteve outra vez, Wrath se orientou pelo som dos rangidos da madeira na chaminé, e foi capaz de ir até seu escritório com o cão. Assim que se sentou em sua nova cadeira, George tomou assento também, justo a seu lado.

— Não posso acreditar que esteja fazendo isto — disse Vishous, da porta.

— Má sorte.

— Diga-me que nos quer contigo.

Wrath percorreu com sua mão o flanco de George. Deus, a pele do cão era muito suave.

— Em princípio, não.

— Está seguro? — Wrath permitiu que sua sobrancelha arqueada falasse por si mesma.
— Sim, bem. Está bem. Mas estarei bem do outro lado da porta o tempo todo.

E V. não ia estar sozinho, sem dúvida. Todo mundo se surpreendera quando, no meio do jantar, chegou uma chamada telefônica para Bella: todas as pessoas que podiam tê-la chamado estavam naquela sala. Ela tinha respondido, e depois de um longo silêncio, Wrath tinha ouvido o som de uma cadeira sendo arrastada, e passos suaves que se aproximavam dele.

— É para você — Havia dito ela com voz trêmula. — É... Xhex.

Cinco minutos depois, tinha concordado em ver a segundo-comando de Rehvenge, e embora não se discutiu nada específico, não teria que ser um gênio para saber por que o tinha chamado à fêmea, e o que queria. Depois de tudo, Wrath não só era Rei, também era o guardião da Irmandade.

Que todos pensassem que Wrath estava louco ao ter concordado em vê-la? Mas isso era a vantagem de ser o soberano da raça: podia fazer o que quisesse.

No térreo, a porta do vestíbulo se abriu e a voz de Fritz repicou para cima, enquanto escoltava às duas convidadas ao interior da mansão. O velho mordomo não estava sozinho ao

entrar com as fêmeas: Rhage e Butch o acompanharam quando tirou o Mercedes para ir recolhê-las.

Pela escada começaram a subir as vozes e muitos pés.

George se esticou, elevou as ancas e sua respiração mudou sutilmente.

— Está tudo bem, amigo — murmurou Wrath. — Estamos bem.

O cão se tranqüilizou imediatamente, o que fez com que Wrath dirigisse o olhar para o animal, apesar de não poder ver nada. Algo a respeito dessa confiança incondicional lhe resultava... muito agradável.

O golpe na porta fez com que voltasse a girar a cabeça.

— Entre.

Sua primeira impressão sobre Xhex e Ehlena, foi que emitiam uma implacável determinação. A segunda foi que Ehlena, que estava à direita, estava especialmente nervosa.

Guiando-se pelo leve roçar das roupas, figurou-se que estavam fazendo uma reverência ante ele, e o par de «Sua Alteza» que lhe chegou confirmou sua intuição.

— Sentem-se — disse. — E quero que todos os outros saiam da sala.

Nenhum de seus irmãos se atreveu a soltar uma queixa, porque o botão do protocolo tinha sido pulsado: ante estranhos, tratavam-no como a seu senhor soberano e seu Rei. O que significava que não podia haver nenhum debate nem insubordinações.

Talvez fossem necessárias mais visitas na fodida casa.

Quando as portas se fecharam, Wrath disse:

— Digam-me por que estão aqui.

Na pausa que seguiu, imaginou que as fêmeas estariam olhando-se uma à outra para decidir quem falava primeiro.

— Deixem que eu adivinhe — cortou ele. — Rehvenge está vivo, e querem tirá-lo da merda em que se meteu.

Quando Wrath, filho de Wrath, falou, Ehlena não se surpreendeu absolutamente que o Rei soubesse por que tinham vindo. Sentando ao outro lado de uma delicada e adorável escrivaninha, era exatamente igual a como o recordava, de quando quase a enrolou na clínica: cruel e inteligente ao mesmo tempo, um líder em plena forma mental e física.

Este era um macho que sabia como funcionava o mundo real. E estava habituado a ter o tipo de músculos que se necessitam para fazer o trabalho difícil.

— Sim, meu senhor — disse ela. — Isso é o que queremos.

Seus óculos negros se dirigiram para ela.

— Então, é a enfermeira da clínica de Havers. A que resultou ser parente de Montrag.

— Sim, sou.

— Importa-se se te perguntar como se envolveu nesta situação?

— É por um motivo pessoal.

— Ah — assentiu o Rei. — Entendo.

Xhex se fez ouvir com um tom de voz grave e respeitoso.

— Ele fez algo bom por você. Rehvenge fez algo muito bom por você.

— Não tem que me recordar isso. Essa é razão pela qual vocês duas estão sentadas aqui em minha casa.

Ehlana olhou Xhex, tentando ler no rosto da fêmea do que estavam falando. Não conseguiu nada. Não a surpreendeu.

— Aqui vai minha pergunta — disse Wrath. — Se o trouxermos de volta, como vamos sortear o correio eletrônico que nos chegou? Ele disse que não era nada, mas evidentemente mentiu. Alguém do norte ameaçou identificando seu filho, e se o resgatar... esse gatilho será puxado.

Xhex falou.

— Garantirei pessoalmente que o indivíduo que fez essa ameaça não poderá utilizar um portátil depois de que eu acabe com ele.

— Boooooom.

Enquanto sorria e arrastava a palavra, o Rei se inclinou a um lado e pareceu estar acariciando... Ehlana se sobressaltou ao dar-se conta que havia um golden retriever sentado a seu lado, a cabeça do cão mal aparecia por cima da escrivaninha. Puxa. De certo modo era uma estranha escolha de raça, já que o acompanhante do Rei dava a impressão de ser amável e acessível, o que o rei não era... e, entretanto, Wrath era gentil com o animal, ao fazer baixar a palma da mão grande e larga lentamente pelo lombo.

— Esse é o único buraco que precisa ser tapado a respeito de sua identidade? — perguntou o Rei. — Se essa fuga for concretizada... Poderia haver mais alguém que ameace desmascará-lo?

— Montrag está morto e bem morto — murmurou Xhex. — E não me ocorre ninguém mais que pudesse estar informado. É obvio, o rei *symphath* poderia vir atrás dele, mas você pode detê-lo. Rehv também é um de seus súditos.

— Fodidamente correto, e aplaudamos todo esse assunto da "posse é nove décimos parte da lei". — Wrath voltou a sorrir brevemente. — Além disso, o líder dos *symphaths* não vai querer me encher o saco, porque se me zangar, poderia lhe tirar o pequeno lar feliz que tem no território de "me-congelam-as-bolas". Está submetido a minha prerrogativa, como estavam acostumados a dizer no Antigo País, o que quer dizer que governa só porque eu o permito.

— Então, vamos fazê-lo? — perguntou Xhex.

Fez-se um comprido silêncio, e enquanto esperavam a que o Rei falasse, Ehlana passeou a vista pela elegante habitação de estilo francês para evitar os olhos de Wrath. Não queria que

soubesse quão ansiosa estava, e temia que seu rosto refletisse sua debilidade: aqui estava totalmente fora de seu elemento, sentada ante o líder da raça, apresentando um plano que implicava entrar até o coração de um lugar incrivelmente nefasto. Mas não podia arriscar-se a que duvidasse dela nem a que a excluísse, porque por mais nervosa que estivesse, não ia voltar atrás. Sentir medo não necessariamente implicava em que se separasse de seu objetivo. Demônios, se acreditasse nisso, seu pai estaria internado nesse momento, e ela bem poderia ter acabado como o tinha feito sua mãe.

Às vezes, fazer o correto lhe era aterrorizante, mas o coração a trouxera até aqui, a este lugar e iria levá-la a atravessar... o que quer que fosse que viesse a seguir, e o que se necessitasse para liberar Rehvenge.

Ehlena... está aí?

Sim, certo como o inferno que estava.

— Duas coisas — disse Wrath enquanto se girava e dava um pulo, como se tivesse uma ferida de guerra. — Ao rei de lá de cima... não vai gostar que nos metamos em seu jardim e levemos a um dos seus.

— Com todo o devido respeito — interrompeu Xhex —, o tio de Rehv pode se danar.

As sobrancelhas de Ehlena saltaram para cima. Rehvenge era o sobrinho do rei?

Wrath encolheu os ombros.

— De fato, estou de acordo, mas acontece que vai haver um conflito. Um conflito armado.

— Sou boa nisso — disse Xhex tranquilamente, como se simplesmente estivessem falando a respeito de que filme que iriam assistir. — Muito boa.

Ehlena sentiu a necessidade de intervir na conversação.

— E eu também o sou. — Quando viu ombros do Rei se esticarem, tentou não falar tão vigorosamente, porque a última coisa que precisavam era que as jogassem por serem desrespeitosas. — Quero dizer, não poderia esperar outra coisa, e estou preparada.

— Está preparada? Não se ofenda, mas um parasita civil não é algo muito proveitoso se houver luta.

— Com todo o devido respeito — disse, repetindo as palavras do Xhex. — Eu vou.

— Inclusive isso significa que retiro a meus homens?

— Sim. — Houve uma longa inspiração, como se o Rei estivesse pensando em como rejeitá-la de forma educada. — Não o compreende, meu senhor. É meu...

— Seu o que?

Impulsivamente, para dar maior peso a sua postura, disse:

— Ele é meu *hellren*. — Com sua visão periférica, captou Xhex girando rapidamente a cabeça em sua direção, mas tinha se atirado à piscina e já não podia sair sem molhar-se. — Ele é meu companheiro e... se alimentou de mim faz um mês. Se o ocultaram, posso encontrá-lo. Além disso, se tiverem feito o que — *OH, Jesus!* — provavelmente lhe fizeram, vai necessitar atenção

médica. E eu a darei.

O Rei brincou com as orelhas de seu cão, esfregando o polegar sobre a suave orelha marrom claro. Era evidente que ao animal gostava da sensação, pois se inclinava sobre a perna de seu amo, suspirando.

— Temos um médico de urgências — disse Wrath. — E um doutor.

— Mas não têm a *shellan* de Rehvenge, verdade?

— Irmãos — gritou Wrath abruptamente. — Tragam seus traseiros aqui.

Quando as portas do escritório se abriram, Ehlena olhou por cima de seu ombro, perguntando-se se tinha ido muito longe e estava a ponto de ser «escoltada» para fora da mansão. Com certeza, qualquer um dos dez enormes machos que entraram eram aptos para a tarefa. Tinha-os visto todos antes na clínica, menos ao de cabelo negro e loiro, e não lhe surpreendia absolutamente descobrir que estavam completamente armados.

Para seu alívio, não praticaram com ela uma ação ao estilo auto-serviço Cash&Carry¹¹², e se acomodaram por todo o delicado escritório azul, enchendo o lugar até as vigas. Pareceu-lhe um pouco estranho que Xhex não olhasse a nenhum deles, permanecendo centrada em Wrath... embora possivelmente tivesse sentido. Por mais duros que fossem os irmãos, o Rei era o único cuja opinião realmente importava.

Wrath olhou a seus guerreiros, seus óculos envolventes lhe protegiam os olhos, de forma que não havia maneira de dizer o que podia estar pensando.

O silêncio era terrível, e Ehlena sentia o coração soando em seus ouvidos.

Por fim, o Rei falou.

— Cavalheiros, estas encantadoras damas querem fazer uma viagem ao norte. Estou disposto a permitir que vão, e nos tragam Rehv de volta para casa, mas não vão sozinhas.

A resposta dos irmãos foi imediata.

— Estou dentro.

— Conte comigo.

— Quando vamos?

— Merda, já era hora.

— OH, merda, amanhã de noite haverá uma maratona de Beaches¹¹³. Podemos ir depois das dez para que possa vê-la inteira uma vez?

Todas as pessoas que havia no escritório se giraram para o tipo de cabelo negro e loiro, que estava recostado contra a parede com os enormes braços cruzados sobre o peito.

— O que? — disse. — Olhe, não sou *Mary Tyler Moore*, ok? Assim não podem me foder.

¹¹² Supermercados atacadistas onde cada um escolhe o produto por si mesmo e também o transporta por si mesmo. (N. da At.)

¹¹³ Filme protagonizado por Bette Midler e Barbara Hershey, sobre a amizade através dos anos de duas mulheres que se conhecem desde a infância. (N. da Aut.)

Vishous, que usava uma luva negra na mão, lançou-lhe um olhar furioso através do escritório.

— É pior que *Mary Tyler Moore*. E te chamar idiota seria um insulto a todos os insensatos do fodido mundo inteiro.

— Está brincando? Bette Midler é maravilhosa. E adoro o oceano. Me obrigue.

Vishous olhou ao Rei.

— Disse-me que podia pegá-lo. Prometeu.

— Assim que voltarmos para casa — respondeu Wrath enquanto ficava de pé —, o penduraremos pelos sovacos no ginásio e poderá utilizá-lo como saco de boxe.

— Obrigado, Menino Jesus.

Loiro-e-Moreno sacudiu a cabeça.

— Juro que um dia destes simplesmente vou-me embora.

Como se fossem um, todos os irmãos apontaram para a porta e deixaram que o silêncio falasse por si mesmo.

— Meninos, vocês fedem.

— Ok, suficiente. — Wrath rodeou a escrivaninha e...

Ehlena se levantou bruscamente. A palma de sua mão estava empunhando o arnês que rodeava o peito do cão, e o rosto do Rei estava para frente, o queixo para o alto, assim não havia forma de que tivesse podido olhar ao chão.

Estava cego. E não no sentido de não ser capaz de ver muito claramente. Dada a forma em que estava agora, não podia ver absolutamente nada. Quando teria ocorrido?, perguntou-se assombrada. A última vez que o tinha visto parecia ter um pouco de visão.

No peito de Ehlena ondulou o respeito quando ela e todos outros levantaram a vista para ele.

— Isto vai ser complicado — disse Wrath. — Precisamos enviar suficientes guerreiros para nos cobrir e também para fazer a busca e o resgate, mas não queremos criar mais alvoroço de que seja absolutamente imprescindível. Quero duas equipes, das quais a segunda estará na retaguarda. Também vamos necessitar o apoio de veículos, se por acaso Rehvenge estiver incapacitado e tivermos que transportá-lo de volta...

— Do que estão falando? — perguntou uma voz feminina da porta.

Ehlena olhou por cima de seu ombro e reconheceu à pessoa: Bella, companheira do irmão Zsadist, que freqüentemente ajudava às pacientes de Lugar Seguro. A fêmea estava de pé entre as ombreiras esculpidas da porta com sua menina em seus braços, o rosto estava desprovido de cor e os olhos tinham uma expressão vazia.

— O que há com Rehvenge? — exigiu, elevando a voz. — O que aconteceu com meu irmão?

Enquanto Ehlena começava a unir os pontos, Zsadist se aproximou de sua *shellan*.

— Acredito que vocês dois têm que conversar — disse Wrath cuidadosamente. — Em particular.

Z. assentiu e escoltou sua companheira e sua filha para fora do escritório. Enquanto o casal percorria o corredor, ainda podia ouvir voz de Bella, e suas perguntas estavam salpicadas com um crescente pânico.

E logo se ouviu um "O que?!" que parecia indicar que tinham soltado uma bomba sobre a pobre fêmea.

Ehlena fixou o olhar no precioso tapete azul. Deus... sabia exatamente pelo que estava passando Bella nesse momento. As ondas de choque, a reformulação do que acreditava saber, o sentimento de traição.

Um difícil lugar para estar. Difícil sair dele, também.

Depois do som de uma porta ao fechar-se e o das vozes atenuando-se, Wrath passeou o olhar ao redor da habitação como se estivesse dando a todos a oportunidade de reformular sua decisão.

— O enfrentamento será amanhã a noite, porque agora não há suficiente luz diurna para levar um carro até ali em cima. — O Rei assinalou com a cabeça Ehlena e Xhex. — Até então, vocês duas permanecerão aqui.

Isso queria dizer que ela ia? Graças à Virgem Escriba. Quanto a ficar e passar o dia, teria que chamar a seu pai, mas dado que Lusie estava na casa, não lhe preocupava ter que ausentar-se.

— Para mim não é problema...

— Eu tenho que ir — disse Xhex, tensa. — Mas voltarei para as...

— Não é um convite. Você fica aqui para que eu saiba onde está e o que está fazendo. E caso se preocupem com as armas, temos muitíssimas... demônios, justo o mês passado tiramos um carregamento completo dos *lessers*. Quer fazer isto? Está sob nosso teto até o anoitecer.

Era totalmente óbvio que o Rei não confiasse em Xhex, dado o mandato e a forma em que lhe sorria com ferocidade.

— Assim, o que vais fazer, comedora de pecados? — perguntou cordialmente. — A minha maneira ou a rua?

— Está bem — replicou Xhex. — Como quiser.

— Sempre — murmurou Wrath. — Sempre.

Uma hora mais tarde, Xhex estava de pé com os braços estendidos diante dela e as botas separadas 45 centímetros. Em suas mãos, tinha uma SIG Sauer quarenta que fedia a talco de bebê, e estava no campo de tiro da Irmandade disparando rajadas a bonecos com forma de homem situados a dezoito metros de distância. Apesar do fedor, a arma era fantástica, com um gatilho suave e uma mira excelente.

Enquanto punha a arma à prova, podia sentir aos machos atrás dela, observando-a insistentemente. A seu favor, podia-se dizer que não era seu traseiro o que olhavam.

Não, os irmãos não estavam interessados em seu traseiro. Nenhum deles se sentia especialmente atraído por ela, embora, dadas suas expressões de reticente respeito enquanto recarregava a arma, estavam vendo sua boa pontaria como uma vantagem.

Na cabine de disparo ao lado, Ehlena demonstrava que não tinha mentido quanto a sua habilidade com uma arma. Tinha escolhido uma de carga automática com um pouco menos de potência de disparo, o que tinha sentido, já que não tinha a mesma força na parte superior do corpo que tinha Xhex. Sua pontaria era impressionante para uma amadora, o que era mais, dirigia a arma com a classe de serena confiança que sugeria que não dispararia em ninguém no joelho por engano.

Xhex tirou o protetor de ouvidos e se girou para a Irmandade, mantendo a arma para baixo, junto a sua coxa.

— Quero provar à outra, mas este par me servirá bem. E quero que me devolva minha faca.

Tinham-lhe tirado a arma antes que Ehlena e ela fossem conduzidas à mansão, no Mercedes negro.

— Você a terá — disse alguém —, quando a necessitar.

Contra sua vontade, seus olhos comprovaram rapidamente quem estava falando. O mesmo grupo de músculos. O que queria dizer que John Matthew não tinha sido lançado para dentro.

Dado o enorme tamanho que parecia ter o complexo da Irmandade, imaginava que podia estar em qualquer lugar, inclusive na cidade vizinha, pelo amor de Deus: quando terminou a reunião no estúdio do Rei, ele simplesmente tinha saído e não voltara a vê-lo.

Melhor assim. Neste momento, precisava estar concentrada no que se abatia sobre todos eles para amanhã de noite, não em sua fodida e inexistente vida amorosa. Felizmente, tudo parecia ir voltando para seu lugar. Tinha chamado iAm e Trez e lhes tinha deixado mensagens no correio de voz de que tomava um dia livre, e eles lhe tinham respondido que não havia problema. Sem dúvida, voltar a contatar com ela, mas tinha a esperança de que com o apoio dos irmãos, entraria e sairia da colônia antes que seus instintos de babá os afligissem.

Vinte minutos mais tarde, terminou de provar a outra SIG e não lhe surpreendeu absolutamente quando ambas as armas lhe foram confiscadas. A viagem de volta à mansão foi longa e tensa, e jogou uma olhada a Ehlena para ver que tal o levava a outra fêmea. Era difícil não aprovar a resolvida fortaleza que havia na expressão do rosto dessa enfermeira: a fêmea de Rehv ia recuperar seu macho, e nada ia interpor-se em seu caminho.

O que era grandioso... entretanto, essa determinação deixava Xhex nervosa. Estava disposta a apostar que Muhrder tinha tido essa mesma resolução nos olhos quando fora procurá-

la na colônia.

E olhe o que lhe acontecera.

Por outro lado, fiel a seu caráter tinha ido em plano cavalheiro, sem reforços. Pelo menos ela e Ehlena tinham sido o suficientemente espertas para conseguir ajuda, e da verdadeiramente boa, e só podia rezar para que isso fizesse toda a diferença.

Quando chegaram na mansão, Xhex foi procurar um pouco de comida na cozinha e foi conduzida a uma habitação de convidados do primeiro piso, que estava ao final de um comprido corredor com estátuas.

Comida. Bebida. Ducha.

Deixou a luz do banheiro acesa porque estava em uma casa estranha, meteu-se na cama nua, e fechou os olhos.

Quando a porta se abriu meia hora mais tarde, sobressaltou-se, mas não se surpreendeu ante a grande sombra que se perfilava com a luz do corredor.

— Está bêbado — disse.

John Matthew entrou sem convite, e fechou a porta sem pedir permissão. Estava realmente bêbado, mas isso não era nenhuma novidade.

O fato de que estivesse excitado sexualmente tampouco era material para uma capa.

Quando deixou a garrafa que levava na cômoda, ela soube que suas mãos se dirigiam ao zíper de seu jeans, e havia aproximadamente cem mil razões pelas quais deveria lhe mandar acabar com essa merda, e que se separasse dela.

Em vez disso, Xhex afastou o edredom de seu corpo e colocou as mãos detrás da cabeça, os seios lhe formigaram pelo frio e por muito mais que isso.

Por cima de todas as justificações para não fazer o que iriam fazer, havia uma realidade que fazia cambalear os alicerces das decisões saudáveis: no final da noite seguinte, havia a possibilidade de que um, ou os dois, não voltassem para casa.

Inclusive com o apoio da Irmandade, ir à colônia era uma missão suicida... e estava disposta a apostar que nesse momento havia muitas pessoas tendo relações sexuais sob o teto da mansão. Às vezes, a pessoa tinha que saborear a vida justo antes de ir golpear à porta do Grim Reaper¹¹⁴.

John tirou os jeans e a camiseta, e deixou a roupa no mesmo lugar onde caiu. Ao aproximar-se, seu corpo era magnífico sob a luz brilhante, com seu duro pênis disposto, e sua figura extremamente musculosa era tudo o que uma fêmea poderia desejar em sua cama.

Mas ela não se enfocou nisso quando ele subiu no colchão e a montou. Ela queria ver seus olhos.

Entretanto, não teve sorte. Seu rosto ficava na sombra, já que a luz do banheiro vinha

¹¹⁴ *Grim Reaper*: Personificação da morte. (N. da Aut.)

diretamente desde por trás dele. Por um momento, ficou tentada a acender o abajur que havia perto deles, mas então se deu conta de que não queria ver a carga de insensível frieza que sem dúvida haveria em seu olhar.

Xhex estava segura de que com isto não ia conseguir o que procurava. E estava certa.

Não houve preliminares. Não houve jogos amorosos. Ela abriu as pernas, ele se introduziu, e seu corpo relaxou e o aceitou por causa da biologia. Enquanto a fodia, sua cabeça estava junto à dela no travesseiro, mas voltada para o outro lado.

Ela não gozou. Ele sim. Quatro vezes.

Quando ele se voltou para afastar-se de seu corpo e se colocou de costas, respirando pesadamente, ela tinha o coração completa e absolutamente quebrado: depois de deixá-lo em seu apartamento do porão a maldita coisa se quebrou, mas com cada pesada penetração perpetrada por ele agora, seu coração foi se estilhaçando mais e mais, ficando destruído.

Uns poucos minutos depois, John se levantou, colocou a roupa, agarrou a garrafa de licor e se foi.

Quando a porta se fechou com um estalo, Xhex se cobriu com o edredom.

Não fez nada para tentar controlar os tremores que sacudiam seu corpo, e tampouco se esforçou por deter o pranto. As lágrimas fluíram de seus olhos caindo pelas bordas, deslizavam-se para fora e caíam sobre suas têmporas. Algumas caíam em suas orelhas. Algumas lhe desciam pelo pescoço e eram absorvidas pelo travesseiro. Outras nublavam sua vista, como se não quisessem sair de casa.

Sentindo-se ridícula, fincou as mãos sobre a cara e as capturou o melhor que pôde, as enxugando no edredom.

Chorou durante horas.

Sozinha.

Capítulo 66

Na noite seguinte, Lash estava a quinze milhas ao sul de Caldwell quando ele desacelerou a Mercedes na via suja e desligou as luzes do sedã. Dirigindo lentamente pelo caminho, ele usou a lua que ascendia para se guiar, cortando por um desordenado campo de milho.

— Tirem suas armas. — ele disse. No banco do passageiro, Sr. D. pegou sua pistola, e atrás, o par de matadores prepararam as armas que receberam antes que Lash os tirasse da cidade. Noventa metros adiante, Lash pisou nos freios e girou o volante forrado de couro com sua mão enluvada. A coisa boa sobre uma Mercedes preta poderosa era que quando

você saía dela, parecia um executivo, não um traficante assassino. Além do que, você poderia por seguranças no banco de trás.

— Vamos fazer isso. — com um soco sincronizado, eles abriram suas portas e saíram, enxergando terra e neve, e outra Mercedes poderosa. Castanha. Oh, meu Deus. Ótimo. E Lash não era o único a trazer armas e acessórios para a reunião.

Quando as portas da outra Mercedes se abriram, três caras com pistolas e um que parecia desarmado saíram. Apesar dos carros sugerirem civilidade, ou pelo menos a aparência disso, todos os homens dentro representavam o lado violento do comércio de drogas, que tinha tudo a ver com cálculos, contas fora do país e lavagem de dinheiro.

Lash se aproximou do homem que não estava armado com as duas mãos fora dos bolsos do seu casaco Joseph Abboud. À medida que foi chegando perto, ele vasculhou a mente do importador sul-americano, que, de acordo com o traficante que haviam torturado por diversão, tinha vendido muito produto para Rehvenge.

— Você queria me encontrar? — o homem perguntou com sotaque. Lash colocou sua mão no bolso frontal e sorriu.

— Você não é Ricardo Benloise. — ele olhou para a outra Mercedes — E eu não gosto que você e seu chefe brinquem comigo. Fale para aquele filho-da-puta sair do carro agora ou eu vou embora. O que quer dizer que ele não vai fazer negócio com o cara que limpou as docas em Caldwell e que vai operar o mercado com que o Reverendo lidava.

O humano pareceu confuso por um instante, então ele olhou para trás, para os três caras atrás dele. Após um momento, seus olhos finalmente se voltaram para a Mercedes castanha e ele sutilmente balançou a cabeça. Houve uma pausa, então a porta do passageiro se abriu e um homem menor e mais velho saiu. Ele estava impecavelmente vestido, com seu casaco preto perfeitamente ajustado em seus ombros estreitos, e seus sapatos de couro engraxados deixavam um caminho de pegadas na neve. Ele se aproximou com muita calma, como se estivesse mil por cento certo que seus homens pudessem lidar com o que quer que acontecesse.

— Você vai entender minha precaução. — Benloise disse com um sotaque que parecia parte francês e parte latino-americano — É um momento de ter cuidado.

Lash removeu a mão da jaqueta, deixando a arma onde estava.

— Você não tem nada com que se preocupar.

— Você parece ter muita certeza.

— Como aquele que está ganhando a competição, eu tenho muita certeza.

Os olhos do velho percorriam Lash de cima a baixo, fazendo uma avaliação, e ele não via nada mais que força. Imaginando que não havia tempo a perder, Lash despejou tudo.

— Eu quero movimentar o que Reverendo fazia em termos de volume, e quero agora. Tenho muitos homens e o território é meu. O que eu preciso é de um fornecedor de pó bom e estável e por isso quis encontrar com você. É simples, na realidade. Estou

entrando no lugar de Reverendo e como era com você que ele trabalhava, quero fazer negócio com você.

O velho sorriu.

— Nada é simples. Mas você é jovem e vai descobrir por si mesmo se viver o suficiente.

— Eu vou ficar por aí bastante tempo. Confie em mim.

— Eu não confio em ninguém, nem na minha família. E receio que não sei do que você está falando. Sou um importador de arte colombiana, e não tenho idéia de como você soube do meu nome ou por que me ligou a algo de natureza ilegal. — o velho curvou-se levemente — Eu lhe desejo boa noite e sugiro que encontre objetivos legítimos para seus indiscutíveis talentos. — Lash franziu a testa quando Benloise voltou para a Mercedes, deixando seus homens para trás. Mas que merda? A não ser que isso fosse se transformar em um banho de chumbo... Quando Lash pegou sua arma para um tiroteio... Não. O homem que havia tentando se passar por Benloise deu um passo para frente e esticou a mão.

— Prazer em conhecê-lo.

Quando Lash olhou para baixo, ele viu que havia algo na palma do cara. Um cartão. Lash apertou sua mão, pegou o que lhe foi dado, e voltou para sua própria Mercedes. Quando se sentou atrás do volante ele viu a Mercedes deslizar pelo caminho abaixo, seu escapamento esfumaçando no frio. Ele olhou para o cartão. Era um número.

— O que você tem aí, hein? — o senhor D perguntou.

— Acho que entramos no negócio. — ele pegou seu celular e discou, então deu partida no carro e foi na direção oposta da turma de Benloise.

Benloise atendeu.

— É tão mais confortável falar dentro de um carro quentinho, não?

— Sim. — Lash riu.

— Aqui está o que eu ofereço. Um quarto do produto que eu enviava mensalmente para o Reverendo. Se você tiver a capacidade de trabalhar de forma segura, então aumentamos o negócio. Temos um acordo?

Era um prazer lidar com um profissional, Lash pensou.

— Temos.

Depois de discutirem o dinheiro e o sistema de entrega, desligaram.

— Tudo certo. — ele disse com satisfação.

Depois de todo tipo de cumprimentos dentro do carro, ele se permitiu sorrir como um filho-da-puta.

A perspectiva de estabelecer laboratórios estava sendo mais difícil do que ele esperava, e apesar de ainda estar providenciando isso, ele precisava de um chefe, um provedor confiável, e seu relacionamento com Benloise era a chave. Com o dinheiro que iria gerar, ele poderia recrutar, comprar armas de última geração, comprar mais imóveis, e

focar nos Irmãos. Do jeito que estava agora, ele sentia como se a Sociedade Lessening estivesse neutra desde que ele assumiu, mas isso havia acabado, graças ao velho com o sotaque.

De volta à propriedade de Caldwell, Lash deixou o Sr. D e os outros *lessers* naquele rancho nojento e prosseguiu até a garagem de pedra. Enquanto estacionava na garagem, pensou nas possibilidades do futuro, toda a agitação fazendo com que percebesse como estava sempre ferrado antes.

Dinheiro importava. Era a liberdade para fazer o que se quisesse, comprar o que se precisasse. Era poder colocado em pilhas ordenadas e envolto em autoridade. Era o que requeria aquilo que ele tivesse que ser. Chegando na cozinha, ele parou um momento para saborear aquilo que já havia conseguido. Nada de armários e balcões vazios. Havia máquinas de café expresso, pratos, e copos bons, nada de coisa barata. Havia comida de gourmet na geladeira e vinhos finos na adega abaixo e na prateleira de bebidas no bar. Ele foi até a sala de jantar, que ainda estava vazia, e subiu os degraus de dois em dois, afrouxando as roupas à medida que subia, seu pau ficando mais duro com cada passo.

Lá em cima sua princesa o esperava. Esperava-o pronta. Banhada e perfumada por dois de seus matadores, preparada para seu uso como a escrava sexual que era. Nossa, ele estava feliz que todos os *lessers* fossem impotentes, ou uma avalanche de castrações teria acontecido na Sociedade.

Subindo os degraus, ele desabotoou a camisa, revelando os arranhões que percorriam seu peito. Tinham sido feito pelas unhas de sua amante, e ele sorriu, pronto para colecionar mais alguns. Depois de tê-la por aproximadamente duas semanas completamente amarrada, ele havia começado a soltá-la, primeiro uma de suas mãos e um dos seus pés. Quanto mais brigavam melhor. Deus, ela era um demônio de fêmea...

Ele congelou quando chegou ao alto da escada, alertado pelo perfume do hall. Oh, Deus, a saturação doce era tão forte, como se cem vidros de perfume tivessem se quebrado... Lash correu para a porta do quarto. Se alguma coisa havia acontecido a... A carnificina era impressionante, o sangue escuro manchava o tapete e o papel de parede novos.

Os dois *lessers* que ele havia deixado de guarda estavam no chão, perto da cama com dossel cada um com uma faca na mão direita. Os dois tinham múltiplos cortes brilhantes em seus pescoços, haviam se golpeado tantas vezes, e perderam tanto sangue que desabaram. Seus olhos correram para a cama. Os lençóis de cetim estavam amassados, e as quatro correntes dadas pelo rei *symphath* para subjugar-la caíam pelos cantos. Lash voou para seus homens. Matadores não morriam a não ser que você os atingisse no peito com aço inoxidável, então os dois estariam incapacitados, mas ainda vivos.

— Que merda aconteceu aqui?

As bocas se mexiam, mas ele não entendia nada, os idiotas não tinham ar, graças ao ar que escapava dos buracos que eles mesmos haviam feito. Cabeças-fracas idiotas...

Oh, que diabo, não. Oh, não, ela não havia feito isso. Lash foi até os lençóis desarrumados e achou a coleira de seu velho rottweiler. Ele o havia colocado no pescoço de sua princesa para marcá-la como dele, mesmo quando ele pegava sua veia durante o sexo. Ela havia cortado a coleira na frente em vez de desfazê-la. Estava estragada.

Lash jogou a coleira na cama, abotoou a camisa, e a arrumou dentro das calças. Da antiga escrivaninha Sheraton que ele havia comprado três dias atrás, ele pegou outra arma e uma longa faca para se juntar àquela que ele levou para se encontrar com Benloise. Havia somente um lugar para onde ele poderia ir. E ele ia lá para pegar sua puta de volta.

Com George guiando o caminho, Wrath deixou o escritório às dez da noite e subiu os degraus com uma confiança que o surpreendeu. A questão era a seguinte, ele estava começando a confiar no cão e antecipar os sinais que George transmitia pela alça. Cada vez que ele chegava às escadas, George parava e permitia a Wrath que encontrasse o primeiro degrau. Quando chegava embaixo, o cão parava para que Wrath percebesse que haviam alcançado o foyer. E então haveria uma espera até que Wrath anunciasse em que direção iria. Era... Um sistema muito bom, na realidade.

Quando desceram, os Irmãos estavam reunidos embaixo, checando suas armas e conversando. No meio do grupo, V estava fumando seu tabaco turco, Butch estava rezando umas Ave-marias baixas, e Rhage estava desembulhando um pirulito. As duas fêmeas estavam com eles, e ele as reconheceu pelo cheiro. A enfermeira estava nervosa, mas não histérica, e Xhex estava louca por uma briga.

Quando Wrath pisou no chão de mosaico ele apertou forte a alça em sua mão, e os músculos de seu antebraço se contraíram. Que merda, ele e George estavam atrasados. E isso era um saco. Era irônico. Há pouco tempo atrás ele ficou aborrecido por deixar a casa de Tohr como um cachorro. Mas que reversão de papéis. O Irmão foi o que saiu pela noite... E, ele era o cara que ficou para trás. Um assobio agudo de Tohr calou a todos.

— V e Butch, eu quero vocês com Xhex e Z no grupo um. Rhage, Phury e eu estamos no grupo dois e daremos cobertura para vocês quatro com os meninos. De acordo com a mensagem de texto que recebi de Qhuinn, ele, Blay e John chegaram e estão em posição a aproximadamente duas milhas da entrada da colônia. Estamos prontos para ir.

— E eu? — perguntou Ehlena.

A voz de Tohr era gentil.

— Você vai esperar com os meninos no Hummer.

— No inferno é que vou. Vocês vão precisar de médico.

— E Vishous é um. Por isso que ele vai primeiro com os outros.

— Comigo. Eu posso encontrá-lo, ele se alimentou de...

Wrath estava para interferir quando a voz de Bella atravessou a argumentação.

— Deixe-a ir com os outros. — houve um rápido silêncio de todos quando a irmã de Rehvenge falou ríspidamente — Eu quero que ela vá.

— Obrigada. — Ehlena falou baixo, como se já tivesse sido decidido.

— Você é a fêmea dele. — Bella murmurou — Não é?

— Sim.

— Você estava na mente dele a última vez que o vi. Era claro o que ele sentia por você. — a voz de Bella ficou ainda mais alta — Ela deve ir. Mesmo se você o encontrar, ele viverá somente por ela.

Wrath, que nunca gostou muito da idéia da enfermeira se juntando ao grupo, abriu a boca para se opor... Mas então ele voltou um ano ou dois atrás, lembrando-se de quando levou um tiro no estômago e Beth esteve ao lado dele. Ela foi a razão dele sobreviver. Sua voz e seu toque e o poder de sua conexão foram as únicas coisas que o empurraram para frente.

Deus sabia o que os *symphaths* estavam fazendo com Rehv na colônia. Se ele ainda estivesse respirando, as chances eram que ele estivesse por um fio.

— Ela deveria ir. — Wrath disse — Pode ser o que vai tirá-lo de lá vivo.

Tohr limpou a garganta.

— Eu não acho.

— É uma ordem.

Houve uma pausa longa e desaprovadora. Que foi quebrada somente quando Wrath levantou sua mão direita e mostrou o enorme diamante negro que foi usado por cada rei da raça.

— Tudo bem. Certo. — Tohr limpou a garganta — Z, quero que a proteja.

— Entendido.

— Por favor... — Bella disse asperamente — Traga meu irmão para casa. Traga-o para onde ele pertence.

Mais silêncio.

Então, Ehlena jurou:

— Nós vamos. De uma forma ou de outra.

Nenhuma explicação era necessária. A fêmea queria dizer vivo ou morto, e todos, inclusive a irmã de Rehvenge, sabiam.

Wrath disse algumas coisas na Língua Antiga, coisas que ele podia lembrar seu pai falando para a Irmandade. A voz de Wrath tinha um tom diferente, entretanto. Seu pai não se importou em ficar em casa para assumir o trono. Isso acabava com Wrath. Depois de alguns adeuses, os Irmãos e as fêmeas partiram sob um som de botas batendo sobre o chão de mosaico. A porta do vestibulo se fechou.

Beth pegou sua mão livre.

— Como você está?

Pela tensão na voz dela, ela sabia exatamente como ele estava, mas ele não ignorou a pergunta. Ela estava preocupada, assim como ele estava em seu lugar, e às vezes a única coisa a ser feita era perguntar.

— Já estive melhor. — ele a puxou para ele, e quando ela encaixava seu corpo ao seu, George encostou sua cabeça para um afago.

Mesmo com os dois, Wrath estava solitário. Em pé no grande foyer, cujas cores e profundidade ele não podia mais enxergar, parecia-lhe que ele havia terminado no exato lugar onde ele não queria estar. Ir lutar, mesmo sendo um rei, não era só sobre guerra e as espécies, mas por si mesmo também. Ele queria ser mais do que um aristocrata burocrata.

Evidentemente, porém, o destino estava determinado a empurrá-lo naquela situação de assumir um trono, de uma forma ou de outra. Ele apertou a mão de Beth, a soltou e deu a George o comando de ir para frente.

Quando ele e o cão chegaram ao vestíbulo, ele passou por várias portas até sair da casa. De frente para o jardim, Wrath ficou parado no vento frio, que esvoaçava seu cabelo. Inspirando, ele sentiu o cheiro de neve, mas não sentiu nada sobre o rosto. Somente a promessa de uma tempestade, aparentemente. George ficou sentado enquanto Wrath procurava o céu que ele não podia ver. Se iria nevar, estaria nublado? Ou ainda se podia ver as estrelas? Em que fase a lua estaria?

A ansiedade em seu peito fez com que ele apertasse seus olhos mortos em um esforço de enxergar formas. Costumava funcionar... Dava-lhe uma dor de cabeça, mas costumava funcionar. Agora ele tinha somente a dor de cabeça. Por trás dele, Beth disse:

— Você quer que eu lhe pegue um casaco?

Ele sorriu de leve e olhou sobre o ombro, imaginando-a em pé sob o grande portal da mansão, emoldurada pelas luzes que vinham do interior.

— Você sabe, — ele disse — é por isso que eu te amo tanto.

O tom da voz dela era carinhoso, de partir o coração.

— O que você quer dizer com isso?

— Você não me pede para ir para dentro porque está frio. Você só quer que seja mais fácil ficar onde estou. — ele se virou para ficar de frente para ela — Para ser honesto, eu me pergunto por que diabos você fica comigo. Depois de toda merda... — ele andou pela fachada da mansão — As interrupções constantes na Irmandade, as lutas, o reinado. Eu sendo um idiota de não te contar coisas. — ele tocou levemente suas roupas — A cegueira... Eu juro, você pode virar santa.

— Não é assim.

Ela tocou nas faces dele, e quando ele abaixou para beijá-la, ela o interrompeu. Segurando sua cabeça firmemente, ela tirou seus óculos de sol e acariciou suas sobrancelhas com sua mão livre.

— Eu fico com você porque, se você tem visão ou não, eu vejo o futuro em seus olhos.

As pálpebras dele tremeram quando ela roçou gentilmente o rosto no nariz dele.

— Meus. A Irmandade. As corridas... Você tem olhos tão lindos. E para mim você é ainda mais corajoso agora. Você não precisa lutar com suas mãos para ter coragem. Ou ser

o rei que seu povo precisa. Ou ser meu *hellren*. — ela colocou a palma sobre seu peito largo — Você vive e lidera daqui. Seu coração... Aqui.

Wrath piscou com força.

Engraçado, eventos transformadores não são sempre planejados e nem sempre esperados.

Sim, claro, sua mudança transformou você em um macho. E quando você passou pela cerimônia de acasalamento, você passou a ser parte de um todo, não era mais só você. E as mortes e nascimentos à sua volta fizeram você ver o mundo de forma diferente. Mas de vez em quando, vindo do nada, alguém alcança esse lugar quieto onde você passa seu tempo privado e muda a forma como você se vê. Se você tem sorte e sua companheira... E a transformação te lembra novamente que você está absolutamente, positivamente com a pessoa certa: porque o que dizem não afeta você por causa de quem eles são para você, mas pelo conteúdo da mensagem deles.

Payne o atingiu no rosto e o acordou.

George trouxe sua independência de volta.

Mas Beth lhe deu sua coroa.

A questão era, se ela podia alcançá-lo no humor em que ele estava, ela provava que podia ser feito. Você poderia dizer o que os outros precisavam ouvir. O coração era a resposta. Ela provou seu ponto de vista.

Ele ascendeu ao trono e fez algumas coisas. Mas em sua alma, ele era um lutador preso em uma mesa de trabalho. O ressentimento o tornou amargo, e mesmo ser ter consciência disso, estava de olho em uma saída todas as noites.

Sem visão. Sem saída.

E se isso fosse na realidade.... Certo? E se aqueles Hallmark filhos-da-puta estivessem certos? Portas fecham, janelas abrem. E se perder a visão fosse exatamente o que ele precisava para ser... O verdadeiro rei de sua raça?

Não apenas um filho assumindo as obrigações de seu pai.

Se era verdade que a perda de um sentido aumentava os outros sentidos, talvez seu coração fosse o que fez a diferença. E se isso fosse verdade...

— O futuro — Beth sussurrou — em seus olhos.

Wrath abraçou sua *shellan* forte, segurando-a tão perto que ele a absorveu em seu corpo. Ao ficarem parados juntos, unidos contra o vento do inverno, a escuridão em seu corpo foi envolvida por calor.

O amor dela era uma luz em sua cegueira. Senti-la era o paraíso que ele não precisava ver para conhecer. E se ela tinha tanta fé nele, ela seria sua coragem e propósito também.

— Obrigado por ficar comigo. — ele disse roucamente por dentro de seus longos cabelos.

— Não há nenhum outro lugar onde eu preferia estar. — ela apoiou a cabeça no

peito dele — Você é meu homem.

Capítulo 67

Quando Ehlena materializou-se ao norte junto aos Irmãos, ela não podia tirar Bella da cabeça. A fêmea pareceu estranhamente transparente quando estava naquele foyer grande e majestoso, rodeada de machos cobertos de armas. Seus olhos eram vagos, e suas faces estavam pálidas e magras, como se tivesse sido submetida à provações.

Mas ela queria o irmão de volta.

A natureza da mentira era tal que seus componentes eram sempre os mesmos: a verdade objetiva era distorcida, escondida ou reescrita com a intenção de enganar. O que era mais obscuro eram as motivações por trás das falsificações, e Ehlena pensou no que havia feito pegando aqueles comprimidos para Rehvenge. Ela queria fazer o certo, e embora aquilo não tornasse a ação correta, ou a livrasse de merecer as conseqüências, pelo menos ela não teve maldade no coração. O mesmo era verdade sobre as escolhas de Rehvenge. Não eram corretas nem apropriadas, mas ele estava protegendo Ehlena, sua irmã e as outras pessoas em sua vida, apesar do que a Velha Lei ordenava e do quanto a princesa era destrutiva.

Foi por isso que Ehlena escolheu perdoar Rehvenge – e ela esperava que a irmã dele fizesse o mesmo.

É claro, perdão não significava que Ehlena encerraria a questão sobre ele ter sido o *hellren* da irmã para ter certeza que ela fosse para a colônia, isso não refletia a realidade. Além disso, quem sabia se iriam mesmo conseguir voltar a Caldwell inteiros.

Vidas poderiam ser perdidas esta noite. Ehlena e os Irmãos tomaram forma no meio de grandes pinheiros, um ponto protegido escolhido após Xhex ter detalhado a área. Seguindo em frente, exatamente como a fêmea tinha descrito, havia uma casa de fazenda pitoresca com uma placa que dizia: ORDEM MONÁSTICA TAOÍSTA, EST 1982.

Na superfície, era difícil acreditar que outra coisa acontecia dentro daquelas paredes imaculadas além de fabricação de geléia e colchas de retalhos. Mais difícil era pensar que aquele lugar charmoso era a entrada para as colônias dos *sympaths*. Mas havia algo de muito errado sobre todo o arranjo, como se um campo de força de medo envolvia a recepção. Olhando em volta, Ehlena podia sentir que Rehv estava perto, e justo antes de Xhex falar, ela voltou seu foco para uma construção a aproximadamente noventa metros da casa da fazenda. Lá... Sim, ele estava lá.

– Entraremos por aquele celeiro. – Xhex disse baixinho, apontando para onde Ehlena se voltava – É a única forma de entrar no labirinto. Como eu disse ontem à noite, eles já saberão que estamos aqui, então quando estivermos cara a cara, nossa melhor chance é

fazer uma abordagem do tipo diplomática ostensiva: nós simplesmente queremos o que é nosso sem derramar sangue. Eles entenderão e respeitarão o motivo, antes de começar a briga.

Um fedor doce foi trazido pela brisa fria.

Todas as cabeças se viraram e Ehlena franziu as sobrancelhas quando o macho apareceu do nada no caminho da casa da fazenda.

Seu cabelo loiro era puxado para trás e seus olhos tinham um estranho brilho negro. Ao caminhar em direção ao alpendre da frente, seu andar mostrava raiva, seu corpo poderoso estava retesado, como que pronto para a batalha.

- Mas que merda... – V respirou fundo – Aquele é Lash?

- Aparentemente. – Butch respondeu.

Xhex interferiu.

– Você não sabia?

Todos os Irmãos olharam para ela quando V disse:

– Que ele estava vivo e era um *lesser*? Bom, isso seria um grande não. E por que vocês não estão surpresos?

- Eu o vi algumas semanas atrás. Assumi que a Irmandade sabia.

- Não. Me. Fode.

- Eu bem que gostar...

- Chega de besteira. – Z sibilou – Os dois.

Todos voltaram a focalizar no macho, que à esta altura já tinha pulado o alpendre e estava batendo na porta.

- Vou chamar os outros. – V suspirou – A presença do *lesser* deve ser neutralizada antes de entrarmos.

- Ou pode criar uma distração para nos ajudar. – Xhex disse em um tom de “é óbvio”.

- Ou poderia chamar reforço e não ser idiotas. – V devolveu.

- Isso seria difícil para você.

- Vai se fo...

Z colocou o telefone na mão enluvada de V.

– Disque. – então apontou para Xhex – Pare de provocá-lo.

À medida que V falava e Xhex se calava, adagas e armas eram retiradas, e um momento depois, os outros apareceram. Xhex foi até o Irmão Tohrment.

– Olha, eu realmente acho que deveríamos nos dividir. Vocês cuidam de Lash e eu procuro Rehv. O caos da luta vai dividir as atenções da colônia. É melhor assim.

Houve uma pausa quando todos olharam para Tohr.

– Concordo. – ele disse – Mas você não entra sozinha. V e Zsadist vão com você e Ehlena.

Houve uma concordância coletiva e... Merda, eles já estavam se movendo, abertamente, correndo pela neve. À medida que Ehlena se dirigia ao celeiro, as botas que

recebeu batiam ruidosamente sobre o chão, suas palmas suavam dentro das luvas, e a mochila cheia de suprimentos médicos pesava sobre seus ombros. Ela não se armou, tendo concordado que não sacaria sua arma a não ser que houvesse uma boa razão para isso. Fazia sentido. Você não ia querer uma amadora em um pronto socorro, não havia razão para complicar a situação com ela tentando fingir que estava confortável no gatilho como Xhex e os Irmãos.

O celeiro era grande, com um par de portas frontais que deslizavam para trás em dobradiças bem lubrificadas. Xhex não pegou o caminho óbvio, porém, liderando-os pela lateral para uma porta baixa.

Antes de entrarem no espaço grande e vazio, Ehlena olhou para trás, para a casa da fazenda. O macho loiro estava cercado pelos Irmãos, e o cara estava calmo e frio como alguém em um coquetel, e seu sorriso convencido sugeria problemas, na opinião de Ehlena: somente alguém com muitas armas à disposição pareceria assim quando confrontado a uma parede de músculos.

– Apresse-se. – disse Xhex.

Ehlena se agachou e tremeu, mesmo estando fora do vento. Cara... Isso tudo estava errado. Assim como a casa da fazenda, havia algo errado sobre tudo: sem feno, pasto, arreios ou pregos. Nenhum cavalo nas baias. Nada.

A necessidade de escapar a sufocou e ela agarrou a gola de sua parka. Zsadist colocou a mão em seu ombro.

– É o equivalente deles ao *mhis*. Simplesmente respire. É uma ilusão que impregna o ar, mas o que você está sentindo não é real.

Ela engoliu e olhou para o rosto cheio de cicatrizes do Irmão, tirando força da estabilidade dele.

– Ok. Ok... Estou bem.

– Boa menina.

– Aqui. – Xhex disse enquanto se dirigia à baia e abria sua porta dupla.

A porta de dentro era de concreto e marcada com um estranho padrão geométrico.

– Abre-te sésamo. – Xhex se abaixou e levantou o que pareceu ser uma pedra, e os Irmãos vieram ajudá-la com o peso.

A escada que foi revelada tinha um suave brilho vermelho.

– Eu sinto como se estivesse entrando em um filme pornô. – V murmurou à medida que descia com cuidado.

– Não seria preciso algumas velas pretas para você? – Zsadist zombou.

Embaixo, no final da escada, eles olharam para esquerda e para a direita por um corredor cavado na pedra, não vendo nada além de filas de... Velas pretas com chamas cor de rubi.

– Eu retiro o que disse. – disse Z.

– Se escutarmos uns sons estranhos, – V interferiu – posso começar a te chamar de Z-em-ponto-de-bala?

– Não se você quiser continuar respirando.

Ehlena virou à direita, agitada por um senso de urgência.

– Ele está aqui embaixo. Eu posso senti-lo.

Sem esperar pelos outros, ela saiu correndo.

De todos os milagres que poderiam ter sido concedidos no planeta, todos, “oh, meu Deus, você está vivo”, ou “obrigada, Virgem Escriba, ele está curado”, a ressurreição que John via era uma loucura. Lash estava em frente a uma conservadora casa colonial branca, vestindo roupas arrumadas, parecendo estar não somente vivo mas impressionado consigo mesmo como sempre, mas como se de alguma forma tivesse sido turbinado.

Ele cheirava como um *lesser*, mas quando olhou do alpendre como se ele mesmo fosse o Omega – nada mais que poder maligno que não se impressionava com qualquer amostra morta de força.

– Ei, pequeno John. – Lash zombou – Eu não posso lhe dizer como é bom ver sua cara covarde novamente. Quase tão bom como meu renascimento.

Jesus... Cristo. Por que Wellsie não poderia ter uma dádiva destas? Mas não... Um puxa-saco psicótico com uma desordem narcisista teve a mudança de Lázaro.

A ironia era que John havia rezado por isso. Merda, imediatamente depois que Quinn havia cortado a garganta do cara, John havia rezado para que de alguma forma Lash pudesse sobreviver a enorme perda de sangue. Ele podia se lembrar de se abaixar sobre o piso molhado no chuveiro do centro de treinamento e tentar fechar o corte com sua camisa. Ele implorou para Deus, a Virgem Escriba, qualquer um que pudesse ouvir, para de alguma forma consertar a situação.

Lash se tornar um vampiro equivalente ao Anticristo não era o que ele esperava.

Quando a neve começou a enfraquecer no céu nebuloso, algumas palavras foram trocadas entre Rhage e Lash, mas o zumbido na cabeça de John se sobrepunha. O que ele ouvia claramente era a voz de Quinn bem atrás dele.

– Bom, veja dessa forma. Pelo menos o mataremos novamente.

Então, o mundo explodiu. Literalmente. Vindo do nada, um meteoro se formou na palma de Lash e veio voando em direção a John e os Irmãos, uma bola de boliche metafísica vindo do inferno.

Ao fazer contato, seu choque brilhante os derrubou, um strike total. Caído no chão de costas com os outros, John lutou para recuperar o fôlego enquanto cinzas caíam suavemente sobre sua face e boca. A próxima explosão estava vindo. Tinha de ser.

Isso ou algo pior.

O rugido que se ouviu pela paisagem se originou na frente dele, e primeiro ele pensou que Lash havia se transformado em algum tipo de monstro que iria comê-los todos vivos.

Exceto que... Bom, era uma besta, mas quando escamas roxas apareceram e um rabo com ferrão varreu o ar, John ficou aliviado. Era o Godzilla deles, não o de Omega: o alter-ego de Rhage havia saído de dentro dele, e o dragão enorme estava com raiva.

Até Lash pareceu um pouco surpreso.

O dragão inalou uma grande quantidade de ar noturno, então esticou seu pescoço para frente e soltou uma rajada de fogo tão intensa que a pele de John se contraiu... Mesmo que ele estivesse fora do alcance. Quando as chamas se dissiparam, Lash estava parado entre os suportes do alpendre, suas roupas fervendo e seu corpo sem ferimentos.

O filho-da-puta era à prova de fogo.

E pronto para servir outra rodada de bomba. Como algo saído de um vídeo game, ele abriu a mão e outra porção quente e pesada e enviou a energia rolando direto para a besta. Que a absorveu como um homem. A outra metade de Rhage permaneceu forte contra o massacre e deu ao resto ao tempo que precisavam para se levantarem e se prepararem para atirar. Foi um movimento arriscado, entretanto, quando se transpassa uma fogueira, você deve ser capaz de agüentar ao calor, ou as labaredas irão comer o seu rabo.

John começou a atirar, assim como os outros, mesmo suspeitando que precisariam de mais que balas para acabar com o novo e melhorado Lash. Ele estava mandando outra quando dois carros cheios de *lessers* apareceram.

Capítulo 68

Xhex queria seguir Ehlena, mas ela não se sentia confortável com a fêmea liderando à medida que continuavam. Pegando velocidade, ela alcançou a companheira de Rehv.

- Diga se pegamos um caminho errado, ok?

Quando Ehlena assentiu, os Irmãos se aproximaram por trás para protegê-la contra uma armadilha. À medida que desciam o corredor de pedra, Xhex não tinha uma boa impressão de tudo. Ela não podia sentir Rehv, o que não era surpresa do ponto de vista de um vampiro – Ehlena era a última fêmea de que ele bebeu, então seu sangue se sobrepunha ao de Xhex. O problema era que de *sympath* para *sympath* ela não sentia nada. Na realidade, ela não podia localizar onde ele ou qualquer um da colônia estava. Não fazia sentido. Sympaths poderiam sentir qualquer coisa com emoções, em qualquer lugar.

Então ele deveria estar encontrando todo tipo de conexão. Ela olhou para a parede enquanto se apressava. Da última vez que esteve aqui, era tudo pedra rústica, mas agora tinha uma superfície lisa. Imaginava-se que eles melhoraram as coisas durante as décadas.

- Após noventa metros o corredor vai se ramificar – ele murmurou sobre o ombro. – Eles mantêm os prisioneiros à esquerda e seus aposentos e salas comuns são à direita.

- Como você sabe? Vishous perguntou.

Ela não respondeu ao Irmão. Não havia porque mencionar que ela já estivera em uma das celas.

Ela continuou, seguindo as fileiras de velas pretas, descendo profundamente para a colônia, mais perto de onde seus habitantes dormiam e comiam e brincavam com as mentes uns dos outros. E ainda assim ela não sentia nada. Não, isso não era totalmente verdadeira. Havia um tipo estranho de estática. Primeiro ela achou que vinha das chamas sobre a cera preta, agitadas pelas sutis correntes de vento. Mas não... era outra coisa. Quando chegaram à ramificação tripla, ela automaticamente foi para a esquerda, mas Ehlena disse:

- Não, direto em frente.

- Não faz sentido – Xhex parou e manteve a voz baixa. – Aí é onde estão as instalações dos condutos de ventilação.

- É lá que ele está.

Vishous abriu caminho para a frente.

- Olhe, vamos para onde Ehlena diz. Precisamos encontrá-lo antes que a batalha lá fora acabe aqui.

Quando o Irmão continuou em frente, Xhex se irritou por ele estar na frente. Mas para não levantar o assunto, que era uma perda de tempo, ela ficou na posição número dois e deixou assim mesmo.

Eles aceleraram por uma rede de túneis menores que levavam ao sistema de aquecimento. A colônia foi construída seguindo as linhas de uma fazenda de formigas, um ambiente subterrâneo sustentável que cresceu e expandiu com o tempo, com mais ramificações profundas pela terra. A construção e manutenção eram trabalho da classe trabalhadora dos *sympaths*, que eram nada mais que escravos encorajados a se reproduzirem para que seus números dobrassem com o tempo. Não havia classe média. Depois dos servos havia os empregados reais e os aristocratas.

E eles não se misturariam.

O pai de Xhex tinha sido da classe dos servos. O que a fazia inferior a Rehvenge, e não porque ele era da realeza. Tecnicamente, ele estava um passo acima de merda de cachorro.

- Parem! – Ehlena gritou.

Eles pararam rapidamente, de frente para..... uma parede de pedra.

Juntos, eles foram em frente, passando as mãos sobre a superfície lisa. Zsadist e Ehlena encontram fissuras ao mesmo tempo, a junção quase escondida formava um quadrado alto.

- De que forma entramos aqui – Z disse, tentando mover a pedra.

- Para trás – Xhex gritou.

Quando saíram da frente, e claramente esperando algo especial, ela foi para trás, bateu com o ombro contra a coisa, e não ganhou nada além de molaes chacoalhando como bolinhas em uma caixa.

- Merda – ela ofegou, recuando.

- Isso deve ter machucado – Z murmurou. – Você está bem?

A parede começou a vibrar e todos pularam para o lado, sacando suas armas para a porta que emergia da pedra e deslizou.

- Imagino que ficou com medo de você – Vishous disse com uma ponta de respeito.

Xhex franziu a testa quando o zumbido estático aumentar até seus ouvidos tinirem.

- Eu não acho que ele está aqui. Eu não posso senti-lo.

Ehlana deu um passo à frente, claramente preparada para se lançar na escuridão que se revelou.

- Eu posso. Ele está bem...

Três pares de mãos a seguraram e a trouxeram para trás.

- Espere – Xhex disse, retirando uma iluminação instantânea de seu cinto. Quando se acendeu, um hall estreito de aproximadamente quarenta e cinco metros se revelou. No final havia uma porta. Vishous foi primeiro, e Xhex estava bem atrás de seu traseiro, com Ehlana e Z vindo rapidamente atrás.

- Ele está vivo – Ehlana disse ao chegarem ao fim do corredor. – Eu posso senti-lo!

Xhex esperava encontrar dificuldade com o painel de aço – mas não, ele abriu fácil, revelando uma sala que... brilhava?

V praguejava à medida que a luz de Xhex penetrava no sala.

- Mas que merda?

Pendurada no meio das ala com paredes e chão líquidos estava uma forma grande de um casulo, e sua negra superfície movia e brilhava.

- Oh,...Deus – Ehlana suspirou. – Não.

Lash vinha praticando seus dons no covil do Omega, e cara, todo o trabalho se mostrou útil aquela noite. À medida que os dois esquadrões de *lessers* que ele havia chamado da cidade vizinha começaram a brigar com os Irmãos, ele encarou uma besta do tamanho de supercarro – e trocava bolas de fogo com o filho-da-puta.

Afastando-se da casa, porque a última coisa que a situação precisava era de uma visita dos bombeiros, ele percebeu um grupinho de vampiros indo em direção do prédio do outro lado. Eles entraram e quando ele não os viu mais, ele tem a impressão que era o caminho para a colônia.

O que significava que agradável como fosse jogar vôlei-bomba com o mágico Puff¹¹⁵, ele precisava parar de brigar e começar a procurar sua fêmea. Ele não desconfiava por que

¹¹⁵ Canção folclórica dos EUA.

diabos os Irmãos apareceram ao mesmo tempo que ele, mas em se tratando de *sympaths*, ele apostava que coincidências não existiam. A princesa sabia que ele viria e deu a dica para a Irmandade?

O dragão cuspiu outra rajada de chamas, e a explosão iluminou a briga que acontecia em volta do caminho da casa. Para todos os lugares onde olhava, havia Irmãos enfrentando slayers com punhos, sacando suas adagas e chutando com seus coturnos.

A sinfonia de grunhidos e palavrões, além dos sons de pancadas e coisas quebrando o fez se sentir mais forte, mais poderoso.

Suas tropas estavam brigando com seus professores.

Não era uma poesia fodida?

Mas chega de nostalgia. Concentrando-se na sua mão, ele criou um rodamoinho de moléculas, girando-as com sua mente cada vez mais rápido até que a força centrífuga queimou espontaneamente. Quando a massa de energia se concentrou, ele a manteve em sua palma e correu em direção à besta de escamas roxas, sabendo que a droga da coisa tinha que fazer uma pausa depois de suas bombas. O dragão não era burro e se abaixou, e seus braços com garras levantaram para se defender. Lash parou fora do alcance do golpe e não deu uma chance ao bastardo para atacar.

Ele não esperou diante da carcaça esfumaçada. Com certeza, depois de uma recuperação, aquele dragão iria pular do chão como um boneco de pilha alcalina, e no momento a costa estava livre entre Lash e o celeiro.

Em uma investida rápida, ele correu para o prédio e entro dentro do espaço vazio e comum, ele viu uma baia de cavalo, e seguiu as pegadas úmidas até ela. Os passos desapareciam em um quadrado preto. Levantar a pedra era pra lá de trabalho braçal, mas a visão de mais pegadas para baixo o estimulou. Seguindo-as para baixo, ele se viu em um corredor de pedra, e graças ao brilho vermelho das velas pretas, ele foi capaz de seguir o caminho molhado deles – mas o caminho não durou para sempre.

Com todo o calor, a água evaporou rapidamente, e quando ele chegou na ramificação tripla, ele não tinha pista de onde o bando estaria. Respirando fundo, ele tentou capturar um cheiro, mas tudo que seu nariz captou foi parafina queimada e terra.

Não havia mais nada. Nenhum som. Nenhuma agitação ou movimento. Era como se os quarto tivessem desaparecido.

Ele olhou para a esquerda. Direita. Direto em frente.

De impulso, ele foi para a esquerda.

Capítulo 69

Os olhos de Ehlena se negavam a processar o que estava vendo: simplesmente não

havia forma de que aceitasse a situação.

Não era possível que fossem aranhas. Não era possível que estivesse vendo milhares e milhares de aranhas... Oh, Deus, aranhas e escorpiões... cobrindo não só as paredes e o chão, a não ser...

Horrorizada, compreendeu o que era que estava pendurando no centro do lugar. Pendurando de cordas ou cadeias. Pendurando e coberto pela prolífica massa que recobria cada centímetro quadrado da cela.

—Rehvenge... —gemeu—. Queridíssima Virgem... Escriba.

Sem pensar, lançou-se para frente, mas a mão forte de Xhex puxou-a para trás.

—Não.

Lutando contra a banda de ferro que se fechava sobre a parte superior de seu braço, Ehlena sacudiu a cabeça violentamente.

—Devemos lhe salvar!

—Não estou sugerindo que lhe deixemos —disse a outra fêmea firmemente—. Mas se entrarmos aí, vamos ser atacados por algo que parecerá saído da Bíblia. Temos que pensar numa forma de...

Um brilhante resplendor fulgurou, interrompendo Xhex e fazendo que Ehlena girasse a cabeça. Vishous tinha tirado a luva da mão direita, e quando elevou a mão, os planos de seu rosto azedo e os redemoinhos da tatuagem que tinha ao redor do olho destacaram de forma notável.

—“Fora Inseto”¹¹⁶ —Flexionou os dedos luminosos—. Eu sei que o homem Orkin¹¹⁷ quer ter uma merda como esta em sua caminhonete.

—E eu tenho uma serra —disse Z, agarrando uma ferramenta negra de seu cinturão—. Se pode limpar o caminho, poderemos baixá-lo.

Vishous se agachou junto ao bordo irregular da massa de insetos que formavam redemoinhos, sua mão iluminou a emaranhada e ondulante horda de pequenos corpos com pernas que giravam convulsivamente.

Ehlena colocou uma mão sobre a boca, tentando conter as arcadas. Não podia imaginar o que seria ter tudo isso sobre seu próprio corpo. Rehvenge estava vivo... mas, como tinha sobrevivido? Sem ser picado até morrer? Sem voltar-se louco?

A luz da mão do Irmão se disparou em linha reta, queimando tudo que encontrava pela frente até chegar ao lugar onde Rehv estava pendurado, deixando só cinzas e um fedor ardente e úmido que a fez suplicar por prendedores para o nariz. Uma vez desdobrada, a ardente iluminação se dividiu e se propagou, criando um atalho.

—Posso mantê-lo, mas movam-se rápido —disse Vishous.

Xhex e Zsadist saltaram ao interior da caverna, e as aranhas do teto responderam

¹¹⁶ No original *Bug be gone* (fora inseto) é a marca de um inseticida dos Estados Unidos.

¹¹⁷ Orkin – famosa empresa de dedetização. O homem Orkin é o que aparece na propaganda da empresa.

fiando fios e deixando cair como sangue emanando de uma ferida profunda. Durante um instante Ehlena observou como os dois espantavam os invasores com as mãos antes de tirar a mochila e rebuscar dentro.

—Fuma, não é? —perguntou ao Vishous enquanto desembulhava seu cachecol e o colocava sobre a cabeça—. me diga que trouxeste um acendedor.

—Que demônios vai...? —V sorriu ao ver a lata de antibiótico em aerosol que ela tinha na mão— No bolso de trás. Do lado direito.

V trocou de posição para que pudesse tirar o pesado acendedor de ouro, e logo que obteve a coisa, Ehlena entrou na câmara. A lata não ia durar muito, assim não a utilizou até que chegou onde estavam Xhex e Zsadist.

—Se agachem! —disse enquanto pressionava o botão do aerosol e acionava o acendedor.

Os dois se agacharam e ela vaporizou o ar sobre suas cabeças com uma baforada de chamas.

Com o caminho momentaneamente espaçoso, Xhex subiu no ombro de Z com a serra e estendeu os braços para as cadeias. Enquanto o agudo chiado enchia a caverna, Ehlena mantinha sua ofensiva, deixando escapar rajadas de fogo que mantinham a maior parte dos bastardos no teto, longe das cabeças e pescoços do casal. A serra também ajudava, já que lançava faíscas que adicionalmente repeliam os guardas aracnídeos, mas como em represália, as aranhas aterrissavam sobre as mangas da jaqueta de Ehlena e se arrastavam para cima.

Rehvenge se sacudiu. Depois se moveu.

Estendeu um de seus braços para ela, e do mesmo caíram escorpiões, embora as aranhas lutaram por ficar aderidas. A extremidade se elevou lentamente, como se a carga de sua segunda pele de insetos a fizesse quase muito pesada para movê-la.

—Estou aqui —disse Ehlena agitada—. Viemos te buscar...

Ouviram um golpe surdo proveniente do lugar por onde tinham entrado. E abruptamente a luz que Vishous estava emitindo se apagou, deixando a câmara em uma escuridão total.

Dando aos carcereiros de Rehvenge livre acesso a toda pessoa que houvesse dentro da cova.

Debaixo da horrível massa que lhe cobria, a frágil consciência de Rehvenge despertou no momento em que Ehlena entrou pela soleira da câmara. Entretanto, no princípio não confiou no que sentia. Nos mil anos que tinha passado suspenso em um inferno tinha sonhado com ela muitas vezes, seu cérebro se aferrava às lembranças, utilizando-os como comida, água e ar.

Mas isto era diferente.

Talvez só se tratava da ruptura com a realidade pela que tinha estado rezando?

depois de tudo, quando sua mãe morreu tinha lamentado que tudo chegasse a seu fim, agora o único que desejava era um final... já fora mental ou físico, não lhe importava.

Assim ao melhor, finalmente lhe tinha concedido um pouco de misericórdia em sua miserável e fodida vida.

Além disso, a idéia de que Ehlena realmente tivesse vindo lhe buscar aterrava mais que o lugar onde se encontrava ou que qualquer outra tortura que reservasse o futuro.

Salvo que... não. Era ela, e estava acompanhada por outras pessoas... Podia ouvir suas vozes. Nesse momento captou um brilho de luz... e cheirou uma espécie de fedor rançoso que lhe recordou o aroma pestilento de uma praia em maré baixa.

Logo seguiu um gemido agudo. junto com uma série de... golpes de explosões?

Depois dos dois primeiros dias Rehv tinha sido incapaz de mover-se, seu corpo foi se debilitando com rapidez, mas agora precisava estender-se para tratar de comunicar-se, para tentar dizer a Ehlena e a quem quer que tivesse vindo com ela, que se afastasse deste terrível lugar.

Concentrando toda sua força, tentou elevar o braço e lhe indicar que retrocedesse.

A luz se estava extinguindo tão rapidamente como tinha aparecido.

Só para ser substituída por um brilho avermelhado que significava que sua amada estava em perigo mortal.

O medo pela Ehlena lhe fez entrar em pânico, seu corpo começou a sacudir-se dentro dos limites de suas ataduras, agitando-se como um animal em uma armadilha.

Devia despertar de uma fodida vez. Devia... despertar de uma fodida vez!

Capítulo 70

Nada. Nenhuma merda.

Lash se deteve e olhou dentro de outra cela que era feita de uma estranha classe de vidro. Vazia. Igual às outras três.

Inalando profundamente, fechou os olhos e se manteve imóvel. Nenhum som. Nenhum aroma além do da cera de abelha combinado com o de terra fresca, que tinha estado aí todo o tempo.

Donde queira que o grupo tinha ido, não tinha sido aqui embaixo, merda.

Voltando sobre seus passos, retornou ao ponto no qual o caminho se bifurcava em três direções, e olhou para baixo. Alguém acabava de passar por ali: um rastro de gotas cor azul escura se estendia em duas direções, à direita e reto para frente, o que queria dizer que alguém tinha vindo de um desses pontos cardeais, e ido para o outro.

Agachando-se, Lash passou lentamente o indicador pela gota viscosa e esfregou a

substância contra o polegar. Sangue de *symphath*. Deus sabia que tinha derramado suficiente da sua fêmea para saber exatamente o que era essa merda.

Levando a mão até o nariz, inalou. Não era de sua fêmea. Era de alguém mais. E não estava claro onde tinha estado e para onde se dirigia.

Sem nada no que apoiar-se, estava a ponto de seguir para a direita quando um lampejo de brilho vermelho explodiu no menor dos três túneis, que estava justo em frente a ele. Ficando de pé em um salto, correu nessa direção, seguindo o rastro do sangue.

Quando o túnel trocou convertendo-se em uma suave curva, o resplendor se intensificou, não tinha a menor idéia de que diabos ia interromper e não lhe importava. Sua princesa estava aqui, e alguém ia dizer lhe onde caralho encontrar essa puta.

Sem nenhuma indicação prévia se encontrou com um corredor oculto, que emergia do túnel sem uma ombreira, nem marco de porta. Do fundo do mesmo, emanava uma luz vermelha que era o suficientemente brilhante para lhe fazer arder os olhos, e Lash se dirigiu para a fonte.

Entrou e se encontrou com um montão de... que caralho?

Escondido na entrada de uma câmara estava o Irmão Vishous, e mais à frente se desenvolvia um quadro que não tinha nenhum sentido:

A princesa estava de pé vestida com o que lhe tinha posto a noite anterior, o sutiã, as meias até a coxa e os saltos de agulha que fora do contexto do dormitório faziam parecer-se ridícula. Seu cabelo negro azulado era um matagal desgrenhado, suas mãos gotejavam sangue azul e seus selvagens olhos vermelhos eram a fonte do resplendor que o tinha guiado. Frente a ela, cativando toda sua atenção, havia algo parecido a uma gigantesca vaca pela metade, que estava coberta pelo que parecia ser o prêmio gordo de uma loteria para insetos.

Merda, essas coisas estavam por toda parte.

E agrupados ao redor do corpo suspenso estavam esse Irmão marcado com cicatrizes, Zsadist, Xhex o guarda de segurança lésbica, e uma fêmea vampiro com um acendedor numa mão e uma lata de aerosol na outra.

Esse grupo não ia durar muito neste mundo. As aranhas e os escorpiões estavam em pleno avanço, à caça do trio que tinha invadido seu território, e Lash teve uma breve e sanguinolenta premonição a respeito de toscos esqueletos descarnados.

Mas esse não era seu problema.

Ele queria a sua fêmea.

A qual, evidentemente, tinha idéias próprias. A princesa levantou a mão ensangüentada, e em um instante, os bastardos rastejantes que cobriam as paredes, o teto e o chão, se retiraram como uma inundação absorvida pela terra sedenta. Depois do seu sinal, Rehvenge ficou à vista, seu pesado corpo nu estava pendurando de umas varinhas que lhe atravessavam os ombros. Parecia um milagre que sua pele não estivesse marcada com um milhão de mordidas, mas quase parecia como se tivesse estado protegido debaixo

desse tapete de monstruosidades de oito patas e duas presas.

—É meu —gritou a princesa a ninguém em particular.

— E ninguém exceto eu o terá.

O lábio superior do Lash se retraiu, suas presas se alargaram rapidamente. Ela não acabava de dizer isso. Decididamente ela não acabava de dizê-lo.

Essa era sua mulher.

Não obstante, bastou um olhar a seu rosto para saber a verdade. Essa doentia fixação com a que olhava ao Rehvenge nunca tinha brilhado pelo Lash, sem importar quão intenso tivesse sido o sexo... Não, nunca lhe tinha olhado com essa resolvida obsessão. Ela só tinha estado passando o momento com ele, esperando liberar-se... não porque não queria ser retida contra sua vontade, mas sim porque queria voltar com o Rehvenge.

—Fodida safada —cuspiu ele.

A princesa deu à volta com brutalidade e seu cabelo se balançou formando um arco.

—Como te atreve a se dirigir a mim...?

Os disparos ressonaram na caverna, um, dois, três, quatro, tão alto como tabuas caindo sobre o chão duro. A princesa ficou rígida, horrorizando-se quando as balas se incrustaram em seu peito, lhe atravessando o coração e os pulmões, fazendo que o sangue azul rompesse pelos orifícios de saída abertos pelas balas e salpicasse a parede que estava atrás dela.

—Não! —gritou Lash, avançou correndo. Segurou sua amante enquanto caía, sustentando-a com gentileza.

— Não!

Olhou o outro lado da câmara. Xhex estava baixando uma arma, e tinha um leve sorriso nos lábios, como se acabasse de desfrutar de uma boa refeição.

A princesa se aferrou às lapelas do casaco chamuscado de Lash, o forte puxão na malha atraiu seus olhos de volta a seu rosto.

Não estava olhando a ele. Estava olhando o Rehvenge... estendendo-se para ele.

—Meu amor... —As últimas palavras da princesa flutuaram à deriva pelo lugar.

Lash grunhiu e jogou o corpo contra a parede mais próxima, esperando que o impacto fora o que a matasse, necessitando a satisfação de saber que tinha sido ele o que a havia fodido no final.

—Você —disse assinalando a Xhex— agora deve dois...

Em um princípio o cântico se ouviu amortecido, nada mais que um eco reverberando nos passadiços exteriores, mas se foi fazendo cada vez mais alto e insistente, alto... e insistente, até que pôde ouvir cada sílaba pronunciada pelo que deviam ser cem bocas. Não entendia nada, não era uma linguagem que ele conhecesse, mas a merda era um sinal de reverência, disso estava seguro.

Lash se virou na direção de onde vinha o canto, tomando cuidado de conservar as costas contra a parede. Teve a vaga sensação de que outros também se estavam

preparando para o que vinha.

Os *symphaths* chegaram em uma formação de dois em dois, vestindo túnicas brancas e largas, seus corpos magros, não pareciam andar, mas bem, cambalear-se para frente. Cada um levava uma máscara facial perfilada em branco, do tipo que deixa dois buracos negros para ver e o queixo e a mandíbula limpa. Quando entraram na câmara e começaram a virar o Rehvenge, não pareciam preocupados no mais mínimo pelos vampiros, nem pelo corpo da princesa, nem tampouco pelo próprio Lash.

Entraram em fila e foram ocupando gradualmente o lugar, forçando os outros a retroceder até que todos os intrusos estiveram apertados contra as paredes, como já o estavam Lash e o cadáver da princesa.

Hora de sair rapidamente. Fora qual fora o motivo de tal desdobramento, não era algo no que devesse ver-se comprometido. Por uma parte, a ira debilitava seus poderes. Por outra, esta situação podia disparar-se em qualquer momento, saindo de controle, e só uma parte dela era sua guerra.

Entretanto, não ia partir sozinho. Tinha vindo em busca de uma fêmea e ia partir com uma.

Em um arranque repentino e rápido, intercalou-se entre um dos marcados ocos que deixavam as filas de *symphaths* em seu andar para frente e para trás e foi para onde estava Xhex. A fêmea estava olhando para cima, para o Rehvenge, absolutamente sobressaltada, como se a assembléia significasse algo para ela. Que era exatamente a classe de distração que um tipo necessitava num momento assim.

Estendendo ambas as mãos, Lash convocou uma sombra de um nada e a pulverizou até que cobriu o chão como uma capa.

Com um rápido varrido das mãos, lançou-a para cima, por cima da cabeça de Xhex, fazendo-a desaparecer embora de fato ainda estava ali. Como era de esperar, ela lutou, mas um forte murro na cabeça fez que ficasse quieta, fazendo que o êxodo resultasse muito mais singelo.

Lash simplesmente a arrastou fora da cova, bem sob o nariz de todo o mundo.

Cânticos... cânticos que se elevavam e enchiam o ar com um rítmico tamborilar.

Mas no princípio, também tinha havido disparos.

Rehvenge lutou por abrir os olhos e teve que piscar para esclarecer sua visão de tinta vermelha. Sobre seu corpo já não havia aranhas, tampouco ao redor... tinham sido substituídas por vários de seus irmãos *symphath* que se estavam congregando, com suas máscaras e vestimentas cerimoniais, que mantinham seus rostos no anonimato para que o poder de suas mentes pudesse brilhar atravessando tudo com mais clareza.

Viu sangue fresco.

Seus olhos se dispararam para... Ah, obrigado, Virgem Escriba... Ehlena ainda estava de pé, e Zsadist estava tão perto dela como um Kevlar. Essas eram as boas notícias. As más?

Esse par estava exatamente junto à parede oposta à porta, com, ah, possivelmente cem comedores de pecados entre eles e a saída para a segurança.

Embora dada a forma em que lhe sustentava o olhar, não iria sem ele.

—Ehlena... — sussurrou com voz rouca.

— Não.

Fez-lhe um gesto afirmativo com a cabeça e articulou: Liberaremos-lhe.

Frustrado, apartou o olhar, e ficou a observar o vaivém das vestimentas, compreendendo melhor do que Ehlena podia saber o significado exato desta procissão e este cântico.

Santa... merda. Mas, como?

A pergunta foi respondida quando viu o cadáver da princesa contra a parede. Suas mãos estavam manchadas de azul, e ele sabia o motivo: tinha matado seu tio, que era seu companheiro... e o rei.

Avivando-se, perguntou-se como o teria feito. Não devia ter sido fácil... conseguir evitar a guarda real devia ter sido virtualmente impossível e seu tio tinha sido uma pessoa problemática, ardilosa e desconfiada.

Entretanto, a vingança é má conselheira. Embora não tinha encontrado a morte à maneira dos *symphaths*, que preferiam fazer a suas vítimas cometer suicídio involuntário. Tinham-lhe disparado no peito quatro vezes, e a julgar pela precisão com que se aproximavam as feridas, imaginou que Xhex fez os disparos.

Ela sempre marcava suas vítimas, e o N, S, L e O da bússola eram uma de suas marcas favoritas quando usava uma pistola.

Voltou a centrar-se na Ehlena. Ela ainda seguia olhando-o fixamente, com um olhar incrivelmente cálido. Por um momento, permitiu-se perder nessa paixão, mas logo seu lado vampiro tomou o controle. Como macho vinculado, a segurança de sua companheira era sua primeira e maior prioridade, e apesar de quão débil estava, seu corpo atirou das cadeias que o retinham em alto.

—Vai! —articulou. Quando ela negou com a cabeça, ele a fulminou com o olhar.— Por que não?

Ela colocou a mão sobre o coração e lhe respondeu articulando: Por que não.

Ele deixou cair a cabeça frouxamente apesar da rigidez de seu pescoço. O que a teria feito trocar de opinião?- perguntou-se. Como era possível que tivesse vindo lhe buscar depois de tudo o que tinha feito? E, quem se tinha quebrado e lhe havia dito a verdade?

la matá-los.

Assumindo que algum deles saísse vivo disto.

Os *symphaths* deixaram de cantar e ficaram quietos. Depois de um momento de silêncio, giraram para enfrentá-lo com precisão militar e lhe fizeram uma profunda reverência.

Registrou uma corrente de padrões emocionais quando cada um deles se apresentou

a si mesmo ante Rehvenge... recordava-os de muito tempo atrás, sua família por extensão.

Eles o queriam como rei. Apesar do que dissesse o testamento de seu tio, estavam-no escolhendo.

As cadeias que o mantinham pendurado deram uma sacudida e começaram a descender, seus ombros rugiram de dor e tinha o estômago revoltado pela agonia. Mas não podia deixar transluzir o fraco que se sentia. Rodeado de seus irmãos sociópatas, sabia que este momento de respeitosa prostração não ia durar muito, e se dava a impressão de ter qualquer tipo de vulnerabilidade, estava fodido.

Assim fez quão único tinha sentido.

Quando seus pés tocaram o fresco chão de pedra, permitiu que seus joelhos se dobrassem brandamente e forçou à parte superior de seu corpo a permanecer erguida... como se a clássica postura contemplativa de um rei fora exatamente a que tinha decidido assumir, em vez de ser o melhor que podia fazer, considerando que tinha estado suspenso pelas clavículas durante...

Quanto tempo tinha sido? Não tinha a menor idéia.

Rehv baixou o olhar para seu corpo. Estava mais magro. Muito. Mas sua pele estava intacta, o que era um fodido milagre, dada toda essa merda de insetos repelentes que tinham caminhado sobre ela.

Respirou fundo... e tirou forças de seu lado vampiro para abastecer sua mente de *sympath*. Com a vida de sua *shellan* em jogo, tinha reservas às que não tivesse sido capaz de recorrer por ninguém mais.

Rehvenge levantou a cabeça, iluminou a câmara com seus olhos de ametista, e aceitou a adulação.

Quando as velas que estavam fora, no passadiço, ondularam brilhantemente, o poder se agitou nele, elevou-se como uma grande onda de autoridade e dominação, sua visão, trocou, passando do vermelho a púrpura. Na base de suas vísceras, encontrou o fundamento e marcou a todos e cada um dos *sympath* da colônia com o conhecimento de que lhes poderia obrigar a fazer algo. Cortar suas próprias gargantas. Foder um o companheiro do outro. Caçar e matar animais ou humanos ou algo que tivesse um ritmo cardíaco.

O rei era a CPU da colônia. O cérebro principal. E estes cidadãos da raça tinham aprendido bem a lição de seu tio e de seu pai: Os *sympaths* eram sociópatas com um profundo instinto de sobrevivência... e a razão de que escolhessem Rehvenge, um mestiço, era que queriam manter os vampiros apartados. Com ele ao leme, podiam continuar vivendo entre eles, encerrados na colônia.

Em uma das esquinas, houve uma série de movimentos torpes e um grunhido.

Apesar de suas feridas, a princesa ficou em pé, com o cabelo formando um matagal ao redor de seu rosto demente e a roupa interior acetinada com seu próprio sangue azul.

—São meus para governá-los. —Sua voz soou aguda, mas cheia de determinação, sua

obsessão era suficiente para reanimar o que estava ou deveria ter estado morto.

— É meu governo, e você é meu.

A multidão reunida levantou as cabeças que tinham inclinadas para observá-la. Logo voltaram a olhar o Rehv.

Merda, o feitiço mental se quebrou.

Rehv lançou rápidos pensamentos para a Ehlena e Zsadist lhes indicando que bloqueassem suas cascas cerebrais pensando em algo, em algo, quanto mais claramente melhor. Imediatamente, sentiu como trocavam seus padrões, Ehlena imaginando... o óleo do escritório do Montrag?

Rehv voltou a centrar sua atenção na princesa.

A qual havia reparado em Ehlena e estava avançando para ela dando tombos com uma adaga na mão.

—É meu! —resmungou com o sangue azul lhe gotejando da boca.

Rehvenge descobriu suas presas e vaiou como uma grande serpente. Com sua vontade, irrompeu na mente da princesa, fazendo buracos mesmo através das defesas que ela tinha sido capaz de levantar, tomando o controle, desentupindo suas ânsias de governar e de ter a ele como companheiro. Seus desejos fizeram que parasse e se voltasse para ele, com seus dementes olhos cheios de amor. Dominada por seus desejos, tremendo com extasiadas visões, a mercê de sua debilidade...

Ele esperou até que ela esteve bem convencida.

Logo a açoitou com uma só mensagem: Ehlena é minha reverenciada Rainha.

As cinco palavras a destroçaram. Quebraram-na mais certamente que se tivesse tirado uma pistola e lhe tivesse disparado outra bala no peito.

Ele era o que ela queria ser.

Ele era o que ela queria ter.

E ela estava perdendo.

A princesa colocou as mãos sobre os ouvidos, como se estivesse tentando deter o zumbido que havia em sua cabeça, mas ele simplesmente fez girar sua mente mais e mais e mais depressa.

Com um agudo grito, elevou a faca que tinha na mão e o cravou nos intestinos, completamente, até a manga. Não disposto a permitir que terminasse aí, Rehv fez que girasse a arma com um rápido puxão para a direita.

E logo requereu um pouco de ajuda de seus amigos.

Como uma maré negra, saindo das pequenas gretas das paredes, a multidão de aranhas e escorpiões retornou. As hordas que uma vez tinham sido controladas por seu tio, estavam agora sob o domínio de Rehvenge, e avançaram enfurecidas para rodeá-la.

Ordenou-lhes que picassem e isso fizeram.

A princesa chiou, arranhou e terminou por sucumbir, caindo sobre um colchão do que a destruiria.

Os *symphaths* observaram tudo.

Enquanto Ehlena girava a cabeça para o ombro de Zsadist, Rehv fechou os olhos e permaneceu quieto como uma estátua no centro do lugar, prometendo a todos e cada um dos cidadãos que estavam ante ele algo pior se não lhe obedeciam. O que, no retorcido sistema de valores dos *symphaths*, só devia confirmar sua eleição de governante.

Quando a princesa deixou de soluçar e ficou quieta, Rehv levantou as pálpebras e ordenou a retirada da guarda de insetos. Ao retroceder, deixaram à vista seu corpo inchado e picado, e ficou claro que não ia levantar-se outra vez... o veneno que tinha ingressado em suas veias tinha parado o coração, obstruído os pulmões e apagado seu sistema nervoso central.

Sem importar quão grandes fossem seus desejos, não havia forma de reanimar esse cadáver.

Com muita calma, Rehv disse a seus embelezados e mascarados súditos que se retirassem a seus quartos e meditassem sobre sua demonstração. Como resposta, recebeu a versão *symphath* do amor: inspirava-lhes um absoluto temor e portanto o respeitavam.

Ao menos por agora.

Como se fossem um, os *symphaths* se ergueram e fizeram fila para sair, e Rehv sacudiu a cabeça em direção a Ehlena e a Z, rezando para que fizessem o que necessitava que fizessem... que era ficar justo onde estavam.

Com um pouco de sorte, seus irmãos mascarados assumiriam que mataria os intrusos em seu tempo livre.

Rehv esperou até que o último comedor de pecados partiu não só da câmara, mas também dos passadiços que havia mais à frente. E então afrouxou a tensão de sua coluna.

Quando seu corpo se estrelou contra o chão, Ehlena foi correndo para ele, movendo a boca como se estivesse lhe falando. Entretanto, não podia ouvi-la, e seus olhos cor caramelo lhe pareceram muito estranhos vistos através da lente rosada de seus olhos *symphath*.

Sinto muito, articulou, sinto muito.

Algo muito fodido ocorreu a sua vista nesse momento, e repentinamente Ehlena estava revolvendo uma mochila que lhe tinha alcançado... Cristo, Vishous também estava aqui?

Rehv perdia e recuperava o conhecimento alternativamente enquanto lhe faziam coisas e lhe davam injeções. Um pouco mais tarde, o zumbido voltou a começar.

Onde estava Xhex?, perguntou-se confusamente. Provavelmente depois de matar à princesa teria ido limpar a saída. Ela era assim, sempre preocupada com a estratégia de saída. Deus sabia que a prática tinha marcado sua vida.

Enquanto pensava em sua chefe de segurança... sua camarada... sua amiga... encheu-se o saco pelo fato de que tivesse quebrado a promessa que lhe fez, mas tampouco é que lhe surpreendesse de tudo. A verdadeira pergunta era como tinha feito para chegar

até aqui sem os Mouros. A menos que, tinham vindo também eles?

O zumbido se deteve, e Zsadist sentou-se sobre os calcanhares, sacudindo a cabeça.

Como em câmara lenta, Rehv baixou o olhar para seu corpo.

Ah, ainda tinha as ataduras dos ombros, e não estavam tendo sorte tentando cortar as amarras. Conhecendo seu tio, esses elos deviam ser feitos de algo mais forte do que qualquer serra pudesse atravessar.

—Me deixem... —disse entre dentes — Só me deixem. Vão...

O rosto da Ehlena voltou a aparecer frente ao dele, e seus lábios se moveram com deliberação, como se tratasse de lhe explicar algo...

Tê-la tão perto despertou, de súbito, o macho vinculado que havia em seu sangue e provocou que retornasse algo de sua percepção de profundidade... e se sentiu aliviado ao ver que seu rosto começava a adotar seu contorno habitual... e seu colorido.

Rehv levantou uma mão tremente, perguntando-se se permitiria tocá-la.

Ela fez mais que isso. Agarrou a palma de sua mão com força e a levou aos lábios para beijá-la. Ainda continuava lhe falando, mas ele seguia sem ouvir o que dizia, assim tentou concentrar-se. Fica comigo. Isso era o que parecia querer lhe comunicar. Ou possivelmente era que recolhia esse pensamento pela forma em que lhe segurava.

Ehlena estendeu a mão e acariciou seu cabelo penteando-o para trás, e teve a impressão de que articulava: *Respira fundo para mim*.

Rehv inalou para fazê-la feliz, e quando o fez, ela olhou a alguém ou algo que havia atrás dele. E fez um rápido gesto afirmativo em direção a quem quer que fora.

E então a dor estalou em seu ombro direito, todo seu corpo se retorceu e sua boca se abriu amplamente para deixar sair um grito.

Ele não se ouviu gritar. Nem viu nada mais. A agonia fez que desmaiasse .

Capítulo 71

Ehlena retornou a casa no banco traseiro de um Escalade negro, com Rehv aconchegado em seu colo. Os dois estavam apertados na parte traseira, mas não lhe importava que só houvesse espaço para seu enorme corpo. Queria-o assim, muito perto.

Precisava pôr as mãos sobre ele e as manter ali.

Assim que arrancaram os ganchos dos ombros dele, fez tudo o que pôde com as horríveis feridas que lhe deixaram, as enfaixando rapidamente com gaze estéril que fixou no lugar com esparadrapo. Quando terminou, Zsadist o levantou e tirou-o daquela câmara esquecida da mão de Deus, e ela junto com o Vishous lhe proporcionou escolta.

Em seu caminho para a saída não tinham visto Xhex por nenhuma parte.

Ehlena tentou assegurar-se a si mesma que a fêmea tinha ido unir-se à luta que se

desenrolava sobre o terreno contra os assassinos, mas esse raciocínio não encaixava. Xhex nunca teria deixado Rehvenge até que tivesse sido liberado de modo seguro da colônia.

Enquanto o temor batia asas dentro do peito de Ehlena, tentou acalmar-se acariciando a franja do denso cabelo escuro que percorria a cabeça de Rehvenge. Em resposta, ele voltou o rosto para ela, como se necessitasse o consolo.

Deus, poderia ter parte *symphath* nele, mas tinha provado onde estava seu coração: tinha destruído à princesa e os tinha protegido a todos daquelas criaturas terroríficas que usavam mascassem e túnicas. E isso dizia tudo a respeito de onde estavam suas lealdades, verdade? Se ele não as tivesse apanhado para tomar o controle da colônia, não teria havido forma de que nenhum deles, incluindo os irmãos que tinham estado lutando na grama contra os *lessers*, tivessem podido sair dali sãos e salvos.

Lançou um olhar aos outros ocupantes do SUV. Rhage estava envolto em jaquetas de couro, nu e tiritando, e tinha a cor da aveia coalhada. Tinham tido que parar várias vezes para que pudesse vomitar, e dada a forma em que estava engolindo com tanta força, logo iriam ter que fazê-lo de novo. Vishous estava a seu lado e não tinha muito melhor aspecto. As fortes pernas do tipo estavam estiradas sobre o colo de Rhage... e tinha a cabeça virada a um lado e os olhos fortemente fechados, resultava evidente que tinha uma contusão devido ao golpe que lhe tinha dado a princesa. Na frente, Butch ocupava o assento do passageiro, e dele se desprendia um asqueroso aroma adocicado que sem dúvida fazia que o estômago do Rhage ficasse pior.

Tohrment estava atrás do volante, conduzindo firme e brandamente.

Ao menos não tinha que preocupar-se de como voltar para casa.

Rehvenge se agitou e imediatamente se concentrou nele. Quando seus olhos de ametista lutaram por abrir-se, ela sacudiu a cabeça:

—Shhh... só fique aí. —Acariciou-lhe o rosto. — Shh...

Ele trocou os ombros de posição e encolheu-se tão abruptamente que lhe rangeu o pescoço. Desejando poder fazer algo mais por ele, ajeitou a manta com que lhe tinham envolvido. Tinha lhe dado tantos analgésicos como podia, assim como antibióticos para as feridas dos ombros, mas tinha guardado o antídoto, já que parecia que não tinha sido picado.

Visto o massacre que tinham feito com a princesa, dava a impressão que essas aranhas e escorpiões picavam só por mandato, e por alguma razão tinham economizado ao Rehv.

De repente, ele grunhiu, esticou-se, e começou a empurrar com as mãos o chão que tinha debaixo.

—Não, não tente levantar —disse empurrando gentilmente seu peito para baixo. — Só fica deitado aqui comigo.

Rehvenge voltou a derrubar-se sobre seu colo e levou uma de suas mãos para diante. Quando encontrou a palma dela, murmurou:

—Por que...?

Ela não pôde evitar sorrir

—Faz essa pergunta muito freqüentemente, sabe?

—Por que veio?

Depois de um momento, disse-lhe em voz baixa:

—Segui meu coração.

Evidentemente, isso não o fez muito feliz. Pelo contrário, fez uma careta, como se lhe doesse.

—Não... lhe... mereço...

Quando começaram a sangrar seus os olhos, Ehlena ficou tensa e se alarmou.

—Rehvenge fica quieto por mim.

Tentando que não a vencesse o pânico, estirou-se para alcançar a mochila cheia de fornecimentos, perguntando-se que classe de crise médica estava tendo.

Rehv capturou suas mãos.

—São só... lágrimas.

Ela contemplou o que caía por suas bochechas e parecia ser sangue.

—Está seguro? —Quando ele assentiu, tirou um kleenex de sua calça e cuidadosamente esfregou seu rosto.

— Não chore. Por favor, não chore.

—Não deveria... ter vindo me buscar. Deveria ter me... deixado ali.

— Eu te disse —sussurrou, secando mais lágrimas. — Todo mundo merece ser salvo. Essa é a forma que eu vejo o mundo. —Quando encontrou seus formosos olhos iridescentes, pareceram inclusive mais mágicos, já que brilhavam através da capa de lágrimas vermelhas . — É a forma em que vejo você.

Ele fechou as pálpebras com força, como se não pudesse suportar sua compaixão.

—Tentava me proteger de tudo isto, verdade? —perguntou-lhe. — Esse foi o motivo do enfrentamento no ZeroSum. —Quando ele assentiu, ela se encolheu de ombros. — Então por que não entende minha necessidade de te salvar, se você fez o mesmo por mim?

—É diferente... eu sou um... *symphath*.

—Entretanto, não é do todo *symphath*. —Pensou em seu aroma vinculado. — Verdade?

Rehvenge negou com a cabeça a contra gosto.

—Mas não o bastante... vampiro... para você.

A tristeza nele se acentuou formando uma nuvem escura que se condensou sobre ambos, e enquanto ela lutava por encontrar as palavras, tocou-lhe o rosto outra vez... e descobriu que sua pele estava muito fria para seu gosto. Merda... ia perder-lo enquanto sustentava entre seus braços. Cada quilômetro lhes aproximava mais à segurança mas o corpo dele estava falhando a ambos, sua respiração se estava voltando letárgica, a freqüência de seu ritmo cardíaco estava baixando.

—Pode fazer algo por mim? —disse ela.

—Por favor... sim —replicou ele agitado, apesar de que seus olhos bateram as asas até fechar-se e começou a tremer. Quando se aconchegou formando uma bola ainda mais compacta, pôde ver sua coluna vertebral se sobressair através da pele de suas costas inclusive através da manta.

—Rehvenge? Acorda. —Quando a olhou, a cor púrpura de seus olhos era parecida ao de um machucado, opaco de causar pena. — Rehvenge, por favor, poderia tomar de minha veia?

Separou as pálpebras a toda pressa como se estivessem dizendo algo na linha de *Vamos a Disneylândia?* ou *Que lhes parece tomar algo para jantar?*, o que havia dito era quão último ele esperava que saísse de sua boca.

Quando ele abriu os lábios, ela o deteve antes que falasse.

—Se me perguntar por que, verei-me obrigada a te dar um tempo morto.

Um pequeno sorriso torceu a comissura de sua boca, mas em seguida desapareceu. E apesar de que suas presas tinham baixado e que inesperadamente suas agudas pontas tinham ficado ao descoberto, negou com a cabeça.

—Não sou como você —murmurou, tocando o peito tatuado com uma mão débil. — Não sou o suficientemente bom... para seu sangue.

Ela encolheu os ombros para tirar um lado da jaqueta e tirou a manga de seu suéter de pescoço alto.

—Serei eu a que julgue isso, muito obrigado.

Quando lhe pôs o pulso sobre a boca, ele lambeu os lábios, sua fome aumentou tanto e tão rápido, que lhe devolveu a cor a suas pálidas bochechas. Mas ainda assim seguia duvidando.

—Está ... segura?

Ela teve uma estranha lembrança de quando ambos estavam na clínica, fazia uma eternidade, disputando, dando voltas um ao redor do outro, desejando algo sem atrever-se a tomá-lo. Sorriu.

—Absolutamente. Segura.

Ela baixou a veia até pô-la entre seus lábios sabendo que não seria capaz de resistir certamente, tentou lutar contra isso... e perdeu. Rehvenge mordeu com habilidade, sugou profundamente e deixou escapar um borbulhante gemido enquanto punha os olhos em branco extasiado.

Ehlena lhe acariciou o cabelo que tinha crescido a cada lado de sua crista mohawk e se regozijou em silêncio enquanto ele se alimentava.

Isto ia salva-lo.

Ela ia salva-lo.

Não seu sangue a não ser seu coração, ia salva-lo.

Enquanto Rehvenge se alimentava do pulso de sua amada, sentia-se afligido e alterado, a mercê de emoções que eram mais capitalistas que sua mente. Ela tinha ido lhe buscar. Tinha-o liberado. E inclusive sabendo tudo o que sabia a respeito dele, deixava que se alimentasse e lhe contemplava bondosamente.

Mas não seria aquilo mais uma medida que tomava pela forma de ser dela como pessoa em vez de pelos sentimentos que lhe inspirava ele como macho? Não seria isto motivado pelo sentido do dever e a compaixão em lugar de por amor?

Estava muito fraco para lhe ler a mente. Ao menos ao princípio.

Entretanto, quando seu corpo começou a reviver, também o fez sua mente, e pôde distinguir seus sentimentos...

Dever. Compaixão.

E amor.

Uma complexa alegria floresceu em seu peito. Parte dele se sentia como se tivesse ganhado a loteria contra todo prognóstico. Mas em seu coração sabia que o que ele era, os separaria inclusive se o resto da população de vampiros nunca chegava a inteirar-se de que tinha mescla de sangues: supunha-se que ele era o chefe daquela colônia.

A qual não era lugar para Ehlena.

Ele liberou a veia dela e lambeu os lábios. Deus... era bom.

—Quer mais? —perguntou ela.

Sim.

—Não. Bebi o suficiente.

Ela seguiu lhe acariciando o cabelo, lhe arranhando o couro cabeludo com as unhas. Fechando os olhos, sentiu como se fortaleciam seus músculos e seus ossos enquanto o que lhe tinha proporcionado tão gentilmente revivia seu corpo

Sim, não só seus braços e pernas voltavam para a vida. Apesar de estar meio morto e que seus ombros estavam lhe martirizando, seu pênis cresceu e seus quadris emergiram para frente. Mas os machos vampiros se juntavam quando se alimentavam da veia de suas companheiras.

A biologia. Não era algo que se pudesse evitar.

Quando a temperatura de seu corpo começou a estabilizar-se, afrouxou a posição encurvada que tinha assumido para conservar o calor, e no processo apartou parte da manta em que estava envolto. Preocupado por estar exibindo seu pênis, estendeu a mão para voltar a pôr a coisa em seu lugar.

Ehlena a alcançou primeiro.

E quando atirou da manta, arrastando-a para pô-la em seu lugar, seus olhos brilharam na escuridão.

Rehvenge tragou um par de vezes, ainda tinha seu sabor na língua e na parte posterior da garganta.

—Eu lamento.

—Não o faça. —Sorriu e o olhou fixamente aos olhos. — Não pode evitá-lo. Além disso, é provável que signifique que está fora da zona de perigo.

E dentro da zona erótica. Genial. Nada como os extremos para lhe dar sabor à vida.

—Ehlena... —disse soltando um comprido, comprido suspiro. — As coisas não podem voltar a ser o que eram.

—Se com isso quer dizer que não voltará a ser um senhor da droga e um alcoviteiro, em certo modo, não me sinto defraudada.

—OH, de todas formas teria terminado com essa merda. Mas não, não posso retornar a Caldwell

—Por que não? —Quando não respondeu imediatamente, continuou— Tenho esperanças de que o faça. Quero que o faça.

O macho vampiro vinculado que havia nele lançou um, *Yiija, conta com isso*. Mas tinha que ser prático.

—Sou diferente de você — repetiu, como se fora o tema central de sua vida.

—Não, não o é.

Devido a que precisava convencê-la e não lhe ocorria uma forma melhor de provar que tinha razão, tomou sua mão, colocou-a sob a manta e a pôs sobre seu pênis. O contato fez que se estremecesse de prazer, seus quadris corcovearam, mas recordou a seu libido que estava fazendo isto para lhe mostrar a ela exatamente quão diferente era.

Ele a guiou até sua lingüeta, ao lugar na base que era ligeiramente desigual.

—Sente isso?

Durante um momento deu a impressão de que ela estava tratando de controlar-se, como se estivesse lutando contra a mesma corrente erótica que ele.

—Sim...

O tom rouco que lhe imprimiu à palavra provocou que sua coluna vertebral se elevasse e retrocedesse, fazendo que sua ereção se deslizasse dentro da palma dela. Sua respiração se fez mais rápida, o coração começou a martelar no peito e sua voz se fez mais profunda.

—Isto se fixa no lugar, quando eu... quando eu gozar. Não sou como nada que tenha tido antes.

Enquanto o explorava, Rehv tentou manter-se quieto, mas o poder que circulava por seu corpo devido à alimentação, agregado ao lugar onde se encontrava a mão dela, demonstrou ser muito excitante. Moveu-se contra sua mão, arqueando-se em seu regaço, sentindo-se estranhamente a sua mercê.

O qual constituiu outra enorme fonte de excitação.

—É por isso que se retirou de meu interior? —perguntou ela.

Rehv lambeu os lábios de novo, recordando a sensação de seu centro lhe rodeando...

O Escalade passou por cima de um buraco da estrada e repentinamente ele recordou que o escuro refúgio da parte traseira do SUV era só semi-privado: de fato não estavam,

realmente, sozinhos.

Mas Ehlena não tirou a mão.

—Foi esse o motivo?

—Não queria que soubesse nada disto. Eu queria... ser normal para você. Queria que se sentisse segura quando estivesse em minha companhia... e queria estar contigo. Aí tem o motivo das mentiras. Não tinha intenção de me apaixonar por você. Não queria isto para você...

—O que há dito?

—Eu... eu estou apaixonado por você. Lamento-o, mas é o que sinto.

Ehlena ficou tão calada, que lhe preocupou que em seu delírio tivesse interpretado mal seriamente tudo o que tinha ocorrido entre eles. Acaso teria projetado em seu ralo emocional aquilo que a parte débil de seu ser precisava encontrar?

Mas então ela subiu a boca até a dele e sussurrou:

—Nunca mais te esconda de mim. Amo-te tal e como é.

Uma corrente de gratidão e Santa merda e OH meu Deus e obrigado, presente caído do céu, anulou toda lógica, e Rehv subiu a mão em sua busca e lhe sujeitando a cabeça com cuidado a beijou. Nesse momento, não lhe importou uma merda que houvesse complicações muito por cima e além de seu controle, coisas que sabia que os separariam outra vez com a mesma certeza com que sabia que o ardente sol se elevaria ao final da noite.

Não obstante, ser aceito... ser aceito e amado, sendo simplesmente ele, pela pessoa que ele amava, era uma alegria muito grande para que a fria realidade pudesse fazê-la naufragar.

Enquanto se beijavam, Ehlena começou a mover a mão sob a manta, subindo e baixando a palma ao longo de seu duro pênis.

Quando tentou apartar-se, lhe recapturou a boca com a sua.

—Sshh... confia em mim.

Rehvenge sucumbiu à paixão, montando a onda que ela convocou em seu corpo, deixando que fizesse o que quisesse com ele. Tentou manter-se quieto, não querendo que outros se inteirassem, e rogou que ao menos os dois que estavam sentados nos assentos que havia justo diante dos seus dormissem.

Não passou muito tempo antes que suas bolas se esticassem e suas mãos se afiançassem sobre o cabelo dela. Ofegando contra sua boca, ele empurrou com força uma última vez e gozou abundantemente, empapando a mão dela, seu estômago e a manta.

Quando o contato de sua mão se deslocou para baixo, até sua lingüeta e mediu a extensão, ele ficou imóvel, rogando para que não sentisse repugnância pela forma em que estava constituído.

—Quero sentir isto dentro de mim — gemeu ela contra seus lábios.

Quando conseguiu compreender suas palavras, o corpo do Rehvenge explodiu em um

novo orgasmo.

Merda... não podia esperar a chegar a onde quer que fossem.

Capítulo 72

Na manhã seguinte, Ehlena acordou nua na cama em que ela havia dormido antes deles todos terem subido para a colônia. Próximo a ela, o enorme e morno corpo de Rehvenge estava tão perto do dela quanto podia conseguir, e ele estava acordado.

Pelo menos em um sentido da palavra.

Sua ereção era quente e dura contra a parte detrás de sua coxa, e ele a estava roçando contra ela. Ela sabia o que viria a seguir, e ela deu as boas-vindas a ele assim que ele rolou em cima dela, montado-a, achando seu caminho entre as pernas dela. Assim que ele afundou-se e moveu-se por instinto, o corpo dela ecoou o ritmo do dele e seus braços foram ao redor do pescoço dele.

Existiam marcas de mordida na garganta dele. Muitas delas.

Marcas de mordida na garganta dela também.

Ela fechou seus olhos, perdendo-se uma vez mais em Rehvenge... Neles.

O dia que eles tinham passado juntos neste quarto de hóspedes da Irmandade não tinha sido só sexo. Eles haviam conversado muito. Ela explicou para ele tudo o que havia acontecido, incluindo a herança e como ela tinha sacado aquilo tudo, e como Xhex não tinha tecnicamente quebrado seu juramento com ele quando a fêmea tinha se dirigido à colônia.

Deus... Xhex.

Ninguém tinha ouvido nada dela. E qualquer alegria, alívio e triunfo que poderiam ter sido sentidos pelos Irmãos e Rehvenge que voltavam para casa sem dano mortal estavam escurecidos ao ponto de remorso.

Rehvenge iria subir até a colônia ao anoitecer e procurar, mas Ehlena podia ler em seu rosto que ele não pensava que era onde ela estava.

Isto era muito estranho e assustador. Ninguém havia visto o corpo dela, mas eles não a viram partir. Ou a tinham visto fora daquela câmara. Era como se ela tivesse simplesmente desaparecido.

— Oh, Deus, Ehlena... Eu vou gozar...

Como o corpo de Rehv martelava contra o dela, ela apegou-se a seu companheiro e deixou o sexo assumir o comando, sabendo que pensamentos duros e ansiedade afiada estariam esperando por ela do outro lado do orgasmo. Ela ouviu seu nome sendo gritado enquanto Rehv liberou-se e então sentiu aquele excitante e tenaz empurrão enquanto ele se lançava fundo dentro dela.

Tudo que ela teve que fazer foi pensar sobre isto e seu próprio orgasmo estourou, levando-a ao clímax.

Quando eles estiveram ambos saciados, Rehvenge rolou para o lado, sendo cuidadoso para não tentar separá-los muito cedo. Com seus olhos de ametista enfocados corretamente, ele tirou o cabelo dela de seu rosto.

— Perfeita maneira de acordar. — ele murmurou.

— Eu concordo.

Seus olhos juntos e seguros, e depois de um tempo, ele disse.

— Eu posso perguntar uma coisa a você? E não é um por que, é um o que.

— Pergunte-me. — ela inclinou-se para cima e o beijou depressa.

— O que você vai fazer o resto de sua vida?

A respiração de Ehlena ficou presa.

— Eu pensei que... Você disse que você não podia ficar em Caldwell...

Seus volumosos ombros, que ainda estavam enfaixados, encolheram-se.

— O caso é que eu não posso deixar você. Isso simplesmente não vai acontecer. Cada hora que passo perto de você só faz essa realidade ainda mais clara. Eu literalmente... Não posso ir, a menos que você me obrigue.

— O que não vai acontecer.

— Não... Vai?

Ehlena emoldurou o rosto dele com suas mãos, e no momento que ela o fez, ele congelou. O que era algo que acontecia toda vez que ela o tocava. Era como se ele estivesse constantemente esperando por algum tipo de comando dela... Entretanto, era isso o que vampiros vinculados eram, não eram? Sim, eles eram mais fortes e mais poderosos fisicamente que suas companheiras, mas as *shellans* comandavam o show.

— Parece que eu vou passar o meu futuro com você. — ela disse contra sua boca.

Ele estremeceu, como se estivesse deixando suas últimas dúvidas irem embora.

— Eu não mereço você.

— Sim, você merece.

— Eu vou cuidar de você.

— Eu sei.

— E como eu disse, não vou voltar para o que eu fiz antes aqui na cidade.

— Bom. — ele fez uma pausa, como se ele quisesse assegurá-la novamente, muito mais e estivesse procurando por palavras — Pare de falar e me beije novamente. Meu coração está convencido e assim também está minha mente, e não existe nada mais que você precise me dizer. Eu sei quem você é. Você é meu *hellren*.

Assim que suas bocas se encontram, ela estava bem ciente que havia muito que arrumar. Se eles vivessem entre os vampiros, eles iriam ter que continuar a proteger sua identidade *sympath*. E ela não sabia o que ele iria fazer sobre a colônia acima no norte —

ela teve uma sensação que todo aquele negócio de círculo e adoração significava que ele estava em algum tipo de papel de liderança lá.

Mas eles iriam enfrentar tudo aquilo e mais, juntos.

O que era a única coisa que importava.

Depois de algum tempo, ele retrocedeu.

— Eu vou tomar um banho e ir ver Bella, certo?

— Bom, eu fico contente. — ele e sua irmã haviam tido só um breve e desajeitado abraço antes de todo mundo ter ido para cama — Deixe-me saber se existir qualquer coisa que eu possa fazer.

— Eu deixarei.

Rehvenge deixou o quarto meia hora mais tarde, vestido em um par de calças de moletom e um espesso suéter que um dos Irmãos tinha dado a ele. Sem nenhuma pista de para onde ir, ele alcançou um *doggen* que estava passando o aspirador no corredor e pediu direções para o quarto de Bella e Z.

Não era longe. Só um par de portas abaixo.

Rehv foi para o fim do corredor cheio de estátuas Greco-romanas e bateu aonde ele havia sido orientado de ir. Quando não houve nenhuma resposta, ele tentou a próxima porta acima, através da qual ele podia ouvir o suave choro de Nalla.

— Entre. — Bella gritou.

Rehv abriu caminho pelo berçário lentamente, inseguro da recepção que ele iria ter.

Através de uma sala que tinha coelhinhos estampados nas paredes, Bella estava sentada em uma cadeira de balanço, o pé dela empurrando contra o tapete, a filhinha dela embalada em seus braços. Apesar do tratamento tenro, ainda assim, Nalla não estava feliz, nervosa, choramingava o descontentamento dela ao mundo dolorosamente aparente.

— Oi. — Rehv disse antes que sua irmã o examinasse — Sou eu.

Os olhos azuis de Bella floresceram ao encontrar os seus, e ele viu seu rosto passar através de todos os tipos de emoções.

— Oi.

— Importa-se se eu entrar?

— Por favor, entre.

Ele fechou a porta atrás de si e então se perguntou se ela não se sentiria segura fechada com ele. Ele foi reabrir a porta, mas ela o parou.

— Está tudo bem.

Ele não estava tão certo disto, então ele ficou do outro lado do quarto, vendo como Nalla registrava sua presença. E tentava ajudá-lo.

Um mês atrás, uma vida atrás, ele teria ido cuidadosamente e tomado a bebê em seus braços. Agora não. Provavelmente nunca mais.

— Ela está tão nervosa hoje. — Bella disse — E mais uma vez meus pés estão cansados. Eu não posso andar por aí com ela em meus braços por nem mais um minuto.

— Sim.

Houve um longo silêncio enquanto ambos enfocavam a bebê.

— Eu nunca soube sobre você. — Bella disse depois de algum tempo — Eu nunca poderia ter imaginado.

— Eu não quis que você soubesse. Nem *Mahmen*. — assim que as palavras deixaram seus lábios, ele disse uma rápida e silenciosa oração para a mãe deles, esperando que ela o perdoasse pelo fato de que o sombrio, horrível segredo fosse agora conhecido. A coisa era, que a vida havia jogado suas cartas e não estava nas mãos dele controlar a revelação.

Deus sabia que ele deu o melhor de si para manter o véu de mentiras no lugar.

— Ela estava... Como isto aconteceu? — Bella perguntou em voz baixa — Como... Você... Aconteceu?

Rehvenge pensou como poderia explicar as coisas, experimentou algumas linhas em sua cabeça, mudou as palavras e adicionou novas. A imagem do rosto de sua mãe continuava se intrometendo, entretanto, e no fim ele só olhou para sua irmã e lentamente agitou sua cabeça de um lado a outro. Como Bella empalideceu, ele soube que ela supôs a essência daquilo tudo. *Symphaths* tinham sido conhecidos por seqüestrar fêmeas da população em geral antes. Particularmente aquelas bonitas, refinadas.

Aquilo era parte da razão dos comedores de pecado ter acabado naquela colônia.

— Oh, Deus... — Bella fechou seus olhos.

— Eu sinto muito. — ele quis muito ir até ela. Quis desesperadamente.

Quando ela abriu suas pálpebras novamente, ela afastou as lágrimas e então endireitou seus ombros como se ela estivesse fortalecendo-se.

— Meu pai... — ela limpou sua garganta — Ele se casou com ela sabendo a verdade sobre você?

— Sim.

— Ela nunca o amou. Pelo menos, não que eu tenha visto. — quando Rehv ficou mudo, porque ele não iria entrar na questão do casamento se ele pudesse evitar, ela franziu as sobrancelhas — Se ele sabia sobre você... Ele ameaçou expor a ela e a você a menos que ela compromete-se com ele?

O silêncio de Rehv pareceu ser suficiente como uma resposta, porque sua irmã movimentou a cabeça firmemente.

— Isto faz mais sentido para mim. Isto me deixa com muita raiva... Mas eu posso ver por que ela ficou com ele agora. — houve uma dura pausa — O que mais você não está me dizendo, Rehvenge?

— Escute, o que aconteceu no passado...

— É minha *vida*! — como a bebê gritou, Bella baixou sua voz — É minha vida, maldição. Uma vida que todo mundo ao meu redor sabia mais a respeito do que eu. Então seria foddidamente melhor você me dizer tudo, Rehvenge. Se você quiser que nós tenhamos qualquer tipo de relação, seria melhor você dizer a mim, *tudo*.

Rehv exalou duramente.

— O que você quer saber primeiro?

Sua irmã tragou duramente.

— Aquela noite em meu pai morreu... Eu levei *Mahmen* para a clínica. Eu a levei porque ela caiu.

— Eu lembro.

— Ela não caiu, não é?

— Não.

— Nenhuma vez.

— Não.

Os olhos de Bella ficaram vislumbrados, e como se para se distrair, ela tentou capturar um dos punhos caídos de Nalla.

— Você... Aquela noite, você...

Ele não queria responder a pergunta inacabada, mas estava cansado de mentir para seus mais próximos e mais queridos entes.

— Sim. Mais cedo ou mais tarde ele a teria matado. Era ele ou *Mahmen*.

Uma lágrima tremeu nas pestanas de Bella e caiu, aterrissando na bochecha de Nalla.

— Oh... Deus...

Enquanto ele via os ombros de sua irmã se encolherem, como se ela tivesse frio e não usasse casaco, ele quis assinalar que ela ainda tinha a ele para recorrer. Que ele ainda estaria lá para ela se ela quisesse que ele estivesse. Que ele permanecia seu Guardião, seu irmão, seu protetor. Mas ele não era o mesmo para ela e nunca o seria novamente. Entretanto ele não tinha mudado, a percepção dela sobre ele tido estado completamente alterada, e isso significava que ele era uma pessoa diferente.

Um estranho com um rosto chocantemente familiar.

Bella limpou debaixo de ambos os olhos.

— Eu sinto como se eu não conhecesse minha própria vida.

— Eu posso chegar um pouco mais perto. Eu não machucarei você ou a bebê.

Ele esperou para sempre.

E mais ainda.

A boca da Bella se comprimiu em uma linha apertada, como se ela estivesse tentando conter os soluços.

Então ela estendeu a mão para ele, a mão que tinha enxugado suas lágrimas.

Rehv se desmaterializou através do quarto. Porque correndo teria levado muito tempo.

Abaixando-se próximo a ela, ele pegou a palma dela entre ambas as mãos e trouxe aqueles dedos frios para sua bochecha.

— Eu sinto tanto, Bella. Eu sinto tanto sobre você e *Mahmen*. Eu tentei me desculpar com ela pelo meu nascimento... Eu juro para você que eu tentei. É só que... Conversar sobre isto era muito difícil para ela e eu.

Os luminosos olhos azuis de Bella floresceram aos dele, as lágrimas neles aumentando a beleza de seu fixo olhar.

— Mas por que você se desculparia? Nada disto era sua culpa. Você era inocente... Totalmente inocente. Isto não era sua culpa, Rehvenge. Não. Era. Sua. Culpa.

O coração dele parou quando percebeu... Que era o que ele precisava ouvir. Toda sua vida ele tinha culpado a si mesmo por nascer e desejou que ele pudesse fazer retificações pelo crime contra sua mãe que havia resultado... Nele.

— Não era sua obrigação, Rehvenge. E ela amou você. Com tudo o que ela tinha, *Mahmen* amou você.

Ele não soube como aconteceu, mas de repente sua irmã estava em seus braços, firmemente contra seu peito, ela e a filha dela no abrigo de força e amor que ele oferecia.

A canção de ninar deixou os lábios dele em nada além de suspiro, não existia nenhuma palavra para a melodia gentil porque sua garganta se recusou a deixá-las passar. A única coisa que saiu dele foi o ritmo da velha rima anciã.

Era tudo o que eles precisavam, entretanto, aquilo que não podia ser ouvido foi o suficiente trazer o passado para o presente e unir irmão e irmã mais uma vez.

Quando Rehvenge não podia mais continuar, mesmo com o tão pouco que ele estava fazendo, ele descansou sua cabeça no ombro de sua irmã e zumbiu para mantê-la fluindo...

Enquanto a próxima geração dormia sonoramente, cercada por sua família.

Capítulo 73

John Matthew deitou na cama que Xhex tinha usado, sua cabeça nos travesseiros e seu corpo nos lençóis que transmitiam não só o cheiro dela, mas aquele frio e cruel sexo que eles tiveram quando ele veio a ela. No caos da noite, o *doggen* ainda tinha que limpar o quarto, e quando a empregada finalmente chegasse para fazer isto, ele iria mandá-la embora.

Ninguém iria tocar este lugar. Por hora.

Esticado onde ele estava, completamente armado e vestido com as roupas que ele tinha para subir para a colônia e lutar. Ele estava cortado em vários lugares, um dos quais ainda estava sangrando, julgando pelo fato que sua manga estava molhada, e ele tinha uma enxaqueca que era ou uma ressaca ou outro ferimento de batalha. Nada disso importava.

Seus olhos estavam fixos na cômoda no outro lado do quarto.

Os malignos cilícios que Xhex tinha insistido em usar ao redor de suas coxas estavam largados em cima da cômoda da mesma maneira que ele estava deitado na cama: eles estavam fora de lugar, não tinha nada a ver com a escova de prata a qual eles estavam próximos.

O fato de que ela os deixou para trás lhe deu esperança. Ele estava assumindo que ela usou a dor que eles causavam para controlar seus impulsos *sympath*, então se ela não estivesse com eles, isso significava que ela tinha outra arma a sua disposição para lutar com eles.

E ela estaria lutando. Onde quer que ela estivesse, ela estaria em batalha, porque isso era a natureza dela.

Embora, cara, ele desejava ter se alimentado dela. Deste modo... Talvez ele pudesse ter sentido onde ela estava. Ou sabido com certeza que ela ainda estava viva.

Para manter ele mesmo afastado de ficar violento, ele revisou o que ele tinha aprendido dos variados relatórios de campo que tinham chego quando todo mundo tinha voltado para a mansão.

Zsadist e V tinham estado com ela e Ehlena na câmara onde Rehvenge tinha sido achado. A princesa tinha aparecido, e Lash também. Xhex tinha atirado na cadela *sympath*... Justo antes da colônia inteira ter decidido instaurar uma rotina de total adoração ao redor de Rehv, o novo rei deles.

A princesa então fez uma reaparição ao estilo da *Noite dos Mortos Vivos*. Rehv tinha fodido com ela. A poeira baixou... E Lash e Xhex não tinham sido vistos novamente.

Isso era tudo que qualquer um sabia.

Evidentemente Rehv planejou dirigir-se até a colônia ao anoitecer para procurar por ela... Mas John sabia que o sujeito não iria encontrar nada. Ela não estava com os *sympaths*.

Lash a tinha capturado. Era a única explicação possível. Depois de tudo, o corpo dela não tinha sido encontrado no caminho, e não tinha jeito no inferno de que ela tivesse saído sem ter feito que todos os outros ficassem em segurança primeiro. E a coisa era, de acordo com todo mundo que tinha estado naquela câmara, que Rehv tinha possuído a vontade de todos aqueles *sympaths*. Então não era como se qualquer um deles pudesse ter se libertado e a dominado mentalmente.

Lash a tinha.

Lash voltava da morte e aliado com o Omega de alguma maneira, e em seu caminho para fora da colônia, ele a levou com ele.

John iria matar aquele filho da mãe. Com suas próprias mãos.

A raiva cresceu em seu interior até o ponto em que ele quase se afogou na própria fúria, ele deu as costas à cômoda, incapaz de agüentar a idéia de que Xhex poderia estar sofrendo.

Pelo menos os *lessers* eram impotentes, ainda assim. Se Lash era um *lesser*... Ele era impotente.

Graças a Deus.

Com um suspiro melancólico, John esfregou seu rosto em um lugar que particularmente cheirou forte ao magnífico e escuro cheiro de Xhex.

Se ele pudesse, ele voltaria para a véspera e... Ao ponto em que ele ainda não havia cruzado a porta de Xhex. Não, ele iria ter entrado aqui novamente. Mas ele teria sido mais amável com ela do que ela tinha sido com ele na primeira vez que eles tinham estado juntos.

E ele também teria a perdoado quando ela disse que sentia muito.

Ficando no escuro com seus remorsos e sua fúria, ele contou as horas até anoitecer e fez planos. Ele sabia que Qhuinn e Blay iriam sair com ele: não porque ele houvesse pedido a eles, mas porque eles não iriam escutar quando ele dissesse para eles cuidarem dos próprios assuntos.

Mas era isto. Ele não iria dizer nada a Wrath ou aos Irmãos. Ele não precisava deles pondo todos os tipos de características de segurança no passeio de carnaval fugitivo. Não, ele e seus amigos estavam indo achar Lash onde ele dormia e o massacrariam de uma vez por todas. Se isto fizesse com que John fosse expulso de casa? Bom. Ele estava sozinho de qualquer maneira.

Aqui estava o ponto: Xhex era sua fêmea, quer ela quisesse ser ou não. E ele não era o tipo de macho que iria se sentar em seu traseiro quando sua companheira estava lá fora em um mundo de dor.

Ele iria fazer exatamente o que tinha sido feito por Rehvenge.

Ele iria vingá-la.

Ele iria trazê-la para casa a salvo... E teria certeza que a pessoa que tinha a levado acabasse no Inferno.

Capítulo 74

Quando Wrath ouviu a batida na porta do escritório, ele levantou-se de detrás da escrivaninha. Havia levado uma hora para ele e Beth esvaziarem a delicada coisa, o que tinha sido uma surpresa.

Droga, tinha guardado muito em suas minúsculas gavetas.

— É aqui? — ele perguntou a sua *shellan* — São eles?

— Vamos esperar que sejam. — os passos de Beth soavam conforme a porta abria, como se ela estivesse tentando dar uma boa olhada — Oh... É lindo.

— Tente fodidamente pesado. — Rhage grunhiu — Meu senhor, não acha que existia um chão mediano em algum lugar por aqui?

— Isto vindo de você? — Wrath disse enquanto ele e George deram dois passos diretamente à esquerda e um para trás. Com sua mão, ele procurou o tecido das cortinas e quando o sentiu, se acomodou.

O som de pessoas caminhando pelos arredores com botas pesadas ficou mais alto e eram acompanhados por uma merda de maldição. E mais grunhidos. Muito mais grunhidos. Como também algumas pronúncias indistintas sobre os reis e suas prerrogativas reais sendo uma dor no traseiro.

Então houve um par de *booms* como se um par de coisas pesadas batesse no chão, um som parecido ao que se ouviria quando dois cofres caíssem de um precipício e aterrisassem.

— Nós podemos queimar o resto desta merda fresca? — Butch murmurou — Como os sofás e os...

— Oh, todo o resto vai ficar. — Wrath murmurou, perguntando-se se o caminho era claro para a nova mobília — Eu só precisava de uma versão atualizada.

— Você vai continuar nos enganando?

— O sofá já foi reforçado para seu traseiro gordo. Você é bem-vindo.

— Bem, você conseguiu uma versão aperfeiçoada, certo. — Vishous disse — Essa merda... É bonita, chefe.

Wrath continuava a hesitar, ficando de lado enquanto Beth dizia a seus irmãos exatamente onde a mobília precisava ser re-arrumada.

— Certo, quer tentar, meu senhor? — Rhage disse — Eu acho que está pronto.

Wrath limpou sua garganta.

— Sim. Sim, eu vou fazer.

Ele e George foram adiante, e ele buscou com sua mão até que ele sentiu...

A escrivaninha de seu pai foi esculpida a mão em ébano, a boa filigrana trabalhada em torno da extremidade havia sido feita por um verdadeiro mestre artesão.

Wrath debruçou-se, sentindo seu contorno, lembrando o que parecia aos seus jovens olhos, recordando como séculos de uso só aumentaram sua beleza imponente. As pernas volumosas da escrivaninha eram, na verdade, estátuas de machos que representavam as quatro estações da vida, e o topo liso eles afirmaram que eram marcados com os mesmos símbolos de linhagem que tinham sido tatuados no interior dos antebraços de Wrath. Enquanto ele seguia ao canto mais distante, ele achou as três gavetas largas que corriam em baixo da superfície e lembrou de seu pai sentado atrás da coisa com documentos e editais e penas de escrever por todos os lados.

— É extraordinário. — Beth disse suavemente — Bom Deus, é...

— Do tamanho do meu maldito carro. — Hollywood murmurou — E duas vezes mais pesado.

— ... a mais bonita escrivadinha que eu já vi. — sua *shellan* concluiu.

— Era do meu pai. — Wrath limpou sua garganta — Nós conseguimos a cadeira, também, certo? Onde está?

Butch gemeu e algo pesado foi arrastado.

— Errr... Aqui... Eu... Pensei que isto... Fosse um... Elefante. — o som das pernas da coisa batendo na tapeçaria Aubusson era trovejante — De que esta droga é feita? Concreto armado pintado para parecer com madeira?

Vishous exalou tabaco turco.

— Eu disse a você para não tentar por conta própria, policial. Você quer aleijar a você mesmo?

— Eu fui muito bem. Os degraus foram moleza.

— Oh, realmente. Então por que você está curvado e esfregando suas costas?

Existiu outro gemido, e então o policial murmurou:

— Eu não estou curvado.

— Não mais.

Wrath correu suas mãos pelo alto dos braços do trono, sentindo os símbolos no Idioma Antigo que pronunciavam que esta não era uma mera cadeira, mas uma cadeira de liderança. Era exatamente como ele lembrava... E, sim, no pináculo atrás no alto ele achou metal fresco e pedras lisas, e recordou a vislumbrante visão do ouro, platina, diamantes... E um rubi não cortado do tamanho de um punho.

A escrivadinha e o trono eram as únicas coisas sobreviventes da casa de seu pai, e eles tinham sido trazidos do Velho País não por ele, mas por Darius. D tinha sido aquele que tinha achado o humano que tinha comprado o conjunto depois que os *lessers* tinham os vendido como pilhagem, os achou e os trouxe de volta.

Sim... E Darius também tinha se importado o suficiente para ter certeza que quando a Irmandade viesse através do oceano, o trono da raça e a escrivadinha de decisões do rei viessem com eles.

Wrath nunca esperou usar qualquer um deles.

Mas quando ele e George tomaram a resolução e se sentaram... Sentiu que era o certo.

— Merda, alguém mais sentiu a necessidade de fazer uma reverência? — Rhage perguntou.

— Sim. — Butch disse — Mas por outro lado, eu estou tentando tirar a pressão do meu fígado. Eu penso que ele se envolveu ao redor da minha espinha.

— Disse que você precisava de ajuda. — V alfinetou.

Wrath deixou que seus irmãos continuassem, porque sentiu que eles precisavam da liberação e da distração da luta verbal.

As coisas não foram bem durante a viagem para a colônia no norte. Sim, Rehv estava fora, e isto era ótimo, mas a Irmandade não deixava guerreiros para trás. E Xhex não estava em nenhum lugar que pudesse ser encontrada.

Quando Wrath ouviu uma nova batida a porta soube que era o outro assunto que havia estado esperando. Enquanto Rehv e Ehlena entraram, houve um montão de “Oh” e “Ah” por parte do par, e então a Irmandade saiu, deixando Wrath e Beth, e George a sós com o casal.

— Quando você irá de volta ao norte? — Wrath perguntou ao macho — Para achá-la.

— No segundo em que eu possa agüentar a luz desaparecendo no céu.

— Bom. Você quer reforços?

— Não. — houve um suave sussurro, como se Rehv tivesse puxado sua companheira para seu lado porque ela estava desconfortável — Eu vou só. É melhor. Além de procurar por Xhex, eu também vou nomear um sucessor, e isso significa que as coisas podem ficar feias.

— Um sucessor?

— Minha vida é aqui. Em Caldwell. — embora a voz de Rehv fosse firme e forte, as emoções do macho estavam saltando por todo o lugar, e Wrath não estava surpreso. A mistura de vida tinha tecido o filho da mãe, mas bem as últimas vinte e quatro horas, e se existia uma coisa que Wrath sabia de primeira mão, salvamento era às vezes tão desorientador quanto uma captura.

Claro, o resultado do último era muito mais saboroso. Que a Virgem Escriba conceda tal coisa a Xhex.

— Olhe, sobre Xhex. — Wrath disse — Qualquer coisa que você precise para achá-la, qualquer tipo de suporte que nós possamos oferecer, você o tem.

— Obrigado.

Quando Wrath pensou na fêmea se deu conta que a essas alturas seria melhor desejar-lhe a morte mais que a vida, e então ele estendeu sua mão e pôs seu braço ao redor da cintura de sua *shellan* para poder sentir que Beth estava segura e confortável a seus lados.

— Ouça, sobre o futuro. — ele disse para Rehv — Eu preciso ter um aliado nessa carreira política.

— O que você quer dizer?

— Eu quero você para liderar lá.

— *O que?*

Antes que o macho pudesse dizer “não me fode”, Wrath interrompeu.

— A última coisa que eu preciso agora é instabilidade na colônia. Eu não sei que droga está acontecendo com Lash e os *lessers*, ou por que ele estava lá, ou que diabo ele estava fazendo bagunçando por lá com aquela princesa, mas eu estou certo sobre isto...

Pelo que Z me disse, aquele grupo de comedores de pecado está morto de medo de você. Ainda que você não viva lá em cima em tempo integral, eu quero você a cargo deles.

— Eu sei aonde você quer chegar, mas...

— Eu concordo com o rei.

Foi Ehlena quem falou, e evidentemente ela surpreendeu a merda de seu companheiro porque o discurso de Rehv foi convertido em um lote inteiro de gaguejos.

— Wrath está certo. — Ehlena disse — É você que deve reinar.

— Sem ofensa. — Rehv murmurou — Mas esse não era o tipo de futuro que eu tinha em mente para você e eu. Por um lado, se eu nunca mais subir lá novamente, é muito fodidamente cedo. Por outro lado, eu não estou interessado em liderá-los.

Wrath sentiu o duro trono debaixo de seu traseiro e teve que rir.

— Engraçado, às vezes eu me sinto do mesmo modo sobre meus cidadãos. Mas o destino tem outros planos para gente como você e eu.

— O inferno que tem. Eu não tenho nenhuma pista sobre como fazer essa coisa de rei. Eu estaria voando às cegas. — houve uma pausa rápida — Eu quero dizer... Merda... Não que sendo incapaz de ver é... Droga.

Wrath sorriu novamente, imaginando o pesar no rosto do sujeito.

— Não, tudo bem. Eu sou o que eu sou. — quando Beth apertou sua mão, ele deu a ela um aperto para tranquilizá-la — Eu sou o que eu sou, e você é o que é. Nós precisamos de você lá em cima cuidando do assunto. Você não me desapontou antes, e eu sei que você não me desapontará agora. Enquanto para a coisa de liderança... Novas notícias: todos os reis são cegos, amigo. Mas se você tiver o seu coração no lugar certo, você sempre pode ver seu caminho com clareza.

Wrath ergueu seus olhos cegos para o rosto de sua *shellan*.

— Uma fêmea extraordinariamente sábia me disse isso uma vez. E ela estava muito, muito certa.

Filho de uma cadela, Rehv pensou enquanto ele olhava fixamente para o grande e reverenciado Rei Cego da Raça Vampira. O sujeito estava sentado em uma espécie de trono de estilo antigo em que esperarias encontrar a um líder... A coisa era uma impressionante peça de mobiliário, e a escrivaninha tampouco era ruim. E sabe o que mais? Enquanto sentava todo real e merda, o filho da mãe soltava bombas com a segurança casual e a despreocupação de um monarca cujas exigências eram sempre atendidas.

Cristo, era como se ele esperasse sempre ser obedecido, ainda que as coisas que ele dissesse não tivessem nenhum sentido.

O que significava... Bom, ele e Wrath meio que tinham bastantes coisas em comum, não tinham?

Por nenhuma razão em particular, nenhuma mesma, absolutamente nenhuma, Rehv imaginou a imagem do local de onde o rei dos *Symphaths* governaria. Era só uma cadeira

com pedestal de mármore branco. Nada especial, entretanto o que era respeitado lá em cima eram os poderes da mente: demonstrações externas de autoridade não eram vistas como tão impressionantes.

A última vez que Rehv havia estado na sala do trono tinha sido quando ele tinha aberto a garganta de seu pai, e ele lembrava como o sangue azul do macho gotejou sobre os belos veios da pedra prístina como uma garrafa de tinta que tinha sido derramada.

Rehv não gostou da imagem, embora não porque ele tinha vergonha do que ele tinha feito. Era só... Se ele cedesse aos desejos de Wrath, seria este o seu futuro? Ser fatiado por um dos integrantes de sua extensa família?

Era esse o destino que esperava por ele?

Com tudo isso em mente, ele olhou para Ehlena em busca de ajuda... E ela deu a ele justamente o tipo de força que ele precisava. Ela olhou fixamente a ele com tal firmeza, ardendo de amor, que ele decidiu que talvez ele não devesse tomar uma visão tão escura do destino.

E quando ele olhou de volta para Wrath, ele viu que o rei tinha o mesmo tipo de apoio em sua *shellan* como Rehv tinha em sua.

Aquele era o modelo para inspirar-se, Rehv pensou. Bem na frente dele estava quem e o que ele queria ser: um líder responsável e poderoso com uma rainha que permaneceria ao lado dele e governaria tanto quanto ele.

Exceto que seus civis não eram nada parecidos com os de Wrath. E Ehlena não poderia tomar parte na colônia. Nunca.

Embora ela fosse ser uma ótima conselheira: não existia ninguém de quem ele preferiria buscar conselho... Exceto, quem sabe, pelo vampiro filho da mãe sentado naquele trono do outro lado do escritório.

Rehv tomou a mão de sua companheira na dele.

— Ouça-me cuidadosamente. Se eu fizer isto, se eu governar, eu interagirei com a colônia sozinho. Você não pode subir lá. E eu prometo a você, vão existir partes feias. Momentos realmente feios. Aconteceram algumas coisas poderiam mudar sua opinião sobre mim...

— Desculpe-me... Você já esteve lá e saiu vitorioso. — Ehlena mexeu sua cabeça — E não importa o que aconteça, você é um bom macho, e que sempre vai obter a vitória. A história prova isto de novo e de novo, que é a única garantia que qualquer um jamais vai conseguir.

— Deus, eu amo você.

E ainda assim, enquanto ela irradiava nele, ele sentiu a necessidade de confirmar.

— Você tem certeza, assim mesmo? Uma vez que nós saltemos...

— Eu estou absolutamente e positivamente, — ela ergueu-se sobre as pontas dos pés e o beijou — certa disso.

— Maldição. — Wrath bateu palmas como se o time da casa acabasse de marcar — Eu amo uma boa fêmea.

— Sim, a mim também. — com um pequeno sorriso, Rehv apertou sua *shellan* em seus braços, sentindo como se o mundo tivesse acertado propriamente em tantas maneiras. Agora se eles pudessem só conseguir Xhex de volta...

Não se, ele disse a si mesmo. *Quando*.

Quando Ehlena deitou sua cabeça contra seu tórax, ele esfregou suas costas e olhou firmemente a Wrath. Depois de um momento, o rosto do rei trocou de sua rainha para ele, como se ele soubesse que Rehv estava olhando para ele.

No silêncio do adorável e pálido azul do escritório, uma comunhão estranha era firmada entre eles. Embora eles fossem tão diferentes em tantos níveis, embora eles compartilhassem pouco e conhecessem um ao outro ainda menos, eles estavam unidos por uma familiaridade que nenhum deles tinha com qualquer outra pessoa no planeta.

Eles eram governantes e quando se sentavam em seus tronos estavam sozinhos.

Eles eram... Reis.

— A vida é um trauma tão glorioso, não é? — Wrath murmurou.

— Sim. — Rehv beijou o topo da cabeça de Ehlena, pensando que antes que ele a encontrasse, ele iria ter cortado o *glorioso* daquela declaração — É exatamente assim.

Fim

